

CLIVE BARKER

O DESFILADEIRO DO MEDO





Clive Barker

O Desfiladeiro do Medo

Tradução de *RUY JUNGSMANN*

Título Original: *COLDHEART CANYON*

Capa: *RAUL FERNANDES*

BERTRAND BRASIL

Para David Emilian Armstrong

AGRADECIMENTOS

São muitas as pessoas a quem tenho que agradecer por terem me ajudado a levar até o fim este trabalho. Por um bocado de razões, foi um livro difícil como o diabo de escrever. Comecei a escrevê-lo uma semana antes do falecimento de meu pai e, inevitavelmente, a longa sombra desse fato turvou a alegria de escrever, pelo menos durante os primeiros seis meses, reduzindo este trabalho a um mero arrastamento.

Paradoxalmente, mesmo quando a produção de um texto aproveitável diminuía, eu sentia que a escala da história crescia. O que havia iniciado a vida como ideia de uma estocada curta, satírica, a Hollywood começou a florescer e transformar-se em algo maior, mais saboroso e mais estranho: uma fantasia sobre Hollywood tanto em sua juventude, não tão inocente assim, quanto em sua fase atual inteiramente comercializada, ligada por um elenco numeroso e uma mitologia que eu precisaria criar e explicar com minuciosos detalhes.

Não duvido que esta segunda encarnação do livro será uma leitura muito mais satisfatória do que a primeira - que escrevi quase até o fim antes de mudar inteiramente de direção -, mas, valha-me Deus, foi difícilimo pô-la no papel.

Perdoem-me, portanto, se a lista de pessoas a quem estou agradecendo é mais longa do que o habitual. E acreditem em mim quando digo que todas elas merecem este gesto de agradecimento, porque todas ajudaram a tirar o Coldheart Canyon de minha cabeça e colocá-lo no papel.

Permitam-me começar com David Emilian Armstrong, meu marido e, em todos os sentidos da palavra, meu parceiro: aquele que esteve comigo quando um de nossos cinco cães, Charlie, morreu (a presença carinhosa de Charlie e a tristeza e frustração de perdê-lo estão registradas neste romance)

David sempre teve fé em minha capacidade de dar mais um passo adiante: de tornar .1 história que estou contando um pouco mais gostosa, o quadro que estou pintando um pouco mais brilhante, a foto que estou tirando um pouco mais sexy.

Meus agradecimentos a Craig Green e Dom MacKay, os primeiros a quem entreguei as páginas manuscritas para datilografá-las e, especialmente, a David John Dodds — meu mais antigo e mais querido amigo —, que trabalhou durante a maior parte do período de Natal (com as salas do Seraphim inteiramente vazias), melhorando o texto e em seguida polindo o polimento, de modo que o manuscrito imenso estivesse pronto para ser enviado à editora antes que eu fosse me recuperar em Kauai.

A Bob Pescovitz, meu pesquisador, e a Angela Calin, minha tradutora, meus agradecimentos.

A Michael Hadley, Joe Daley e Renée Rosen, que dirigem todos os variáveis aspectos de minha vida criativa, fora a parte de escrever e pintar (filmes, televisão, labirintos de parques temáticos e brincadeiras infantis, sites na web, fotografias — e o trabalho infundável de levá-las a cabo), minha gratidão. No último ano, fui muitas vezes um chefe ausente, porque estive mergulhado nas funduras bravias do Coldheart Canyon. Durante esse período, eles trabalharam juntos para fazer com que nosso negócio prosperasse. Não posso esquecer Ana Osgood e Denny McLain, aos quais couberam as responsabilidades consideráveis de organizar e arquivar meu trabalho visual, especialmente os muitos e enormes quadros pintados para meu próximo livro, *The Abarat Quartet*.

Vêm em seguida duas pessoas—Toya Castillo e Alex Rosas —, que fazem com que funcionem suavemente os lares onde trabalhamos, que alimentam David e a mim e lavam nossas roupas, que não deixam que falte xampu em nosso chuveiro e nossos cães tenham um cheiro bom. Repetindo, durante a maior parte do último ano fui uma espécie de fantasma de mim mesmo, passando pela casa com uma expressão distraída a caminho de algum local para escrever ou pintar. Eles bondosamente toleraram minha loucura e meus pedidos intermináveis de xícaras de chá quente e doce.

Tenho também uma grande dívida de gratidão com o dr. Alex dei Rosario e sua assistente, Judy Azar. Recentemente, descrevi-o como o "médico perfeito do pintor". Ele me guiou durante longos períodos de doença nos dois últimos anos, compreendendo, como nenhum outro médico na história de minha vida, a paixão feroz e às vezes auto-destrutiva que leva o pintor a tentar realizar o impossível, como, por exemplo, pela pintura, criar outro mundo, ao mesmo tempo que escreve um romance de duzentas mil palavras e simultaneamente produz uns dois filmes. Para mim, este é o meu comportamento habitual, ainda que obsessivo. Meu corpo, porém, não tem mais 30 anos de idade (e nem mesmo o de alguém de 40!). Ele se queixa agora quando o forço feito um louco, como faço diariamente. Foi preciso uma contribuição maciça de aconselhamento, medicação e terapias alternativas para manter juntos corpo e alma desde a morte de meu pai e é imensa a dívida de agradecimentos que tenho com Alex por minha atual boa saúde.

Finalmente, o Sistema. Em primeiro lugar, meu amor e agradecimentos a Ben Smith, meu agente em Hollywood, que tem sido um autêntico visionário em um emprego frequentemente caluniado (neste livro, por exemplo), como feito sob medida para homens e mulheres frios, sem o menor interesse artístico.

Meus agradecimentos e grande admiração para o advogado que, nos dois últimos anos, ajudou a dar forma a minha vida em termos de negócios. A transação Abarat

com a Disney Company foi a maior transação literária fechada em Hollywood no ano passado e abrange todas as possíveis formas e permutações que o mundo que inventei poderia assumir nas mãos dos criadores de imagens da Disney. Para lhes dar uma ideia do fraseado que David Cohen analisou em meu nome, o contrato com a Disney teve três páginas dedicadas exclusivamente a listar seu conteúdo.

No aspecto literário, a minha querida Anne Sibbald, que possui, sem a menor dúvida, o coração mais terno de qualquer agente literária que jamais representou um criador impenitente de monstros como eu, tem sido uma fonte constante de encorajamento e defensora intemorata quando — ocasionalmente — as maquinações do mundo empresarial se tornam dolorosas e incompreensíveis.

E finalmente — mas, oh!, nunca por último — aos meus editores de texto.

Em Nova York, Robert Jones (que ultimamente teve que combater seus próprios problemas, mas que esteve sempre presente com uma palavra de apoio ou alguma observação maravilhosamente seca às expensas das muitas coisas idiotas do mundo editorial).

E, finalmente, chegamos a Jane Johnson. Minha Jane, insisto, o ideal em matéria de paradigma de editoras de texto, que nunca está longe de minha mente quando toco o papel com a caneta. Cada vez mais, Jane, eu acho que escrevo para distrair você. Sobrevivemos durante muito anos juntos, em uma balsa de convicções compartilhadas, sobre a necessidade de sonhos, uma balsa jogada de um lado para o outro nos mares tumultuosos do mundo editorial moderno. Durante esse tempo, Jane perdeu inúmeros colegas para a exaustão, a frustração e o desespero, mas, ainda assim, consegue ser uma amante da bela prosa, bem como editora de um estábulo de escritores que, como eu, não podem imaginar sem ela a continuação de sua vida literária.

Sem seu incansável encorajamento, eu teria renunciado à ambição, cada vez mais problemática, de ter uma grande platéia para meu trabalho e teria fugido para o menor, o hermético e o indireto.

Receba meu amor, Jane, e, como sempre, meus agradecimentos mais sinceros.

Eis aqui outra história para você, salva do dilúvio.

CB

PRÓLOGO

O canyon

É noite no Desfiladeiro do Medo e o vento sopra do deserto.

Os Santa Anas, é assim que chamam a esses ventos. Eles sopram do deserto de Mojave e trazem doença e ameaça de incêndio. Dizem alguns que têm esse nome por causa de Santa Ana, a Mãe de Maria, enquanto outros acham que é uma referência ao general Santa Ana, da cavalaria mexicana, um grande criador de tempestades de areia. E outros ainda julgam que o nome deriva de santanta, que significa Vento do Demônio.

Qualquer que seja a verdade, a seguinte é certa: os Santa Anas são sempre quentes como um forno e, muitas vezes, tão carregados de perfume que é como se tirassem o aroma de cada flor que eles sacudiram no seu caminho até aqui. Todo lilaz bravio, toda rosa silvestre, até mesmo a sálvia branca e a erva-moura malcheirosa, cada heliotrópio e moita-creosoto foram colhidos, no quente abraço e trazidos para dentro do canal oculto do Desfiladeiro do Medo.

Aqui não há flores, claro. Na verdade, o Desfiladeiro é quase sobrenaturalmente verde. Algumas das plantas que existem por aqui foram trazidas do mundo externo pelo mesmos ventos crestantes, esses Santa Anas, outras, misturadas com as fezes dos animais silvestres que por aqui passaram — o cervo, o coiole e o guaxinim. Algumas vieram dos jardins dos grandes palácios de sonhos que reivindicam direitos solitários a este canto de Hollywood. E há plantas estranhas ao local — orquídeas e flores de lótus —, cultivadas por jardineiros que há muito tempo abandonaram seus trabalhos de poda e de rega e foram embora, permitindo que crescessem descontrolados os caramanchões, que outrora foram seus tesouros.

Mas, por alguma razão, há sempre algum amargor nas flores que existem por aqui. Até os cervos esfomeados, expulsos nestes dias de suas trilhas costumeiras pela presença de turistas que vêm conhecer a Cidade das Ilusões, pouco tempo passam no Desfiladeiro do Medo. Embora se aventurem pelos picos e desçam pelas íngremes encostas do Desfiladeiro e a curiosidade, principalmente entre os animais mais jovens, frequentemente os leve a saltar por cima das cercas podres e muros arruinados e a entrar nos enclaves secretos dos jardins, eles raramente resolvem passar muito tempo por aqui.

Talvez não aconteça apenas que as folhas e pétalas sejam amargas. Talvez haja murmúrios demais no ar em volta dos coretos em ruínas e eles fiquem amedrontados com o que ouvem. Talvez haja presenças demais roçando seus flancos trêmulos, enquanto exploram as passagens atravancadas. Talvez, enquanto pastam na grama alta, levantem os olhos e confundam uma estátua com um fragmento de vida, fiquem surpresos com seu erro e fujam dali.

E talvez, às vezes, eles não se enganem.

Talvez.

O Desfiladeiro conhece muito bem o talvez, aquilo que pode ser ou não.

E nunca mais do que em uma noite como esta, quando os ventos chegam suspirando do deserto, carregados com o perfume de suas areias e com almas como hóspedes, expressando nostalgia por alguma coisa que sonharam que tinham ou sonharam que haviam sonhado, as vozes tão tênues como a noite e inaudíveis para o ouvido humano, mesmo que neles houvesse alguma coisa para ouvir, o que nunca há.

Isso não é inteiramente a verdade. Às vezes, alguém é tenaz o suficiente para encontrar o caminho até este vale de luxo e lágrimas, um turista, talvez, até mesmo uma família de turistas, tolamente resolvidos a descobrir o que há fora do caminho prescrito, procurando o ninho de amor pulsante famoso ou um vislumbre do próprio ídolo, entrevisto por acaso enquanto passeia com seu cachorro.

Houve mesmo alguns invasores que sem querer chegaram até aqui, orientados para este lugar por sugestões deixadas em alguns relatos obscuros da Velha Hollywood. Eles chegam cautelosos, esses poucos. Na verdade, há algo parecido com reverência na maneira como entram no Desfiladeiro do Medo. Mas, como quer que cheguem, sempre vão embora da mesma maneira: às pressas, com muitos olhares nervosos para trás. Até mesmo os mais empedernidos — até mesmo os que declaram que não possuem um único osso psíquico no corpo - são aniquilados por alguma coisa que farejam aqui.

O sexto sentido que possuem, descobrem, é muito mais agudo do que pensam.

Só quando deixam para trás as sombras ávidas demais do Desfiladeiro e voltam ao fulgor dos cartazes de Sunset Boulevard, é que enxugam as palmas das mãos grudentas de suor e se perguntam por que, em um local não inofensivo, puderam ter sentido tanto medo

PARTE UM

O preço da caçada



UM

— Sua esposa não quis ver mais nada da Fortaleza, sr. Zeffer? — perguntou frei Sandru, ao notar que, no segundo dia, aquele senhor de meia-idade e rosto triste veio sozinho.

— Aquela senhora não é minha esposa — explicou Zeffer.

— Ah... — respondeu o frade, o tom de comiseração na voz indicando que ele estava longe de indiferente dos encantos de Katya. — Que pena para o senhor, não?

— De fato — reconheceu Zeffer, com algum embaraço.

— Ela é uma mulher muito bela.

Enquanto falava, o frade examinava o rosto de Zeffer, mas, tendo dito aquilo, Zeffer não estava mais disposto a bancar um devoto no confessionário.

— Eu sou o empresário dela — explicou. — Isso é tudo o que há entre nós.

Frei Sandru, porém, não estava disposto a deixar que o assunto morresse naquele momento.

— Depois de vocês terem ido embora — continuou, o inglês colorido pelo sotaque de romeno nato —, um dos irmãos disse que ela era a mulher mais linda que ele jamais havia visto... — hesitou por um momento antes de terminar o resto da frase — em carne e osso.

— Por falar nisso, o nome dela é Katya — disse Zeffer.

— Eu sei, eu sei — respondeu o frade, os dedos penteando o branco-acinzentado da barba, enquanto continuava a olhar para Zeffer.

Os dois formavam um estudo em contraste. Sandru, de rosto rubicundo em seu empoeirado hábito marrom, e Zeffer, elegantemente vestido com um terno claro de linho.

— Ela é estrela do cinema, não?

— O senhor assistiu a algum dos filmes dela?

Sandru fez uma careta, mostrando um conjunto malcuidado de dentes.

— Não, não — disse. — Eu não assisto a essas coisas. Pelo menos, não com muita frequência. Mas há um pequeno cinema em Ravbac, e alguns dos irmãos vão até lá muitas vezes. Eles são grandes fãs de Chaplin, claro. E há uma vamp... A palavra é essa?

— É, sim — retrucou Zeffer, levemente divertido com a conversa. — Vamp é a palavra.

— Chamada Theda Bara.

— Exatamente. Nós a conhecemos pessoalmente. Naquele ano — o ano de 1920 — todo mundo conhecia Theda Bara. Era um dos rostos mais conhecidos do mundo. Como também, claro, o de Katya. Ambas eram famosas, com a fama tingida por uma deliciosa sugestão de decadência.

— Vou ter que ir com um dos irmãos na próxima vez em que ele for vê-la — disse frei Sandru.

— Será que o senhor compreende bem o tipo de mulher que Theda Bara representa? — perguntou Zeffer.

Sandru ergueu as grossas sobrancelhas.

— Eu não nasci ontem, sr. Zeffer. A Bíblia tem seu sortimento dessas mulheres, dessas vamps. Elas são prostitutas, é isso o que são, as meretrizes da Babilônia, não? Homens são atraídos por elas, mas apenas para serem destruídos, não?

Zeffer riu com a franqueza da descrição feita por Sandru.

— Acho que é mais ou menos isso — disse.

— E na vida real? — perguntou Sandru.

— Na vida real, o nome de Theda Bara é Theodesia Goodman. Ela nasceu em Ohio.

— Mas é uma destruidora de homens?

— Na vida real? Não. Duvido que seja. Tenho certeza de que ela machuca alguns egos de vez em quando, mas isso é praticamente o pior que faz.

Frei Sandru pareceu ligeiramente desapontado.

— Vou dizer aos irmãos o que o senhor me contou — disse. — Eles vão ficar muito interessados. Bem, então... vamos entrar?

WILLEM MATTHIAS ZEFFER era um homem refinado. Tinha morado em Paris, Roma, Londres e, por algum tempo, no Cairo, em seus quarenta e três anos de idade, e havia prometido a si mesmo que deixaria Los Angeles — onde não havia arte nem ambição de fazer arte — logo que o público se cansasse de tratar Katya como objeto de curiosidade e ela se cansasse de rejeitar seu pedido de casamento. Eles se casariam e voltariam para a Europa, encontrariam uma casa com uma história autêntica em seus ossos, em vez da falsa mansão espanhola que a fortuna permitiu a Katia construir em uma das gargantas de Hollywood.

Até que chegasse esse momento, teria que encontrar conforto estético nos objets d'art que comprava nas viagens de ambos pelo exterior: as peças de mobiliário, as tapeçarias, a estatuária. Elas serviriam até que pudessem encontrar um château no Loire ou talvez uma casa georgiana em Londres, em algum lugar onde a teatralidade barata de Hollywood não lhe coagulasse o sangue.

— Gosta da Romênia? — perguntou o frade, ao abrir a grande porta de carvalho ao pé dos degraus.

— Gosto, claro — respondeu Zeffer.

— Por favor, não pense que tem que pecar por minha causa — disse Sandru com um olhar de esguelha.

— Pecar?

— Mentir é pecado, sr. Zeffer. Talvez apenas pequeno, mas, ainda assim, pecado.

Oh, Deus, pensou Zeffer, como me afastei das boas maneiras mais comezinhas! Em Los Angeles, mentia como a coisa mais natural deste mundo, todos os dias, em todas as horas. A vida que ele e Katia levavam era construída sobre milhares de pequenas mentiras.

Mas, nesse momento, ele não estava em Hollywood. Se assim, por que mentir?

— O senhor tem razão. Não gosto muito deste país. Estou aqui porque Katya quis vir. A mãe e o pai dela — desculpe, o padrasto dela — moram na aldeia.

— Isso mesmo. Isso eu sei. A mãe dela não é uma boa mulher.

— O senhor é o confessor dela?

— Não. Nós, monges, não somos confessores. A Ordem de São Teodoro existe apenas para servir de guarda à Fortaleza.

Empurrou a porta. Um cheiro de umidade subiu da escuridão à frente.

— Desculpe por perguntar — disse Zeffer —, mas até ontem eu pensava que, fora o senhor e seus irmãos de ordem, ninguém morava aqui.

— É verdade, ninguém senão os irmãos.

— Neste caso, o que vocês estão guardando?

Sandru sorriu de leve.

— Vou lhe mostrar o tanto quanto quiser ver.

Acendeu a luz, que iluminou uns dez metros de corredor. Uma comprida tapeçaria pendia da parede, e a imagem que nela havia, tão cinzenta com a idade e a poeira, que era virtualmente impossível qualquer interpretação.

O frade continuou a descer o corredor, acendendo novas luzes à medida que continuava a andar.

— Eu estava com esperança de convencê-lo a fazer uma compra — disse.

— Do quê? — perguntou Zeffer.

Zeffer não se sentia animado com o que tinha visto até esse momento. Algumas peças de mobiliário que viu na véspera exibiam um certo encanto rústico, mas nada que pudesse imaginar comprar.

— Eu não sabia que os senhores estão vendendo o conteúdo da Fortaleza.

Sandru soltou um pequeno gemido.

— Ah... lamento dizer que temos que vender para poder comer. E, sendo este o caso, preferiria que as peças mais finas fossem compradas por alguém que cuidasse delas, como o senhor.

Sandru continuou à frente a uma pequena distância, acendendo uma terceira e, em seguida, uma quarta luz. Esse nível da Fortaleza, Zeffer estava começando a pensar, era mais amplo do que o andar acima. Em todas as direções.

— Mas, antes de eu começar a lhe mostrar — disse Sandru —, o senhor tem que me dizer... está pensando em comprar?

Zeffer sorriu.

— Frade, eu sou americano. Estou sempre pensando em comprar.

NO DIA ANTERIOR, Sandru havia contado a Katya e a Zeffer a história da Fortaleza, muito embora ele achasse que, no relato, havia muita coisa que parecia falsa. A Ordem de São Teodoro, concluiu, tinha alguma coisa a esconder.

Sandru referiu-se à Fortaleza como um lugar mergulhado em segredos, mas nada particularmente sangrento. Nenhum batalha foi travada ali, disse, nem jamais serviu como calabouço para prisioneiros e tampouco seus pátios presenciaram atrocidades ou execuções. Katya, em sua maneira franca habitual, disse que não acreditava nisso.

— Quando eu era menina, circulavam todos os tipos de história sobre este lugar — disse. — Ouvi falar em coisas horríveis que foram feitas aqui. Que havia sangue humano na argamassa entre as pedras. Sangue de crianças.

— Tenho certeza de que lhe contaram falsas histórias — disse o padre.

— Absolutamente, não. A mulher do Demônio morava nesta fortaleza. Lilith, era o nome dela. Ela enviou o Duque em uma caçada. E ele nunca mais voltou.

Sandru soltou uma risada. Se isso era uma representação, nenhuma dúvida de que era excepcional.

— Quem foi que lhe contou essas histórias?— perguntou.

— Minha mãe.

— Ah! — Sandru sacudiu a cabeça. — Tenho certeza de que ela queria que a senhora fosse para a cama, caladinha, e dormisse, antes que o Demônio chegasse para degolá-la. — Katya não respondeu a essas palavras. — Histórias como essas ainda circulam por aí, contadas a crianças. Claro. Sempre histórias. Pessoas inventam coisas. Mas, pode acreditar em mim, este lugar não é profano. Se fosse, os irmãos não estariam aqui.

A despeito da plausibilidade das palavras de Sandru, havia ainda alguma coisa no que ele dizia que tornava Zeffer desconfiado e um pouco curioso.

Daí esta segunda visita. Se o que o padre dizia era mentira (pecado, pela própria definição dele), a que propósito isso servia? O que estaria ele protegendo? Certamente não algumas salas cheias de tapeçarias imundas ou alguma peça de mobília toscamente lavrada. E se assim, de que modo conseguiria que o frade admitisse esse fato?

A melhor rota, já havia concluído, seria a monetária. Se queria convencer Sandru a revelar seus autênticos segredos, seria através do cheiro de dinheiro vivo saído de suas narinas. O fato de Sandru ter falado na questão de comprar e vender tornava mais fácil o assunto.

— Tenho certeza de que Katya adoraria poder levar para Hollywood alguma coisa de sua terra natal — disse. — Ela construiu uma casa muito grande, de modo que temos espaço de sobra.

— Foi mesmo?

— E, claro, ela tem dinheiro.

Isso era falar de forma crua, reconhecia, mas, segundo sua experiência de tais coisas, sutileza raramente dava certo. Argumento este que foi imediatamente confirmado.

— Estamos falando em quanto? — perguntou mansamente o frade.

— Katya Lupi é uma das atrizes mais bem pagas de Hollywood. E eu estou autorizado a comprar o que pense que pode agradá-la.

— Neste caso, deixe que eu pergunte: o que a agrada?

— Coisas que ninguém mais teria probabilidade de — não, não teria possibilidade de comprar, agradam-na — respondeu Zeffer. — Ela gosta de exibir sua coleção e quer que tudo seja uma peça única.

Sandru abriu os braços e sorriu.

— Tudo aqui é peça única.

— Frei, o senhor dá a impressão de que venderia até as fundações, se o preço fosse certo.

Sandru adotou uma postura metafísica:

— No fim, todas estas coisas são simplesmente objetos. Concorde? Simplesmente pedra, madeira, fios e pintura. No devido tempo, outros objetos serão feitos para substituí-los.

— Mas, com certeza, há algum valor sagrado nestes objetos, não?

O frade encolheu de leve os ombros.

— Na Capela, lá em cima, sim. Eu não gostaria de lhe vender, digamos, o altar. — Sorriu, como se estivesse dizendo que, nas circunstâncias certas, até isso teria um preço. — Mas tudo mais na Fortaleza foi feito para uma finalidade secular. Para o prazer dos duques e de suas damas. E como ninguém os vê agora, exceto alguns viajantes como vocês que passam por aqui, não vejo motivo por que a Ordem não se desfaz de tudo isso. Se for obtido um lucro suficiente, esse dinheiro pode ser distribuído entre os pobres.

— Aqui há certamente muita gente que precisa de ajuda — observou Zeffer.

Ele tinha ficado pasmo com as condições primitivas em que viviam numerosas pessoas na localidade. As aldeias pouco mais eram do que amontoados de cabanas

e terra rochosa, praticamente estéril, cultivada pelos fazendeiros. E, por todos os lados, as montanhas — a cordilheira Bucegi a leste e as Montanhas Fagaras a oeste — com as encostas desnudas tão cinzentas quanto a terra, as alturas pulverulentas com a neve. Só Deus sabia o que eram os invernos nesse lugar, quando a terra se tornava dura como pedra, o pequeno rio congelava e as paredes dos casebres não conseguiam deter o vento que descia assoviando dos picos das montanhas.

No dia em que chegaram, Katya levou-o ao cemitério para lhe mostrar onde estavam enterrados seus avós. Ali ele teve aprova abundante das condições em que viveram e morreram os parentes dela. Não foram os locais de repouso dos velhos que o comoveram, mas as fileiras intermináveis de pequenas cruzeiras que marcavam as sepulturas de crianças: bebês perdidos para a pneumonia, para a desnutrição ou para a pura e simples fraqueza. A dor representada por essas centenas de sepulturas deixou-o profundamente comovido: a dor de mães, das lágrimas derramadas de pais e avós. Não era nem de longe nada que esperava ver e deixou-o doente de pesar.

Por sua parte, Katya pareceu indiferente à vista, falando apenas de suas recordações dos avós e de suas excentricidades. Mas também este era o mundo onde fora criada. Não era de surpreender, talvez, que ela aceitasse como natural todo esse sofrimento. Ela não lhe disse certa vez que teve 14 irmãos e irmãs e que apenas seis sobreviveram? Talvez os outros oito estivessem enterrados naquele mesmo cemitério por onde andavam naquele momento. E certamente não seria incomum que ela olhasse friamente para assuntos de coração. E era isso o que a tornava tão forte e constituía sua força — visível nos olhos e em cada movimento — e a tornava tão querida das platéias e, em particular, das mulheres.

Zeffer compreendia melhor essa frieza, depois do tempo passado ali com Katya. Conhecendo a casa onde ela nasceu e cresceu, as ruas por onde andou quando criança, sendo apresentado à mãe que deve ter considerado o aparecimento ali da filha como quase um milagre, esse botão de rosa perfeito de criança, cujos olhos negros e sorriso brilhante colocavam-na em uma classe inteiramente diferente de todas as outras crianças da aldeia. Na verdade, a mãe havia explorado para fins lucrativos essa beleza perfeita, à idade de 12 anos, quando ela havia sido levada de uma pequena cidade à outra para dançar nas ruas e — pelo menos, segundo dizia Katya — oferecer seus favores aos que pagariam bem para ter sua carne tenra na cama durante a noite. Mas ela fugiu logo desse regime de servidão, mas apenas para descobrir que o que foi obrigada a fazer pela família não tinha outra opção senão fazer por si mesma. Aos 15 anos de idade (quando a conheceu, cantando para juntar o dinheiro da ceia nas ruas de Bucareste), Katya era uma mulher em tudo, menos nos anos, e o seu florescimento um motivo de espanto para todos os

que a viam. Durante três noites, foi à praça onde ela cantava, reunindo-se ao grupo de admiradores que se aglomeravam para observar a criança-sereia.

Não precisou de muito tempo para lhe surgir a ideia de levá-la consigo para a América. Embora não tivesse na época experiência do mundo do cinema (poucas pessoas a tinham em 1916 e a indústria cinematográfica ensaiava ainda seus primeiros passos), o instinto lhe disse que havia alguma coisa de especial no rosto e postura daquela criatura. Tinha amigos influentes na Costa Oeste — principalmente homens que se haviam cansado das pequenas futricas e lucros insignificantes da Broadway e andavam à procura de um novo lugar onde aplicar seus talentos e fazer investimentos — que lhe diziam que o cinema era uma grande e nova fronteira e que os caçadores de talento na Costa Oeste estavam à procura daquilo que câmeras e público adorassem.

Essa criança-mulher não tinha exatamente esse rosto?, perguntou a si mesmo. A câmera não ficaria maluca de paixão ao fitar esses olhos inocentes, mas tão belos? E, se a câmera caísse de amores por ela, poderia o público ficar muito atrás?

Perguntou o nome da menina. Era uma tal Katya Lupescu, da aldeia de Ravbac. Aproximou-se, conversou com ela e lhe disse, em uma refeição de queijo e rolinhos de repolho, o que estava pensando. Ela se mostrou curiosamente neutra ao ouvir a proposta, praticamente indiferente. Sim, reconheceu, parecia interessante, mas não tinha certeza de que jamais quisesse deixar a Romênia. Se fosse para longe demais, sentiria falta da família.

Um ou dois anos depois, quando a carreira começou a decolar na América — quando não era mais Katya Lupescu, mas Katya Lupi, e ele o empresário — haviam passado em revista essa conversa, tendo ele lhe lembrado como ela pareceu desinteressada de seu grande plano. A frieza dela havia sido um truque, confessou Katya, uma maneira, em parte, de dar a ele a impressão de que era gaúche demais e, até certo ponto, para impedir que suas esperanças subissem altas demais.

Mas isso foi apenas parte da resposta. Havia também um sentido em que a indiferença demonstrada naquele dia em que se conheceram (e — mais recentemente — no cemitério) fosse parte autêntica de sua natureza, instilada nela, talvez, por uma ascendência que sofreu tanta perda e angústia durante gerações que ela coisa alguma podia permitir que se gravasse profundamente demais: nem grande felicidade nem grande tristeza. Ela era, por decisão própria, uma criatura que mantinha sob controle seus extremos, permitindo vislumbres apenas para consumo público. E eram esses vislumbres que a platéia na praça vinha assistir noite após noite. E era esse o mesmo poder que ela liberava quando diante de uma câmera cinematográfica.

CURIOSAMENTE, NO DIA ANTERIOR, ela nada demonstrou desse aspecto para o frei Sandru. Na verdade, foi como se estivesse representando um papel: o papel de uma moça comum, temente a Deus, na presença de um amado sacerdote. Durante a maior parte do tempo, manteve os olhos decorosamente baixos, a voz mais suave do que o habitual, o vocabulário — que frequentemente tendia para o picante — doce e bem-educado.

Zeffer achou a representação quase cômica de tão exagerada. O frade, no entanto, pareceu ficar inteiramente fascinado. Em certo momento, ergueu com a mão o queixo de Katya, dizendo-lhe que não havia motivo para ser tão acanhada.

Acanhada!, pensou Zeffer. Se Sandru apenas soubesse o que essa denominada mulher acanhada era capaz de fazer! As festas que ela havia organizado em seu desfiladeiro — o lugar que os colonistas de fofocas haviam batizado de Desfiladeiro do Medo, os excessos que havia coreografado por trás dos muros da propriedade, a pura obscenidade que era capaz de inventar quando disposta a isso. Se a máscara que usou tivesse escorregado por um único momento e o pobre e iludido frei Sandru houvesse vislumbrado a verdade, ele teria se fechado em sua cela e cerrado a porta com orações e água-benta para mantê-la de fora.

Katya, porém, era boa atriz demais para deixar que ele percebesse a verdade.

Talvez, em certo sentido, toda a vida de Katya Lupi fosse nesse momento uma representação. Quando aparecia na tela, fazia o papel de uma órfã chorona, maltratada, de metade de sua idade, e grande parte da audiência parecia acreditar que isso era a realidade. Enquanto isso, a cada fim de semana mais ou menos, ela dava os tipos de festas para outros ídolos de Hollywood — as vampus, os palhaços e os aventureiros — que teriam horrorizado seus fãs caso tivessem sabido o que estava acontecendo. Qual Katya Lupi era a verdadeira? A criança lacrimosa que era o ídolo de milhões ou a Mulher de Escarlata que era a Senhora do Desfiladeiro do Medo? A órfã da tempestade ou a toxicômana em seu covil? Nenhuma das duas? Ou as duas?

Zeffer remoía esses pensamentos enquanto Sandru levava-o de uma sala à outra, mostrando-lhe mesas e cadeiras, carpetes e quadros, até mesmo peças de cornijas de lareira.

— Alguma coisa despertou seu interesse? — perguntou finalmente Sandru.

— Para dizer a verdade, não — respondeu Zeffer com toda a honestidade. — Na América, posso obter tapetes tão bons quanto esses. Não preciso vir para as lonjuras da Romênia para descobrir trabalhos como esses.

Sandru inclinou a cabeça, concordando.

— Claro — disse.

Mas pareceu um pouco derrotado.

Zeffer aproveitou a oportunidade para lançar um olhar ao relógio.

— Talvez seja hora de eu voltar para junto de Katya — disse.

Na verdade, a perspectiva de voltar à aldeia e sentar-se na pequena casa onde Katya nasceu, ser mimoseado com café ordinário e bolo doentivamente doce, enquanto os parentes chegavam para olhar fixamente (e tocar nela, como se não acreditassem) para os visitantes americanos, não o fascinavam em absoluto. Essa visita em companhia de frei Sandru, porém, estava se tornando inútil e, nesse momento em que ele havia deixado bastante claro seus planos mercenários, bastante embaraçosa. Não havia nada ali que ele pudesse imaginar sendo transportado para Los Angeles.

Enfiou a mão no bolso para tirar a carteira, com intenção de dar uns 100 dólares ao frade por seu trabalho. Mas, antes de puxar a nota, a expressão do frade mudou para outra de profunda seriedade.

— Espere — disse. — Antes de me despedir, quero dizer o seguinte: acredito que nós nos compreendemos. O senhor está procurando alguma coisa que não encontrará em lugar nenhum. Alguma coisa que seja única, não? E eu estou querendo vender.

— De modo que há alguma coisa que o senhor não me mostrou ainda? — perguntou Zeffer. — Alguma coisa especial?

Sandru confirmou com uma inclinação de cabeça.

— Há algumas partes da Fortaleza que não lhe mostrei — disse. — E por boas razões, deixe-me dizer. Entenda, há pessoas que não devem ver o que tenho para lhe mostrar. Mas acho que o compreendo agora, sr. Zeffer. O senhor é um homem do mundo.

— O senhor está fazendo tudo isso parecer muito misterioso — observou Zeffer.

— Não sei se é misterioso — retrucou o padre. — É triste, acho, e humano. Entenda, o Duque Goga, o homem que construiu esta fortaleza... não era uma boa alma. As histórias que o senhor disse que contaram a ela no tempo de criança...

— Eram verdades?

— De uma certa maneira de falar. Goga era um grande caçador. Mas ele nem sempre limitava suas presas a animais.

— Deus do céu! Então, ela tinha razão em sentir medo. A verdade é todos nós temos um pouco de medo do que aconteceu aqui — respondeu Sandru —, porque nenhum de nós tem certeza da verdade. O que podemos fazer, jovens e velhos, é fazer nossas orações, pôr nossa alma nas mãos de Deus quando estamos neste lugar.

Zeffer, nesse momento, ficou profundamente curioso.

— Conte, então — disse. — Quero saber o que aconteceu aqui.

— Acredite em mim, por favor, quando lhe digo que não sei por onde começar — respondeu o bom sacerdote. — Não tenho as palavras apropriadas.

— Verdade?

— Verdade.

Zeffer observou-o com novos olhos, com uma espécie de inveja. Certamente era um estado abençoado esse, de ser incapaz de achar palavras para descrever o horror de certos atos. Ficar mudo quando o assunto é atrocidades em vez de sentir-se frivolamente familiar com isso. E descobriu que sua curiosidade estava também muda. Parecia desagradável — para não dizer inútil — pressionar aquele homem para que dissesse mais do que afirmava capaz.

— Mudemos de assunto. Mostre-me alguma coisa inteiramente diferente do comum — disse. — Ficarei satisfeito com isso.

Sandru sorriu, mas não convenceu.

— Não é muita coisa — disse.

— Oh, às vezes encontramos beleza nos locais mais estranhos — retrucou Zeffer e, enquanto falava, o pequeno rosto de Katya Lupescu surgiu-lhe no olho da mente, pálido, num lusco-fusco azulado.



DOIS

Sandru tomou a frente pelo corredor até a outra porta, menor do que a de carvalho que haviam cruzado para chegar a esse nível. Pegou o chaveiro, abriu-a, e, para surpresa de Zeffer, havia outro lance de escada, levando-os para um nível ainda mais baixo da Fortaleza.

— Pronto? — perguntou o frade.

— Inteiramente — respondeu Zeffer.

Desceram. Os degraus eram mais íngremes e o ar tornou-se visivelmente mais frio à medida que desciam. Frei Sandru nada disse enquanto continuavam.

Duas ou três vezes olhou por cima do ombro, como se para ter certeza de que Zeffer vinha logo atrás, embora a expressão de seu rosto estivesse longe de feliz, como se lamentasse muito a decisão de trazer o visitante até ali e estivesse pronto, ao menor convite, para dar meia-volta e voltar para o relativo conforto do nível superior.

Ao pé da escada, parou e esfregou vigorosamente as mãos.

— Acho que, antes de continuar, devemos tomar um copo de alguma coisa para nos aquecer — disse. — O que o senhor acha?

— Eu não recusaria — respondeu Zeffer.

O frade dirigiu-se a um pequeno armário a uns poucos metros do pé da escada, do qual tirou uma garrafa de bebida destilada, forte, e dois copos.

Zeffer nada disse sobre a existência da bebida tão próxima nem podia culpar os irmãos por precisar de um copo de conhaque para se fortificarem quando desciam para ali. Embora o nível mais baixo contasse com eletricidade (havia guirlandas de lâmpadas elétricas ao longo das paredes do corredor), a luz nem aqueceu o ar nem lhes fortificou o espírito.

Frei Sandru entregou-lhe um copo e tirou a rolha. O estouro baixo ecoou da pedra nua das paredes e do chão. Serviu a Zeffer uma generosa dose da bebida e outra ainda mais generosa para si mesmo, que emborcou antes de o visitante levar o copo aos lábios.

— Quando vim aqui para... — disse o frade, reenchendo o copo —, nós fazíamos nosso conhaque com ameixas de nossas próprias árvores.

— Mas não agora?

— Não — respondeu o frade, visivelmente triste porque eles não produziam mais a bebida. — A terra não presta mais, de modo que as ameixas nunca amadurecem como deviam. São pequenas e amargas. O conhaque feito com elas é amargo e ninguém quer bebê-lo. Nem mesmo eu o bebo, de modo que o senhor pode julgar

por si mesmo como tem que ser ruim! — Riu dessas palavras de autodepreciação e usou-as como dica para reencher o copo. — Beba — disse, tocando o copo de Zeffer, como se fosse o primeiro que bebiam.

Zeffer bebeu. A bebida era mais forte do que a que havia tomado no hotel, em Brascov. E desceu suave, aquecendo-lhe o corpo ao chegar ao estômago.

— Bom, não? — disse o frade, tendo emborcado o segundo copo.

— Muito.

— O senhor devia tomar outro copo, antes de continuarmos. — E reencheu o copo de Zeffer sem esperar resposta. — Estamos bem no fundo aqui na terra e vai ficar infernalmente frio...

Copos foram reenchidos e esvaziados. O estado de ânimo do frade estava visivelmente melhor nesse momento, e o tom, mais simples. Recolocou os copos e a garrafa no armário e seguiu à frente pelo estreito corredor, enquanto falava: — Quando a Ordem veio para a Fortaleza, havia planos para fundar aqui um hospital. Entenda, não há hospital por aqui em um raio de 200km. Seria muito prático. Mas este não é um lugar para doentes. E certamente não para moribundos.

— De modo que, nada de hospital?

— Bem, nós fizemos preparativos. Ontem o senhor viu as enfermarias...

Zeffer lembrou-se. Tendo lançado a vista por uma porta aberta, viu duas fileiras de camas de ferro, com colchões, mas sem lençóis.

— Eu pensei que era um dormitório dos irmãos.

— Não. Cada um de nós possui cela própria. Somos apenas 11, de modo que todos podemos ter um lugar para meditar e orar... — Lançou um olhar a Zeffer, acompanhado de um pequeno sorriso. — E beber.

— Não posso considerar isso uma vida lá muito agradável — observou Zeffer.

Agradável? — A ideia era obviamente um pouco confusa para Sandru.

— Significando o quê?

— Oh, apenas que os senhores não trabalham na comunidade. Não podem ajudar pessoas.

TENDO CHEGADO AO FIM do corredor, Sandru procurou a chave para abrir a última porta.

— Quem é que pode ser realmente ajudado? — disse ele, o rosto inclinado para baixo enquanto procurava a chave no molho. — Acho que crianças podem ser consoladas, às vezes, se é noite e estão com medo. Podemos lhes dizer que estamos ali com elas. E isso às vezes faz com que deixem de chorar. Mas no que interessa ao resto de nós? Haverá realmente alguma palavra que ajuda Eu não conheço nenhuma. — Encontrou a chave certa e enfiou-a ruidosamente na fechadura antiga. Ao fazer isso, levantou a vista para Zeffer. — Acho que há mais consolo em ver

mulheres belas numa tela de cinema do que em qualquer oração que conheço. Bem, talvez não console. Distração.

Virou a chave na fechadura.

— E, se isso parece heresia, que seja.

Sandru empurrou a porta. Embora o cômodo estivesse às escuras, havia calor no ar, pelo menos em comparação com o frio do corredor. Talvez a diferença não fosse de mais de um ou dois graus, mas parecia grande.

— Pode esperar aqui por um momento? — disse Sandru. — Apenas enquanto pego uma lâmpada.

Zeffer ficou onde estava, olhando fixamente para a escuridão, saboreando a pequena elevação de temperatura. Havia luz suficiente vindo do corredor às suas costas para iluminar o umbral. Ali, talhada na pedra aos seus pés, notou uma inscrição curiosa: *Quamquam infundis inferiorum oculos angelorum tenebimus*.

Não demorou mais do que alguns segundos para tentar descobrir o que aquilo significava. Em vez disso, os olhos mergulharam no próprio aposento.

A câmara à frente era grande aparentemente, mas, ao contrário do resto dos cômodos e corredores, construídos com simplicidade, em pedra, este era mais bem acabado. Estaria vendo pilares, sustentando várias pequenas cúpulas?

Pensou que sim. Viu cadeiras e mesas a poucos metros do lugar onde estava e o que pareciam ser lâmpadas ou coisas assim em cima delas. A confusão ali dentro foi explicada um momento depois, quando o frade voltou com uma lâmpada descoberta ligada a certo comprimento de fio elétrico.

— Nós usamos este local como depósito — explicou. — Quando chegamos aqui, e para desocupar espaço, trouxemos muitas das coisas que encontramos.

Ergueu a lâmpada para que o visitante pudesse ver melhor.

Zeffer descobriu que havia sido conservadora sua estimativa do tamanho do local e da complexidade da construção. A câmara media uns 10m de comprimento, com uma largura quase igual, e o teto (realmente dividido em oito cúpulas bem acabadas, sustentado por pilares) era uns dois metros mais alto do que o do corredor. O chão estava coalhado de móveis e engradados, o local evidentemente entulhado por mãos que pouco ou nenhum respeito sentiam pelos objetos que moviam, desejando apenas tirá-los rapidamente de vista. Ocorreu-lhe que, se realmente houvesse tesouros ali, as probabilidades de descobri-los — ou, na verdade, de estarem em estado razoável quando descobertos — seriam remotas. Ainda assim, haviam trazido o frade até ali com não poucos incômodos para si mesmo. Seria uma descortesia não demonstrar nesse momento interesse pelo que havia ali.

— O senhor também ajudou a trazer tudo isso para aqui? — perguntou a Sandru, mais por necessidade de preencher o silêncio do que porque estivesse realmente

curioso.

— Ajudei, sim — respondeu o frade. — Há 32 anos. Eu era um homem muito mais moço. Mas, ainda assim, foi um trabalho muito penoso. Antigamente, as coisas eram construídas em grande escala. Lembro-me de ter pensado que, talvez, as histórias que contavam fossem verdade...

— Histórias sobre...?

— Oh... tolices. Que esta mobília foi fabricada para a comitiva da esposa do Diabo.

— A esposa do Diabo.

— Lilith ou Lilitu. Às vezes, chamada de Rainha de Zemargad. Não me pergunte por quê.

— A mesma rainha de que Katya falava?

Sandru confirmou com um aceno de cabeça.

— Essa é a razão por que os moradores locais não terão muita esperança pelos doentes, se forem trazidos para aqui. Achem que a maldição de Lilith persiste neste local. Como eu digo: tolices. Tolice ou não, a história emprestava algum sabor a essa aventura banal.

— Posso olhar mais de perto? — perguntou Zeffer.

— Foi para isso que viemos aqui — respondeu frei Sandru. — Tomara que, por sua causa, haja alguma coisa que o interesse. Todas essas escadas e portas, eu tinha esquecido o quanto elas descem...

— Sinto muito ter tornado isso tão incômodo para o senhor — disse Zeffer, com grande sinceridade. — Se tivesse sabido que o senhor iria ter tanto trabalho, eu não...

— Não, não — interrompeu-o Sandru. — Não é nenhum trabalho para mim. Eu simplesmente pensei que poderia haver aqui alguma coisa que o interessasse. Mas, agora que estamos aqui, tenho minhas dúvidas. Para dizer a verdade, acho que devíamos ter levado todo este lixo para o alto da montanha e o lançado na garganta mais funda que pudéssemos encontrar.

— Por que o senhor não fez exatamente isso?

— Não por opção minha. Na época, eu era apenas um jovem monge. Fazia o que me mandavam. Calado, mudei de um lado para outro mesas, cadeiras e tapeçarias. Nosso chefe era frei Nicholas, que tinha ideias muito claras sobre o que devia ser feito — as coisas mais seguras para nossa alma — e não mudava de ideia sobre o assunto. De modo que fazíamos o que nos mandavam. Frei Nicholas, por falar nisso, tinha pior temperamento do que o de qualquer pessoa que jamais conheci. Todos nós vivíamos apavorados com ele.

Zeffer penetrou mais no cômodo, falando enquanto andava:

— Posso dizer uma coisa que tenho esperança que não o ofenda?

— Eu não me ofendo facilmente. Não se preocupe.

— Bem... é apenas que, quanto mais ouço falar em sua Ordem, menos frades os senhores parecem ser. O temperamento de frei Nicholas e de todos os irmãos, todos eles conhecendo muito bem Theda Bara... E, em seguida, o conhaque.

— Ah, os pecados da carne — disse frei Sandru. — Parece que temos mais do que nossa quota, não?

— Eu o ofendi.

— Não, o senhor simplesmente viu a verdade. E como um homem de Deus pode, com razão, ser ofendido por isso? O que o senhor observou não é coincidência. Todos nós somos... como é que vou dizer isso?... homens com mais do que nossa quota de defeitos. A alguns de nós jamais foi confiado um rebanho de fiéis. A outros, como frei Nicholas, foi. O arranjo, porém, jamais foi considerado satisfatório.

— O temperamento dele?

— Acho que, certa vez, ele jogou uma Bíblia na cara de um paroquiano que dormiu durante o sermão do bom frade.

Zeffer soltou um risinho, abafado um momento depois.

— A Bíblia matou o homem...

— Matou...

— Um acidente, mas ainda assim..

—... com uma Bíblia? Claro que não.

— Bem, foram os boatos que correram por aqui. Frei Nicholas já estava morto há 20 anos, de modo que não havia maneira de provar que a história era falsa. Tomara que não seja e, se for, tomara que ele esteja agora em paz com o que fez. A verdade é que fiquei contente porque nunca me confiaram uma paróquia. Com um rebanho de fiéis para cuidar, eu não poderia ter feito muito por eles.

— Por que não? — perguntou Zeffer, um pouco impaciente com a melancolia demonstrada por Sandru naquele momento. — O senhor tem dificuldade em encontrar Deus em um lugar como este?

— Para ser honesto, sr. Zeffer, a cada semana que passa — eu quase quero dizer, a cada hora — mais difícil é para mim ver um sinal de Deus em qualquer lugar. Não seria absurdo, acho, pedir a Ele que se mostrasse em beleza. No rosto de sua companheira, talvez...?

O rosto de Katya como prova da presença de Deus? Que peça de metafísica mais improvável, pensou Zeffer.

— Peço desculpa — disse Sandru. — O senhor não veio aqui para me ouvir falar sobre minha falta de fé.

— Eu não me importo.

— Mas eu me importo. O conhaque me deixa sentimental.

— Vamos dar uma olhada por aí, então? — sugeriu Zeffer. — Sobre o que quer que exista por aqui?

— De fato, por que não? — respondeu Sandru. — Eu gostaria de poder lhe dar algum tipo de orientação... — Encolheu os ombros, seu gesto favorito.

— Por que não começa a olhar, enquanto volto para lá e pego mais alguma coisa para beber?

— Nenhuma bebida mais para mim — respondeu Zeffer.

— Bem, neste caso, para mim — disse Sandru. — Volto logo. Se precisar de mim, simplesmente chame. Vou poder ouvir.

ZEFFER PRECISOU DE UM MOMENTO, quando o frade se afastou, para fechar os olhos e pôr um pouco mais de ordem nos pensamentos. Embora Sandru falasse devagar, havia alguma coisa levemente caótica nos processos mentais do frade. Em um minuto, falava sobre móveis e, no outro, sobre o Duque louco e seus hábitos de caçada, e em seguida dizia que não podiam construir ali um hospital porque a esposa do Duque havia amaldiçoado o local.

Quando os abriu, moveu-os para cima e para baixo por cima dos móveis e caixas, sem se demorar em coisa alguma em particular. As lâmpadas sem proteção doíam na vista, claro, e a luz estava longe de ser agradável, mas, mesmo levando em conta esse fato, nada havia no cômodo que lhe chamasse a atenção. Notou algumas peças de metal finamente trabalhadas. Quanto a isso, nenhuma dúvida, mas nada de extraordinário.

Em seguida, esperando pela volta de Sandru, o olho passou além dos objetos que atravancavam a câmara e pousou nas paredes do outro lado.

A câmara não era, notou, construída inteiramente de pedra bruta, mas revestida de ladrilho. Em todos os sentidos, isso era um eufemismo, porque aqueles ladrilhos não eram comuns. Mesmo sob a luz pouco lisonjeira lançada sobre eles pelas lâmpadas descobertas e vista pelos olhos cansados de Zeffer, era clara a incrível sofisticação e beleza dos mesmos.

Não esperou pela volta de frei Sandru. Começou a abrir caminho entre os móveis empilhados em direção aos desenhos que cobriam as paredes. E que se estendiam ao chão, notou, e ao teto. Na verdade, a câmara era uma obra-prima única de ladrilhos, todos decorados.

Em todos seus anos de viagens e compra de peças de coleção, jamais vira algo parecido. Indiferente ao sujo e teias de aranha empoeiradas que cobriam a superfície, continuou a andar até chegar à parede mais próxima. Imunda, claro, mas tirou um grande lenço de seda do bolso e usou-o para retirar um pouco de sujeira do ladrilho. Já havia notado a distância que os mosaicos eram finamente

desenhados. Nesse momento, abrindo uma faixa sobre quatro ou cinco deles, notou que não era um padrão abstrato, mas uma representação.

Viu parte de uma árvore em um dos ladrilhos e, no outro, adjacente, um homem montado em um cavalo branco. Os detalhes eram espantosos. O cavalo foi pintado com tanto esmero que parecia pronto para partir corcoveando pela sala.

— É uma caçada.

A voz de Sandru sobressaltou-o. Afastou-se com uma sacudidela da parede com tanta rapidez como se seu rosto estivesse em um vácuo e fosse obrigado a puxá-lo. Sentiu uma gota de umidade sugada da borda do olho, viu-a voando em direção ao ladrilho limpo, desafiando a gravidade ao quebrar-se sobre o flanco do cavalo branco.

Um momento estranho, uma ilusão, sem dúvida. E precisou de um pouco de tempo para sacudir de si a estranheza daquilo. Quando girou sobre si mesmo e olhou para Sandru, achou que o frade estava um pouco fora de foco. Fitou-o, até que os olhos corrigiram o problema. Finalmente, notou que Sandru tinha na mão a garrafa de conhaque. Aparentemente, a bebida tinha sido mais potente do que pensava. O álcool, juntamente com a intensidade de seu olhar, gerou nele uma sensação estranha de deslocamento, como se o mundo para o qual esteve olhando — o homem pintado montado no cavalo pintado, passando pela árvore pintada — fosse mais real do que o velho frade na soleira da porta.

— Uma caçada? — disse, finalmente. — Que tipo de caçada?

— Oh, todos os tipos — respondeu Sandru. — Porcos, dragões, mulheres...

— Mulheres?

Sandru soltou uma risada.

— Isso mesmo, mulheres — confirmou, apontando para uma parte da parede a alguns metros mais no fundo da câmara. — Olhe ali — disse. — Vai descobrir que a coisa toda está cheia de obscenidades. Os homens que pintaram este local devem ter tido alguns sonhos estranhos, acredite, se era isso o que viam.

Zeffer empurrou para o lado uma pequena mesa e em seguida imprensou-se entre a parede e uma peça muito mais avantajada de mobília, lembrando um estrado alto de casa funerária, grande demais para ser movido. Obrigado a deslizar rente à parede, o paletó fez o trabalho realizado antes pelo lenço. Poeira subiu e cobriu-lhe o rosto.

— Onde, agora? — perguntou ao frade, ao chegar ao outro lado do catafalco.

— Um pouco mais adiante — respondeu Sandru, tirando a rolha e sem a menor cerimônia bebendo no gargalo da garrafa.

— Eu preciso de um pouco mais de luz aqui — disse Zeffer.

Relutante, Sandru afastou-se para pegar a lâmpada, nesse momento quente. Entre os caixotes próximos, procurou alguma coisa para proteger a mão, achou um

pedaço de pano e envolveu com ele a base da lâmpada. Em seguida, puxou o fio para lhe dar maior liberdade de movimento e foi andando, em meio à confusão de coisas na câmara, para o lugar onde Zeffer se encontrava.

Quanto mais perto o frade chegava com a lâmpada, mais detalhes ele podia ver da pintura nos ladrilhos. Observou um vasto panorama, estendendo-se à esquerda e direita, descendo pelo chão e correndo por baixo de seus pés. Embora as paredes estivessem tão sujas que, em alguns lugares, o desenho havia desaparecido por completo e em outros houvesse grandes rachaduras, a imagem possuía uma extraordinária realidade inerente.

— Mais perto — disse para Sandru, sacrificando uma manga do casaco de couro para limpar uma grande parte da parede ladrilhada à frente.

Cada ladrilho tinha 15cm por lado, talvez um pouco menos, rejuntados com o mínimo de espaço entre eles, como se para preservar a continuidade do desenho. A despeito da luz doentia emitida pela lâmpada, a claridade ainda mostrava que as cores da imagem não haviam esmaecido com o tempo.

A beleza da execução era perfeitamente evidente. Nas árvores notou dezenas de nuances de verde e matizes mais suaves na vegetação rasteira entre elas. Embaixo da cobertura de folhas observou a pigmentação escura de terra queimada e cores marrom-avermelhadas e escuras nos troncos e galhos, habilmente destacadas para dar a impressão de que a luz se infiltrava pela folhagem e tocava a casca das árvores. Mas nem todos os ladrilhos haviam sido pintados com a mesma perícia.

Alguns eram obra de artistas altamente sofisticados; outros, trabalho de artesãos; e ainda outros — especialmente os que mostravam áreas de pura folhagem — coisa de aprendizes, trabalhando em seus ofícios ao preencher as áreas que seus mestres nem tinham tempo nem, talvez, interesse em completar.

Mas nada disso estragava o poder da visão geral. Na verdade, a descontinuidade dos estilos gerava uma energia esplêndida na peça. Partes do mundo estavam em foco, outras eram escassamente coerentes, o abstrato e o representativo apareciam lado a lado na parede, todos eles capítulos de uma história imensa.

E o que era essa história? Evidentemente, dado o tipo de presa mencionado por Sandru, aquilo era mais do que uma simples caçada: parecia algo muito mais ambicioso. Mas o quê? Olhou com mais atenção os ladrilhos, a apenas alguns centímetros da parede, tentando extrair sentido do que via.

— Eu examinei todo o cômodo antes de trazer os móveis para aqui — disse Sandru. — É uma paisagem, vista da Torre da Fortaleza.

— Mas não realista?

— Depende do que o senhor entende por realista—retrucou Sandru. — Se olhar para o outro lado — e apontou na outra direção —, poderá ver o delta do Danúbio.

Zeffer conseguiu distinguir apenas uma extensão de água, faiscando na escuridão e, mais perto, uma massa de terra pantanosa, com dezenas de ilhotas serpenteando por ali a caminho do mar.

— E ali — continuou Sandru —, à esquerda — mais uma vez, Zeffer seguiu-lhe o dedo —, no canto da câmara, aquela rocha...

— Estou vendo.

A rocha era alta, erguendo-se do oceano de árvores como se fosse uma torre, as moitas decorando-lhe as encostas.

— Ela é chamada de Rocha de Maio — continuou Sandru. — Os aldeões dançam ali nas seis primeiras noites de maio. Casais passam lá a noite e tentam gerar filhos. Diz-se que mulheres sempre engravidam se ficam com seus homens em cima da Rocha de Maio.

— De modo que ela existe? No mundo, quero dizer. Lá.

— Exato. Fica bem à direita da Fortaleza.

— E também todos esses detalhes? O delta..

— O delta fica a 14km de distância, naquela direção.

Sandru apontou para a parede onde estava pintado o delta do Danúbio. Zeffer sorriu ao compreender o que os pintores haviam conseguido realizar ali. Nas profundezas da Fortaleza, no seu ponto mais baixo, eles haviam recriado em ladrilho e pintura o que podia ser visto da parte mais alta. E, ao compreender isso, compreendeu também o sentido da inscrição que leu antes no umbral da câmara.

Embora estejamos nas entranhas do Inferno, teremos os olhos de Anjos.

Essa câmara era as entranhas do Inferno. Os fabricantes dos ladrilhos e seus mestres pintores, onde quer que tenham estado, criaram uma experiência que deu aos ocupantes desse calabouço olhos de anjos. Uma ambição paradoxal, uma vez que tudo que o indivíduo tinha que fazer era subir os degraus e ver tudo isso do alto da torre. Pintores, porém, eram frequentemente impulsionados por ambições como essa, a necessidade, talvez, de provar que isso podia até mesmo ser feito.

— Alguém trabalhou muito para criar tudo isto — observou Zeffer.

— Oh, sem dúvida! É uma realização impressionante.

— Mas o senhor a esconde — disse Zeffer, sem compreender por que tal tratamento havia sido dado à câmara. — Os senhores encheram o local com móveis velhos e deixaram que se tornassem imundos.

— A quem mostráramos isso? — respondeu o frade. — A coisa é revoltante...

— Eu não vejo nada...

Ia dizer revoltante quando seus olhos caíram sobre uma parte dos ladrilhos que havia limpado com o braço, mas que não examinara de perto. Em um grande bosque, um estádio redondo havia sido erigido, com arquibancadas de madeira. A perspectiva era distante (e a solução dada a ela mudava sutilmente de um ladrilho a

outro, enquanto várias mãos contribuíam com peças para o quebra-cabeça. Havia talvez 20 ladrilhos onde era mostrada alguma parte do estádio, o trabalho de talvez cinco pintores). Os bancos altos estavam ocupados, com a agitação da platéia evocada por rápidas e contrastantes pinceladas. Algumas pessoas pareciam estar de pé, outras, sentadas. Mais dois grupos de espectadores aproximavam-se do estádio, vindos de fora, embora não houvesse mais lugar para eles.

Mas o que lhe atraiu a atenção e levou-o a compreender que o frade tivera razão ao se perguntar em voz alta a quem poderia mostrar essa obra-prima, era o evento que esses espectadores tinham vindo para assistir. Era uma arena de esporte sexual. Vários atos aconteciam no mesmo instante, todas eles flagrantemente obscenos. Em uma parte da arena, uma mulher nua estava sendo mantida presa ao chão, enquanto uma criatura de duas vezes seu tamanho, corpo bestial, com uma ereção monstruosa, era contida por cordas seguras por quatro homens, que pareciam controlar sua aproximação da mulher. Em outro local, um homem havia sido esfolado por três mulheres nuas. Uma quarta se escanchava em cima dele, que estava caído no chão, em uma poça de seu próprio sangue. As outras três usavam pedaços de sua pele. Uma delas tinha todo o rosto e os ombros do homem, os seios projetando-se de baixo do rasgado capuz. Outra, sentada no chão, usava-lhe os braços e calçava a pele das pernas como se fossem botas altas. A terceira, a rainha do quarteto, usava o que era presumivelmente a *pièce de résistance*, a carne que o seu infeliz proprietário havia usado, da metade do esterno até a metade das coxas. Cabriolava nessa extravagante fantasia como se fosse uma dançarina e, por alguma magia conhecida apenas pelo criador do mistério, a pele usurpada ainda exibía uma ereção completa.

— Deus do céu... — murmurou Zeffer.

— Eu lhe disse... — lembrou Sandru, com um leve ar de convencimento. — E isso é o mínimo, pode acreditar em mim.

— O mínimo?

— Quanto mais olhar, mais o senhor vai ver.

— Em qualquer lugar em particular?

Zeffer começou a andar ao longo das paredes, examinando atentamente os ladrilhos. No início, não conseguiu ver nada de chocante. Sandru, porém, tinha alguns conselhos úteis para dar.

— Recue uns 30cm, mais ou menos.

Fascinado pelos detalhes do estádio, Zeffer havia se aproximado demais para ver a floresta, esquecendo as árvores. Nesse momento, recuou um passo e, para seu espanto, viu que o bosque em volta da arena estava vivo de pessoas, todas elas monstruosas de uma forma ou de outra e todas inequivocamente sexuais. Ereções eram projetadas entre árvores como se fossem ramos com uma gorda cabeça,

mulheres pendiam do alto com as pernas abertas (um bando de aves, trinta ou mais, havia descido para a vagina de uma delas, outra menstruava luz, que pingava no chão embaixo da árvore. Serpentes saíam da poça escarlate em brilhante profusão).

— A coisa é sempre assim, em toda parte? — disse Zeffer, sem esconder o espanto.

— Em toda parte. Há aqui trinta e três mil, duzentos e sessenta e oito ladrilhos e matéria obscena em dois mil, setecentos e noventa e oito deles.

— O senhor, obviamente, fez um estudo e tanto — disse Zeffer.

— Eu, não. Quem fez a contagem foi um inglês que trabalhava com frei Nicholas. Por alguma razão, esses números permaneceram em minha cabeça. Acho que é questão de idade. As coisas que queremos lembrar não lembramos. E coisas que não significam nada permanecem fincadas em nós como uma faca.

— Essa imagem não é nada bonita, com o devido respeito.

— Com o devido respeito, nada há de bonito no que eu sinto — respondeu Sandru.

— Sinto-me velho até a medula dos ossos. Em um dia bom, mal consigo me levantar pela manhã. Num dia ruim, eu simplesmente gostaria de estar morto.

— Deus do céu!

Sandru encolheu os ombros.

— É isso o que viver neste lugar faz com a gente depois de certo tempo. De alguma maneira, toda nossa vida é drenada.

Zeffer só o ouvia parcialmente. Estava eufórico com o que via e não tinha paciência para com a melancolia de Sandru. Seus pensamentos estavam nas paredes e nas pinturas nos ladrilhos.

— Há registros documentando como este trabalho foi criado? De certa maneira, é uma obra-prima.

— Única — disse Sandru.

— Absolutamente única.

— Para responder à sua pergunta, não. Supõe-se que tenha sido financiada pelo Duque Goga, que havia voltado pouco antes das Cruzadas, trazendo um grande butim, tomado dos infiéis em nome de Cristo.

— Mas construir uma sala como esta com o dinheiro ganho nas Cruzadas! — exclamou, incrédulo, Zeffer.

— Concordo. Parece o tipo de coisa improvável a fazer em nome de Deus. Claro, nada disso foi provado. Algumas pessoas lhe dirão que Goga desapareceu em uma de suas caçadas e que não foi absolutamente ele quem construiu este local.

— Quem, então?

— Lilith, a esposa do Diabo — respondeu o frade, baixando a voz para um sussurro. — O que transformaria este lugar na Terra do Diabo, não?

— Alguém tentou analisar o trabalho?

— Oh, sim. O inglês de quem lhe falei, George Soames, disse ter encontrado prova de vinte e dois diferentes estilos de desenho. Mas isso apenas no relativo aos pintores. Mas houve também os homens que fabricaram os ladrilhos. Queimaram-nos. Separaram os perfeitos dos defeituosos. Prepararam a tinta. Limparam os pincéis. E deve ter havido algum sistema para alinhar todas as peças.

— As fileiras de ladrilhos?

— Eu estava pensando mais no alinhamento do interior com o exterior.

— Talvez tenham construído a câmara em primeiro lugar.

— Não. A Fortaleza é dois séculos e meio mais antiga do que esta sala.

— Deus do céu, conseguir o alinhamento perfeito...?

— Um verdadeiro milagre. Soames descobriu 59 marcos geográficos — certas pedras, árvores, a espira da velha abadia de Darscus — que são visíveis da torre e estão também pintados na parede. Calculou que todos os 59 foram alinhados corretamente, dentro de uma margem de meio grau de exatidão.

— Alguém era um obsessivo.

— Ou, então, divinamente inspirado.

— O senhor acredita nisso?

— Por que não?

Zeffer olhou de volta para a arena na parede às suas costas, com todos aqueles excessos libidinosos.

— Isso aí parece o tipo de trabalho que alguém faria em nome de Deus?

— Como eu disse — respondeu Sandru —, eu não sei mais onde Deus está e não está.

Seguiu-se um longo silêncio, durante o qual Zeffer continuou a inspecionar as paredes. Finalmente, disse: — Quanto o senhor quer por isso?

— Quanto eu quero pelo quê?

— Pela sala.

A risada de Sandru foi uma espécie de latido.

— Estou falando sério — disse Zeffer. — Quanto quer por ela?

— Isto é uma sala, sr. Zeffer — respondeu Sandru. — Ninguém pode comprar uma sala.

— Então, ela não está à venda?

— O meu argumento não é..

— Simplesmente diga: está à venda ou não?

Mais uma vez, uma risada. Mas, desta vez, menos humor e mais espanto.

— Não acho que valha a pena conversar sobre isso — retrucou o frade, levando a garrafa de conhaque aos lábios e bebendo.

— Digamos, cem mil dólares. O que seria isso em lei? Quanto vale o lei neste momento? Cento e trinta e dois e meio por dólar?

— Se é isso o que o senhor diz.

— E isso daria quanto? Treze milhões, duzentos e cinquenta mil leis.

— O senhor está brincando.

— Não, não estou.

— Onde o senhor arranjaria esse dinheiro todo? Durante todos estes anos, fiz alguns investimentos muito lucrativos— Seguiu-se uma pausa. — Se posso perguntar?

— Durante esses anos, fiz alguns investimentos muito lucrativos em nome de Katya. Nós somos donos de grande parte de Los Angeles. Uns 800m de Sunset Boulevard estão em nome dela. Outros 800m em meu nome.

— E o senhor venderia isso para ficar com isto?

— Um pequeno pedaço de Sunset Boulevard por sua gloriosa Caçada? Por que não?

— Porque é apenas uma sala coberta de ladrilhos imundos.

— De modo que eu tenho mais dinheiro do que juízo. O que é que isso importa para o senhor? Cem mil dólares é um bocado de dinheiro.

— É mesmo.

— De modo que, negócio feito ou não?

— Sr. Zeffer, tudo isso é repentino demais. Nós não estamos falando aqui de uma cadeira. Isto aqui faz parte da estrutura da Fortaleza. E tem uma grande importância histórica.

— Há um minuto era apenas uma sala coberta de ladrilhos sujos.

— Ladrilhos sujos de grande importância histórica — respondeu Sandru, permitindo-se um pequeno sorriso.

— O senhor está dizendo que não podemos chegar a termos que sejam mutuamente satisfatórios? Porque, se está...

— Não, não, não. Não estou dizendo isso. Talvez pudéssemos, eventualmente, chegar a um acordo sobre preço, se conversássemos mais um pouco sobre o assunto. Mas de que modo o senhor transportaria tudo isso para a Califórnia?

— Isso é problema meu. Estamos na década de 1920, frei. Tudo é possível.

— E depois, o quê? Vamos supor que o senhor conseguisse levar tudo isto para Hollywood, e daí?

— Outra sala, as mesmas proporções...

— O senhor dispõe de uma sala assim?

— Não, eu construiria uma. Nós temos uma casa nas colinas de Hollywood. Eu construiria a sala como uma surpresa para Katya.

— Sem dizer nada a ela?

— Se eu contasse, não seria surpresa.

— Eu estou simplesmente atônito que ela lhe permita fazer uma coisa assim. Uma mulher como aquela.

— Como o quê?

A pergunta pegou Sandru de surpresa.

— Bem... assim como...

— Bela?

— Isso.

— Acho que nossa conversa acabou, frei.

Sandru concordou com uma pequena inclinação de cabeça, erguendo a garrafa de conhaque ao mesmo tempo.

— De modo que ela não é tão perfeita como o rosto dela sugere? — perguntou ele finalmente.

— Nem de longe. Graças a Deus.

— Este lugar, com todas suas obscenidades, agradaria a ela?

— Agradaria, acho que sim. Por quê? Esse fato o torna mais aberto à ideia de vendê-lo a mim?

— Não sei — respondeu Sandru, franzindo as sobrancelhas. — Esta conversa toda não se desenvolveu como eu pensava. Eu esperava que o senhor viesse até aqui e comprasse, talvez, uma mesa ou uma tapeçaria. Em vez disso, o senhor quer comprar as paredes! — Sacudiu novamente a cabeça. — Eu fui avisado sobre os americanos — acrescentou, o tom de divertimento não mais presente.

— O senhor foi avisado do quê?

— Que os senhores acham que nada existe que esteja além de seu alcance. Ou além do alcance de seu bolso.

— De modo que o dinheiro não basta.

— O dinheiro, o dinheiro. — O frade emitia um som feio no fundo da garganta. — O que significa o dinheiro? O senhor quer pagar cem mil dólares por isto? Pague. Eu nunca verei um lei, de modo que, por que devo me preocupar com o que a sala vai lhe custar? No que me interessa, pode roubá-la.

— Deixe-me ver se o compreendo bem. O senhor concorda em vender?

— Concordo — respondeu frei Sandru, um tom cansado na voz nesse momento, como se todo o assunto tivesse perdido subitamente todo prazer para ele. — Estou concordando.

— Ótimo. Estou satisfeitiíssimo.

Zeffer voltou pelo labirinto de móveis até a soleira da porta, onde se encontrava o frade. Estendeu-lhe a mão.

— Foi maravilhoso conversar com o senhor, frei Sandru.

Sandru olhou para a mão estendida e, em seguida — após um momento de hesitação —, apertou-a. Tinha os dedos frios, a palma da mão pegajosa.

— O senhor quer ficar aqui e examinar o que comprou?

— Não, acho que não. Acho que nós dois precisamos de um pouco de sol no rosto. Sandru nada comentou a esse respeito, simplesmente virou-se e tomou a frente pelo corredor até a escada. A expressão em seu rosto, ao virar-se, era absolutamente clara: não havia mais prazer lá em cima do que ali embaixo no frio, nem perspectiva de nenhum prazer.



TRÊS

Havia dez mil coisas que Zeffer não tinha visto ou sequer vislumbrado na curta visita às vastas e misteriosas câmaras nas entranhas da Fortaleza, imagens assombrando os ladrilhos que não poderia discernir até que fosse completado o trabalho heróico de remover das paredes a obra-prima e enviá-la para a Califórnia. Ele era um homem culto, mais bem-educado do que a maioria de seus colegas na florescente cidade de Los Angeles, graças a pais que haviam enchido a casa de livros, muito embora, não raro, pouco houvesse de comida na mesa. Conhecia os clássicos e as mitologias que inspiraram os grandes livros e peças teatrais dos antigos. Com o tempo, descobriria nos ladrilhos dezenas de imagens inspiradas por esses mesmos mitos. Em um lugar, mulheres eram mostradas como as Mênades imortalizadas por Eurípides, almas enlouquecidas, a serviço do deus dos êxtases, Dionísio. Elas corriam através das árvores, as mãos sangrentas, espalhando pela relva pedaços de carne masculina. Em outro lugar, amazonas de seio único andavam em passos duros, esticando até atrás seus potentes arcos e soltando tempestades de flechas.

Havia outras imagens — muitas, muitas outras — que não tinham origem em qualquer mitologia conhecida. Em um local, não longe do delta, peixes enormes, que haviam criado pernas cobertas por escamas douradas, andavam por entre as árvores em solenes cardumes, cuspidos fogo. À frente deles, árvores em chamas, de cujas copas aves queimadas levantavam vôo.

No pântano, uma pequena cidade erguia-se sobre pernas, sua presença aparentemente marcando a posição de algum lugar que ali existiu, mas que o tempo engoliu, ou ser uma profecia de algum futuro acontecimento. Os artistas haviam tomado liberdades com a execução da obra, reduzindo as dimensões da cena de tal maneira que os ocupantes da cidade pareciam quase tão altos quanto as casas e podiam ser claramente vistos. Ali havia também excessos, perversões tão profundas como qualquer coisa que a Floresta Selvagem estivesse abrigando. Através de uma das janelas, um homem podia ser visto de pernas e braços abertos em cima de uma mesa, em torno da qual sentavam-se vários convivas, todos observando, enquanto um grande verme entrava por seu ânus e saía pela boca aberta. E havia uma cena de alguma estranha convocação, na qual um grupo de aves pretas com cabeça humana levantava vôo, descrevendo círculos em volta de uma menininha que lhes era a invocadora ou a vítima. Na terceira casa, uma mulher, de cócoras, vertia sangue através de um buraco no chão. Vários homens, da metade do tamanho da mulher acima deles, nadavam na água embaixo e sofriam algum tipo de transformação calamitosa, presumivelmente desencadeada pela

menses. Suas cabeças haviam se transformado em formas escuras e monstruosas. Caudas de demônio projetavam-se de suas nádegas.

Como havia avisado (ou se vangloriado?) frei Sandru, não havia parte na paisagem mostrada nos ladrilhos que não fosse assombrada por alguma cena bizarra. Até as nuvens (sem a menor dúvida, com grande inocência) despejavam uma chuva de fogo em um lugar e defecava crânios em outro. Demônios cabriolavam livremente a céu aberto, como dançarinos sob o feitiço de alguma música celestial, enquanto estrelas caíam entre eles. Outros apareciam acima do horizonte, com os risos debochados de emaciados idiotas. E no mesmo céu, como se para sugerir que este era um mundo de penumbra eterna, um sol era eclipsado em três quartas partes por uma lua estranhamente representada, pintada com tanta habilidade que parecia ter massa autêntica, redondeza autêntica, enquanto passava por cima da face da estrela do dia.

Em um lugar foi pintada uma linha de figuras coroadas — os reis e rainhas da Romênia, retroagindo aos tempos antigos —, representadas à medida que marchavam para dentro da terra. A nobre fila apodrecia à medida que descia nas profundezas, abutres caindo sobre a nobreza que adentrava a terra, arrancando olhos reais e línguas que baixavam a lei. Em outro local, um círculo de feiticeiras subia em espiral de um ponto marcado por menires. Suas vítimas inocentes, bebês cuja gordura haviam usado para fazer o unguento voador com o qual haviam se lambuzado, jaziam espalhadas entre as pedras como se fossem bonecas abandonadas.

E em todo esse mundo de sofrimentos monstruosos e ocasionais milagres, a Caçada.

Muitas das cenas eram simplesmente documentos da beleza vigorosa da caçada e davam a impressão de que poderiam ter sido pintadas à vista de fatos reais. Havia uma matilha de cães, brancos, pretos e malhados (com uma cadela amamentando de forma encantadora a ninhada), alguns sendo amordaçados por camponeses, outros puxando para se soltarem das coleiras enquanto eram levados para se juntar ao grande grupo de caçadores. Em toda parte, cães podiam ser vistos acompanhando os caçadores. No local onde o Duque resolveu ajoelhar-se e rezar, um cão branco ajoelhava-se a seu lado, a nobre cabeça canina encurvada sob o peso da devoção compartilhada.

Em outros, os cães espadanavam em um rio, tentando pegar um salmão imenso nas águas azuis estilizadas. Em um terceiro lugar, sem nenhuma razão aparente que não o espírito brincalhão dos artistas, o papel de cães e homens havia sido invertido. Uma mesa longa, bela, decorada, havia sido armada em uma clareira entre as árvores e em volta dela sentava-se certo número de cães de fina raça, enquanto às suas patas, calçadas de botas, homens nus lutavam por migalhas e

ossos. Um exame mais atento mostrava que o arranjo das figuras era ainda mais anárquico do que parecia inicialmente, porque havia 13 cães à mesa e, no centro, sentava-se um cão com um halo entre as orelhas empinadas: uma Última Ceia canina. Um observador bem-informado, conhecendo as posições tradicionais dos Apóstolos, poderia ter dado o nome de todos eles. Os autores dos Evangelhos estavam ali em seus lugares costumeiros: João, o mais perto de seu mestre, Judas no círculo externo do grupo, enquanto Pedro (um são-bernardo) parecia pensativo na outra extremidade, a testa vincada sugerindo que ele já sabia que trairia três vezes o mestre antes que terminasse a longa noite.

Em outra parte da paisagem, os cães eram pintados em um trabalho muito mais cruel, estraçalhando coelhos em um lugar e arrancando pedaços de carne de um cavalo encurralado em outro. Em um terceiro local, lutavam com um leão e muitos haviam sido mortalmente feridos na batalha. Alguns rastejavam para longe do local da refrega, arrastando os intestinos. Um deles havia sido lançado bem alto entre as árvores, de onde pendia o cadáver com a língua escorrendo. Outros jaziam espalhados pela relva, em poças de sangue. Os caçadores esperavam a distância, sem dúvida aguardando que o leão se tornasse fraco com a perda de sangue e eles pudessem se aproximar e reclamar para si mesmos o momento heróico.

As mais imorais de todas as cenas, porém, eram as que combinavam amor erótico e caçada.

Havia, por exemplo, um lugar para onde cães haviam tangido desfiladeiro acima um grupo de homens e mulheres nus, ao encontro de um grupo de caçadores armados com lanças e redes. Os casais apavorados colavam-se uns aos outros, mas os lanceiros e os lançadores de rede conheciam bem seu ofício. Separados das mulheres, os homens eram trespassados pelas lanças, enquanto as mulheres, emaranhadas nas redes, eram amontoadas em carroças e levadas para longe. A servidão sexual que as esperava era de um tipo muito particular. Lendo as paredes da esquerda para a direita, o olho do espectador descobria que, em um vale adjacente, eram libertadas das redes e amarradas embaixo do corpo de centauros maciços, e ficavam de pernas abertas em volta dos flancos dos animais.

A reação delas a essa violação horrível era algo que os pintores haviam se dado algum trabalho para detalhar. Uma delas gritava em agonia, a cabeça lançada para trás, sangue escorrendo do lugar onde estava sendo dividida ao meio. Outras pareciam estar em êxtase nesse acasalamento forçado, apertando alegremente o rosto contra o pescoço de seu deflorador.

Essa parte da história, porém, não terminava aí. Se o "leitor", varrendo com os olhos as paredes, continuasse o exame, teria descoberto que alguns homens haviam sobrevivido ao massacre do desfiladeiro e voltado, em uma sequência posterior de ladrilhos, para caçar as criaturas que lhes mantinham as esposas em servidão

sexual. Estas constituíam algumas das sequências mais brilhantemente pintadas nas paredes: os amantes sobreviventes voltando a cavalo para acompanhar a velocidade dos centauros. Com laços girando acima da cabeça, aproximaram-se dos centauros, que foram retardados pelas próprias mulheres que levavam de um lado para o outro a fim de lhes dar prazer. Alguns foram derrubados por laços em volta do pescoço e outros feridos por lanças na garganta ou flancos. As mulheres que eles levavam nem sempre tinham sorte nesses encontros.

Embora sem dúvida seus salvadores tencionassem libertá-las, frequentemente elas pereciam sob o peso de seus violadores, quando o centauro moribundo rolava no chão e as esmagava com o seu. Talvez houvesse alguma moral ali — alguma lição sobre a vulnerabilidade de mulheres inocentes quando duas tribos de machos se digladiavam.

Os pintores, porém, pareciam ter tirado um prazer horripilante demais de seus desenhos para que este fosse o caso. Em vez disso, eles pareciam ter sido feitos pelo prazer de fazer, de imaginar e executar. Não havia moral de uma à outra extremidade deste mundo.

Seria impossível continuar a listar demoradamente os horrores e espetáculos das cenas postas nos ladrilhos: os campos de demônios dançarinos, as corridas de fadas, súcubos agachados em telhados, os loucos sagrados envergando mantos de esterco de vaca, os sátiros, os espíritos das sepulturas, das beiras das estradas, da terra, dos reis de doninhas e de sapos inchados, e assim por diante, indefinidamente, atrás de árvores e em todas as nuvens, descendo com cada queda-d'água e demorando-se embaixo de cada pedra: um mundo assombrado pelas formas da concupiscência humana e lascívia animal e tudo aquilo que a humanidade trazia para o peito nas longas noites de desespero.

Embora Hollywood — já nos seus primeiros anos — se apresentasse ao mundo como a própria alma da imaginação, não havia lá qualquer coisa acontecendo diante das câmaras (nem haveria, jamais) que pudesse competir com aquilo que os mestres pintores dos ladrilhos e seus aprendizes haviam criado.

Aquilo era, como disse Sandru, a Terra do Diabo.

Zeffer foi a Brascov contratar trabalhadores, a preços cinco ou seis vezes o que teria pago na aldeia, porque queria mãos que pudessem realizar o trabalho com alguma finesse e mentes capazes de contar até um número mais alto do que os dedos das mãos. Ele mesmo inventou os meios com os quais a obra-prima poderia ser removida daquele local. Os ladrilhos foram meticulosamente numerados nas costas e uma imensa planta feita da sala por três cartógrafos, que contratou também na cidade, de modo a haver um registro meticuloso da maneira como o desenho havia sido posto na parede, um registro obsessivo de como os ladrilhos tinham sido numerados, empilhados e acondicionados em caixotes, incluindo uma descrição

detalhada de quais estavam rachados ou danificados antes de serem postos nos engradados, que haviam sido mal colocados pelos pedreiros iniciais (havia 116 desses ladrilhos, a maioria virada em 90,100 e 80 graus por um artesão cansado demais, confuso demais ou, quem sabe, bêbado demais para notar o erro), de modo que, quando fossem tirados dos caixotes na casa do Desfiladeiro do Medo, não houvesse dificuldade para recolocá-los na ordem do desenho original.

O processo foi longo e 16 semanas se passaram antes que os ladrilhos acondicionados em caixotes fossem retirados da Fortaleza.

Aquele trabalho todo, claro, despertou grande atenção: dos próprios Irmãos, que sabiam o que estava acontecendo pelo que frei Sandru lhes havia dito, e dos aldeões, que tinham apenas a ideia mais vaga possível do que aquilo tudo significava. Correram sem demora boatos de que a remoção havia sido feita porque os ladrilhos tinham posto em risco espiritual a alma dos Irmãos, embora os detalhes precisos desse risco mudassem de uma versão à outra.

A enorme soma de dinheiro nesse momento de posse da Ordem pouco fez para transformar a vida dos monges, à parte por inspirar algumas das mais acrimoniosas discussões na história da irmandade. Vários frades eram de opinião de que os ladrilhos não deviam ter sido vendidos (não por causa de seu mérito, mas porque não era prudente soltar essas imagens profanas no mundo secular). Para esse ponto de vista, frei Sandru — que com maior frequência e publicamente aparecia bêbado durante o dia — respondia apenas de forma escarninha.

O que isso importa?, dizia aos queixosos. Essas peças são apenas ladrilhos, por amor de Deus.

Como resposta, um bom número de cabeças balançava de um lado para o outro e houve uma resposta muito eloquente de um dos Irmãos mais velhos, que disse que Deus colocara os ladrilhos sob a proteção da Ordem e que era um comportamento cínico e negligente dele deixá-los ir para outro local. Que dano não poderiam eles fazer, lá no mundo externo, disse, e que mal para almas inocentes?

Sandru permaneceu inabalável. Havia descoberto que não havia almas inocentes em Hollywood, nem qualquer pecado ou excesso pintados nos ladrilhos que a cidade não conhecesse intimamente. Falava com uma autoridade que, de fato, não possuía, mas que impressionou suficientemente os Irmãos — ou pelo menos um grande número deles — para que os do contra finalmente se calassem.

Grande foi o debate sobre o que aconteceria com o dinheiro. Uma facção, liderada pelos mais velhos, acreditava que tinha sido obtido por meios duvidosos e que a única maneira decorosa de usá-lo consistia em distribuí-lo entre os pobres. Surpreendentemente, pouquíssimas vozes apoiaram essa solução: alguma parte do dinheiro poderia ser dada aos necessitados da aldeia, concordaram os Irmãos, e havia outras causas que deviam ser levadas em conta.

Houve alguma pressão para transferir a Ordem para algum outro lugar que a Fortaleza, para um lugar mais confortável, onde pudessem encontrar o caminho para Deus sem a sombra do Diabo caindo sobre a trilha. Sandru foi o defensor mais eloquente da permanência da Ordem na Fortaleza. Com a língua bem lubrificada por vinho, explicou que não sentia remorso algum por ter vendido os ladrilhos e que aquela oportunidade havia sido única em uma vida inteira e que estava satisfeito por tê-la aproveitado.

Nesse instante, disse, deveriam usar o dinheiro para rejuvenescer o local, construir e administrar o hospital, como sempre havia sido planejado, ver o que poderiam fazer para refertilizar a terra, de modo que os vinhedos voltassem a ser o que foram nos velhos dias.

— Nosso caminho é perfeitamente claro! — disse aos Irmãos. — Esteja forte ou não a nossa fé no Senhor, podemos curá-la aqui, cultivar os vinhedos e levar uma vida com uma finalidade. Sorriu enquanto falava. Essa palavra — finalidade — não frequentava seus lábios há anos e lhe dava prazer pronunciá-la. Mas, enquanto a pronunciava, o sorriso começou a morrer, e a cor, a fugir da face rubicunda.

— Peço que me desculpem — disse, pondo a mão na barriga. — Estou com vontade de vomitar, de tanto conhaque.

Com essas palavras, tirou do hábito a garrafa onde vinha bebendo desde manhã cedo e colocou-a, desajeitado, numa mesa à frente. Em seguida, virou-se e afastou-se em passos titubeantes para respirar um pouco de ar fresco. Ninguém o seguiu. Ele não tinha amigos na Fortaleza. Seus velhos aliados estavam embaraçados demais com seus excessos para compartilhar publicamente de suas opiniões, temerosos de que o comportamento de Sandru pudesse refletir-se negativamente sobre eles e lhes prejudicar uma promoção. De modo que, sozinho, ele andou sem destino e tonto por entre as ruínas dos vinhedos. Já era noite e, nesse momento em que o verão tinha acabado, o ar começava a esfriar. O céu, no entanto, era de um azul perfeito e havia uma lua nova, seu pálido crescente justamente aparecendo sobre as montanhas.

Sandru tentou fazer com que a vista do céu e da lua o acalmasse, que aliviasse a dor que sentia no coração, desse vida a seus dedos dormentes. Esse truque, porém, estava além da capacidade da lua e das montanhas. De repente, compreendeu que aquilo não era um espasmo causado por conhaque demais. Estava morrendo.

Os Irmãos tinham remédios para fraqueza do coração, sabia. Não seria o seu fim, se conseguisse voltar logo para junto deles. Virou-se, tentando erguer a voz num grito de alarme. O peito em pânico, porém, não lhe deu o fôlego necessário para que pudesse gritar pedindo ajuda. As pernas começaram a fraquejar e caiu de rosto no chão. Sentiu na boca o gosto de terra, amarga e desagradável. Cuspiu e, com o

que lhe restava de força, ergueu-se da terra e deixou que a gravidade o rolasse pelo chão.

Não podia se mover, mas isso pouco importava. O céu que escurecia no alto era espetáculo suficiente. Ficou deitado ali durante seis ou sete arquejos cada vez mais curtos, enquanto uma estrela, em toda sua solidão, atingia o zênite. Em seguida, deixou que a vida se fosse.

Os Irmãos só o encontraram em meados da noite, hora em que a geada já havia descido sobre o velho parreiral, a primeira geada do outono. Ela brilhava sobre o corpo volumoso do Irmão morto, no nariz bulboso e nos nós na barba. E até mesmo inscrevera suas filigranas nos olhos abertos e imóveis.



QUATRO

Nunca houve hospital na Fortaleza, nem nesse momento nem nunca. Nem foi feita qualquer tentativa de replantar os vinhedos ou de tornar férteis as terras em volta. Com a morte de frei Sandru (à idade relativamente tenra de 62 anos), murchou o pouco entusiasmo anterior por mudança. Os Irmãos mais jovens resolveram deixar o local. Três deles abandonaram inteiramente a Ordem e se tornaram membros de comunidades seculares. Dos três, um deles — um jovem chamado Jan Valek — suicidou-se menos de um ano depois, deixando uma longa nota, uma espécie de epístola para os antigos Irmãos, na qual descrevia um sonho que tivera após a morte de frei Sandru, na qual dizia:

"Encontrei o frade nos vinhedos, que estavam em chamas. Era um lugar terrível para ficar. Fumaça preta enchia o céu, escondendo o sol. Ele me disse que era o Inferno este mundo, que só havia uma maneira de escapar, pela morte. O rosto dele brilhava, mesmo na escuridão. Ele disse que desejava ter morrido antes, em vez de continuar a sofrer no mundo.

"Perguntei a ele se lhe deixavam beber conhaque onde estava agora. Ele respondeu que não tinha necessidade de conhaque. Sua existência era feliz, não havia necessidade de esconder a dor com a bebida.

"Eu então disse a ele que ainda tinha uma vida a viver no mundo, enquanto ele havia sido um velho, com um coração fraco. Eu era forte, disse, e que havia boa probabilidade de que continuasse vivo por talvez 30, 40 anos, o que seria uma agonia para mim, mas o que era que eu poderia fazer?

"'Tome sua vida nas mãos', respondeu ele. E fez com que isso parecesse simples. 'Corte a garganta. Deus compreende.'

"Compreende?', perguntei.

"'Certamente', respondeu ele. 'Este mundo é o Inferno. Simplesmente, olhe em volta. O que é que você vê?'

"Eu disse a ele o que via. Fogo, fumaça, terra negra.

'Está vendo?', disse ele. 'Inferno.'

"Eu disse a ele, embora, claro, estivesse ainda dormindo, que ia lhe seguir o conselho. Ia voltar para o quarto, arranjar uma faca afiada e me matar. Mas por alguma razão, como frequentemente acontece em sonhos, não fui para casa. Fui a Bucareste. Ao cinema, onde o Irmão Stephan me levava às vezes para ver filmes. E o filme começou. Era um filme sobre algum paraíso terreno. O filme me fez chorar, era tão perfeito esse lugar, a música, a aparência das pessoas, homens e mulheres belos, tudo tão encantador que fiquei sem fôlego só de olhar para eles. Havia um rapaz, em particular — e fico com vergonha de escrever isto, mas se não fizer isso

aqui, em minha última confissão, onde farei?—um rapaz de cabelos escuros e olhos cheios de luz que abriu os braços para mim. Ele estava nu, na tela, com os braços abertos, chamando-me para o abraço. Na escuridão, virei-me para frei Stefan e ele me disse a coisa exata em que eu estava pensando: 'Ele quer tomá-lo nos braços.'

"Comecei a negar isso. Stefan, porém, interrompeu-me e disse: 'Olhe para ele. Olhe para o rosto dele. Perfeito. Olhe para o corpo dele. Perfeito. E ali... entre as pernas dele...'

"Cobri o rosto, de vergonha. Stefan, porém, tirou as mãos de meu rosto e me disse para não ter vergonha, que apenas olhasse e apreciasse. 'Deus fez tudo isso para nosso prazer', disse ele. 'Por que ele nos daria tal ânsia de olhar para a nudez, a menos que quisesse que dela tirássemos prazer?'

"Perguntei a Stefan como era que ele sabia que aquilo era trabalho de Deus. Talvez o Diabo tivesse feito a nudez, disse eu, para nos tentar e seduzir. Ele riu, pôs o braço em volta de mim e me beijou como se eu fosse uma criancinha.

"'Isso não é trabalho do Diabo', disse. 'Isso é seu convite para entrar no paraíso.' E me beijou novamente. Senti um vento cálido soprando, como se fosse primavera em qualquer país que houvessem criado na tela. E o vento me fez querer morrer de prazer, porque tinha o aroma de um tempo de que eu me lembrava do passado.

"E agora voltei para meu quarto. Tenho uma faca. Quando terminar de escrever esta nota, vou deixá-la em cima da mesa, irei para os campos e cortarei os punhos. Sei que fomos ensinados que o suicídio é um pecado e que o Senhor não quer que façamos mal a nós mesmos, mas, se Ele não quer que eu acabe com minha vida, por que esta faca está ao alcance de minha mão e por que tenho tanta paz no coração?"

O cadáver foi encontrado a uns 100m do local onde haviam descoberto o corpo coberto de geada de frei Sandru. Acontecendo tão cedo após a morte do velho frade, a morte de Jan Valek desorganizou inteiramente a Irmandade. Por ordens de Bucarest, ela foi dissolvida. Não havia mais necessidade de guardar a Fortaleza, disse o Arcebispo. Os Irmãos seriam mais úteis à Igreja se trabalhassem com os doentes e os moribundos, se oferecessem o consolo de Deus quando mais necessário.

Uma semana depois, a Ordem de São Teodoro deixou a Fortaleza Goga.

ENTRE OS ALDEÕES havia alguns que achavam que a Fortaleza havia provocado seu abandono e iniciado seu próprio processo de suicídio. Superstição, sem dúvida, mas era certamente estranho que, após cinco séculos de vida, período durante o qual conservou a robustez, um processo rápido de desintegração começasse logo em seguida à partida da comunidade dos guardiões.

É bem verdade que o inverno que se seguiu foi particularmente forte.

Mas houve nevascas mais pesadas caindo sobre os telhados e eles não haviam se curvado sob o peso, ventos mais fortes assoviando através dos caixilhos das janelas e elas não haviam se quebrado e desintegrado, inundações mais repetidas nos andares mais baixos e nenhuma porta tinha sido levada de roldão.

Ao chegar a primavera — em fins de abril naquele ano —, a Fortaleza estava realmente inabitável. Era como se a alma a tivesse deixado e que, nesse momento, tudo que quisesse fosse que as estações cobrassem o tributo regular.

As estações foram colaboradoras inocentes. O verão chegou tão abrasador quanto o inverno havia sido gélido e gerou todos os tipos de elementos destruidores na estrutura do prédio. Vermes, moscas e vespas contribuíram para o calor impiedoso do sol com túneis, ovos e construção de ninhos. Vigas que haviam precisado de dez homens para erguer do chão transformaram-se em poeira, ocas, tão delicadas quanto os ossos de aves imensas. Incapazes de suportar o próprio peso, vergaram-se sobre si mesmas, trazendo consigo andares inteiros ao caírem. Ao chegar setembro, a Fortaleza estava aberta aos elementos. A enfermaria onde os Irmãos haviam otimisticamente estendido fileiras de camas tinha, nesse momento, nuvens por cobertura. Ao chegarem as primeiras chuvas do outono, os colchões ficaram empapados d'água, e fungo e mofo apareceram onde doentes deviam ter se deitado. O local fedia de uma ponta a outra.

E finalmente, em algum momento em meados do segundo inverno, os pisos racharam e se abriram, e o nível mais baixo da Fortaleza, aquele aonde frei Sandru levou Zeffer para mostrar a câmara ladrilhada, ficou exposto ao céu e à tempestade. Se alguém tivesse se aventurado a entrar na Fortaleza naquele inverno, teria presenciado o mais delicado dos espetáculos. Através

das oito cúpulas acima da sala antes ladrilhada — todas elas nesse momento rachadas como cascas de ovo — a neve descia em espirais. E caía na sala desnuda.

Os trabalhadores contratados por Zeffer para retirar os ladrilhos tinham inicialmente esvaziado a sala de tudo que os monges haviam ali deixado. Partes da mobília tinham sido subsequentemente roubadas, outras partidas para servir de lenha, e o resto — talvez um quarto do butim — foi simplesmente deixado empilhado ali para apodrecer. A neve, descendo em espiral, acamou-se em pequenos espaços do chão, espaços que não derreteriam nos quatro meses seguintes, mas se tornariam cada vez mais largos e espessos à medida que se tornassem mais ferozes as tempestades de inverno e mais pesada a neve.

Pouco antes do degelo, em meados do abril seguinte, o peso da neve e do gelo finalmente provocou o colapso das cúpulas, em uma única e calamitosa queda. Não havia ninguém ali para ver a queda nem ninguém ao alcance da voz para ouvir o ruído. A sala da Caçada foi sepultada pelo entulho de todas as cúpulas, reboco,

madeira e pedra, enchendo a câmara até meia altura das paredes. Ninguém que visitou a Fortaleza em anos subsequentes — e alguns exploradores vinham em todos os verões, geralmente imaginando que tropeçariam por acaso em alguma coisa sinistramente maravilhosa —, uma fortaleza que havia talvez pertencido a Vlad, o Impalador, cujos territórios lendários se estendiam a apenas algumas centenas de quilômetros a oeste, na Transilvânia —, escavou com grande entusiasmo ruínas cobertas de mato rasteiro e certamente nenhum perguntou a si mesmo a que função a câmara semi-soterrada poderia ter servido. E tampouco, cabe dizer, nenhum deles poderia ter dado um palpite certo, nem mesmo o mais inteligente entre eles.

O mistério da câmara arruinada havia sido transportado para outro continente, onde nesse momento exibia seus duvidosos êxtases para deleite de uma nova e vulnerável platéia, homens e mulheres que — tais como os ladrilhos — tinham, em muitos casos, deixado recentemente seus países de origem e, na pressa de se tornarem famosos, deixado para trás talismãs como terra e altar, que poderiam ter oferecido proteção contra a traiçoeira Caçada.

PARTE DOIS

A pulsação

UM

Hoje à noite há *première* em Los Angeles, no Grauman's Chinese Theatre. O Teatro Chinês tem sido o local desses eventos desde 1927, mas, claro, naquela época as multidões eram muito mais numerosas. Dezenas de milhares de pessoas, às vezes centenas, bloqueavam o Hollywood Boulevard na ânsia de ver a estrela do momento. O espetáculo desta noite em nada se aproxima dessa escala. Embora os relações-públicas do estúdio inflacionem os números para a edição de amanhã da *Variety* e do *Hollywood Repórter*, alegando que uma multidão de quatro mil pessoas esperou no ar frio da noite pela chegada do astro do filme, Todd Pickett, os números autênticos são menos da metade.

Ainda assim, um terço do Boulevard é isolado por cavaletes, e uns poucos carros da polícia podem ser vistos apenas para dar ao evento um ar mais dramático.

Quando as limusines se aproximam do tapete vermelho e os vaga-lumes, usando os trajes de couro preto dos bandidos do filme, adiantam-se para abrir as portas, alguns "fãs" pagos e ali plantados na multidão pelo pessoal de publicidade do estúdio para animar um pouco mais o espetáculo começam

seu trabalho, berrando mesmo antes de aparecer o rosto do passageiro da limusine.

Na lista de convidados de hoje à noite há um grande contingente de nomes tipo Classe A e numerosos rostos que provocam gritinhos quando aparecem. Cruise não está aqui, mas Nicole Kidman está, como também Schwarzenegger, que faz um pequeno papel no filme como o aposentado Gallows, um personagem mitológico e vingativo que nosso herói, vivido por Todd Pickett, pode resolver representar quando chegar seu tempo ou — caso se recuse a isso — ser perseguido pelos fantasmas de várias gerações de antigas encarnações do personagem, a fim de convencê-lo a mudar de ideia.

Sigourney Weaver faz o papel da mulher que quebrou antes a maldição de Gallows e da pessoa que o personagem de Pickett deve procurar quando seus fantasmagóricos perseguidores o estiverem quase pegando. Sua chegada ao Grauman's foi recebida com um autêntico rugido de aplausos dos devotados fãs. Ela acena, sorri, permite que inúmeras fotos sejam tiradas, mas não se aproxima da multidão. Sigourney teve antes experiências com fãs entusiásticos demais: anda em linha reta pelo centro do tapete vermelho, fora do alcance de dedos ansiosos demais. Ainda assim, eles gritam "Nós a amamos, Ripley!" a personagem que vive nos filmes do *Alien* e com a qual será identificada até a morte. Acena, mesmo quando a chamam de Ripley, mas seus olhos nunca se focalizam por mais de um segundo em qualquer pessoa na multidão.

Na limusine seguinte na fila, a nova e brilhante estrela de Gallows, Suzie Henstell, escolhida pela Variety deste mês como um dos Dez Nomes Mais Quentes de Hollywood. Ela é baixinha (embora ninguém pudesse saber disso pelo que se vê na tela), loura e risonha. Dividiu um pouco de maconha com o namorado na limusine e isso foi uma má ideia. Tropeça um pouco ao pisar o tapete vermelho, mas a multidão foi preparada, graças a vários meses de reportagens elogiosas, fotos de uma ponta à outra das páginas centrais de revistas e entrevistas em profundidade, para pensar que essa mulher é uma estrela plenamente desenvolvida, mesmo que tenha ainda de ver mais do que alguns fotogramas de sua capacidade de representação em um trailer de Gallows. Se é assim, por que iria se preocupar se ela parece um pouco fora de foco? Ao contrário da srta. Weaver, que prudentemente resolveu ser esquiva, concedendo aos fotógrafos apenas um ou dois minutos para bater as chapas, a jovem novata continua sedenta de adulação. Vai diretamente até os cavaletes, onde um grande número de moças com programas do Gallows, tipo souvenir, os está agitando. Autografa alguns, lançando ao namorado, um modelo grandalhão, Calvin Klein, um olhar enlevado como quem diz "Pô, eu sou mesmo famosa!" O modelo retribui o olhar com uma expressão vazia, a única de seu repertório. Ele pode fazer isso com uma semi-ereção dentro da jeans ou igualmente vazia com a bunda aparecendo fora da cueca arriada. De qualquer maneira, ele é quase dolorosamente belo, quase perturbadoramente belo.

O vento chega em rajadas pelo Hollywood Boulevard, e o pessoal da segurança começa a parecer um pouco preocupado. Algum brilhante publicitário teve a ideia de mandar construir duas forcas, como uma espécie de portal, através dos quais teriam que passar os convidados à première. O que não foi lá uma boa ideia, é o que parece nesse momento. As forcas foram armadas para ser jogadas no lixo na manhã seguinte, tendo sido usado, por isso mesmo, material como madeira leve e enchimento de espuma. O vento ameaça derrubá-las ou, pior ainda, levantá-las inteiramente no ar e jogá-las em cima da multidão. Leves como sejam, elas poderiam produzir um grande estrago se jogadas pelo ar dessa maneira.

Quatro dos vaga-lumes do teatro foram chamados e receberam ordens de ficar junto às forcas, dois de cada lado, segurando-as de forma tão casual quanto possível. A segurança é informada de que o pessoal de publicidade só precisa de mais cinco minutos. Logo que Suzie Henslett puder ser convencida a seguir pelo tapete e entrar no prédio (o que, no momento, ela não mostra nenhum desejo de fazer), a limusine do diretor Rob Neiderman pode ser trazida para o tapete, seguida da que transporta a última e mais importante figura do grupo, Todd Pickett.

A força do vento aumenta e as forcas balançam perigosamente. É tomada a decisão executiva de trazer logo a limusine de Neiderman, e se os fãs esgoelados de Suzie

forem vistos acenando como lunáticos atrás de Neiderman nas fotos para a imprensa, que assim seja. Este mundo não é perfeito.

Já são 8h13min da noite. A esse ritmo, o filme só poderá começar depois das 8h30min, o que não seria um problema, se a droga da coisa não fosse tão longa, mas o corte feito por Neiderman só chegou às 2h43min, e, embora o estúdio apelasse a Pickett para permitir que a coisa fosse reduzida para duas horas exatas de projeção, Todd respondeu dizendo que gostava muito do filme como estava, de modo que só foram cortados quatro minutos. Isso significava que só depois das 11h é que terminaria a projeção e seria quase meia-noite quando as pessoas se reunissem para a festa. Aquela noite ia ser muito longa.

Neiderman convenceu a srta. Henslett, cuja atenção podia ser facilmente desviada para qualquer outro assunto, a deixar os fãs e seguir pelo tapete até a porta do prédio. O grande momento estava próximo. Os vaga-lumes grudaram-se às forcas, seus empregos dependendo da verticalidade daquelas estruturas. A maior das limusines aproxima-se do meio-fio. Antes mesmo de a porta ser aberta, os fãs — especialmente as mulheres — entram em estado de êxtase, guinchando já no máximo de altura da voz:

"Todd! Todd! Oh, Deus! Todd!"

As câmeras começam a pipocar, como se o semáforo incompreensível de seus relâmpagos fosse chamar o homem na limusine.

E dela sai Todd Pickett, o astro de Gallows, a razão por que 95% da audiência do filme estarão presentes quando for lançado na sexta-feira seguinte (hoje é segunda-feira). Todd Pickett, um dos três maiores astros de filmes de ação na história do cinema. Todd Pickett, o rapaz de Cincinnati que

foi reprovado em todos os exames na escola, mas que terminou como Rei de Hollywood.

Ele ergue as mãos, como se fosse um candidato presidencial, para agradecer à multidão em delírio. Em seguida, estende o braço para dentro da limusine a fim de pegar a mão de sua companhia naquela noite, Wilhemina Bosch, uma garçonete-transformada-em-atriz-transformada-novamente-em-garçonete, com a qual tem sido visto em festas e premièeres nos quatro últimos meses, embora nenhum dos dois diga outra coisa sobre o relacionamento entre ambos, salvo que são bons amigos.

Puxa Wilhemina para mais perto, permitindo aos fotógrafos bater chapas dos dois. Em seguida, de braços dados, através da tempestade de luzes e barragem de Nós o amamos, Todd! que os ataca de todos os lados, o par chega às portas do cinema que, tendo recebido seus convidados mais importantes, fecham-se desafiadoras, como se para dividir os importantes dos que não são ninguém, os estáveis e sólidos daqueles que são simples objetos do vento da noite.

Gallows é uma porcaria irremediável, claro, e todos nele envolvidos, desde os executivos que douraram a pílula (a um custo de cerca de 90 milhões de dólares, antes de as fotos e publicidade acrescentarem mais 30 milhões à conta) aos publicitários mais humildes, sabem perfeitamente disso.

O filme é, nas palavras da crítica de Corliss na Time, "um filme de ação-horror antiquado, ao qual faltam a teatralidade do grand guignol e a ação segundo o estilo John Woo, que as platéias vieram a esperar. Em um minuto, Schwarzenegger está saindo de cena, e, na seguinte, Todd Pickett, como seu contrariado sucessor, representa como se fosse um Hamlet em uma noite especialmente desolada na Dinamarca. Do início ao fim, Gallows é um péssimo filme!"

Todo mundo que pisa no tapete vermelho naquela noite de segunda-feira já sabe o que a Time vai dizer. Corliss deixou seu desprezo pelo filme bem claro em um artigo sobre o estado dos filmes de ação, que escreveu duas semanas antes. Nem será preciso um oráculo para prever que haverá outros que não gostarão do filme. Mas o volume do vitríolo será espantoso, mesmo para os que esperam o pior. Nas 48 horas seguintes, Gallows receberá as resenhas mais negativas dos últimos 12 meses, a veemência dos anteriores resenhadores dando poder aos nomes menos importantes para acabar de arrasar o filme. Além do roteiro incompreensível, concordam todos, há uma monotonia no filme que revela a indiferença do elenco com todo o projeto. O trabalho dos atores não é simplesmente desigual, mas parece planejado para filmes inteiramente diferentes, numa má combinação irrecuperável de estilos. Quem é o maior culpado de tudo isso? Nenhuma dúvida a esse respeito. Todos os críticos concordam em que o pior desempenho foi o do astro do filme, Todd Pickett.

A People escreve: *"O sr. Pickett já tem idade suficiente para saber que isso não se faz. Indivíduos de trinta e tantos anos não representam da maneira como o faz o sr. Pickett neste filme: sua marca registrada de 'um jovem de tipo agressivo com um sorriso de mil watts', que já parecia coisa surrada na segunda (muito bem, na terceira) vez em que se apresentou assim, parece especialmente deslocada neste filme. Embora pareça incrível que o tempo tenha passado tão rápido desde que a América desmaiou pela primeira vez ante os encantos do sr. Pickett — ele é simplesmente velho demais para fazer o papel do Vincent de vinte e poucos anos. Só Wilhemina Bosch, como irmã mascadora de Prosac de Vincent, sai dessa bagunça com alguma credibilidade. Ela tem um rosto elegante e bem-proporcionado e pode apresentar uma fala com a vivacidade tipo Costa Leste de uma jovem Katharine Hepburn. Ela foi desperdiçada no filme. Ou, para ser mais correto, nosso tempo teria sido desperdiçado se ela não aparecesse no filme."*

A plateia da première aparentemente não deu importância a isso. Ocasionalmente, foram ouvidos arquejos e riso alto (talvez, na verdade, alto demais, um pouco

falso), mas houve várias longas passagens no Segundo Ato quando o filme pareceu perder interesse para os espectadores. Mesmo no Terceiro Ato, quando a ação muda para uma estação espacial em órbita, e o orçamento de efeitos especiais sobe para as alturas, pouco houve em matéria de autêntico entusiasmo. Ouviram-se uns poucos gritos de deleite niilista quando é detonada, contra todas as expectativas, a arma destruidora de planetas do vilão, e Washington, D.C., se transforma em uma torrada. Mas em seguida, quando a fumaça levanta e Todd, como o novo Gallows, passa a liquidar os bandidos, a platéia fica mais uma vez inquieta.

Uns 15 minutos antes de começarem a rolar na tela os créditos, um membro da platéia deixa sua poltrona ao lado do corredor e vai ao banheiro. Algumas pessoas viram o rosto do homem quando ele olhou para a tela. Era Todd Pickett, iluminado pela luz de seu próprio rosto. Ninguém se levantou para lhe pedir o autógrafo.

Apenas por um momento, Pickett olhou fixamente para a tela. Em seguida, deu-lhe as costas e dirigiu-se pesadamente para fora do cinema. Não para ir ao banheiro. Em vez disso, perguntou a um dos vaga-lumes se podia sair pela porta dos fundos do prédio. O vaga-lume explicou que aquela área não era vigiada por seguranças.

— Eu quero simplesmente fumar um cigarro tranquilo sem ninguém olhando — explicou ele.

O vaga-lume disse "claro, por que não?" e levou Todd pelo corredor que ficava atrás da tela. Todd olhou para sua imagem invertida. Tudo que conseguia lembrar-se da cena em que aparecia era como havia sido incômodo o traje que usava.

— É aqui — disse o vaga-lume, abrindo as portas ao fim do corredor e introduzindo Todd em uma área iluminada apenas pela luz de rua que vinha do Boulevard.

— Obrigado — respondeu ele, passando uma nota de 20 dólares ao vaga-lume. — Eu volto quando os créditos começarem a rolar na tela.

O vaga-lume agradeceu pela nota de 20 dólares e deixou-o sozinho.

Todd pegou um cigarro, mas nunca o levou aos lábios. Foi envolvido por uma onda de náusea, tão forte e repentina que tudo que pôde fazer foi vomitar em frente a seu próprio smoking. À garganta subiram os uísques que tomou na limusine ao vir para a *première* e a pizza pepperoni, com três queijos e as anchovas extras que comeu para adicionar lastro ao corpo. Passado o primeiro vômito (alguma coisa lhe disse que havia mais a caminho), teve a presença de espírito de olhar em volta e verificar que essa pequena e feia cena não havia sido vista ou, pior ainda, fotografada. Por sorte, estava sozinho.

Tudo que tinha por companhia ali eram os restos de passadas *premières*, pilhas de cartazes e peças vistosas de cenários, publicidade de antigos filmes: Mel Gibson contra uma erupção de chamas tenebrosas, o olho de Godzilla, a metade inferior de uma moça usando vestido curtíssimo. Levantou-se e afastou-se do mau cheiro do

vômito, abrindo caminho através desse cemitério de velhas glórias, a caminho do local mais escuro que pudesse encontrar para esconder a tonteira. Às suas costas, através da porta ainda aberta, ouviu o som de armas de fogo e o som abafado de sua própria voz:

— Saia daí, seu filho da puta! — gritava ele para alguém.

Por essa altura, se o filme continuasse, a platéia estaria gritando e uivando, sedenta de sangue. Mas, a despeito da trilha sonora em volume supermáximo, ninguém gritava, porque ninguém dava a mínima bola. O filme estava morrendo por ser o que era.

Outra onda de náusea envolveu-o. Estendeu a mão para segurar-se em alguma coisa e não cair. A mão estendida derrubou uma foto recortada em papelão de Tom Cruise, que caiu para trás e atingiu uma foto recortada do Titanic, que, por seu lado, chocou-se com outra do Mighty Joe Young, e assim por diante, tal como uma fileira de peças de dominó coloridas, todas tombando uma após outra para trás na escuridão até se transformarem em um monte irreconhecível.

Por sorte, o som dos vômitos foi abafado pela algazarra de seu próprio filme. Vomitou novamente, duas vezes, até o estômago nada mais ter para lançar. Deu em seguida as costas ao vômito e aos ídolos caídos e saiu à procura de um pouco de ar puro para respirar.

O pior tinha passado. Acendeu o cigarro, que ajudou a acalmar o estômago, e em vez de voltar para o cinema, onde faltavam ainda dois minutos para o fim do filme, caminhou ao longo do lado do prédio até encontrar um trecho de luz de rua, onde podia passar uma revista em si mesmo. Teve sorte. A roupa estava limpa. Viu um ponto de vômito no sapato e limpou-o com o lenço (que jogou fora) e em seguida borrifou a língua e a garganta com um purificador de hálito. Usava cabelo cortado bem rente (da mesma forma que no filme e havia mantido esse estilo para aparecimentos públicos), de modo que não precisava preocupar-se em penteá-lo. Provavelmente, parecia um pouco pálido, mas, que diabo?, palidez era *in*.

Um portão perto da fachada do prédio era guardado por um segurança, que o reconheceu imediatamente e abriu-o.

— Saindo antes que a coisa se torne louca demais? — perguntou ela.

Todd sorriu e inclinou a cabeça. — Quer escolta até seu carro?

— Quero, obrigado.

Um dos produtores executivos, um inglês zeloso demais chamado George Dipper, com o qual nunca havia trabalhado, estava de pé no tapete vermelho, sua presença ignorada pela imprensa, cujos membros formavam um grupo que conversava entre si ou checava as câmeras antes que os luminares reaparecessem. George captou o

olhar de Todd e veio apressado, puxando um trago como se sua vida dependesse do conteúdo de nicotina do cigarro.

No lado de dentro, aplausos esparsos que rapidamente morreram. O filme havia terminado.

— Acho que o filme foi um brilhante sucesso — disse George, os olhos implorando uma sílaba de assentimento. — A platéia ficou conosco o tempo todo, o senhor não acha?

— Foi um bom filme — disse Todd, sem se comprometer.

— Quarenta milhões, no primeiro fim de semana.

— Não fique esperançoso demais.

— O senhor acha que não teremos uma bilheteria de 40 milhões?

— Acho que o filme vai render bem.

O rosto de George iluminou-se. Todd Pickett, o homem a quem havia pago 20 milhões de dólares (além de uma parcela considerável de comissão nos lucros), estava dizendo que o filme era bom. Deus estava em Seu céu. Durante um terrível momento, Todd pensou que aquele homem ia chorar de alívio.

— Pelo menos, não há nenhum grande lançamento para concorrer com o filme — disse Todd —, de modo que penso que teremos um fim de semana favorável.

— E seus fãs são leais — disse George, o desespero mais uma vez em seus olhos. Todd não conseguiu mais fitá-lo.

— Eu vou simplesmente fazer uma saída rápida — disse Todd, lançando um olhar para as portas do cinema.

Os primeiros grupos saíam nesse momento. Se as expressões que notou nos primeiros cinco rostos eram um presságio, seus instintos estavam certos: não tinham um sucesso nas mãos. Deu as costas à multidão e disse a George que conversaria com ele mais tarde.

— O senhor vai à festa? — perguntou George, colando-se a Toddy enquanto ele descia pelo tapete.

Onde está Marco?, pensou Todd. Marco, o confiável, sempre presente quando era necessário.

— Vou, passo por lá mais tarde — respondeu, lançando a George um olhar por cima do ombro para tranquilizá-lo.

Nos segundos transcorridos desde que deu as costas ao teatro, a platéia, que nesse momento deixava o cinema, saltou de cinco para uma centena. A metade o viu. Em segundos, eles o cercariam, gritando-lhe o nome, dizendo-lhe que amavam isso e odiavam aquilo, tocando-o, puxando-lhe a roupa...

— Aqui, chefia!

Do meio-fio, ouviu a voz de Marco, a porta da limusine aberta. *Deus o abençoe!* Correu pelo tapete enquanto pessoas às suas costas começavam a gritar-lhe o

nome, e câmeras espocavam uma após outra. Marco fechou a porta. Todd travou-a. Marco correu, com uma notável explosão de velocidade, dado seu corpanzil, em volta do carro para a porta do motorista e entrou.

— Para onde?

— Mulholland.

MULHOLLAND DRIVE RASTEJA por muitos quilômetros através da cidade como se fosse uma serpente preguiçosa. Marco, porém, não precisava saber aonde, por essa distância toda, seu patrão queria ser levado. Havia um local, perto do Coldheart Canyon, onde a estrada ondulante proporciona uma vista perfeita do San Fernando Valley até as montanhas. Durante o dia, o espetáculo pode ser desfigurado pelo smog marrom e cinzento. À noite, porém, especialmente no verão, é um local dotado de um encanto especial: as cidades de Burbank, North Hollywood e Pasadena espalham-se em uma matriz de luzes de cor âmbar, como que recuando para o paredão escuro das montanhas. E movendo-se com a noite como pano de fundo, as luzes de aviões descrevem círculos enquanto esperam instruções para pousar no aeroporto de Burbank ou os helicópteros da polícia perfuram a noite com feixes de luz branca.

Frequentemente, turistas podem ser vistos no local apreciando a cena.

Naquela noite, porém, graças a Deus, não havia nenhum. Marco parou e Todd desceu, indo em passos lentos até a borda do abismo para olhar a paisagem diante de seus olhos.

Marco desceu também e ocupou o tempo limpando o pára-brisa da limusine. Era um homenzarrão com o rosto barbudo de urso recentemente acordado de hibernação e possuía uma curiosa mistura de talentos: antigo praticante de luta romana e faixa-preta de jiu-jitsu, era também um bem-treinado cozinheiro Cordon Bleu (não que o gosto de Todd exigisse qualquer grande sofisticação culinária) e pai duas vezes divorciado de três filhos, com um conhecimento enciclopédico da obra de Wagner. Mais importante que tudo, era a mão direita de Todd e de uma lealdade a toda prova. Não havia parte na vida de Todd em que Marco Caputo não estivesse presente. Encarregava-se de contratar e dispensar o pessoal doméstico e os jardineiros, comprar e dirigir os carros e, claro, de todos os deveres de segurança.

— O filme é uma merda, ahn? — disse em tom de voz comum.

— Pior do que isso.

— Que pena!

— Nenhuma culpa sua. Eu nunca devia ter feito esse filme. Filme de merda.

— Quer saltar a festa?

— Não. Vou ter que ir. Prometi a Wilhemina. E a George.

— Tem alguma coisa em andamento com ela?

— Wilhemina? Tenho. Tenho alguma coisa. Simplesmente não sei se quero. Além disso, ela tem um namorado inglês.

— Todos os ingleses são veados.

— Isso mesmo.

— Quer que eu passe pela festa e traga-a para você em casa?

— E se ela não quiser vir?

— Ora, vamos. Quando foi que alguma garota lhe disse não?

Todd nada respondeu. Simplesmente olhou para a paisagem pontilhada de luzes. O vento subiu do vaie com um cheiro de fumaça de gasolina e comida chinesa. Os Santa Annas, soprando quentes do deserto de Mojave, bateram em rajadas fortes em seu rosto. Fechou os olhos para saborear aquele momento, mas o que surgiu em sua mente foi uma imagem de si mesmo: um fotograma do filme do qual havia fugido naquela noite. Mentalmente, durante um momento, estudou o rosto.

Em seguida, disse:

— Eu pareço cansado.



DOIS

Todd Pickett fez dois de seus três melhores filmes sob a égide de um produtor chamado Kever Smotherman. O primeiro, intitulado Gunner, era o tipo de filme de alto conceito, marinado em testosterona, pelos quais Smotherman era famoso. E transformou Todd — até então um desconhecido do Ohio — em um autêntico astro do cinema, se não da noite para o dia, certamente dentro de uma questão de semanas. Ninguém lhe pediu que tivesse uma grande desempenho artístico. Smotherman não fazia filmes que exigiam atores, mas apenas espécimes físicos de tirar o fôlego de quem os via. E Todd era certamente isso. Sempre que se punha diante de câmeras, fosse dividindo a cena com uma mulher ou um avião de combate, ele era tudo o que se queria ver. A câmera produzia nele algum tipo de alquimia e ele fazia a mesma magia no celulóide.

Na vida real, era bonitão, mas com defeitos. Era mais baixo do que alto, com quadris largos e também visivelmente encurvado. Na tela, porém, todos esses defeitos sumiam. Tornava-se vistoso, a perfeição do macho, com uma linha de mandíbula heróica, olhar cristalino, e a boca uma mistura incomum do sensual e do sério. Sua beleza particular combinou com o gosto dos tempos e, ao fim daquele primeiro e extraordinário verão de conquista de fama, sua imagem vestida em um uniforme branco imaculado, que lhe transformava as nádegas em poesia, tornou-se uma peça indelével da iconografia cinematográfica.

Ao longo dos anos, outros astros subiram à mesma altura e muitos com a mesma rapidez. Mas houve poucos tão prontos para a ascensão como Todd Pickett. E era isso o que ele vinha polindo pessoalmente desde o momento em que sua mãe, Patrícia Donna Pickett, levou-o pela primeira vez a um cinema no centro de Cincinnati. Olhando para a tela, observando a parada de rostos desfilar à sua frente, soube instintivamente (pelo menos foi o que disse mais tarde) que seu lugar era ali em cima com aqueles astros e que, se desse um duro suficiente, aplicasse força de vontade e trabalhasse por isso, era apenas uma questão de tempo antes de se juntar àquela parada.

Após o sucesso de Gunner, encaixou-se sem esforço no trabalho de ser astro do cinema. Em entrevistas, era cortês, engraçado e modesto, brincando com tanta facilidade com as entrevistadoras que todas, menos as mais cínicas, desmaiavam de deleite. Tinha confiança em seus encantos, mas não era arrogante, era leal às suas raízes no Meio Oeste e permanecia infantilmente dedicado à mãe. Mais encantador que tudo, era honesto sobre suas deficiências como ator. Havia uma agradável falta de pretensão na persona Pickett.

No ano que se seguiu a Gunner, fez mais dois filmes, um após outro.

Outro arrasa-quarteirão para Smotherman, Lightning Rod, lançado no Dia da Independência, explodiu em pedacinhos todos os recordes de bilheteria e, em seguida, para o mercado de Natal, Life Lessons. Este último era um filme docemente sentimental, no qual contracenava com Sharon Campbell, uma modelo da Playboy transformada em atriz, que havia sido capa de tablóides na época graças a seu divórcio de um marido alcoólatra e que a maltratava. A combinação de Pickett e Campbell funcionou como um amuleto e foram extremamente generosas as críticas sobre a atuação do rapaz. Embora ainda dependesse de seus dotes físicos, disseram os críticos, havia sinais claros de que ele estava assumindo a plena responsabilidade do ator, mergulhando fundo dentro de si mesmo para cativar a audiência. Tampouco tinha ele medo de demonstrar fraqueza. Duas vezes em Life Lessons, o papel exigiu que soluçasse como um bebê, o que fez convincentemente. O filme foi um imenso sucesso, significando que os dois filmes mais vistos do ano tiveram seu nome merecedor do título. Ele era oficialmente ouro puro de bilheteria.

Na maior parte da década seguinte, não conseguiu fazer nada de errado.

Inevitavelmente, alguns dos filmes tiveram mais sucesso do que outros, mas até os desapontamentos eram triunfos em comparação com o trabalho atamancado da maioria de seus contemporâneos.

Claro, não escolhia sozinho o material. Desde o início, manteve um relacionamento estreito com sua empresária, uma mulher baixota e sabida, em meados da casa dos 40 anos, outrora votada como a Pessoa Mais Desprezada de Hollywood, e que perguntou, quando a notícia lhe chegou, se a cerimônia de premiação exigia vestido longo. Embora ela representasse outros clientes quando aceitou fazer o mesmo para Todd, abandonou todos eles logo que a carreira do novo astro lhe exigiu atenção total. Daí em diante, viveu e respirou a carreira de Pickett, controlando-lhe todos os aspectos da vida, privada e profissional. O preço que pedia aos estúdios pelo trabalho de seu representado subiu rapidamente a alturas nunca vistas e ela conseguiu todas as vezes o que queria.

E tinha opinião sobre tudo: roteiro, elenco, contratação de diretores, diretores de arte, figurinistas e diretores de fotografia. Sua única preocupação eram os melhores interesses de seu menino prodígio. Na linguagem de um sistema mais antigo, e também analogamente feudal, ela era o poder por trás do trono e todos que trabalhavam com Todd, dos chefes de estúdio a humildes cabeleireiros, tiveram algum encontro com ela para relatar ou alguma cicatriz para mostrar.

DISPENSA DIZER QUE a magia de Pickett não poderia permanecer incontestável para sempre. Havia sempre novos astros em ascensão, novos rostos

com novos sorrisos aparecendo na tela em todas as estações. Após dez anos de amor babado por Todd, a platéia, em fins da década de 1980, começou a procurar outros heróis. Não era que seus filmes atraíssem audiências menores, mas que os outros tinham resultados ainda melhores. E havia aparecido uma nova definição de filme arrasa-quarteirão, máquinas de fazer dinheiro como *Independence Day* e *Titanic*, que produziu tanto dinheiro, com tanta rapidez, que filmes que outrora teriam sido considerados grandes sucessos eram nesse momento, em contraste, sucessos modestos.

Ansioso para recuperar o terreno que encurtava, Todd resolveu voltar a ligar-se a Smotherman, igualmente ansioso para voltarem juntos a seus dias de glória. Resolveram os dois fazer um filme intitulado *Warrior*, um conceito de lixo de alta potência sobre um arruaceiro de Brooklyn trazido através de uma viagem no tempo para defender uma terra futura em uma batalha contra alienígenas invasores. O roteiro era uma receita absurda de clichês extraídos de todos os filmes classe B de ficção científica da década de 1950. Um orçamento preliminar colocou o filme na casa de uns cem milhões de dólares apenas para pôr na tela, mas Smotherman tinha confiança em que poderia convencer a Fox ou a Paramount a aceitar e dar sinal verde ao projeto.

O filme tinha de tudo, disse: uma ideia facilmente compreensível (um guerreiro primitivo põe no chinelo um império intergalático hiperinteligente, usando astúcia e força bruta), uma dezena de sequências de ação que exigiria o que de mais moderno houvesse em efeitos especiais e o tipo de herói que Todd podia viver até dormindo: o homem comum em uma situação extraordinária. Era o tipo de filme que não exigia, de jeito nenhum, inteligência do espectador. Os estúdios seriam uns tolos se não acendessem a luz verde. O filme tinha todas as marcas de um sucesso maciço.

Smotherman não era nada, senão convincente. Em pessoa, constituía quase uma paródia do vendedor de alta voltagem: bom de lábia, ruim de temperamento, supersexy. Nunca havia falta de "babes", como ele ainda as chamava, à sua volta. A todas eram prometidos papéis de destaque, desde que representassem adequadamente em particular para ele e todas, naturalmente, eram descartadas quando delas se cansava.

Os preparativos para o *Warrior* desenvolviam-se suavemente. Mas, nesse instante, o impensável aconteceu. A uma semana de seu 44º aniversário, Smotherman faleceu. Ele sempre havia sido um exagero lendário em tudo, um amante de sensações estranhas nas partes mais prafrontex de qualquer cidade. As circunstâncias de sua morte foram perfeitamente compatíveis com essa reputação: morreu sentado a uma mesa, em um clube privado de Nova York, assistindo a um espetáculo sexual de lésbicas, quando um ataque cardíaco derrubou-o de forma tão

violenta e abrupta que ele aparentemente nem teve tempo de gritar pedindo socorro. Ao ser encontrado, tinha o rosto enterrado em um montinho de cocaína, uma droga que continuava a consumir em quantidades heróicas muito depois de seus contemporâneos terem largado o vício e mandado reconstruir cirurgicamente as vias nasais. E cocaína foi apenas uma das 35 substâncias ilegais encontradas em seu corpo durante a autópsia.

Foi enterrado em Las Vegas, conforme instruções em seu testamento. Era nessa cidade que se sentia mais feliz, era o que sempre dizia, com tudo a ganhar e tudo a perder.

Essa observação foi citada duas vezes na oração fúnebre e, ouvindo-a, Todd sentiu um calafrio de apreensão descendo pela espinha. Tudo que Smotherman tinha sabido, e vivido em paz com isso, era o fato de que toda a Cidade das Ilusões era um jogo — que podia ser perdido em um instante.

Smotherman havia sido um jogador. Tirava prazer da possibilidade de fracasso e isso lhe adoçava o sucesso. Todd, por outro lado, nunca jogara em um caça-níqueis e menos ainda participara de um jogo de pôquer ou tentara a sorte na roleta. Sentado ali ouvindo os hipócritas — a maioria dos quais havia desprezado o defunto — se levantarem e louvarem o morto, deu-se conta de que a morte de Kever lançava uma sombra negra sobre seu futuro.

Os dias dourados haviam passado. Seu lugar ao sol, antes de muito tempo, seria tomado por outros, se é que isso já não acontecera.

No dia seguinte ao velório, despejou todos seus medos no colo de Maxine. E ela foi pura tranquilização.

— Smotherman era um dinossauro — disse ela, bebericando vodca. — A única razão por que o pessoal tolerou aquela conversa fiada dele durante todos esses anos foi que ele fez com que todos ganhassem um bocado de dinheiro. Mas, vamos ser honestos: ele era uma forma baixa de vida. Você é um ato de classe. Você não tem absolutamente com o que se preocupar.

— Não sei... — disse Todd, a cabeça latejando com um de muitos drinques. — Eu me olho às vezes...

— E o quê?

— Eu não sou o mesmo cara que era quando fiz Gunner.

— Você está danado de certo que não é. Naquela ocasião você não era ninguém. Agora você é um dos artistas mais conhecidos da história.

— Mas os outros estão chegando perto.

— E daí? — disse Maxine, afastando com um gesto de pouco caso as preocupações de Todd.

— Não faça isso! — disse Todd, batendo com a palma da mão na mesa. — Não tente me acalmar! Okay? Nós temos um problema. Smotherman ia me colocar

novamente na crista da onda e agora o filho da puta morreu!

— Tudo bem. Calma aí. Tudo que estou dizendo é que não precisamos de Smotherman. Contrataremos alguém para reescrever o roteiro, se é isso o que você quer. Depois, encontraremos alguém para dirigir o filme. Alguém com um estilo moderno. Smotherman era um cara antiquado. Tudo tinha que ser grande. Grande explosão. Grandes seios. Grandes canhões. A audiência não se importa mais com nada disso. Você precisa fazer parte do que está surgindo, não do que aconteceu ontem. Entenda, odeio dizer isso, mas talvez a morte de Kever tenha sido a melhor coisa que poderia ter acontecido. Precisamos de um new look para você. Um novo Todd Pickett.

— Você pensa que a coisa é tão simples assim? — perguntou Todd. Queria muito acreditar que Maxine havia resolvido o problema.

— Que dificuldade pode haver? — disse Maxine. — Você é um grande astro. Precisamos apenas focalizar novamente as pessoas em você. — Pensou por um momento. — Quer saber de uma coisa? Acho que devemos marcar um almoço com Gary Eppstadt.

— Oh, Jesus, por quê? Você sabe como eu odeio aquele escrotinho.

— E ele pode ser mesmo, quando quer, um escrotinho. Mas ele vai pagar pelo Warrior. E, se ele vai pôr vinte milhões de dólares e uma parcela da comissão em cima da mesa por seus serviços à arte, você pode ser gentil durante uma hora com aquele filho da puta.



TRÊS

Não era simplesmente antipata o que fazia Todd referir-se a Eppstadt em termos tão pouco lisonjeiros. Era a pura e crua verdade. Eppstadt era o homem mais feio de Los Angeles. Caridosamente, seus olhos poderiam ser descritos como reptilianos, os lábios, imbeijáveis. A mãe dele, em um ataque de afeição cega, poderia, quem sabe, ter reconhecido que ele era desengonçado. Dito tudo isso, ele era, ainda assim, um narcisista. Vestia sua infeliz carcaça apenas com os ternos mais caros, suas unhas eram manicuradas com precisão obsessiva, seu cabeleireiro pessoal pintava-lhe as melenas todas as manhãs, tendo primeiramente o barbeado com uma navalha tipo antigo.

Durante anos, incontáveis preces foram dirigidas àquela navalha, implorando-lhe que escorregasse! Eppstadt, porém, parecia ter uma vida encantada.

Havia se tornado cada vez mais forte à medida que circulava de um estúdio a outro, reclamando a paternidade de todos os sucessos e pondo a culpa dos fracassos nos que estavam imediatamente às suas costas na escada do sucesso e que ele imediatamente demitia. Era o truque mais velho conhecido, mas havia funcionado à perfeição. Em um tempo em que as empresas tinham cada vez mais poder e os estúdios eram dirigidos por comissões de indivíduos formados em administração e advogados com uma ânsia de enfiar os dedos no bolo criativo, Eppstadt era um membro da velha escola. Homem poderoso, nunca era mais feliz do que na companhia de alguém que precisava de seu patrocínio e que, em seguida, poderia insultar de centenas de maneiras sutis.

Para que precisava ele de beleza quando podia fazê-la tremer com um sorridente talvez?

E estava de bom humor quando ele e Todd, com Maxine presente, reuniram-se para um almoço na segunda-feira. A Paramount tinha ganho a semana com um filme brutal de vingança que Eppstadt havia ajudado a produzir, dispensando o diretor após duas triagens pouco promissoras e contratando alguém para dirigir uma cena de estupro e um novo final, no qual a mulher violada aterrorizava e, no final, matava o atacante com uma tesoura de aparar cerca.

— Trinta e seis milhões e duzentos mil dólares em três dias — disse ele, envaidecido. — E em janeiro. Isso é o que eu chamo de sucesso. E quer saber de uma coisa? Não há ninguém importante no filme. Apenas uns dois artistas da TV que não são ninguém. Tudo isso foi resultado de marketing.

— E o filme presta?

— Presta, é uma droga de Hamlet— respondeu Eppstadt, com a maior tranquilidade. — Você está parecendo muito cansado, meu amigo — continuou. — Está precisando tirar férias. Eu passei um tempo naquele mosteiro...

— Mosteiro?

— Parece loucura, certo? Mas que paz a gente sente... Sentimos a tranquilidade. E eles aceitam judeus. Na verdade, vi mais judeus lá do que no bar Mitzvah de meu sobrinho. Você devia experimentar isso. Tire um período de férias.

— Eu não quero férias. Quero trabalho. Precisamos marcar uma data para começar o Warrior.

A expressão entusiástica de Eppstadt caiu alguns pontos.

— Oh, Cristo. Este pequeno almoço é para tratar disso, Maxine?

— Você vai topiar a coisa ou não? — pressionou-o Todd. — Porque há um bocado de outras pessoas que topiarão, se você não quiser.

— Neste caso, você talvez deva levar a elas sua proposta — respondeu Eppstadt, os olhos baixos. — Mas você pode conseguir isto fácil, fácil, se é o que quer. Começo a trabalhar no filme esta tarde.

— De modo que você está realmente pronto para topiar a parada? — perguntou Maxine, assumindo um ar de indiferença.

— Inteiramente pronto, se é isso o que Todd quer. Não vou atrapalhar seu trabalho de conseguir que o filme seja rodado. Você parece surpresa, Maxine.

— Eu estou surpresa sim. Uma proposta como esta... É um filme super para a Paramount neste verão.

— Para ser franco, não tenho certeza de que esta seja a ocasião certa para a companhia fazer esse tipo de filme, Maxine. Neste exato momento, o mercado está muito difícil de interpretar. E esses filmes caros... Quero dizer, o filme vai custar bem mais de 130 milhões, depois de pagas as cópias e publicidade. Não tenho certeza de que isso faça sólido bom senso fiscal. — Tentou um sorriso, mas que saiu vulpino. — Escute, Todd. Quero fazer negócio com você. A Paramount quer fazer negócio com você. Cristo, há anos você tem sido uma mina de ouro para nós. Mas há uma nova geração aparecendo — e você conhece os aspectos demográficos tão bem como eu—, com essa garotada enchendo os multiplexes e, com eles, nada a ver com lealdade ao passado. Eppstadt sabia que efeito suas palavras estavam produzindo e saboreava cada última gota do mesmo.

— Entenda, nos velhos e bons tempos os estúdios podiam carregar os atores até por um mau período. O astro tinha um contrato de sete anos, recebia um salário semanal. Podíamos aguentar um ou dois anos de más representações. Mas você é caro, Todd. Você é excruciantemente caro. E tenho que prestar contas aos acionistas da Viacom. Não tenho certeza de que eles queiram me ver pagar 20 milhões de dólares por um filme que talvez tenha uma receita bruta de apenas...

Quanto foi que rendeu seu último filme? Quarenta e um milhões aqui no mercado interno? E uns trocados?

Maxine suspirou, um pouco teatralmente.

— Sinto muito ouvir isso, Gary.

— Escute aqui, Maxine, sinto muito ter que dizer isso. Sinto, realmente. Mas números são números. Se não acreditar que posso ter lucro, o que é que faço financiando o filme? Está entendendo meu ponto de vista? Isso simplesmente não faz sentido.

Maxine levantou-se da mesa.

— Pode me desculpar por um minuto? Vou dar um telefonema.

Eppstadt percebeu fogo na voz de Maxine.

— Nada de advogados, Maxine. Por favor. Podemos fazer isto de uma maneira civilizada.

Maxine conservou-se calada. Simplesmente saiu andando em passos duros por entre as mesas. Eppstadt comeu duas porções de atum malpassado e em seguida pôs o garfo de lado.

— É em ocasiões como esta que eu gostaria de ainda fumar. — Recostou-se na cadeira e olhou sério para Todd. — Não deixe que ela inicie uma concorrência, Todd, porque, se eu for encurralado, vou ter que me defender e dizer a coisa como ela é. E em seguida todos nós vamos ter uma grande confusão em nossas mãos.

— Significando isso o quê?

— Significando... — Eppstadt pareceu sentir dor, como se seu proctologista estivesse trabalhando nele sob a cadeira. — Você não pode continuar massageando números para que seu preço pareça justo, quando todos nós sabemos que não é.

— Você disse que eu fui uma mina de ouro para a Paramount. Há apenas dois minutos você disse isso.

— Isso foi nessa ocasião. Isto é agora. Aquilo foi Kever Smotherman, isto é pós-Kever Smotherman. Ele foi o último de uma raça.

— O que você está querendo dizer com isso?

— Bem... deixe que eu lhe diga o que não estou dizendo — respondeu Eppstadt em tom sedoso. — Eu não estou dizendo que você não tem uma carreira.

— Que coisa mais agradável de ouvir — retrucou secamente Todd.

— Eu quero encontrar alguma coisa que nós dois possamos fazer juntos.

— Mas...,

— Mas?

Eppstadt pareceu estudar realmente a resposta, antes de falar.

Finalmente, disse:

— Você tem talento, Todd. E evidentemente, ao longo de todos esses anos, você construiu uma legião de fãs. O que você não tem é o poder de atração que tinha

naqueles anos. É a mesma coisa que acontece com vocês rapazes muito caros. Cruise. Costner. Stallone. — Parou por um momento, inclinou-se mais para a frente, dando à voz um tom conspiratório: — Quer saber a verdade? Você parece cansado. Quero dizer, cansado bem no fundo. — Todd ficou calado. A observação de Eppstadt era como um banho de água gelada. — Sinto muito ser áspero com você. Mas não é que eu esteja lhe dizendo alguma coisa que você já não saiba.

Todd olhava fixamente a mão, perguntando-se o que sentiria se a fechasse e esmurrasse a cara de Eppstadt, uma vez após outra.

— Claro, você pode dar um jeito nessas coisas — prosseguiu Cary em tom de conversa comum. — Conheço uns dois caras mais velhos do que você que foram consultar Bruce Burrows e pareceram dez anos mais moços quando ele terminou o trabalho com eles.

Ainda olhando fixamente para a mão, Todd respondeu:

— Quem é esse Bruce Burrows?

— Na opinião de muitas pessoas, é o melhor cirurgião plástico do país. Com consultório no Wilshire. Muito discreto. Muito caro. Mas você pode arcar com a despesa. Ele faz tudo. Substituição de colágeno, alisamento de rugas, descamação, lipoaspiração...

— Quem é que foi consultá-lo?

— Praticamente todo mundo. Não há nenhum motivo de vergonha nisso. É um dos fatos da vida. Após certa idade, fica mais difícil despertar paixões. A gente cria rugas de sorriso, rugas na testa, aqueles pequenos vincos em volta da boca.

— Eu não tenho vincos em volta da boca.

— Espere só um tempo — disse Eppstadt com um tom de voz de tio carinhoso.

— Quanto tempo leva isso?

— Não sei. Nunca fiz nenhuma plástica. Se eu entrasse lá, nunca sairia. — Coisas demais para consertar.

— Eu acho que é de mau gosto explorar a autodepreciação de outra pessoa, Todd. Mas perdoo. Sei que dói ouvir o que estou dizendo. O fato é que eu não tenho que mostrar o rosto a uma altura de 15 metros, em um cartaz. Você tem. É por isso que suas fãs estão rezando. — Apontou para Todd. — Por esse rosto.

— Se eu fizesse alguma coisa... — Todd começou, sondando o terreno — sobre as rugas, quero dizer.

— Sim?

— Você faria o Warrior?

Ele havia aberto a porta para a palavra favorita de Eppstadt:

— Talvez. Não sei. Teríamos que ver. Mas, da maneira como entendo a coisa, você não tem, de qualquer maneira, muito a perder fazendo o filme. Você é um namorado ideal. Um namorado ideal fora de moda. Os fãs querem vê-lo de novo

surrar o bandido e ficar com a mocinha. E querem que o namorado seja perfeito. — Olhou-o fixamente. — Você precisa ser perfeito. Burrows pode fazer isso por você. Ele pode torná-lo perfeito novamente. Em seguida, você pode voltar a ser o Rei de Hollywood. Que é o que você quer, acho.

Todd admitiu isso com uma pequena inclinação de cabeça, como se fosse um vício privado.

— Escute, você tem toda minha simpatia — continuou Eppstadt. — Conheci um bocado de pessoas que simplesmente desistiram de tudo quando perderam seu público. Elas se romperam pelas costuras. Você não fez isso. Pelo menos, ainda não. — Pôs a mão em cima do braço de Todd. — Vá conversar com o Dr. Burrows. Veja o que ele pode fazer por você. Seis meses. Depois conversamos.

TODD NADA DISSE a Maxine sobre a conversa a respeito do Dr. Burrows. Não queria que o processo de tomada de decisão fosse perturbado pela opinião dela. Este era um assunto sobre o qual queria pensar sem intervenção de ninguém.

Embora não se lembrasse de ter ouvido falar de Burrows, sabia perfeitamente que vivia na capital mundial da cirurgia plástica. Narizes eram consertados, lábios tornados mais cheios, pés-de-galinha apagados, orelhas pregadas para trás, vincos amaciados, estômagos puxados para dentro, nádegas empinadas, seios embelezados. Praticamente todas as partes da anatomia que davam a seus donos problemas com o ego poderiam ser melhoradas, às vezes além de qualquer capacidade de reconhecimento.

Tradicionalmente, claro, as mulheres é que tinham sido as ansiosas e gratas beneficiárias desse trabalho artesanal, mas isso havia mudado. Um dos hércoles da década de 1980, que ganhou uma fortuna mostrando em público um corpo de proporções super-humanas, mas que havia começado a perdê-lo para a gravidade, voltou às telas no ano anterior parecendo mais sarado do que nunca, com músculos abdominais e peitorais proeminentes — e até mesmo os músculos das panturrilhas esculpidos — cirurgicamente implantados. A cura demorou algum tempo, dada a extensão do trabalho de remodelação. Ele havia ficado de licença durante cinco meses — inclusive escondendo-se na Toscana, segundo as fofocas — enquanto se recuperava. Mas havia funcionado. Deixou a tela parecendo um surrado apanhador de bola no beisebol e voltou novinho em folha.

Todd começou a fazer algumas discretas indagações, o tipo de pergunta que, tinha esperança, nenhuma suspeita despertasse. Soube que os procedimentos estavam longe de indolores. Até mesmo durões lendários haviam terminado desejando nunca ter pedido a médicos que mexessem neles, tão doloroso havia sido o processo. E, claro, uma vez tendo começado, se não gostasse do que via, teria que

deixar que Burrows fizesse mais alguns consertos, incisões sobre incisões, dor sobre dor.

Ele, porém, não ficou desencorajado com essas informações. Curiosamente, elas tornaram mais aceitável para ele a ideia de submeter-se aos procedimentos, desde que lhe desafiavam o machismo e uma profunda e inexplorada veia de masoquismo.

Além disso, havia alguma dor na terra verde de Deus que doesse tanto como ler o Daily Variety e descobrir que, mais uma vez, você não aparecia nas páginas? Que outros atores — nomes, às vezes, inteiramente desconhecidos — estavam conseguindo os roteiros, os papéis e assinando os contratos que antes lhe teriam caído naturalmente no colo? Não havia dor tão aguda nem tão profunda quanto a notícia sobre o sucesso de alguém. Se era de um ator mais velho, isso já era bastante ruim. Mas se de um contemporâneo — ou, pior ainda, de alguém mais jovem, alguém mais bonito—, ele ficava tão transtornado que tinha que tomar um ou três tranquilizantes para evitar entrar em depressão e começar a tratar mal todo mundo. E nem mesmo as pílulas da felicidade funcionavam mais como nos velhos dias. Havia tomado demais e o corpo se acostumado.

De modo que, o que fazer, o que fazer?

Deveria sentar-se sobre a bunda cada vez mais gorda e começar a evitar o espelho ou segurar o touro pelos chifres e marcar uma consulta com o Dr. Burrows?

Permaneceu indeciso durante uma semana, mais ou menos. Mas, certa noite, sozinho em casa fazendo render uma bebida e mudando os canais da TV de 60 polegadas, viu por acaso um segmento de uma transmissão da cerimônia da entrega do Oscar no ano anterior. Um jovem ator, que sabia com certeza que não era um dos caras mais sabidos da cidade, recebia o terceiro Oscar da noite por um filme que havia — pelo menos de acordo com os créditos — escrito, dirigido e estrelado. Esta última parte? Quanto a isso, não havia discussão. Ele aparecia em cada droga de fotograma da porcaria do filme vistoso de todos os ângulos. Desempenhava o papel de um rapaz pobre, gago, instável, do Velho Sul, um papel que, alegava, baseava-se na vida do irmão de seu pai, que havia morrido tragicamente às mãos de uma multidão de linchadores ao ser confundido com um estuprador. Aquilo era material perfeito para um Oscar: o jovem artista ambicioso enfrentando o Sistema de estrelas para contar uma saga da invencibilidade do espírito humano, baseada na história de sua própria família.

Exceto que a verdade nem era tão comovente nem tão mágica. Muito longe de ter sido linchado, o "falecido" tio estava vivinho da silva (ou pelo menos era a fofoca que circulava na cidadezinha), tendo passado 22 anos na cadeia por um estupro que não negou até hoje. Havia recebido um polpudo cheque do estúdio responsável pelo filme para permanecer convenientemente calado, de modo que a história

pudesse ser contada ao estilo de Hollywood, deixando o Menino de Ouro descer do palco com três Oscars para expor na cornija de sua lareira. Todd soube de boa fonte que suas habilidades como diretor não se estendiam mais longe do que saber onde estava estacionado seu Winnebago.

E ele não era o único que aspirava a lhe roubar o trono. Havia muitos outros, pequenos chupões de pau saindo do nada para representar o papel de Rei de Hollywood, quando ele, Todd, não estava ainda disposto a renunciar a esse papel.

Bem, eles que se fodessem. Ia derrubá-los de seus pedestais roubados, aqueles filhos da puta. Em um segundo, teria de volta as luzes da ribalta — toda aquela glória, todo aquele amor — e eles voltariam dentro de uma semana à condição de aspirantes a membros de elenco.

E daí se isso lhe custasse algumas semanas de desconforto? Valeria a pena, simplesmente para ver as expressões em seus bonitos rostinhos quando descobrissem que haviam se tornado ambiciosos demais uma década cedo demais.

Contrariamente ao que diziam opiniões recentes, o Rei dos Namorados Ideais não estava morto. Estava voltando para casa e ia parecer uma nota de um milhão de dólares.



QUATRO

No dia em que marcou a consulta com Burrows, teve que cancelá-la no último minuto.

— Você não vai acreditar em minha desculpa — disse ele à recepcionista —, mas juro que é a pura verdade.

— Continue.

— Meu cachorro está doente.

— Bem, a gente não ouve com muita frequência essa desculpa. De modo que, estrela de ouro por originalidade.

A verdade era que Dempsey, seu vira-lata, não estava parecendo muito bem naquela manhã. Ele havia saído para o quintal e a xixizada matutina quando tropeçou, como se uma das patas estivesse dormente. Todd desceu para ver se ele estava bem. Não estava. Embora o vira ainda fizesse cara alegre para o dono, a expressão dele parecia estranhamente desfocada, como se estivesse tendo dificuldade em focalizar os olhos em Todd.

— O que há com você, rapaz?

Agachou-se em frente ao cão e acariciou-lhe as orelhas. Dempsey rosnou sua apreciação. Mas pareceu mole nos braços de Todd, como se pudesse capotar a qualquer instante.

Ligou para Maxine e lhe disse que iria estar no veterinário nas próximas horas.

— Alguma coisa errada com aquele seu velho e inchado cachorro?

— Você vai ficar inchada quando tiver a idade dele — respondeu Todd. — E, sim, há alguma coisa de errado. Ele continua a cair no chão.

Dempsey estava com ele há 11 anos. Comprara-o ainda como filhote antes de começar a filmar Gunner. Em consequência, a primeira experiência real de vida dele, além das tetas da cadela sua mãe, foi de ser levado a toda parte em um estúdio de cinema e ser adorado, tudo o que, daí em diante, ele considerou como direito seu, concedido por Deus. Desde então, Dempsey foi presença constante em todos os sets, os dois, inseparáveis. Todd e Dempsey. Dempsey e Todd. Graças a essas experiências, desde cedo, de ser objeto de afeição universal, Dempsey era um cachorro confiante, sem medo de ninguém e — a menos que alguém tivesse medo dele — predisposto a ser cordial.

A veterinária, que atendia pelo nome de Dra. Spenser, era uma negra agitada que tinha cuidado de Dempsey desde os dias de filhote. A doutora fez alguns exames e

disse a Todd que, sim, havia sintomas definitivos de que Dempsey estava tendo problemas cognitivos.

— Qual a idade dele agora?

— Vai fazer doze anos em março próximo.

— Oh, é mesmo... nós não sabíamos a data de nascimento dele, de modo que resolvemos...

—... que seria na Noite do Oscar.

— Qual é o problema, rapaz? — perguntou a Dra. Spenser a Dempsey, fazendo-lhe um agrado embaixo do queixo. — Ele, realmente, não está parecendo tão feliz como sempre, não é?

— De jeito nenhum.

— Eu gostaria que ele ficasse aqui para alguns exames.

— Eu trouxe um pouco das fezes dele, como você pediu.

— Obrigada.

Todd entregou-lhe uma pequena lancheira de alumínio com o coco do cachorro.

— Vamos mandar fazer um exame disso. Quer a lancheira de volta? Estou apenas brincando. Não fique tão triste assim, Todd...

— Eu não gosto de ver ele dessa maneira.

— Isso é provavelmente um vírus que ele pegou. Damos nele algum antibiótico e ele fica novinho em folha.

— Mas há alguma coisa esquisita nos olhos dele. Veja. Eles nem mesmo se focalizam em nós.

Dempsey levantou a cabeça, sabendo muito bem que estavam falando dele, mas evidentemente tinha dificuldade para fixar os olhos em quem estava falando.

— Isso não poderia ser apenas coisa da idade, poderia?

— Duvido muito. Ele foi sadio até agora e minha experiência é que um vira-lata como Dempsey vai durar muito mais do que alguns cães de pura raça. Deixe ele comigo. Ligue para mim no fim do dia.

O que Todd fez. A notícia era que não havia notícia. As fezes haviam sido enviadas ao laboratório para análise e, enquanto isso, Dempsey parecia fraco, talvez um pouco desorientado, mas sem nenhuma visível piora no estado de saúde.

— Você pode levá-lo para casa hoje à noite ou deixá-lo aqui. Ele vai ficar muito bem aqui. Na verdade, ninguém fica monitorando os cães, de 1 lh da noite até às 6h da manhã, mas as probabilidades de...

— Eu vou até aí buscar Dempsey.

A despeito das palavras tranquilizadoras da Dra. Spenser, de que não tinha havido piora, Todd discordou. Geralmente, quando ia à veterinária buscar Dempsey após uma estada de umas duas horas, para tomar vacina ou fazer o checkup semestral, o

cachorro recebia-o louco de alegria, latindo de deleite ao ver novamente o dono e doido para sair porta afora antes que lhe espetassem o traseiro com outra droga de agulha. Naquele dia, porém, quando Todd fez a volta na esquina, pareceu que o cão precisou de um momento para compreender que o dono estava à porta, chamando-o. E quando entrou, embora alguma coisa do velho entusiasmo voltasse, ele era uma sombra do velho Dempsey. A Dra. Spenser já havia encerrado o expediente daquela noite e ido embora. Todd perguntou se poderiam lhe dar o número de telefone dela, mas, ao que parecia, havia algumas coisas que Todd Pickett não podia conseguir.

— Ela tem filhos para cuidar — disse o enfermeiro. — Ela gosta de manter a casa e a vida familiar bem separadas do trabalho aqui.

— Mas, e se houver uma emergência?

— Eu recomendaria que procurasse o hospital veterinário na Sepulveda, que fica aberto 24 horas por dia. Se alguma coisa acontecer, lá tem veterinários de plantão a noite toda. Mas, honestamente, acho que foi algum vírus que ele pegou no parque dos cachorros e que vai precisar apenas de uma série de aplicações de antibiótico.

— Neste caso, posso levar comigo alguns antibióticos? — perguntou Todd, um pouco irritado com a maneira displicente com que Dempsey estava sendo tratado.

— A Dra. Spenser não vai querer aplicar coisa alguma em Dempsey antes de ter os resultados do exame de fezes. De modo que, sinto muito, mas nada de remédio para Dempsey até amanhã.

Dempsey nada comeu. Olhou simplesmente para a tigela de comida que Marco lhe preparou e virou o nariz.

Em seguida, deitou-se no degrau dos fundos da casa e ficou ali pelo resto da noite.

No meio da noite, Todd foi acordado pelo que parecia a trilha sonora de efeitos de O Exorcista, uma série de murmúrios e erupções de dar nó no estômago.

Acendeu a luz do quarto e encontrou Dempsey no pé da cama, no meio de uma poça de vômito amarelo brilhante. O cachorro parecia horivelmente envergonhado de ter feito toda aquela sujeira e, no início, recusou-se a aproximar-se de Todd para ser acarinhado, mas, quando fez isso — e Todd envolveu-o com os braços —, era claro que estava muito mal. Todo o corpo de Dempsey estava frio e tremia violentamente.

— Vamos, homem — disse ele. — Nós vamos levar você para receber um tratamento de verdade.

O barulho acordou Marco, que se vestiu para dirigir o carro, enquanto Todd ficava com Dempsey, nesse momento enrolado em sua coberta favorita, uma colcha que a avó de Todd fizera para o neto. O cachorro ficou estirado em cima dos joelhos de Todd, todos os seus 50kg de peso, enquanto Marco dirigia pelas ruas quase desertas até Sepulveda.

Passavam cinco minutos das 5h da manhã quando chegaram ao hospital veterinário e só havia duas pessoas com seus bichinhos de estimação à espera de atendimento. Mesmo assim, só 25 minutos depois é que um veterinário ficou livre para examinar Dempsey, tempo este em que Todd achou que o estado do cão estava piorando. Os tremores tornaram-se mais violentos do que nunca e, em meio a um dos espasmos, ele vomitou convulsivamente uma papa marrom, principalmente no chão, mas também em cima dos sapatos de Todd.

— Bem, agora — disse alegremente o veterinário do plantão da noite —, qual é o problema?

Todd fez um relato completo dos fatos do último dia. O veterinário, em seguida, pediu a Todd que levantasse Dempsey e o colocasse em cima da mesa de exame — escolhendo esse momento particular para dizer que era um grande fã de Todd, como se este pudesse dar a mínima bola para isso nesse instante.

Em seguida, examinou o cão, de forma competente e minuciosa, embora ao mesmo tempo mencionando os filmes de Todd de que ele e a esposa haviam gostado muito e não gostado. Uns cinco minutos depois, notando a expressão de desespero e raiva no rosto de Todd, Marco disse tranquilamente que, nesse momento, o Sr. Pickett estava realmente apenas interessado na saúde de seu cachorro. A boca do veterinário endureceu-se, como se ele tivesse acabado de ser profundamente ofendido, e a maneira como continuou a examinar Dempsey (pelo menos aos olhos de Todd) tornou-se meio brusca.

— Este cachorro está muito, muito doente — disse, ao fim do exame, sem mesmo olhar para Todd e dirigindo-se a Marco.

Ele estava visivelmente embaraçado por sua demonstração anterior de entusiasmo de fã juvenil e, nesse momento, compensava isso de forma excessiva.

Todd sentou-se na mesa de exame para tomar Dempsey nos braços, o que o colocou bem na linha de visão do veterinário.

— Escute — disse ele tranquilamente —, sinto muito se não estou me mostrando tão satisfeito como normalmente aconteceria... com sua apreciação de meus filmes, doutor. Não é nada pessoal. Tenho certeza de que, em outras circunstâncias, poderíamos ter uma ótima conversa sobre esse assunto. Mas eu gostaria em primeiro lugar que Dempsey ficasse confortável. Ele está doente e quero que ele fique bom.

O veterinário, finalmente, conseguiu sorrir de leve e, quando falou, o tom era também tranquilo, semelhante ao de Todd:

— Vou pôr Dempsey em um regime de soro, porque ele obviamente perdeu muito fluido nas últimas 12 a 24 horas. Esse tratamento deve fazer com que ele se sinta muito mais feliz. Enquanto isso, o senhor disse que a Dra. Spenser, na Robertson VCA, havia mandado fazer um exame das fezes?

— Ela disse que poderia ser um vírus.

— Bem... talvez. Mas, olhando para os olhos dele, a coisa me parece mais sistêmica. Se ele fosse um cão mais jovem, eu diria parvovirose ou dirofilária, que é um parasita. Mas, repetindo, geralmente encontramos toxoplasmose em vira-latas e tenho certeza de que ele recebeu medicação para dirofilária. De qualquer modo, veremos amanhã com o exame das fezes.

— Espere, espere. O senhor está dizendo que poderia ser parvovirose ou dirofilária, mas realmente não acredita que seja nenhum dos dois, certo?

— Não acredito que seja isso.

— Neste caso, o que é que o senhor pensa que seja?

O veterinário sacudiu a cabeça.

— Eu diria que há uma probabilidade de mais de 50-50 de que seja algum tipo de tumor. No cérebro ou no tronco cerebral.

— E se ele tiver isso?

— Bem, é a mesma coisa que acontece com seres humanos. Às vezes, podemos dar um jeito...

Nesse momento, como se para demonstrar que as coisas não estavam em um estado lá muito de se dar um jeito, Dempsey começou a tremer nos braços de Todd, as unhas arranhando o metal, enquanto lutava para permanecer de pé.

— Está tudo bem, rapaz, tudo bem!

O veterinário saiu para chamar um enfermeiro e voltou com uma injeção.

— Para que é isso?

— Apenas para acalmá-lo, de modo que possa dormir um pouco.

— Tem certeza?

— Tenho, sim. É um tranquilizante suave. Se não quiser que a aplique no cão, sr. Pickett...

— Quero, sim. Aplique.

A injeção, de fato, aliviou a pequena crise de Dempsey. Levaram-no numa maca para outra sala, onde receberia a solução intravenosa, deixando a colcha com Todd.

— Droga de cachorro — disse ele, nesse momento em que Dempsey estava longe do alcance de sua voz —, dando mais trabalho do que se justifica.

E com lágrimas prontas para escorrer.

— Por que a gente não toma uma xícara de café? — sugeriu Marco. — E conversa mais com o doutor quando a gente voltar?

Havia uma pequena loja de rosquinhas no mini-shopping center ao fim da Sepulveda que acabava de abrir. Foram os primeiros fregueses do dia. No momento em que entrou, Todd teve certeza de que as duas mulheres de serviço o reconheceram, de modo que deu a volta e saiu, em vez de ficar preso em uma conversa. Marco comprou duas xícaras de café e dois salgadinhos, que trouxe

dentro de uma sacola de papel à prova de gordura, e ainda quentes do forno. Embora Todd pensasse que não estava com fome, a pastelaria era gostosa demais para não ser comida, de modo que comeu-a. Em seguida, com as xícaras de café na mão, voltaram os dois ao hospital, os olhos das mulheres da loja de rosquinhas grudadas em Todd até que ele desapareceu de vista.

Calados, os dois continuaram a andar. O dia estava começando, o tráfego na Sepulveda aumentando até o momento de passar para a via expressa.

Havia ali pessoas que teriam que enfrentar ainda duas horas de viagem antes de chegar ao trabalho, pessoas com empregos que odiavam, casas que odiavam e um salário no fim do mês que nem mesmo cobria os custos da hipoteca, da prestação do carro, do seguro de vida.

— Neste exato momento — disse Todd —, eu daria qualquer coisa para ser um deles, em vez de ter que voltar à veterinária.

— Eu posso ir pelo senhor.

— Não.

— Dempsey confia em mim — disse Marco.

— Eu sei. Mas ele é o meu cachorro.



CINCO

Mais uma vez, nenhuma notícia. Dempsey, ligado ao tubo de solução intravenosa, dava a impressão de que o tranquilizante havia produzido efeito. Embora não dormisse, estava pelo menos sedado.

— Vamos tirar uma chapa de raios X amanhã e ver o que ele tem — explicou o veterinário. — Devemos ter os resultados ao fim do dia. De modo que, por que os senhores não vão para casa, enquanto mantemos Dempsey aqui e vemos o que podemos fazer para ele ficar bom?

— Eu quero ficar.

— Isso vai ser muito incômodo para o senhor, sr. Pickett. Não temos um quarto onde possa ficar e, para ser franco, os dois dão a impressão que não tiveram uma noite inteira de sono. Dempsey está levemente sedado e vamos conservá-lo assim. Mas vamos precisar de umas seis ou sete horas antes de podermos lhe dizer alguma coisa. Nossa técnica de raios X trabalha também em nosso hospital em Santa Mónica, de modo que ela nem vai estar aqui para examinar Dempsey até pelo menos 1 lh da manhã.

— Eu quero ficar. Os senhores têm um banco lá fora. E não vão me expulsar daqui se eu ficar lá, vão?

— Não, claro que não.

— Pois é lá que vou ficar.

O veterinário olhou para o relógio.

— Eu vou encerrar meu plantão dentro de meia hora e a veterinária do dia, Dra. Otis, vai cuidar do caso de Dempsey. Eu, claro, vou pedir a ela que acelere tudo que fizemos até agora e, se ela achar que há mais alguma coisa que queira tentar...

— Ela vai saber onde me encontrar.

— Certo.

O veterinário sorriu, seu segundo e último sorriso da noite.

— Muito bem. Espero sinceramente que tenha boas notícias de Dempsey e que quando eu voltar à noite nós dois possamos seguir felizes para casa.

TODD NÃO SE DEIXOU convencer a não ficar sentado ali no banco, mesmo que o mesmo ficasse a alguns passos do balcão da recepção, próximo da máquina automática de venda de refrigerante e o deixasse à vista de todos que entrassem ali nas horas seguintes. Marcos disse que voltaria com uma garrafa térmica de bom café e alguma coisa para comer e deixou-o ali.

A PARADA DE PESSOAS preocupadas começou cedo. Uns cinco minutos depois da saída de Marco, uma mulher aflita entrou, dizendo que havia atropelado um gato e que a vítima estava em seu carro, muito ferida e apavorada. Dois enfermeiros saíram com pares bem usados de luvas de couro e uma seringa de tranquilizante para acalmar a vítima. Voltaram com uma mulher em prantos e um cadáver. As autodefesas do animal em pânico haviam aparentemente esgotado as poucas energias que o corpo ferido ainda possuía. A mulher estava inconsolável. Fez um esforço para agradecer aos enfermeiros, mas tudo que conseguiu foi chorar. Naquela hora do rush houve mais seis acidentes, dois deles fatais. Todd observou tudo isso em um estado de estupidificação.

A falta de sono começava a emparelhar-se com ele. De vez em quando, as pálpebras tremiam, fechava os olhos por alguns segundos e a cena à sua frente saltava, como um pedaço de filme com alguns segundos ainda de ação cortados e colado outra vez. Pessoas moviam-se abruptamente de um lugar para outro. Num momento, alguém entrava, no seguinte conversava (muitas vezes, choroso, logo depois com ar de acusação, sempre emocionado) com um dos enfermeiros, no instante seguinte desaparecia ou ia embora.

Com grande surpresa sua, ninguém lhe dirigiu mais do que um olhar superficial. Talvez, pensassem, aquele ali não podia ser Todd Pickett, sentado em um velho banco ao lado de uma máquina de refrigerante quebrada, em um hospital de emergência para animais. Ou, quem sabe, simplesmente viam-no, reconheciam-no, e não davam a mínima bola para isso. Naquele momento, tinham outras coisas em que pensar, mais urgentes do que a presença estranha de um artista de cinema de fisionomia cansada, sentado em um banco quebrado. Chegaram um rato branco com um abscesso, uma gata que havia tido seis filhotes, mas cujo sétimo estava preso, um porquinho-da-índia numa caixa de sapato, encontrado morto ao ser aberta a caixa, um poodle que não parava de se morder, um problema com pulgas, outro com sarna, dois canários que se odiavam e assim por diante, interminavelmente.

Marco voltou com o café e os sanduíches. Todd tomou um pouco de café e ficou mais alerta.

Dirigiu-se à recepção e pediu, não pela primeira vez, para falar com a veterinária de plantão. Dessa vez, teve sorte. A Dra. Otis, uma mulher pálida e magra que não parecia ter mais de 18 anos de idade e que se recusou a fitá-lo no rosto (embora, compreendeu ele, fosse o costume dela: fez o mesmo com Marco e com os enfermeiros, os olhos sempre em outro lugar), entrou e disse que nada havia para comunicar, exceto que Dempsey ia submeter-se a raios X dentro de meia hora e que as chapas poderiam ser examinadas no dia seguinte. Nessa altura, Todd perdeu a calma. Isso raramente acontecia, mas, quando acontecia, era um espetáculo

impressionante. O pescoço inchava, os músculos do rosto tremiam e os olhos ficavam frios como gelo.

— Eu trouxe meu cachorro aqui às 5h da manhã. Estou esperando — sentado naquele banco —, aquele banco ali, entendeu? Está vendo aquele banco?

— Estou, mas eu...

— É lá que estou desde 6h da manhã. Agora são quase 1 lh. Pedi várias vezes que a senhora tivesse a decência de vir aqui e me dizer o que estava acontecendo com meu cachorro. Sempre cortesmente. E me disseram, uma vez após outra, que a senhora estava ocupada.

— Esta manhã tem sido uma loucura, senhor...?

— Meu nome é Pickett.

— Bem, sr. Pickett, lamento dizer que não...

— Pare por aí. Não diga que não pode obter uma chapa de raios X até amanhã, porque pode. E vai poder. Quero que meu cachorro seja examinado e, se não fizer isso, vou levá-lo a algum outro lugar onde ele possa ser tratado e dar um jeito para que todas as drogas de jornal no estado da Califórnia...

Nesse momento, outra mulher, obviamente a administradora, apareceu e tomou-lhe a mão, apertando-a.

— Sr. Pickett. Meu nome é Cordélia Simpson. Está tudo bem, Andrea, eu atendo o sr. Pickett.

A jovem veterinária retirou-se. Estava dois tons mais branca do que no início da conversa.

— Eu ouvi a maior parte do que o senhor disse a Andrea...

— Escute, sinto muito. Meu jeito de falar não é esse. Não gosto de perder a esportiva, mas...

— Não, tudo bem, eu compreendo. O senhor está cansado e preocupado com...?

— Dempsey.

— Dempsey. Certo.

— Fui informada de que ele vai tirar hoje uma chapa de raios X e que teremos os resultados esta tarde.

— Bem, a rapidez dessas coisas depende do volume de trabalho, sr. Pickett — explicou Cordélia. Era inglesa e tinha o rosto e as maneiras de uma mulher que não seria agradável se irritada, mas estava fazendo o melhor que podia para mostrar uma cara mais simpática. — Eu li uma matéria sobre o senhor no LA Times no ano passado. Lembro-me de que o senhor estava com Dempsey na primeira página. Evidentemente, o senhor gosta muito de seu cachorro. O que vamos fazer é o seguinte. — Consultou o relógio. — Dempsey está se submetendo agora mesmo ao exame de raios X e lhe garanto que teremos o laudo por volta das... 6h. Talvez isso aconteça mais cedo, mas acho que posso garantir às 6h.

— Quanto tempo, antes de eu poder levá-lo para casa?

— Quer levá-lo agora?

— Quero.

— O senhor vai achar que ele está muito sonolento. Tenho certeza de que ele não vai conseguir andar.

— Eu o carrego.

Cordélia inclinou a cabeça. Reconhecia um objeto inamovível quando o via.

— Mandaremos um dos enfermeiros chamá-lo quando ele estiver pronto. Aquilo ali é dele?

Apontou para a colcha em cima do banco Sem notar Todd esteve ninando a colcha enquanto esperava. Não era de espantar que as pessoas tivessem se mantido longe dele.

— É...

— Quer que eu mande que seja enrolado na colcha?

— Obrigado.

Cordélia pegou a colcha.

— E aceite minhas desculpas, sr. Pickett, por quaisquer aborrecimentos que possa ter tido. Nossos veterinários estão horivelmente sobrecarregados de trabalho. E, lamento dizer, frequentemente pessoas que são maravilhosas com animais nem sempre são muito boas com seres humanos.

Dez minutos depois, um troncado latino apareceu trazendo Dempsey enrolado na colcha. As orelhas dele empinaram-se apenas um pouco ao ver o dono, o suficiente para que Todd soubesse que abraçar o cachorro e lhe sussurrar palavras de carinho significavam alguma coisa.

— Vamos para casa, meu velho — murmurou Todd, carregando o cão degraus abaixo, tomando a rua e dirigindo-se até o pequeno pátio de estacionamento atrás do prédio, onde Marco, de ré, tirava o carro da vaga. — Sei que você não gostou daqui. Todas aquelas pessoas que você não conhecia, com aquelas agulhas e toda aquela merda. Bem, eles que se fodam. — Enfiou o nariz na almofada de pêlos macios atrás da orelha de Dempsey, o lugar que sempre era o mais cheiroso. — Estamos voltando para casa.

Nas horas seguintes, Dempsey dormitou deitado na colcha que Todd havia posto em cima da grande cama de casal. Ficou ao lado dele, embora a necessidade de sono o surpreendesse várias vezes e ele mergulhasse por alguns minutos na terra dos sonhos: via principalmente fragmentos das cenas que havia presenciado do banco na sala de espera, a caixa com o corpo do porquinho-da-índia, aquele poodle maluco tirando sangue do próprio traseiro, tudo aquilo apenas fragmentos do dia, aparecendo e desaparecendo.

Em seguida, acordava, acariciava Dempsey por um momento, falava com ele, dizia-lhe que tudo ia acabar bem.

Por volta das 4h, as energias em Dempsey pareceram voltar subitamente, naquela hora em que ele geralmente comia. Todd pediu a Marco que preparasse uma versão para doente da refeição habitual, com frango em vez de carne moída de cavalo, ou qualquer droga de coisa que houvesse nas latinhas, e um bom molho de algum tipo. Dempsey comeu tudo, embora tivesse que ser amparado para fazer isso, já que as pernas não conseguiam mantê-lo em pé. Em seguida, bebeu uma tigela cheia de água.

— Muito bom, muito bom — disse Todd.

Dempsey tentou balançar a cauda, mas não havia mais energia nela do que nas pernas.

Todd levou-o para fora para fazer coco e xixi. Uma garoa caía nesse momento, não fria, mas refrescante. Segurou o cachorro, esperando que a necessidade agisse sobre Dempsey, virou o rosto para a chuva e fez em voz baixa uma pequena prece.

— Por favor, Deus, não o tire de mim. Ele é apenas um cachorro velho, fedorento. Você não precisa dele como eu preciso. Você me ouviu? Por favor... ouça. Não o leve.

Olhou para Dempsey e descobriu que o cachorro retribuía o olhar, aparentemente prestando atenção a cada palavra, as orelhas meio empinadas, os olhos semi-abertos.

— Você acha que alguém está ouvindo? — perguntou Todd.

Como resposta, Dempsey desviou a vista, a cabeça balançando insegura no pescoço. Em seguida, emitiu um som feio e profundo na barriga e o corpo todo entrou em convulsão. Todd jamais tinha visto a expressão de vômito projetado exibida com tanta força. Da boca de Dempsey jorrou uma mistura de frango mastigado, ração e água. Logo que parou, Dempsey começou a gemer baixinho. Dez segundos depois, o cão repetiu a mesma cena, até lançar longe cada migalha de alimento e gota d'água que havia ingerido.

Após a segunda crise de vômito, não teve mais forças nem para gemer. Todd envolveu-o na colcha e levou-o de volta para dentro. Pediu a Marco que trouxesse algumas toalhas e secou-o nos lugares molhados pela chuva.

— Acho que o senhor não quer saber do que esteve acontecendo o dia todo, quer?

— perguntou Marco.

— Alguma coisa importante?

— Grande receita de bilheteria de Gallows no exterior, especialmente na França. Aparentemente, o filme está tendo um sucesso enorme na França. Maxine quer saber se o senhor deseja escrever alguma coisa sobre a doença de Dempsey para uma das revistas femininas.

— Não.

— Foi isso o que eu disse a ela. Ela disse que o público feminino ia adorar, mas eu disse...

— Não! Droga. Por que é que essas pessoas não param nunca? Não.

— Um telefonema para o senhor de Walter, da DreamWorks, sobre alguma coisa de caridade que ele está organizando. Eu disse a ele que o senhor estaria de volta amanhã.

— O telefone está tocando.

— É mesmo.

Marco dirigiu-se ao telefone mais próximo, que ficava no quarto do patrão, enquanto Todd acabava de secar o cachorro.

— É Andrea Otis. Do hospital. Acho que é aquela moça nervosa com quem o senhor falou esta manhã.

— Fique com ele — disse Todd a Marco.

Foi até o banheiro, que estava frio, e pegou o telefone.

— Sr. Pickett?

— Eu mesmo.

— Em primeiro lugar, acho que lhe devo uma desculpa por causa desta manhã...

— Não, tudo bem.

—... e sinto muito.

— Dempsey.

— Isso. Bem, recebemos o laudo do raios X... Lamento dizer que as notícias não são boas.

— Por que não? Qual é o problema dele?

— Ele está com câncer.

Todd precisou de um longo tempo para digerir a triste notícia. Em seguida, respondeu: — Isso é impossível.

— Na espinha. No cólon...

— Mas isso não pode acontecer.

— E está se espalhando agora pelo cérebro, que é o motivo por que só agora o descobrimos. Esses problemas motores e perceptivos que ele está tendo são todos partes da mesma coisa. O tumor está se espalhando pela caixa craniana e pressionando o cérebro.

— Oh, Deus.

— De modo que... não sei o que o senhor quer fazer.

— Eu gostaria que isso não estivesse acontecendo.

— Bem, sim, mas lamento dizer que está.

— Quanto tempo de vida ele ainda tem?

— O estado atual dele está realmente tão bom quanto as coisas vão ficar. — Ela falava como se estivesse lendo as palavras de um cartaz destinado a idiotas, tendo o cuidado de deixar exatamente o mesmo espaço entre cada uma delas. — O que está realmente em questão é a rapidez com que Dempsey vai entrar em coma.

Pela porta aberta, Todd olhou para a triste forma que tremia embaixo da colcha. Era claro que Dempsey já havia atingido esse ponto. Todd, às vezes, podia ser absurdamente otimista, mas este não era um desses momentos.

— Ele está com dores? — perguntou à veterinária.

— Eu diria que não é tanto com a dor que estamos lidando, mas ansiedade. Ele não sabe o que lhe está acontecendo. E nem por que está acontecendo. Ele está simplesmente sofrendo, sr. Pickett. E a coisa vai simplesmente se tornar cada vez pior.

— De modo que a senhora está dizendo que devo mandar sacrificá-lo?

— Não me cabe dizer o que o senhor deve fazer com seu cachorro, sr. Pickett.

— Mas... e se ele fosse seu cachorro?

— Se fosse meu cachorro e eu o amasse como o senhor obviamente ama Dempsey, eu não quereria que ele sofresse... Sr. Pickett, o senhor está me ouvindo?

— Estou — respondeu Todd, tentando manter fora da voz o som das lágrimas.

— De modo que a decisão só cabe mesmo ao senhor.

Todd olhou novamente para Dempsey, que emitia um triste som enquanto dormia.

— Se eu levá-lo de volta ao hospital?

— Sim?

— Haveria alguém para o sacrificar?

— Claro. Eu estarei aqui.

— Neste caso, é isso o que quero fazer.

— Sinto muito, muito mesmo, sr. Pickett.

— Não é culpa sua.

DEMPSEY ACORDOU POR um momento quando Todd voltou para a cama, mas aquilo foi pouco mais do que uma fungadela e um leve movimento da cauda.

— Vamos, você — disse, enrolando fortemente Dempsey na colcha e erguendo-o do chão —, quanto mais cedo isso for feito, mais cedo você deixará de ser um cachorro infeliz. Você guia, Marco?

Embora fossem 4h30min da tarde e não choviscasse mais, o trânsito continuava um horror. Precisaram de 55min para chegar ao hospital, mas, desta vez — talvez para compensar a ausência na última vez em que ele esteve lá —, a Dra. Otis esperava-o na recepção. Abriu a porta lateral e levou-o para uma área vedada ao público.

— Quer que eu entre também, chefia? — perguntou Marco.

— Não, tudo okay. Estaremos bem.

— Ele parece realmente inconsciente — observou a veterinária.

Dempsey mal conseguiu abrir os olhos ao ouvir a voz de Todd.

— Entenda, sei que parece realmente estranho dizer isso, mas, de certa maneira, tivemos sorte porque essa coisa pegou-o com tanta rapidez. Com alguns cachorros, isso leva às vezes semanas e meses...

— É aqui? — perguntou Todd.

— É...

A veterinária abriu a porta para uma sala de 2,5m x 2,5m, pintada com a intenção de ser um verde tranquilizante. Na parede, uma reprodução de Monet e, na outra, um poema que não conseguiu ler por causa das lágrimas que se formavam em seus olhos.

— Eu vou dar algum tempo aos dois para ficarem juntos — disse a Dra. Otis. — Volto dentro de alguns minutos.

Todd sentou-se com Dempsey nos braços.

— Droga — disse ele baixinho. — Isso não é justo.

Pela primeira vez em várias horas, Dempsey abriu inteiramente os olhos, provavelmente porque ouviu o choro de Todd, o que sempre o tornava atento, mesmo que fosse choro de mentirinha. O dono poderia estar ensaiando uma cena triste de filme, decorando as falas e, logo que a primeira nota de tristeza lhe aparecia na voz, Dempsey chegava, punha as patas nos joelhos de Todd, pronto para consolá-lo. Dessa vez, porém, não teve forças para ajudar o dono a acalmar-se. Tudo que pôde fazer foi olhar fixamente para Todd, com uma leve expressão de perplexidade no rosto.

— Oh, Deus, só espero estar fazendo a coisa certa. Como eu gostaria que você apenas pudesse me dizer que é isso o que quer. — Beijou-o, lágrimas pingando na pelagem do cachorro. — Eu sei que, se eu fosse você, não ia querer fazer coco por toda parte e não conseguir me levantar. Isso não é vida, ahn?

Enterrou o rosto no cheiro do animal. Durante anos — tivesse ele ou não companhia feminina — Dempsey havia dormido em sua cama e, quase sempre, era quem o acordava, tocando-lhe o rosto com o nariz frio, esfregando-lhe o peito com o pescoço.

— Eu amo você, meu cachorrinho — disse ele. — E quero que você esteja lá quando eu chegar ao céu, combinado? Quero que você guarde um lugar para mim. Você faz isso? Você guarda um lugar para mim?

Uma batida discreta na porta e o estômago de Todd deu um nó.

— Acabou o tempo, meu chapa — disse, beijando o nariz quente em brasa de Dempsey.

Mesmo agora, pensou, eu poderia dizer não, não quero que a senhora faça isso. Poderia levar Dempsey para casa e para mais uma noite na cama. Mas o cachorro

já havia suportado tudo que podia. Mal conseguia levantar a cabeça.

Era tempo de dizer adeus.

— Entre — disse.

A veterinária entrou e, pela primeira vez, fitou-o nos olhos.

— Eu sei como isso é difícil — disse. — Eu mesmo tenho cachorros, todos vira-latas, como Dempsey.

— Dempsey, você ouviu isso? — perguntou Todd, as lágrimas se recusando a parar. — Ela chamou você de vira-lata.

— Eles são os melhores.

— Sim, são mesmo.

— O senhor está pronto?

Todd inclinou a cabeça, ponto em que ela imediatamente transferiu a atenção para o cachorro. Tomou Dempsey dos braços de Todd e colocou-o em uma mesa de aço num canto da sala, falando com ele o tempo todo: — Calma, Dempsey. Isso não vai doer nada. É simplesmente uma pequena picada.

Puxou uma seringa do bolso e tirou a tampinha da agulha. No fundo da mente de Todd, a mesma voz irracional gritava: "Diga a ela que não! Arranque a seringa da mão dela! Logo! Logo!" Afastou esses pensamentos, enxugou as lágrimas com as costas da mão, porque não queria ficar cego por elas quando isso acontecesse. Queria ver tudo, mesmo que doesse como uma faca enfiada em sua carne. Devia isso a Dempsey. Pôs a mão no pescoço de Dempsey e alisou o lugar favorito dele. A agulha penetrou na perna de Dempsey. Ele soltou um pequeno grunhido de protesto.

— Bom menino — disse a Dra. Otis. — Acabou. Não doeu muito, doeu?

Todd continuou a alisar o pescoço de Dempsey.

A veterinária repôs a tampinha da agulha e enfiou a seringa no bolso.

— Está tudo bem — disse. — Pode deixar de alisá-lo. Ele morreu.

Tão rápido! Todd enxugou outra onda de lágrimas e olhou para o corpo na mesa. Os olhos de Dempsey continuavam semi-abertos, mas não o fitavam mais. No lugar onde houvera vida alegre, tranqüinadas e rituais compartilhados — onde, em suma, houvera Dempsey — não havia mais nada.

— Sinto muito, sr. Pickett — disse a veterinária. — Tenho certeza de que o senhor o amava muito e, falando como veterinária, eu sei que o senhor fez a coisa certa por ele.

Todd fungou alto e estendeu a mão para pegar um bocado de lenços de papel em uma caixa.

— O que é que diz aquilo? — perguntou, apontando para o poster emoldurado na parede. As lágrimas tornavam-no incompreensível.

— É uma citação de Robert Louis Stevenson — respondeu Andrea. — O senhor sabe, o homem que escreveu A Ilha do Tesouro.

— Sim, eu sei...

— A citação diz: *"Vocês pensam que cachorros não vão para o céu? Eu lhes digo: eles estarão lá muito antes do que qualquer um de nós."*



SEIS

Todd esperou até chegar em casa e controlou as lágrimas para providenciar a cremação de Dempsey. Deixou um recado na empresa recomendada pelo hospital, pedindo que o assunto fosse tratado com discrição. A funerária pegaria o corpo de Dempsey no necrotério do hospital, faria a cremação e recolheria as cinzas, garantindo que não haveria mistura de "crecinzas" — como eram descritas — e que as cinzas entregues ao dono seriam realmente as do cachorro. Em outras palavras, não iriam juntar canários, papagaios, ratos brancos, cães e porquinhos-da-índia em uma grande fogueira, dividindo as "crecinzas" (a palavra revoltava-o) no que pareciam ser os volumes apropriados. Ligou também para a casa de seu contador e mandou que providenciasse um donativo de dez mil dólares ao hospital, sendo a única exigência do doador que 500 dólares do dinheiro fossem gastos em um banco mais confortável para as pessoas que ali ficassem à espera.

Dormiu muito bem, com ajuda de vários Ambien e um uísque reforçado, até 4h30min da manhã, quando acordou e sentiu Dempsey movendo-se ao pé da cama. O tranquilizante havia lhe tornado confusos os processos mentais.

Precisou de alguns segundos sentado na cama e de pôr a colcha no chão naquele lugar para recuperar a plena consciência. Dempsey não estava ali.

Ainda assim, sentiu-lhe a presença e juraria isso sobre um monte de Bíblias, levantando-se e dando várias voltas em torno do mesmo lugar, ajeitando a caminha até torná-la confortável.

Descansou a cabeça no travesseiro e voltou a dormir, embora não tivesse mais um sono reparador. Manteve-se semi-acordado, olhando para a escuridão ao pé da cama, perguntando-se se Dempsey era nesse momento um fantaminha e se continuaria a lhe assombrar os tornozelos até ter o bom senso de continuar seu caminho para o céu.

Dormiu até às 10h, ocasião em que Marco entrou trazendo o telefone e na linha uma mulher chamada Rosalie, do Pet Cremation Service. Ela foi gentil à sua maneira prática. Sem a menor dúvida, ela ouvira pessoas próximas da histeria no outro lado da linha, de modo que uma pequena distância profissional era necessária. Já havia entrado em contato com o hospital naquela manhã, disse, e sabido que o animal tinha consigo uma coleira e uma colcha. Queria que fossem devolvidas ou cremadas também com o bichinho?

— Eram dele — respondeu Todd —, de modo que devem ir com ele.

— Muito bem — respondeu Rosalie. — Neste caso, a única questão que resta é a da urna. Temos três variedades...

— A melhor que tiverem.

- Esta seria nosso Estilo Grego em Bronze.
- Essa parece satisfatória.
- E agora tudo de que precisamos é o número de seu cartão de crédito.
- Vou transferi-la para meu assistente. Ele pode resolver isso.
- Apenas mais uma pergunta.
- Pois não.
- O senhor é... o Todd Pickett?

Claro, ele era o verdadeiro Todd Pickett. Embora não se sentisse como a pessoa real e, sim, mais como uma cópia machucada do original. Coisas como essas não aconteciam ao autêntico Todd Pickett. Ele tinha um trato com a vida que fazia com que ela sempre lhe mostrasse seu lado mais brilhante.

Voltou a dormir até o meio-dia, quando se levantou e almoçou, o corpo todo doendo como se estivesse pegando um resfriado. Deixando a comida pela metade, ficou sentado em seu canto na mesa do café da manhã, olhando sem ver para as plantas em vasos, arrumadas artisticamente no pátio, plantas que nunca conseguiu convencer Dempsey a deixar de saudar com a perna levantada cada vez que por elas passava.

- Vou voltar para a cama — disse a Marco.
- Não vai querer dizer a Maxine que fala com ela depois? Ela ligou nove vezes esta manhã. Disse que tem notícias de um comprador estrangeiro para o Warrior.
- Você contou a ela o que aconteceu com Dempsey?
- Conteí.
- O que foi que ela disse?
- Ela disse: Oh. Depois, voltou a falar no comprador.

Todd suspirou, derrotado pela incompreensão daquela mulher.

- Talvez seja tempo de eu abandonar esta droga de trabalho — disse a Marco. — Não tenho mais colhões para isso. Nem a energia.

Marco nenhum protesto fez. Odiava, e sempre odiou, tudo nesse negócio de cinema, menos Todd.

- Por que nós não vamos para Key West, como sempre prometemos a nós mesmos? Abrir um bar. Engordar, ficar bêbados...

—... e morrer de infarto aos 50 anos.

- O senhor está mórbido agora.

— Um pouco.

- Bem, isso não vai durar para sempre. E, um destes dias, teremos que prestar uma homenagem a Dempsey e arranjar outro cachorro.

— Isso não seria prestar uma homenagem a ele, isso seria substituí-lo. E ele era insubstituível. Quer saber por quê?

- Por quê?

— Porque ele já estava aqui quando eu não era ninguém.

— Vocês dois foram filhotes juntos.

Essas palavras provocaram um sorriso em Todd, o primeiro em 48 horas.

— Isso mesmo... — disse, a voz prestes a falhar novamente. — Fomos filhotes juntos. — Fez força para conter as lágrimas, mas elas surgiram, de qualquer maneira. — O que, diabo, está errado comigo? Ele era um cachorro. Quero dizer... vamos. Diga-me com toda honestidade, você acha que Tom Cruise vai chorar um dia inteiro se morrer um dos cachorros dele?

— Eu não acho que ele tenha cachorros.

— Ou Brad Pitt?

— Não sei. Pergunte a eles. Na próxima vez em que estiver com eles, pergunte.

— Vou perguntar, mesmo, e isso vai ser uma ceninha e tanto. Todd Pickett e Brad Pitt. "Me diga uma coisa, Brad, quando seu cachorro morreu, você uivou como uma mulher durante dois dias?"

Nesse momento foi Marco quem riu.

— Uivou como uma mulher?

— É assim que eu me sinto. Acho que estou no meio de alguma estúpida crise de choro.

— Talvez o senhor deva chamar Wilhemina e foder ela.

— Wilhemina não fode. Ela faz amor com velas e um bocado de panos de limpeza. Juro que ela pensa que vou lhe dar alguma coisa.

— Pulgas?

— Isso mesmo. Pulgas. Sabe de uma coisa? Como último ato de rebelião em nome de Dempsey e do meu próprio, eu gostaria de passar umas pulgas para Wilhemina, Maxine e...

— Gary Eppstadt.

Os dois riram nesse momento, curando a dor da única maneira como ela podia ser curada, ao incluí-la na natureza das coisas.

Falando em inclusão, por volta das 6h, Todd recebeu um telefonema da mãe.

Ela estava em casa, em Cambridge, Massachusetts, mas parecia pronta para saltar no primeiro avião e lhe fazer uma visita. E estava em um daqueles seus estados de espírito tipo "estou sentindo uma coisa esquisita".

— O que é que está acontecendo?

— Nada.

— Está, sim.

Ela tinha inevitavelmente razão. Podia prever com uma exatidão surpreendente as ocasiões em que precisava telefonar para o filho famoso e as vezes em que devia guardar distância. Uma vez por outra, Todd lhe mentia e conseguia se safar. Aquele dia, porém, não era um deles. E do que adiantava?

— Dempsey morreu.

— Seu velho vira-lata.

— Ele não era um velho vira-lata e, se for falar nele nesses termos, vamos terminar esta conversa agora mesmo.

— Que idade tinha ele? — perguntou Patrícia.

— Onze anos, quase 12.

— É a idade certa de morrer.

— Não para um cachorro como ele.

— Que tipo de cachorro seria esse?

— Você sabe...

— Um vira-lata. Vira-latas sempre vivem mais do que cachorros de pura raça. Isso é um dos fatos da vida.

— O meu não durou tanto.

— Comida demais, gordurosa demais. Você estragava aquele cachorro...

— Há mais alguma coisa que queira me dizer, além de me passar um sermão sobre a maneira como matei de bondade meu cachorro?

— Não. Eu estava simplesmente querendo conversar um pouco, mas, evidentemente, você não está disposto.

— Eu amava Dempsey, mamãe. Entendeu o que estou dizendo?

— Se você não se importar se eu disser uma coisa...

— Será que posso impedir você de fazer isso?

—... é triste que o único relacionamento sério que você teve até hoje foi com um cachorro. É tempo de você crescer, Todd. Você não está ficando mais moço, sabia? Pense na maneira como seu pai morreu.

— Eu não quero falar nisso agora, okay?

— Escute.

— Mamãe, eu não...

— Você tem os genes dele, portanto ouça pelo menos uma vez, "okay"? Ele era um homem bonitão, até uns 34, 35 anos de idade. Bem, reconheço que ele não se cuidava e que você se cuida... quero dizer, ele fumava e bebia muito mais do que seria bom para ele. Mas a boa aparência dele acabou praticamente da noite para o dia.

— Da noite para o dia? Isso é ridículo. Ninguém tem boa aparência num dia e...

— Muito bem, não foi da noite para o dia. Mas eu estava presente. Eu vi. Acredite, foi rápido. Cinco, seis meses, e toda aquela boa aparência desapareceu. Embora isso fosse um exagero absurdo, havia alguma verdade no que Patrícia Pickett dizia. O pai perdeu a boa aparência com notável rapidez. Não seria o tipo de coisa que um filho notaria necessariamente, mas Todd tinha um segundo ponto de vista sobre a deterioração do pai: seu melhor amigo, Danny, tinha sido criado

por uma mãe solteira que, várias vezes, contou ao filho o que sentia por Merrick Pickett. Os boatos chegaram a Todd, claro. Na verdade, haviam se transformado em relatórios semanais, uma vez que os planos da mãe de Danny para seduzir o objeto inocente de seus desejos eram preparados (e fracassavam) e voltavam a ser feitos.

Todd lembrou-se de tudo isso enquanto a mãe continuava a falar. No fim, disse: — Mamãe, vou ter que sair. Vou ter que resolver umas coisas sobre a cremação.

— Oh, Deus. Tomara que você esteja sendo discreto a esse respeito. A mídia faria uma festa com você e seu cachorro.

— Mais razão ainda para você ficar de bico calado sobre isso — avisou ele. — Se alguém telefonar, pedindo um comentário seu.

— Eu não sei de nada.

— Você não sabe de nada.

— Eu conheço agora a rotina, amor. Não se preocupe, seu segredo está seguro comigo.

— Não conte nem mesmo aos vizinhos.

— Tudo bem. Não vou contar.

— Ciao, mãe.

— Sinto muito sobre Brewster.

— Dempsey.

— Qualquer que seja o nome dele.

Era verdade, descobriu Todd ao pensar seriamente no assunto: Merrick Pickett perdeu com uma rapidez surpreendente a boa aparência. Um dia, era o agente de seguros mais bonito da cidade de Cincinnati, no outro (era o que parecia), a mãe de Danny não o olharia duas vezes. E se isso fosse hereditário? Vamos supor que cinquenta por cento disso fosse hereditário?

Ligou para o escritório de Eppstadt. O filho da puta deixou passar 48 minutos antes de retornar a ligação e, quando falou, foi em tom seco.

— Tomara que esta conversa não seja sobre o Warrior.

— Não é.

— Nós não vamos fazer esse filme, Todd.

— Entendi, Gary. Seu assistente está escutando esta conversa?

— Não. O que é que você quer?

— Quando almoçamos juntos, você recomendou um cara que havia feito certo trabalho para alguns nomes famosos.

— Bruce Burrows?

— Como é que entro em contato com ele? Ele não consta do catálogo.

— Não se preocupe. Eu faço o contato por você.

— Obrigado.

— Este telefonema foi bom, Todd. Tenho esperança de que a gente volte a trabalhar juntos, logo que você tiver alta.

De posse do número, Todd não hesitou mais. Ligou para Burrows, marcou uma consulta e sondou o médico sobre algumas datas para a operação.

Mas havia uma questão importante pendente, antes de dar prosseguimento ao que pretendia fazer: o destino a dar às cinzas de Dempsey. A despeito das palavras tranquilizadoras de Robert Louis Stevenson, não tinha qualquer ideia sobre onde ficaria qualquer alma, animal ou humana. Só sabia que queria que os restos mortais de Dempsey fossem colocados no lugar onde ele havia sido mais feliz. Não havia dúvida sobre o lugar: o quintal da casa de Bel Air, que havia sido, desde o tempo de filhote, o território incontestado de Dempsey, o pátio de escola quando chegava a vez de aprender novas gracinhas.

E foi lá, na noite anterior ao dia em que se pôs nas mãos de Bruce Barrows, que levou a urna de bronze-plástico fornecida pela funerária, um saco de plástico, que por sua vez continha as cinzas de Dempsey. Havia muita cinza, mas ele também tinha sido um cachorro parrudo.

Sentou-se no meio do quintal, onde ele e Dempsey haviam se sentado tantas vezes e observado juntos o céu, e tirou com a mão um pouco de cinza.

Que parte dessa areia cinzenta era a cauda, perguntou a si mesmo, e qual o nariz? Que parte daquele lugar atrás da orelha que ele o amaria para sempre se a acariciasse? Ou será que isso importava? Do que adiantava espalhar as cinzas se, no fim, toda ela pareceria a mesma? Não só o nariz e a cauda, mas as cinzas de um cachorro e de um homem. Tudo isso conversível, com o auxílio de uma pequena chama, a essa cinza mosqueada? Tocou-a com os lábios, uma vez para lhe dar um beijo de adeus. Mentalmente, ouviu a mãe lhe dizendo que aquilo era uma coisa grosseira, doentia, de fazer e, por isso, beijou-a novamente, apenas para fazer raiva a ela. Em seguida, levantou-se e espalhou as cinzas de Dempsey, como um agricultor espalha sementes.

Não havia vento. A cinza caiu quando as lançou, distribuindo-se uniformemente sobre os domínios do vira-lata.

— A gente se vê, cachorrinho — disse, e reentrou na casa para tomar um bourbon reforçado.

PARTE TRÊS

Tempos mais sombrios



UM

Durante quatro meses, quando tinha 17 anos, Todd trabalhou no Sunset Home for the Elderly, um abrigo para idosos nos arredores de Orlando, em um emprego conseguido por tio Patrick, que trabalhava como contador na Sunset Homes Incorporated. O lugar era pouco mais do que um depósito para os quase mortos. Trabalhar ali havia sido a experiência mais depressiva de sua jovem vida. Embora seus deveres não incluíssem pacientes — desde que não tinha formação de enfermeiro, nem pretendia ter. Ainda assim, foi encarregado de cuidar de um dos abrigados mais idosos, um homem chamado Duncan McFarlane, porque ele costumava ficar afoito quando o banho era dado por enfermeira. McFarlane não lhe deu muito trabalho. Ele era simplesmente um filho da puta amargurado, que não ia facilitar a vida de ninguém, se pudesse evitar isso. O ritual de dar um banho na cama nesse paciente era o horror particular de Todd. A vista do próprio corpo despertava uma profunda auto-repugância no velho. Fazendo perguntas, Todd descobriu que McFarlane, no auge de sua forma, havia sido um atleta. Nesse momento — à idade de 80 anos —, nenhum traço restava da antiga força e beleza. Ele era um saco pálido de merda e ressentimento, enojado da vista de si mesmo.

Olhe para mim, dizia quando Todd lhe tirava a roupa, Cristo, olhe só para mim, Cristo, olhe só para mim. Em todas as ocasiões era o mesmo murmurado horror. Olhe só para mim, Cristo, olhe só para mim.

Até esse dia, a imagem da nudez de McFarlane permanecia na memória de Todd em todos seus grotescos detalhes: a pequena barba de pêlos brancos sujos pendente dos testículos, a constelação de verrugas altas, pretas, em volta do mamilo esquerdo, as dobras enrugadas da pele, a carne manchada pelancuda sob os braços. Todd sentia-se culpado pelo nojo daquele homem e ficou calado sobre isso, até o dia em que o assunto foi matéria de discussão na sala de recreio e descobriu que seus sentimentos eram compartilhados especialmente pelos enfermeiros. As enfermeiras, talvez, sentiam, aparentemente, mais compaixão ou eram simplesmente indiferentes aos fatos da senilidade sorrateira. Os outros homens do quadro de pessoal — quatro deles, além de Todd — daí em diante passaram a falar constantemente da feiúra de seus pacientes. Um membro do quarteto — um negro de New Orleans chamado Austin Harper — era especialmente eloquente sobre o assunto.

— Eu não vou acabar como nenhum desses merdas — disse ele em mais de uma ocasião. — Dou um tiro nos miolos antes de cair tão danado de baixo assim.

— Isso não vai acontecer — respondeu Todd.

— Como é que você sabe disso, menino branco? — perguntou Austin.

Ele havia passado a mão pela bunda de Todd, o que fazia em todas as oportunidades que apareciam.

— Quando a gente estiver tão velho como esses caras, vai haver uma maneira de consertar isso — respondeu Todd.

— Você quer dizer que a gente vai viver para sempre? Conversa mole. Eu não engulo nada dessas besteiras de ficção científica, menino.

— Não estou dizendo que a gente vai viver para sempre. Mas vão descobrir o que é que causa rugas e uma maneira de alisá-las.

— Vão mesmo? De modo que você vai ser todo alisado, é isso?

— Tenho tanta certeza disso quanto de que existe o inferno.

— Mas ainda vai morrer, embora morra todo lisinho e bonitinho?

Com um gesto de apreciação, deu outra palmadinha no traseiro de Todd.

— Quer acabar de fazer isso? — disse Todd.

— Eu paro quando você acabar de se rebolar na minha frente — riu Austin, e lhe deu outra palmada, mas dessa vez uma pancada que doeu.

— De qualquer modo — disse Todd —, não dou a mínima merda para o que você pensa. Vou morrer bonito.

Essa frase ficou na memória. Morrer bonito, essa era sua grande ambição.

Morrer bonito e não fazer como o pobre e velho Duncan McFarlane, olhando para a própria nudez e dizendo sem parar: Oh, Cristo, olhe só para mim. Oh, Cristo, olhe só para mim. Oh, Cristo...

Dois meses depois de deixar a Flórida a caminho de Los Angeles, onde ia fazer um teste para o cinema, recebeu um bilhete rabiscado de Austin Harper, que — dado que era mais ou menos certo que eles nunca mais se encontrariam — dizia que, tudo bem, se Todd soubesse que, se ele, Austin, tivesse tido uma oportunidade, teria metido na bunda dele *"o caminho todo, até Key West e de volta"*. *"E você ficaria também todo liso por dentro, menino"*, escreveu Harper.

"Oh, por falar nisso", acrescentou, "aquele velho de merda, McFarlane, morreu há uma semana. Tentou tomar banho sozinho no meio da noite. Afogou-se em 7,5cm de água. Isso é que eu chamo uma coisa danada de burra de fazer."

"Continue lisinho, homem. Você vai se dar bem. Tenho certeza disso. Simplesmente, lembre-se de me agradecer quando lhe derem um Oscar."



DOIS

— Guri?

Todd flutuava em um espaço preto retinto, o corpo solto. Nem mesmo conseguia senti-lo.

— Guri? Está me ouvindo?

A despeito da escuridão por todo lado era confortável estar ali. Nessa terra de ninguém não havia predadores. Nem tubarões nadando em círculos, querendo dez por cento de suas carnes. Sentia-se agradavelmente longe de tudo. Exceto da voz que o chamava.

— Guri? Se estiver ouvindo, mexa um dedo.

Era um macete, sabia. Era uma maneira de trazê-lo de volta ao mundo onde viveu e respirou certa vez e foi infeliz. Mas não queria voltar. Esse lugar era instável demais, instável e ofuscante. Queria continuar onde estava, ali na escuridão, flutuando, flutuando.

— Guri... sou eu, Donnie. Donnie?

Espere, isso não pode ser. Seu irmão mais velho, Donnie? Eles não se falavam há meses. Por que ele estaria ali, tentando atraí-lo para longe desse confortável esconderijo? Mas, então, se não era Donnie, quem era? Ninguém jamais o chamou de guri.

Sentiu uma fraca sensação de ansiedade. Donnie morava no Texas, pelo amor de Deus. O que era que ele estava fazendo ali?

— Fale comigo, guri.

Com grande relutância, Todd obrigou-se a atender ao chamado, embora, quando finalmente convenceu os lábios a formar a resposta, o som que produziu tenha sido tão distante como a lua.

— Donnie?

— Uau, como é que você está? Tenho que dizer que é bom ver você de volta na terra dos vivos.

Todd sentiu uma mão em cima do braço. A sensação, tal como a voz de Donnie, e a sua, também, pareciam distantes, amortecidas.

— Você nos deixou por um momento preocupados.

— Por que... é... tão escuro aqui? — perguntou. — Pode pedir a alguém que acenda a luz?

— Tudo vai correr bem, meu chapa.

— Donnie. Por favor. Acenda a luz.

— Ela está acesa, guri. Acontece apenas que você tem umas ataduras no rosto. Só isso. Mas vai ficar logo bom.

Ataduras no rosto.

Nesse momento, tudo começou a voltar. Suas últimas lembranças. Havia estado sob o bisturi de Burrows durante a grande operação.

A última coisa de que se lembrava era Burrows lhe dizendo para contar regressivamente de 10 a 1. Ele lhe sorriu, tranquilizando-o, e, enquanto contava, pensou: Eu gostaria de saber quanto trabalho ele fez no próprio rosto?

No nariz, com certeza. E em todas aquelas rugas em volta dos olhos...

— Está contando, Todd? — perguntou Burrows.

— Dez. Nove. Oito...

Não chegou a sete. Não, que pudesse se lembrar. Os medicamentos varreram-no para longe, para sua própria versão vazia da Terra de Ninguém. Mas, nesse momento, estava de volta àquele lugar sem sonhos e Donnie se encontrava ali, ao lado da cama, vindo aquela distância toda desde o Texas.

Por quê? E por que as ataduras, tapando-lhe os olhos? Burrows não falou nada sobre ataduras.

— Estou com a boca seca — disse baixinho.

— Nenhum problema, meu chapa — respondeu suavemente Donnie. — Vou chamar a enfermeira.

— Quero uma vodca... pura.

Donnie soltou uma risadinha.

— Vou ver o que posso fazer.

Todd ouviu-o levantar-se, dirigir-se para a porta e chamar uma enfermeira. A consciência fraquejou e se sentiu escorregando para o vazio de onde acabava de ser trazido pela voz de Donnie. A perspectiva daquela deliciosa escuridão não parecia tão agradável quanto fora minutos antes. Começou a entrar em pânico, lutando para permanecer neste mundo, pelo menos até saber o que lhe havia acontecido.

Chamou Donnie:

— Onde é que você está? Donnie? Você está aí?

Passos voltaram rapidamente em sua direção.

— Ainda estou aqui, guri.

A voz de Donnie era suave. Todd não se lembrava de ter ouvido essa ternura antes.

— Burrows não me disse que eu ia ficar assim — queixou-se ele.

— Não há motivo nenhum para você se preocupar — respondeu Donnie.

Mesmo nesse estado semi-entorpecido, Todd reconhecia uma mentira quando a ouvia.

— Você não é um ator lá muito bom — disse.

— Isso é coisa de família — brincou Donnie e apertou novamente o braço de Todd.

— Estou apenas brincando.

— 'Tá bem... Tá bem' — disse Todd.

Enquanto falava, um espasmo de dor irradiou-se da ponte do nariz e espalhou-se nas duas direções pelo rosto. Sentiu de repente uma agonia lancinante.

— Jesus, faça essa dor parar!

Sentiu a mão tranquilizadora de Donnie lhe deixar o braço, ouviu o irmão cruzar novamente a porta, gritando alguma coisa, a voz subitamente tornada aguda por medo: — Alguém pode vir aqui? Agora mesmo! Cristo!

O pânico de Todd, momentaneamente aliviado pela voz do irmão, voltou a aumentar. Levou a mão ao rosto. As ataduras eram apertadas e macias, como se fosse um viseira sobre a cabeça, envolvendo-o todo. Começou a respirar acelerado. Ia morrer ali, se não tirasse aquela coisa sufocante do rosto.

Começou a puxar as ataduras. Precisava de ar. Nesse exato momento!

Ar, pelo amor de Cristo, ar...

— Sr. Pickett, não faça isso! Por favor!

A enfermeira segurou-lhe as mãos, mas o pânico e a dor tornaram-no forte e ela não conseguiu impedi-lo de enfiar as mãos embaixo das ataduras e puxá-las.

Percebeu relâmpagos, mas sabia que não era a luz do mundo externo o que via. O cérebro estava ficando sobrecarregado e o medo saltava como um relâmpago de um lado para o outro do crânio. O sangue rugia em seus ouvidos.

Contorceu-se na cama, como se estivesse tendo uma convulsão.

— Pode deixar, enfermeira. Ele está sob controle agora.

Subitamente, sentiu as mãos nos pulsos. Alguém mais forte do que a enfermeira estava suave, mas insistentemente puxando-lhe os dedos do rosto. Em seguida, ouviu uma voz através do som de seus próprios soluços: — Todd? Sou eu, o Dr. Burrows. Está tudo bem. Mas, por favor, acalme-se. Deixe eu explicar o que está acontecendo. Não há nada com que se preocupar.

Ele falava como um hipnotizador, as frases cadenciadas, a voz inteiramente calma. E enquanto continuava a falar, repetindo as mesmas palavras — que tudo estava bem, que tudo que Todd tinha que fazer era respirar profundamente, profundamente —, prendia-lhe ao mesmo tempo os punhos contra a cama.

Após alguns momentos, as explosões brilhantes de luz tornaram-se menos frequentes. O ruído do sangue diminuiu. E o mesmo aconteceu gradualmente com as ondas de pânico.

— Muito bem — disse o Dr. Burrows ao passar o pior. — Está vendo? Tudo está bem e perfeito. E agora, que tal um novo travesseiro? Enfermeira Karyn? Pode fazer o favor de trazer um novo e bom travesseiro para o sr. Pickett?

Com grande suavidade, Burrows ergueu da cama o torso de Todd, conversando com ele o tempo todo no mesmo monólogo calmante. Toda força para resistir e, na verdade, toda necessidade de fazer isso deixaram-no. Tudo que podia fazer era abandonar-se aos cuidados de Burrows.

Finalmente, perguntou:

— O que... é que está errado... comigo?

— Em primeiro lugar, vamos pôr você numa posição confortável — respondeu Burrows. — Depois, conversaremos sobre tudo isso.

Todd sentiu os movimentos da enfermeira quando ela introduziu um novo travesseiro atrás de suas costas. Em seguida, com a mesma ternura que usou para erguê-lo da cama, Burrows arriou-o sobre o travesseiro.

— Não está melhor assim? — perguntou, finalmente, soltando o paciente.

Todd sentiu uma pontada de dor de separação, como uma criança subitamente abandonada.

— Vou deixar você descansar um pouco — continuou Burrows. — Depois de ter dormido um pouco, vamos conversar sobre tudo isso.

— Não... — disse Todd.

— Seu irmão Donald está aqui com você.

— Estou aqui, Todd.

— Eu quero conversar agora — disse Todd. — Não depois. Agora, Donnie! Faça ele ficar!

— Tudo bem, guri — respondeu Donnie, com exatamente o tom apropriado de ameaça. — O dr. B. não vai a lugar nenhum. Responda à pergunta dele, doutor.

— Bem, as primeiras coisas em primeiro lugar — retrucou Burrows. — Não há nada, absolutamente nada, de errado com seus olhos, se é isso o que o preocupa. Temos simplesmente que manter as ataduras no lugar, em volta das fossas oculares.

— O senhor não me disse que eu ia acordar na escuridão — queixou-se Todd.

— Não, não disse... — reconheceu Burrows. — Isso aconteceu porque o procedimento cirúrgico não ocorreu exatamente como planejamos. Mas todas as operações são um pouco diferentes umas das outras, como você deve se lembrar do que lhe expliquei. Sinto não ter estado aqui quando você acordou...

Nesse momento, mais calmo, Todd começou a lembrar-se de algumas coisas em Burrows que o haviam deixado irritado. Uma delas, a voz do médico: aquele falso baixo profundo que era uma tentativa ensaiada de ocultar sua inquietação e pôr a voz à altura das proporções heróicas de seu corpo. Um corpo artificial, claro. Aquele homem era uma propaganda ambulante de sua profissão. Tinha 55 anos, pelo menos, mas a pele era de um bebê, os braços e tórax de um halterofilista e uma cintura de bailarina.

— Simplesmente me diga a verdade — pediu Todd. — Alguma coisa saiu errada? Eu sou um menino crescido e posso aguentar uma má notícia.

Seguiu-se um silêncio em que poderia ter sido ouvido o som de um alfinete caindo no chão. Todd esperou. Finalmente, Burrows voltou a falar: — Tivemos algumas pequenas complicações no seu caso com os procedimentos cirúrgicos, só isso. Eu expliquei tudo a seu irmão, Donald. Não há nada — absolutamente nada — para preocupá-lo. Apenas, vai demorar um pouco mais do que...

— Que tipo de complicações?

— Não precisamos falar agora sobre isso, Todd.

— Precisamos, sim — retrucou Todd. - É o meu rosto, pelo amor de Deus. Diga o que é que está acontecendo. E não queira me engabelar. Eu não gosto disso.

— Diga a ele, doutor — disse Donnie, tranquila mas firmemente.

Todd ouviu o suspiro de Burrows. Em seguida, a mesma voz estudada: — Você deve se lembrar que, durante a avaliação preliminar, eu avisei que, ocasionalmente, ocorrem reações à descamação química da pele que não podem ser previstas. Lamento dizer que foi isso o que aconteceu no seu caso. Você teve uma reação alérgica extrema e, como eu disse, inteiramente imprevisível à descamação. Não acredito absolutamente que isso vá produzir qualquer dano importante a longo prazo. Você é um jovem sadio. Vai acontecer alguma rápida regeneração epidérmica...

— O que droga é que isso significa?

— Sua pele vai crescer de novo — respondeu Donnie, o sotaque arrastado texano transformando essas palavras em um pedaço de comédia sem graça.

— O que é que o senhor quer dizer com isso? — perguntou Todd.

— O efeito do procedimento que usamos, como expliquei na avaliação de seu caso e está descrito com detalhes no material escrito que lhe dei...

— Eu não o li — respondeu Todd. — Confiei no senhor.

—... os procedimentos que usamos podem ser comparados a uma queimadura química muito bem controlada, que acarreta mudanças na derme e na epiderme. Pele lesionada ou manchada é removida e, após 48 horas no máximo, uma pele nova e sadia forma-se naturalmente, com características saudáveis. O cliente recupera sua aparência juvenil...

Dessa vez, foi Donnie quem interrompeu o fluxo meloso de Burrows: — Conte a ele o resto — disse, a voz com um tom forte de raiva. — Se não contar, eu conto — continuou. E não deu a Burrows uma chance de escolher. — Você está sem sentidos desde a operação, guri. Em coma. Há três dias. Foi por isso que mandaram me chamar. Estavam ficando preocupados. Tentei transferi-lo para o hospital apropriado, mas aquela puta de sua empresária — Maxine é o nome dela, não é? —

não deixou. Disse que você quer ficar aqui. Disse que tinha medo que a imprensa descobrisse, se você fosse transferido.

— Nós somos perfeitamente capazes de cuidar aqui do sr. Pickett — interrompeu-o Burrows. — Não há na Califórnia um hospital que lhe possa prestar melhores cuidados.

— Bem, talvez — disse Donnie —, mas ainda acho que ele estaria melhor no Cedars-Sinai.

— O senhor me ofende com essa insinuação... — começou Burrows.

— Quer simplesmente calar essa merda de boca? — perguntou cansadamente Donnie. — Não dou merda nenhuma para o que o senhor sente. Tudo que eu quero é meu irmão devidamente tratado e tirado daqui...

— Como eu disse...

— Isso mesmo, como o senhor disse. Agora quem vai dizer sou eu. Por que o senhor e a enfermeira Karyn não saem por alguns minutos enquanto eu tenho uma conversa particular com meu irmão?

Burrows desistiu de fazer mais qualquer autojustificação e Todd sabia por quê. Podia imaginar, com todos os detalhes, a expressão no rosto de Donnie: ambos os irmãos ficavam vermelhos como um tomate quando se enraiveciam. E de olhos frios. Burrows retirou-se, como ordenado, o que foi a melhor coisa que podia ter feito.

— Eu quero tirar você daqui, guri — disse Donnie, logo que o médico e a enfermeira saíram. — Não confio absolutamente nessa gente. Eles estão cheios de merda.

— Preciso falar com Maxine, antes de fazermos alguma coisa.

— Para o quê, droga? Eu não confio mais nela do que confio nestes filhos da puta daqui.

Seguiu-se um longo silêncio. Todd sabia o que ia acontecer em seguida e simplesmente esperou.

— Apenas para que você não se esqueça — disse Donnie —, você fez um bocado de burrices na vida, mas este troço aqui é o mais estúpido de que jamais ouvi falar. Fazer uma plástica facial? Que tipo de troço é esse? Mamãe soube disso?

— Não. Eu dei seu nome como parente mais próximo. Pensei que você compreenderia.

— Bem, não posso dizer que compreendo. Isto é uma bagunça. Uma droga de bagunça. E vou ter que voltar para o Texas amanhã.

— Por que tão cedo assim?

— Porque tenho uma audiência na Justiça às 8h da manhã de quinta-feira. Linda está tentando acabar com meus fins de semana com Donnie Júnior e, se eu não comparecer em juízo, o advogado dela vai conseguir que o juiz decida contra mim.

Já compareci umas duas vezes e ele não gosta de mim. De modo que vou ter que amá-lo e deixá-lo, o que não gostaria muito de fazer. Acho que se pudesse ligar para mamãe e...

— Não! Não, Donnie, por favor. Não quero ela aqui. — Todd estendeu cegamente a mão e segurou o braço de Donnie. — Eu vou ficar bem. Você não tem que se preocupar comigo. Tudo vai dar certo.

— Tudo bem. Vou fazer o que você pediu. Não vou ligar para mamãe. Além disso, o pior já passou. Tenho certeza de que tudo está bem agora. Mas, escute aqui, saia daqui de qualquer jeito e procure um bom hospital.

— Eu não quero que a imprensa descubra coisa alguma a esse respeito. Se Maxine acha que...

— Você escutou alguma droga de palavra que eu disse? — perguntou Donnie, levantando a voz. — Eu não confio naquela filha da puta. Ela só está interessada nela mesma. É só com isso que se preocupa. É só isso o que sabe fazer.

— Não comece a gritar.

— Ora, que diabo você esperava? Estou sentado aqui há 72 horas, pensando em como ia dizer a mamãe que você morreu fazendo uma merda de cirurgia plástica nessa merda de cara... — Parou para tomar respiração. — Cristo, se papai estivesse vivo... ele ficaria tão envergonhado.

— Okay, Donnie. Entendi o recado. Eu sou um merda completo.

— Você está cercado por tantos puxa-sacos que não consegue ouvir um bom conselho. Isso tudo me dá vontade de vomitar. Quero dizer, essas pessoas. Todos eles estão representando algum ato — me dizendo isso, dizendo aquilo — e, enquanto isso, você está aqui, às portas da morte.

Donnie parou a fim de respirar o suficiente para lançar novo ataque: — E eles lhe darão uma resposta honesta? Darão, merda! O que foi que aconteceu com você, guri? Há dez anos você teria gargalhado feito um louco só em pensar em botar uma meia-sola na cara.

Todd soltou o braço de Donnie. Tomou uma profunda e triste respiração.

— É difícil de explicar — disse. — Mas, de alguma maneira, tenho que ficar no alto do monte de merda. Caras mais jovens continuam a aparecer...

— Deixe que apareçam. Por que é que você precisa ficar no topo? Por que não larga tudo isso? Você fez uma boa carreira, pelo amor de Deus. Você teve tudo, é o que eu acho. Tudo e mais. E estou falando sério, droga! O que é que você quer mais? Por que faz isso consigo mesmo?

— Porque eu gosto desta vida, Donnie. Gosto da fama. Gosto do dinheiro.

Donnie fungou, cheio de desprezo.

— Quanto dinheiro mais você precisa, droga? Você tem mais do que pode gastar se...

— Não me diga o que eu tenho e não tenho. Você não sabe que despesa esta vida dá. Casas e impostos. — Suspendeu a defesa e tomou uma direção de ataque diferente. — De qualquer modo, não ouço você se queixar...

— Espere... — disse Donnie, sabendo o que estava por vir.

Todd, porém, não ia se deixar interromper.

—... quando lhe mando dinheiro.

— Não comece com isso.

— Por que não? Você fica aí dizendo que merda que eu sou, mas nunca recusou dinheiro quando precisava. O que quer dizer, o tempo todo. Pagou suas últimas despesas judiciais, Donnie? E a hipoteca de sua casa para poder recomeçar com Linda pela terceira, quarta vez ou qualquer que tenha sido a vez? Quem foi que pagou por esse erro?

Deixou a pergunta no ar, sem resposta. No fim, com grande calma, Donnie disse:

— Esta situação toda está ficando uma merda grande demais. Eu vim aqui...

—... para ver se eu estava morto ou vivo.

—... para cuidar de você.

— Você nunca cuidou antes — respondeu Todd, com uma dolorosa brutalidade. — Diga, cuidou? Durante todos estes anos, quando foi que veio aqui e passou algum tempo comigo?

— Eu nunca fui bem-vindo.

— Você sempre foi bem-vindo. Você nunca veio porque tinha uma droga de inveja demais de mim. Por que não reconhece isso? Pelo menos por uma vez, aqui entre nós dois, diga isso: você tinha uma inveja tão grande que não podia suportar a ideia de vir aqui.

— Quer saber de uma coisa? Eu não tenho que ouvir isso — disse Donnie.

— Pois devia ter ouvido há anos.

— Eu vou embora.

— Vá. Você já tripudiou sobre mim. Agora, pode voltar para casa e dizer a todo mundo que merda de irmão você tem.

— Eu não vou dizer isso — replicou Donnie. — Você ainda é meu irmão, o que quer que faça. Mas não posso ajudá-lo se você se cerca...

—... de puxa-sacos. Isso mesmo. Foi o que você disse.

Todd ouviu Donnie levantar-se e cruzar a porta, arrastando os pés, como sempre fazia.

— O que é que você está fazendo? — perguntou Todd.

— Estou indo embora. Como eu disse que iria. Você vai ficar bom. Aquele veado do Burrows vai tomar boa conta de você.

— Não vou receber um abraço ou alguma coisa?

— Em outra ocasião. Quando eu gostar mais de você — disse Donnie.

— E quando, diabo, isso vai acontecer? — gritou Todd.

Mas tudo que recebeu como resposta foi o eco de sua própria voz, refletida da parede oposta.



TRÊS

Maxine apareceu um pouco depois das 7h e, após algumas palavras superficiais de alívio porque Todd "tinha voltado do mundo dos mortos", como indelicadamente disse, passou rápida para as notícias que tinha vindo ali para discutir.

— Alguém neste hospital fala demais — disse. — Esta tarde recebi um telefonema do editor do Enquirer, perguntando se era verdade que você havia sido internado em um hospital privado. Respondi que, absolutamente, não, que isso era uma mentira, lixo etc, etc. E que, se ele publicasse que você estava num hospital ou alguma coisa que mesmo vagamente lembrasse isso, nós o processaríamos e também aquele pasquim nojento dele. Dez segundos depois, Peter Bart, da Variety, ligou fazendo a mesma pergunta. E enquanto eu estava conversando com Peter, fazendo força para não lhe dizer uma deslavada mentira, porque ele tem um bom nariz para essas coisas, recebi um telefonema da People na outra linha, fazendo a mesma pergunta. Coincidência? Acho que não.

Todd gemeu por trás da máscara de ataduras.

— Eu disse a Burrows que vamos ter que transferi-lo daqui — continuou Maxine.

— Espere. Donnie me disse que ontem você disse a ele que queria que eu ficasse aqui.

— Isso foi antes de eu receber esses telefonemas. Agora, é simplesmente uma questão de tempo, antes que algum fotógrafo entre aqui.

— Merda. Merda. Merda.

— E isso daria uma linda foto, não? — disse Maxine, como se Todd já não tivesse tirado mentalmente um instantâneo de si mesmo. — Você deitado na cama com a cara toda enfaixada.

— Espere! — disse Todd. — Eles nunca poderiam provar que era eu.

— O importante é o seguinte: é você. Quem quer que tenha vazado a informação de que você está aqui trabalha neste prédio. E provavelmente tem acesso a seus dados, ficha clínica...

Todd sentiu um espasmo do mesmo pânico que o atacou quando despertou do coma. O horror de estar encurralado. Desta vez, porém, controlou-o, resolvido a não queixar que Maxine o visse perder o controle.

— Neste caso, quando é que você vai me tirar daqui? — perguntou.

— Um carro vem buscá-lo amanhã às 5h da manhã. Eu disse a Burrows que quero que a segurança deste lugar seja triplicada até que você saia daqui. Nós o

levaremos para minha casa de praia em Malibu, até encontrarmos alguma coisa mais prática.

— Eu não posso voltar para casa? — perguntou Todd, sabendo, mesmo quando falava, que isso estava fora de cogitação.

— Este seria o primeiro lugar onde os jornalistas e os paparazzi o procurariam. — Talvez a gente deva tirar você do estado por via aérea, quando se sentir um pouco melhor. Vou ligar para John e ver se o convenço a levá-lo para Montana.

— Eu não quero ir para Montana.

— Você estaria muito mais seguro lá do que aqui. Poderíamos providenciar cuidados hospitalares durante vinte e quatro horas por dia...

— Eu disse não. Não quero ficar assim tão longe de tudo.

— Tudo bem, nós encontraremos algum lugar aqui na cidade. Que tal sua nova namorada, a srta. Bosch? Ela também vai fazer perguntas. O que é que você quer que eu diga a ela?

— Ela viajou. Está filmando alguma coisa nas Ilhas Cayman.

— Ela foi mandada embora — disse Maxine. — "Diferenças criativas", aparentemente. O diretor queria que ela mostrasse os seios e ela disse não. Embora Deus saiba que boa parte de seu trabalho atual pouco deixou para a imaginação. Não sei por que ela ficou toda acanhada assim de repente. De qualquer modo, ela quer falar com você. O que eu digo?

— O que quiser.

— De modo que você não quer que ela saiba nada disto?

— Droga, não. Não quero que ninguém saiba.

— Tudo bem. Vai ser difícil, mas tudo bem. Vou ter que me mandar. Quer que eu chame uma enfermeira para lhe dar alguma coisa que o ajude a dormir?

— Quero...

— Vamos arranjar um lugar para você, até que você fique bom. Vou perguntar a Jerry Brahms. Ele conhece a cidade pelo direito e pelo avesso. Tudo de que precisamos é de um lugar discreto. Não precisa ser coisa de luxo.

— Simplesmente, certifique-se de que ele não desconfia do que está acontecendo — avisou Todd.

— Jerry fala.

— Dê-me um pouco de crédito — disse Maxine. — Até amanhã pela manhã. Durma um pouco. E não se preocupe, ninguém vai descobrir onde você está ou o que foi que aconteceu. Eu mato primeiro essa pessoa.

— Prometa.

— E com as mãos nuas.

Com essas palavras, ela saiu, deixando Todd sozinho e na escuridão.

Donnie tinha razão, claro. Esta era, sem a menor dúvida, a coisa mais estúpida que jamais fez na vida. Mas não havia maneira de desfazê-la. A vida, como um filme, só faz sentido correndo em uma única direção. O que poderia ele fazer senão fluir com a corrente e esperar feito um doido que houvesse um final feliz no último carretel do filme?

EM MEADOS DA NOITE, desabou uma tempestade vinda do Pacífico, a sétima do inverno e a pior. Nas próximas 48 horas, ela depositaria muitos centímetros de chuva ao longo da costa, de Monterey até San Diego, criando um catálogo de pequenas tragédias. Os esgotos transbordaram e transformaram as ruas de Santa Barbara em rios de água branca, dois cidadãos e sete moradores de rua foram varridos pelas águas e morreram afogados. Cabos de energia foram derrubados pelos ventos furiosos, afetando principalmente o Orange County, onde várias comunidades ficaram sem luz nos três dias seguintes. Ao longo da Pacific Coast Highway, onde os incêndios descontrolados do último outono haviam acabado com a vegetação das encostas, a terra nua, não mais costurada pelas raízes, transformou-se em lama e desceu para a estrada.

Houve incontáveis acidentes, 14 pessoas morreram, inclusive uma família de sete mexicanos, que haviam estado apenas por quatro horas na terra prometida, tendo atravessado ilegalmente a fronteira. Todos eles queimaram juntos, dentro do caminhão virado. Em Pacific Palisades, o dilúvio levou de arrastão mansões avaliadas em vários milhões de dólares. No Topanga Canyon aconteceu a mesma coisa.

Claro que isso tornou mais demorado e frustrador, do que teria sido em outras circunstâncias, o processo de tirar Todd do hospital e transferi-lo para a casa de praia de Maxine, mas, quem sabe, ajudou a manter esse trabalho sigiloso. Certamente nenhum fotógrafo estava à porta do hospital quando saíram nem ninguém à espera nos arredores da casa de praia. Mas isso não significava que estivessem fora de perigo. Os telefonemas ao escritório de Maxine com perguntas sobre o estado de Todd subiram exponencialmente e, nesse momento, vinham de origens muito mais distantes — vários do Japão, onde Callows acabava de ser lançado — à medida que os boatos se espalhavam.

Um dos repórteres alemães teve mesmo a audácia de dizer que Todd estava se submetendo a uma cirurgia plástica.

— Eu disse o diabo a ele. Alemão nojento.

— Você não é alemã por parte de mãe?

— Mas ele é ainda um alemão nojento.

Todd estava sentado no banco traseiro da Mercedes de Maxine, tendo ao lado a enfermeira Karyn — que havia sido exaustivamente investigada por Maxine e

julgada confiável. A enfermeira era mulher de poucas palavras, mas as que resolvia pronunciar tinham geralmente alguma força.

— Não consigo entender por que vocês todos dão tanta importância a isso. Isto é, o que é que tem se alguém souber alguma coisa? Ele fez simplesmente uma descamação química, pinçou algumas coisas e escondeu outras. Qual é o grande problema?

— Isso não é nada que os fãs de Todd precisem saber — respondeu Maxine. — Eles têm uma certa ideia sobre quem Todd é.

— De modo que eles acham que isso não é muito masculino? — perguntou a enfermeira Karyn.

— Vamos simplesmente parar com esta conversa — sugeriu Maxine, notando o rosto de Karyn no retrovisor e sacudindo a cabeça para indicar que a conversa — pelo menos essa parte da mesma — havia terminado.

Todd, claro, nada viu. Continuava cego pelas ataduras.

— Como é que você está se sentindo, Todd? — perguntou ela.

— Pensando em quando...

— Logo — respondeu Maxine. — Logo. Oh, por falar nisso, tive uma conversa com Jerry Brahms e disse exatamente a ele o que nós queremos. Duas horas depois ele me ligou, dizendo que tinha a casa perfeita para você. Vou corrê-la amanhã com ele.

— Ele lhe disse onde fica?

— Em algum lugar nas colinas. Aparentemente, o lugar aonde ia para brincar quando era menino. Acho que isso na década de 1940. Ele disse que fica inteiramente isolada. Ninguém vai incomodar você.

— Ele é um grande saco de merda. Fazem excursões de turismo pelas colinas. Casa sim, casa não, tem alguém famoso morando lá.

— Foi isso o que eu disse a ele. Mas ele jurou que essa casa é o ideal. Ninguém nem sabe em que desfiladeiro fica. Foi isso o que ele disse. De modo que, vamos ver. Se não servir para você, continuo a procurar.

No fim daquela tarde, Burrows veio até a casa de praia para mudar as ataduras de Todd. Um ritual surrealista para todos os interessados: Todd semi-inclinado em um sofá Deco embaixo do janelão que dava para a praia, Maxine sentada a uma certa distância, tomando a primeira vodca da noite, Burrows — a confiança temporariamente restabelecida depois das desagradáveis trocas de palavras no dia anterior —, conversando sobre as chuvas e quedas de barreiras enquanto delicadamente tirava as ataduras.

— A área em torno dos olhos vai estar um pouco grudenta — avisou a Todd —, de modo que não tente abri-los até que a limpe um pouco.

Todd permaneceu calado. Estava justamente escutando o trovejar do sangue dentro da cabeça e, fora, o trovejar das ondas tangidas pela tempestade.

E não estavam sintonizadas.

— Será que você pode correr um pouco as venezianas? — perguntou Burrows a Maxine. — Não quero muita luz aqui quando descobrir os olhos de Todd.

Todd ouviu Maxine dirigir-se até a janela e, em seguida, o zumbido elétrico das venezianas ao serem baixadas.

— Acho que basta — disse Burrows. Um clique e o zumbido parou. — Agora, vamos ver como estão as coisas. Fique absolutamente imóvel, por favor, Todd.

Todd prendeu a respiração quando o curativo mantido no lugar pelas ataduras foi tirado suavemente de seu rosto. Teve a impressão de que uma camada da pele saía juntamente com a gaze. Ouviu o som da pequena tomada de respiração de Maxine.

— O quê? — murmurou.

— Está tudo bem — disse suavemente Burrows. — Por favor, continue imóvel. Este procedimento é muito delicado. Por falar nisso, quando eu aplicar o novo curativo, vou deixar orifícios para seus olhos, de modo que você vai poder... bem imóvel, por favor... ótimo, ótimo... vai poder ver.

— Maxine...?

— Por favor, Todd. Não mova nenhum músculo.

— Quero que ela me diga como é que está a coisa.

— Ela não pode ver nada ainda, Todd.

Burrows disse alguma coisa, entre dentes, à enfermeira. Todd não compreendeu as palavras. Mas ouviu a gaze, que nesse momento tinha sido inteiramente soltada do rosto, cair com um som de coisa úmida no balde ao lado. Imaginou-a embebida em seu sangue, pedaços da pele colados a ela. O estômago ficou embrulhado.

— Eu quero vomitar — disse.

— Quer que eu pare por um momento? — perguntou Burrows.

— Não. Simplesmente acabe logo com isso.

— Certo. Bem, agora vou começar a limpar o local — disse Burrows. — Depois, veremos como está sarando. Tenho que dizer que, até agora, está parecendo muito bom.

— Eu quero que Maxine dê uma olhada.

— Em um minuto — respondeu Burrows. — Simplesmente, deixe que eu...

— Agora — disse Todd, a náusea lhe alimentando a impaciência. Ergueu a mão e, sem ver, empurrou Burrows. O médico afastou-se para um lado. — Maxine? — disse.

— Estou aqui.

Todd gesticulou na direção da voz de Maxine.

— Venha aqui e dê uma olhada em mim, sim? Quero que me diga como é que eu estou.

Ouviu o som dos saltos de Maxine no chão polido de madeira.

— Depressa. — Os passos tornaram-se mais rápidos. Nesse momento, ela estava perto dele. — E aí? — perguntou.

— Para ser honesta, é difícil dizer até que ele...

— Cristo! Eu sabia! Droga, eu sabia! Ele acabou comigo!

— Espere, espere — disse Maxine. — Calma aí. Um bocado disso é apenas o unguento que ele aplicou em você. Vamos deixar que ele limpe o local, antes de ficarmos histéricos. — Todd estendeu a mão para ela. Maxine segurou-a. — Vai ficar tudo bem — disse, embora tivesse pegajosa a palma da mão. — Simplesmente, tenha paciência. Por que é que homens não podem ser pacientes?

— Você não é a paciente — lembrou-lhe Todd.

— Simplesmente, deixe ele fazer o trabalho, Todd.

— Mas você não é. Admita isso.

— Tudo bem. Eu não sou a paciente.

Burrows voltou ao trabalho, passando meticulosamente um algodão em rol ta dos olhos de Todd, limpando os cílios grudados. O cheiro do líquido de limpeza era forte, o nariz começou a pingar, e os olhos, quando finalmente os abriu, encheram-se de lágrimas.

— Seja bem-vindo — disse Maxine, soltando-se dos dedos de Todd, como se um pouco embaraçada com a intimidade.

Todd precisou de uns dois minutos até que a vista clareasse e mais uns dois para que os olhos se acostumassem à semi-escuridão da sala. Mas, parte após parte e face após face, o mundo lhe voltou, a janela com as venezianas semifechadas, o deck lavado pela chuva no outro lado, o aconchego caro da sala, o tapete de artesanato índio, os móveis forrados de couro, o móbile de Bálder em amarelo, vermelho e preto, embaixo da clarabóia. E finalmente Maxine, rosto lívido. Burrows deu uns dois passos para trás, tal como um pintor retratista que se afasta da tela para observar o efeito que conseguiu produzir.

— Eu quero ver — disse Todd.

— Espere um minuto — aconselhou Maxine. — Ainda está se sentindo enjoado?

— Por quê? O que vou ver vai me fazer vomitar?

— Não — respondeu ela. Todd quase acreditou. — Você parece apenas um pouco inchado, só isso. E um pouco como carne crua. Não está nada mal.

— Você era antes uma mentirosa tão convincente.

— Estou falando sério — insistiu ela. — Não está tão ruim assim.

— Neste caso, deixem que eu veja. — Todos ali na sala permaneceram calados. — Alguém pode me arranjar um espelho? Tudo bem... — e começou a se levantar da

cadeira. — Eu mesmo vou pegar um.

— Fique onde está — ordenou Maxine. — Se você quer realmente se ver... Enfermeira? Qual é o seu nome?

— Karyn.

— Lá no quarto, você vai encontrar um espelho de mão, pequeno, em cima da penteadeira. Vá buscá-lo, sim?

Todd achou que a moça levou uma eternidade para trazer o espelho.

Enquanto esperavam, Burrows olhava para a chuva lá fora. Maxine foi reencher o copo de vodca.

Finalmente, a enfermeira voltou, os olhos em Burrows, não em Todd.

— Diga a ela para me dar o espelho — ordenou Todd.

— Dê o espelho a ele — disse Burrows.

A enfermeira pôs o espelho na mão de Todd, que tomou uma profunda respiração e olhou para si mesmo.

Um momento passou, quando os olhos se fixaram na imagem, em que a realidade tremeu e ele pensou: nada disso é real. Não a sala, não as pessoas ali, não a chuva no lado de fora, nem o rosto no espelho. Especialmente, não o rosto no espelho. Aquilo era imaginação, tremulando, tremulando e...

— Jesus... — disse ele, igual a Duncan McFarlane —, olhe só para mim...

A força da mão desapareceu e o espelho caiu no chão. De frente. A enfermeira inclinou-se para apanhá-lo, mas foi interrompida por ele:

— Não. Deixe onde está.

Ela se afastou e Todd notou uma expressão de medo nos olhos da moça. Do que era que ela estava com medo? De sua voz, era isso? Ou de seu rosto? Deus o ajudasse, se fosse de seu rosto.

— Alguém abra as venezianas — disse. — Vamos deixar entrar um pouco de luz aqui. Isto aqui não é uma droga de enterro.

Maxine foi até o interruptor e apertou-o, o mecanismo zumbiu, a veneziana subiu, mostrando uma parte do deck ensopado pela chuva, alguns móveis e, do outro lado, a praia. Um corredor solitário — provavelmente alguém famoso como ele mesmo tinha resolvido conservar a beleza mesmo embaixo de chuva torrencial — estava trotando pela praia, seguido por dois seguranças. Todd levantou-se da cadeira e foi até a janela. Ali, a despeito da presença de estranhos, pôs uma mão sobre o vidro frio e começou a chorar.



QUATRO

Burrows trouxe analgésicos e tranquilizantes, que Todd suplementou com uma grande encomenda a Jerome Bunny, um inglês baixote com cara de rato que havia sido seu fornecedor de medicamentos ilegais nos últimos quatro anos. Sob efeito desses remédios, passou as 14 horas seguintes em um estado de semi-sonambulismo.

A chuva continuava implacável. Sentado diante da tela da televisão imensa de Maxine, observou uma sucessão de imagens de dor de outras pessoas — casas no chão, famílias separadas —, pensando sonhadoramente se alguma delas trocaria o sofrimento que sentiam pelo seu. De vez em quando, uma recordação do rosto que viu no espelho — lembrando vagamente a de alguém que conhecera, mas horivelmente ferido, cheio de pus e de dor — aflorava à consciência e ele tomava outro comprimido, ou dois ou três, e os lavava com um único gole de uísque puro e esperava que os opiatos afastassem por alguma distância aquele horror.

As novas ataduras colocadas por Burrows, embora, como prometido; deixassem espaço para os olhos, ainda eram sufocantes e, mais de uma vez, as mãos subiram inconscientemente para o rosto e as teria arrancado se não tivesse se controlado a tempo. Sentia-se grotesco, como alguma coisa de um filme de horror tarde da noite, o rosto — que havia sido sua glória — transformado em algum horrível segredo, apodrecendo por baixo das ataduras.

Perguntou a Maxine que filme era aquele — alguma coisa sentimentalóide de Rock Hudson —, no qual um homem aparecia disfarçado dessa maneira. Ela não sabia.

— E, por algum tempo, deixe de pensar em si mesmo — disse ela. — Pense em alguma outra coisa.

Era fácil dizer. O problema era que pensar em si mesmo lhe ocorria naturalmente. Na verdade, para ele havia se tornado uma segunda natureza afastar para longe todas as demais considerações, pensar apenas em Todd Pickett e (ocasionalmente) em Dempsey. Deixar de fazer isso teria implicado uma diminuição de seu poder no mundo. Afinal de contas, vinha fazendo um jogo no qual apenas os obcecados consigo mesmos tinham uma chance de vitória.

Todos demais fatalmente caíam à beira da estrada. Nesse momento, quando teria sido mais sadio dirigir a atenção para outras coisas, havia simplesmente perdido o jeito de fazer isso. E não tinha um cachorro ao lado para amá-lo simplesmente porque ele era seu dono, pouco importando que diabo de aparência tivesse.

Em fins do dia, Maxine voltou da visita ao Esconderijo, como neste momento o havia batizado, trazendo algumas boas notícias. A casa nas colinas era justamente o que Jerry Brahms havia anunciado.

— É a única casa no desfiladeiro.

— Que desfiladeiro?

— Eu acho que nem mesmo tem nome.

— Todos eles têm nomes, pelo amor de Deus.

— Tudo que posso dizer é que é um lugar que fica entre Coldwater e Laurel. Para ser perfeitamente honesta, fiquei um pouco perdida seguindo Jerry até lá. Ele dirige feito um louco. E você conhece bem meu senso de direção.

— A quem pertence a casa?

— Neste momento, ela está praticamente vazia. Há alguns velhos móveis por lá — alguma coisa da década de 1950, talvez antes —, mas nada que você gostaria de usar. Vou mandar Marco escolher alguns móveis da casa de Bel Air e levar para lá. Para você ficar confortável. Mas ela é realmente o ideal para o que precisamos neste exato momento. Por falar nisso, a sra. Bosch vem ligando para meu escritório. Ela se tornou muito mandona com Sawyer. Está absolutamente convencida de que você se encontra no Havaí trepando com alguma atriz novata.

— Se é isso o que ela quer pensar...

— Você não se importa?

— Não neste exato momento.

— Tem certeza de que não quer mais vê-la?

— Cristo. Vê-la? Não, Maxine. Não quero vê-la.

— Ela estava muito nervosa.

— É porque quer um papel em Warrior e pensa que posso consegui-lo para ela.

— Okay. Fim de discussão. E se ela ligar novamente...?

— Diga que ela tem razão. Estou no Havaí fodendo alguém do nome que você queira dar. Putinha manipuladora.

— E temos isto aqui — disse Maxine, mostrando um envelope.

— O que é isso?

— Fotos que eu tirei do Esconderijo.

Todd pegou o envelope.

— Vai servir — disse, antes mesmo de olhar para as fotos.

— Você pode ter que ficar lá durante algumas semanas. Quero que você se sinta confortável.

Todd tirou as fotos do envelope.

— Elas não são o melhor, receio — disse Maxine. — Foi tirada com uma dessas câmeras que a gente usa e joga fora. E estava chovendo. Mas dá para fazer uma ideia.

— Parece grande.

— De acordo com Jerry, os proprietários chamavam-nas de palácios dos sonhos. Todos os astros de cinema ricos tinham essas casas. Meio vulgar, mas tem um bocado de atmosfera. Nela há um quarto do dono imenso, com vista dando para o fundo do desfiladeiro. Num dia claro, você pode ver Century City e provavelmente o oceano. E a sala de estar é tão grande quanto um salão de baile. Quem quer que a tenha construído investiu muito amor na casa. Todas as soleiras, todas as maçanetas de portas, tudo o que é de melhor existe. Claro, a coisa ficou um pouco vulgar. Há um afresco no teto da pequena torre que existe lá, com todos aqueles rostos olhando de cima para baixo para nós. Artistas de cinema famosos, disse Jerry. Não reconheci nenhum deles, mas acho que eram do tempo do cinema mudo.

— Parou por um momento, esperando a decisão de Todd, que simplesmente continuou a examinar as fotos. — E então? — perguntou finalmente Maxine. — Velha Hollywood demais para você?

— Não. Parece boa. De qualquer modo, não é isso que sou agora?

— O quê?

— Velha Hollywood.



CINCO

Em fins da década de 1930, ao tempo de menino, Jerry Brahms tinha sido ator. Sua carreira, no entanto, não chegou à puberdade. Ele havia sido "extraordinariamente encantador", como gostava de dizer, à idade de nove ou dez anos. Depois disso, a carreira despencou de vez. Todd sempre o achou ligeiramente ridículo, com seus cabelos bancos excessivamente bem tratados, o falso sotaque inglês e a imperdoável crueldade com a profissão que uma vez aspirou seguir.

Mas ele conhecia sua Hollywood, quanto a isso não havia a menor dúvida.

Vivia e respirava o local: seus escândalos e triunfos. Sabia tudo sobre a Idade de Ouro da Cidade das Ilusões, o que coincidia, no que era muito natural, com os anos em que nela trabalhou. No tocante a esse período, seus conhecimentos eram enciclopédicos, o que provara três anos antes, quando Todd andou procurando uma nova casa. Jerry ofereceu seus serviços como caçador de bons locais e, uma ou duas semanas depois, levou-o em companhia de Maxine em uma excursão de luxo pelo que pensava que poderia ser aceitável. Todd não havia desejado ver aquelas propriedades todas. Achava irritante a conversa de Jerry. Maxine, porém, insistiu:

— Ele vai ficar muito sentido se você não for—disse. —Você sabe como ele o idolatra. Além do mais, pode ter achado alguma coisa de que você vai gostar.

De modo que, concordou, e foi um passeio e tanto. Jerry organizou a excursão como se estivesse servindo de anfitrião a figuras da realeza (o que, talvez, no que lhe interessava, Todd fosse). Contratou uma van, abastecida com champagne e caviar da Greenblatfs, no caso de quererem fazer um piquenique ao longo do caminho, e providenciou um mapa da cidade, no qual marcou cuidadosamente a rota que iriam seguir. Dirigiram-se para oeste até a Colônia, em Malibu, costuraram o caminho através de Bel Air e Beverly Hills, deram uma olhada em Hancock Park e Brentwood, toda a rota plotada de modo que Jerry pudesse exibir seus conhecimentos sobre os locais onde haviam vivido e morrido os luminares de Hollywood. Passaram pelo Falcon Lair, no Bella Drive, que Valentino construiu no auge da fama.

Desceram para o Benedict Canyon Drive, onde Harold Lloyd passou grande parte da vida, deixaram para trás o Pink Palace, de Jayne Mansfield, tão espalhafatoso como sempre, e a casa onde Marilyn e DiMaggio tinham vivido por um curto tempo de total felicidade. Visitaram casas ocupadas num ou noutro momento por John Barrymore ("Cheira a bebida", disse Jerry), Ronald Colman, o amor de Hearst, Marion Davis, Clara Bow, Lucille Ball e Mae West. Nem todas as casas estavam à venda, nem abertas à visita pública.

Em alguns casos, a pesquisa de Jerry havia encontrado simplesmente uma casa próxima ou que se parecia com aquela em que morou algum astro. Outras propriedades localizavam-se em áreas transformadas em sombras de um passado glamouroso, embora, aparentemente, Jerry nem notasse isso ou não se importasse. O fato de que astros e estrelas cujos rostos haviam se tornado lendas — cujos nomes evocavam vidas de elegância e luxo — tinham vivido nessas casas aparentemente cegava-o para o fato de, em volta delas, haver frequentemente decadência. Assemelhavam-se a lugares sagrados e ele era o peregrino. Todd achou curiosamente comovente a ternura com que ele

falava sobre esses locais e as pessoas que outrora o ocuparam.

Quatro ou cinco vezes durante o passeio, Jerry disse ao motorista para ir até certo local, convidou Maxine e Todd a descer da limusine para que conhecessem certas paisagens e, em seguida, lhes mostrou uma foto tirada exatamente nos mesmos locais cerca de 60 ou 70 anos antes, quando muitos deles tinham sido pouco mais do que um trecho de cactos e areia. Aquilo tinha sido uma educação para Todd. Só nesse momento é que se deu conta de como Los Angeles era uma cidade nova e como era tênue sua existência. O verde ali existente era tão artificial quanto os muros de estuco e as fachadas coloniais. A cidade era um enorme fundo de quintal, falso e mutável. Se água jamais deixasse de ser bombeada, esse mundo verde, com seus palácios e cascatas deslumbrantes de buganvílias, desapareceria por completo. No fim, Todd não comprou nenhuma das propriedades mostradas por Jerry naquele dia, o que provavelmente foi melhor para ele. Resolveu finalmente ficar na casa de Bel Air, mas remodelá-la de alto a baixo. Não tinha importância, disse Jerry, aparentemente reservando para si mesmo a opinião se ou não Todd ingressaria no panteão dos deuses, uma vez que nenhuma figura lendária jamais vivera naquele local.

Tendo Todd aceito a casa nas colinas, um dia foi suficiente para organizar devidamente a mudança para o Esconderijo, um dia que ele passou sentado à janela da casa de Malibu, olhando para o pálido reflexo do rosto coberto de ataduras na vidraça molhada pela chuva. Tecnicamente, os analgésicos receitados por Burrows deveriam tê-lo deixado sem nenhum desconforto, mas, por alguma razão, mesmo quando suplementados por alguns dos produtos especiais de Bunny, nem um momento se passou sem que se sentisse agudamente consciente da pressão da gaze e das ataduras.

Morbidamente, pensou se não ficaria pelo resto da vida com esse resíduo de sensações. Tinha ouvido falar de pessoas que haviam feito certas operações e se tornado muito piores pelo bisturi do cirurgião e que, na verdade, nunca mais foram as mesmas.

Apavorou-o o pensamento de que tivesse feito alguma coisa irreversível. Mas de nada adiantava arrepender-se. Tudo que podia fazer nesse instante era esperar em Deus que essa complicação inevitável, como Burrows insistia que era, sarasse rapidamente e que tivesse de volta, intacto, seu antigo rosto. Nessa altura dos acontecimentos, nem mesmo esperava mais por um melhoramento. O velho e conhecido rosto de Todd Pickett seria ótimo, com rugas, vincos de riso em torno da boca, e tudo mais.

No começo da noite, Marco chegou para vir buscá-lo, tendo passado a manhã transportando para a nova casa algumas peças essenciais. Todd viajou com ele no seda, seguidos por Maxine e Jerry.

— Eu me perdi duas vezes esta manhã — disse Marco —, indo de um lado para o outro da velha para a nova casa. Não sei por que diabo isso aconteceu, mas duas vezes fiquei todo confuso e, quando dei por mim, estava de volta ao Sunset.

— Estranho — comentou Todd.

— Não há placas de rua lá em cima.

— Não?

— Também não há muitas casas, o que me agrada. Nenhum vizinho. Nenhum ônibus de turistas. Nenhum fã subindo pelos muros.

— Dempsey costumava mordê-los!

— Era mesmo, o velho Dempsey era o maior. Lembra-se daquele alemão? Aquele cara enorme? Pulou o muro, Dempsey fincou os dentes na bunda dele e depois...

—... ele quis processá-lo.

—... me processar.

Durante um momento, os dois riram lembrando-se do incidente e, depois, continuaram a viagem por algum tempo, em silêncio.



SEIS

— O que, exatamente, Jerry lhe disse sobre este lugar? — perguntou Todd a Maxine, os dois nesse momento em frente ao Esconderijo.

— Não muita coisa. Eu lhe contei que ele brincou aqui no tempo de menino? Sim, contei. Ele me disse que tinha recordações maravilhosas da casa. Mas isso foi praticamente tudo.

Naquele dia, por causa da chuva, Maxine não tirara fotografias do exterior da casa. Nesse momento, vista claramente pela primeira vez, a casa parecia muito mais vasta do que Todd esperava, merecendo perfeitamente a descrição de "palácio dos sonhos". Não conseguiu fazer uma ideia do tamanho da casa porque a vegetação em volta havia crescido sem controle. Um grande bosque de bambu à esquerda tinha nesse momento nada menos de 15m de altura, com os troncos mais altos ultrapassando as chaminés da casa.

Buganvílias cresciam por toda parte com uma abundância lunática, púrpura, vermelha, rosada e branca, e mesmo as humildes samambaias, plantadas à sombra do muro circundante, haviam florescido e assumido proporções antediluvianas. Havia espaço sob as folhas para ficar de pé com as mãos erguidas e nem assim conseguir tocar os esporos na parte inferior.

A casa em si era de estilo palaciano espanhol, com mais do que uma pitada de fantasia de Hollywood em seus genes. O reboco era cor-de-rosa desmaiado e o telhado, vermelho também desmaiado. Um grande trabalho com ladrilhos havia sido feito nos degraus da frente e em volta das janelas, os ladrilhos em si conservando ainda as cores azul turquesa e branco brilhantes, com a combinação intrincada de seus desenhos emprestando à fachada um toque de beleza mourisca. A porta da frente dava a impressão de ter sido furtada do set de um filme épico medieval, o tipo de porta que Douglas Fairbanks poderia ter batido com força e aferrolhado para manter fora um exército de malfeitores. E a porta teria sido suficiente para isso, em toda sua enormidade.

Maxine teve que fazer força para empurrá-la para dentro e, quando finalmente conseguiu, foi com o acompanhamento de um rangido gótico, com um rouquejar profundo, enquanto um sistema de contrapesos escondidos na parede lhe facilitava o esforço.

— Muito dramático — comentou Todd, fazendo pouco caso.

Na verdade, estava impressionado com a escala do lugar e a grandiosidade teatral. Mas há muito tempo tinha vergonha de demonstrar entusiasmo ingênuo. Não era cool gostar demais de alguma coisa, exceto de si mesmo.

Maxine tomou a frente e entrou na casa através da torreta, com sua grandiosa escadaria em espiral e teto trompe Voeil. As fotos que tirara nem de longe faziam justiça ao local. Mesmo sem a maior parte da mobília e precisando de reparos, a casa não seria nada se não magnífica. Em toda parte, sinais do trabalho de mestres artesãos, do piso de madeira pregado com cavilhas aos painéis elegantemente esculpidos do teto, da refinada simetria das cornijas de mármore das lareiras às filigranas dos corrimãos de ferro fundido, apenas o melhor fora suficiente para o homem ou mulher que haviam sido os donos daquele lugar.

Marco já havia arrumado algumas peças da mobília de Todd na sala de estar, transformada em uma ilhota de frágil modernidade no meio de algo mais antigo e mais misterioso. Todd tomou uma nota mental de distribuir tudo que possuía e começar tudo de novo. No futuro, compraria antiguidades.

Continuaram até a cozinha, construída na mesma escala heróica de tudo mais: dez cozinheiros poderiam trabalhar felizes ali e um não atrapalhar o outro.

— Reconheço que a casa é ridiculamente antiquada — disse Maxine —, mas servirá por algum tempo, não?

— Servirá muito bem — respondeu Todd, ainda surpreso com o quanto o local o agradava. — O que há lá atrás?

— O habitual. Uma piscina. Quadras de tênis. E um imenso gramado. Provavelmente, tanto quanto posso saber, um imenso tanque de carpas japonesas.

— Algum peixe no tanque?

— Não. Você quer peixes?

— Nada de importante.

— Posso lhe arranjar carpas, se quiser. Basta dizer.

— Eu sei. Mas não vale a pena. Vou ficar aqui por um mês e depois ir embora.

— Você poderá levá-las com você.

— E onde é que vou botá-las?

— Tudo bem. — Maxine encolheu os ombros. - Nada de peixe. — Foi até a janela da cozinha e continuou a descrever a propriedade: — O desfiladeiro inteiro pertence à casa, tanto quanto posso ver, mas os jardins descem por cerca de meio hectare pela encosta e sobem o caminho todo até o alto da colina atrás de nós. Lá em cima há uma boa casa de hóspede. Talvez duas. Não fui lá olhar. Achei que você não ia receber nenhum hóspede.

— Jerry sabe alguma coisa sobre a história deste lugar?

— Tenho certeza que sim, mas, para ser honesta, não perguntei.

— O que foi que você disse a ele a meu respeito?

— Disse a ele que havia alguém seguindo-o e que ela estava se tornando perigosa. Você precisava deixar a casa de Bel Air por algum tempo, até que a polícia a prendesse. Para ser franca, não tenho certeza de que ele tenha engolido a história.

Ele forçosamente ouviu os boatos. Acho que seria melhor contar a ele o que está acontecendo...

— Nós já conversamos sobre isso uma vez...

— Escute o que vou dizer, sem me interromper, está bem? Se nós o fizermos sentir que faz parte da conspiração, ele ficará calado simplesmente porque quer agradar você. Ele só vai virar bucho furado se pensar que o deixamos de fora porque não confiamos nele.

— Por que, diabo, ele iria querer me agradar?

— Você sabe, Todd. Ele está apaixonado por você.

Todd sacudiu a cabeça enfaixada, o que foi um erro. O cômodo em volta girou por um momento e ele teve que se segurar em uma mesa.

— Você está bem? — perguntou Maxine.

Todd ergueu as palmas das mãos, em um fingido gesto de rendição.

— Estou bem. Preciso simplesmente de um comprimido e de um drinque.

— Você já tomou comprimidos demais. Você tem certeza que...

— Eu disse a Marco para comprar algumas bebidas.

— Todd... não é ainda nem meio-dia.

— E daí? Se eu ficar aqui e me embriagar todos os dias no próximo mês, quem é que vai se importar? Arranje alguma coisa para eu beber, sim?

— O que é que vamos dizer a Jerry? Nós não terminamos...

— Conversaremos com ele em alguma outra ocasião.

— Conto a ele ou não?

— Eu disse que não quero falar mais sobre isso.

— Tudo bem. Mas, se ele começar a fofocar, não diga que não lhe avisei.

— Se ele contar àquela merda do National Enquirer, será culpa minha. Satisfeita?

Mas não esperou pela resposta. Deixando-a à procura da bebida, saiu para o quintal da casa. O gramado — ao pé da longa série de degraus que descia da casa, o corrimão inteiramente coberto por trepadeiras — era do tamanho de um pequeno campo, mas havia sido invadido de todos os lados pela prole das plantas, moitas e árvores que o cercavam, a maior parte em floração prematura. Árvores conhecidas como aves-do-paraíso, de 7m de altura, sicâmoros e eucaliptos, rosas silvestres e dedaleiras, papoulas-da-califórnia brilhando como cetim na grama, rosas-dos-prados e lírios-docampo, madressilvas e uvas-do-mato, mil-folhas douradas, flores azuis e mirtílo vermelho. E por toda parte, claro, a onipresente grama dos pampas, macia, plumas felpudas ondulando ao sol. Era de um verdor incomum, até sobrenatural.

Todd seguiu pelo gramado, ainda molhado pela chuva, até a piscina.

Libélulas voavam por todos os lados, enquanto abelhas traçavam seus caminhos no ar balsâmico em busca de pólen. A piscina era uma criação barroca, descendo do

estilo relativamente contido da casa principal até o puro kitsch de Hollywood. O modelo, talvez, era um Cecil B. DeMille Roman. Uma grande fonte de falso clássico havia sido construída na extremidade da piscina, com os membros entrelaçados de suas figuras — um deus do mar e assistentes femininas — tornados ainda mais barrocos pelo emaranhado das trepadeiras vivas que subiam pelos seus lados. Uma concha de grande tamanho, nas mãos do deus do mar, tinha sido outrora uma fonte de águas rejuvenescedoras para a piscina, embora tivessem deixado de correr há muito tempo.

Todd ficou levemente desapontado. Teria gostado de ver água azul faiscante na piscina, em vez de alguns centímetros de água de chuva de cor verde-garrafa ali no fundo.

Virou-se e olhou para a casa, ainda mais impressionante desse lado do que quando vista de frente, os quatro andares empilhados como camadas de um bolo de noiva, as paredes luxuriantes de hera em alguns lugares e em outros inteiramente desnudas. Além da casa, mais alta e ao fundo, a colina.

Conseguiu vislumbrar apenas uma das casas de hóspedes mencionadas por Maxine. No todo, era realmente uma extensão impressionante de terra, com ou sem os prédios. Se Jerry a tivesse mostrado como parte de uma excursão de gala, poderia ter se sentido tentado a investir ali. O fato de ele não ter feito isso provavelmente significava que ela não pertencia a ninguém importante, embora isso parecesse estranho. Aquilo ali não era simplesmente qualquer vitrine de Hollywood, mas a creme-de-la-creme, uma construção magnífica destinada a ostentar toda a riqueza, poder e bom gosto de um grande astro da tela.

Ao voltar para dentro da casa, Marco já voltara da Greenblatfs com um carro abarrotado de suprimentos. Recebeu o patrão com o habitual sorriso torto e um copo com uma generosa dose de bourbon.

— De modo que, o que é que o senhor acha da velha Casa Misteriosa?

— Quer saber de uma coisa... de uma forma estranha, gosto dela.

— É mesmo? — perguntou Maxine. — Não é nada parecida com seu gosto.

Estava ainda visivelmente um pouco irritada com a conversa anterior, embora, para Todd, aquilo fosse história antiga, afastada por suas perambulações pela selva externa.

— Eu nunca me senti realmente à vontade em Bel Air — disse. — Para mim, a casa sempre pareceu mais hotel do que lar.

— Eu não diria que este lugar aqui é exatamente aconchegante — observou Maxine.

— Oh, eu não sei... — respondeu Todd. Tomou um gole do bourbon e sorriu para dentro do copo. — Dempsey teria gostado daqui — disse.



SETE

Na quinta-feira, dia 18 de março, Maxine recebeu o telefonema que sabia que viria. De uma mulher chamada Tammy Lauper, que dirigia a Sociedade Internacional dos Admiradores de Todd Pickett e que, a despeito de seu título imponente, tinha sede, como sabia Maxine, na própria casa de Tammy, em Sacramento. Tammy estava ligando para fazer uma pergunta muito simples, uma pergunta que, disse, estava passando a Maxine e que era feita pelos milhões de fãs de Todd em todo o mundo. Onde estava Todd?

Maxine havia mantido numerosos contatos com Tammy no passado, embora, sempre que podia evitar os telefonemas, deixava que Sawyer atendesse. O problema era o fato de Tammy Lauper ser uma obsessiva, embora, nos oito anos em que vinha dirigindo a Sociedade dos Admiradores, como disse certa vez a Maxine, odiasse ouvir chamá-la de fã-club. "Eu não sou uma adolescente histérica", disse.

Isso era verdade. Casada, sem filhos, Tammy Lauper, quando vista pela última vez, uma mulher obesa na casa dos 30 anos, embora nessa época tivesse sido uma grande propagandista dos filmes de Todd, e pudesse ser ocasionalmente uma útil disseminadora de informações deliberadamente falsas, não era uma pessoa com quem Maxine quisesse desperdiçar muito tempo. Aquela mulher aborrecia-a com perguntas eternas sobre assuntos triviais e a suposição muda de que, de alguma maneira, Todd lhe pertencia. Quando era obrigada a falar com essa tal Lauper — porque havia algum assunto delicado no ar e precisava modular cuidadosamente o fluxo de notícias, sempre procurava manter curta a conversa, tão cortês quanto possível —, Tammy podia ficar eriçada se achasse que não lhe era dada a atenção que merecia —, mas por pouco tempo.

Naquele dia, porém, Tammy não ia se satisfazer com pouco. Parecia um cão terrier com um rato na boca. Em todas as ocasiões em que pensava que lhe havia satisfeito a curiosidade, ela voltava à carga com outra pergunta.

— Há alguma coisa errada — continuava ela a dizer. — Todd não tem sido visto por ninguém. Geralmente, quando ele viaja, membros da Sociedade o localizam e me comunicam. Mas desta vez não recebi nem uma única palavra. Alguma coisa está errada. Porque eu sempre tenho notícias dele.

— Tenho certeza disso.

— De modo que, o que é que está acontecendo? Você tem que me dizer.

— Por que deveria estar acontecendo alguma coisa? — perguntou Maxine, fazendo o que podia para manter a calma. — Todd está cansado e precisa de um pouco de

descanso, de modo que viajou por algumas semanas.

— Para fora do estado?

— Isso mesmo, para fora do estado.

— Para fora do país?

— Sinto muito, mas ele me pediu para não dizer.

— Porque temos membros em todo o mundo.

— Eu sei disso, mas...

— Quando ele viajou em lua-de-mel para o Marrocos — continuou Tammy —, recebi seis relatos de pessoas que o viram. (Esta era uma referência ao fato que causara a Maxine mais problemas de publicidade do que qualquer outro na vida de Todd: o curto casamento com a estranhamente emaciada modelo Avril Fox, saturado de cenas potencialmente prejudiciais para a imagem de um astro: adultérios, um ménage-à-trois envolvendo a irmã de Avril, Lucy, e um caso de violência doméstica.)

— Às vezes — disse Maxine, um laivo de condescendência insinuando-se na voz

— Todd gosta de aparecer em público. Em outras ocasiões, não.

— E neste exato momento?

— Ele não quer aparecer.

— Mas por que ele se importaria em ser visto? — continuou Tammy. — Se nada existe de errado com ele...

Maxine hesitou, pensando em qual seria a melhor maneira de acalmar as suspeitas que Tammy estava claramente sentindo. Não podia simplesmente inventar uma desculpa e cortar a ligação. Isso tornaria essa tal Lauper ainda mais curiosa do que já estava. Com todo cuidado possível, precisava levar a conversa para longe da área de perigo.

— Vou lhe contar por quê. Baixando um pouco a voz, como se estivesse para contar alguma coisa realmente importante, disse: — Ele tem um projeto secreto no forno.

— Oh? — disse Tammy. Mas não pareceu convencida. — Não é o Warrior, é? Eu li o roteiro e...

— Não, não é o Warrior. É uma coisa muito pessoal, que ele mesmo está escrevendo.

— Ele está escrevendo o roteiro? Todd está escrevendo alguma coisa? Em uma entrevista a People em julho passado ele disse que odiava escrever. Era um trabalho cansativo demais.

— Bem, eu disse uma pequena mentira — reconheceu Maxine. — Ele não está escrevendo pessoalmente. Está trabalhando com outra pessoa neste projeto. Um roteirista muito respeitado, para dizer a verdade. Mas está abrindo o coração, de modo que é um projeto muito pessoal.

Seguiu-se um silêncio. Maxine esperou. Teria Tammy mordido a isca ou não?

— De modo que vai ser autobiográfico esse filme?

— Eu não disse que era um filme — respondeu Maxine, sentindo um pequeno prazer em enganar Tammy. — Pode terminar na tela, mas neste exato momento ele está simplesmente dando duro para pôr seus sentimentos no papel. Isto é, ele e o escritor.

— Qual escritor?

— Não posso dizer.

— Você sabe que a história se tornaria muito mais acreditável se você me desse mais alguns detalhes — lembrou Tammy.

Era isso. Maxine perdeu a calma. Como era que essa putinha tinha a coragem de sugerir que suas mentiras não eram verossímeis?

— Quer saber de uma coisa, Tammy? Eu já disse mais do que devia — cortou-a secamente. — E tenho seis telefonemas à espera. De modo que, se me der licença...

— Espere... O que eu vou dizer aos membros da Sociedade?

— O que eu acabei de lhe dizer.

— Você jura que Todd está bem?

— Deus do céu, quantas vezes? Juro. Todd está em perfeito estado de saúde. Para dizer a verdade, nunca esteve melhor do que agora. — Tomou uma profunda respiração e fez força para se acalmar um pouco, antes de acabar dizendo alguma coisa de que se arrependeria. — Escute, Tammy, eu gostaria, realmente, de poder lhe dizer mais alguma coisa. Mas este é um assunto privado de Todd, de modo que tenho certeza de que você compreende. Ele precisa de um tempo longe da pressão de ser uma celebridade para poder trabalhar neste projeto e, quando terminar, tenho certeza de que você será uma das primeiras a saber. Agora, realmente, vou ter que desligar.

— Só mais uma pergunta — disse Tammy.

— Faça.

— Que título vai ter?

— Que título vai ter? — repetiu Maxine, procurando ganhar tempo.

— O roteiro. Ou o livro. Ou o que quer que vá ser. Qual vai ser o título?

Oh, merda, pensou Maxine. Nesse momento, estava numa fria daquelas. Bem, por que, diabo, não podia dar um título àquela mulher? Mentindo tinha se metido num buraco, por assim dizer, e uma mentira a mais não ia prejudicar. Lembrou-se de Todd em uma imagem que, nesse momento, estava indelevelmente gravada em sua mente, sentado à espera que Burrows começasse a cortar e a tirar as ataduras. E o título lhe ocorreu.

— Cego Guiando Cego — disse.

— Não gostei — retrucou Tammy, já com ares de proprietária.

— Nem eu — respondeu Maxine, pensando não só no título, mas em toda esta confusão que se espalhava, que esgotava uma pessoa. — Confie em mim, Tammy. Eu também não gostei.

TAMMY JAYNE LAUPER morava na Elverta Road, em Rio Linda, Sacramento, em uma casa tipo fazenda de dois andares, a quinze minutos do Aeroporto Internacional de Sacramento, onde o marido trabalhava há oito anos no despacho de bagagens. Não tinham filhos nem esperança de vir a tê-los, o que, se acontecesse, seria um milagre de proporções bíblicas. Arnie tinha uma contagem zero de esperma. Tammy pouco se importava com isso. Simplesmente porque Deus lhe dera seios do tamanho de melancias não significava que ela tivesse nascido para ser mãe. E, claro, a falta de filhos deixava espaço de sobra na casa para guardar todos os arquivos daquilo que Arnie chamava zombeteiramente de "O pequeno fã-club de Tammy".

— Não é um fã-club — disse Tammy incontáveis vezes — , é uma sociedade de admiradores.

Arnie respondeu que Tammy não era nenhuma admiradora, mas pura e simplesmente uma fã, e sabia que, em todas as ocasiões em que haviam aproveitado para dormir juntos e ela fechava os olhos, era aquele cabeça de caralho

Pickett que ela imaginava em cima de sua gorda bunda e esta era toda a pura verdade que havia. Quando Arnie começava a falar dessa maneira, Tammy simplesmente desligava o aparelho de escuta. Ele acabava parando quando tinha certeza de que ela não estava escutando e voltava para a frente da TV com uma cerveja na mão.

O principal centro de operações da Sociedade dos Admiradores de Todd Pickett era o quarto da frente da casa. O quarto em que ela e Arnie dormiam era muito menor, mas, como ela lhe disse, isso não importava muito, uma vez que tudo que faziam ali era dormir. Ainda tinham uma cama de casal, embora só Deus soubesse por quê. Ele nunca a tocava. E há uns dois anos ela havia deixado de querer que ele fizesse isso. O terceiro quarto (e todos os armários) eram usados como arquivos: pastas de recortes, números da fanzine (trimestral no primeiro ano, bimensal depois e, nesse momento, novamente trimestral), fotografias e biografias para distribuição aos novos membros, cópias de kits para a imprensa de todos os filmes jamais feitos por Todd, em vinte e seis idiomas.

No térreo, onde teria ficado a sala de estar da família, ela mantinha a Coleção, formada de itens ligados a Todd e sua carreira, todos eles relativamente raros, alguns únicos. Pendurados em sacos plásticos de roupa fechados com zíper, havia peças feitas para o elenco e equipe técnica dos filmes. Na cornija da lareira, ainda

fechados em suas caixas, seis bonecos Todd Pickett, que haviam sido o "quente" para ter durante seu período de ídolo de adolescentes, com as caixas autografadas por ele. Preservadas em um invólucro a vácuo, várias peças de maquiagem de látex para seu papel naquele filme indicado para o Oscar, como o boxeador aleijado de *The Burning Year*. Ela jamais olhava para essas peças. Havia sido avisada de que elas se deteriorariam se expostas à luz.

A coleção incluía também uma biblioteca abrangente de roteiros para os filmes, com todos os adendos, incluindo um no cursivo de Todd, juntamente com um conjunto completo de novelizações dos filmes, encadernadas em couro e com títulos dourados. Havia ainda listas de créditos de todas as equipes técnicas que haviam trabalhado com ele, croquis de roupas e folhas de marcação de falas e, claro, cartazes de todos os tamanhos e nacionalidades. Se

o Smithsonian jamais quisesse construir uma ala dedicada à vida e carreira de Todd Pickett, bravateou certa vez Tammy, não precisaria procurar mais longe do que no quarto da frente de sua casa. Certa vez, tentou contar os artigos que possuía. Era alguma coisa na casa de dezessete mil e trezentos, não incluindo as peças das quais tinha mais de uma cópia.

E foi para esse santuário que ela voltou após a frustrada conversa com Maxine Frizelle. Fechou e passou a chave na porta (embora Arnie não voltasse do trabalho e de suas distrações pós-expediente ainda por várias horas) e sentou-se para pensar. Após alguns minutos, repassando a conversa recente, no fundo do quarto, tirou de seu cofre de tesouro uma caixa de fotografias.

Elas eram motivo de um orgulho e alegria especiais: fotos de Todd (quatorze no total), que conseguiu comprar de alguém que havia conhecido o cinegrafista das cenas posadas no quarto filme de Todd, *Life Lessons*, o filme que havia assinalado a maioridade de Todd, aquele em que ele mudou de Garotão para Homem. Claro, o sorriso seria de um garotão, isso era parte de sua magia, mas, após o *Life Lessons*, ele passou a representar papéis mais difíceis: um soldado que voltava da guerra, um bombeiro, um homem falsamente acusado do assassinato da esposa. Ali, então, flagrado em momentos anteriores à sua vida adulta no cinema, estava o menino-homem dos sonhos de Tammy. Ela havia comprado mesmo os negativos da série de fotos e, juntamente com eles, a garantia do vendedor de que eles haviam sido "perdidos" nos escritórios da produção, antes de terem sido vistos pelo diretor, o produtor ou o próprio Todd. Em resumo, ela possuía as únicas cópias.

A raridade, porém, não era a razão por que lhes dava tanto valor. O que os tornava seu tesouro especial — a qualidade que fazia com que ela voltasse repetidamente a eles, quando Arnie estava no trabalho, e sabia que tinha tempo para devanear — era o fato de que o cinegrafista flagrara desprevenido o seu ídolo. Bem, nu da cintura para cima e distraído. Todd era esguio e pálido, o corpo sem nenhuma

gordura, não só músculos e veias saltando, apenas um corpo comum, bonito, o corpo do meninão da casa ao lado, se ele por acaso fosse perfeito. Ela jamais viu um corpo que julgasse tão belo.

E havia também o rosto. Oh, aquele rosto! Ela viu literalmente milhares de vezes as fotos de Todd nos últimos 11 anos — e aos seus olhos adoradores, ele era bonitão em todas elas —, mas, nessas fotos particulares, ele era algo mais do que bonito. Havia naqueles olhos uma certa expressão perdida que lhe permitia alimentar a crença de que, se houvesse estado lá naquele momento — se ele a tivesse visto e olhado com aquele mesmo sentimento de pessoa abandonada que tinha nos olhos —, tudo em sua vida teria sido diferente e talvez, apenas talvez, tudo na dele.

Quando pensava com clareza, Tammy sabia que tudo isso era uma tolice romântica. Era uma mulher sem nenhuma beleza e, mesmo que tivesse perdido 16kg nos dois últimos anos, continuava com um excesso de 15kg. Como poderia ter esperança de comparar-se com as beldades vistosas com quem Todd namorava, tanto na tela quanto fora? Ainda assim, de vez em quando, se permitia esses sonhos. Saber que seus vislumbres secretos de Todd estavam sempre ali, escondidos, à espera, tornava-lhe a vida um pouco mais suportável em Sacramento. E, melhor que tudo, ninguém os tinha. Eram seus e só dela.

Mas havia outra coisa maravilhosa nas 14 fotos: haviam sido batidas em uma sucessão tão rápida que, se as folheasse com velocidade suficiente, podia quase criar uma ilusão de movimento. Fez isso nesse momento, enquanto pensava na maneira como Maxine lhe falou ao telefone. Aquele absurdo de Todd ter viajado para escrever a história de sua vida ou o que quer que ela disse que ia ser não convencia, absolutamente. Simplesmente não era da natureza de Todd ser tão inacessível assim. Todas as férias que ele havia tomado — na Índia, na Nova Guiné, no Amazonas, por amor de Deus — haviam sido localizadas. Alguém tinha uma câmera e ele havia posado para fotos, sorrindo, acenando, matando o tempo. Não era do jeito dele desaparecer dessa maneira.

Mas o que podia fazer a esse respeito? Não ia receber nenhum esclarecimento de ninguém próximo a Todd. Todos contariam a mesma história. Ela já havia esgotado seus contatos nos estúdios, e todos afirmaram que não o viam já há algum tempo. Até mesmo na Paramount, onde ele supostamente faria o próximo filme, ninguém o via há meses. Nem, segundo a fonte mais confiável que possuía no estúdio, a secretária da assistente de Sherry Lansing, não havia qualquer reunião agendada com ele ou com sua equipe de produção.

Tudo aquilo era muito estranho e a deixava temerosa pelo homem de seus sonhos. Vamos supor que estivessem escondendo alguma coisa? Vamos supor que tivesse havido um acidente, um assalto e que Todd estivesse ferido? E se estivesse na

U.T.I. de algum hospital, ligado a aparelhos, a vida se escoando devagar, enquanto os filhos da puta que haviam feito fortuna à custa de seu talento mentiam para si mesmos e para todos os que quisessem escutar, fingindo que tudo ia correr bem com ele? Situações como essa aconteciam o tempo todo, especialmente em Hollywood, onde todos mentiam, onde isso era um estilo de vida.

Durante uma hora ou mais, seus pensamentos circularam em torno dessas imagens terríveis, enquanto permanecia ali, sentada entre seus tesouros.

Finalmente, tomou uma grave decisão. Não poderia fazer coisa alguma para solucionar o mistério sentada ali em Sacramento. Precisava ir a Los Angeles e chamar às falas algumas dessas pessoas. Era muito fácil mentir ao telefone. E muito mais difícil face a face, olhando dentro dos olhos do outro.

Deu um último olhar na sequência de fotos, demorando na última das quatorze, aquela em que o olhar de Todd esteve mais próximo de contato com a câmera. Outra foto, e ele estaria olhando diretamente para ela. Seus olhos, por assim dizer, teriam se encontrado. Sorriu para ele, beijou a foto, guardou-as na caixa, escondeu o cofre e foi até a cozinha para ligar para Arnie no aeroporto e lhe dizer o que pensava em fazer. Ele estava no meio de seu turno de trabalho e não podia atender. Deixou um recado, pedindo a ele que lhe ligasse, fez uma reserva num vôo da Southwest para Los Angeles e outra em um pequeno hotel no Wilshire Boulevard, onde havia se hospedado numa ocasião em que veio a Los Angeles para uma convenção sobre Todd Pickett.

O vôo estava marcado para 3h10min daquela tarde e chegaria a Los Angeles às 4h15min. A decolagem, no entanto, foi adiada por quase duas horas e, em seguida, o avião descreveu círculos sobre LAX durante quase três quartos de hora antes de poder aterrissar, de tal modo que só depois das 7h30min é que pôde sair do aeroporto para o ar morno, cheirando a smog, de sua cidade amada.

Não sabia o que ia fazer, nesse momento em que estava na cidade, nem como nem onde começar. Mas, pelo menos, não estava sentada em casa, remoendo coisas na cabeça. Estava mais perto dele ali, pouco importando a conversa de Maxine, de que Todd se encontrava em algum local distante. Isso era uma mentira e Tammy sabia disso com certeza. Ele estava ali. E, se estava tendo qualquer problema, Deus sabia que ela faria tudo para ajudá-lo porque, o que quer que alguém pudesse dizer, ela sabia que não havia uma alma na terra que se importasse mais com o bem-estar de Todd Pickett do que ela.

E em algum lugar, escondida em algum vergonhoso lugar de sua mente, havia a esperança de que houvesse ali alguma conspiração, porque isso lhe daria uma oportunidade de procurar resgatá-lo, salvá-lo de pessoas como aquela Frizelle, fazê-lo compreender quem realmente o amava. Oh, isso não seria uma coisa maravilhosa?! Mas não teve coragem de pensar muito nisso, pois isso a deixava

doente de culpa e esperanças. Não deveria desejar nada que não fosse o melhor para Todd. Ainda assim, o mesmo pensamento continuava a voltar, sorrateiro, o pensamento de que, em algum lugar nessa cidade, ele estava à sua espera — mesmo que ele não soubesse disso ainda, esperando para ser salvo e consolado. Sim, ousou pensar, até mesmo amado.



OITO

Sem nenhum problema, Todd e Marco ajustaram-se à vida no Esconderijo, no desfiladeiro. Todd instalou-se no quarto do dono que (como havia bravateado Maxine) tinha uma vista extraordinária do desfiladeiro embaixo. Nos dias claros, que eram muitos em princípios de março, Todd, de sua janela, via o oceano, brilhando além dos arranha-céus de Century City. Em dias excepcionais, podia mesmo vislumbrar a forma vaga da ilha Catalina.

Marco escolheu um quarto bem menor no andar abaixo, com uma sala de estar contígua, e encarregou-se de fazer tanto quanto fazia na casa de Bel Air, isto é, atender com uma presciência sobrenatural às necessidades do patrão e, tendo prestado os serviços requeridos, desaparecer numa quase invisibilidade.

A área ali era muito mais silenciosa do que Bel Air. Aparentemente, não havia tráfego na única estrada que serpenteava pelo desfiladeiro, à parte o barulho ocasional de um helicóptero da polícia sobrevoando a região ou um som de sirene vindo do Sunset. Todd nada ouvia da cidade, estendida abaixo a uma distância tão curta. O que de fato ouvia à noite eram os coiotes, que pareciam assombrar em grandes números as encostas do desfiladeiro. Em algumas noites, de pé em um dos muitos terraços de sua nova mansão, bebendo e fumando um cigarro, ouvia um animal solitário iniciar um ganido urgente na encosta oposta do desfiladeiro e ouvia o chamado ser respondido de outro local, mais outro, até se transformar num coro ensurdecedor, subindo da escuridão que o cercava por todos os lados, de tal modo que parecia que o desfiladeiro estava vivo com a presença deles. Tinha ouvido também coiotes em Bell Air, claro. A proximidade deles da casa sempre provocava em Dempsey um frenesi de latidos, puxados de dentro do peito, como se para anunciar que o cachorro da casa era muito maior do que na realidade era.

— Estou espantado com o número de coiotes que há aqui em cima — disse Marco, após uma noite particularmente barulhenta. — A gente pensaria que eles iriam para algum outro lugar onde houvesse mais lixo. Quero dizer, eles são catadores de restos, não?

— Talvez eles gostem deste lugar aqui — observou Todd.

— É, acho que é isso.

— Não há gente por aqui para afugentá-los.

— Exceto nós.

— Nós não vamos passar muito tempo aqui — lembrou Todd.

— O senhor não parece muito contente com isso.

— Eu acho que poderia me acostumar a este lugar.

— Já esteve lá no alto da crista do desfiladeiro?

— Não. Não tive energia para isso.

— Pois devia subir até lá. Dar uma olhada. Lá em cima a vista é assombrosa.

A conversa, embora curta, plantou na mente de Todd a ideia de subir a colina. Precisava voltar a exercitar-se, como lembrou Maxine, ou ia descobrir que estava com um rosto curado e um corpo gordo demais. Mas ele não acreditava nem por um minuto que o rosto estivesse sequer perto de curado, mas aceitou o argumento dela. Estava bebendo demais e comendo muito Élvís Midnight (manteiga de amendoim, geléia, bacon tostado e banana fatiada em sanduíche de pão Wonder Bread, fritado generosamente em manteiga), o que não era bom para a linha de cintura. Já sentia as calças apertadas e a bunda — quando a examinava no espelho — ficando carnuda demais.

Logo, logo teria que voltar a fazer um pouco de exercício sério: começar a correr todas as manhãs, talvez mandar trazer da casa em Bel Air o equipamento de seu ginásio particular e instalá-lo ali. Mas, enquanto isso, voltaria aos poucos à rotina, fazendo algumas caminhadas exploratórias, uma das quais, prometeu a si mesmo, o levaria até o alto da colina para ver como era a paisagem ao chegar ao fim da estrada.

Burrows e a enfermeira Karyn vinham dia sim, dia não para mudar as ataduras e verificar o estado do rosto. Embora Burrows alegasse que o processo de cura vinha se desenvolvendo bem, suas maneiras permaneciam discretas e cautelosas. Era claro que tudo aquilo lhe havia cobrado um preço à confiança em si mesmo. O bronzeado artificial do médico não conseguia esconder um certo aspecto doentio em sua palidez, e a pele em volta dos olhos e boca, esticada graças a uma série de pinçamentos e puxões, mostrava uma rigidez nada natural. Superficialmente, ele mantinha o mesmo otimismo sobre o prognóstico a respeito da recuperação de Todd. Dizia ter certeza de que não haveria cicatrizes permanentes. Na verdade, estava mesmo disposto a arriscar a opinião de que as coisas iriam acabar "como planejadas" e que ele iria sair de toda essa experiência parecendo dez anos mais moço.

— Neste caso, quanto tempo até que eu possa me livrar destas ataduras?

— Eu diria, mais uma semana.

— E depois disso... quanto tempo antes que eu possa voltar ao normal?

— Não quero fazer promessas — disse Burrows —, mas, dentro de um mês. Há alguma coisa de grande urgência?

— Há... Quero que as pessoas me vejam. Quero que saibam que não estou morto.

— Claro que ninguém acredita nisso — protestou Burrows.

Todd chamou Marco:

— Onde estão aqueles tablóides que você trouxe? — perguntou. — O doutor não andou lendo recentemente esse lixo em sua sala de espera.

Marco deixou a sala e reapareceu momentos depois com cinco revistas, colocando-as na mesa ao lado de Burrows. A mais alta da pilha mostrava uma foto indistinta, em preto e branco, de um enterro, tirada evidentemente com uma lente para grandes distâncias. O título dizia: Super-Astro Enterrado em Cerimônia Sigilosa. A revista embaixo dessa mostrava uma foto de fisionomia séria da ex-namorada de Todd, Wilhemina Bosch, e dizia, como se tirando palavras de seus lábios tristes: Eu nem mesmo tive oportunidade de me despedir dele. E, ainda por baixo, a terceira revista bravateava conter As Últimas Palavras de Todd Pickett: *"Eu vi Cristo ao lado de seu leito de moribundo, diz a enfermeira."* Burrows não se deu o trabalho de olhar para as últimas.

— Quem é que inicia uma bobalhada como essa?

— Me diga quem — respondeu Todd.

— Só espero que você não esteja insinuando que foi alguém de minha equipe cirúrgica, porque lhe garanto que todo cuidado foi tomado...

— Isso mesmo, isso mesmo — cortou-o Todd. — O senhor não é responsável por coisa nenhuma. Eu sei. Entendeu? Eu finalmente fiquei sabido. Leio nas entrelinhas.

— Francamente, não consigo entender qual é o seu problema. Tudo o que tem a fazer é dar um telefonema, dizer onde está e os boatos acabam.

— E o que era que ele ia dizer? — quis saber Marco. O óbvio. Diria o seguinte: Todd Pickett falando, estou vivo e bem, e muito obrigado.

— E depois, o quê? — perguntou Todd. — Quando vierem aqui para tirar fotos e confirmar que está tudo bem? Ou quiserem uma entrevista face a face? Face. A. Face. Com isto?

Nesse momento, o rosto estava sem ataduras. Levantou-se e foi até o espelho.

— A impressão que dou é que acabei de passar por dez assaltos com um peso-pesado.

— Eu só posso lhe garantir que a inchação está definitivamente diminuindo. Isto simplesmente vai levar algum tempo. E a qualidade da nova epiderme é de primeira classe. Acredito que você vai se sentir muito feliz ao fim de tudo.

Todd nada disse durante um momento. Em seguida, com um tipo de sinceridade simples que raramente — se é que alguma vez — conseguiu mostrar frente a uma câmera, virou-se e disse a Burrows: — Quer saber o que eu desejaria? — perguntou. Burrows sacudiu a cabeça.

— Eu desejaria nunca ter posto os olhos em você, seu cara de caralho.



NOVE

Tammy conhecia apenas umas poucas pessoas em Los Angeles, todas elas membros da Sociedade dos Admiradores, mas resolveu não avisar a ninguém que estava na cidade. Todos iam querer ajudá-la na investigação e isso era uma coisa que preferia fazer sozinha, pelo menos no início.

Hospedou-se num pequeno hotel no Wilshire Boulevard, a apenas algumas centenas de metros do Westwood Memorial Park, onde estavam enterrados grandes números de astros e quase astros. Em sua última visita, prestou seu tributo aos famosos que ali repousavam, entre eles Donna Reed e Natalie Wood, como também Darryl F. Zanuck e Oscar Levant. A grande reivindicação à fama do cemitério, porém, era Marilyn Monroe, que descansava em uma cripta simples de concreto, diferente das outras apenas pelo número de coroas de flores que atraía. A cripta ao lado continuava ainda vazia, assim mantida — pelo menos era o que se dizia — à espera dos restos mortais de Hugh Hefner.

Tammy não havia gostado da visita ao Park. Na verdade, deprimira-a um pouco. Dessa vez, certamente não tinha a menor intenção de lá voltar. Nesta visita, o que a interessava eram os vivos, não os mortos.

Ao se instalar no hotel, ligou para Arnie, deu-lhe o número do quarto para qualquer emergência e lhe disse que, no máximo, estaria de volta dois dias depois. E ouviu-o destampando uma garrafa de cerveja enquanto falava com ela — a julgar pela fala arrastada, não a primeira daquela noite. Ele ficaria muito bem sem ela, pensou. Provavelmente, mais contente.

Pediu serviço no quarto e em seguida sentou-se para planejar seus passos no dia seguinte. A primeira linha de investigação seria a mais direta: iria à casa de Todd em Bel Air e tentaria descobrir se ele estava lá ou não. O endereço dele não era nenhum segredo. Na verdade, tinha fotos de todos os cômodos da casa, incluindo o banheiro da suite, com banheira rebaixada, tirada pela imobiliária quando a casa ainda estava à venda, embora, claro, ela tivesse sido reformada e a disposição interna provavelmente mudada. Sabia que eram remotas suas chances de até chegar à porta da frente — e muito menos de vê-lo. Mas seria tolice sua não tentar. Talvez tivesse um vislumbre dele saindo para fazer cooper ou vê-lo em uma janela. Neste caso, todas suas preocupações acabariam e poderia voltar feliz para Sacramento, sabendo que ele estava vivo e bem.

Alugara um carro no aeroporto e planejava ir até Bel Air na mesma noite da chegada, mas, com as confusões de atraso do voo, estava simplesmente cansada demais. Foi dormir às 10h e acordou cedo e animada. O serviço de quarto oferecido

pelo hotel nada tinha de especial — e apreciava um bom café da manhã —, de modo que cruzou o Wilshire e seguiu para Westwood Village, escolheu uma lanchonete e pediu um café da manhã com tudo a que tinha direito: ovos mexidos, bacon, pão de centeio, torrada branca e café. Enquanto comia, passava a vista pelo People e pelo USA Today.

Ambos os jornais traziam matérias sobre a próxima cerimônia dos Oscars, que seria realizada três dias depois. Todd jamais conquistara um Oscar (o que, julgava Tammy, era prova irrefutável da corrupção da Academia), embora tivesse sido indicado quatro anos antes pelo *The Burning Year*, um dos seus filmes menos populares.

Ela sentira grande orgulho dele, que tivera um bom desempenho no filme e ela acreditara que ele tinha uma chance de ganhar o prêmio. Assistir à cerimônia fora uma experiência quase intolerável. Seu coração bateu desabalado quando Susan Sarandon, que fazia a entrega dos prêmios, atrapalhou-se nos envelopes. Pensou que ia desmaiar de tanta expectativa, antes que o vencedor fosse mencionado. Em seguida, claro, Sarandon deu o nome do vencedor, que não foi Todd. As câmeras estiveram focalizadas nele durante todo o episódio da atrapalhação com os envelopes e houve um momento, entre a menção do nome do vencedor e ele aplaudindo o premiado, quando sua decepção foi perfeitamente clara, pelo menos para alguém que conhecia tão bem a linguagem de seu rosto, como Tammy.

Ela havia visto um único filme entre os concorrentes daquele ano, e isso apenas porque Tom Hanks tinha nele um papel, e ele parecia uma pessoa muito bacana. Passou rapidamente os olhos pela matéria, em vez de lê-la, na esperança de encontrar alguma menção tranquilizadora sobre Todd, mas nada viu.

Terminado o café da manhã, voltou ao hotel, deixou um recado para Arnie no aeroporto, simplesmente dizendo que tudo estava bem, e pegou um mapa na recepção, para o caso de lhe faltar seu senso de direção. Assim preparada, dirigiu-se para a casa de Todd.

Precisou de 25 minutos através do pesado tráfego matutino para chegar às ruas estreitas e tortuosas de Bel Air. Não havia muita coisa para ver, com a maioria das mansões escondidas atrás de altos muros, erçados de cravos e câmeras de vídeo. Mas não havia como duvidar que estava em um bairro muito seleta. Todos os carros parados nas ruas estreitas eram caros (em um local, passou por um Rolls-Royce café com leite à esquerda e um Porsche à direita). Em outra rua, encontrou outra superestrela glamorosamente encapuzada fazendo cooper, seguida de perto por uma limusine preta, presumivelmente trazendo garrafas d'água e barras de granola.

O que seria, pensou, ser tão mimada e paparicada? Saber que, se não havia papel higiênico na casa nem sorvete no freezer, era trabalho de alguém sair e ir comprar.

Nunca ter que se preocupar com o pagamento de impostos ou com a hipoteca. Nunca acordar às 3h da manhã e pensar: Quem sou eu? Eu não sou ninguém. Se eu morrer amanhã, ninguém vai notar e ninguém realmente vai se importar.

Claro, sabia que muitas responsabilidades acompanhavam toda essa riqueza e conforto. E elas cobravam um preço a algumas pessoas: levava-as para o álcool, às drogas e ao adultério. E era difícil ser idolatrado e objeto de curiosidade a todo instante. Mas nunca sentiu muita simpatia pelos queixosos. Pessoas pagavam milhões para ver-lhes o sorriso e isso os deixava contrafeitos.

Merda difícil de engolir.

Sem maior dificuldade, encontrou a casa de Todd. Não tinha número, mas reconheceu o muro com ameias e os lampiões retangulares de cada lado do portão. Subiu a rua, encontrou um ponto para estacionar e voltou na direção da casa, tentando parecer tão invisível quando poderia ser uma mulher de 101 kg de peso usando calça comprida preta de poliéster. Ao chegar ao portão, notou um carro estacionado na entrada de automóveis, a uns 20m do outro lado do portão, com a mala aberta.

Não viu sinais de ninguém carregando ou descarregando alguma coisa. Olhou para dentro, dali da rua, durante um ou dois minutos, a coragem alternadamente aparecendo e desaparecendo.

Não podia simplesmente ir até o portão e tocar a campainha. O que iria dizer? Olá, eu sou a Fã Número Um de Todd e gostaria de saber se ele está bem? Ridículo! Alguém pensaria que ela era uma admiradora maluca e seria presa. Na verdade, alguém podia estar observando-a nesse exato momento por uma câmera escondida e chamando a polícia.

Permaneceu onde estava, chamando nomes a si mesma por não ter planejado bem as coisas antes de vir para ali. Não sabia se era melhor ficar onde estava e tirar o máximo que pudesse dessa situação de pesadelo ou tentar displicentemente afastar-se dali.

Nesse momento, uma porta bateu, em algum lugar fora da vista. Teve vontade de afastar-se correndo, mas estava longe demais do carro para poder fazer uma retirada rápida. Tudo que pôde fazer foi ficar onde estava, pedindo a Deus que não houvesse nesse momento ninguém olhando para os monitores de segurança.

Nesse momento, ouviu o som de alguém assoviando e, segundos depois, o próprio assoviador apareceu. Tammy reconheceu-o instantaneamente. Era Marco Caputo, assistente e segurança de Todd. Havia-o visto duas vezes, a primeira em uma festa de pré-estréia do The Burning Year, e a outra em Las Vegas, onde Todd havia sido escolhido o Ator do Ano na ShoWest. Ela havia polidamente apresentado suas credenciais como presidente da Sociedade de Admiradores e perguntara delicadamente a Caputo se podia conversar por um minuto com Todd. Em ambas

as ocasiões, ele fora grosseiro com ela. Na segunda vez, na verdade, ele a chamara de "mulher maluca", o que a havia levado a queixar-se a Maxine Frizelle. Maxine pedira desculpas, de uma maneira que não a convencera e prometera que isso nunca mais aconteceria. Tammy, porém, não ia submeter a teste pela terceira vez a paciência de Caputo, especialmente nessas circunstâncias duvidosas.

Antes que ele pudesse erguer a vista e vê-la, porém, Tammy recuou para dentro das moitas de sarça que cresciam luxuriantes no outro lado da rua. Manteve os olhos nele o tempo todo. Notou que ele estava ocupado demais com o trabalho para notá-la, graças a Deus, e, nesse momento, escondida nas moitas, tinha um ponto de observação perfeito para segui-lo com os olhos, enquanto ele ia e voltava da casa para o carro. Ele estava enchendo o carro de um sortimento estranho de coisas, incluindo vários prêmios que sabia que pertenciam a Todd. E também removendo outros objetos: uma grande variedade de ornamentos vistosos, um pé de maconha num vaso, algumas fotos emolduradas. Tudo isso e mais nove ou dez caixas de papelão fechadas e colocadas com todo cuidado na mala ou no assento traseiro do carro. Em todo esse processo, nenhum sinal de Todd, nem ouviu qualquer conversa dentro da casa. Se Todd estava lá, não estava conversando com Marco. Seus instintos, porém, diziam-lhe que ele não estava na casa.

Durante um quarto de hora inteiro, observou-o enquanto ele trabalhava — reunindo todas as provas — e chegou finalmente à conclusão de que estava presenciando um roubo. Claro, a antipatia que sentia pelo ladrão foi um fator importante no que pensou, mas não havia a menor dúvida de que Caputo estava com ares furtivos enquanto trabalhava. De vez em quando, ele levantava a vista, como se estivesse com medo de ser observado (talvez ele sentisse que estava) e, quando fazia isso, notou-lhe o rosto mal barbeado e olhos encapuzados. Ele não andava dormindo bem ultimamente. E já havia decidido o que iria fazer muito antes de ele terminar com aquele crime. Iria segui-lo quando ele saísse e descobriria onde ele iria deixar o produto do roubo. Em seguida, chamaria a polícia e ele seria preso. Com sorte, isso melhoraria a opinião de Maxine a seu respeito. Poderia mesmo merecer confiança para ser convidada a participar do círculo encantado que envolvia Todd. Bem, talvez isso fosse esperar demais. Mas, pelo menos, evitaria que Caputo tirasse proveito do roubo.

Com o carro cheio até a borda, Caputo fechou com estrondo a mala e voltou para a casa, principalmente para fechá-la. Logo que ele se afastou, Tammy saiu de dentro das moitas e correu para seu próprio carro. O dia estava ficando quente. Sentiu suor escorrendo por baixo dos seios e a calcinha enrolada dentro do rego da bunda. Pôs o ar condicionado no ponto mais alto e em seguida subiu a rua por certa distância, até achar espaço para virar o carro, e terminou a manobra em tempo de ver o Lexus preto de Caputo deixar a entrada de automóveis. Ele era o único ocupante do carro.

Mantendo distância, seguiu o Lexus através do labirinto dos muros e câmeras de Bel Air até o Sunset Boulevard. Quase perdeu a presa nos sinais de trânsito, mas, por sorte, o tráfego na direção leste no Sunset estava congestionado e, com um pouco de direção descortês com os outros motoristas, conseguiu mantê-lo à vista, finalmente emparelhando-se novamente. Ele dirigia com facilidade e impaciência, mudando de pista para ultrapassar motoristas lerdos. Mas ela estava à altura dele. Aonde quer que ele fosse, ela iria permanecer na cola desse ladrão.

Não teve tempo de consultar os mapas que pegou no hotel, ocupada demais em manter os olhos em Caputo. De modo que, quando ele virou de repente para a esquerda e reentrou nas colinas, perdeu imediatamente o sentido de direção sobre o lugar para onde estavam indo. O tráfego logo se tornou leve e, as ruas, estreitas e serpenteantes.

Em certo momento, ele parou em um sinal e olhou por cima do ombro.

Ela teve certeza de que ele compreendeu que estava sendo seguido e preparou-se para um bate-boca. Mas, não. Ao que parecia, alguma coisa que colocara no assento traseiro mudara de posição e ele estava simplesmente se inclinando para trás a fim de repô-la no lugar. Feito isso, continuou em seu caminho e ela a seguiu-o a uma distância segura.

A estrada enrolou-se tanto sobre si mesma ao descer que ela preferiu perdê-lo de vista várias vezes a arriscar-se a ele notar que estava sendo seguido. Mas não tinha medo de perdê-lo. Ao contrário de Bell Air, que era uma coelheira de pequenas ruas, o desfiladeiro que subiam nesse momento só tinha uma via e ambos estavam nela. Os poucos sinais de habitação que via — um muro, ocasionalmente um portão — sugeriam que aquilo ali não eram propriedades imobiliárias de alto luxo, o que era de surpreender, dada a localização. Árvores haviam crescido por cima da estrada, com os galhos entrelaçando-se em alguns locais e formando um dossel de folhas. Em um local, onde certo número de altas palmeiras crescia perto da estrada, folhas caídas formavam um tapete quebradiço sobre o asfalto esburacado.

Tammy começou a ficar um pouco ansiosa. Embora se tranquilizasse dizendo a si mesma que estava a apenas alguns minutos de carro do Sunset, aquele local lhe parecia um mundo muito diferente, um lugar atrasado e distante, e que coisas poderiam ali acontecer? Este era o lugar ideal para um negócio escuso: aparentemente não havia ninguém por perto para presenciar os negócios de Caputo, o que quer que fossem. Exceto ela, claro.

O Lexus preto esteve fora de vista durante um bom período de tempo quando, ao virar uma curva, encontrou-o parado de uma forma tão errada que poderia tê-lo atingido na traseira, se não tivesse agido rapidamente para evitar a colisão. Afastou-se o quanto pôde numa ultrapassagem rápida e, olhando para trás, viu Caputo abrindo manualmente um enorme portão de duas folhas. O ladrão virou-se

para olhá-la, mas ela apertou até o piso o acelerador e desapareceu de vista antes que ele pudesse fixar o olhar. Dirigiu por uma grande distância até que a estrada chegou a um beco sem saída, o que a deixou com apenas duas opções. A primeira, dar a volta e refazer visivelmente o caminho, passando pelo portão, de modo a dar a ele a certeza de que ela fora embora, ou alimentar a esperança de que a urgência daquilo que ele fazia o tornasse descuidado sobre sua presença e, quando chegasse ao esconderijo dos ladrões, ela tivesse sido esquecida. Decidiu-se pelo último curso. Tinha vindo longe demais para fugir dali naquele instante com o rabo entre as pernas.

A primeira coisa que notou ao descer do carro foi o profundo silêncio do desfiladeiro.

Embora a casa de Bel Air tivesse boa localização, longe do barulho de qualquer grande artéria de tráfego, ainda estivera consciente de se encontrar no meio de uma grande cidade. Ali, porém, o único som era a música das aves e dos insetos na relva. Teve o cuidado de não bater com força a porta.

Deixando a chave no carro e a porta entreaberta, no caso de precisar fugir rapidamente dali, desceu a rua na direção do portão.

Desta vez, não havia câmeras montadas ao longo do perímetro, o que a surpreendeu, mas, quem sabe, estava entrando no ninho de criminosos infames e todos nas vizinhanças sabiam que era melhor guardar silêncio. Se assim — se as pessoas com quem Marco estava fazendo negócio eram criminosas autênticas —, ela estaria numa encrenca. Estava sozinha ali em cima e ninguém sabia para onde fora.

Isto é uma loucura, pensou, enquanto andava. Mas continuou a andar. A perspectiva de sair disso como uma inesperada heroína era simplesmente atraente demais para ser abandonada. Sim, havia um risco. Mas talvez fosse a hora de arriscar-se um pouco, em vez de esconder-se em casa e ficar se babando com sua coleção de fotos. Estava no meio das coisas nesse momento e não ia se permitir dar as costas a essa aventura. Se fizesse isso — se subisse para o carro e fosse embora —, ela se perguntaria sempre como as coisas poderiam ter sido diferentes se, pelo menos por uma vez na vida, tivesse demonstrado coragem de seguir seus instintos. Arnie sempre a chamara de sonhadora e talvez ele tivesse razão. Talvez estivesse vivendo por um tempo longo demais em um mundo de sonhos, com seu pequeno museu de fotos para paparicar, na esperança — se isso jamais pudesse acontecer, claro — de que um dia, quando folheasse as fotos, Todd olhasse para ela, sorrisse e a convidasse para seu mundo, para nele ficar.

Era um sonho tolo, e sabia disso, ao passo que nesse instante e ali, andando pela rua de piso duro sob o sol quente, com um velho muro rachado à esquerda, tudo isso fosse real, inteiramente real. Se assim, talvez esse fosse o dia em que as fotos

se tornariam também reais, o dia em que finalmente encontraria seu caminho para um homem de carne e osso, para um Todd que lhe retribuiria o olhar, finalmente. Que a visse e lhe sorrisse.

Esse pensamento fê-la estugar os passos e chegar ao portão com a respiração um pouco acelerada, eufórica com a perspectiva de que, além dos riscos que a casa escondia, houvesse uma possibilidade que não conseguia imaginar devidamente (embora Deus soubesse que tentara evocá-la vezes sem conta), a imagem de seu ídolo aparecendo à sua frente, e ela com tanta coisa a dizer que nem saberia por onde começar.



DEZ

Tammy passou a vista pela área em volta do portão (cujas barras eram estranhamente entrelaçadas com trepadeiras de ferro trabalhado e a variedade viva) à procura das inevitáveis câmeras de segurança, mas, para sua surpresa, não viu nenhuma. Ou elas estavam muito bem escondidas, ou os proprietários da casa tinham absoluta certeza de que o desfiladeiro estava a salvo de visitantes e achavam que não precisavam disso. Mais surpreendente ainda, os portões não tinham tranca e empurrou um dos lados o suficiente para esgueirar-se por ali e entrar.

Do lugar onde se encontrava, viu parte da casa, embora ela estivesse quase totalmente escondida pela grande profusão de arbustos e árvores que margeavam a entrada de automóveis em curva. Viu o carro de Caputo estacionado perto da porta principal. Da mala aberta, ele tirava o produto do saque. Desejou ter trazido uma máquina fotográfica. Neste caso, poderia simplesmente bater uma chapa do criminoso em meio a um negócio ilícito e sair dali levando a prova. Mas, da forma como estavam as coisas, sentiu-se obrigada a aproximar-se mais e descobrir o que ele tirava nesse momento de dentro do carro. Se não conseguisse prova adicional, a situação terminaria com sua palavra contra a dele, e ela, afinal de contas, era uma intrusa em propriedade alheia. Suas acusações não teriam muito peso, a menos que pudesse ser bem específica sobre o que observasse.

Esperou até Caputo entrar na casa e, em seguida, dirigiu-se furtivamente para a porta principal, cobrindo metade da distância entre a porta e portão até o momento que o ladrão saiu novamente da casa e voltou ao carro.

Agachou-se atrás de uma Ave do Paraíso, sentindo-lhe a seiva gomosa sob os saltos dos sapatos. Dali observou enquanto Caputo tirava da mala do carro outra leva do saque. Enquanto isso, ouviu um grito dentro da casa, a voz curiosamente abafada.

— Marco! Esta foto está rachada.

— Merda.

Marco pôs no chão a caixa que nesse momento tirava da mala do carro e voltou para os degraus da casa. Nesse instante, o dono da foto, e daquela curiosa voz abafada, apareceu. Ao vê-lo, o coração de Tammy acelerou. Em primeiro lugar, ele estava nu da cintura para cima, a calça pendendo baixa dos quadris. Tinha o torso bronzeado, mas longe de elegante. Dava a impressão de ter tido outrora um corpo bem-cuidado, mas, nesse momento, em decadência.

Os músculos dos braços eram moles e ele mostrava o início de pneus saindo por cima do cinto. Tinha o rosto envolvido em ataduras. Não apertadas em volta da cabeça, como bandagens de múmia. Pareciam mais irregulares, com pedaços de gaze presos no rosto, testa, queixo e pescoço, fitas da atadura em volta da cabeça para prendê-los no lugar e cachos escuros saindo como aqueles tufo de cabelo que vemos projetando-se da cabeça de palhaços. No conjunto era isso o que ele parecia, com a calça mal-assentada e a pequena barriga: alguma coisa própria de circo. Parte palhaço, parte monstrengo.

Ele levantou a foto para que Marco a visse.

— Veja.

— Foi só o vidro que quebrou. Fácil de consertar.

— Você foi desleixado.

— Eu disse que mando consertar, chefia.

— O importante não é isso. Você foi relaxado.

Só quando o palhaço voltou para a casa, pendurando a foto emoldurada na maçaneta da porta para que Marco a pegasse, foi que Tammy compreendeu quem acabava justamente de ver.

Era Todd. Oh, meu Deus...

Era Todd, ali no umbral da porta, com o rosto todo enfaixado e o estômago pendendo sobre a calça.

Ouviu seu próprio arquejo. Levou a mão à boca para silenciar o som, mas não precisava ter se incomodado com isso. A rápida troca de palavras dos dois se transformara em uma discussão suficientemente alta para abafar qualquer som que ela pudesse emitir.

— Você é um merda de relaxado.

— Parte das coisas escorregou do banco traseiro, só isso. Nada de muito importante. Foi um acidente.

— Para meu gosto, há drogas demais de acidentes por aqui.

— Ei... eu disse que sinto muito.

— É uma foto da casa onde eu nasci.

— Mesmo? Mando botar uma nova moldura na segunda-feira.

A discussão sobre o vidro rachado parou aparentemente nessa altura. Tammy ficou observando enquanto Caputo, em pé nos degraus, olhava para dentro da casa, rosnando baixinho alguma coisa. O que quer que fosse, não se destinava aos ouvidos de Todd. Ele estava simplesmente soltando vapor.

Encostou-se no carro, acendeu um cigarro e se acalmou enquanto fumava.

Tammy não ousou se mexer. Mesmo que Caputo não estivesse olhando diretamente para ela, havia mais do que uma possibilidade de 50-50 de que ele a veria se ela

saísse do esconderijo. Tudo que podia fazer era permanecer onde estava, a mente cheia de explicações febris para o que acabava de ver.

Obviamente, alguma coisa horrível acontecera com Todd, mas o quê? O primeiro pensamento foi que uma das ex-namoradas o havia ferido (ele sempre fora mau juiz em assunto de mulher). Ou isso, ou estivera metido em algum tipo de acidente (teria sido isso o significado de sua observação sobre "acidentes demais"? O que quer que fosse, ele estava sofrendo terríveis dores, ou, então, por que teria se comportado daquela maneira? Seu coração abriu-se para ele. E estar ilhado nesse lugar esquecido por Deus, tendo por companhia apenas aquele cretino do Caputo, era de deixar qualquer um louco.

Finalmente, Caputo jogou o cigarro no chão, apagou-o com o pé e voltou ao trabalho. Tammy esperou até que ele desaparecesse dentro da casa antes de sair do esconderijo. O que devia fazer nesse instante? Voltar ao portão, à rua, ao carro e ir embora? Evidentemente, essa era a coisa mais sensata a fazer. Mas isso implicaria ir embora sem descobrir o que havia de errado com o pobre Todd. Não podia fazer isso. A coisa era tão simples assim. Não podia fazer isso.

Tinha que descobrir uma maneira de entrar na casa e, em seguida, arranjar um jeito de falar com ele antes que Caputo se metesse. Obviamente, a porta da frente não era o caminho, não com aquele bandido bem ali. Teria que tentar os fundos. Refez por alguns metros os passos pegajosos e, em seguida, dirigiu-se para um dos cantos da casa. Um caminho lajeado margeava aquele lado. Era uma descida estreita, íngreme e evidentemente não fora usada durante anos. Raízes haviam rachado as pedras e vegetação rasteira escondia o caminho em vários lugares. Precisou de nada menos de dez minutos para descer, cautelosa, mas acabou em um lugar muito mais belo do que esperara. Alguém havia criado outrora um maravilhoso jardim naquele local e, nesse momento, com a primavera mais cedo nesse ano em todo o estado, o local era belíssimo. Em toda parte, explosões de cores brilhantes — e beija-flores indo de uma flor a outra, enquanto borboletas secavam ao sol asas recém-nascidas.

A beleza do local expulsou-lhe da mente todos os pensamentos de perigo, pelo menos por alguns momentos. Atravessou as moitas na direção do que fora um enorme gramado — embora houvesse grande número de flores silvestres e muita relva brotando nas bordas do gramado, seus limites haviam se tornado virtualmente indistinguíveis um do outro — e olhou de volta para a casa, a vista passando de uma janela à outra, de um terraço a outro, para ver se alguém a observava. Não viu ninguém, tornou-se um pouco mais confiante e dirigiu-se para o centro do gramado, de onde poderia ter uma vista melhor da casa, que era muito mais vasta do que supusera ao vê-la de frente e, mesmo em seu estado arruinado, um lugar

elegante, as curvas dos terraços se encaixando umas nas outras, com corrimãos que eram trabalhos delicados de ferro batido.

Mas, dito isso, era uma casa estranha como residência de Todd. Sabia o quanto ele fizera para reformar a casa de Bel Air (quatro arquitetos, dois decoradores de interiores, uma despesa de milhões). Se assim, por que estaria ali? Só podia haver uma explicação. Ele estava se escondendo.

Não queria que ninguém o visse tão machucado assim. Tammy compreendia a lógica dessa solução. Havia algumas pessoas — algumas fãs — que queriam pensar que ele era perfeito. Por sorte, não era uma delas. De jeito nenhum. O fato de ele estar ali, confinado, sofrendo e com raiva, fez com que sentisse que aumentava seu amor. Se tivesse uma oportunidade, diria isso a ele. Se ele deixasse, lhe arrancaria do rosto aquelas ataduras sufocantes. Pouco lhe importava como ele parecesse sob elas, ele ainda era seu Todd, não? Ainda o homem que idolatrava. Pelo menos por uma vez, o fato de ter seios tão grandes seria uma dádiva de Deus, um lugar confortável para ele descansar a cabeça ferida. Poderia niná-lo e mantê-lo ali, bem e em segurança.

Pelo canto do olho, viu alguma coisa mover-se entre a folhagem. As imagens de situações felizes fugiram de repente. Bem devagar, olhou para as moitas onde vira movimento. O sol brilhava, e as sombras eram escuras e chapadas.

As folhas ondulavam à leve brisa. O que fora que vira? As folhas balançando? Aparentemente, sim, porque não havia ali nada visível.

Voltou o olhar para a casa, procurando a melhor maneira de entrar. No nível do jardim não havia janelas abertas — pelo menos, nenhuma que pudesse ver — e todas as portas pareciam bem trancadas. Abriu caminho por uma fileira de arbustos a fim de ver se a casa era mais vulnerável de outra posição e, nesse momento, ficou desorientada, porque quando voltou sobre seus passos a fim de tentar outro caminho descobriu que não via mais nem o jardim nem a casa. Sentiu-se como Alice, encolhendo. As flores em volta eram enormes, como girassóis, apenas púrpuras e escarlates e o aroma que desprendiam sufocantemente adocicado. Elas cresciam tão alto e em números tão assombrosos que não podia mais ver absolutamente a casa — nem uma ponta de chaminé, nem um terraço. Sua melhor esperança era tentar adivinhar a direção em que se encontrava a casa, o que fez, mergulhando através das flores enormes. Mas o palpite foi um erro irremediável. Os arbustos simplesmente ficaram mais densos, os girassóis transformaram-se em moitas, cujos ramos ostentavam flores amarelas em forma de campânula, quase do tamanho de sua cabeça. Não podia gritar pedindo socorro, claro. Se fizesse isso, Caputo viria correndo. Não tinha opção senão seguir da mesma maneira, sem esperança, até que as moitas se abrissem um pouco e ela pudesse voltar a ver o céu.

Emergindo das moitas, ficou imediatamente alerta, tendo em vista a possibilidade de ter chegado a um local onde pudesse ser vista. Mas não precisava ter se preocupado. A perambulação a havia trazido para baixo da colina e havia uma fileira de ciprestes (pelos quais não se lembrava de ter passado) entre ela e a casa. Para ela, só havia uma opção razoavelmente sensata.

Diretamente à sua frente estendia-se uma estreita trilha — tão coberta de mato como a que a havia trazido ali para baixo naquele lado da casa. Não tinha ideia de onde ela a levaria, mas era um caminho. Isso implicava que outros haviam estado ali antes dela, talvez no mesmo apuro, e essa trilha de terra batida os levaria à saída. Se havia funcionado para eles, por que não para ela? Tirando dos cabelos e blusa pedaços de gravetos e flores, continuou a andar pela trilha.

De repente, formou uma imagem mental de si mesma na situação em que se encontrava. Que espetáculo grotesco teria que ser, saindo aos tropeços de todo aquele verdor, como uma exploradora louca. Em que diabo estava pensando? Lá fora na rua deserta fora fácil convencer-se a invadir a propriedade alheia. Nesse momento, começava a pensar que aquela coisa toda não fora lá muito inteligente. Não era o fato de estar perdida nos arredores da casa que a deixava inteiramente frustrada: no fim, acabaria por descobrir como voltar à rua. Nem estava particularmente interessada na ameaça representada por Caputo, nesse momento em que sabia que Todd estava ali.

Caputo podia gritar um bocado e ameaçar chamar a polícia, se ela não fosse embora, mas ele latia mais do que mordida. Não, o que a fizera parar de súbito fora a sensação clara de que não estava sozinha ali no meio da vegetação.

Havia alguém próximo. Não podia ver ninguém, mas a sensação era forte demais para ser ignorada.

Lentamente, começou a girar sobre si mesma, observando a cena em volta.

— Quem quer que você seja... — disse, fazendo o possível para tornar a voz calma e não provocadora —, por favor, apareça.

Ouviu um movimento na vegetação rasteira, a uns cinco ou seis metros do lugar onde estava. Alguém — ou alguma coisa — aparentemente saíra de seu esconderijo. Havia mais de uma criatura nas vizinhanças, pensou. Havia várias. Nesse momento, a folhagem agitava-se por toda parte em volta dela, como se aqueles que se escondiam nas moitas estivessem se preparando para aparecer.

Voltou a andar, mais rápido do que antes e chegou a um lugar onde as moitas eram mais esparsas e lhe davam uma vista inteiramente inesperada.

Viu talvez sete ou oito jaulas, arrumadas de cada lado de um caminho largo e lajeado. Variavam em tamanho. A maioria poderia ter abrigado dois cavalos e deixar espaço para que eles se movessem, e a menor era talvez da metade da primeira. Plantas trepadeiras haviam se enrolado em torno das grades e arrastavam-

se no chão aqui e ali, em cortinas verdes em frangalhos, como se para esconder o que estava dentro das jaulas. Na verdade, nada havia para esconder. Os ocupantes daquele jardim zoológico haviam desaparecido há muito tempo.

Desceu cautelosamente o caminho, cada vez mais convencida de que aqueles que a seguiam estavam lhe acompanhando os movimentos, passo a passo, no outro lado das jaulas. Algumas delas tinham altas barras de madeira, o que sugeria que haviam abrigado macacos pequenos. Outras eram de construção mais robusta, as barras duas ou três vezes mais grossas. Que tipo de animal ficara preso em uma jaula como aquela? Era pequena demais para acomodar com conforto um rinoceronte ou mesmo um urso ou um tigre. E em um dia cheio de perguntas sem resposta havia mais uma: o que acontecera aos ocupantes desse estranho zoológico particular? Haveria um cemitério no bosque, onde os animais tinham sido enterrados? Ou o proprietário os havia solto para que vagueassem livres pelo desfiladeiro?

Nesse momento, chegara quase ao fim do caminho. A última jaula à direita estava em muito melhor estado do que as outras. A folhagem se entrelaçara com tanta perfeição com as grades que praticamente nada era visível em seu interior. A porta, também coberta, estava entreaberta. Tammy olhou para dentro. O ar ali tinha o cheiro de algum perfume sutil, e a origem disso eram as velas arrumadas juntas na extremidade mais distante da jaula.

Viu uma pequena enxerga encostada na parede à direita, alguma coisa incongruentemente feita com dois travesseiros vermelhos de seda, de tamanho exagerado, e uma colcha amarela suja. Notou uma cadeira e uma minúscula mesa no outro lado da jaula e, em cima dela, papel e uma caneta. Ao lado da enxerga, observou uma caixa de madeira, virada para baixo, que servia também como mesa. Nela, muitos livros empilhados. Mas sua atenção não se demorou neles. Foi atraída pelo conjunto de velas na extremidade mais distante da jaula. Havia ali uma espécie de altar, rusticamente construído, em cima de alguns pedaços de madeira dispostos em cima de pedras. No centro do altar viu o que lhe pareceu inicialmente uma peça de escultura, representando o rosto de uma bela moça. Ao aproximar-se mais, no entanto, concluiu que era uma máscara tirada ao vivo. Nos lábios, um sorriso muito sutil e um ligeiro franzido na testa, à parte isso, perfeita da tal pessoa. Que beleza!

Quem quer que fosse essa mulher — ou tivesse sido — era fácil compreender por que havia sido escolhida para esse lugar de honra à luz de velas. Era o tipo de rosto que deixava o observador boquiaberto, tal sua perfeição. O tipo que as câmeras amavam.

Ah, nesse momento, os mistérios da casa e local começaram a parecer mais decifráveis. Teria sido essa beldade a proprietária dessa casa outrora grandiosa e

cultuada ali por fãs obsessivos? Teria esse santuário sido construído por devoção a uma mulher que andara em tempos remotos por aqueles jardins?

Tammy deu outro passo para o altar e viu que, ao lado da máscara viva, havia certo número de outras coisas, objetos menores ali colocados: um pedaço de seda vermelha, uma das bordas com bainha, um broche de camafeu, com a mesma face da mulher talhada em pedra de cor creme, uma pequena caixa de madeira, pouco maior do que uma caixa de fósforo, que presumivelmente guardava algum outro tesouro e, como que deitada embaixo de tudo isso, uma boneca cortada em papel, de uns 30cm de altura, de uma mulher usando a roupa de baixo de babados de uma era passada. O papel usado na confecção da boneca havia amarelecido com o tempo e embranquecido as cores do que porventura ali estivesse escrito. Era alguma coisa da década de 1920, pensou Tammy. Era vago seu conhecimento daquela era do cinema, embora os três rostos, um de papelão, outro de massa e o terceiro de pedra a deixassem intrigada: ela conhecia aquela mulher, cuja imagem fora copiada três vezes ali. Tinha lhe visto a imagem trêmula em algum canal de filmes exibidos tarde da noite. Tentou dar um nome ao rosto, mas nenhum lhe ocorreu.

Sem esperança de decifrar o enigma, recuou um passo do altar e, ao fazer isso, sentiu uma corrente de ar frio na nuca. Virou-se inteiramente despreparada para o que viu. Um homem entrara na jaula enquanto ela estava de costas, tão silenciosamente que estava a uns 30cm dela e ela não lhe notara a aproximação.

Havia locais no telhado cobertos de flores e fechados por barras através do qual o sol entrava e descia como se em painéis sobre ele. Um deles caía irregularmente sobre o rosto do homem, pondo em destaque os olhos, parte do nariz e um canto da boca. Imediatamente, viu que não era Caputo.

Eram traços de um homem muito mais idoso, com olhos, a despeito do sol que os iluminava, cinzentos, frios e cansados, com os cabelos, o que deles restava, caídos sobre os ombros e inteiramente brancos. Era muito magro, mas a falta de carne no crânio lhe dava uma boa aparência. Ele se parecia, pensou, com um santo na velha Bíblia de sua avó, ilustrada com desenhos de Velhos Mestres. Este homem era capaz de devoção. Na verdade, viciado em devoção.

Ele ergueu a mão e pôs entre os lábios um cigarro de confecção caseira.

Em seguida, com um tipo de estilo antiquado, abriu um isqueiro, acendeu o cigarro e puxou uma profunda tragada.

— Quem é você? — perguntou ele, a voz da mesma cor dos olhos.

— Sinto muito — respondeu Tammy. — Eu não devia estar aqui.

— Por favor — disse ele gentilmente —, deixe que eu seja o juiz disso.

Puxou outra tragada do cigarro. O fumo pareceu mais acre do que o de qualquer cigarro que ela jamais inalara.

— Eu gostaria de saber seu nome.

— Tammy Lauper. Como eu disse...

— Você sente muito.

— Sinto.

— Você não tinha intenção de vir aqui.

— Não.

— Você se perdeu, acho. É tão fácil, neste jardim.

— Eu estava à procura de Todd.

— Ah... — disse o estranho, olhando para o teto da jaula por um momento. A fumaça do cigarro subiu azulada através dos raios do sol. — De modo que você faz parte do cortejo do sr. Pickett.

— Bem, não. Não exatamente.

— Significando isso?

— Eu simplesmente... bem, ele me conhece...

— Mas não sabe que você está aqui.

— Exatamente.

O olhar do homem voltou para Tammy, enquanto ele a avaliava, seu olhar, embora insistente, estranhamente cortês.

— O que você é para o nosso sr. Pickett? — perguntou ele. — Uma antiga amante?

Tammy não pôde deixar de sorrir ao ouvir essas palavras. Em primeiro lugar, o próprio pensamento. Em seguida, a palavra em si. Amante. Tal como o fraco lampejo do isqueiro, agradavelmente antiquada. E muito lisonjeira para ela.

— Eu não acho que Todd Pickett olharia duas vezes para mim — respondeu, sentindo necessidade de ser honesta com esse homem triste, encanecido.

— Neste caso, seria azar dele — respondeu o homem, o cumprimento feito com tal gentileza que, mesmo que não fosse a sério, ainda assim encantava.

Vinda de nenhum lugar, lembrou-se de uma frase usada por sua mãe para descrever Jimmy MacKintosh, o homem de quem se divorciou do pai de Tammy para conquistar: *"Ele tem encanto suficiente para fazer os passarinhos descerem das árvores, isso ele tem."* Ela jamais encontrara antes, em carne e osso, um homem com esse tipo de carisma. Mas esse homem o tinha.

Embora a conversa de ambos tivesse sido até então curta, ela reconhecia um encantador de aves quando o via.

— Posso perguntar...

— O que quiser.

—... quem é o senhor?

— Absolutamente. Um nome merece outro. Meu nome é Willem Zeffer.

— Prazer em conhecê-lo — disse Tammy. — Mais uma vez, sinto muito. — Por cima do ombro, lançou um olhar meio hesitante para o altar. — Eu não devia ter

vindo aqui.

— Você não podia saber. É fácil perder-se nesta... selva. Devíamos ter mandado derrubar tudo isso. — Sorriu levemente. — Nestes dias, a gente simplesmente não consegue arranjar os empregados necessários.

— Aquela mulher... — disse Tammy. — A da máscara.

— Da máscara? — perguntou Zeffer. — Oh, entendo. Sim, da máscara.

— Quem é ela?

Ele afastou-se para um lado, a fim de ter uma vista melhor do altar e do que nele havia.

— Ela era uma atriz — explicou —, há muitas, muitas luas.

— Eu pensei que a reconhecia.

— O nome dela era Katya Lupi.

— Mesmo?

O nome disparou uma campainha, mas Tammy ainda assim não conseguiu lembrar-se do título de qualquer filme em que ela houvesse trabalhado.

— Ela era muito famosa?

— Muito. Ela está lá em cima, juntamente com Pickford, Swanson e Theda Bara. Ou estava.

— Morreu?

— Não, não. Foi apenas esquecida. Pelo menos, esta é minha impressão. Não circulo mais pelo mundo externo, mas acho que o nome Katya Lupi não significa mais muita coisa.

— O senhor tem razão.

— Bem, ela é uma felizarda. Tem ainda seu pequeno domínio aqui no Desfiladeiro do Medo.

— Do Medo?

— Era esse o nome que davam ao lugar. Ela era uma grande destruidora de corações, entenda. Teve muitos amantes — especialmente quando muito jovem — e quando se cansava deles simplesmente os jogava fora.

— O senhor foi um deles?

Zeffer sorriu e respondeu:

— Dividi a cama com ela, um pouco, quando a trouxe para a América. Mas ela se cansou logo de mim.

— O que foi que aconteceu em seguida?

— Eu tinha outras utilidades, de modo que ela me conservou por perto. Mas muitos homens que a amaram receberam muito mal a rejeição. Três se mataram a tiro. Muitos outros, com álcool. Alguns ficaram aqui, onde poderiam estar perto dela, incluindo eu. Na verdade, uma coisa tola, porque não havia maneira de lhe recuperar a afeição.

— Por que o senhor queria... voltar, quero dizer? Ela deve ser muito velha agora.
— Oh, o tempo não lhe tornou velha a variedade infinita, como diz o Bardo. Ela continua bela.

Tammy não quis contestar aquele homem, visto que ele continuava visivelmente apatetado por essa tal de Lupi, embora, por essa altura, o ídolo de seu coração devesse estar se aproximando dos 100 anos de idade. Era difícil imaginar como ela poderia ter conservado a beleza.

— Bem, acho que vou ter que ir — disse.

Suavemente, empurrou Zeffer, que não opôs resistência e saiu da jaula para a trilha. O silêncio ali era tão grande que podia ouvir o ronco de seu próprio estômago. O café da manhã tomado em Westwood parecia nesse momento coisa muito remota, como também o ligeiro jantar mais tarde.

Zeffer seguiu-a para o ar livre e ela o viu claramente pela primeira vez.

Ele, antigamente, devia ter sido extremamente bonitão, pensou, embora o rosto, nesse momento, fosse um horror. Ele dava a impressão de que havia sido atacado, esmurrado repetidamente. Em carne viva em alguns lugares, pálido, senão lívido em outros, tinha a aparência de um homem que sofrera muito e mantivera dentro de si o sofrimento, que continuava a lhe extrair um tributo. Não podia ir embora assim tão rápido, nesse momento em que o via claramente. Ele pareceu lhe compreender a indecisão e lhe sugeriu que ficasse mais um pouco.

— Você está realmente com essa pressa toda?

Olhou em volta enquanto falava. Parecia estar interpretando aquele silêncio peculiar do ar em volta.

— Talvez a gente pudesse andar um pouco juntos. Nem sempre é seguro aqui em cima.

Mas antes que ela lhe pudesse perguntar o que queria dizer com isso, ele deu as costas à porta da jaula e apanhou um grande porrete no chão. A maneira como o segurava sugeria que o usara como arma no passado e que esperava, de alguma maneira, voltar a usá-lo.

— Animais? — perguntou ela.

Ele fitou-a com aqueles tristes olhos cinzentos.

— Às vezes, animais. Às vezes, coisa pior.

— Não estou entendendo.

— Talvez, com o devido respeito, fosse melhor não entender — aconselhou ele.

O silêncio parecia aprofundar-se em volta deles, tornando mais pesada a ausência de som, se isso fosse possível. Tammy não precisou de mais nenhum encorajamento de Zeffer para ficar perto dele. O que quer que esse silêncio escondesse, não queria enfrentá-lo sozinha.

— Simplesmente acredite em mim quando digo que o Desfiladeiro do Medo tem alguns ocupantes menos do que bonitos.

Alguma coisa atrás das jaulas chamou a atenção de Zeffer. Tammy seguiu a direção do olhar.

— Para que serviam essas jaulas? — perguntou.

— Katya teve uma fase de colecionar animais exóticos. Tínhamos aqui um pequeno zoológico. Um tigre branco da Índia, embora ele não vivesse muito tempo. Mais tarde, um rinoceronte. Ele também morreu.

— Isso não era cruel? Isto é, mantê-los aqui? As jaulas parecem tão pequenas.

— Sim, claro, era cruel. Ela é uma mulher cruel e eu fui cruel por fazer o que ela mandava. Não tenho dúvida disso. Fui, com toda probabilidade, indizivelmente cruel à minha maneira displicente. É preciso ter a experiência de viver como um animal — voltou a olhar para a jaula — para compreender o sofrimento que eles devem ter sentido.

Tammy observou-o enquanto ele examinava as moitas no outro lado das jaulas.

— O que há do outro lado? — perguntou. — São os animais que...

— Venha para cá — disse Zeffer, a voz caindo subitamente para um murmúrio urgente. — Rápido.

Embora ainda nada visse entre as moitas, Tammy fez o que ele mandava.

Ao fazer isso, sentiu uma explosão de ar gelado descer pela estreita passagem entre as jaulas e viu várias formas — formas humanas, embora tortas, como se estivessem num túnel de vento, as bocas transformadas em círculos pretos com dentes pontiagudos como agulhas, os olhos transformados em pontinhos — correndo em sua direção.

— Não ousem fazer isso! — ouviu ela Zeffer gritar ao seu lado e viu-o erguer o porrete.

Se ele descarregou um golpe, ela nada percebeu. A respiração lhe foi arrancada do peito quando dois dos atacantes saltaram sobre ela. Um deles tapou-lhe a boca com a mão. Um espasmo de energia percorreu-lhe os ossos e cérebro, irrompendo atrás de seus olhos. Aquilo era mais do que sua mente podia aguentar. Viu luzes brancas, como a luz que inunda uma tela de cinema quando o filme se parte.

O frio passou no mesmo instante: os sons, vistas e todos os sentimentos de que era composto desapareceram. A última coisa que ouviu, morrendo a distância, foi a voz de Zeffer, gritando:

— Danem-se, vocês todos!

Em seguida, ele, também, desapareceu.

Na passagem em frente ao zoológico há muito abandonado de Katya, Willem Zeffer observou as forças que haviam se manifestado carregar Tammy Lauper para

seus horrendos cantos no desfiladeiro, deixando-o — como tantas vezes acontecera nesse local ímpio — impotente e desolado.

Jogou o porrete no chão, os olhos ardendo de lágrimas. Em seguida, as forças abandonaram-no inteiramente e ele caiu de joelhos à entrada de seu abrigo, amaldiçoando Katya. Ela não era a única culpada, claro. Ele também tinha um papel nesse trágico melodrama, como admitira momentos antes.

Mas ainda queria que Katya fosse amaldiçoada pelo que fizera, como ele era amaldiçoado: pela morte de tigres e rinocerontes e pelo assassinato de mulheres inocentes.

PARTE QUATRO

A vida após a fama



UM

Três dias depois de Tammy ter seguido Marco Caputo pelo Sunset Boulevard acima e caído nos braços misteriosos do Desfiladeiro do Medo, aconteceu a Noite do Oscar: a Noite das Noites, o Espetáculo dos Espetáculos, quando milhões de pessoas em todo o mundo pregavam os olhos na Cidade das Ilusões e esta fazia uma pirueta, uma medida e fingia ser uma senhora de classe e não uma prostituta de cinco dólares.

Todd soubera desde o início que não havia probabilidade nenhuma de comparecer à cerimônia. Embora pudesse ver nesse instante que o rosto ferido estava, de fato, sarando como devia, era claro que não se encontrava em condições de enfrentar tão cedo assim as luzes da ribalta. Pensara por um momento em contratar um daqueles grandes maquiadores da cidade para disfarçar o pior da descoloração. Maxine, porém, convenceu-o, sem precisar de muito trabalho, a desistir da ideia. O plano exigiria que compartilhassem o segredo com outra pessoa (o que por si mesmo era arriscado: maquiadores são conhecidos demais como fofoqueiros) e havia sempre a probabilidade de que, por melhor que fosse o disfarce, a ilusão da perfeição fosse estragada pelo fulgor de tantas luzes. Bastava para isso que um fotógrafo sortudo percebesse uma rachadura na máscara pintada, e todo o árduo trabalho deles daria em nada. A máquina de fofocas voltaria a funcionar a todo vapor.

— De qualquer modo — lembrou ela —, você odeia os Oscars.

O que, realmente, era verdade. O espetáculo de auto-congratulação sempre o deixava enojado: a parada fantasmagórica de sorrisos nervosos quando os convidados entravam com falsa naturalidade no Pavilhão Dorothy Chandler, as risadas agudas, os olhares de esguelha. Em seguida, com todo mundo lá dentro, o próprio circo, as piadas chocas, os discursos derramados, as lágrimas, o ego.

Havia sempre um minuto ou dois de insipidez coreografada, quando a Academia trazia numa cadeira de rodas algum velho astro e lhe dava uma oportunidade de brilhar pela última vez. Ocasionalmente, quando o nível de mau gosto caía ainda mais do que o habitual, a Academia escolhia alguma pobre alma que já havia sofrido um derrame ou estava nos primeiros estágios do mal de Alzheimer. Haveria uma seleção de clips dos grandes filmes da pobre vítima e, em seguida, ele ou ela, trocando as palavras e confuso, seria deixado sozinho no palco, enquanto a plateia se levantava para aplaudi-los e podíamos ver em seus olhos que aquilo era algum tipo de inferno: ter seus melhores momentos projetados numa tela — os rostos fortes e brilhantes — e, em seguida, os holofotes mostrando ao mundo o que a idade e a doença lhe fizeram.

— Você tem toda razão — disse ele a Maxine. — Não quero estar lá.

SE ASSIM, POR QUE, se não queria estar realmente lá, estava sentado naquela noite á janela do quarto, olhando por todo o comprimento do desfiladeiro para a cidade, sentindo tanta pena de si mesmo? Por que começara a beber, e pra valer, ao meio-dia e às 2h30min — quando sabia que as primeiras limusines estavam começando a seguir para o Pavilhão — estava mergulhado nas profundezas do desespero?

Por que, perguntou a si mesmo, queria a companhia daquelas pessoas vazias, amarguradas? Há muito tempo travara a batalha para chegar ao cume da Colina de Hollywood e a vencera. Seu rosto fora espalhado por dezenas de milhares de cartazes por toda a América, por todo o mundo. Fora aclamado como O Homem Mais Bonito do Mundo e acreditou nisso. Entrara em salões do tamanho de campos de futebol e vira todos os olhos voltados em sua direção e todos os corações batendo um pouco mais rápido porque ele estava ali.

Exatamente, de quanta adulação um homem precisava?

A verdade?

Mais cem salões cheios de gente estupidificada de adoração não seriam suficientes para satisfazer a fome que nele havia, nem outras centenas de centenas.

Precisava de seu rosto pregado em cada parede por onde passasse, seus filmes gabados às alturas do céu, seus braços tão cheios de Oscars que nem podia segurar todos eles.

Era uma doença em seu caso, mas o que podia fazer? Não havia cura para esse vazio, senão o amor, amor em quantidades infindáveis, o tipo de amor que o próprio Deus teria dificuldade em propiciar.

Enquanto o céu escurecia transformando-se em noite, começou a ver os holofotes riscando as nuvens: não holofotes do pavilhão em si (que ficava a oeste e não era visível do desfiladeiro), mas dos muitos locais na cidade onde seus colegas, tanto ganhadores quanto perdedores dos prêmios, iriam festejar dentro de algumas horas. O pessoal da imprensa já estava se reunindo nesses lugares sagrados — o Morton's, o Spago's, o Roosevelt Hotel — pronto para virar as câmeras imparcialmente tanto para os refinados quanto para os sem graça, para um sorriso, um dito de espírito, uma expressão de júbilo dos contemplados pela vitória. Tudo isso seria publicado nas edições matutinas do dia seguinte.

Imaginar essas cenas era doloroso demais para ele. Levantou-se e foi até a cozinha preparar outro drinque. Por essa altura, no segundo ciclo da intoxicação, havia, em meados da tarde, ultrapassado o ponto da náusea, e movia-se inexoravelmente para uma profunda e luxuosa embriaguez, o tipo de porre que flertava com a perda dos sentidos. Sofreria por isso durante a parte da manhã que viesse a ver, claro, e

provavelmente no dia que se seguiria a esse. Não era mais jovem ou forte o suficiente para ignorar com um encolher de ombros os efeitos de uma bebedeira como essa. Nesse momento, não dava a mínima bola para isso. Queria simplesmente ficar longe daquela dor que sentia dentro de si.

Ao abrir o refrigerador enorme para pegar gelo, ouviu, ou pensou que ouviu uma mulher dizer seu nome.

Parou de procurar o gelo e olhou em volta. A cozinha estava vazia.

Deixou a geladeira aberta e voltou à porta. A torreta estava também deserta, a sala de jantar escura, a mesa vazia e as cadeiras apareciam em silhuetas contra a janela. Cruzou a sala e entrou no living, chamando Marco. Acendeu as luzes. O candelabro de 50 lâmpadas explodiu em luz e iluminou uma sala vazia. Ali havia várias caixas de objetos seus, ainda fechadas. Trazidos de Bel Air, mas ainda nas embalagens. Mas isso era tudo.

Ia voltar para a cozinha, supondo que a voz ouvida fora efeito do álcool, quando ouviu seu nome pela segunda vez. Voltou a olhar para a sala de jantar.

Estaria ficando louco?

— Marco? — berrou.

Seguiu-se um momento longo e vazio. Em algum lugar na escuridão do desfiladeiro, um coioote solitário uivava. Logo depois, o som de uma porta se abrindo e a voz conhecida de Marco: — Sim, chefia?

— Eu ouvi alguém chamando.

— Dentro de casa?

— Isso mesmo. Acho que foi. Uma voz de mulher.

Marco, nesse momento, apareceu na escada e olhou para o patrão com uma expressão de preocupação.

— O senhor está bem?

— Estou. Fiquei apenas assustado, só isso.

— Quer que eu vá verificar por aí?

— Quero, acho que quero. Não sei de onde veio a voz. Mas ouvi alguém, juro.

Marco, que havia vindo do quarto usando cueca samba-canção, voltou a subir a escada para se vestir. Todd reentrou na cozinha, sentindo-se um pouco estúpido. Não ia haver ninguém ali, nem dentro nem fora da casa.

Todas as fãs à espreita, todos os voyeurs, todos os obcecados olhavam embasbacados as multidões em volta do Pavilhão, procurando uma maneira de passar pelos seguranças, por baixo da corda de veludo e fazer companhia a seus ídolos. Não estariam perdendo seu tempo andando aos tropeços na escuridão, na esperança de um vislumbre de Todd Pickett, todo fodido como ele estava. Ninguém nem mesmo sabia que ele estava ali, por amor de Deus.

Pior ainda, ninguém se importava.

Voltando ao que interessava, preparar o drinque, ouviu Marco descendo a escada e sentiu a tentação de lhe dizer que esquecesse tudo aquilo. Mas resolveu que não. Não havia mal nenhum em deixar que um deles se sentisse útil naquela hora. Colocou no copo uma mão cheia de cubos de gelo e encheu-o com uísque escocês. Tomou um forte gole. Virou-o. Tomou outro...

E ouviu novamente a voz.

Se tivera alguma dúvida se havia ou não realmente ouvido um chamado ou simplesmente o imaginara, não havia mais nenhuma. Havia alguém ali na casa, chamando-o.

A voz parecia vir do outro lado da passagem. Pôs o copo em cima da bancada e cruzou silenciosamente a cozinha. A torreta estava deserta. Não havia ninguém na escada, nem no alto nem embaixo.

Tomou o curto atalho para baixo, para o local que Marco havia batizado de Cassino, uma sala imensa apainelada de madeira, iluminada por grande número de luzes baixas, e que na verdade pareciam ter sido dispostas para iluminar uma roda de roleta e uma meia dúzia de mesas de pôquer.

A julgar pela distância da voz, aquele parecia o local mais provável onde estaria escondido quem quer que tivesse falado. Descendo o caminho, ocorreu-lhe por um momento que era uma tolice fazer essa investigação sem Marco. A bebida, porém, havia-o tornado afoito. Além do mais, ouvira apenas uma voz de mulher. Podia dar conta de uma mulher.

A porta do Cassino estava aberta. Olhou para dentro. Pelas janelas sem cortina, alguns raios de luz pálida entravam pelas vidraças, iluminando a enormidade do lugar. Não viu nenhum sinal do intruso. Algum instinto, porém, lhe disse que não acreditasse na prova dos olhos. Ele não estava sozinho ali. Sentiu um formigamento nas palmas das mãos. O mesmo, curiosamente, aconteceu com a pele sob as ataduras, como se ela fosse especialmente sensível em seu estado de recém-nascida.

— Quem está aí? — perguntou, a voz menos confiante do que queria.

Na extremidade mais distante do salão, tremeluziu uma das poças de luz. Alguma coisa passou por ela, levantando poeira.

— Quem está aí? — repetiu ele, a mão procurando o interruptor de luz.

Resistiu, contudo, à tentação de apertá-lo. Em vez disso, esperou e olhou. Quem quer que fosse a intrusa, ela estava longe demais dele para lhe fazer algum mal.

— Você não deveria estar aqui — disse ele delicadamente. — Você sabe disso, não sabe?

Mais uma vez, o movimento leve no outro lado do salão. Mas ele ainda não podia distinguir uma figura humana. A escuridão do outro lado da poça de luz era impenetrável demais.

— Por que você não sai daí para eu poder vê-la? — sugeriu.

Desta vez, obteve resposta.

— Eu apareço... — disse ela. — Dentro de um minuto.

— Quem é você?

— Meu nome é Katya.

— Como foi que você entrou aqui?

— Pela porta, como todo mundo mais — respondeu ela.

O tom dela era de leve divertimento. Todd teria ficado aborrecido se não houvesse também ali uma certa doçura. Sentiu curiosidade em saber como ela era. Mas quanto mais a pressionasse, pensou, mais ela resistiria. De modo que manteve a conversa fora do assunto e casualmente andou pelo piso imaculadamente assentado e polido, enquanto falava.

— Deve ter sido difícil me encontrar — disse.

— Em absoluto — respondeu ela. — Soube por Jerry que você vinha para aqui.

— Você conhece Jerry?

— Conheço, sim. Há muito tempo. Ele vinha brincar aqui quando era menino. Você fez uma boa escolha com ele, Todd. Ele guarda segredos.

— Mesmo? Eu sempre pensei que ele era um grande fofoqueiro.

— Tudo depende se a questão é importante ou não. Ele nunca falou de mim com você, falou?

— Não.

— Está vendo? Ah, e ele está morrendo. Acho que ele nunca lhe falou nisso, tampouco.

— Não, não falou.

— Pois está. Tem câncer, inoperável.

— Ele nunca me disse coisa nenhuma — respondeu Todd, pensando não só em Jerry, mas no doente e agora mudo Dempsey.

— Bem, por que elealaria? Logo a você. Ele o idolatra.

A familiaridade dela com Jerry e o conhecimento da doença dele só aumentaram o quebra-cabeça de sua presença ali.

— Ele a enviou aqui? — perguntou.

— Não, que tolice — respondeu a mulher. — Ele enviou você. Eu estive aqui o tempo todo.

— Esteve? Onde?

— Oh, na maior parte do tempo, fico na casa de hóspedes.

Ela falou com tanta confiança que ele quase acreditou. Mas, com certeza, se ela estivesse ocupando a casa de hóspedes, Brahms teria avisado Maxine, não? Ele sabia como era importante sua segurança. Por que ele deixou Maxine correr a

propriedade e não mencionou o fato de que havia alguém mais vivendo no desfiladeiro?

Nesse momento, na metade da sala, podia ver a silhueta da visitante na escuridão. A voz dela não o havia enganado. Era uma mulher jovem, elegantemente vestida com um longo prateado, posto em maior relevo ainda por um desenho sinuoso em fio dourado. E brilhava, como se possuísse uma sutil vida própria.

— Há quanto tempo você está aqui? — perguntou.

— Há muito mais tempo do que você — respondeu ela.

— É mesmo?

— Ora, claro. Quando conheci Jerry, eu já estava aqui há... 25 anos.

Isso era uma invenção absurda, claro. Mesmo sem vê-la claramente, era óbvio que ela não podia ter mais de 30 anos e, provavelmente, muito menos.

— Mas você disse que Jerry era criança quando o conheceu? — lembrou Todd, pensando que com isso a pegaria logo numa mentira.

— E era.

— De modo que você não pode tê-lo conhecido...

— Sei que isso não parece muito provável. Mas as coisas são diferentes aqui no desfiladeiro. Você vai compreender. Isto é, se ficar aqui. E tomara que fique.

— Você quer dizer que eu compre a casa?

— Não, quero dizer, ficar.

— Por que eu faria isso? — perguntou Todd.

Seguiu-se uma pausa. Ela, finalmente, apareceu à luz.

— Porque eu quero que você fique — respondeu a mulher.

Era um momento de filme, sincronizado com perfeição. A pausa, o movimento, a fala.

E a face era também de um filme, em beleza, em perfeição. Os olhos eram grandes e luminosos, verdes, com pontinhos lilás, o brilho realçado pelo preto da sombra dos olhos e a espessura dos cílios. Nem o nariz nem a boca eram delicados, os lábios eram cheios, o queixo forte, as maçãs do rosto salientes, quase esclavas. Os cabelos pretos caíam soltos, emoldurando-lhe o rosto.

Usava muitas jóias e todas elas refinadas. Um colar fechava o vale da garganta, outro — muito, muito mais solto — caía-lhe entre os seios. Os brincos eram de ouro, os braceletes — vários em cada pulso — refinadamente trabalhados.

Ainda assim, ela usava tudo isso sem esforço, como se, durante toda a vida, estivesse usando jóias que poderiam pagar o resgate de uma rainha.

— Tenho certeza de que você poderia encontrar companhia de sobra que não eu — disse.

— Tenho certeza de que poderia — respondeu ela. — Mas não quero muita companhia. Quero você.

Nesse momento, Todd ficou inteiramente confuso. Nenhuma parte desse quebra-cabeça se encaixava em qualquer outra. A mulher parecia tão equilibrada, tão refinada, mas dizia coisas absurdas. Ela não o conhecia. Não o havia escolhido. Ele viera para ali por sua própria vontade, para se esconder do mundo. Ainda assim, aparentemente, ela insinuava que ele estava ali por sua ordem e que, de alguma maneira, tinha intenção de fazer com que ele ali ficasse. Aquilo tudo era pura ilusão.

Ainda assim, ela não parecia louca. Tudo, menos isso. Ela, na verdade, dava a impressão de ter descido de sua limusine no Pavilhão e que ia desfilar pelo tapete vermelho em meio a um rugido de adulação do enorme público ali presente. Ele não teria se importado, tampouco, em estar ao lado dela, se ela estivesse dando aquele passeio triunfal. Eles teriam formado um casal e tanto.

— Você não olhou muito em volta da casa — disse ela.

— Como é que você sabe?

— Oh... eu tenho olhos em toda parte — disse ela, provocando-o. — Se houvesse estado em alguns cômodos da casa, eu saberia, pode acreditar.

— Eu não acho nada disso agradável — retrucou ele. — Não gosto que me espionem.

— Eu não estava espionando—respondeu ela, o tom de voz passando em um instante de gentil para feroz.

— O que mais você chamaria isso?

— Eu chamaria isso de ser uma boa anfitriã. Providenciar para que um hóspede se sinta à vontade.

— Não entendo.

— Não — disse ela, em tom mais suave nesse momento —, não entende. Mas vai entender. Quando tivermos oportunidade de passar algum tempo juntos, você compreenderá o que está realmente acontecendo aqui.

— E o que está acontecendo?

Ela virou-se parcialmente para ele, como se estivesse indo embora, o que era a última coisa que ele queria que ela fizesse.

— Sabe de uma coisa, talvez seja melhor deixarmos isso para outra noite — sugeriu.

— Não — interrompeu-a ele bruscamente.

Ela parou, mas não se virou.

— Sinto muito — desculpou-se Todd, palavras muito raras em sua boca.

— Sente mesmo? — perguntou ela.

Ainda assim, não se virou para ele. Todd descobriu que ansiava para sentir novamente o olhar dela, como se — absurdo como isso fosse — ela pudesse fazer alguma coisa para preencher o vazio que nele havia.

— Por favor— insistiu. — Sinto, realmente.

— Muito bem — concedeu ela, aparentemente apaziguada. Voltou a fitá-lo.

— Você está perdoado. Por ora.

— Neste caso, diga agora o que não vi. Na casa.

— Oh, isso tudo pode esperar.

— Pelo menos dê-me uma pista.

— Você já esteve lá embaixo? Quero dizer, o caminho todo até o porão?

— Não.

— Então, não vá — disse ela, baixando a voz e erguendo para ele olhos velados.

— Eu mesma o levarei lá.

— Leve-me agora — pediu ele, pensando que seria uma boa oportunidade para descobrir o quão reais eram as alegações dessa mulher.

— Não, não hoje à noite.

— Por que não?

— É a Noite do Oscar.

— E daí?

— Porque você vai estar todo confuso. Você pensa que pode acabar sua dor com bebida? Isso não funciona. Todos aqui tentaram fazer isso num momento ou noutro...

— Todos?

— No Desfiladeiro. Há muitas pessoas que estão sentindo exatamente o que você sente esta noite.

— Como assim?

— Oh, simplesmente desejando ganhar uns poucos prêmios por seus trabalhos.

— Ora, ninguém dá Oscars a atores como eu.

— Por que não?

— Acho que pensam que não sou lá um ator muito bom.

— E você, o que acha?

Todd pensou por um momento na pergunta. Finalmente, disse:

— Na maioria das vezes, estou simplesmente sendo eu, acho.

— Isso é uma representação de papel — observou Katya. — Pessoas pensam que isso é fácil. Mas não é... Ser si mesmo... é difícil.

Era estranho ouvir a situação descrita dessa maneira, mas ela estava com a razão. Não era fácil representar a si mesmo. Se deixasse a atenção fraquejar por um momento, não haveria nada ali para a câmera olhar. Nada atrás dos olhos. Ele observara isso, em seu próprio desempenho e no de outros artistas, momentos em que a concentração faltava por alguns segundos e as lentes implacáveis revelavam uma insipidez sem limites.

— Eu sei como isso dói — disse ela —, o fato de não ser admirada.

— Eu recebo um bocado de outras coisas, sabia?

— Sendo as outras coisas dinheiro.

— De fato. E celebridade.

— E na metade do tempo, você pensa: de qualquer modo, isso não importa. Na Academia, todos eles são uns ignorantes e só votam nos amigos. O que você quer deles? Mas não está realmente convencido. No fundo do coração, você quer aquelas estatuetas sem nenhum valor. Quer para que elas lhe digam que eles sabem o quanto seu trabalho é perfeito.

Ele ficou atônito ao ouvir essas palavras. Ela havia dito o que ele sentira em uma dezena de Noites do Oscar, uma mistura absurda de desprezo e inveja, era como se ela estivesse lhe lendo a mente.

— Como foi que você descobriu tudo isso?

— Porque senti as mesmas estranhas coisas. Você quer que eles o amem, mas se odeia por querer isso. O amor deles não vale nada e você sabe disso.

— Mas ainda o quer.

— Você ainda o quer.

— Droga!

— Significando isso sim?

— Sim. É isso. Você me pegou.

Era bom, pelo menos por uma vez, ser compreendido. Não a habitual inclinação de cabeça, isso-mesmo-que-o-senhor-disse-sr.Pickett-conversa-fiada, mas uma compreensão autêntica da confusão que nele havia. O que tornava ainda mais estranho o mistério da origem daquela compreensão. Em um minuto, ela estava lhe contando mentiras (de que maneira poderia ter conhecido Brahms no tempo de menino?), e no seguinte via dentro de sua alma.

— Se você é realmente a dona desta casa — disse —, por que não mora nela?

— Porque aqui há recordações demais — respondeu ela com simplicidade. — Boas e más. Eu entro aqui e... — sorriu, embora o sorriso fosse uma sombra de sorriso — o lugar está cheio de fantasmas.

— Neste caso, por que não se muda?

— Deixar o Desfiladeiro do Medo? Não posso.

— Vai me dizer por quê?

— Em outra ocasião. Este momento é ruim para contar essa história. — Passou a mão delicada pelo rosto e, por um momento, o véu dos dedos cobriu-lhe as feições e ele a viu retirar-se de sua beleza, como se por um momento a representação de si mesma fosse demais para ela.

— Faça uma pergunta — sugeriu ele.

A mão desceu, e a luz brilhou novamente no rosto da mulher.

— Você jura que responde honestamente, se eu fizer?

— Claro.

— Jure.

— Eu disse que juro.

— Dói embaixo das ataduras?

— Oh.

— Você disse que responderia.

— Eu sei. E responderei. É desagradável, isso eu lhe digo. Mas, realmente, não dói mais. Não como antes. Eu simplesmente desejaria nunca ter me metido nisso. Quero dizer, por que eu não podia ser feliz como era?

— Porque ninguém é. Estamos sempre procurando alguma coisa que não temos. Se não fosse assim, não seríamos humanos.

— É esse o motivo por que você está me espionando? — retrucou ele, pagando injúria com injúria. — Procurando alguma coisa que não tem?

— Sinto muito. Foi impertinência minha vigiar você, quero dizer, espionar. Você tem tanto direito à sua privacidade quanto eu tenho à minha. E é difícil às vezes a gente se proteger. Não sabemos quem é amigo e quem não é.

— Isso pode tornar louca uma pessoa. — Os olhos dela relampejaram e o tom de brincadeira voltou. — Mas, voltando ao que eu disse, às vezes é bom ser louco.

— É mesmo?

— Claro. Às vezes é a única coisa que nos mantém mentalmente sãos.

— Você, obviamente, está falando por experiência própria.

— De enlouquecer de vez em quando? Certamente. Estou falando a partir de uma experiência profunda.

— Você se importaria de me dar um exemplo?

— Você não quer saber. Realmente, não quer. Algumas das coisas que eu fiz nesta mesma sala...

— Conte.

— Eu nem saberia por onde começar.

Os olhos dela giraram em torno da sala, como se procurando alguma pista de suas recordações. Se aquilo era uma representação, estava entre as melhores. Na verdade, a representação estava se tornando cada vez melhor.

Finalmente, ela voltou a falar:

— Nós jogávamos pôquer aqui. Às vezes, roleta.

— Marco e eu imaginamos isso.

— Às vezes — continuou ela —, eu era o prêmio.

— Você?

— Eu.

— Acho que não estou entendendo.

— Você entende perfeitamente.

— Você se entregava ao vencedor?

— Viu como entendeu? Eu não fazia isso todas as noites. Eu não sou tão puta assim.

Sorria enquanto falava, saboreando-lhe a incredulidade. Começou a aproximar-se dele, devagar, sintonizando a aproximação com o ritmo das palavras. — Mas nas noites quando a gente precisava ficar louca...

— O que era que você dava a eles? Um beijo?

— Ora! Um beijo! Como se eu ficasse satisfeita com tão pouco. Não!

Deitada no chão, na frente dos perdedores, era isso o que eu lhes dava. Como se fôssemos cachorros, se tínhamos vontade de que fosse assim.

Na maneira como olhava para o chão enquanto falava, era claro que estava se lembrando de alguma coisa muito específica. Movimentos extremamente sutis transpareceram em sua postura, como se o corpo estivesse se lembrando da sensação de encostar a bunda em um homem, de recebê-lo, todo ele, dentro de si mesma.

— Vamos supor que o vencedor fosse alguém de quem você não gostava?

— Não havia ninguém assim. Não aqui, não em minha casa. Todos eles eram deuses. Homens belos, todos eles. Alguns eram rudes no princípio. Mas eu ensinei a eles. — Olhava atentamente para Todd enquanto falava, avaliando-lhe a reação.

— Gosta de ouvir isso?

Ele respondeu com uma inclinação de cabeça. Não era exatamente a maneira como esperara que a conversa se desenvolvesse, mas, sim, gostou das confissões dela. E ficou satisfeito porque sua calça era frouxona, nesse momento em que ela estava tão perto dele, ou ela teria visto por si mesma como ele as apreciava.

— Deixe ver se eu entendi a coisa da maneira certa. O vencedor fodia você, aqui mesmo no chão...

— Não na madeira nua. Havia tapetes aqui. Belos tapetes persas. E almofadas de seda, vermelhas, que eu guardava em uma pilha ali. Gosto de fazer amor entre almofadas. É como estar presa nas mãos de uma pessoa, não é? — Abriu a mão à frente para demonstrar o conforto da situação. — Na mão de Deus.

Ergueu a palma da mão, colocou-a diante dos olhos de Todd e em seguida, sem aviso, estendeu-a e tocou-lhe o rosto. Ele nada sentiu através das ataduras, mas teve a ilusão de que a mão era uma espécie de bálsamo em seu rosto, esfriando a carne viva.

— Doeu, isso?

— Não.

— Quer que eu continue a lhe contar?

— Quero, por favor.

— Quer saber o que eu fazia...

— ... em cima das almofadas. Quero. Mas, em primeiro lugar, quero saber...

— Quem?

— Não, não quem. Por quê?

— Por quê? Deus do Céu, por que eu fodia? Porque adorava isso! Dava-me prazer. Aproximou-se mais dele, ainda lhe acariciando o rosto. Todd sentiu-lhe o cheiro do pescoço no hálito que ela expirou. O ar, a despeito de toda sua invisibilidade, era de alguma maneira enriquecido por entrar e sair dela. Invejou os homens que haviam tomado liberdades semelhantes. Entrando e saindo, entrando e saindo. Maravilhoso.

— Eu adoro ter o peso de um homem prendendo-me ao chão — continuou ela. — Ficar pregada, como se fosse uma borboleta. Aberta. E depois, quando ele pensa que tem a gente inteiramente sob o polegar, rolar e montar nele. — Solto uma risada. — Eu gostaria que você pudesse ver a expressão em seu rosto.

— Não é nada bonito sob as ataduras.

Todd interrompeu-se, um pensamento assustador nos lábios.

— A resposta é não — disse ela.

— A resposta ao quê?

— Se o espionei quando as ataduras estavam sendo mudadas? Não, não espionei.

— Ótimo. — Todd tomou uma profunda respiração, querendo desviar a conversa daquilo que havia por trás de sua máscara.—Volte ao jogo — disse.

— Onde era que eu estava?

— Montada em cima do filho da puta sortudo.

— Cavalos. Cachorros. Macacos. Homens são bons animais. Mulheres, também, às vezes.

— Mulheres também jogavam?

— Não, aqui. Eu sou muito antiquada sobre coisas como essas. Na Romênia, mulheres nunca jogavam cartas.

— Romênia. Foi lá que você nasceu?

— Foi. Em uma pequena aldeia chamada Ravbac, onde acho que nenhuma mulher jamais teve prazer com um homem.

— Foi por isso que você saiu de lá?

— Uma das muitas razões. Fugi de casa quando só tinha 12 anos de idade. Vim para este país quando tinha quinze. Fiz meu primeiro filme um ano depois.

— Qual era o título do filme?

— Não quero falar sobre isso. Esqueci.

— Neste caso, termine de me contar...

—... essa coisa de se escanhar em cima de homens. O que é mais que eu preciso dizer? Era o melhor jogo do mundo. Especialmente para uma exibicionista como eu. Você, também.

— O que eu tenho a ver com isso?

— Você fez isso na frente do público. Não me diga que não fez. Não vou acreditar em você.

Que diabo! Essa mulher entendia-o perfeitamente. Pregada no chão. Como uma borboleta. Aparentemente, não havia propósito em negar isso.

— De fato, tive alguns momentos públicos em festas privadas.

— Você é competente?

— Tudo depende da mulher.

Katya sorriu.

— Acho que você seria maravilhoso, com a platéia certa — disse.

A mão desceu do rosto de Todd e ela voltou a atravessar o salão, de volta ao lugar onde estivera, andando entre obstáculos imaginários enquanto recomeçava a história erótica.

— Em algumas noites, eu simplesmente andava nua entre as mesas, enquanto os homens jogavam. Eles não tinham permissão de olhar para mim. Se olhassem, eu os chicoteava. E quero dizer isso mesmo. Tinha um chicote para fazer isso. E ainda tenho. O Teroarea. O Terror. De modo que... essa era uma das regras. Nada de olhar para o prêmio, por mais que ele o tentasse. — Solto uma risada. — Você pode imaginar, fiz isso de centenas de maneiras. Certa vez, usei um pequeno sino pendurado na bainha de meu clitóris. Badalando enquanto eu andava. Alguns olharam, lembro-me. E, oh, como eles sofreram.

Ela se encontrava nesse momento ao lado da cornija da lareira. Estendendo a mão, tirou de dentro um longo chicote com cabo de prata. Experimentou-o no ar e Todd ouviu-o zunir como um mosquito vingativo.

— Este é o Teroarea. Mandeí fazê-lo em Paris, por um homem que se especializava nessas coisas. Meu nome está gravado no cabo. — Katya passou o polegar sobre as letras. — Katya Lupescu, é o que está escrito. Na verdade, há mais do que isso. A inscrição diz: "Este é o instrumento dela, com o qual fará os tolos sofrerem." Na verdade, lamento que isso tenha sido gravado.

— Por quê?

— Porque o homem que sente prazer quando lhe provocam dor não é um tolo. Ele está simplesmente seguindo seus instintos. Onde está a tolice nisso?

— Você é uma especialista em prazer — comentou Todd.

Ela não pareceu compreender o que ele insinuava e inclinou para um lado a cabeça, confusa.

— Você fala um bocado a esse respeito.

— Mencionei isso duas vezes — corrigiu-o ela. — Mas tem estado em meus pensamentos um pouco mais do que isso.

— Por quê?

— Não seja acanhado — disse ela, um pouco severa. — Ou eu o chicoteio.

— Eu talvez não goste disso.

— Oh, não, gostaria.

— Realmente... — começou ele, com um laivo de ansiedade na voz.

Não conseguia imaginar que aquela coisa, o Terror, como ela dizia, lhe desse prazer, por mais competentemente que ela o manejasse.

— Pode ser suave, se eu quiser.

— Isso? — perguntou ele. — Suave?

— Isso mesmo. — Katya fez com a mão livre um movimento de pegar em alguma coisa. — Se tenho o membro do homem em minha mão, aqui.

Por um momento, ele teve uma visão sobrenaturalmente nítida do que ela pensava. A vítima, de quatro no chão, e aquele movimento dela de agarrar, de tomar na mão pênis e testículos, prontos para ela. Inteiramente vulnerável, inteiramente humilhado. Ele jamais deixaria que uma mulher fizesse isso com ele, por mais que ela dissesse que era para lhe dar prazer.

— Estou vendo que você não se convenceu — comentou ela —, mesmo que eu não possa ver a expressão de seu rosto. De modo que vou ter que acreditar, na base da confiança. Eu poderia tocar um homem com isso e ele ficaria duro como um garoto de 16 anos. Até Valentino.

— Valentino?

— E ele era bicha.

— Rodolfo Valentino?

— Ele mesmo. Você não sabia que ele era bicha?

— Não, acontece apenas que... ele morreu há muito tempo.

— Isso mesmo, foi triste perdê-lo tão cedo — disse ela.

Obviamente, ela não tinha dificuldade em concordar com ele sobre o tempo transcorrido desde a morte do Grande Amante, mesmo que tornasse um absurdo a história que contava.

— Nós fizemos uma grande festa para ele, lá no gramado, duas semanas depois de ele nos ter sido tomado. — Deu as costas para ele e pôs o chicote em cima da cornija da lareira. — Sei que você não acredita em uma única palavra do que lhe disse. Você usou sua matemática e nada disso é possível. — Encostou-se na lareira, o queixo na base da mão. — O que foi que você concluiu? Que eu sou uma espécie de intrusa? Sexualmente um pouco doida, mas basicamente inofensiva?

— Acho que alguma coisa assim.

— Hummm. — Ela pensou por um momento nas palavras de Todd. Depois, disse:

— Você, no fim, vai acabar mudando de ideia. Mas não há pressa. Há muito tempo venho esperando por isso.

— Isso?

— Por você. Por nós.

Ela deixou no ar esse pensamento para confundi-lo um pouco. Em seguida se virou, tendo afastado para um lado a expressão de melancolia que se insinuara em sua voz nas últimas trocas de palavras. Estava animada novamente, brilhando com provocações inofensivas.

— Você jamais fez sexo com um homem?

— Oh, Jesus.

— De modo que fez!

Ele havia sido agarrado. Não adiantava negar.

— Apenas... duas vezes. Ou três.

— Não consegue se lembrar.

— Tudo bem, três vezes.

— Foi bom?

— Eu nunca mais farei isso, de modo que acho que isso é a resposta que vai ter.

— Por que tem tanta certeza assim?

— Há algumas coisas das quais a gente pode ter certeza — respondeu ele. Em seguida, com um pouco menos de confiança, perguntou: — Não há?

— Mesmo homens que não são bichas imaginam às vezes como seria com outro homem. É isso?

— Bem...

— Talvez você seja a exceção à regra. Talvez você seja aquele que o Desfiladeiro não vai tocar. — Começou a aproximar-se novamente de Todd. — Mas não tenha certeza demais. Isso tira o prazer das coisas. Talvez você deva deixar que, por algum tempo, uma mulher assuma o comando.

— Nós estamos falando de sexo?

— Valentino jurava que só gostava de homens, mas logo que eu assumi o controle...

— Não me diga. Ele parecia um escolar malcriado.

— Não. Mais um bebê. — A mão desceu para o seio e ela o apertou, pegando o bico entre o polegar e o indicador, como se o oferecendo para que Todd o chupasse.

Todd sabia que não seria esperto demonstrar muita emoção. Se houvesse realmente nela algum traço de loucura, isso só lhe daria mais poder. Mas não conseguiu controlar-se. Deu meio passo para trás, consciente de que já começara subitamente a salivar com o pensamento daquele bico de seio na boca.

— Você não deve deixar que a mente se interponha entre você e o que seu corpo quer — disse ela.

Tirou a mão do seio. O bico permaneceu duro sob o tecido fino do vestido.

— Eu sei o que meu corpo quer.

— Sabe, mesmo? — perguntou ela, parecendo realmente surpresa com essas palavras. — Você sabe o que ele quer, bem no fundo? O caminho todo até o lugar mais escuro?

Todd não respondeu.

Ela estendeu a mão e tomou suavemente a dele. Os dedos eram frios e secos; os dele estavam úmidos.

— Do que é que você tem medo? — perguntou ela. — Não de mim, com certeza.

— Não estou com medo — disse ele.

— Neste caso, venha para mim — convidou-o ela docemente. — Eu descobrirei o que você quer.

Todd deixou que ela se aproximasse, deixou-lhe as mãos subirem pelo peito até o rosto.

— Você é um homenzarrão — murmurou ela.

Os dedos dela estavam nesse momento em seu pescoço. O que quer que ela estivesse prometendo descobrir sobre seus desejos, ele sabia o que ela queria: ela queria lhe ver o rosto. E, embora houvesse uma parte de sua mente que resistia a essa ideia, uma parte maior queria que ela o visse, para o que desse e viesse. Deixou que as mãos dela subissem pelo queixo, que os dedos descansassem sobre o esparadrapo que prendia a máscara de gaze em cima da carne viva.

— Posso...? — perguntou ela.

— Foi isso o que você veio aqui para fazer?

Ela entreabriu os lábios em um pequeno sorriso, inteiramente ambíguo.

Em seguida, puxou o esparadrapo. Que saiu com um leve puxão. Todd sentiu a gaze afrouxar. Olhou para o rosto dela, perguntando a si mesmo — nesse longo momento em que o ato foi cometido e além da possibilidade de desfazê-lo — se ela o rejeitaria quando visse as cicatrizes e a inchação. Uma cena do mesmo filme de horror que vira mentalmente inúmeras vezes, desde que Burrows realizara nele aquele trabalho brutal, tremeluziu em sua mente: Katya como a heroína estupefata, recuando de nojo daquilo que a curiosidade lhe revelava. Ele, o monstro, enraivecido com o asco dela e mortífero em seu desprezo por si mesmo.

Era tarde demais para parar com aquilo. Ela estava puxando a gaze, arrancando-a dos cortes que escondia.

Todd sentiu ar frio nos cortes e, mais frio ainda, o exame dela. A gaze caiu no chão, entre eles. Ele ficou ali, de frente para ela, mais nu do que em qualquer outra ocasião na vida — até em pesadelos de nudez, mais nu — esperando o julgamento. Ela não ficou horripilada. Não gritou, não estava se encolhendo de nojo.

Simplesmente o fitava, sem ter no rosto qualquer expressão que pudesse ser interpretada.

— E aí? — perguntou ele.

— Ele fez uma bagunça de você. Quanto a isso, nenhuma dúvida. Mas está sarando. E, se minha opinião vale alguma coisa para você, eu diria que tudo vai correr bem. Melhor do que bom.

Demorou-se mais um momento, examinando-o, seguindo a linha do queixo, a curva das têmporas.

— Mas jamais ficará perfeito — concluiu ela.

O estômago de Todd revirou dentro do corpo. Aí é que estava o âmago do problema, o principal, e que ninguém quis que ele soubesse, nem mesmo ele. Ele era uma pessoa mimada. Talvez apenas um pouco, mas um pouco suficiente para derrubá-lo de seu alto pedestal. Seu rosto precioso — seu rosto único, a beleza que o tornara ídolo de milhões — havia sido irreparavelmente danificado.

— Eu compreendo — disse Katya. — Você está pensando que não vale mais a pena viver. Mas isso simplesmente não é verdade.

— Como, droga, você sabe disso? — perguntou ele, sofrendo com a verdade, furioso com a honestidade dela.

— Porque eu conheci todos os grandes astros dos dias do cinema mudo. E, acredite em mim, os sabidos — quando não estavam mais ganhando dinheiro — simplesmente encolhiam os ombros e diziam "tudo bem, eu tive minha época".

— O que era então que eles faziam?

— Escute a si próprio! Há vida após a fama. Claro, vai precisar fazer algum esforço para acostumar-se, mas é possível ter uma vida inteiramente satisfatória...

— Eu não quero uma vida inteiramente satisfatória. Quero a vida que tive.

— Bem, você não vai mais poder tê-la — respondeu Katya, com grande simplicidade.

Fazia muito tempo desde que alguém lhe dissera que não podia ter alguma coisa que queria, e não gostou disso. Segurou-lhe os pulsos e afastou-lhe as mãos do rosto. Uma fúria súbita assaltou-o. Queria bater nela, arrancar a pancadas aquelas palavras estúpidas da boca da mulher.

— Sabe de uma coisa? Você é louca — disse.

— Não foi isso o que eu lhe disse? — perguntou ela, sem nenhuma tentativa de tocá-lo novamente. — Em algumas noites, sinto-me tão louca que tenho vontade de me enforcar. Mas não faço isso. Quer saber por quê? Eu mesma construí este inferno para mim e, portanto, cabe a mim viver nele, certo?

Todd não respondeu. Sentia ainda uma raiva doentia pelo que ela dissera.

— Você está compreendendo o que estou dizendo?

— Acho que já tive conselhos seus suficientes por uma noite — respondeu ele —, de modo que, por que simplesmente não volta para o lugar de onde veio?

No meio da frase, ouviu a voz de Marco, chamando-o.

— Chefia? O senhor está bem? Onde, diabo, está o senhor?

Todd olhou para a porta, esperando de certa maneira vê-lo ali. Ele não estava. Voltou a olhar para Katya ou quem diabo ela fosse. A mulher, nesse momento, afastava-se dele, sacudindo a cabeça como se dissesse: não conte nada.

— Está tudo bem! — gritou para Marco.

— Onde é que o senhor está?

— Estou bem. Prepare um drinque para mim. Eu me encontro com você na cozinha.

Katya já havia se retirado para o fundo do salão, onde, nesse momento, estava sendo envolvida pelas sombras de onde saía.

— Espere! — disse Toddy, sua fúria ainda não completamente controlada.

Queria ter certeza de que aquela mulher não iria embora pensando que poderia voltar, que chegaria quando ele estivesse dormindo, o diabo que a levasse. Ela, porém, virou-lhe as costas nesse momento, ignorando-lhe as instruções. Resolveu, por isso, ir até onde ela estava.

Uma porta se abriu na escuridão à sua frente e ele sentiu uma onda de ar noturno, fria e perfumada, tocar-lhe o rosto. Não sabia que havia uma porta para fora da casa na extremidade mais distante do Cassino, mas ela saiu por ali quando ele menos esperava (viu-lhe a silhueta quando ela se afastou por um caminho iluminado pela luz das estrelas) e ao chegar à porta não a encontrou mais, só as moitas agitadas por onde ela passara correndo.

Cruzou a soleira e olhou em volta, tentando orientar-se. O caminho tomado por Katya seguia morro acima, serpenteando. De volta à casa de hóspedes, sem dúvida. Era ali que morava aquela louca. E construía um bom ninho para si mesma naquela casa. Bem, isso poderia ser facilmente consertado. Simplesmente enviaria Marco pela manhã até lá em cima para expulsá-la.

— Chefia?

Todd voltou para o Cassino e olhou para a expansão de assoalho onde ela lhe descrevera a maneira como fizera amor. Ele, também, acreditara um pouco nela. Pelo menos seu membro acreditara.

Viu Marco na outra extremidade do salão.

— O que, diabo, está acontecendo aqui? — perguntou ele.

Todd ia lhe contar tudo ali mesmo — dizer que ia mandá-lo subir o morro para expulsar a intrusa—, mas, nesse momento, o empregado abaixava-se para apanhar com todo cuidado alguma coisa no chão: as ataduras retiradas de seu rosto.

— O senhor tirou as ataduras — disse.

— Tirei.

A raiva que sentia começou a passar nesse instante, enquanto se lembrava da maneira terna como ela o olhara. Não julgando, simplesmente olhando.

— O que foi que aconteceu, chefia?

— Descobri outra porta — respondeu Todd, meio sem jeito.

— Alguém esteve aqui? — perguntou Marco.

— Não sei — disse Todd. — Talvez. Eu estava simplesmente andando pela casa, desci até aqui...

— A porta estava aberta?

— Não, não — retrucou Todd. Fechou a porta com uma alta batida. — Eu simplesmente experimentei a maçaneta e ela não estava fechada à chave.

— Então vai precisar de uma nova fechadura — disse Marco, o tom de voz indeciso, como se desconfiasse do que estava ouvindo, mas fingindo que acreditava.

— Isso mesmo, vai precisar de uma nova fechadura.

— Tudo bem.

Ficaram os dois por um momento em lados opostos do salão, em silêncio.

— O senhor está bem? — perguntou Marco, após algum tempo.

— Como o senhor sabe, comprimidos misturados com bebida serão sua morte.

— Tomara que sim — respondeu Todd, sua jovialidade tão forçada quanto a de Marco.

— Tudo bem; se o senhor diz que está bem, é porque está.

— Estou bem.

— Estou.

Marco estendeu-lhe as ataduras.

— O que o senhor quer que eu faça com elas?

— O que você acha? — perguntou Todd, voltando ao tom de conversa normal.

A porta estava fechada. A mulher, a trilha e as moitas balouçantes estavam fora da vista. O que quer que ela tivesse dito ele poderia esquecer, pelo menos naquela noite.

— Queime-as. Onde está aquele drinque? Eu vou comemorar.

— Comemorar o quê?

— Ter perdido essas drogas de ataduras. Eu parecia só Deus sabe o quê.

— Burrows pode querer que o senhor as conserve.

— Burrows que se foda. Se eu quero tirar as ataduras, a decisão é minha.

— O rosto é seu.

— Isso mesmo — disse Todd, voltando a olhar para o chão, onde a louca dissera que havia se deitado, imaginando-a ali. — O rosto é meu.



DOIS

Na tarde do dia seguinte, Maxine apareceu para contar como havia sido a festa do Oscar, fazer um relatório completo — incluindo a cerimônia em si e as festas que se seguiram — e demonstrar uma polida indiferença pela sensibilidade de Todd. Várias vezes, ele quase a interrompeu e lhe disse que não queria ouvir mais nada. Restos de curiosidade, porém, silenciaram-no. Ainda queria saber quem eram os vencedores e quem os derrotados.

Claro, não faltaram as capotagens habituais, as costumeiras lágrimas de gratidão, as estrelinhas tomadas de fingida surpresa, tudo, menos desmaios de gratidão. Nesse ano houve mesmo trocas de socos, durante uma discussão no pátio de estacionamento do Spago, entre Quincy Martinaro, um diretor jovem e rápido de fala que, depois de dois filmes, foi promovido à celebridade e se transformou em ego lendário, tudo isso no espaço de 15 meses, e Vincent Dinny, um articulista ferino da Vanity Fair que recentemente pintara Martinaro com as cores o menos lisonjeiras possível. Indivíduo irascível, amargurado, em fins da casa dos 60 anos — tendo fracassado na sonhada ascensão à aristocracia de Hollywood — dedicara a vida a escrever sobre as partes menos louváveis da cidade. A matéria sobre Martinaro, por exemplo, mencionou um certo gosto por heroína que, na verdade, era o vício predileto do tal homem.

— De modo que, quem foi que ganhou? — quis saber Todd.

— Quincy quebrou dois dedos quando caiu sobre o carro e Dinny ficou com o nariz sangrando. De modo que não sei quem ganhou. Aquilo tudo foi tão ridículo. Comportaram-se como crianças.

— Você chegou a ver os dois brigando?

— Não, mas vi Dinny depois da briga. Tinha a camisa toda suja de sangue. — Maxine calou-se por um momento. — Acho que ele sabe alguma coisa.

— O quê?

— Ele se mostrou muito civilizado a esse respeito. Safadinho enrugado. Disse apenas o seguinte: Ouvi dizer que Todd está com alguns problemas de saúde e que você o está guardando agora a sete chaves. Eu simplesmente olhei para ele. Não disse nada. Mas ele sabe.

— Que merda.

— Para ser franca, não sei o que podemos fazer. Mais cedo ou mais tarde, ele sugere uma matéria a Vanity Fair e o pessoal da revista vai agarrar a oportunidade com unhas e dentes.

— Merda — repetiu Toddy, mais calmo. — O que diabo foi que eu fiz para merecer tudo isso?

Maxine não respondeu a essa pergunta. Em seguida, perguntou: — Oh, por falar nisso, lembra-se de Tammy Lauper?

— Não.

— Ela é a presidente do Fã-Clube.

— Ah, agora me lembro.

— Gorda.

— É mesmo?

— Praticamente obesa.

— Ela foi ao escritório?

— Não. Recebi um telefonema da polícia de Sacramento, perguntando se a tinha visto. Ela está desaparecida.

— E a polícia pensa que eu a estou escondendo?

— Não sei o que a polícia pensa. O que interessa é: você a viu por aqui?

— Nem de longe.

— Talvez em Bel Air?

— Eu não estive em Bel Air. Pergunte a Marco.

— Vou fazer isso. Eu disse à polícia que ia perguntar a você e perguntei.

Todd dirigiu-se à janela da sala e olhou para as árvores ave-do-paraíso que cresciam perto da casa. Não eram podadas há anos e nesse momento estavam pesadas com flores e folhagem seca, o tamanho imenso bloqueando a vista da colina no outro lado. Mas não precisou de um esforço muito grande de imaginação para lembrar-se de como era o desfiladeiro, as palmeiras que margeavam os cumes de morros no outro lado, as trilhas e os bosques escondidos, a piscina vazia, o tanque seco das carpas, as estátuas eretas na relva alta. Foi tomado subitamente por um desejo avassalador de estar ali fora, sob a luz quente do sol, longe de Maxine e de suas fofocas baratas.

— Vou ter que sair — disse.

— Sair para onde?

— Vou ter simplesmente que sair — respondeu ele, dirigindo-se para a porta.

— Espere — disse Maxine. — Nós não terminamos ainda o que temos para conversar.

— Isso não pode esperar?

— Não. Sinto muito, mas essa parte não pode.

Todd soltou um suspiro impaciente e voltou para junto de Maxine.

— O que é?

— Andei pensando um pouco nos últimos dias. Sobre nossas relações de trabalho.

— O que há com elas?

— Bem, para ser franca, acho que temos que nos separar.

Todd ficou calado. Simplesmente olhou para Maxine com uma cara de completa incompreensão, como se alguém acabasse de lhe falar numa língua estrangeira. Em seguida, após uns dez segundos, voltou a olhar para as Ave do Paraíso.

— Você não pode imaginar como isso se torna cansativo — continuou Maxine. — Acordar pensando se está tudo bem com Toddy e ir dormir pensando a mesma coisa. Não passa um único minuto no dia em que não esteja preocupada com você. Eu simplesmente não aguento mais. A coisa é tão simples assim. Estou ficando até doente com isso. Tenho pressão alta, taxa de colesterol alta...

— Eu fiz com que você ganhasse um bocado de dinheiro estes anos todos — interrompeu-a Todd.

— E eu cuidei de você. E foi uma parceria muito bem-sucedida. Você me fez rica e eu o fiz famoso.

— Você não me fez famoso.

— Se não fiz, eu gostaria, diabo, de saber quem foi que fez.

— Eu — respondeu Todd, elevando apenas um pouquinho o tom de voz. — Era eu que as pessoas vinham ver. Era eu que elas amavam. Eu me fiz famoso.

— Não tente se enganar — retrucou Maxine, a voz dura como pedra.

Seguiu-se um longo silêncio. O vento juntou mais as folhas das árvores, como se fossem lâminas plásticas de espada roçando uma na outra.

— Espere aí — disse Todd. — Eu sei o que isso significa. Você arranhou um novo namorado. É isso, não é? Você está metendo com algum garoto e...

— Eu não estou metendo com ninguém, Todd.

— Você meteu comigo.

— Duas vezes. Há muito tempo. Eu não faria isso outra vez.

— Bem, apenas para que conste, eu também não.

Maxine fitou-o friamente.

— É isso. Eu disse o que tinha que dizer.

Dirigiu-se para a porta. Todd chamou-a:

— Por que você faz isso comigo agora? Quando estou tão danado de cansado que não consigo nem pensar direito! — A voz continuou a subir de tom, uma palavra arranhando na outra, uma sílaba na outra. — E depois você me sacaneia desse jeito?

— Não se preocupe. Vou arranjar alguém para cuidar de você. Treino essa pessoa. Ela vai cuidar bem de você. Não é que eu o esteja abandonando.

— Mas você está!

Todd voltou afitá-la. O sangue inundara de súbito o rosto semicoberto de ataduras. E que parecia grotescamente vermelho.

— Você pensa que eu estou acabado, de modo que me deixa para ser crucificado por qualquer matéria de jornalista comum nesta merda de país.

Maxine ignorou a explosão e retomou o que vinha dizendo: — Vou encontrar alguém para ficar no meu lugar, que o protegerá melhor do que eu. Porque eu estou simplesmente tão cansada como você, Todd. Depois, vou dar uma última festa na casa de praia e sair a toda desta cidade, antes que ela me mate.

— Eu não vou deixar você ir embora.

— Agora, não comece a ameaçar...

— Eu não estou começando coisa nenhuma. Estou simplesmente lhe lembrando. Você tem um contrato comigo. Não vou deixar que você ganhe uma fortuna comigo e, em seguida, dê no pé quando as coisas ficam difíceis. Você me deve.

— Eu o quê?

— O que quer que esteja no contrato. Mais dois anos.

— Eu não posso fazer isso. Não vou fazer isso.

— Nesse caso, eu processo sua bunda mole, por cada merda de centavo que ganhou à minha custa.

— Pois tente.

— E vou ganhar.

— Como eu disse, você pode tentar. Se quer que toda nossa lavagem de roupa suja seja feita na frente de todo mundo, então tente. E garanto que você vai sair disso pior do que eu. Eu escondi seus defeitos por um tempo longo demais, Todd.

— E assinou um acordo de confidencialidade. Se o romper, eu a processo por isso também.

— E quem é que dá bola pra isso? Ninguém dá a mínima para mim. Eu sou apenas um parasita profissional. Você é o namorado da América. O que tem uma reputação a perder. — Fez uma pausa e, em seguida, disse em voz baixa, quase como se estivesse pensando: — As histórias que eu poderia contar...

— E eu posso contar outras tantas.

— Não há nome que alguém possa me chamar que eu já não tenha ouvido centenas de vezes. Sei que todo mundo diz que sou uma puta. É isso o que dizem, não é? "Como é que você pode trabalhar com aquela puta?" Se tiver que ouvir isso mais uma vez em juízo, posso aguentar, desde que, quando tudo acabar, eu não tenha que ouvir você choramingando e se queixando.

— Tudo bem — disse Todd. — Se é assim que quer que a coisa seja.

Maxine dirigiu-se para a porta.

— Para sua informação — disse —, eu poderia ir para LAX agora mesmo e encher uma limusine com garotos que têm dez vezes mais talento que você. Todos eles estão vindo parar aqui, querendo ser o próximo Tom Cruise, o próximo Leonard DiCaprio, o próximo Todd Pickett. Garotos bonitos, de bunda bonita e enxuta e que vão terminar, a maioria deles, vendendo suas bundas enxutas no Santa Mônica Boulevard. Os que tiverem sorte acabarão como garçons. — Se eu quisesse,

poderia transformar qualquer um deles em um astro de cinema. Talvez não um astro como você. Mas, quem sabe, ainda maior. Cara certa, oportunidade certa, filme certo. Parte disso sorte, parte arte de vender o produto. A verdade, Todd, é que eu vendi você. Disse às pessoas certas que você ia ser um sucesso espetacular, e repeti isso tantas vezes, que o que eu disse acabou sendo verdade. E você era tão bacana naqueles tempos. Tão... natural. Você era o garoto da casa vizinha e, sim — para sua informação —, eu fiquei um pouco apaixonada por você, como todo mundo. Mas não durou muito. Você mudou. Eu mudei. Nós dois ficamos ricos. Nós dois ficamos gananciosos. — Passou a mão pela boca e massageou suavemente os lábios. — Mas quer saber de uma coisa, Todd? Nenhum de nós dois jamais foi feliz. Estou certa? Você nunca foi feliz, mesmo quando teve o que jamais sonhou ter.

— Aonde é que você está querendo chegar?

— Não sei aonde quero chegar — respondeu ela, baixinho. — Acho que isso, em poucas palavras, é o problema. Não sei aonde quero chegar. — Durante um momento, olhou para algum lugar a meia distância. — Você vai ficar bem, Todd — disse, finalmente. — As coisas vão melhorar sem mim, você vai ver. Vou arranjar uma pessoa para cuidar de você. Eppstadt lhe arranjará um filme e, dentro de alguns meses, você estará novamente diante das câmeras, parecendo perfeito. Se for isso o que quer.

— Por que eu não iria querer isso? — perguntou ele.

Ela fitou-o, parecendo muito cansada.

— Talvez porque nada disso valha coisa nenhuma.

Todd sabia que tinha uma réplica instantânea para isso, mas, nesse momento, não conseguiu lembrar-se qual era. E, enquanto estava tentando se lembrar, Maxine deu-lhe as costas e deixou a sala.

DEIXOU QUE ELA se fosse. O que era que adiantava brigar? Isso era trabalho para advogados. Além disso, tinha assuntos mais urgentes do que trocar insultos com ela. Tinha que encontrar Katya.

O sol da tarde não estava apenas cálido, mas quente, a folhagem muito movimentada pelos beija-flores, e o desfileiro, silencioso e perfeito. Andou através das moitas altas, passou pelas quadras de tênis e o antigo relógio de sol, subindo na direção da casa de hóspedes. Após algum tempo, a subida tornou-se muito íngreme, os degraus estreitos, corroídos pelo tempo e a falta de cuidado, de tal modo que, em alguns trechos, haviam desaparecido inteiramente.

Após algum tempo, descobriu que a trilha se dividira em algum ponto anterior e que havia tomado a direção errada. O erro levou-o a um passeio pitoresco por lugares escondidos do jardim, chegando pela primeira vez a um pequeno bosque de

nogueiras, no meio do qual havia um grande coreto em adiantado estado de ruína e, logo depois, a um jardim dentro do outro, delimitado por uma arruinada cerca viva de alfena. Viu rosas por ali ou, melhor, os restos da floração do ano anterior, moitas lutando por espaço e, enquanto faziam isso, uma estrangulando a outra. Não havia maneira, através do emaranhado espinhoso, de encontrar o caminho para o outro lado, de modo que foi obrigado a tentar dar a volta em torno do jardim, permanecendo perto da cerca viva. O que também foi difícil de fazer. Embora as plantas nesse local não tivessem espinhos, continuavam ainda emaranhadas e difíceis de atravessar. Pequenos galhos e folhas mortas arranharam-lhe o rosto, e a camisa ficou logo suja e os chinelos cheios de terra empedrada. Ao chegar ao outro lado do jardim e reencontrar a trilha, faltavam-lhe fôlego e paciência e tinha umas duas dezenas de pequenos cortes e arranhões na pele.

A perambulação havia-o levado para um lugar onde tinha uma vista maravilhosa. Viu embaixo a grande casa, cercada pelas palmeiras e Aves do Paraíso, o cata-vento barroco no alto do coreto pelo qual passara até chegar ali, o orquidário, que conhecera em passeios anteriores pelo jardim. Tudo isso era banhado pela luz clara e cálida da Califórnia, a luz cristalina que quase um século antes atraía diretores e produtores de filmes. Não pela primeira vez desde que viera residir ali, sentiu uma agradável sensação de entender a história e um pouco de curiosidade pelas pessoas que poderiam ter andado e conversado por ali. Que ambições acalentaram enquanto passeavam por aqueles jardins? Tinham sido indivíduos sofisticados ou bobalhões? O pouco que sabia sobre a Velha Hollywood lhe chegara por intermédio de Jerry Brahms, o que significava que apenas parcialmente dera atenção às palavras. Mas sabia o suficiente para ter certeza de que haviam sido bons tempos, pelo menos para um homem como ele. Douglas Fairbanks, Rodolfo Valentino, Charlie Chaplin, o clã dos Barrimore e todos os demais haviam constituído alguma coisa como uma realeza, os senhores de novos domínios no Oeste. Um contador de tostões nojento como Eppstadt — com suas intermináveis manobras empresariais — nenhum poder teria exercido no mundo que o desfiladeiro ainda preservava.

Recuperando o fôlego, continuou a subir. As moitas tornaram-se mais fechadas à medida que ele se aproximava da casa de hóspedes. Teria precisado de um facão para abrir caminho eficientemente por ali, mas, como isso não era possível no momento, tinha que se virar com um galho, que apanhou no caminho. As flores cederam lugar a perfume enquanto abria caminho entre elas. E reconheceu o aroma. Era o aroma dela. O aroma da pele de Katya. Andaria ela nua por ali, pensou, esfregando flores no corpo? Isso seria uma vista e tanto.

O pensamento excitou-o e, na verdade, teve uma ereção. Não a ereção comum, tampouco, mas o tipo tão forte que realmente doía. Fazia muito tempo desde que isso lhe acontecera, tão violenta assim, e aumentou imensamente seu senso de

bem-estar. Com a casa de hóspede bem à vista, apressou o passo, sentindo-se curiosa e contentemente adolescente. E daí, que diabo, se Maxine o estava abandonando? E daí, que diabo, se nunca mais fosse o Menino de Ouro? Estava ainda vivo, bolindo, escoiceando, ainda tinha um porrete na mão, uma ereção dentro da calça e o pensamento no banho de flores de Katya.

O bosque havia finalmente se tornado mais rarefeito e chegou finalmente a um pequeno e abandonado jardim. A casa tinha dois pavimentos, construída no mesmo estilo que a casa principal, embora apenas numa escala muito mais modesta. Acima da porta, fixada no reboco, um único ladrilho, de um homem montado num cavalo. Olhou-o apenas por um instante. Em seguida, pôs a palma da mão em cima do jeans para empurrar o membro rígido para um local menos óbvio e bateu à porta da louca.



TRÊS

Nenhuma resposta de dentro da casa, nem nenhum som de movimento provocado por sua batida. Bateu pela segunda vez e, em seguida — após uma curta pausa —, outra vez. Ainda nenhuma resposta. Tentou a maçaneta. A porta estava destrancada. Empurrou-a e trocou a luz do sol pelo interior frio da casa.

Ao primeiro olhar, pensou ter entendido mal o que Katya lhe dissera. A casa não estava absolutamente ocupada, afinal de contas. Era simplesmente usada como uma espécie de depósito. A sala à frente, espaçosa e de teto alto, era pouco mais do que um monte de trastes, cheia de móveis e bric-à-brac.

Mas, à medida que os olhos se acostumavam à penumbra, após o fulgor do sol no lado de fora, começou a extrair sentido do que estava vendo. De fato, o cômodo estava juncado de coisas, mas nada havia ali que fosse lixo. Da parede à esquerda pendia uma enorme tapeçaria com a cena de uma festa medieval; na parede oposta, uma série de baixos-relevos em mármore branco que pareciam ter sido surrupiados de um templo romano. No canto mais distante, próximo de uma grande porta de carvalho, viu mais lajes de pedra cobertas de hieróglifos. Notou uma elegante chaise longue em frente à lareira maciça e uma mesa, com as pernas refinadamente torneadas com motivos barrocos, no centro da sala. Tudo isso havia presumivelmente sido trazido em algum momento da casa-grande, embora isso dificilmente explicasse a confusão de períodos e de estilos.

Aproximando-se mais do centro da sala, anunciou sua presença mais uma vez em voz alta. Mais uma vez, nenhuma resposta. Não se demorou mais a examinar a mobília e as antiguidades. Cruzou a sala na direção da grande porta de carvalho.

Mais uma vez, bateu. Não recebendo resposta, girou a maçaneta trabalhada e entrou. Dado o tamanho, esperou que a porta fosse pesada, mas não era. No outro lado, viu um corredor largo, as paredes cobertas com máscaras brancas penduradas. Não, máscaras, não, mas moldes tirados ao vivo, faces brancas de gesso, todas com a expressão de repouso sobrenatural, forçado, que todas elas sempre exibem. Ele havia mandado fazer várias delas por um profissional de efeitos especiais. Uma para a face machucada no Gunner, outra para o ferimento a bala. Foi uma experiência estranha olhar para o trabalho acabado. É assim que vou parecer quando estiver morto, pensou quando viu os resultados finais.

Na parede havia umas 30 ou 40 máscaras, a maioria de homens. Pensou vagamente que reconhecia algumas delas, mas não conseguiu lembrar-se de nomes. Todas eram de homens bonitos, alguns deles belos. Lembrou-se da conversa maluca de Katya sobre as festas que dava na casa. Como ela havia seduzido Valentino. Seria

essa coleção a inspiração de suas fantasias? Sonhara ela que foderia com aqueles homens famosos porque possuía na parede cópias em gesso de seus rostos?

A porta ao fim da parede de máscaras era, como a última, enganosamente leve. Desta vez parou para se perguntar o motivo disso e examiná-la com um pouco mais de atenção. E desta vez teve a solução. A porta era falsa. Os grandes cravos enferrujados não eram absolutamente de ferro, mas torneados e pregados na porta, tendo a patina de antiguidade sido aplicada por um pintor hábil. Era a porta de um cenário de filme, tudo ilusão. E, se as portas haviam sido feitas dessa maneira, o que dizer da tapeçaria, dos baixos-relevos e da mesa trabalhada com motivos grotescos? Todos eram principalmente imitações. Roubadas de um depósito ou compradas em um leilão de estúdio para se livrar de adereços de combustão fácil. Nada daquilo era real.

Empurrou a porta e entrou em uma segunda sala, esta muito menor do que a primeira, mas atravancada da mesma maneira. Na parede à frente, viu um grande espelho, a moldura dourada esculpida com figuras nuas, homens e mulheres enroscados em posições que pareciam simultaneamente sexuais e de tormento. Ele raramente passava por um espelho sem usá-lo e, mesmo nesse instante — sabendo que não gostaria do que iria ver —, parou e examinou o reflexo. Era um espetáculo triste, as roupas em total desalinho com a caminhada pelas moitas, o rosto como uma cópia malfeita do original mais fino. Pensou por um momento se não deveria ir embora dali.

Não estava em condições de se apresentar a Katya. Enquanto pensava nisso, a porta à esquerda do espelho rangeu um pouco e — empurrada pelo vento — abriu-se por alguns centímetros. Esquecendo suas tristes reflexões, foi até a porta e olhou para o outro lado.

O que viu expulsou de sua mente todo e qualquer pensamento de ir embora. Viu uma cama enorme de quatro colunas, decoradas no mesmo estilo deliciosamente erótico da moldura dourada do espelho. Uma faixa de veludo púrpura escuro pendia em dobras de um cortinado semifechado. Os travesseiros vermelhos amontoados na cama eram enormes, de seda macia, franjados com renda. O lençol, também de seda, tinha sido puxado, deixando à vista a pessoa que ali dormia.

Katya, claro.

Ali estava ela, de rosto para baixo, os cabelos soltos, o corpo nu.

Ficou à porta, extático. O travesseiro onde ela descansava a cabeça era tão macio que lhe escondia o rosto, mas, ainda assim, conseguiu ver a curva alta dos málares, o rosado suave da orelha. Estaria ela acordada por trás das pálpebras claras, pensou, e a nudez seria uma provocação intencional? Achou que não. Havia alguma coisa inocente demais na maneira como as pernas estavam abertas, infantil demais no modo como as mãos sustentavam os seios. E a prova final? Ela roncava.

Se aquilo era na verdade uma representação, então havia ali um toque de gênio. Era a coisa perfeitamente humana que tornava todo o resto tão verossímil.

Os olhos de Todd desceram para a fenda entre as nádegas, para o brilho dos pêlos que apareciam entre as pernas. Sentiu-se, de repente, possuído de um desejo sexual violento.

Deu um passo para a cama. O piso estalou sob seu peso, mas, felizmente, o som não foi suficiente para acordá-la. Continuou a aproximar-se, o olhar no rosto da mulher, atento para o menor tremeluzir de um cílio. Mas não viu nenhum. Ela estava em sono profundo e sonhando. Bastante perto nesse momento, viu-lhe os olhos se movendo por trás das pálpebras, observando alguma coisa que acontecia nesse momento em outro lugar.

Ao lado da cama, agachou-se, o joelho esquerdo estalando alto. Notou um leve arrepio nas pernas da mulher. Não conseguiu resistir à tentação de estender a mão e tocar-lhe a pele, como se pudesse alisar o arrepio com os dedos. Ela, com certeza, acordaria nesse momento, pensou. Mas, não, ela continuou a dormir. O único sinal de que ela poderia estar emergindo do sonho era a diminuição do movimento das pupilas. O sonho a estava deixando ou ela o estava deixando.

De repente, ficou assustado. O que pensaria ela se acordasse e o visse ao lado da cama, com uma postura inquestionavelmente voyeurística? Talvez fosse melhor ir embora dali, rápido, antes que ela acordasse. Mas não conseguiu obrigar-se a se mover nem um centímetro. Tudo que conseguiu fazer foi ajoelhar-se ali, como um suplicante, o coração batendo furioso, o rosto transformado em uma fornalha.

Nesse momento, no sono, ela murmurou alguma coisa. Todd prendeu a respiração, tentando compreender as palavras. Não era inglês o que ela falava, era uma língua da Europa Oriental, talvez de sua Romênia nativa. Não pôde extrair sentido do que ela dizia, claro, mas havia suavidade nas sílabas, uma necessidade, que sugeriam que eram de súplica. Ela ergueu o rosto do travesseiro e Todd notou-lhe a expressão perturbada, a testa vincada em uma ruga e lágrimas brotando atrás das pálpebras. A aflição que ela demonstrava incomodou-o. Trouxe-lhe lembrança das lágrimas de sua mãe, que vira tantas vezes em seu tempo de criança, lágrimas de uma mulher deixada para criar sozinha os filhos, lágrimas de raiva frustrada, às vezes, mas principalmente lágrimas de solidão.

— Não faça... — disse ele baixinho.

Aparentemente, ela o ouviu falar. A expressão de ânsia aquietou-se um pouco. Em seguida, ela disse: — Willem?

— Não...

A ruga na testa aprofundou-se e as pálpebras começaram a tremer. Ela estava acordando nesse momento. Quanto a isso, não havia dúvida. Todd levantou-se e começou a retirar-se para a porta, mantendo ao mesmo tempo os olhos no rosto da

mulher. Só quando chegou à porta é que, finalmente, pesarosamente, afastou os olhos e virou-se.

Mas, enquanto passava pela porta, ouviu-lhe a voz:

— Espere!

Todd sentiu uma grande tentação de sair, não de virar-se e olhar para ela, mas resistiu à própria covardia e voltou a olhar para a cama.

Katya havia puxado o lençol um pouco para cima, escondendo parcialmente a nudez. Tinha os olhos abertos e as lágrimas induzidas pelo sonho descendo pelo rosto. Mas, ainda assim, sorria.

— Desculpe — disse Todd.

— Pelo quê?

— Por ter vindo aqui sem ser convidado.

— Não — respondeu ela docemente. — Eu queria que você viesse.

— Ainda assim, eu não devia ter ficado aqui... olhando para você. Aconteceu apenas que você falava enquanto dormia.

— Ora, até que é bom ter alguém escutando — retrucou ela. — Faz muito tempo desde que alguém me fez companhia enquanto eu dormia.

Enxugou as lágrimas.

— Você está bem? — perguntou ele.

— Estou, estou, sim.

— Estava tendo um pesadelo?

— Não consigo me lembrar — respondeu, lançando-lhe um rápido olhar.

Ele sabia, pelo que aprendera com seu professor de representação, que um olhar como aquele indicava mentira. Ela sabia exatamente com o que estivera sonhando. Simplesmente, não queria lhe dizer. Bem, isso era problema dela. Deus sabe que todo mundo tem direito a guardar seus segredos.

— Que horas são? — perguntou ela.

Todd lançou um olhar ao relógio.

— Quase 4h30min.

— Você quer sair para um passeio antes que fique escuro demais? — perguntou Katya.

— Quero, sim.

Ela jogou para um lado o lençol e se levantou, erguendo a vista para ele, como se para ter certeza de que a observava.

— Eu vou tomar primeiro um banho — explicou. — Enquanto isso, você poderia me fazer um pequeno favor?

— Claro.

— Volte para o salão de jogo, onde nós nos encontramos na noite passada e...

— Não me diga. Ir buscar seu chicote.

Ela sorriu.

— Você adivinhou.

— Desde que prometa que não vai me bater com ele.

— Nada poderia estar mais longe de meus pensamentos — respondeu Katya.

— Muito bem. Vou buscá-lo... mas nada de bater.

— Não tenha pressa. Há ainda muita luz no céu.

Todd deixou-a, sentindo-se estranhamente leve, satisfeito por ir fazer alguma coisa para ela. O que era que isso dizia sobre o relacionamento de ambos?, perguntou a si mesmo, enquanto corria. Que ele era naturalmente subserviente? Pronto para fazer o que ela mandasse num estalo de dedos?

Bem, se era assim, que fosse.

Sem dificuldade, encontrou o caminho de volta à casa-grande. Marco, andar pesadão como sempre, ouviu ruído no salão de jogo e veio investigar.

— O senhor está bem?

— Essa é a única coisa que você sempre pergunta. Se estou bem? Estou. Melhor do que bem.

— Ótimo. Apenas Maxine me disse...

— Maxine que se foda.

— De modo que isso não incomodou o senhor?

— Não. Nós dois fizemos um bom trabalho juntos. Agora, acabou.

Pegou o chicote na lareira.

— O que diabo é isso?

— Com o que isso se parece?

Por duas ou três vezes, estalou o chicote no ar. A peça era maravilhosamente equilibrada e achou que poderia aprender a usá-lo com grande habilidade. Talvez ela deixasse que ele lhe batesse no corpo com aquilo.

Marcou examinou-o em silêncio durante um momento e em seguida disse: — O senhor nunca me disse por que tirou as ataduras. Estavam apertadas demais?

— Eu não as tirei. Ela as tirou.

— "Ela" quem?

— A dona desta casa. Katya Lupescu.

— Sinto muito, mas não entendi nada.

Todd sorriu.

— Basta de explicações — disse. — Você vai conhecê-la mais tarde. Vou ter que ir. Deixou Marco à porta, com uma expressão de confusão no rosto, e saiu mais uma vez para a claridade do dia, subindo a encosta na direção da casa de Katya, sabendo muito bem que estava se comportando como um homem que acabava de ser premiado com uma segunda oportunidade na vida.

Não lhe chamou o nome ao entrar na casa. Simplesmente passou sem parar pela sala das falsas relíquias.

Ouviu o som de água corrente num cómodo ao lado do quarto. Aparentemente, Katya continuava no banho.

Olhou em volta do quarto. Viu diversos cartazes enormes na parede que não notara até esse momento. Cartazes emoldurados, folhas únicas de anúncios de filmes de muitas décadas passadas, a julgar pelo estilo do trabalho gráfico e do papel amarelado pelo tempo. A mesma imagem dominava os sete cartazes: a de um rosto de mulher. Em dois deles, ela era representada como uma criança abandonada, uma criança-mulher perdida em um mundo predatório. Nos outros, porém, havia amadurecido, estava além do estado de órfã e eram essas imagens que lhe lembravam a mulher que conhecera na noite anterior — uma femme fatale requintada, luzindo de dentro das molduras, como se estivesse planejando seu ato seguinte de estripulia. Não havia, claro, a menor dúvida sobre quem era aquela mulher. O nome destacava-se em todos os cartazes, em letras grandes e vistosas. *The Sorrows of Frederick*, estrelando Katya Lupi. *The Devils Bride*, estrelando Katya Lupi. *She Is Destruction*, estrelando Katya Lupi.

O que, diabo, devia ele deduzir dessa nova peça de prova? Claro, era possível que Katya tivesse pago pela impressão de sete cartazes representando filmes imaginários, impressos em papel amarelado pelo tempo e emoldurado para parecerem objetos antigos, mas isso não era provável. Seria possível que essa Katya Lupi — que se parecia tanto com a Katya que conhecia — fosse a mesma mulher, e não uma neta, com uma semelhança sobrenatural com a avó? Essa solução do enigma era mais plausível do que qualquer outra em que podia pensar. Evidentemente, a mulher impecável que vira nua minutos antes, o rosto sem uma única ruga, não poderia ser a mesma que estrelara esses filmes. Tinha que haver outra explicação.

Ia falar para anunciar sua presença quando ouviu um som de respiração ecoando das paredes do banheiro. Foi até a porta e olhou para dentro. Em uma grande e antiquada banheira de cerâmica, cheia pela metade, viu Katya deitada, as pernas abertas, os lábios da vagina fora da água para que ela pudesse ver como ali enfiava os dedos. Olhos fechados.

Não pela primeira vez naquela tarde, Todd sentiu a cabeça do membro bater dentro da calça, acompanhando o ritmo de sua pulsação. Mas não teve o menor desejo de interromper o joguinho de Katya. Sentiu-se perfeitamente feliz em observá-la, êxtase no rosto, os seios saindo da água quando ela arqueou o corpo, as pernas altas e abertas, pousadas nos lados da banheira. O mistério de quem ela era e como tinha vindo parar ali pareceu, de repente, absurdamente irrelevante. O que, diabo, isso importava? Olhe para ela!

— Trouxe o chicote?

Todd olhava-lhe a xoxota nesse momento, mas ao voltar para a face notou que ela o fitava intensamente, com uma expressão de necessidade feroz.

— O Teroarea. Trouxe?

Ele ficou mortificado de vergonha, mas, evidentemente, ela não poderia ter se importado menos. Katya tinha outras prioridades.

— Trouxe — respondeu ele, mostrando-lhe o chicote. — Trouxe.

— Nesse caso, use-o.

— O quê?

Ela ergueu ainda mais os quadris, abrindo as pernas para que ele lhe visse inteiramente a vagina, intumescida com os toques que antes lhe havia aplicado, mas, também, sabia, pela espera de sua volta.

— Toque nela — disse Katya. — De leve.

O alvo parecia alto dentro de seu capuz, exposto para seu deleite.

— Por favor — implorou ela.

Todd deu quatro passos até a parte baixa da banheira, mantendo os olhos fixos na mulher. Sentiu o peso do chicote na mão. Nunca fizera antes nada nem remotamente parecido, mas alguma coisa na maneira como o corpo de Katya se contorcia para oferecer-lhe a vagina deu-lhe confiança.

— Está pronta?

— Simplesmente faça!

Todd ergueu alto no ar o Terror. O clitóris de Katya parecia tão duro e vermelho como um rubi. Tocou-o com o chicote com um curto estalo que a fez soluçar.

— Novamente! — pediu ela, no mesmo instante.

O rubi já estava um pouco mais vermelho.

— De novo! — disse ela.

Ele tocou-a novamente, duas, três, quatro, cinco seis vezes, enquanto cada músculo do corpo de Katya se tornava rígido e se transformava em um alvo perfeito.

— Mais? — perguntou.

Embora houvesse lágrimas no rosto de Katya, ela simplesmente rosnou para ele entre dentes rilhados. Todd achou que isso significava sim e voltou ao trabalho, até sentir suor escorrendo-lhe do rosto e pelas costas, a respiração difícil com o esforço. Mas ela não o deixou parar. O olhar, a expressão sarcástica, o corpo oferecido faziam a mesma exigência, e ele obedientemente respondeu, uma vez, mais outra, mais outra...

Subitamente, os olhos dela rolaram para cima, abriu a boca, ele mal conseguiu entender as palavras, tão cheias de gozo que estavam.

— Outra vez. — As pupilas haviam praticamente desaparecido. — Uma vez.

Todd levantou o Terror que, de repente, a despeito de sua flexibilidade, leveza, pareceu-lhe brutal na mão dolorida. O corpo dela começou a tremer. Ele também tremia nesse momento. O Terror, porém, tinha também seus próprios imperativos. E, mais uma vez, desceu.

Ela soltou um grito que pareceu mais alguma coisa que sairia do bico de uma ave do que da boca de uma mulher. Em seguida, as pernas perderam a solidez e deslizaram graciosamente pelos lados da banheira. Uma minúscula gota escarlate tingiu a água.

Todd deixou cair o açoite e recuou na direção da porta, tomado por uma espécie de terror infantil pelo que fizera e com o quanto aquilo o excitara. Katya tinha os olhos fechados e, no rosto, uma expressão de contentamento infantil, de um bebê dormindo nos braços da inocência.

Todd escorregou pelos lados do umbral da porta, sentando-se de cócoras e, ali, exausto com a intensidade das sensações daqueles últimos minutos, deve ter adormecido porque, quando abriu os olhos, a água continuava a se mexer, embora Katya tivesse deixado a banheira. Deixado o banheiro, na verdade.

Mas não teve que levantar-se para descobri-la. Simplesmente girou a cabeça e viu-a sentada à beira da cama, as pernas abertas, olhando para sua imagem no longo espelho oval. A expressão de contentamento continuava no rosto, embora, nesse momento, também um leve sorriso.

Ela possuía um grande repertório de sorrisos, pensou Todd, ou pelo menos parecia que vira muitos deles no curto espaço de tempo em que se conheciam. Havia o sorriso provocante, o sorriso traquino, o sorriso sombrio, o sorriso seco. Esse tinha um pouco de todos eles. Ela sabia que estava sendo observada e, portanto, havia alguma coisa de representação naquele sorriso. Mas certamente não era falso. Como poderia uma pessoa ser falsa quando acabara de deixar o corpo levá-la a tais extremos? Ele certamente era um desses tipos raros de homens, a quem se entregara dessa maneira total.

Pensou na gota de sangue subindo entre as pernas dela e sentiu uma mistura peculiar de medo retroativo (o que estivera fazendo, pondo em risco a parte mais tenra da anatomia de uma mulher, sem outra coisa para guiá-lo do que a expressão naquele rosto?) e a euforia da certeza de que os dois haviam passado juntos por aquilo, a primeira insanidade compartilhada por ambos.

Quem quer que ela fosse, uma intrusa, uma louca, uma fã que o seguia por toda parte, uma estrela do cinema, todas as possíveis definições empalideciam diante daquilo: ela era a mulher que lhe havia ensinado como era insignificante a carne entre suas pernas quando o que importava era dar prazer a certas mulheres.

— Venha aqui — disse ela.

Ele se afastou do umbral da porta e aproximou-se.

— Deixe eu ver — disse ela, desabotoando-lhe a calça.

— Eu gozei...

— Eu sei.

A calça era frouxona, a maneira como gostava de usá-las. Logo que o cinto foi desafivelado, a calça caiu. Ele teve receio de, nesse momento, dar um triste espetáculo, encolhido, dentro de uma película de sémen seco. Mas, não.

A ereção tinha sido tão forte que permanecia ainda impressionante, embora toda molhada. Não conseguiu se lembrar de qualquer outra mulher com quem fizera amor tirando tal prazer em olhar para seu pau, apenas um quarto ainda duro. Nem qualquer uma delas teria se inclinado, como Katya fez nesse momento, para beijá-lo.

— Posso olhar para você? — perguntou ele.

Ela supôs que ele não se referia à face. Abriu as pernas. Todd subiu a calça e ajoelhou-se.

— Dói? — perguntou.

— Dói — respondeu Katya. Puxou-o pela nuca, pressionando-o suavemente para trazê-lo para mais perto do corpo. — Olhe dentro de mim — disse. — Não tenha medo. Você fez isso. Está vendo o que você fez?

Ele viu, sem ter que abri-la inteiramente. Toda a região pubiana estava intumescida, inflamada.

— Continue a olhar — convidou ela. — Aprecie o que fez.

Suavemente, Todd afastou os lábios da vagina, pegajosos sob seus dedos. Não sangue, não suor, apenas os sucos naturais de um corpo excitado.

— Está vendo? — disse ela, empurrando mais os dedos dele para dentro de seu corpo. Ali dentro ela estava quente como uma fornalha. — Você tem agora na cabeça pensamentos que nunca pensou que teria. Estou certa?

Todd respondeu recolhendo os sucos com os dedos e levando-os para bem dentro da boca.

— Você quer me bater mais?

Todd sacudiu a cabeça.

— Acho que ia tirar mais sangue.

— Talvez eu gostasse.

— Me dê um tempo.

Ela tirou-lhe os dedos da boca e substituiu-os com a língua.

— Você está certo — disse, quando terminaram de se beijar. — Nós temos todo o tempo do mundo.

Levantou-se. Ele ficou onde estava, aos pés dela, ainda não acreditando inteiramente que tivesse ido tão longe, tão rápido.

— Isto não é um sonho — disse ela, interpretando-lhe as dúvidas como interpretara tantos outros de seus pensamentos nas últimas 24 horas. — Às vezes, parece que é isso, mas isso é apenas o desfiladeiro.

Ele segurou-lhe as pernas por um momento, beijando a parte interna das coxas.

— Nós íamos dar um passeio, lembra-se? — perguntou ela.

— Você ainda quer ir?

— Quero, sim, adoraria dar um passeio. A noite está perfeita para que você conheça outras pessoas.

PARTE CINCO

Desejo



UM

O desfiladeiro tinha sido outrora uma espécie de Éden para Zeffer, seus carramanchões lugares de descanso, fugas de um mundo que estava se tornando depressa demais, espalhafatoso demais para seu gosto. Mas isso fora há muitos anos. Nesse momento, odiava esse antigo paraíso. Era para ele um lugar de confinamento e castigo, um inferno luxuoso, tornado ainda mais doloroso porque sabia que, imediatamente além do perímetro estabelecido pela dona Katya, havia ruas por onde ele dirigira seus carros como se fosse um lorde. A passagem dos anos as havia transformado, claro, e provavelmente nem poderia reconhecê-las. Sete décadas eram um tempo longo demais. E se subisse a encosta sul do desfiladeiro e se postasse na borda — que se situava no exato limite de domínio que lhe fora prescrito — poderia ver as torres do que lhe pareciam uma cidade dentro de outra, onde, nos seus dias, pouco mais houvera do que uma estrada de terra e algumas moitas de artemísia. Ele e Katya haviam possuído terras ali, em um passado remoto. Provavelmente, os advogados haviam amealhado seus lucros e estavam todos mortos nesse momento. Mas ele também não se lembrava de ter assinado documentos de transferência de posse para qualquer outra autoridade, de modo que era bem possível que, se alguém questionasse o direito de posse da terra onde se erguia nesse momento a cidade faiscante, a trilha de papel retroagiria a Katya Lupescu e Willem Matthias Zeffer.

Houve tempo em que Katya comprara muita coisa: era rica, a terra era barata e ela lhe dissera para comprar grandes glebas, centenas de hectares, como investimento. Ela teve a ideia com Douglas Fairbanks e Mary Pickford, que tinham feito também grandes compras de terra, dizendo com grande espírito de previsão que, enquanto houvesse gente ansiosa para ser distraída de sua infelicidade, haveria necessidade desse Novo Mundo que era o deles, dessa Hollywoodland. Seguia-se, portanto, que a terra onde fosse construído esse Novo Mundo só poderia subir de valor.

Muitas vezes, sentira tentação de deixar o desfiladeiro e aventurar-se colina abaixo para descobrir como era tudo aquilo nesse momento, mas não ousou pôr em prática tal desejo. Katya lhe dissera claramente quais seriam as consequências se ele tentasse deixar aquele lugar. Não haveria para ele caminho de volta. Ela providenciaria para que ele fosse esquartejado pelos caçadores nessas colinas, que lhe eram leais, as criaturas a quem chamava de los ninos, as crianças.

E ele nenhuma dúvida tinha de que ela faria com que fosse cumprida sua decisão. Ela sabia que poder possuía e como usá-lo. Sua morte seria uma boa lição para aqueles membros dos clãs que eram menos leais, que murmuravam suas inquietudes nos ouvidos dos coiotes e planejavam a destruição da patroa. Eles lhe

davam muitos nomes, em muitas línguas, sendo homens e mulheres que tinham vindo de todo o mundo e que, nesse momento, nesse estranho pós-vida, voltavam ao idioma que conheciam melhor. Para alguns, ela era La Catin, a Cadela; para outros, simplesmente a Duquesa das Mágoas.

Mas nenhum deles ousava enfrentá-la. O que quer que murmurassem, o que quer que conspirassem, tinham medo demais do que perderiam se a desafiassem e fossem derrotados. Não só esperavam sua clemência em algum momento no futuro, mas rezavam com toda devoção para que fossem novamente admitidos na casa, de modo que pudessem, mais uma vez, descer os degraus e entrar na Terra do Demônio, onde haviam outrora provado algo que estava nesse momento permanentemente no sangue e não podia ser saciado senão pela mesma coisa.

Zeffer compreendia essa fome. Sentia-a também. E, se ela lhe permitisse voltar para a casa, todas as agonias dessa sua semi-vida seriam apagadas, toda a dor esquecida, todas as necessidades atendidas. Willem, porém, pouca esperança tinha de tal clemência. Katya era louca. Sempre tinha sido, claro.

Na verdade, naqueles velhos tempos, a loucura fizera parte de seu encanto.

Não era parte daquilo que ela tornava tão inacreditável quando aparecia na tela? Um brilho de loucura iluminava sempre o olhar de seus personagens, qualquer um cujo papel estivesse vivendo. Suas inocentes eram loucas com sua ausência de pecado, exatamente como as mulheres fatais que viveu depois fossem enlouquecidas por seus pecados. Entre todos os nomes que lhe haviam dado, o apelido dado a ela por Cesar Romero era o que lhe caía melhor, La Puta Enojada, a Puta Louca. E era esse o nome que ele preferia quando falava nela. Katya, La Puta Enojada. Mas puta ou não, louca ou não, ela tinha as rédeas nas mãos, e ponto final. Não ia fraquejar nem tão cedo, graças às maquinacões daquele cómodo amaldiçoado, nem era provável que acordasse certa manhã e fosse embora de seu desfiladeiro. Ela, simplesmente, como ele, tinha medo do mundo além do perímetro do local. Na verdade, a despeito de toda a linguagem bombástica e brutalidade de Katya, era o medo que lhe configurava a vida.

Medo de viver, medo de morrer. Medo de ficar, medo de ir embora. Medo de lembrar-se e, sim, medo de esquecer.

Mas, de vez em quando, mesmo nesse paraíso exasperante, tremeluzia um vislumbre de esperança, uma leve indicação da possibilidade de que as coisas pudessem finalmente mudar para melhor. Essas indicações e lampejos indistintos apareciam geralmente sob a forma de intrusos, pessoas cuja presença imprevista no desfiladeiro tinha o potencial de mudar sutilmente o equilíbrio de poder no domínio feudal de La Puta Enojada.

Durante todo o tempo em que era prisioneiro no desfiladeiro, houve talvez uma dezena dessas oportunidades, todas elas, a suas maneiras, perigos para o status quo

e todas cuidadosamente controladas por Katya para impedir a destruição de seu regime autocrático. A mais notável até esse momento fora o aparecimento de um menino fugido de casa, um certo Jerry Brahms, que escapara de seus guardiões e entrara no desfiladeiro, ignorante dos mistérios por onde andava. Ele quase a derrubara, esse menino, entrando na casa sem ninguém saber e pondo os dedos em lugares onde não deveriam estar, abrindo portas, deixando que os espíritos farejassem a Caçada. O fato de ele ser uma criança a tornara indulgente com seus erros. Em vez de mandar matá-lo, deixara-o viver, trouxera-o para seu seio, na verdade.

E foi um gesto de confiança que a serviu bem ao longo dos anos. Brahms, o menino, transformou-se em Brahms, o homem, de lealdade inabalável.

Zeffer nunca compreendeu bem o que houve entre eles, mas tinha suas desconfianças. Katya mostrara a Brahms prazeres que o marcaram para sempre como propriedade sua. Isso significava, com maior probabilidade, que o havia levado ao porão para conhecer a Caçada. Quem entrava na Terra do Demônio, aspirava seu ar antigo, passava, de alguma maneira indescritível, a pertencer a esse lugar. O lugar se apossava da pessoa. E ele não precisava olhar mais longe do que para seu próprio corpo para ter prova disso. Desde que Katya lhe proibira entrar na casa — mantendo-o longe dos ladrilhos — começara a parecer e a sentir sua própria idade. Os cabelos embranqueceram e os ossos e articulações eram uma dor só. Por que se surpreendia com isso?

Ninguém vive para sempre. Nem as deusas do cinema nem os homens que as servem. E certamente não casas, por mais maravilhas que contenham. Todas as fachadas, no fim, rachavam, ruíam e se transformavam em pó. Era apenas uma questão de tempo.

Esse pensamento trouxe-o de volta para a mais nova intrusa naquele mundo fechado, a oportunidade mais promissora que via em anos de acabar com aquelas certezas mantidas durante tanto tempo. Era aquela mulher forte, de ossos grandes, seios enormes e olhos infelizes. Ela significava problemas, graças a Deus. Nas circunstâncias certas, uma mulher daquelas poderia fazer todo tipo de confusões, se, naturalmente, ainda estivesse viva. Ela havia sido sequestrada por los ninos, os filhos degenerados do desfiladeiro, a prole impura de acasalamento entre animais e espíritos. Ele, Zeffer, vira muitas vezes nesses anos esses acasalamentos, casamentos vis entre espíritos femininos e coiotes, espíritos masculinos e cervos ou cadelas e mesmo, uma vez, entre uma mulher e uma ave. Os animais que geravam filhos dessa maneira quase sempre morriam no processo. De vez em quando lhes encontrava a carcaça apodrecida nas encostas do morro e sabia que outro híbrido fora acrescentado àquela tribo profana. Os espíritos femininos que aceitavam tal coabitação (algumas delas famosas em seus dias áureos, reduzidas em sua

frustração e loucura a praticar sexo com animais), aparentemente não demonstravam sinais de trauma após o parto, seus corpos sendo menos e mais do que carne, maleáveis, recuperáveis. Mas isso não queria dizer que o acasalamento não trouxesse consequências. Esses espíritos eram também os mais loucos e, segundo sua experiência, os mais propensos à violência inesperada.

O animal, segundo sua experiência, havia se introduzido neles de mais de uma maneira. Haviam sido tocados por uma espécie de fúria que formava um triste contraste com o que lhes restava da passada elegância. Suas peles lustrosas cobriam, tensas, alguma coisa de fera, que a beleza não conseguia esconder. Mulheres cujos nomes haviam estado nos lábios de todos — paradigmas de elegância e sofisticação — andavam de quatro, o passo desajeitado, a velocidade sobrenatural, mostrando dentes perfeitos e uivando como coiotes que haviam acabado de descobrir caça nova.

Havia razão, portanto, para acreditar que a intrusa não sobrevivera ao sequestro. Se a pegaram, los ninos podem ter se divertido com ela durante algum tempo, mas eram animais estúpidos e curtos seus períodos de atenção à alguma coisa. Não precisariam de muito tempo para resolver que seria mais divertido machucar a mulher do que atazaná-la e, logo que o sangue dela começasse a correr, eles enlouqueceriam e cairiam sobre ela, desmembrando-a, membro por membro.

E era esse seu medo.

E a origem de sua esperança? Não ter ouvido nenhum grito de moribunda no desfiladeiro desde que ela desaparecera. Era uma pequenina razão para acreditar que alguma coisa boa pudesse surgir da chegada ali daquela mulher, mas precisava de mais do que uma pequena esperança ou não haveria nada. De modo que, na falta de gritos de mulher, permitiu a si mesmo acreditar que havia alguém ali no desfiladeiro que poderia ser o motivo da destruição de Katya Lupi.



DOIS

Tammy estava, de fato, viva. Sabia que estava viva porque sentia fome. E isso era a única coisa em sua situação atual que realmente reconhecia. O resto era uma espécie de sonho febril, cheio de horrores vagos, parte dos quais poderia ser real e que tinha esperança em Deus que não fosse.

Fora levada pelos sequestradores para a extremidade mais distante do desfiladeiro, onde não havia sinal de habitação. A área lembrava muito uma floresta: moitas cerradas de arbustos pontiagudos, sombreadas por grupos de palmeiras enormes e desgrenhadas. Não havia maneira de subir em qualquer uma dessas árvores, de escapar daqueles que a haviam trazido para ali (mesmo que, se pudesse fazer isso, tivesse certeza de que a descobririam), nem havia maneira de dar mais do que alguns passos pelo matagal. Só lhe restava mesmo uma opção: tinha que enfrentar os sequestradores.

E essa era a dádiva que recebera da mãe, essa frieza mental. Em circunstâncias que teriam levado mentes menos fortes ao ponto de colapso, Edith Huxley (Ma Edie para todos que haviam convivido com ela por mais de um dia) sempre fora sobrenaturalmente calma. E quanto mais pessoas entravam em pânico em volta, mais calma ela ficava, o que a tornava uma enfermeira ideal, o que fora durante toda a vida. Tranquilizava os feridos, tranquilizava os moribundos, tranquilizava os abandonados. Estava tudo bem, dizia naquela voz suave (outra de suas dádivas a Tammy), e, por algum milagre, todos acreditavam nela. Muitas vezes, porque acreditavam, o pânico acabava e tudo se tornava normal. Era uma espécie de profecia auto-realizável.

Nesse momento, sentada no meio do mato, em um sonho febril, ouvindo, vendo e sentindo suas vozes, faces e mau cheiro, repetiu para si mesma, uma vez após outra, o mantra de Ma Edie: Está tudo bem, está tudo bem, enquanto esperava que isso se transformasse na realidade.

A cabeça ainda latejava sob o efeito daquela luz branca que lhe havia destruído o mundo antes de seu sequestro e o estômago precisava certamente ser reenchido, mas conservava todos seus membros, pelo que se sentia grata, e a voz na garganta. E assim, logo que se acalmou, começou a conversar com o que quer que a tivesse perseguido (e que estava ainda ali, nas vizinhanças), o volume da voz tranquilo, mas insistente o suficiente para que não fosse confundida com alguém amedrontado.

— Eu gostaria de voltar agora para a casa — disse a eles —, de modo que um de vocês pode me acompanhar até lá?

Observou as moitas. Eles a observavam. Podia lhes ver o brilho dos olhos, o faiscar de dentes. O que seriam eles? Não pareciam inteiramente sólidos.

Tinha a impressão de que a carne deles não era tão sólida quanto a sua, tão real, talvez. Ainda assim, possuíam força suficiente para tê-la levado daquele lugar perto da jaula de Zeffer e trazido para esse canto de parte alguma, de modo que não podia ignorá-los.

— Vocês entenderam o que eu disse? — perguntou, mantendo calmo o tom de voz.

— Preciso voltar para a casa.

À esquerda, viu um movimento entre as moitas. Uma das criaturas aproximou-se e, pela primeira vez, pôde ver bem um dos sequestradores. Era uma fêmea, quanto a isso não havia dúvida, e vagamente aparentada com um ser humano. O corpo nu da criatura era esquelético, as costelas mostrando-se através de carne que parecia coberta de pêlos macios cinzento-prateados. Os membros dianteiros eram extremamente delicados e ela certamente tinha mãos e dedos, e não partes polpudas de onde saíam garras. As pernas traseiras, no entanto, eram tão tortas quanto as de um cão e grandes demais para o resto de anatomia, de tal modo que, agachada, suas proporções pareciam quase as de uma rã.

Mas a cabeça, esta era a pior parte. Tinha uma boca quase humana, como também o nariz, mas um crânio encurvado e que se tornava inesperadamente achatado, de tal modo que os olhos, que não tinham esclerótica, e se abriam em ambos os lados da caixa craniana, como os olhos de uma ovelha, sobressaíam escuros, brilhantes e estúpidos.

A criatura virou a cabeça e fitou Tammy com olhos brilhantes. Em seguida, dos lábios quase humanos, restos de uma voz: — Não adianta implorar — disse ela. — Vamos comer você.

Tammy recebeu calma essas palavras ou, pelo menos, fez o que podia para dar essa impressão.

— Eu não estou implorando coisa nenhuma — disse, muito calma. — E vocês não vão me comer.

— Oh? — disse outra voz, desta vez à direita.

Tammy moveu-se lentamente, de modo a não provocar qualquer ação precipitada. Olhou para a segunda coisa que falava que — tal como a fêmea — havia se aproximado também. Adivinhou que era um macho, uma das criaturas que a haviam agarrado e levado para longe das jaulas. Ele tinha uma cabeça de uma forma e tamanho desajeitados, o nariz achatado como o de um morcego, a boca larga e sem lábios. Só os olhos eram humanos e inesperada e estranhamente azuis.

— Nesse caso, o que é que vamos fazer com você? — perguntou ele a Tammy, as fendas das narinas fechando-se enquanto lhe farejava o cheiro.

— Ajudar — respondeu ela.

O macho abaixou a cabeça informe e fitou-a por baixo da testa pesada.

— Eu preciso voltar para a casa — repetiu Tammy.

— Você conhece a Senhora? — perguntou a fêmea.

— Que Senhora?

— Da casa?

Uma terceira voz falou nesse instante, em tom fino e agudo: — Kat.Ee.A. — disse ela.

— Katya? — repetiu Tammy.

— Isso mesmo — confirmou a voz do macho. — Katya.

Ele havia se aproximado mais e estava nesse momento lhe farejando os cabelos. Tammy não se defendeu, embora partículas de muco lhe atingissem o pescoço e o rosto. Ela simplesmente manteve o foco do olhar, tanto quanto podia. Talvez esses monstros, a despeito de toda sua estranheza, soubessem alguma coisa sobre o motivo por que Todd estava ali. Se ia libertá-lo, tinha que saber do quê.

— O que vocês querem com Katya? — perguntou, mantendo abertas as opções se conhecia a tal mulher ou não.

À menção do nome de Katya, a fêmea foi tomada por uma série de pequenas convulsões. Lançou para trás a cabeça, exibindo uma garganta tão bela quanto a da Garbo. Após um momento, as convulsões passaram. Logo que os estremecimentos cessaram, respondeu: — É ela que tem a Caçada.

Não havia muito esclarecimento nessas palavras. Tammy, porém, continuou com o interrogatório sem esperar por muita coisa.

— Que caçada? — perguntou, mantendo a voz baixa e calma.

— A Caçada do Demônio — disse o macho, ainda perto dela.

— Você a viu? — perguntou a fêmea.

— Não — respondeu Tammy.

— Mentirosa.

— Se tivesse visto, eu diria que vi. Mas não a vi.

— Você esteve na casa?

— Não, não estive — retrucou Tammy. — Essa caçada de que vocês falam está dentro da casa?

— A Caçada está na casa.

Essa parte era ainda mais enigmática do que aquilo que eles haviam dito antes. Evidentemente, suas fontes de informação não eram tão confiáveis assim. Estariam eles se referindo a algum tipo de jogo bancado por Katya?

— Vocês estiveram alguma vez na casa? — perguntou, englobando todos eles.

— Não — respondeu a fêmea.

— Mas quer entrar lá?

— Quero, sim! — respondeu ela. — Quero ver como é.

— Bem, neste caso... — começou Tammy. — Talvez eu pudesse ajudar vocês a entrarem lá... na casa.

A fêmea fitou-a, desconfiada, movendo a cabeça de um lado para o outro, a fim de avaliar Tammy com ambos os olhos.

— Isso não é possível — disse ela.

— Por que não?

Coube ao macho responder, e a frase que usou foi forte, embora incompreensível:

— A morte está no umbral.

Tammy ouviu murmúrios e rosnados entre a vegetação baixa à menção do umbral.

Não teve dúvida de que, a despeito de toda a força aparente que possuíam, essas criaturas tinham um pavor mortal da casa e, sem dúvida, de sua dona.

— Essa mulher, Katya, fez algum mal a vocês? — perguntou à fêmea.

A criatura sacudiu a cabeça horrenda.

— Algum dia, eu a mato.

— Você quer matá-la?

— Quero.

— Por quê?

A fêmea simplesmente a fitou, o olhar demonstrando uma profunda desconfiança.

Não apenas dela, Tammy, nem, na verdade, de Katya, ou do mundo, mas de estar viva. Era como se cada respiração delas fosse condicional, uma agonia. E a despeito do horror brutal da aparência da criatura, Tammy sentiu por ela um pouco de pena.

— Talvez eu pudesse fazer com que essa Katya viesse para fora — sugeriu.

O macho rosnou no fundo do peito.

— Você faria isso?

Nesse momento, Tammy estava pronta para fazer qualquer promessa, para sair do tremendo apuro em que se encontrava. Inclinou afirmativamente a cabeça.

Seguiu-se um longo silêncio, e nenhum daqueles monstros falou. Em seguida, olhando em volta para os companheiros, como para se certificar de que não seria contestada, a fêmea segurou o punho de Tammy e puxou-a para fora do matagal.

— Nós vamos? — perguntou Tammy.

— Vamos! Vamos! — respondeu a fêmea. — Mas depressa. Depressa.

Não houve qualquer reação de Tammy, satisfeita por estar a caminho. Quaisquer que fossem os perigos escondidos na casa, eles dificilmente seriam piores do que ficar ali no mato. O dia estava acabando rapidamente. Logo depois seria noite. E a julgar pelos repetidos olhares que a fêmea lançava para o céu, ela também sabia que a noite estava caindo. Após o terceiro ou quarto olhar, Tammy não conseguiu deixar de perguntar por que ela estava tão nervosa.

— Pavão — respondeu ela.

Um pavão? Tinha havido pavões por ali? Pensando bem, isso não era tão surpreendente assim. Combinava com a extravagância daquele lugar. Mas o lugar de pavões era em gramados bem aparados, não nesse matagal de espinhos e flores. E mesmo supondo que um pavão pudesse andar por ali sem perder todas suas belas penas, o que poderia fazer se chegasse até eles? Pavões eram mal-humorados, lembrou-se de ter lido isso em algum lugar, mas também aves nervosas. Ela mesma apenas a enxotaria com um grito.

— Não há motivo nenhum para ter medo — disse.

A fêmea lançou-lhe outro desconcertante olhar de soslaio. O macho, enquanto isso, aproximou-se, postou-se ao lado de Tammy e olhou fixamente para seu seios. Não se deixando intimidar, Tammy fitou-o por sua vez. Havia alguma coisa vagamente reconhecível nesse monstro, alguma coisa nas feições que lhe lembravam alguém famoso. Quem, diabo, era essa pessoa? Algum astro do cinema. Seria Victor Mature? Sim, ele mesmo. Victor Mature. Que coisa mais estranha.

A coisa, enquanto isso, inclinou-se para a frente, enfiou um dedo longo e frio através de um rasgão na blusa de Tammy e, antes que ela pudesse esboçar o menor gesto, arrancou a blusa leve de algodão de cima da pele.

— Fique longe de mim — disse ela ao afoito.

Ele lhe mostrou os dentes.

— Bonitas mamas — disse.

— O quê?

A careta horrível transformou-se em uma versão esquisita de sorriso.

— Chupetas — disse ele.

Estendeu o braço e tocou-lhe um lado do seio com a palma da mão aberta, acariciando-o.

— Jarros, bebedouros...

— Mamadeiras — acrescentou Tammy, pensando que era melhor entrar na brincadeira, por mais sem graça que fosse.

— Balões de estouro — continuou ele, sorrindo quase como um débil mental.

Por um momento, ela pensou se essa não seria a solução desse mistério: que esses lamentáveis frangalhos de humanidade eram cretinos, mongolóides, retardados mentais, filhos de astros de Hollywood que não podiam suportar a ideia de que haviam gerado esses monstros e que os haviam entregue a alguém que simplesmente os despejara no desfiladeiro vazio. Não, isso era ridículo. Atrocidades como essas não aconteciam neste dia e época. Era algo impensavelmente empedernido. Mas de certa maneira explicava os curiosos vislumbres de carne e ossos de astro que continuava a ver: a garganta da Garbo na fêmea e Victor Mature nesse macho obcecado por seios.

— Tetas — disse ele.

— Bicos — respondeu ela. — Chi-chis, flauta-de-boca...

Oh, ela sabia de milhões de variações da palavra. Como, presumivelmente, todas as mulheres na América que tinham seios grandes. Tudo aquilo havia acontecido quando tinha 12 anos de idade, quando, devido a algum infeliz distúrbio hormonal, ela andava com seios que teriam parecido muito bonitos numa mulherona de 20 anos de idade. De repente, homens começaram a olhar para ela e palavras chulas jorraram-lhe dos lábios em cascata.

Durante algum tempo, passou por uma fase em que pensou que todos os homens em Sacramento sofriam da síndrome de Tourette. Pouco importava que a menina com aqueles seios tivesse apenas 12 anos de idade, homens tinham diarreia verbal ao ver seios grandes. Ouviu seus seios receberem todos os tipos de nomes — "os gêmeos", "travesseiros de pele", "melões", "montes", "mísseis", "leiterias". No início, ficou perturbada por ser objeto de troça, mas, depois de algum tempo, aprendeu a não escutar nada mais disso, a menos que algum nome diferente surgisse para lhe aumentar o dicionário, como "superastros globais" ou "corpobolas", os quais lhe trouxeram um sorriso de desespero aos lábios.

Claro, dentro de dois anos, todas suas amiguinhas tinham também seios...

— Espere..

.

A fêmea tinha parado, o corpo tomado subitamente por espasmos.

— Qual é o problema? — perguntou Tammy.

A fêmea controlou os pequenos espasmos e ficou imóvel, à escuta. Em seguida, apontou para a direita e, tendo feito isso, afastou-se rapidamente aos saltos, puxando consigo Tammy.

Enquanto fugiam — e foi isso o que aquilo rapidamente se tornou, uma fuga — Tammy olhou por cima do ombro. Não estavam fugindo sozinhas. Um contingente inteiro de monstros as seguia, embora se mantivessem a distância. Mas não era dos aleijões que a fêmea tinha medo, mas de outra coisa.

— O quê? — perguntou Tammy. — O quê?

— Pavão — respondeu a fêmea.

Não voltou a falar. Simplesmente, soltou o braço de Tammy e mergulhou no matagal. Tammy virou-se, virou-se mais uma vez, procurando a criatura que causara esse pânico total. Durante um momento, nada viu. E ouviu apenas o som da fêmea correndo pelo mato.

Em seguida, um silêncio quase total. Nenhum movimento, em nenhuma direção. Tudo que conseguiu ouvir foi um avião a jato, bem alto, a grande altura acima dela. Ergueu a vista. Sim, ali estava ele, cruzando devagar o puro azul, deixando atrás uma esteira de vapor tingida de âmbar pelo sol que se punha. Sentiu um momentâneo encantamento, esquecendo a fome e os ossos doloridos.

— Belo — murmurou para si mesma.

No momento seguinte, alguma coisa apareceu vindo das moitas, a não mais de uns oito metros dela.

Dessa vez, não ficou ali, fascinada, como aconteceu nas jaulas. Lançou-se para longe da trajetória que aquela forma seguia em sua direção. Era o mais bizarro de todos os aleijões que vira até então. Como todos de seu tipo, ele tinha alguma coisa da raça humana nos genes, mas o animal com que fora cruzado — sim, um pavão — era tão diferente de um ser humano que a forma resultante desafiava qualquer descrição. Possuía o torso de um homem, e as pernas traseiras finas como gravetos, embora cobertas de escamas, pertenciam também a um ser humano. Mas o pescoço era de serpente, e a cabeça, não maior do que um punho. Os olhos eram minúsculas contas pretas e, entre eles, um bico que dava a impressão de ser capaz de produzir danos sérios. Tendo errado o alvo no primeiro ataque, a criatura voltou-se contra ela mais uma vez, soltando um guincho gutural. Tammy recuou aos tropeços, com intenção de dar a volta sobre si mesma e fugir, mas, enquanto fazia isso, a criatura ergueu o corpo e ela viu, enojada, que a parte inferior era exatamente igual à de um homem e que estava em um estado de grande excitação. Esse momento de distração foi desastroso. Caiu para trás em uma moita de rodondendros e perdeu o equilíbrio em meio às flores de tom rosa-púrpura. Soltou um palavrão em voz alta, agarrando o que pôde — um galho, um graveto, uma raiz — para se levantar. Enquanto tentava fazer isso, viu a criatura baixar lentamente a cabeça esguia cor de turquesa, e um de seus membros dianteiros coberto de escamas — restos murchos de braços e pernas — subiu para o queixo e preguiçosamente coçou uma picada de pulga.

Em seguida, enquanto ela lutava como uma idiota para se levantar, a criatura ergueu o traseiro e abriu a gloriosa cauda. Por algum acidente genético, havia herdado intacta a glória do pai. A cauda se abriu como se fosse o próprio leque de Deus, compensando tudo que havia de grotesco no monstrengo. Era bela e a criatura sabia disso. Durante um momento, Tammy deixou de esforçar-se, pensando que talvez pudesse, conversando, instilar algum juízo na criatura.

— Olhe só para você — disse.

Haveria cérebro suficiente naquele pequeno crânio para compreender que estava sendo elogiado? Para ser franca, duvidava muito. A criatura, nesse momento, observava-a, a cabeça inclinada para um lado. Tammy continuou a falar, dizendo-lhe como ela era bela, enquanto disfarçadamente procurava um galho grande o suficiente para sustentar seu peso, de modo a conseguir se levantar. A criatura sacudiu a cauda, as penas silvando quando roçaram uma na outra. Os olhos iridescentes na cabeça de turquesa emitiram uma luz trêmula.

Em seguida, sem aviso, saltou sobre ela. Moveu-se com tal rapidez que Tammy não teve possibilidade de desviar-se. Pela segunda vez, caiu dentro da moita e, antes que pudesse erguer os braços para se defender, o pavão desceu sobre seu corpo, prendendo-o ao chão.

Tammy sentiu-lhe a ereção contra o corpo e as mãos murchas arranhando-lhe os seios. O bico estalou acima de seu rosto, ameaçando-lhe os olhos.

Durante um momento, permaneceu imóvel, com medo do que aquela coisa lhe faria, se resistisse. Mas, em seguida, a coisa começou a balançar os quadris contra ela e um espasmo de nojo venceu a cautela. Ergueu os braços, agarrou o pescoço da coisa, pouco abaixo da cabeça, os dedos penetrando fundo na carne manchada, engelhada. Mesmo assim, a coisa continuou a pressioná-la com o corpo. Tammy ergueu a outra mão para se juntar à primeira e começou a estrangular a coisa. Ainda assim, ela continuava naquele movimento de bomba, como se tão dominada pelo ardor sexual que se tornara indiferente ao próprio perigo que corria\y apertou-lhe com mais força a garganta, cortando-lhe a respiração. Mas o movimento de arriete continuou sem uma pausa.

Tammy apertou com mais força, e ainda mais força. Nesse momento, a coisa pareceu atingir um ponto sem volta, e uma série de estremecimentos sacudiu-lhe o corpo. Tammy sentiu alguma coisa úmida esguichando em cima de seu ventre, onde aquele ritmo havia empurrado para cima os restos da blusa.

— Oh, Deus— disse ela —, sua coisa imunda, nojenta...

Passado o clímax, a coisa compreendeu tardiamente que não podia respirar e começou a debater-se. As garras riscaram-lhe os seios, furando-os, enraivecidas, mas ela ainda se recusou a soltar a garganta esquelética. Se relaxasse um centímetro, aquela coisa a mataria. Sua única esperança era fincar ainda mais os dedos até que a coisa perdesse a consciência.

Mas isso foi mais fácil dizer do que fazer. O orgasmo da ave havia-lhe exaurido as energias. Ela esperneava mecanicamente, batendo as asas nas flores, provocando sobre os dois uma chuva de conféti. Tammy mantinha os dentes e as mãos fechados, enquanto o pânico do pretenso estuprador se transformava em furor. Nesse momento, soltava sons medonhos, guturais, a língua manchada pendendo da boca. Saliva pingou nos olhos virados para cima de Tammy, fazendo-os arder. Fechou-os e continuou a apertar, enquanto o pavão rasgava-a com as garras, batias as asas, estrebuchava.

A luta já durava uns três ou quatro minutos e as forças de Tammy começavam a lhe fugir. A dor dos seios arranhados era insuportável e tinha as mãos dormentes. Mas, aos poucos, os movimentos da ave diminuíram. Ela, porém, não afrouxou a empunhadura, desconfiada de que, se fizesse isso, a coisa se recuperasse e voltasse ao ataque. Continuou a apertar a garganta sedosa até que o bater das asas caiu para

um movimento errático. Tammy abriu os olhos. A expressão na face da criatura sugeria que ela estava perto da morte, a língua pendente da parte inferior do bico, olhos desfocados. Mais revelador que tudo, a cauda caiu para a areia.

Ainda assim, ela continuou apertando os polegares contra a traqueia, até que passou o último sinal de vida. Só então afrouxou a empunhadura, não as duas mãos, mas uma só, e começou a sair de baixo do corpo da criatura.

Sentiu-lhe o sêmen frio no ventre e seu próprio sangue quente nos seios.

Uma nova onda de repugnância envolveu-a. Mas sobreviveu e isso era o que importava. Aquela criatura fizera tudo que pudera e ela a vencera. Pegando um galho, conseguiu levantar-se. O pavão pendia de sua mão, o corpo esparramado no leito de pétalas caídas de flores. Um espasmo passou pelas penas brilhantes da cauda, mas isso foi o fim.

Tammy soltou-o. A ave tombou no chão, a cabeça parecendo um pequeno e feio boneco de meia que a dona abandonava na grama, e o resto do corpo era um amálgama grotesco de formas.

— Eu o matei... — disse baixinho Tammy—, seu filho da puta.

Ergueu os olhos e passou a vista pelas moitas em volta. Tudo aquilo tinha sido observado, sabia. As criaturas que faziam parte da tribo daquela besta grotesca estiveram lá fora, na penumbra, observando-lhe a luta. Não podia ver os que a olhavam atentamente, nem mesmo o brilho de um dente ou olho, mas sabiam que nesse momento deviam pensar duas vezes antes de atacá-la. Por outro lado, sentia-se seriamente debilitada. Se eles a atacassem, estaria perdida, sem mais nenhuma energia para lutar.

Olhou para os seios. A blusa estava em frangalhos e a pele profundamente riscada pelas garras da criatura. Tocou os ferimentos. Ardiam, mas o sangue começava a coagular. Ela não era daquelas que sangram muito, por sorte. Mas ia precisar de alguma coisa para limpar os ferimentos, para que não infeccionassem — só Deus sabia que tipo de sujo e merda a criatura tinha nas garras —, o que significava que teria que reencontrar seu caminho, tão logo quanto possível, de volta à casa, para água corrente fresca e alguma nova roupa.

Mas havia outra coisa de que tinha que cuidar, antes de afastar-se daquele lugar: um pouco de limpeza que não poderia esperar até arranjar água. Pegou uma mão cheia de grama e limpou a barriga, tirando tanto quanto podia os restos do sêmen da criatura. Precisou de mais de uma mão de grama para terminar a limpeza, mas, quando acabou (enxugou as mãos com uma terceira porção de relva), deixou ali o corpo da criatura e seguiu seu caminho.

Enquanto caminhava, escutava atenta o sinal de perseguição, o roçar de folhas, o estalo de gravetos. Mas nada ouviu. Ou o resto do clã dos monstros havia chegado à conclusão de que ela era perigosa demais para perseguir, dado que ela acabara de

matar um de seus membros mais assustadores, ou o jogo de perseguição não mais os distraía e tinham voltado para quaisquer outros crimes que cometiam na escuridão.

Para Tammy, tanto fazia. Enquanto a deixassem em paz, pensou, poderiam fazer o que diabo quisessem.



TRÊS

Fale sobre todos aqueles trastes na casa de hóspedes — pediu Todd a Katya, enquanto andavam. — De onde veio tudo aquilo?

— A grande tapeçaria na sala de estar foi feita para The Sorrows of Frederick, um filme horrível, mas com cenários magníficos. Que castelo o que construíram para a cena do banquete! Você nunca viu nada igual na vida. E o material egípcio foi usado em Nefertiti.

— Você fez o papel de Nefertiti?

— Não. Theda Bara representou Nefertiti, porque a direção do estúdio disse que ela era uma estrela mais importante do que eu. Eu fiz o papel da aia. Não me importei muito porque, em minha opinião, era um papel muito melhor. Theda deu apenas uma de vamp em seu papel. Oh, Deus, como ela representava mal! Mas eu tive uma pequena oportunidade de representar. No fim, Nefertiti mandou matar meu amante, porque ele estava apaixonado por mim, não por ela, de modo que me joguei de um barco no Nilo.

— E morreu afogada?

— Acho que sim. Ou isso, ou fui devorada pelos crocodilos. — Solto uma risada.

— Não sei. De qualquer modo, obtive com Nefertiti algumas das melhores resenhas dos críticos de cinema. Alguém disse que eu parecia ter saído direta das páginas da história...

A noite começou a adensar-se à medida que andavam, tomando o caminho simples e relativamente direto que Todd não conseguira encontrar na subida. Era a primeira noite em muito tempo em que Todd não se sentava à janela do quarto bebendo, a cabeça cheia de pensamentos tristes, engolindo comprimidos.

— E a cama? — perguntou. — De onde veio ela?

— A cama foi usada no The Devils Bride.

— Um filme de horror?

— Não, um filme estranho, dirigido por Edgar Kopel. Extraordinariamente chocante para a época. A cama supostamente era a do Demônio, entenda. Torneada de acordo com projeto dele. O herói, papel desempenhado por Ronald Colman, herdou-a e ele e a noiva usaram-na como cama nupcial. O Demônio, porém, veio buscar a noiva, e o inferno se abriu.

— E no fim, o que foi que aconteceu?

— O Demônio consegue o que quer.

— Você?

— Eu.

— Eu não acredito que isso funcionasse no caso de platéias modernas.

— E também não funcionou em 1923. O público ficou longe.

Continuaram a andar em silêncio por algum tempo. Finalmente, Katya voltou a falar: — Qual é o seu problema?

— Não estou entendendo o que você está dizendo. As peças não se encaixam...

— E isso o deixa frustrado.

— Deixa.

— Talvez seja melhor simplesmente não pensar nisso.

— Como é que eu não posso pensar? — disse Todd. — Este lugar. Você. Os cartazes. A cama. O que devo entender de tudo isso?

— O que quiser — respondeu ela. — Por que é tão importante para você ter uma explicação para tudo? Eu lhe disse que aqui as coisas são diferentes.

Ela lhe segurou a mão e os dois pararam de andar. Insetos na relva, por toda parte em volta deles, faziam música. No alto, as estrelas apareciam, suas configurações tão conhecidas como a barulheira das cigarras e, a noite, igualmente estranha. As dúvidas de Todd eram contagiosas. O fato de não compreender como era possível que essa mulher tivesse vivido a vida que alegava enchia de confusão todos os outros sinais que o mundo lhe trazia. O que estava ele fazendo ali entre a música na relva e as estrelas que se tornavam cada vez mais brilhantes? De repente, achou que não entendia nada. O rosto latejava e os olhos ardiam.

— Está tudo bem — disse ela suavemente. — Não há razão alguma para ler medo.

— Eu não estou com medo — respondeu Todd.

De certa maneira, isso era verdade. O que sentia não era medo, era alguma coisa muito mais aflitiva. Sentia-se perdido, lançado para fora de qualquer certeza.

Mas em seguida fitou-a no rosto, a face perfeita, e foi envolvido por uma sensação de calma. E daí, se estivesse à deriva? Os dois estavam. E não era melhor estar com ela, compartilhando de sua loucura mansa, do que estar sozinho nesse mundo inclemente?

Inclinou-se e beijou-a nos lábios. Nada abertamente sexual, apenas um beijo terno.

— Por que o beijo? — perguntou ela, sorrindo.

— Por estar aqui.

— Embora pense que eu sou uma louca?

— Eu não disse isso.

— Não, mas pensa. Não pensa? Você pensa que estou vivendo em um mundo de fantasia.

— Estou seguindo seu conselho — respondeu ele. — Estou fazendo disso tudo que quero. E gosto de estar aqui com você, neste exato momento. De modo que o resto pode ir para o inferno.

— O resto?

— Lá — respondeu ele, com o braço apontando na direção geral da cidade.

— As pessoas que dirigiam minha vida.

— Que eles vão para o inferno?

— Que vão para o inferno!

Katya soltou uma gargalhada.

— Gostei — disse, retribuindo o beijo em meio à gargalhada.

— Para onde, agora? — perguntou Todd.

— Até a piscina? — perguntou ela.

— Você sabe o caminho?

— Pode confiar em mim — respondeu ela, beijando-o novamente. Dessa vez, ele não deixou que ela escapasse tão fácil assim. Retribuiu o beijo com certa força. A mão subiu para os cabelos de Katya e fez um berço para a cabeça dela. Ela enlaçou-o pela cintura, apertando-o com tanta força que era como se quisesse subir para dentro de sua pele.

Quando se soltaram do beijo, fitaram-se por um instante.

— Eu pensava que nós íamos passear — disse ele.

— E estamos — respondeu Katya, tomando-lhe novamente a mão. — A piscina, então?

— Você quer voltar para a casa?

— Há tempo de sobra para isso depois — retrucou ela. — Vamos descer até a piscina, enquanto há ainda um pouco de luz.

Continuaram a descer, de mãos dadas. Sem dizer palavra. Não havia necessidade disso.

No outro lado do desfiladeiro, um coioote solitário começou a ganir, a voz respondida por outra mais alta no monte às costas de ambos e, em seguida, mais dois nas mesmas vizinhanças e outro, mais outro, até que todo o desfiladeiro se encheu com o barulho ensurdecedor.

Ao chegarem os dois ao gramado, viram um coioote pequeno, esquelético, cruzando-o aos saltos, lançando para trás um olhar de culpa, enquanto desaparecia na vegetação baixa. Quando desapareceu, a matilha silenciou. Seguiram-se alguns momentos de silêncio, quebrados depois pela música dos insetos.

— É triste a maneira como as coisas se deterioram — disse Katya, olhando para a paisagem em volta.

A luz das estrelas era tolerante, mas não podia esconder o estado geral do lugar: os membros faltantes das estátuas, ou elas mesmas caídas no chão e enterradas nas lianas, o pavimento em volta da piscina cheio de rachaduras e coberto de musgo, a própria piscina, manchada e fedorenta.

— O que é aquilo? — perguntou Todd, apontando para uma estrutura térrea, um falso clássico semi-escondido pelos pés de cipreste em volta da piscina.

— O Pavilhão da Piscina. Não vou lá há muito, muito tempo.

— Eu quero conhecer o lugar.

Era um prédio maior do que parecia visto de frente e estranhamente brilhante. Notou várias clarabóias no teto, por onde entrava a luz da lua e das estrelas, a luz refletindo-se do piso sedoso de mármore. No centro, um bar de coquetel com espelhos de vidro marmorizado atrás das prateleiras dos copos. Mesmo depois de todos esses anos, havia ali dezenas de garrafas — conhaques, uísques, licores.

— Você usava muito a piscina? — perguntou Todd.

— Nós dávamos as melhores festas de piscina de Hollywood.

As vozes ecoavam das paredes frias enquanto eles falavam, voltando a eles.

— E as pessoas que vinham aqui sabiam... — começou Katya. — Eles sabiam.

Deixando-o para trás, dirigiu-se para o bar.

— O que eles sabiam? — perguntou Todd.

— Que não deviam fazer qualquer julgamento — respondeu ela.

Passou para trás do balcão do bar e começou a examinar as fileiras de garrafas.

— Eu não acho que a gente deva beber nada disso — aconselhou ele. — Tenho bebida fresca na casa, se é isso o que você quer.

Ela não respondeu. Continuou a examinar a coleção de garrafas. Finalmente, decidiu-se por um dos conhaques e, segurando a garrafa pelo gargalo, puxou-a da prateleira. Ouviu-se um rangido atrás do espelho, como se algum mecanismo antigo tivesse sido ativado. Em seguida, o espelho correu uns 90cm ou 1m para os lados, revelando um pequeno cofre.

Todd ficou intrigado. Aproximou-se do bar para ver o que Katya pretendia fazer. Ela trabalhava nesse momento a fechadura de segredo e ele ouviu uns cliques baixos enquanto ela operava o mecanismo.

— O que é que há aí? — perguntou ele.

— Nós tínhamos um livro...

— Nós?

— Zeffer e eu. Nós o guardávamos aí apenas para nos divertir.

— Um livro sobre o quê?

— Incidentes de festas — respondeu ela com um pequeno sorriso. — Quem fez o quê com quem. E quantas vezes.

— Você está brincando.

Ela voltou-se mais uma vez para a fechadura, baixou o trinco e abriu a porta. Ouviu-se um som quando a vedação apodrecida de borracha se quebrou. Em seguida, a porta se abriu.

— Será que há velas por aqui? — perguntou Katya. — Olhe naquele armário entre as colunas, sim?

Todd fez o que ela mandou e encontrou nas prateleiras várias caixas de velas brancas simples. Uma delas estava aberta, e o calor de muitos verões havia transformado o conteúdo em um pedaço grosso e chato de cera branca. O conteúdo das outras caixas, porém, estava em melhores condições. Sob a primeira camada, parcialmente derretida, encontrou velas aproveitáveis. Arrumou seis delas no bar, em uma base de pingos derretidos, para que não caíssem.

A luz amarela trêmula que desprendiam favorecia o interior de mármore e, por algum estranho arranjo das paredes, pensou ouvir, multiplicados, os murmúrios dos pavios acesos. Na verdade, eles até davam a impressão de vozes, de uma forma misteriosa. Todd olhou em volta, quase como se esperasse ver alguém movendo-se rápido entre as colunas.

— Ah, voilà! — exclamou Katya, enfiando a mão nas profundezas do cofre.

Tirou do cofre um livro pequeno e grosso, juntamente com uma pilha de fotos, e colocou-as sobre o tampo do bar, sob a luz das velas. O livro parecia um diário, encadernado em couro vermelho-escuro. Quando ela o abriu, Todd notou que o conteúdo manuscrito era organizado simetricamente em duas colunas em cada página.

— Dê uma olhada — disse ela, obviamente deliciada por ter encontrado o livro.

Todd pegou o livro e folheou-o. Quase três quartas partes haviam sido usadas, às vezes na configuração de duas colunas e em outras simplesmente usado de alto a baixo. Voltou para uma página do primeiro tipo. Na coluna da esquerda, viu uma lista de nomes. Já era mais difícil entender o que havia na coluna da direita. Às vezes, nomes, embora, com mais frequência, letras e símbolos, alguns parecendo obscuras equações matemáticas. A confusão de Todd divertiu-a.

— Pense nele como um livro de história — disse, com um sorriso pirracento acompanhando a dica.

— Uma história do quê?

— De tempos melhores.

Todd virou as páginas. De vez em quando, entre os nomes, descobria alguns que conhecia: Norma Talmadge, ThedaBara, John Gilbert, Clara Bow, todos astros de cinema de uma outra era.

— Você conheceu todas essas pessoas? — perguntou.

— Conheci, claro. Este era o lugar para vir, quando a pessoa queria se divertir um pouco. Todos os fins de semana tínhamos festa aqui. Às vezes, na piscina. Em outras ocasiões, na casa. E ainda em outras fazíamos caçadas, por todo o desfiladeiro.

— Caçadas de animais?

— Não. Caçada de gente. Gente tratada como se fossem animais. Batíamos neles com chicotes, prendíamos... bem, você pode imaginar o resto.

— Estou começando a imaginar. Uau! Charlie Chaplin veio aqui, pelo que estou vendo.

— Ele vinha muito aqui. E trazia as menininhas dele.

— Menininhas?

— Ele gostava delas bem tenras.

Zombeteiro, Todd ergueu uma sobrancelha.

— E você não se importava com isso?

— Eu não acredito nessa do Não farás... Isso é pra pessoas que têm medo de seguir seus instintos. Claro, quando estamos no mundo externo, temos que jogar de acordo com as regras ou vamos passar a vida atrás das grades. Prendem a gente e jogam fora a chave. Mas este aqui não é aquele mundo. Este é o meu desfiladeiro. Davam a ele o nome de Coldheart Canyon, porque diziam que eu tenho uma alma igual a gelo. Mas por que eu deveria me preocupar com o que as pessoas dizem? Que digam o que quiserem, enquanto o dinheiro delas pagar pelos pequenos luxos da vida. Quero que meu Reino seja um lugar onde as pessoas possam ter livremente seu prazer, sem julgamento ou castigo. Isso é o Éden, sabia? Apenas, sem a serpente. Nenhum anjo para nos expulsar daqui porque fizemos alguma coisa má. Por quê? Porque não havia coisas más.

— Literalmente, nenhuma?

Ela fitou-o, o olhar luminoso.

— Oh, você quer dizer, assassinato, talvez? Nós tivemos aqui um ou dois. E também irmãs que foderam com irmãos e filhos com a mãe, e um homem que adorava que crianças o chupassem.

— O quê?

— Ah! Agora você está chocado. O nome dele era Laurence Skimpell e foi o homem mais bonito que jamais conheci. Tinha um contrato com a Warner Brothers, que ia transformá-lo em astro do cinema. Um grande astro. Mas então uma mulher apareceu no estúdio com uma criança e disse que era filho de Skimpell. Os sócios do estúdio sempre foram muito leais. Ofereceram dinheiro à mulher e disseram que arranjariam um pai adotivo para a criança. Mas, quando se levantou para sair, ela disse: "Vocês não entenderam nada. O menino é amante dele."

— Oh, Jesus Cristo!

— Essa foi a última vez em que ouvimos falar de Laurence Skimpell.

— Essa história é absurda. Não acredito em uma única palavra dela.

Katya riu, como se, nesse caso, talvez estivesse inventando um pouco.

— Você também está no livro — disse Todd, encontrando algumas menções a Katya Lupi. — E há uma longa lista de homens...

— Oh, isso foi um concurso que fizemos.

— Você recebeu todos esses homens?

— Era o meu desfileiro. Ainda é. Aqui, eu posso fazer tudo que quero.

— E deixava que os outros fizessem o que queriam?

— Mais ou menos. — Katya voltou ao livro. — Está vendo os símbolos ao lado dos nomes?

Todd inclinou a cabeça, um tanto em dúvida. A conversa havia tomado um rumo que não sabia se gostava. Uma coisa era falar em liberdade no Coldheart Canyon e outra inteiramente diferente vangloriar-se de crianças chupando paus.

— Todos os símbolos significam uma coisa diferente — disse. — Olhe aqui. Essa garatuja aqui, isso significa cobras. Essa corda com um nó? Significa estar amarrado. Quanto mais nós na corda, mais amarrada a pessoa gostava de estar. De modo que... aqui... Barrymore... a corda dele tem seis nós. Ele, portanto, gostava de ficar bem amarrado. E há essa pequena chama ao lado dele. Isso significa...

— Ele gostava de ser queimado?

— Quando estava sóbrio. No fim, deixei de convidá-lo a vir aqui porque ele ficava tão bêbado e insultuoso que perdia toda graça.

— Ah! Então você fazia julgamento.

Ela pensou por um momento nessas palavras.

— Fazia, acho que sim.

— E ele botou a perder o segredo? Depois que você deixou de convidá-lo. Ele começou a espalhar o que era que acontecia aqui?

— Claro que não. O que era que ele poderia dizer? Até mesmo ele tinha uma reputação a preservar. Além disso, metade de Hollywood nadou naquela piscina numa ocasião ou noutra. E a outra metade desejava fazer isso. Ninguém dizia nada, mas todo mundo sabia.

— O que... exatamente? Que aqui havia orgias? Que mulheres eram fodidas por cobras?

— Tudo isso, sim, senhor. Mas a maioria deixava o Coldheart Canyon espiritualmente mudada.

— Você está falando sério? Espiritualmente?

— Isso mesmo, espiritualmente. Não fique tão espantado assim. Carne e alma estão presas uma à outra.

Todd pareceu confuso.

— Louise Brooks me disse certa vez o seguinte: Nada que possam me dar vale a minha liberdade. Ela participou de festas com o resto de nós, mas, no fim, desistiu

de tudo e foi embora. Disse que estavam tentando lhe tomar a alma entediando-a até a morte.

— De modo que ela desistiu de fazer cinema.

— Desistiu, sim. Mas Louise era um caso raro. Você sabe o que geralmente acontece: a pessoa se vicia. E os estúdios sabem que você é viciado. Você precisa de sua hora de fama a cada dois anos, mais ou menos, ou começa a se sentir liquidado. Não é assim, mesmo? Enquanto os estúdios puderem continuar a lhe dar alguns momentos de fama, eles o têm no bolso.

Todd continuou a folhear o livro enquanto Katya falava, tanto porque não queria lhe enfrentar o olhar quanto porque estava interessado nas páginas. E doía ouvir o que ela dizia, especialmente porque fizera tanto mal a si mesmo por causa de seu apetite por fama.

Ouviu um som às suas costas. Olhou para o espelho atrás do tampo do bar. Mas não foi seu rosto machucado que lhe chamou a atenção, mas um movimento de alguma coisa, de alguém passando pela porta.

— Acho que há alguém lá fora — disse baixinho.

Katya pareceu surpresa.

— Claro. Eles sabem que nós estamos aqui. — Tomou-lhe o livro e fechou-o. — Vou apresentar você a eles - disse.

— Espere — disse Todd e estendeu a mão para as fotos que Katya havia tirado também do cofre e que estavam ainda onde ela as havia deixado, no tampo do bar.

— Você não precisa ver as fotos agora — disse Katya.

— Quero dar só uma olhada.

Começou a virar as fotos com o polegar. Havia ali provavelmente umas quarenta, a maioria em piores condições do que o livro, revelações feitas apressadamente, mal fixadas, com grandes partes das imagens transformadas em sépia mosqueada ou em preto. Mas havia ainda partes grandes e bem visíveis de muitas fotos, e as cenas que mostravam confirmavam cada detalhe obsceno ou grotesco que ela mencionara. Não eram simplesmente imagens de homens e mulheres no ato de acasalamento, mas fotos das formas as mais extremas de prazer sexual. Em uma delas, um homem nu estava preso a uma corrente de metal, enquanto cordas lhe mordiam fundo as carnes. Uma mulher, usando apenas sutiã preto, chicoteava-o no peito e na virilha. Supondo que isso não fosse uma montagem (e alguma coisa na qualidade das fotos sugeria que aquilo era uma cena real), a mulher estava infligindo graves ferimentos à vítima. Sangue escorria-lhe do peito e estômago e parecia haver vergões nas coxas e no membro do homem, o que dava testemunho do prazer que ele estava sentindo com tudo aquilo. Em outra foto, mais embaixo na pilha, o mesmo homem (o rosto lhe parecia vagamente conhecido, embora não lhe pudesse dar um nome), enquanto outra mulher (esta segunda, inteiramente nua)

agachava-se em cima dele e urinava em cima dos ferimentos. A julgar pela expressão no rosto do masoquista, isso doía mais do que a flagelação. Os dentes estavam rilhados, o corpo contraído, como se ele estivesse prendendo no peito um grito nada masculino.

— Espere, eu sei quem é ele — disse Todd. — É... Cristo, não pode ser!

— É...

— Ele sempre foi o Bom Rapaz.

— Bem, às vezes, Bons Rapazes gostam que urinem em cima dele.

— E ela? Ela sempre foi tão boazinha nos filmes. Como é o nome dela? Ela era sempre a vítima.

— Bem, isso é parte do jogo que a gente tem que fazer no desfiladeiro. Aqui, podemos fazer coisas que os estúdios não nos deixariam fazer. Esfregar, por algum tempo, a cara na sujeira. E, na manhã de segunda-feira, escovar os dentes, sorrir e fingir que é novamente o americano típico. É isso o que as pessoas querem. Ilusão. Longe das vistas, podemos fazer o que diabo quisermos. Simplesmente, não devemos estragar os sonhos deles. Eles querem acreditar que você é perfeito. E é difícil ter uma cara perfeita todos os dias, sem enlouquecer. Aqui em cima, ninguém era perfeito e ninguém dava a mínima bola para isso.

— Jesus! — exclamou Todd, vendo outra foto escatológica. — De quem é essa cara?

Katya virou a foto ao contrário para observar o rosto da mulher.

— Essa aí é Edith Vine. Pelo menos, esse era o nome verdadeiro dela. Não me lembro do nome artístico. Tinha um contrato de sete anos com a RKO, mas o estúdio nunca conseguiu transformá-la numa estrela.

— Talvez eles tivessem medo que uma dessas fotos circulasse por aí e eles perdessem seus investimentos.

— Não, ela simplesmente continuava a engravidar. Ela era uma dessas mulheres que simplesmente bastava olhar para um homem e, pronto, passava a comer enchova e tomar sorvete sem parar. De modo que continuou a fazer abortos. Dois, três por ano. E o corpo dela se tornou uma ruína.

— Onde foi que ela acabou?

— Oh, ela está aqui — disse Katya. — Aqui no desfiladeiro não recebemos apenas os famosos. Recebemos os fracassados, também.

Sem entender bem o que ela dizia — talvez não querendo mesmo entender —, Todd passou à outra foto. Um homem que tinha vivido papéis de caubói durante a vida inteira era o centro de atenção, dentro de um espartilho rendado que lhe tornava a cintura tão fina quanto a de uma corista.

— Essa merece estar num álbum de família.

Ele gostava de ser chamado de Martha quando se vestia assim. Era o nome da mãe dele. Na verdade, acho que era a cinta da mãe.

Todd riu, embora não tivesse certeza de onde estava vindo o riso. Talvez acontecesse simplesmente que o desfile de perversões fosse tão exagerado que, no fim, nada havia a fazer senão rir.

— Cristo! E isso aí o que é?

— Uma jarra de abelhas e os seios de Claudette.

— Ela gostava de ser picada?

— Ela gritava como se fosse estourar os pulmões. Em seguida, pedia a alguém que tirasse os ferrões com os dentes.

— Porra!

— E ela ficava tão melada que a gente podia encher um copinho de batida com o que saía de dentro dela.

Aquilo era demais. Pôs as fotos sobre o tampo do bar. Abelhas, urina, espartilhos. E aquelas eram as únicas fotos que podia entender. Havia muitas outras que desafiavam a compreensão, arranjos de membros, faces e artefatos que ela não tinha estômago para interpretar.

Mas antes de as abandonar ali, havia uma pergunta restante que simplesmente teria que fazer: — Você está em alguma dessas fotos?

— Ora, eu estou no livro, não estou?

— De modo que tudo aquilo que você me disse no Salão de Jogo, de se oferecer ao vencedor, era verdade?

— Tudo era verdade.

— Simplesmente, até que ponto você foi?

Ela virou as fotos ao contrário, escondendo os excessos.

— Tanto quanto você quiser imaginar — respondeu, sorrindo. — E, depois, apenas um pouquinho mais.

Ela o deixava enervado, e sabia disso. Segurou-lhe a mão.

—Vamos — disse —, vamos lá pra fora. Estamos perdendo o começo da noite.



QUATRO

Eles haviam se atrasado. Entraram no Pavilhão da Piscina ainda durante o crepúsculo. Nesse momento, já era noite. Mas essa não era a única mudança ocorrida durante o tempo em que ali passaram. O ar que Todd respirou ao sair tinha algo mais do que apenas um pouco mais de frio, estava um pouco mais escuro do que antes. Embora não houvesse vento (pelo menos as árvores não se moviam), ele, ainda assim, sentiu movimento em volta e, junto a ele, um delicado toque no braço, no ombro, alguma coisa apalpando-lhe a parte posterior da cabeça. Olhou para Katya. Era muito pouca a luz ali, mas, ainda assim, via-lhe o rosto com uma clareza estranha, quase como se fosse iluminado por dentro. A expressão que lhe notou no rosto era de grande prazer.

— Diga alô, Todd... — começou ela.

— A quem?

— Ora, vamos. Deixe de fingir para si mesmo. Você sabe que eles estão aqui.

Alguma coisa lhe roçou o rosto, bem de leve. Espantou-a, como se fosse uma mariposa, embora soubesse que não era nada disso.

— Eu não estou entendendo o que está acontecendo aqui — disse, nas palavras uma espécie de súplica.

Antes, pensara que poderia dispensar respostas. Tê-la era suficiente. Nesse momento, sentia-se mais uma vez confuso. Queria uma explicação desses mistérios que se multiplicavam cada vez que se voltava para algum lugar. No início, Katya e suas histórias sobre o Salão de Jogo; em seguida, a casa de hóspedes e as máscaras tiradas ao vivo e os cartazes; depois, a banheira e o Terror. Nesse momento, aquilo: o Pavilhão da Piscina e sua história de orgias, trancadas para a posteridade e, como se tudo isso não fosse suficiente, experimentava nesse momento esses toques de asas de mariposa no rosto, nos braços, na virilha. Queria saber o que aquilo tudo significava, mas tinha medo da resposta.

Não, não era isso. Tinha medo de já saber qual seria a resposta.

— Você não precisa de mim para lhe dizer o que está acontecendo aqui — disse Katya, ecoando-lhe os pensamentos. — Você pode senti-los, não pode?

Oh, Deus, sim, podia. O que havia ali em volta dele não eram mariposas nem mosquitos. Era gente. Gente, escondida no ar.

— Diga.

— Espíritos.

— Claro. Espíritos.

— Oh, Jesus.

— O desfileiro está cheio de espíritos.

— Eu não acredito em espíritos.

— Você não tem que acreditar — retrucou ela. — Isso não tem nada a ver com acreditar ou não. Eles estão aqui. Por toda parte, em volta de você. De modo que simplesmente permita a si mesmo vê-los. Você sabe que eles estão aqui.

Claro que sabia. Bem no fundo, soube o tempo todo que havia algum mistério como esse esperando-o nos bastidores. E o que Katya disse sobre crença era verdade. Era inteiramente irrelevante se acreditava ou não na Vida Eterna. Os mortos estavam ali. Podia lhes sentir os dedos, a respiração, os olhares. E nesse momento, quando eles se aproximaram mais, começou a vê-los. Teve que fabricar um pouco de saliva antes de conseguir voltar a falar.

— Por que posso ver você e só agora é que os estou vendo? — perguntou.

— Porque eu não estou morta, Todd. E, se você for muito bonzinho, eu logo lhe mostro por quê. E você também vai gostar. Meu salão especial...

À menção do sala, o ar, ou melhor, os que nele se moviam invisivelmente, tornou-se agitado. Duplicou, triplicou o número de toques que sentia.

Aparentemente, Katya sentiu-os, também, mas ficou um pouco irritada com isso.

— Parem com isso, parem com isso — disse.

Surgiram borrões vagos de luz à frente dele, como se as emoções sentidas pelos espíritos — excitados pela referência ao salão feita por Katya — os tivessem levando a se mostrarem. Todd pensou que via um rosto em um dos borrões, ou parte de um rosto, uma fileira de dentes perfeitos, o faiscar de olhos azuis brilhantes. Quanto mais pensava que via, mais confirmação tinha de suas suspeitas. Os borrões eram nesse momento mais convincentes, transformando-se em rostos, ombros e mãos. Duravam apenas um instante — tal como fogos de artifício explodindo em vida belíssima e, em seguida, morrendo na escuridão —, mas, a cada momento em que um deles se acendia, sua vida durava um pouco mais e a forma que desenhava na escuridão fazia mais sentido para ele.

Havia gente por toda parte. Não apenas uns poucos. Eram dezenas, os espíritos de passadas festas, fazendo fila para tocar os vivos.

— Está começando a vê-los, não? — perguntou Katya.

— Estou — respondeu ele, a respiração presa. — Eu... estou... começando a vê-los.

— Gente bonita.

Mais do que bonita. Bela e, em muitos casos, famosa. Uma mulher — seria Jean Harlow? — passou à sua frente dentro de um vestido brilhante, rasgado para expor os seios. Mas surgiu e desapareceu tão rápido que foi difícil ter certeza, mas ela parecia ter marcas de mordidas na carne, em volta dos bicos dos seios. E ela mal saiu de vista quando duas figuras, amarradas com cordas pelo pescoço, apareceram. Ambas de homens. Ambos nus. Ambos brilhavam com uma mistura

de suor e sangue. Isso em si já teria sido lastimoso, mas foram os sorrisos deles, os sorrisos lunáticos, que fizeram com que ele se encolhesse todo.

— Sal e Jimmy — disse Katya. — Eles andam fazendo essas palhaçadas por aqui o tempo todo. Parece um pouco com um caso de linchamento.

Todd soltou-se da mão dela.

— Isso é demais.

— Está tudo bem — tranquiilizou-o ela. — Não há motivo algum para ter medo.

Todd enxotou-os com um gesto, como uma criança tentando afastar pesadelos.

— Eu não quero vê-los.

Na escuridão, risos receberam-lhe as palavras. Aparentemente, os espíritos estavam achando muita graça. O riso fez com que florescessem as faces em volta. Identificou pelo nome várias delas: beldades famosas, de volta à sua perfeição nesse grotesco além, como se tivessem se lembrado de como eram, como o público teria desejado por um esforço de vontade que fossem. Merle Oberon e George Sanders, Mary Pickford e Verônica Lake.

Todd começou a recuar subindo o gramado, ainda enxotando-os com os braços. Os fantasmas seguiram-nos em estonteante perseguição.

— Tudo bem, basta! — gritou Katya. — Eu disse basta!

Aparentemente, a palavra dela era lei, mesmo entre um grupo de astros e estrelas como aquele. O riso terminou rapidamente e os rostos divinos evitaram se aproximar dele.

Todd aproveitou o momento para apressar a retirada, dando as costas ao grupo e seguindo em passos rápidos para o que esperava que fosse a direção geral da casa. Seus pensamentos eram uma confusão total. Nesse momento, achou que sua vida desde Burrows fora uma longa descida em espiral para uma espécie de insanidade.

— Espere, amor!

Katya seguiu-o, sua voz tão suave como sempre. Emparelhou-se com ele.

— Estou ficando louco — murmurou ele.

Levou as mãos ao rosto, enfiando os dedos na carne sensível, como se a dor pudesse trazê-lo de volta da beira do precipício.

— Você não está louco. Está, sim, vendo com clareza as coisas pela primeira vez.

— Eu não quero vê-las.

— Por que não? Não é tranquilizador saber que morte nada significa? Que há vida após a morte? Prazer após a morte?

— Prazer. Você chama isso de...

Olhou de volta para o Pavilhão da Piscina, onde vira os excessos de tantas dessas pessoas preservados para a posteridade.

— Nós não tínhamos vergonha naquele tempo. E temos ainda menos agora.

Como se para confirmar o argumento de Katya, ocorreu em algum lugar próximo uma explosão de risos lascivos. Todd seguiu a direção do som e viu uma mulher amarrada entre as árvores, nua, exceto por um longo fio de pérolas que descia como riachos convergindo entre seus seios. Tinha os pulsos amarrados e os braços bem altos acima da cabeça e pendia do alto, o corpo pálido numa forma de arco, os dedos dos pés apenas tocando o chão. E ora ela quem ria, a despeito da visível precariedade de sua situação. Viu um homem no chão, entre as pernas da mulher, lambendo-lhe as solas dos pés, enquanto outro, de pé atrás dela e massageando-lhe os seios, mordida a carne tenra dos ombros e pescoço. As mãos desceram dos seios para a virilha e abriram os lábios da vagina, da qual esguichou um arco brilhante, chovendo sobre o homem que a adorava a seus pés.

O contemplado começou a masturbar-se, evidentemente levado a uma excitação febril por aquele aguaceiro.

Consciente do olhar de Katya, Todd voltou-se levemente para ela.

— Você gostaria de fodê-la? — perguntou Katya.

A mulher era bela, com longos cabelos ruivos e aquele riso espumante, que parecia muito mais inocente do que aquilo que estava querendo fazer.

— Ela é sua, se quiser. Ava!

A moça ergueu a vista.

— Este aqui é o Todd — disse Katya.

— Oi, Todd.

— Vá em frente — disse Katya. — Não se preocupe. Não vou ficar com ciúme. Eu gostaria de ver como você dá prazer a uma mulher.

A despeito de um laivo de julgamento nessa observação, Todd poderia ter aproveitado a oportunidade, se o homem aos pés de Ava não começasse subitamente a gemer e, erguendo os quadris, esguichou bem longe um copioso jato de esperma. A vista daquela erupção foi suficiente para desencorajá-lo.

— Em outra ocasião — disse ele a Ava, afastando-se.

Ela chamou-o, mas ele nem olhou para trás.

— Há muito mais no lugar de onde ela veio — explicou Katya, alcançando-o. Casualmente, passou a mão de leve na frente da calça de Todd, como se para deixar bem claro que sabia que ele estava excitado. — Você deve foder com uma delas — disse.

— Por quê?

— Apenas para saber como é.

— Foder um espírito?

— Se quer colocar as coisas dessa maneira.

— Eu não sei. É esquisito. Não tenho certeza..

A mão de Katya voltou à ereção de Todd.

— Você tem. E adora essa ideia.

A mão de Katya subiu da virilha para o pulso, que ela segurou, afastando-o de Ava e levando-o para uma espécie de caramanchão forrado de madressilvas e jasmim-da-noite, seus perfumes misturados tão fortes que eram praticamente embriagantes. Ali era mais escuro do que sob as árvores onde Ava estava pendurada. Todd, porém, viu corpos no chão, em várias posições de engatamento. Alguém estendeu a mão de um galho no alto e passou os dedos, dele ou dela, pelos seus cabelos. Alguém mais chegou por trás e tirou-lhe a camisa de dentro da calça. Mais uma vez, procurou Katya e encontrou-a bem perto, sorrindo.

— Katya?

Uma voz de mulher, à direita. Todd viu uma mulher jovem que era carregada na direção de Katya sobre os ombros de três homens, um na cabeça e os outros dois suportando-lhe os joelhos, de maneira a lhe manter as pernas escancaradas. Mesmo à luz fraca, Todd viu que espetáculo maravilhoso era aquele que a jovem apresentava. Os pêlos entre as pernas haviam sido raspados, fazendo com que ela parecesse ainda mais jovem, com certeza menos de 20 anos.

— Me lamba, Katya — disse ela, em um tom sonhador de voz. — Você faz isso por mim, por favor? Ninguém faz isso comigo igual a você. Lamba, bem dentro.

Katya girou os olhos na direção de Todd.

— Você se importa?

— Sirva-se — respondeu ele, como se a jovem fosse um prato colocado à frente de Katya.

Katya sorriu, pondo as mãos nos lados internos das coxas da moça, subindo para o ponto onde elas se encontravam, mas, antes de alcançar o lugar e proporcionar qualquer prazer, recuaram novamente. Aquilo era um jogo para atormentar e que levou a jovem à loucura com a espera.

— Oh, por favor — disse. — Por favor, Katya, por favor.

Todd deu um passo para um lado para ter uma vista melhor do espetáculo que ali se desenrolava. Katya havia rapidamente desnudado os próprios seios, de maneira que, nesse momento em que se aproximava da divisão das pernas da moça, os bicos de seus seios lhe acariciaram as coxas. As mãos separaram delicadamente os lábios da vulva, como se estivessem examinando a mais preciosa das flores.

Todd sentiu o sangue latejando na virilha. Não haveria limite para a capacidade de Katya de surpreendê-lo? Toda vez em que pensava que ia começar a entender aquela mulher, ela mudava as regras de alguma maneira sutil e descobria uma nova maneira de deixá-lo estupefato. Seria essa realmente a mesma mulher que descobrira na cama pouco tempo antes, parecendo um anjo descabelado?

Pela última vez, Katya lançou-lhe um olhar — apenas para ter certeza de que ele a observava — e em seguida pôs a boca nas carnes da jovem.

A contemplada com esse trabalho de língua, deitada naquela cama feita de mãos, soltou um longo e feliz suspiro, abrindo ainda mais as pernas. Katya enfiou mais fundo a língua, avançando com lambidelas e pequenos mordiscos, parecendo às vezes falar com a vagina da jovem. Que não estava mais relaxada. Agarrara chumaços dos cabelos dos homens que a sustentavam pelos joelhos, colocando-se numa posição quase sentada em um momento, e recaindo no outro, o corpo convulsionado por pequenos tremores, os bicos dos seios duros, o ventre liso lustroso de suor.

Katya, lentamente, aumentou a escala das sensações que induzia no corpo da jovem até que a vítima (não havia outra palavra para isso) debateu-se e soluçou sob o mais leve dos toques.

Em algum outro lugar em meio a tudo isso, outro ocupante do caramanchão, de joelhos nas sombras abaixo da moça de pernas abertas, aproximou-se e soltou o membro de Todd de dentro da calça, que nada fez para dissuadi-la disso. A mulher tomou-lhe o membro até a garganta e aí o conservou. A mistura da vista de Katya trabalhando na jovem e essa nova sensação foram quase demais para ele. Teve que soltar-se suavemente da boca da moça para não perder o controle rápido demais.

Ela pareceu entender o recado, porque se arrastou para mais adiante, chamando-o com um gesto. Todd tirou os sapatos e as meias e baixou a calça, saindo de dentro dela enquanto dava dois passos para segui-la. Duvidava que Katya tivesse visto o que estava prestes a fazer, absorvida profundamente demais para levar à loucura a companheira, cujos soluços de prazer eram o som mais alto por ali.

No nível do chão, embaixo da sombra de pernas abertas da mulher em estado de êxtase, um submundo de corpos, toques e sussurros indistintos. Ali havia provavelmente uma dezena de homens e mulheres deitados, em variadas posições de entrelaçamento. Sentiu-lhes as mãos nas costas, rosto e membro, ouviu um murmúrio de apreciação de alguém que sopesou a massa de seus colhões (a palma da mão de um homem, sem dúvida, mas pouco se importou com isso) e a jovem que o chamou com um gesto roçando-lhe os lábios com os seus, dizendo alguma coisa que não conseguiu entender.

Não foi difícil encontrá-la. Na verdade, foi ela quem o encontrou, segurando-lhe a mão e puxando-o. A sombra da vítima soluçante de Katya cobria-lhe grande parte do corpo, mas o rosto estava bem à vista, e notou que essa jovem que o agarrara de forma tão gluttona mal parecia ter idade suficiente para deixar a guarda dos pais. Ela era de pele morena, cabelos pretos, olhos negros. E já estava deitada de costas em cima de uma cama de corpos.

Puxou-o ardentemente para cima, segurando-lhe o rosto com ambas as mãos e puxando a boca para a sua. Houve alguma confusão de corpos em volta e embaixo dela, mas ele estava excitado demais nesse momento para dar muita atenção a esses

detalhes. Beijou-a (perguntando a si mesmo, na verdade, na esperança de que Katya tivesse interrompido um pouco os carinhos que prodigalizava àquela mulher para ver o que ele andava fazendo, desejando que ela sentisse mesmo que fosse uma leve pontada de ciúme) e a jovem retribuiu-lhe o beijo, ardentemente.

Havia alguma coisa no beijo dela — algum gosto forte nos sucos da boca, alguma frieza nos lábios — que teria denunciado o fato de que ela era um espírito? Não que pudesse distinguir. No mínimo, ela era mais quente do que qualquer mulher com quem tinha feito amor, quase febril. E, a despeito do fato de que seus olhos tinham ficado cegos por tanto tempo para os espíritos do desfiladeiro, ela — e todos ali em volta dele — parecia inteiramente sólida.

Seu membro nenhuma rigidez perdeu durante toda essa atividade no escuro. O fato de o ar estar úmido e acre com o calor desprendido por todas aquelas formas-espírito serviu apenas para excitá-lo ainda mais. Katia o havia preparado bem com aquela conversa de ausência de vergonha. Ele queria aquela jovem, ela o queria. O que mais, além disso, tinha importância?

Enfiou a cabeça do membro. Ela levantou um pouco as pernas a fim de ajudá-lo. Indubitavelmente, havia alguém embaixo dela, mas, fosse ele ou ela, pouco se importava que Todd estivesse ajoelhado sobre os dois.

— Enfie todo — insistiu ela.

Ele penetrou, como ela pediu, até a raiz e começou a movimentar os quadris para cima e para baixo.

A xoxota dela era tão ágil quanto a garganta. Todd sentiu um ritmo de resposta movendo-se embaixo de seu membro, passando pela metade inferior da vulva. A sensação era inteiramente diferente de tudo que já experimentara. Após apenas alguns movimentos, chegou à beira do gozo. Lentamente, puxou o membro para fora, para não ejacular logo.

— Você gostou? — perguntou ela, pondo a mão entre as pernas e puxando-o de volta para dentro.

— Gostei. Gostei muito.

— Ótimo.

— Mas vá devagar. Por favor.

Deixou que ela o puxasse para dentro, enquanto jogava para trás a cabeça, soltando ao mesmo tempo um suspiro de satisfação.

— Continue — disse ela, os olhos tremendo embaixo das pálpebras. — O caminho todo. Vocês dois.

Dois?, pensou ele, erguendo a cabeça de cima dos seios da moça. Enquanto mentalmente se fazia essa pergunta, sentiu um braço, sentiu um braço duas vezes, três vezes mais grosso do que o dela e fortemente musculoso, estender-se e agarrar-lhe o pescoço. Levantou a cabeça tanto quanto podia e viu o rosto de um homem

por cima dos ombros da mulher. Ela estava aparentemente deitada em cima dele, as costas contra o peito do homem. Ele era negro, e bonito, mesmo na escuridão.

— Ela é gostosa — disse ele, sorrindo. — Né mesmo?

Experimentalmente, Todd enfiou a mão na poça entre as pernas de ambos. Sentiu-se tão duro quanto antes e em seguida, mais embaixo, enfiado na bunda da moça, tocou o membro do outro homem. Então fora isso o que sentira quando se movia dentro dela. Não era uma contração muscular, era o negro entrando e saindo de dentro do cu dela. Em qualquer outra situação, teria sentido nojo, teria puxado o membro para fora e se afastado. Mas aquilo ali era o desfiladeiro, o Éden de Katya, sem a serpente. A parte dele que teria sentido asco havia sido dissolvida pelo suor. E ficou ainda mais rígido ao pensar naquela mulher como um recheio de sanduíche entre ele e aquele outro homem, a camada fina dos músculos dela dividindo os dois. Puxou a mão do pântano entre as pernas e agarrou o pulso do negro, apertando ainda mais o nó triplo.

O homem soltou uma gargalhada.

— Gostou disso? — perguntou ele.

— Gostei.

— Ótimo — respondeu o homem, lambendo o pescoço da mulher, mas mantendo olhos famintos em Todd. — Porque a gente gosta de ficar mesmo louco.

Todd reencontrou nesse momento o ritmo e, juntos, usaram-na até que ela começou a gritar de êxtase.

Em algum lugar no meio de tudo isso, a mulher que Katya chupava começou a soltar gritos que rasgavam entranhas. Algum tempo depois, Katya deve ter sentido pena dela e deixou que ela gozasse, porque quando ele estava prestes a gozar também (pela quinta ou sexta vez), desviou a vista dos rostos exatasiados embaixo e viu Katya sentada entre os jasmims e madressilvas, com um rapaz deitado nu aos seus pés, cobrindo-os com beijos reverentes.

Ela observava Todd, a expressão inescrutável. Alguém acendeu um cigarro para ela. Todd sorriu-lhe e em seguida — antes que ela pudesse resolver se ia retribuir o sorriso ou ignorá-lo — ele mesmo mergulhou no êxtase de sua ménage-à-trois, pensando que, se sexo com os mortos era isso, então os vivos ainda tinham muito que aprender.



CINCO

Aquela foi uma das noites em que Marco resolveu tomar um porre. "Uma ocupação honrosa", como seu pai sempre dizia. Não gostava de beber com outras pessoas. Na verdade, não gostava muito de companhia. O pessoal dessa cidade era cheio de conversa fiada (seu patrão, também, na metade do tempo) e Marco não queria perder tempo ouvindo isso. Havia chegado a Los Angeles após o fim prematuro de uma carreira de lutador de vale-tudo, com um pensamento vago em tentar alguma coisa no cinema. Alguém, porém, lhe sugeriu que ser segurança de alguém poderia ser um bom trabalho para um homem como ele, desde que não só parecia intimidador, mas possuía também o que era necessário para fazer valer essa impressão. Em vista disso, empregou-se em uma agência e, após trabalhar para uma série de astros mimados, que o tratavam como se ele fosse alguma coisa que acabavam de encontrar dentro do sapato, resolveu voltar para casa. Mas, dias antes da planejada viagem de volta, surgiu a oportunidade de trabalhar para Todd Pickett. E aconteceu que isso foi uma combinação perfeita. Ele e Todd deram-se bem desde o início. Tinham o mesmo gosto por mulheres, carros e uísque, o que resumia mais ou menos o mundo de fantasia de Marco.

Naquela noite, queria uma mulher e sentiu tentação de sair, visitar os clubes na Strip e ver se tinha sorte. Se não, havia sempre o cartão de crédito e não tinha escrúpulo algum em pagar por sexo. Certamente era melhor do que a viúva de cinco dedos.

Mas, antes de sair, sempre gostava de ficar no ponto, com ajuda de um ou dois uísques, que o tornavam mais sociável. Além disso, havia naquela noite alguma coisa estranha na casa, embora não soubesse o quê. Mais cedo, sentira tentação de sair e dar uma olhada em volta, simplesmente para ter certeza de que não havia quaisquer intrusos. Naquele momento, porém, o uísque o deixara preguiçoso demais para se incomodar. Merda, o que deviam fazer era arranjar outro cachorro. Dempsey fora um maravilhoso sistema de aviso antecipado. Logo que alguém se aproximava de qualquer lugar da casa, ele enlouquecia. No dia seguinte, pensou, enquanto descia para o quarto a fim de apanhar uma nova garrafa de uísque, conversaria com Todd sobre a compra de um filhote, usando o macete da segurança para ladear a lealdade do patrão ao falecido vira-lata.

Pegou a garrafa, serviu-se de uma dose, tomando-a pura em um único gole. Em seguida, olhou para o relógio. Onze horas e vinte minutos. Era melhor se mexer. Los Angeles acordava cedo, descobrira isso, especialmente em meio da semana. Se não se apressasse, chegaria atrasado para qualquer coisa que interessasse.

Subiu a escada para ir pegar a carteira de notas, mas, a meio caminho, ouviu barulho ao pé do poço da escada. Parecia uma porta sendo aberta e fechada.

— Patrão — gritou para baixo. — É o senhor?

Não teve resposta, apenas o som da porta, continuando a abrir e a fechar, embora não houvesse vento naquela noite para isso.

— Hummm — disse para si mesmo.

Subiu a escada, pegou a carteira, apanhou de passagem o copo de uísque na cozinha e desceu a escada.

Havia muitos lugares na casa que não conhecia ainda, um deles o nível mais baixo de todos, que Jerry lhe dissera que eram apenas depósitos. E o aconselhara a não usá-los. Eram únicos e tudo que se guardava ali ficava mofado dentro de um mês, foi o que disse.

A alguns passos do pé da escada, esvaziou o copo e colocou-o de lado.

Estava bêbado, reconheceu, espigando-se. Não paralyticamente bêbado, apenas agradavelmente chumbado. Com um pequeno sorriso de parabéns a si mesmo por ter alcançado esse estado de felicidade, continuou a descer.

Era frio ali, nas entranhas da casa. Mas não o frio úmido de que falara Jerry. Era um frio quase revigorante, como uma noite de fim de outono em sua nativa Chicago. Desceu o pequeno corredor que partia da escada, ao fim da qual ficava a porta barulhenta que o trouxera ali. O que diabo a estava fazendo com que se abrisse e fechasse daquela maneira?

Sentiu a resposta no rosto quando se aproximou mais da porta. Havia um vento soprando ali embaixo, improvável como isso parecesse e cheirava não a pequenos cômodos mofados, mas a grandes espaços verdes.

Pela primeira vez nessa excursão, disse:

— Humm.

Empurrou a porta. No outro lado, escuridão completa, mas uma escuridão alta e larga, disse-lhe alguma coisa no seu íntimo, e o vento que o fustigou — embora isso fosse inacreditável — vinha de um trecho de terra aberta. Nesse momento, desejou não ter bebido todos aqueles uísques. Desejou ter os sentidos inteiramente sob controle, de modo a poder examinar claramente esse fenómeno.

Passeou a mão em volta do canto da porta, procurando um interruptor de luz. Não havia nenhum, pelo menos não um que os dedos encontrassem. Não tinha importância. Este seria um mistério para decifrar na manhã seguinte. Por ora, simplesmente fecharia a porta e voltaria à sua bebida.

Estendeu a mão para dentro e pegou a maçaneta da porta. Ao fazer isso, viu um tremeluzir de luz no interior da sala. Não, não de luz, mas de relâmpago, um tremeluzir momentâneo seguido por três outros muito mais demorados, mas numa sucessão tão rápida que pareciam um único.

Com o relâmpago, viu o espaço de onde vinha o vento, e suas intuições se confirmaram. O espaço era largo e alto. O acúmulo de nuvens de onde vinha o relâmpago ficava a quilômetros de distância, do outro lado de uma paisagem de floresta e rochas.

— Oh, Jesus — disse.

Estendeu a mão para a maçaneta, segurou-a e fechou a porta com uma batida. Havia fechadura, mas nenhuma chave. Ainda assim, a porta pareceu firmemente trancada e assim ficaria até que encontrasse Todd e lhe mostrasse aquilo.

Começou a gritar o nome de Todd enquanto subia correndo a escada, mas nada de resposta. Foi até o quarto do patrão, bateu e entrou. Vazio, as portas duplas envidraçadas até o chão estavam abertas para o terraço e as cortinas enfunadas.

Entrou no terraço. O vento que balançava as cortinas era um vento da Califórnia: quente, perfumado, suave. Nem de longe se parecia com o vento que lhe atingira o rosto na sala lá embaixo. Aquele fora um vento de outro país.

Não o encontrou ali. Mas, logo que pisou o balcão, ouviu o som de vozes em algum lugar no desfiladeiro. Vozes de mulheres, a maioria rindo. E luzes correndo entre as árvores.

— Filho da puta — disse Marco.

O chefe, aparentemente, estava dando uma festa e não o convidara.

A noite tornava-se mais estranha a cada minuto. Desceu, passou pela cozinha e saiu pela porta dos fundos. A ansiedade havia tornado amarga a bebida no estômago e, ao abrir a porta dos fundos, foi engolfado por uma onda de náusea. Não teve tempo de sair. Vomitou na soleira, a força da sensação suficientemente forte para que caísse de joelhos.

Sentindo-se fraco, olhou para o uísque e os restos de almôndegas no chão, os olhos compreendendo vagamente o intrincado dos cinco pregos cravados na madeira meio apodrecida do umbral da porta.

E logo depois, vindo da escuridão do outro lado do umbral, ouviu uma voz macia, com uma tristeza infinita. A voz de uma mulher perdida.

— Deixe eu entrar — disse ela.

Marco levantou a vista, a cabeça ainda girando. Havia mais vômito gorgolejando no estômago e sentiu seu sistema preparando-se para se revoltar outra vez. Tentou ver melhor a mulher que acabava de suplicar que a deixasse entrar na casa, apertando os olhos num esforço para conseguir, talvez, separá-la das sombras.

Ali estava: uma mulher jovem com um rosto que seus olhos turvos nem conseguiam fixar nem distinguir bem, mas que parecia mais do que passavelmente bonita. Tinha cabelos louros compridos e pele clara, quase branca e, como era apropriado ao tom de súplica, encontrava-se de joelhos, aquela pose uma imagem invertida de si mesmo. Ela usava o que parecia uma camisa de homem,

desabotoada. Caso se tivesse sentido mais ele mesmo, Marco poderia ter alimentado a esperança de convencê-la a tirar a camisa antes de apiedar-se dela. A náusea, porém, venceu todas as demais reações: a quase nudez da moça fez apenas com que seu estômago se remoesse ainda mais. Desviou a vista, na esperança de adiar o próximo vômito, até que ela se afastasse.

Ela, evidentemente, interpretou o olhar para o lado como um sinal de rejeição.

— Por favor — repetiu ela. — Eu só quero voltar para a casa. Você tem que me ajudar.

— Eu não estou em condições... — começou ele, levantando a vista para tentar comunicar por sua expressão em que estado triste se encontrava, mas as poucas palavras que conseguiu dizer foram suficientes para produzir nela uma inesperada e calamitosa mudança.

Ela soltou um grito agudo de frustração e raiva, de sobrenatural estridência e volume. Marco sentiu o vômito subindo e quando a voz da mulher atingiu uma altura sobre-humana, ele vomitou o que restava do jantar.

O pior havia passado nesse momento, mas havia mais a vir da mulher no lado de fora. Sentindo o estômago acalmar-se, arriscou um olhar para ela, mas isso foi um erro. Ela estava ainda soltando os restos daquele grito sobrenatural e pareceu — pelo menos para seus olhos turvos e confusos — que o ruído estava cobrando um preço grotesco ao corpo da mulher. O rosto — tão belo minutos antes — tornou-se uma forma cinzenta, manchada: a testa inchada de uma maneira que a fazia parecer uma mongolóide, os olhos sumidos em fendas vazias, a boca pingando saliva dos cantos virados para baixo. A camisa grande demais se abriu, revelando seios que eram retalhos cinzentos de pele morta, pendendo de uma gaiola de ossos. Embaixo deles, achou que via os órgãos internos em movimentos frenéticos, como se houvesse ali um ninho de serpentes.

Aquilo tudo era demais para os sentidos já traumatizados de Marco. Não pensou nem mais uma vez em ir procurar Todd — Cristo, Todd provavelmente era parte dessa insanidade toda.

Com os calcanhares escorregando na sujeira que havia feito, pôs-se de pé — em parte esperando que aquela abominação no outro lado do umbral viesse persegui-lo. Mas, por alguma razão, ela manteve distância, a transformação nesse momento tão avançada que ela era inteiramente irreconhecível como a mulher que vira antes. Recuou pelo corredor — ainda pensando que aquele pesadelo poderia persegui-lo. Ela, porém, retirou-se também, afastando-se para trás e dissolvendo-se nas sombras. Marco, porém, não se sentiu tranquilo. Ela provavelmente se afastara para encontrar-se com as outras e não queria estar ali quando voltassem. Entrou correndo na cozinha e pegou em cima da mesa as chaves de seu carro. Parou por um momento, pensando se devia esperar um pouco e lavar o rosto e as mãos, talvez

mesmo mudar a camisa suja de vômito, mas resolveu esquecer a limpeza para poder sair mais rápido dali.

DESCEU A ESTRADA sinuosa que dava saída para o desfiladeiro, como se estivesse sendo perseguido por uma horda de mulheres-demônios e, sem mesmo pensar, tomou o mesmo caminho que havia seguido com Todd incontáveis vezes: a Mulholland Drive. Enquanto dirigia, abriu a janela para receber no rosto a brisa que lhe devolveria a sensatez, mas ela pouco efeito produziu. Havia ainda álcool demais no sangue e pânico demais inflamando o álcool para torná-lo um motorista precavido nesse trecho sabidamente traiçoeiro e perigoso de estrada. Só queria mesmo pôr, com toda rapidez possível, alguma distância entre si e aquele maldito desfiladeiro.

Em uma das curvas fechadas, as mãos pegajosas escorregaram no volante e ele perdeu por um instante o controle do carro. Mas era um motorista suficientemente bom — mesmo em seu atual estado — para se recuperar logo e as coisas poderiam ter acabado bem se um maníaco do volante não se aproximasse a toda pela curva, vindo da direção oposta. O outro motorista realizou uma rápida manobra evasiva e desviou para o outro lado da curva, antes que Marco perdesse o pouco controle que lhe restava. O volante escorregou mais uma vez em suas mãos, e o pé, preguiçoso por causa da bebida, foi lento demais para frear e evitar que o carro fizesse um cavalo-de-pau, chiando alto. Não havia mureta entre a estrada e o precipício, nem mesmo uma cerca de madeira. A metade dianteira do veículo passou pela borda, onde ficou suspensa por um momento, finamente equilibrada entre o asfalto sólido e o nada. Marco sussurrou uma prece silenciosa, mas Deus não estava escutando.

O carro inclinou-se para a frente e deslizou para a escuridão, numa queda livre de 15m a 20m.

O veículo, contudo, não tocou solo firme. Caiu entre os ramos da copa de um sicômoro, suficientemente grande para sustentar o carro entre os galhos, de nariz para baixo. Marco foi lançado contra o pára-brisa. Através do vidro, viu o quintal onde se erguia o sicômoro. Uma festa estava sendo realizada ali naquele momento, a piscina iluminada, a água azul-turquesa faiscando, lanternas penduradas nas moitas em volta, balançando na brisa. Teve tempo de observar a beleza de tudo isso, mas, nesse momento, alguma coisa pegou fogo no motor e o ar em volta dele transformou-se em um lençol de lúgubres chamas amarelas, que o envolveram inteiramente, a primeira explosão de fogo com calor suficiente para lhe queimar a roupa e pôr em chamas os cabelos e as carnes.

Às cegas, procurou a maçaneta da porta e puxou-a. O ar que entrou serviu apenas para atizar ainda mais o fogo. Através da fedentina do combustível e plástico queimando, sentiu o cheiro doentio de seu próprio corpo sendo assado.

Ainda assim, lutou para escapar e a gravidade ajudou-o. O carro estava em tal posição que bastou inclinar-se para a frente e cair na direção da porta aberta. O galhos do sicômoro amorteceram a queda, mas logo que se livrou deles havia ainda uma queda de 6m até as lajes mexicanas polidas em volta da piscina.

Mal sentiu o impacto. O fogo lhe havia traumatizado inteiramente os terminais dos nervos. Nem conseguiu ver coisa alguma, as pálpebras fundidas e fechadas pelo calor. Mas ainda podia ouvir, embora não conseguisse entender, os gritos confusos das pessoas ali reunidas para lhe presenciar a agonia.

Havia no grupo, porém, uma pessoa disposta a fazer mais do que ficar onde estava e observá-lo queimar. Marco sentiu braços envolvê-lo e ouviu o salvador murmurar alguma coisa sobre a piscina. Logo em seguida, sentiu-se novamente em queda livre quando o homem o lançou na água.

As chamas apagaram-se instantaneamente. A cura, porém, foi demais para a carne suportar. O choque súbito de frio após o calor abrasador do fogo provocou em seu corpo uma falência sistêmica.

Sua última respiração — uma bolha de ar quente — escapou dos pulmões cozinhados. E afundou até o fundo da piscina.

Ainda assim, as pessoas em volta não desistiram. Três delas mergulharam na água e trouxeram do fundo o corpo empretecido e encolhido pelo fogo.

Com todo cuidado, foi deitado em um dos lados da piscina, onde uma das mulheres tentou lhe aplicar respiração boca a boca. Mas era um caso perdido. O homem que havia feito aquela entrada dramática na reunião estava morto e além de qualquer esperança de salvação.

Este, porém, não foi exatamente o fim dos acontecimentos naquele trecho da Mulholland Drive.

Algumas horas depois, quando a primeira luz surgiu no céu, um atleta que corria três quilômetros todos os dias pela Drive, fizesse sol ou chuva, viu uma luz na estrada, perto do local onde os pneumáticos do carro de Marco haviam deixado uma marca preta no asfalto. Aparentemente notando que havia uma testemunha indesejável, a misteriosa luminescência subiu no ar cada vez mais claro e desapareceu.

Na noite seguinte, Paul Booth — o homem que tivera a coragem de conduzir para a piscina o corpo em chamas de Marco Caputto — foi sozinho até o quintal da casa. Sentia-se melancólico. A festa que dera na noite anterior fora uma homenagem ao décimo sexto aniversário da irmã mais moça. Que celebração! Alice praticamente não deixara de chorar desde aqueles momentos.

E podia ouvi-la nesse momento, soluçando na casa.

Pegou o cigarro de maconha pela metade, que vinha economizando para uma ocasião mais feliz, e acendeu-o. Puxando a fumaça acre, ergueu a vista e viu uma mancha de ar luminoso à beira da piscina. Sem forma discernível. Era simplesmente um brilho suave, que teria sido invisível meia hora antes, com o sol ainda alto. Observou-a enquanto o brilho permanecia ali por dez, talvez 15 segundos, apagou o baseado, enfiou-o no bolso e voltou para a casa a fim de contar o fato a alguém. Encontrou o pai e, juntos, voltaram ao quintal.

A luz já havia desaparecido do lado da piscina.

— Ali! — disse Paul, apontando para alguma coisa que poderia ter sido a luz que vira, nesse momento alta na Mulholland Drive. Mas que poderia muito bem ser a luz de um carro fazendo a curva traiçoeira naquele trecho da estrada. E, de qualquer modo, desapareceu num instante, deixando pai e filho em dúvida sobre o que haviam visto.



SEIS

Nas profundezas do desfiladeiro, a não mais de quilómetro e meio da piscina, do gramado e das árvores onde Ava estava pendurada, Tammy, estirada no chão, esperava o fim. Fez tudo que podia para sobreviver: comeu amoras silvestres e lambeu o orvalho de folhas, combateu os sonhos febris que ameaçavam lhe destruir a consciência e se obrigou a andar quando já não tinha mais forças nas pernas.

Esse desfiladeiro tinha truques, maneiras de levar a pessoa a andar em círculos, fazendo-a queimar toda energia e trazendo-a de volta ao lugar onde havia começado a andar. Punha cores diante dos olhos, cores tão encantadoras que ela terminava andando sem parar em volta do mesmo lugar para prendê-las, como um cão caçando a própria cauda. E às vezes (e este era o truque mais inteligente) penetrava na cabeça, descobria as vozes para ela mais consoladoras e a obrigava a chamá-la. Arnie (logo quem, o sr. Contagem de Esperma Zero), o dono da lavanderia em Sacramento, sr. O'Brien, que sempre a recebia com um sorriso e um piscar de olhos, e Todd, claro, seu belo herói Todd, dizendo-lhe que desse apenas mais alguns passos. Não acreditou que qualquer uma dessas vozes fosse real, mas esse fato não a impediu de segui-las, para a frente e para trás, em uma volta após outra — vozes e cores — até que, finalmente, não teve mais força e tombou ali.

E nesse momento estava estirada ali, fraca demais para se levantar, pesada demais para erguer a bunda do chão e voltar a andar. No fundo da mente, o medo de que os monstros voltassem e a descobrissem ali. Mas não vieram, pelo menos não quando raiou o dia. Talvez, pensou, eles estivessem à espera da noite. Entrementes, muitas outras coisas de fato vieram: moscas, libélulas, beija-flores, todos adejando em volta dela.

Quanto aos chamados de Arnie, do sr. O'Brien e de Todd, logo que desabou no chão, nenhum deles apareceu. O desfiladeiro sabia que a havia derrotado.

Tudo que tinha a fazer era esperar e ela morreria ali onde estava.

O dia se arrastou, interminável. No meio da tarde, caiu em uma espécie de estupor e, quando acordou, sentiu uma curta e inesperada explosão da ânsia de salvar-se. Com grande esforço, conseguiu pôr-se de pé e começou a andar no que pensava ser a direção da casa (às vezes, pensava que via o telhado através das árvores, em outras ocasiões, não), mas, uns dez minutos depois, o desfiladeiro pareceu compreender que ela estava de pé e andando e deu início a seus pequenos truques. As cores voltaram. E as luzes, também.

Caiu de joelhos, chorando, implorando que a deixassem em paz. Mas o desfiladeiro era implacável, as vozes tornaram-se mais altas do que nunca, gritando incoerentemente dentro de sua cabeça. O céu era de todas as cores, menos azul.

— Tudo bem — disse ela. — Tudo bem, tudo bem, simplesmente me deixem sozinha para morrer. Não me levanto mais, prometo. Juro. Simplesmente, deixem-me sozinha.

O desfiladeiro aparentemente ouviu a mensagem porque, aos poucos, os gritos ficaram mais baixos e as cores menos visíveis.

Deitada de costas na folhagem, observou o céu escurecer e as estrelas emergirem. Aves voaram por cima dela, voltando para seus ninhos antes da queda da noite. Invejou-as, apenas um pouco, mas, na verdade, para que tinha que voltar para casa? Uma casa no subúrbio, da qual nunca gostou realmente. O marido, a mesma coisa. Que droga havia feito de sua vida! Que confusão absurda, vazia! Todo aquele tempo perdido, babando-se por um homem que viu numa tela de cinema, horas passadas folheando seus tesouros, enchendo a mente de fantasias. Jamais vivendo, realmente. Isso era o horror da situação. Ia morrer sem nunca ter realmente vivido.

Nesse momento, as luzes haviam desaparecido quase por completo do céu. Mal conseguia ver a mão em frente ao rosto. Deixou que os olhos se fechassem, escondendo as estrelas. Na grama ao lado, as cigarras cantavam ritmicamente uma canção de ninar.

De repente, em algum lugar não muito longe, ouviu um som pecaminoso, parte uivo, parte ganido, parte riso. Abriu de repente os olhos. Sentiu os cabelos da nuca se arrepiando. Seria essa a festa de despedida dada pelo desfiladeiro? Uma última tentativa para espremer dela o que lhe restava de juízo?

Não, não. Aquilo não era em sua intenção. O som vinha de longe demais. Na direção da casa. Sim, era isso, alguém na casa estava dando uma festa de arromba. A curiosidade venceu o cansaço. Obrigou-se a ficar de joelhos e tentou descobrir de onde vinha toda aquela cacofonia. Luz aparecia entre as árvores, tremulantes, mas não chamadas. Era uma luz fria demais para ser fogo.

Talvez isso não fosse absolutamente uma festa. A barulheira era tão desagradável quanto estrepitosa. O que, com todos os diabos, poderia estar fazendo tanto barulho? Os aleijões, talvez? Eles pareciam a causa mais provável. Imaginou-os sitiando a casa. Oh, Deus do céu, e se tivessem vindo buscar Todd? Farejaram-no em seu atual estado de fraqueza, obrigaram-no a sair e o atacaram?

Pensar em que algum mal podia acontecer a Todd era insuportável, mesmo nesse momento. Esse pensamento obrigou-a a levantar-se, uma coisa que não poderia ter feito por si mesma. Durante alguns segundos ficou ali, as pernas bem separadas, em dúvida se não iria cair novamente. Em seguida, disse a si mesma para se mexer e, com grande surpresa sua, o corpo obedeceu. As pernas pareciam feitas de chumbo, e a cabeça tão leve quanto um balão de hélio, mas ainda assim conseguiu dar cinco ou seis passos sem cair.

O barulho na casa havia diminuído um pouco, embora as luzes continuassem visíveis entre as árvores. Parou por um momento para recuperar o fôlego e, enquanto a isso, examinava as luzes, tentando extrair delas algum sentido. Seria possível que aquilo que via fosse gente? Sim, era. Várias figuras haviam deixado as vizinhanças imediatas da casa e se aproximavam dela. Algumas descreviam ziguezagues entre as árvores, como se estivessem em algum tipo de jogo. Que tipos de criaturas eram essas, pensou, que cabriolavam como crianças, mas tinham em volta tal luminescência?

Aos tropeços, deu mais dois ou três passos. O corpo, porém, não ia levá-la muito mais longe, sabia. Era apenas uma questão de tempo antes de cair outra vez e sabia que, na próxima, não teria mais forças para se levantar.

Nesse instante, bem perto, ouviu o som de alguma coisa movendo-se entre as árvores. Olhou na direção do som. Um animal, talvez? Um coiote ou...

— Tammy?

Prendeu a respiração, não ousando inteiramente acreditar que reconhecia a voz.

— Sou eu, Willem — disse a voz.

As pernas de Tammy quase cederam, de pura gratidão. Ele saiu das moitas e segurou-a antes de ela cair.

— Eu sou pesada — avisou ela.

— Eu sou forte — respondeu ele.

Em vista disso, deixou que ele lhe suportasse o peso, caindo sobre o peito de Willem. Ao entregar-se a ele, ouviu o choro de uma menininha, em algum lugar por ali, soluçando sentidamente. Ia perguntar quem, diabo, estava fazendo esse barulho, quando se deu conta que era a sua própria voz.

— Está tudo bem — disse Zeffer. — Eu estou agora aqui. Tudo vai correr bem.

Tammy não teve certeza de que acreditava nele. Aquelas palavras pareciam parte de um diálogo medíocre. Mas não era hora de fazer julgamentos. Ele tinha vindo procurá-la e se sentiu grata por isso. Descansou a cabeça no peito de Zeffer, como uma heroína de filme B arrancada das mandíbulas da morte e, rindo, e logo depois soluçando, e rindo novamente, deixou que ele a envolvesse com os braços e a ninasse por algum tempo.



SETE

No fim, não foi Todd quem perdeu o controle, mas o outro homem.

— Não posso... aguentar... muito mais — disse ele.

A mulher estava além da capacidade de dar até a instrução mais simples, em estado de êxtase, as pernas erguidas por Todd, para que ele pudesse observar a maquinaria maravilhosa de suas anatomias interligadas.

— Está pronto? — perguntou o outro, o rosto transformado em uma sombra líquida, os olhos alucinados.

— Diga quando.

— Levante mais as pernas dela.

Todd fez o que ele mandava, notando, enquanto fazia isso, que o jogo deles havia provocado a paralisação de todas as demais brincadeiras em volta.

Todos ali, olhos ávidos, observavam o espetáculo.

Embora a mulher estivesse de olhos fechados, era óbvio que ela havia alcançado e mantinha algum estado de nirvana sexual. Nos lábios úmidos, um sorriso de Gioconda e quando, ocasionalmente, as pálpebras tremiam e abriam, só o branco era visível.

O outro homem mantinha uma das mãos em cima do rosto da mulher, o polegar entre os lábios, enquanto a outra mão segurava o músculo que corria da nuca de Todd para o ombro, apertando-o com tanta força que doía. Mas Todd estava gostando da dor. Era apenas o suficiente para distraí-lo e evitar que gozasse logo.

O outro homem arregalou os olhos.

— Oh, agora! — mugiu e Todd chegou o mais perto em toda sua vida de sentir o orgasmo de outro homem.

A mulher abriu os olhos e fitou-o.

— Você, também — disse.

— Não — proibiu-o outra voz.

Todd ergueu os olhos. Katya. Ela fitava-o com um sorriso de apreciação nos lábios. Evidentemente, gostara de observar o menage-à-trois. Mas nesse momento era claro que queria que Todd abandonasse o jogo.

— Tenho que ir — disse ele à mulher.

Ela pôs uma mão entre as pernas de ambos, como se para mantê-lo ali dentro.

— Sinto muito — disse Todd, e puxou o membro para fora.

Em pé ali, ouviu uma ligeira salva de palmas vinda das vizinhanças do caramanchão.

— Um grande artista — aprovou Katya, levantando-se.

Estava de calcinha. Todd começou a vestir a calça, escondendo o membro.

— Em outra noite, você pode voltar e reencontrá-los aqui — disse Katya, enquanto lhe enlaçava o braço com o seu e afastava-o daquele lugar.

Ao que parecia, a cena entre os pés de jasmim-da-noite iniciara uma reação em cadeia entre os espíritos. Andando pela cálida escuridão, Todd viu devassos de todos os lados, ocupados em sentir e dar prazer. Roupas haviam sido lançadas no chão ou penduradas em galhos como se fossem fantasmas do Dia das Bruxas e ouviu trocas de beijos e murmúrios de paixão. Como já havia descoberto, a morte nada fizera para diminuir a libido dessa gente.

Embora suas cinzas e ossos jazessem em frias tumbas e mausoléus por toda a cidade, os espíritos de todos eles estavam no auge do cio. E como Katya lhe dissera, nada era proibido. De curioso, só ver tantos rostos conhecidos entre os devassos. Rostos que ligava a tudo, menos àquilo: comediantes, aventureiros e atores de melodramas. Mas nunca nus, nunca excitados. E, mais uma vez, como acontecera no carramanchão, aquilo que lhe teria provocado asco se na companhia dos vivos intrigava-o e excitava-o ali, entre os mortos famosos. Estariam Cary Grant, com as calças descidas até os tornozelos, e Randolph Scott pagando um tributo bem embaixo? Seria aquela Jean Harlow, deitada no galho baixo de uma árvore, com um pé balançando, de um lado para o outro, o membro ereto do homem próximo?

Mas havia outros, muitos outros, que ele apenas parcial ou absolutamente reconhecia ou não. Katya, porém, deu os nomes enquanto voltavam para a casa: Gilbert Roland e Carole Lombard, Frances X. Bushman e Errol Flynn. Uma dezena de vezes, observando casais em pleno ato sexual, teve vontade de perguntar se eram fulano e fulana. Fez isso três ou quatro vezes. Ao receber sempre um sim como resposta, desistiu de perguntar. Quanto ao que estava acontecendo ali, bem, as fotos do Pavilhão da Piscina lhe haviam dado uma boa ideia de até que ponto as coisas podiam enlouquecer e, nesse momento, via esses excessos em carne e osso, porque praticamente todos os pecadilhos sexuais estavam sendo praticados naquela noite no desfiladeiro. Tampouco descontava a possibilidade de que posições amorosas ainda mais extremas do que aquelas que via estivessem acontecendo na escuridão entre as árvores. Dado o que ele mesmo acabara de fazer, após uma única curta noite ali, dava para imaginar as coisas possíveis que os moradores do desfiladeiro poderiam inventar com um número indeterminado de noites no futuro, sabendo que estavam mortos, mas que lhe negavam um lugar de repouso?

Que novas perversões uma alma não poderia inventar para distrair-se da ameaça constante de *ennui*?

Finalmente, a multidão de fornicadores tornou-se mais esparsa e Katya levou-o — por um caminho que não conhecia, coberto de densa vegetação — de volta à grande casa.

— O que vou lhe mostrar — avisou ela, enquanto caminhavam — vai mudar sua vida. Está pronto pra isso?

— É alguma coisa que tem a ver com o motivo por que você está aqui?

— Porque eu estou aqui, porque eles estão aqui. Porque o desfiladeiro é o lugar mais sagrado da cidade. Isso mesmo. Tudo isso.

— Nesse caso, mostre-me — respondeu Todd. — Estou pronto.

Ela lhe apertou a mão com mais força.

— Não há caminho de volta — avisou. — Quero que compreenda isso. Não há caminho de volta.

Todd olhou por cima do ombro para os festeiros que cabriolavam entre as árvores.

— Acho que isso foi verdade há muito tempo — disse.

— Acho que foi — respondeu Katya, com um pequeno sorriso, levando-o do jardim escuro para seu palácio dos sonhos.



OITO

— Estou morrendo de fome — disse Tammy. — Não podemos arranjar um pouco de comida na casa antes de irmos embora daqui?

— Você quer realmente encontrar Todd — disse Zeffer. — Confesse.

— Não, nem me importo. — Parou no meio da mentira. — Bem, talvez um pouco — disse. — Quero simplesmente saber se ele está bem.

— Eu posso responder essa pergunta. Ele não está. Está com ela. Para ser franco, isso significa que você pode esquecê-lo de vez. Quando quer um homem, Katya o consegue.

— Você foi casado com ela?

— Eu era casado quando a conheci, mas nunca fui marido dela. Ela nunca me quis. Eu estava ali apenas para servi-la, desde o início. Para lhe tornar a vida mais fácil. Todd é uma história diferente. Ela vai sugá-lo até ele ficar seco.

— Como uma vampira, é isso? — perguntou Tammy.

Depois de tudo que vira, essa ideia não parecia tão absurda assim.

— Ela não é do tipo que tira o sangue. É do tipo que suga a alma.

— Mas ela não o pegou ainda, pegou? — perguntou Tammy. — Quero dizer, ele ainda poderia salvar-se, se quisesse.

— Acho que poderia — disse Zeffer, com um laivo de dúvida na voz. — Mas, Tammy, vou ter que lhe perguntar uma coisa: por que você se importa tanto com esse homem? O que foi que ele fez até hoje por você?

Tammy precisou de alguns segundos para dar a resposta:

— Acho que, se a gente olhar para a questão dessa maneira, ele não fez nada... tangível. Ele é um astro do cinema e eu sou uma de suas fãs. Mas eu juro, Willom, se ele não tivesse existido nestes últimos anos, eu não teria nada por que viver.

— Você teria sua própria vida. Seu casamento. Você é evidentemente uma mulher sensata...

— Eu jamais quis ser sensata. Jamais quis, realmente, ser casada. Quero dizer, eu amava Arnie — ainda amo, acho —, mas não é uma grande paixão, nada disso. Foi mais uma coisa de conveniência. Tornava as coisas mais fáceis quando chegava a hora de preencher a declaração de imposto de renda.

— Nesse caso, o que era, realmente, que você queria para si mesma?

— Para mim? Você jura que não vai rir? Eu queria ser o tipo de mulher que entra numa sala e todo mundo, no mesmo instante, tem alguma coisa a dizer sobre ela. Era isso o que eu queria.

— Isto é, você queria ser famosa?

— Acho que isso, em parte.

— Você devia pedir a Katya que lhe fale sobre fama. Ela sempre disse que era excessiva.

— Por que foi que deixamos o assunto Todd?

— Porque é impossível ajudá-lo.

— Deixe que eu entre simplesmente na casa e converse com ele por um momento. E, talvez, eu arranje alguma coisa para comer enquanto estiver lá.

— Já não viu ainda o suficiente deste lugar para ter medo? — perguntou Zeffer.

— Estou quase além de sentir medo — respondeu Tammy.

Isso era verdade. Vira sua quota de horrores e estava viva para contar a história. Os dois se encontravam a uns 20 metros das várias escadas que subiam do jardim para a casa.

— Por favor — pediu ela a Zeffer. — Eu só quero entrar na casa e dar um aviso a ele. Se isso não funcionar, vou embora e não olho para trás nem por um único momento, juro.

Zeffer, aparentemente, sentiu o poder da vontade dessa mulher nesse assunto. Não protestou mais. Disse apenas:

— Você entende que, se atrapalhar os planos de Katya, não poderei ajudá-la? Eu tenho minhas próprias lealdades, por mais tolas que você possa pensar que são.

— Nesse caso, vou ter o cuidado de não me meter no caminho dela — disse Tammy.

— Ninguém espera que eu sequer entre na casa, acredite nisso ou não.

— Nem também que suba em cima dos móveis?

— Se você quer dizer com isso que sou um pouco mais do que o cachorro dela, tem toda razão. Mas minha vida é essa. Faço minhas opções, como você faz as suas. — Exalou um suspiro. — Há dias em que penso seriamente em me matar. Simplesmente para me livrar dela. Mas talvez isso não funcionasse. Eu poderia cortar a garganta e acordar no lugar onde comecei, como o cachorro morto dela, e não o vivo.

O olhar de Tammy passou por ele para examinar as pessoas famosas que farreavam entre as árvores. Aquele espetáculo deveria tê-la deixado estupefata, mas vira coisas demais em pouco tempo para se impressionar muito. A cena diante de seus olhos era apenas outra peça no mistério do desfiladeiro.

— Todos eles estão mortos? — perguntou, no mesmo tom de voz comum que haviam mantido durante grande parte da conversa.

— Todos mortos. Quer dar uma olhada? — Olhou-a, atento, enquanto ela hesitava.

— Você quer, mas não quer reconhecer isso. Tudo bem se for assim. Há um pouco de voyeur em todas as pessoas. Se não houvesse, não haveria essa coisa de cinema.

— Virou-se e olhou para as figuras tremeluzentes que circulavam entre as árvores.

— Na Era de Ouro, ela organizava orgias o tempo todo e não havia nada que eu

gostasse mais do que andar entre as posições amorosas dos corpos deles e observá-los.

— Mas não agora?

— Não. Há um limite às relações sexuais entre seres humanos que podemos observar.

— Eles parecem horríveis.

— Oh, não. Eles parecem ser o que eram no auge da beleza, porque essa é a maneira como querem lembrar-se de si mesmos. Perfeitos, para sempre. Ou, pelo menos, por tanto tempo quanto Deus permitir que este lugar exista.

Tammy captou a conotação apocalíptica dessas palavras.

— O que é que você quer dizer com isso? - perguntou.

— Mais cedo ou mais tarde, haverá um fim a essa tolerância interminável. Um Dia do Julgamento Final, se quiser. E eu acho — ele baixou o tom de voz até um mero sussurro, embora não houvesse ninguém por ali — que você talvez seja a Salvadora.

— Eu? — Tammy baixou também o tom de voz. — Por que eu?

— É apenas um palpite. Um pensamento que queremos que seja a realidade, se preferir. Eles tiveram seu tempo. E acho que alguns deles sabem disso. Estão um pouco mais desesperados do que antes. Um pouco mais estridentes.

— Por que eles simplesmente não vão embora?

— Ah! Tínhamos que, finalmente, chegar a esse ponto. A razão é muito complexa e, para lhe dizer a verdade, não sei realmente como começar. Deixe ver se consigo dizer assim: eles sentem medo de que, se deixarem este desfiladeiro, possam quebrar o feitiço que os mantém nesse estranho estado de perfeição.

— E você também acredita nisso?

— Acredito, sim. Eles são prisioneiros aqui. Belos prisioneiros.

ALGUNS MINUTOS DEPOIS de Katya e Todd terem deixado a festa no jardim, um sussurro percorreu os farristas e, um após outro, eles interromperam seus prazeres, quaisquer que fossem, e voltaram olhos vazios para a casa.

Há um número limitado de vezes em que alguém pode participar dos velhos jogos da carne sem perder o interesse. Sim, era possível acrescentar a eles um sabor picante usando um chicote ou uma corda, fazer amor com alguém do mesmo sexo (ou, se já fez isso enquanto vivia, com alguém do sexo oposto). Mas tudo isso acabava por cansar com a repetição. Nenhum banquete pode ser tão tentador que, no fim, o ato de comer não perca seu interesse.

Mais cedo ou mais tarde, o mais voraz dos glutões teria que se arrastar para longe e procurar o alívio do vomitorium.

Acontecia o mesmo com os fantasmas. Durante décadas, haviam estado ali, na presença da própria perfeição que, nesse momento, nada mais significava para eles. Tinham visto essa beleza profanada e estuprada, tinham-na visto entrelaçada em todas as posições que a luxúria poderia inventar e nada havia mais para surpreendê-los. A presença de carne viva, na forma de Todd Pickett, podia momentaneamente reacender algumas velhas chamas, mas o incêndio logo morreu quando ele se afastou.

Nesse momento, voltavam os olhos para a casa e, embora nada dissessem, o mesmo pensamento passava por suas tristes cabeças.

Talvez, naquela noite, alguma coisa mudasse. Talvez, naquela noite, tendo aquele homem por companhia, a Rainha das Mágoas cometesse um erro...

Alguns deles começaram a mover-se na direção da casa, tentando parecer descuidados, embora fixando os olhos brilhantes no mesmo local.

Um banco de nuvens vindas do Pacífico cobriu a lua e as estrelas. Nos picos do outro lado do desfiladeiro, alguns dos grotescos filhos dessas belezas cansadas iniciaram uivos sem palavras na escuridão. O som era alto o suficiente para descer pela colina e chegar às planuras de Sunset e Beverly Hills.

Vários manobreiros, estacionando carros em uma festa privada na Rexford Drive, pararam por um momento para comentar o alarido sobrenatural que vinha das colinas. Uns dois pacientes moribundos no Cedars-Sinai chamaram seus padres, um homem que morava na casa ao lado daquela, na Van Nuys, onde Lyle e Eric Mendendez haviam assassinado o pai e a mãe, resolveu — ouvindo o som — deixar de escrever roteiros para o cinema e voltar para Wisconsin.

TODD OUVIU TAMBÉM o barulho, claro.

— O que é isso, em nome de Deus?

Ele e Katya estavam nas profundezas da casa, em um lugar que ele nunca soube que existia e muito menos havia visitado.

— Não dê importância a isso — aconselhou Katya, ao voltar o barulho, ainda mais alto e lamentoso. — O que quer que seja está lá fora e não aqui conosco.

Segurou-lhe o braço e beijou-lhe o rosto. Todd sentiu nela o cheiro de Ava. Sua ereção ainda latejava.

— Está pronto? — perguntou ela.

— Pronto para o quê?

Os dois se aproximavam nesse instante de uma porta apenas um pouco menor do que a porta principal e também em estilo medieval.

— No outro lado dessa porta há uma coisa que me foi dada há muito tempo. B que mudou minha vida. Como eu lhe disse, vai mudar também a sua. Quando entramos lá pela primeira vez, ficamos confusos. Você tem simplesmente que confiar em

mim. Vou ficar com você o tempo todo e você poderá sempre me ver. E juro que nenhum mal vai lhe acontecer. Entendeu o que eu disse, Todd? Esta é a minha casa. Até mesmo este lugar, que parecerá muito diferente de tudo que já viu até agora, é também meu.

Todd não sabia muito como entender tudo isso, mas sua curiosidade, disso não havia dúvida, tinha sido despertada.

— De modo que não tenha medo — continuou ela.

— Não vou ter — respondeu ele, perguntando a si mesmo que tipo de jogo ela iniciava nesse momento. Ela, que conhecia tantos, o que ainda escondia?

Como aconteceu tantas vezes, ela lhe leu os pensamentos.

— Isto não é um jogo — disse. — Ou, se é, é o jogo mais sério de toda a criação de Deus.

Havia um traço de condescendência na voz, mas que diabo!

— Estou pronto — disse.

Katya sorriu.

— Dentro de meia hora, você vai compreender que coisa absurda disse — avisou.

— Por quê?

— Porque ninguém pode estar pronto para isso.

Em seguida, empurrou e abriu a porta.

ANTES DE IR procurar Todd, Tammy precisava comer alguma coisa. Tinha que comer.

E assim, enquanto Todd cruzava a soleira e entrava em um lugar que lhe mudaria a vida, Tammy estava na cozinha, três andares mais alto, em frente ao refrigerador aberto, empanturrando-se de tudo que as mãos encontravam. Frango, salada de batata, comida chinesa comprada fora.

— Temos que fazer isso agora? — perguntou nervoso Zeffer, olhando em volta. — Ela pode entrar aqui a qualquer minuto.

— Pois que entre. Eu estou com fome, Willem. Para dizer a verdade, estou morta de fome. Dê-me uma mãozinha aqui, sim?

— O que você quer?

— Alguma coisa doce. Depois, fico pronta.

Ele mexeu nas prateleiras internas do refrigerador e encontrou um bolo de cereja-quase intacto, à vista do qual fez Tammy arrulhar da maneira como a maioria das mulheres arrulha quando vê um bebê. Willem fitou-a, uma expressão de espanto no rosto. Tammy, porém, estava faminta demais para se incomodar com isso. Levou uma fatia de bolo à boca, mas, antes de senti-lo na língua, Zeffer segurou-a pelo punho.

— O quê? — perguntou ela.

— Escute.

Tammy apurou os ouvidos. Nada ouviu. Sacudiu a cabeça numa negativa.

— Escute — repetiu ele e desta vez ela ouviu. As janelas estavam tremendo. E as portas, também. Os talheres na pia chocalhavam, como também os pratos no armário.

Deixou a fatia do bolo escorrer dos dedos, o apetite subitamente desaparecido.

— O que é que está acontecendo? — perguntou.

— Eles estão lá embaixo — explicou Zeffer, com um som de medo supersticioso na voz. — Todd e Katya. Eles desceram.

— O que eles estão fazendo lá?

— Você não deve querer saber — respondeu imediatamente Zeffer. — Por favor. Vamos simplesmente embora daqui.

As janelas se sacudiam com violência cada vez maior e as tábuas do piso estalavam sob os pés de ambos. Era como se toda a estrutura da casa protestasse contra o que quer que estivesse acontecendo em seu centro.

Tammy foi até a pia da cozinha, abriu a torneira e passou um pouco de água em volta da boca. Em seguida, passou por Zeffer e dirigiu-se para a porta que dava para a torreta e a escada.

— Direção errada — disse Zeffer. Apontou para a outra porta. — Essa é a maneira mais segura de sair daqui.

— Se Todd está lá embaixo, é por aí que eu quero ir — disse Tammy.

Enquanto falava, sentiu uma rajada de vento frio subindo das profundezas.

O vento tinha um cheiro inteiramente diferente do resto da casa e dos jardins. Alguma coisa no vento fez com que os pêlos da nuca se arrepiassem.

Olhou de volta para Zeffer, com uma pergunta estampada no rosto.

— Acho que vou ter que lhe contar o que há lá embaixo, antes de você dar outro passo — disse ele.

NO LADO DE fora, os espíritos dos mortos esperavam e escutavam. Tinham ouvido o som quando foi aberta a porta que levava à Câmara da Caçada.

Sabiam que algum tolo sortudo estava prestes a entrar na Terra do Demônio.

Se pudessem ter invadido a casa e passado pela porta à frente deles, teriam feito isso com prazer, a qualquer preço. Katya, porém, tinha sido inteligente demais.

Havia montado defesas contra um sítio como esse: cinco ícones cravados na soleira de cada uma das portas, que despachariam a alma dos mortos para o nada, caso tentasse cruzá-las. Eles, portanto, não tinham outra opção do que guardar uma distância respeitável, na esperança de que, algum dia, os ícones perdessem seu

terrível poder ou que Katya simplesmente declarasse uma anistia de seus convidados e arrancasse os ícones dos umbrais, permitindo a entrada de seus antigos amantes e amigos.

Enquanto isso, esperavam e escutavam, lembrando-se de como fora para eles antes, nos velhos dias, quando podiam entrar e sair à vontade da casa. Pura felicidade naquela época e tudo que precisavam fazer era entrar na Terra do Demônio e desfazer-se da velha pele, como se fossem serpentes. Haviam voltado vezes sem conta à câmara para restabelecer o encanto que sumia, e aquele local lhes havia amaciado e feito desaparecer as imperfeições, lhes tornado os membros esguios e os olhos brilhantes.

Tudo isso havia sido escondido dos chefes dos estúdios, claro, e quando ocasionalmente um Goodwin ou um Thalberg descobriam, Katya providenciava para que fossem intimidados e reduzidos ao silêncio. Ninguém falava sobre o que acontecia no Coldheart Canyon, até mesmo com outros que talvez tivessem visto ali. Os astros e estrelas viviam suas vidas públicas, enquanto, em segredo, iam todos os fins de semana ao Coldheart Canyon, onde, depois de fumar um pouco de maconha ou de ópio, iam olhar a Caçada, sabendo que dela sairiam rejuvenescido. Foi uma curta Idade de Ouro aquela, quando a realeza da América levava uma vida de quase perfeição em seus palácios, sonhando com a imortalidade.

E por que não? Parecia-lhes que haviam descoberto a maneira de renovar a beleza sempre que ela ficava um pouco cansada. E daí se tinham que mexer com o sobrenatural para receber suas doses de perfeição? O risco valia a pena.

Mas em seguida — inexoravelmente — a Idade de Ouro começou a cobrar seu tributo: as rugas que havia apagado de seus rostos começaram a voltar sorrateiras, mais profundas do que nunca e a vista a falhar. E voltavam à Terra do Demônio em desespero para receber seu poder curativo. A marcha do tempo, porém, não podia ser detida.

Histórias horríveis começaram a circular entre os nobres da Cidade das Ilusões, histórias que eram pesadelos. Alguém acordou cego no meio da noite, alguém ficou encarquilhado diante dos olhos do amante. O medo tomou conta das Criaturas Douradas. E a raiva, também. Culparam Katya por tê-los apresentado a essa panaceia pecaminosa e exigiram que ela lhes desse acesso permanente à casa e à Caçada. Ela, claro, recusou. A recusa provocou rapidamente algumas cenas muito feias, de pessoas começando a bater à porta da casa no Canyon, em estados de desesperada necessidade, suplicando para entrar.

Katya, porém, endureceu contra elas seu gelado coração. Compreendendo que antes de muito tempo estaria sitiada, contratou seguranças para guardar a casa dia e noite. Durante vários meses, na primavera e verão de 1926, ela e Zeffer viveram em quase total isolamento, ignorando as súplicas dos amigos que chegavam (não

raro trazendo presentes magníficos), mendigando uma audiência e uma oportunidade de rever a Terra do Demônio. E ela recusou, com exceção de uns poucos.

Na verdade, ninguém compreendia realmente o que acontecia nas profundezas da casa. Por que deveriam? Eles estavam mexendo com mistérios que nem mesmo o velho frei Sandru, que vendera as peças a Zeffer, compreendeu. Mas a carne ansiosa deles havia descoberto o que o seco intelecto de metafísicos não tinha conseguido entender. Tal como viciados em ópio a quem era negada a dose, eles procuravam aquilo que lhes curaria a dor, sem precisar compreender a farmacologia que os levava a tal desespero.

Durante algum tempo, lembravam-se, haviam sido felizes no desfiladeiro, felizes na casa de Katya, felizes olhando para as cenas da Caçada nas paredes ladrilhadas, que haviam se movido de forma tão curiosa diante de seus olhos espantados. Daí se seguia — ou não? — que, se continuassem a voltar ao Canyon e entrassem na estranha terra de ladrilhos e ilusão, seriam novamente felizes e sadios. Katya, porém, não os deixava entrar. Deixava-os para sofrer, negava-lhes a única coisa que queriam.

Claro que Katya não compreendia mais a alquimia em ação em seu palácio de sonhos do que os membros de seu círculo de condenados. Sabia que a dádiva de cura e a febre de necessidade por mais que se seguia eram produzidas pela presença do indivíduo na Terra do Demônio, mas não fazia ideia de como aquilo funcionava ou por quanto duraria até que seus motores se esgotassem. Só sabia que era a dona do local. Era seu para dar e tomar como desejasse.

Dispensa dizer que quanto mais lacrimosos visitantes batiam em seus portões, mais cartas recebia (e mais caótico o tom delas), menos inclinada se tornava a convidar os que as haviam escrito, em parte porque estava receosa da gravidade do vício que havia despertado nessa gente, mas também porque

tinha medo de que o poder da Terra do Demônio não fosse ilimitado, e não estava disposta a ser generosa com um poder de que necessitava tanto quanto eles.

Poderia haver uma época, pensava, em que precisaria dos efeitos curativos da casa apenas para si mesma e, quando esse tempo chegasse, guardaria com unhas e dentes cada pequena migalha do mesmo. Não era algo com que pudesse dar-se o luxo de ser generosa, não mais. Ali ela estava jogando com sua própria vida, sua vida eterna. Precisava preservar o poder que fechara a sete chaves embaixo da terra, por medo de que, um dia, significasse a diferença entre a vida e a morte.

E de repente — como se as coisas já não fossem terríveis — elas haviam se tornado piores.

E ISSO ACONTECEU no dia 23 de agosto de 1926 com a morte súbita de Rodolfo Valentino.

Apenas três semanas antes, ele conseguiu passar pelos guardas no Coldheart Canyon (como um dos heróis que representava tantas vezes, escalando paredes para chegar à amada) e lhe suplicou que o deixasse ficar ali com ela. Ele não se sentia nada bem, disse, precisava ficar ali no desfiladeiro, onde havia passado tantos momentos felizes, e recuperar-se. E ela respondeu que não. Ele se tornou agressivo e lhe disse — misturando italiano com inglês — que ela era uma puta egoísta. Não era tempo de ela lembrar-se de onde tinha vindo?, disse ele. No fundo do coração, ela era apenas uma camponesa, como ele. O simples fato de agir como uma rainha não a tornava uma delas, ao que ela secamente respondeu que a mesma coisa não podia ser dita a respeito dele. Ele a esbofeteara por ter dito isso. E ela o esbofeteara também, com duas vezes mais força.

Sempre propenso a súbitas reviravoltas emocionais, Valentino começou imediatamente a chorar como um bebê, misturando os soluços com exigências de que, por favor, Deus tivesse piedade dele.

— Eu estou morrendo! — disse, batendo na barriga com o punho fechado. — Sinto isso aqui!

Ela o deixou chorar até ensopar o tapete. Em seguida, mandou que dois de seus brutamontes de aluguel o expulsassem da casa e o jogassem na rua.

Na ocasião, aquilo pareceu um melodrama típico daqueles que Rudy representava: Estou morrendo, estou morrendo. Nessa vez, porém, ele conheceu melhor seu corpo do que ela esperava. E foi o primeiro a pagar o preço final pela visita à Terra do Demônio.

Três semanas depois da lacrimosa conversa, morreu.

A agitação com a morte súbita de Valentino escondeu uma série de incidentes menores, mas que faziam também parte da mesma tragédia que se espalhava. Uma jovem aspirante a estrela chamada Miriam Acker faleceu dois dias depois de Rudy, supostamente de pneumonia. Ela visitou o Canyon em várias ocasiões, geralmente em companhia de Ramon Navarro. Pola Negri — outra visitante — adoeceu gravemente uma semana depois e durante vários dias ficou à beira da morte. Sua fraqueza foi atribuída à dor pela morte de Valentino, com o qual alegava ter mantido um tórrido caso amoroso, embora a verdade fosse muito menos glamourosa. Ela, também, havia caído sob o feitiço da Caçada e, nesse momento, embora negasse o fato, sentia-se doente.

Na verdade, nos poucos meses seguintes, a morte levou um número incomumente grande de luminares de Hollywood. E para cada um que morria havia dez ou vinte que adoeciam, e conseguiam recuperar-se, embora ninguém jamais possuísse novamente toda a saúde anterior ou a beleza sem mácula. A "coincidência" não

passou despercebida de fãs e jornalistas." Uma colheita de morte está varrendo Hollywood", anunciou a Film Photoplay, morbidamente, enquanto um astro após outro segue o maior de todos, Rodolfo Valentino, até a sepultura.

A ideia de que havia alguma espécie de peste incendiou a imaginação do público e foi alimentada generosamente por aqueles que haviam predito, por variáveis razões particulares, que um Dia do Julgamento se abateria finalmente sobre a Cidade das Ilusões. Pregadores que haviam fulminado de púlpito os pecadores da Nova Sodoma apressaram-se a apontar a prova que lhes confirmava os sombrios sermões. E o público, que uma década antes havia se divertido coroando atores e atrizes como a nova Realeza da América, divertia-se também do mesmo modo com o espetáculo da queda da graça. Afinal de contas, eles eram impostores e estrangeiros, concluiu a opinião mais geral, e não era de espantar que estivessem morrendo como moscas. Para começar, haviam chegado ao país como uma praga de ratos.

Hollywood estava indo para o inferno em um carrinho de mão, e por mais rico ou belo alguém fosse, não havia maneira de escapar do custo da vida luxuosa.

NO CANYON, KATYA ousou acreditar que estava em segurança. Acrescentou três cães pastores alemães à sua guarda pessoal e mantinha, dia e noite, pessoal patrulhando o alto dos morros e as estradas que levavam ao desfiladeiro. A comunidade inteira ficou inquieta. Falava-se em luzes vistas no céu, especialmente nas vizinhanças de sepulturas. Surgiu um pequeno número de cultos, todos eles com teorias sobre o que estava acontecendo. Os mais extremados interpretavam as luzes como avisos de Deus: o fim do mundo estava próximo, anunciaram seus líderes, e o povo devia preparar-se para o Apocalipse.

Outros as interpretavam de forma mais benigna. Eram mensageiros de Deus, alegava essa facção, anjos enviados para guiar os mortos, tirá-los dos enredameiUos das confusões mortais e levá-los para a vida seguinte. Se este era o caso, essas presenças celestiais não estavam felizes com o fato de o Inferno ter agora uma fortaleza no Canyon. Embora os mortos fossem até lá, as luzes não iam. Na verdade, em várias ocasiões elas foram vistas no sopé dos morros, três ou quatro delas reunidas em uma nuvem de luminescência, evidentemente sem nenhuma vontade de aventurar-se pelo desfiladeiro.

Por seu lado, Katya interpretava essas notícias como prova de que suas defesas estavam funcionando. Ninguém poderia entrar em seu precioso desfiladeiro.

Ou pelo menos era essa sua convicção.

Na verdade, seu senso de segurança, como tanta coisa mais em uma fragilidade cada vez maior, era pura ilusão.

Certa noite, andando pelo jardim, os cães enlouqueceram subitamente e, da escuridão, saiu Rodolfo Valentino. Aparentemente, a morte não o mudara em nada, tinha a pele tão lisa como sempre, os cabelos lustrosamente penteados, as roupas impecáveis.

Valentino fez uma profunda mesura.

— Minhas desculpas — disse —, por ter vindo aqui. Sei que não sou bem-vindo. Mas, para ser franco, não sei para onde mais eu possa ir.

Não havia indício de falsidade nessas palavras, que pareciam a mais pura verdade.

— Voltei ao Falcon Lair — continuou Rudy—, mas ele foi pisoteado por tantas pessoas que não o sinto mais como meu. Por favor... eu lhe imploro... não tenha medo de mim.

— Eu não tenho medo de você — respondeu Katya, com toda sinceridade. — Sempre houve espíritos em minha aldeia. Nós os víamos o tempo todo. Minha avó costumava cantar para me fazer dormir e estava morta há mais de dez anos. Mas, Rudy, vamos ser honestos. Eu sei por que você está aqui. Você quer entrar para ver a Caçada...

—... apenas por um momento.

— Não.

— Por favor.

— Não! — repetiu ela. — Para dizer a verdade, não quero ouvir nem mais uma palavra sobre isso. Por que você simplesmente não volta para a Sicília?

— Costellaneta.

Deu-lhe as costas e tomou a direção da casa. Ouviu-o seguindo-a, os calcanhares leves na grama, mas suficientemente sólidos.

— É verdade o que dizem sobre você. Coração de gelo.

— Pode dizer o que quiser, Rudy. Simplesmente, me deixe em paz.

Valentino parou de segui-la.

— Você pensa que eu sou o único?— perguntou.

Essas palavras fizeram-na parar.

— Todos eles vão vir para aqui. Pouco importa quantos cães você tenha, quantos seguranças. Eles entrarão aqui. Seu belo desfiladeiro vai ficar cheio de espíritos.

— Deixe de ser infantil — disse Katya, voltando-se para fitá-lo.

— É assim que você quer viver, Katya? Como prisioneira, cercada pelos mortos? É essa a vida que imagina para si mesma?

— Eu não sou nenhuma prisioneira. Posso sair daqui na hora que quiser.

— E ainda ser uma grande estrela? Não. Para ser uma estrela você tem que estar aqui, em Hollywood.

— E daí?

— Daí você vai ter companhia, dia e noite. Os mortos estarão aqui com você, noite e dia. Nós não toleraremos ser ignorados.

— Você continua a dizer nós. Mas só estou vendo você.

— Os outros virão. Descobrirão uma maneira de vir para aqui, mais cedo ou mais tarde. Você sabia que Virgínia Maple se enforcou na noite passada? Lembra-se de Virgínia? Talvez não se lembre. Ela foi...

— Eu conheço Virgínia. E, não, não sabia que ela havia se enforcado. Nem, para ser franca, dou muita bola para isso.

— Ela não conseguiu aguentar a dor.

— A dor?

— De ser mantida longe desta casa. Ser mantida longe da Terra do Demônio.

— Esta é a minha casa. Tenho todo direito de convidar quem quero.

— Você não vê ninguém, a não ser você mesma, certo?

— Oh, por favor, Rudy, nada de sermões sobre narcisismo. E não de você, entre todas as pessoas.

— Agora eu vejo as coisas de maneira diferente.

— Tenho certeza de que vê. Tenho certeza de que lamenta cada momento de obcecação por si mesmo nessa sua vidinha de segunda classe. Mas esse não é realmente problema meu, certo?

A cor do espírito à sua frente mudou de repente. Em um instante, ele se transformou em uma mancha amarela e cinzenta, a raiva desprendendo-se do rosto em ondas palpáveis.

— Eu vou fazê-lo o seu problema — disse ele em voz aguda. Aproximou-se dela em passos largos. — Sua puta egoísta.

— E o que era que o chamavam? — retrucou ela secamente. — Esponja de passar pó-de-arroz, era isso?

Aquilo era um insulto que ela sabia que doeria fundo nele. Apenas um dia antes, um jornalista anônimo do Chicago Tribune havia-o chamado de "uma esponja cor-de-rosa de pó-de-arroz". "Por que alguém não afogou tranquilamente há alguns anos Rudolph Guglielmi, pseudônimo Valentino?", escreveu ele. Rudy o desafiara para uma luta de boxe, quando veriam qual dos dois era mais viril. O jornalista, caro, jamais mostrou a cara. Mas o insulto pegou.

E ouvi-lo nesse momento provocou em Valentino tal fúria que ele se lançou contra Katya, tentando agarrá-la pela garganta. Ela esperara mais ou menos que esse corpo fantasma fosse tão imaterial que as mãos não conseguissem estabelecer qualquer contato real. Mas não foi assim. Embora a carne e sangue de Valentino fossem nesse momento uma urna de cinzas, aquela forma-espírito tinha uma força própria. Sentiu-lhe os dedos na garganta como se fossem feitos de tecido vivo. E lhe cortaram a respiração.

Mas Katya não era uma vítima passiva. Empurrou-o para trás com palma de uma mão, enquanto com a outra lhe arranhava o rosto, da testa até o meio da bochecha. Sangue brotou do ferimento, com um leve cheiro de carne podre. Uma expressão de nojo surgiu na face de Valentino, ao sentir cheiro de seu próprio ser reduzido à condição de excremento. O choque fez com que afrouxasse a empunhadura e ela se soltou rapidamente.

Em vida, lembrou-se Katya, Valentino sempre fora fortemente sensível a cheiros, uma consequência, talvez, do fato de ter sido criado na fedentina da pobreza. A mão dele subiu para o rosto arranhado, ele cheirou os dedos, com uma expressão de asco profundo no rosto.

Katya riu alto ao ver aquilo. A fúria de Valentino perdeu subitamente a força. Foi como se naquele momento compreendesse de súbito as profundezas as quais o desfiladeiro o havia levado.

Nesse momento, de dentro da escuridão veio a voz de Zeffer:

— O que diabo está acontecendo...?

Não terminou a frase. Enxergou Valentino.

— Oh, Jesus Cristo Todo-Poderoso — disse.

Ouvindo o nome de Deus tomado em vão, Valentino — um bom católico, rapaz, isso ele era —, benzeu-se e fugiu para a escuridão.

O PROGNÓSTICO VINGATIVO de Valentino foi inteiramente exato: nas semanas seguintes, o Desfiladeiro do Medo começou a ser assombrado.

No início, os sinais nada tiveram de apavorantes: uma mudança no timbre dos latidos dos coiotes, o corte de todos os botões de rosas em uma única noite, a queda seguinte das pétalas de todas buganvílias, o aparecimento no gramado de um cervo apavorado, lançando olhares vidados para o matagal.

Zeffer era de opinião de que, de alguma maneira, tinham que fazer as pazes com os "nossos hóspedes indesejáveis", como disse, ou as consequências seriam realmente traumáticas. Essas presenças não eram etéreas, observou, flutuando de um lado para o outro em uma confusão infeliz. Se todos fossem iguais a Valentino (e por que não seriam?), constituiriam uma ameaça física.

— Eles podem nos assassinar em nossas camas, Katya — avisou. — Valentino não faria...

— Talvez não Valentino, mas há outros, muitos outros, que a odiavam profundamente. Virgínia Maple, por exemplo. Ela era uma mulher invejosa. Lembra-se? E depois se enforcou por causa de uma coisa que você fez com ela..

— Eu não fiz nada com ela! Eu simplesmente deixei que ela se divertisse naquele maldito salão. Um salão que você trouxe para nossas vidas.

Zeffer cobriu o rosto com as mãos.

— Eu sabia que, no fim, ia dar nisso. Isso mesmo, sou o responsável. Fui um idiota em trazer aquilo para aqui. Eu simplesmente pensei que a divertiria.

Ela lhe lançou um olhar estranhamente ambíguo.

— Quer saber de uma coisa? Divertiu. Como é que eu posso negar isso?

E ainda me diverte. Adoro a sensação que tenho quando entro lá, quando toco nos ladrilhos. Sinto-me mais viva.

Aproximou-se dele e, por um momento, Zeffer pensou que ela ia lhe conceder algum contato físico: um afago, um golpe, um beijo. Na verdade, não se importava com o que fosse. Ela, porém, disse simplesmente:

— Você foi o culpado de tudo isso, Willem. E vai ter que solucionar o problema.

— Mas como? Talvez, se eu pudesse encontrar frei Sandru...

— Ele não vai querer receber os ladrilhos de volta, Willem.

— Não vejo por que não.

— Porque eu não vou deixar que ele faça isso! Cristo, Willem, eu estive lá todos os dias, desde que você me deu a chave. Aquele salão está agora em meu sangue. Se eu perder aquele salão, isso será a minha morte.

— Então, vamos no mudar daqui e levar conosco o salão. Ele foi mudado antes. Deixaremos os espíritos para trás.

— Aonde quer que a Caçada for, eles a seguirão. E, mais cedo ou mais tarde, vão ficar tão impacientes que nos machucarão.

Zeffer concordou com um aceno de cabeça. Havia verdade em tudo isso, amarga como fosse.

— O que foi, em nome de Deus, que nós fizemos?

— Nada que não possamos consertar — respondeu Katya. — Você deve voltar à Romênia e procurar Sandru. Talvez haja alguma defesa que possamos instalar contra os espíritos.

— Onde é que você vai ficar quando eu viajar?

— Aqui mesmo. Não tenho medo de Rodolfo Valentino, vivo ou morto. Nem dessa puta idiota, Virgínia Maple. Se eu não ficar aqui, eles vão encontrar uma maneira de entrar.

— E isto seria tão ruim assim? Por que não dividir o lugar com eles? Nós poderíamos fazer uma pilha com eles no gramado e em seguida...

— Não. Aquele salão é meu. Cada um daqueles malditos ladrilhos.

A tranquila ferocidade com que ela falou silenciou-o. Ele apenas a observou durante talvez um minuto, enquanto ela acendia um cigarro, os dedos tremendo. Finalmente, Zeffer reuniu coragem suficiente para dizer:

— Você está com medo.

Ela olhou pela janela, quase como se não o tivesse escutado. Quando voltou a falar, a voz era tão suave quanto fora áspera um minuto antes.

— Eu não tenho medo dos mortos, Willem. Mas tenho medo do que possa acontecer comigo se eu perder o salão.

Olhou para as palmas das mãos, como se pudesse ver nelas escrito o futuro. Mas não eram as linhas que estava admirando, mas sua maciez.

— Ter estado na Terra do Demônio me fez sentir mais jovem, Willem. E ela fez isso com todos. Mais jovens. Mais sexy. Mas logo que ela for levada daqui...

—... isso mesmo. Você adoecerá.

— Eu jamais vou adoecer. — Pela primeira vez, ela se concedeu um sorriso. — Talvez eu não morra nunca.

— Não seja tola.

— Estou falando sério.

— E eu, também. Não seja idiota. O que quer que você pense que o salão possa fazer, ele não poderá torná-la imortal.

Uma sombra de sorriso permaneceu nos lábios de Katya.

— Você não gostaria disso, Willem?

— Não.

— Apenas um pouquinho?

— Eu disse não. — Sacudiu a cabeça, baixando a voz. — Não mais.

— Significando isso o quê?

— O que você pensa que eu quero dizer? Esta nossa vida... não vale a pena ser vivida.

Caiu um silêncio entre ambos, que durou dois, três, quatro minutos. A chuva começou a açoitar a janela, gotas bojudas quebrando-se no vidro.

— Eu vou encontrar Sandru para você — disse finalmente Willem. — Ou, se não ele, alguém que saiba como lidar com essas coisas. Vou encontrar uma solução.

— Faça isso — ordenou ela. — E, se não conseguir, não se dê ao trabalho de voltar.

PARTE SEIS

A terra do demônio



UM

Todd conhecia razoavelmente bem a mecânica da ilusão. Sempre gostara de ver o trabalho do pessoal de efeitos especiais, ou dos responsáveis por truques, com sua traquitana. Nesse momento, havia uma nova geração de ilusionistas, trabalhando com instrumentos que os pintores e criadores de modelos dos velhos tempos nem sequer poderiam ter imaginado. Trabalhara em uns dois filmes nos quais representara cenas inteiras contra telas verdes vazias, que eram mais tarde substituídas por paisagens que só existiam nas mentes pulsantes de computadores. Mas as ilusões ali eram de um tipo inteiramente diferente. Havia ali em ação uma força que tanto era incrivelmente poderosa quanto antiga, até mesmo venerável. Não precisava de eletricidade para alimentá-la nem de equações para codificá-la. Era sustentada pelas paredes, com uma cautela possessiva, enganando-o aos poucos.

No início, não conseguiu extrair sentido das imagens. Achou apenas que as paredes pareciam muito manchadas. Em seguida, quando os olhos se acostumaram a ler a superfície, reconheceu que estava olhando para ladrilhos e que aquilo que pensara que fossem manchas eram na verdade desenhos, pintados e queimados na cerâmica. Estava no meio da representação de uma paisagem imensa, que quanto mais olhava, mais realista parecia. Viu grandes extensões de matas fechadas, trechos de rochas batidas pelo sol, íngremes paredões, seus desvãos preenchidos por ninhos de aves corajosas. E viu também fios d'água que se transformavam em riachos, que por sua vez se transmutavam em rios faiscantes desaparecendo no horizonte, dividindo-se em deltas orlados de prata, até que finalmente chegavam ao mar. Tal era a profusão de detalhes que precisaria de muitas horas de estudo, talvez mesmo dias, para descobrir tudo que os pintores haviam ali deixado. E isso só aconteceria se as imagens permanecessem extáticas, o que, via nesse momento espantado, não acontecia.

Por toda parte em volta notava pequenos lampejos de movimento. Uma rajada de vento sacudia o emaranhado das folhas de um bosque, uma daquelas aves valentes voava para longe da encosta, três cães de caça farejavam o caminho pela vegetação rasteira, o nariz rente ao chão.

— Katya...? — disse.

Não ouviu resposta às suas costas (onde pensava que ela se encontrava) e olhou para trás. Ela não estava ali. Nem à porta pela qual passara para entrar nesse novo mundo. Havia somente mais paisagens, mais árvores, mais rochas, mais aves descrevendo círculos.

O movimento se multiplicava com cada mudança de olhar. Viu ondulações, os riachos e rios, nuvens sobre o mar, empurradas pelos mesmos ventos que enfunavam as velas dos navios embaixo. E havia homens, também, por todos os lados. Homens montados cruzando a floresta, alguns sozinhos, outros em grupos de três ou quatro, um cortejo de cinco cavalos montados por homens ricamente vestidos, em desfile solene entre as árvores. E pescadores nas margens dos rios e em pequenos barcos, subindo e descendo em volta de bancos de areia no delta e, em um local, inexplicavelmente, dois homens deitados nus sobre uma pedra e, em outra, numa imagem muito mais explicável, outro par pendurado de uma árvore, enquanto os linchadores sentavam-se à sombra da mesma árvore à qual haviam dado esse pecaminoso uso e olhavam para o resto do mundo enquanto dividiam uma jarra de cerveja.

Mais uma vez, olhou em volta à procura de Katya, mas não a viu em lugar nenhum. Mas ela dissera que estaria próxima mesmo que — como nesse momento — não pudesse vê-la. A sala, começou a compreender, assumira o controle de seus olhos. Descobriu que eles eram repetidamente arrastados do lugar onde ela poderia estar, levados para o alto, para ver, boquiaberto, algumas aves que passavam (havia ladrilhos no teto abobadado, notou), puxados para a floresta, onde animais que não podia identificar moviam-se como se participassem de alguma cerimônia secreta, enquanto outros lutavam entre si e ainda outros nasciam. (Embora, nesse mundo, não nascessem de outros iguais a eles. Em um local, um animal com a forma e o tamanho de um tigre dava à luz uma dúzia de lagartos brancos; em outro, uma galinha do tamanho de um cavalo retirava-se em pânico de cima dos ovos, vendo que, quebrados, deles esguichavam enormes moscas azuis.)

Ainda assim, ele continuava a olhar. Ainda assim, continuava a ver e, embora ali houvesse horrores, nada ali fazia-o deixar de ver.

Notou em sua alma uma calma curiosa, um tipo de indiferença sonhadora com sua própria situação. Se tivesse raciocinado sobre o assunto, talvez tivesse concluído que não sentia medo porque nada daquilo parecia ser possivelmente real. Mas não raciocinou. Naquele momento estava além do raciocínio. Além de tudo, na verdade, apenas presenciando. Transformara-se em um instrumento vivo, em uma câmera fotográfica de carne e osso, gravando essa terra de maravilhas. Continuava a girar sobre os tornozelos, em sentido anti-horário, à medida que as vistas lhe atraíam a atenção para a esquerda, novamente para a esquerda, e mais uma vez para a esquerda.

Tudo ali tinha um brilho maravilhoso, como se qualquer divindade que houvesse feito aquilo tivesse a seu comando um exército de trabalhadores, polindo eternamente aquele mundo. Cada folha em cada árvore tinha um brilho próprio, cada pêlo em cada mamífero e cada escama em cada réptil, cada grão de sujeira,

até a merda das pulgas que infestavam o lombo de um javali tinha um encanto próprio. Um rato cheirando a carcaça de um cão com a barriga aberta saiu dali com gotas de podridão nos bigodes, tão encantador quanto os olhos de uma amante. A terra a seus pés (sim, havia ladrilhos ali também, pintados com tanto amor quanto a floresta ou as nuvens) era um exagero de coisas gloriosas: um verme que seu calcanhar havia quase matado era lindo em suas contorções de agonia.

Nada ali havia sido feito sem um motivo. Exceto, talvez, Todd Pickett. E, se esse fosse o caso, não ia contestar esse ponto. Não desejava que fosse mudada ali coisa alguma, incluindo — pela primeira vez em sua vida — ele mesmo.

Esse pensamento — de que estava finalmente em paz consigo mesmo — ocorreu-lhe como uma onda que se quebrava, abaixando uma demorada e consumidora febre. Se ele nada fosse ali, pensou, exceto os olhos com os quais essas coisas estranhas podiam ser glorificadas, então, ótimo. E se, no fim, o ato de olhar o queimasse e acabasse com ele, isso seria ótimo, também, morrer ali, observando esse mundo resplandecente. E não se queixaria.

— Gostou?

Ah, ali estava ela. À sua direita, a uma pequena distância, olhando fixamente para o céu fascinante.

Ele lhe seguiu o olhar e viu alguma coisa que não tinha notado até esse momento: o sol era eclipsado em três quartas partes pela lua. Esse o motivo por que a luz era tão estranha ali. Era a luz de um mundo em semi-escuridão permanente, uma escuridão que inspirara tudo que ali havia para captar seu fogo particular. Para pegar esse último brilho de luz do céu e ampliá-lo, para seu próprio e refinado anúncio.

— Isso mesmo — disse ele, sentindo na voz alguma coisa muito próxima de lágrimas. — Gostei muito.

— Nem todo mundo gosta, claro — respondeu ela, lançando-lhe um olhar. — Algumas pessoas que trouxe aqui ficaram com tanto medo que saíram correndo. E, claro, isso não é uma coisa muito sabida de fazer aqui.

— Por que não?

Ela aproximou-se lentamente dele, examinando-o de alto a baixo enquanto andava, como se para descobrir se ele estava dizendo a verdade e gostava realmente do que via. Aparentemente convencida, beijou-o de leve no rosto, um beijo que parecia quase de congratulações. Ter vindo até ali fora uma espécie de prova, compreendeu. E havia passado no exame.

— Está vendo ali, logo depois da colina? Aquela floresta densa do outro lado.

— Estou.

— Então, está vendo também aqueles cavaleiros vindo por entre as árvores?

— Serão eles a razão por que não devemos fugir?

— São.

— Por quê?

— Eles são caçadores. O Duque Goga, que vem à frente deles, considera todas essas terras como suas.

— Eles estão chegando mais perto.

— Estão, sim.

— Como isso é possível?

— O que você quer dizer com isso?

— Quero dizer, como é possível que eles estejam se aproximando de nós? Eles estão na parede.

— É isso o que você pensa? — perguntou ela, aproximando-se mais dele. — É nisso que você realmente acredita?

Todd ficou calado por um momento e escutou o próprio coração. O que era que ele lhe dizia? O vento soprou forte, frio, em seu rosto. Não era um vento da Califórnia. No alto, o sol permanecia semi-oculto, embora ele soubesse que não havia maneira possível de vê-lo dali, das profundezas da casa.

— Eu estou em outro mundo.

— Ótimo — disse ela.

— E ele é real.

— Mais uma vez, ótimo. E você se incomoda em estar no centro desse mistério?

— Não — respondeu Todd. — Não sei por que e não tenho certeza de que me importe.

Ela o abraçou, com mais força do que em qualquer momento antes e fitou-o bem dentro dos olhos, mais fundo do que em qualquer outra ocasião.

— Isso não importa, meu amor. Esteja ele em minha cabeça, na sua ou na de Deus...

— ... ou na do Demônio?

— ... ou na do Demônio. Não importa. Não para nós.

Ela pronunciou as três últimas palavras quase num sussurro. Todd beijou-a. Compreendeu nesse momento com quanta astúcia ela o havia conduzido — provocando-o com visões grotescas — espíritos e prazeres pecaminosos, demolindo lentamente suas crenças sobre o que era real e não era. Tudo isso como preparação para essa maravilha das maravilhas.

— Nada importa para nós, ahn? — perguntou ele, entre beijos.

— Nós estamos acima de tudo isso — respondeu ela.

Enquanto falava, pôs as mãos entre as pernas de Todd. Ele estava duro como pedra.

— Quer fazer amor comigo?

— Claro que quero.

— Quer voltar para a cama?

— Não. Quero foder você aqui mesmo.

E apontou para o chão duro.

Mais uma vez, ela riu. Esse recém-encontrado ardor nele parecia diverti-la. Levantou o vestido, para que ele pudesse vê-la. Estava nua por baixo.

— Deite-se — disse ele.

Foi o que ela fez, sem precisar que ele repetisse, erguendo e abrindo as pernas aos pés dele, de modo que ele pudesse vê-la inteiramente. Passou a mão por si mesma. Enfiou-a na vagina, tirou-a, úmida, para tocar o ânus.

No chão embaixo, sob os pés, Todd sentiu o ritmo dos cavalos dos caçadores.

O Duque Goga e seu grupo estavam se aproximando. Ergueu a vista para as árvores. Não conseguiu ver mais os cavaleiros: a floresta havia se tornado fechada demais. Mas eles estavam próximos.

Isso pouco importava. Poderia observar os caçadores em outro dia.

Nesse momento tinha um esporte só seu. Desabotoou a calça e puxou o membro para fora. Katya sentou-se imediatamente, pegou-o e começou a acariciá-lo.

— Tão grande.

Talvez fosse, talvez não. Mas gostou de ela ter dito isso e viu nos olhos dela apetite por seu membro, uma expressão que jamais vira antes nos olhos de uma mulher. Ela começou a puxá-lo, não para lhe dar prazer, mas para trazê-lo para ela, para dentro.

Ele se ajoelhou entre os joelhos dela. O vestido era tão leve que podia ser levantado até quase o pescoço, expondo-lhe o ventre e os seios. Baixou o rosto para o estômago liso, lambendo-lhe o umbigo e em seguida subindo para os seios. Sempre fora uma fantasia sua lavar uma mulher com a língua, cada centímetro dela, dos cantos dos olhos à fenda das nádegas, simplesmente para ser seu servo, banhando-a com a língua. Essa era a mulher com quem podia transformar essa fantasia em realidade, sabia. Era a mulher com quem poderia realizar qualquer fantasia e que tinha um corpo que poderia usar livremente, fazendo qualquer coisa que o coração desejasse. Qualquer coisa.

E foi essa a única palavra que lhe escapou dos lábios nesse delírio sexual: —... qualquer coisa.

Mas ela pareceu saber o que aquilo significava porque levantou-lhe o rosto de cima dos seios e lhe sorriu.

— Sim, eu sei — disse ela. — Tudo que você quiser. E quanto a mim...

— Qualquer coisa que você quiser.

Katya segurou a gola da camisa de Todd e puxou-lhe o rosto para mais perto. Beijaram-se, enquanto ela se movia embaixo dele, aparentemente não se importando com a terra dura embaixo das costas nuas. Todd tinha as mãos aos

lados dela para se sustentar. Mas isso era tudo que precisava fazer. Ela era inteiramente capaz de fazer todo o resto. Levantou um pouco os quadris e pegou o membro entre os lábios da vulva, suspirando, e enfiou-se nele com um movimento suave.

Nesse momento, envolveu-lhe o pescoço com os braços e soltou o mais extraordinário dos suspiros: um som de completo abandono.

Todd olhou para baixo, para aquele rosto, com alguma coisa que começou a lhe parecer como adoração impotente. Os polidores que punham um brilho em tudo nesse estranho mundo deviam ter reservado para ela seus melhores trabalhos. A depressão no rosto, a curva escura dos cílios, a fabulosa hierarquia de tons lilás, azul e turquesa em seus olhos eram todos perfeitos.

Ela era quase insuportavelmente bela. E seus olhos ardiam ao vê-la.

— Eu amo você — disse ele.

As palavras saíram com tanta facilidade que foram pronunciadas antes que ele tivesse oportunidade de estragá-las, fazendo delas uma representação. Claro, dissera isso antes, muitas vezes (na verdade, vezes demais), mas nunca dessa maneira. Pela primeira vez, elas lhe pareceram simples. Simples e verdadeiras. Katya ergueu a cabeça do chão, até que os lábios dela quase tocaram os seus.

— Eu amo você também — disse.

— Ama?

— Você sabe que sim. Você é aquele por quem esperei, Todd. Durante todos estes anos. Fui paciente, porque sabia que você viria.

Abriu a boca para ele, envolvendo-lhe inteiramente os lábios. Em seguida, ainda abraçada a ele, começou a puxar-se um pouco dele, até que a cabeça do membro de Todd estava prestes a voltar para o ar e em seguida envolveu-o mais uma vez, até a raiz.

O chão reverberou fortemente nesse instante. Todd sentiu a vibração nas palmas das mãos.

— Os caçadores... — disse.

— Isso mesmo — respondeu ela, como se eles não tivessem muita importância. — Goga está perto. Temos que ficar absolutamente imóveis até que ele passe.

Puxou Todd mais para cima. Ele não podia ver ainda os caçadores, mas o barulho ainda assim aumentava. As reverberações fizeram com que dançassem em volta de sua cabeça pequenos pedaços de pedra, decorados com minúsculos fragmentos de fósseis.

Finalmente, eles apareceram no alto da crista de uma colina, a uns 25m ou 30m do lugar onde eles se encontravam, engatados um no outro.

Eram cinco e parecia que cavalgavam há muito tempo. Os cavalos estavam lustrosos de suor, e os homens — todos eles vestidos com túnicas em frangalhos -

mostravam sinais de fadiga extrema. Mas até mesmo a exaustão deles tinha uma espécie de beleza lívida. A pele deles era tão brilhante, ou mais brilhante, do que os ossos que escondiam; os olhos, profundamente engastados nas órbitas, tinham um brilho febril. Todd não ficou surpreso por parecerem tão arrasados, dados os tipos de animais que entrevira por ali.

Sim, havia javalis e garanhões, mas também outros tipos de criaturas, muito menos fáceis de categorizar, animais que davam a impressão de que o Demônio colaborara em sua criação. Caça letal, sem dúvida. Na verdade, havia sinais de que aquele grupo havia sido atacado recentemente. Um dos cavalos tinha certo número de cortes profundos na anca e o homem que o montava havia evidentemente sofrido também na luta. O braço esquerdo pendia mole e uma grande mancha de sangue escuro havia se espalhado de um local na axila e cobria um terço do torso. A dor repuxava-lhe os lábios de cima dos dentes e ele tinha as pálpebras caídas.

Mesmo que Katya não tivesse dado o nome do líder, Todd teria notado que ele era de uma ordem social mais alta de que seus companheiros, montava um cavalo de raça mais apurada do que os outros, com a crina e cauda entrançadas. Quanto ao cavaleiro, ele estava tão belamente penteado quanto sua montaria, a barba preta e cheia bem-aparada e os cabelos longos um pouco mais limpos do que os dos outros. Mas à parte esses detalhes cosméticos, não estava em melhor situação do que seus comandados. Tinha os olhos bem fundos nas fossas oculares e o crânio e corpo, a despeito da posição espigada na sela, revelava uma profusão de pequenos tiques, como se ele não se sentisse bem dentro da própria pele. Com a mão esquerda, segurava as rédeas do cavalo, enquanto a direita repousava no punho da espada, pronto para desembainhá-la a qualquer momento.

Todd jamais havia trabalhado em um filme medieval — tinha um rosto moderno demais e seus dotes como ator eram demasiado rudimentares para que a plateia acreditasse que ele fosse outra coisa que não um homem moderno.

Mas tinha assistido sua quota de filmes épicos, o tipo que Heston fizera na década de 1950 e princípios da de 1960, tudo na base do palavreado bombástico e de poses estudadas. Os homens que se aproximavam deles em nada se pareciam com os heróis bem-alimentados desses filmes épicos. Tinham o corpo mirrado e uma expressão tão intensa no rosto que pareciam mais loucos fugidos de um hospício do que caçadores.

Goga ergueu a mão direita (da qual faltavam dois dedos) e com um gesto silencioso ordenou que o grupo diminuísse o avanço. Os cavaleiros — notando a apreensão do líder — começaram a vasculhar a paisagem em volta, procurando sinais de inimigos, quem quer ou o que quer que fosse.

Todd permaneceu absolutamente imóvel, exatamente como Katya o havia instruído. Se esses homens tivessem sido pistoleiros, descrevê-los-ia como se

coçando para atirar. Evidentemente, estavam nervosos e exaustos.

Não seria bom provocá-los.

Mas mesmo enquanto estava deitado ali, mal ousando respirar, sentiu Katya descer a mão por entre suas pernas e começar a lhe acariciar os testículos. Dirigiu-lhe um olhar espantado, que ela retribuiu com um pequeno sorriso travesso. Acariciou-o até provocar uma ereção completa e em seguida mexeu habilmente o corpo, de modo que, mais uma vez, ele ficou inteiramente dentro dela. A sensação lhe pareceu ainda mais extraordinária do que momentos antes. Sem aparentemente mover os quadris, ela conduziu a produção de ondas de movimento para cima e para baixo no canal da vagina, massageando-o.

Durante todo esse tempo, os ginetes se aproximavam e, quanto mais perto chegavam, mais em desespero pareciam estar. Eles eram homens que aparentemente viviam em um estado constante de medo, a julgar por suas expressões. Um dos quatro acompanhantes do Duque, o mais velho e mais assustado, murmurou uma oração enquanto continuava a cavalgar, tendo numa mão tensa uma cruz de madeira simples, que mais de uma vez beijou, como se procurando conforto.

Todd estava em um estado entre êxtase e pânico. Não ousava se mover, mesmo que quisesse fazer isso. Katya, enquanto isso, tinha plena liberdade para fazer o que queria com suas terminações nervosas. Todd não movia os quadris, nem precisava fazer isso. Durante todo esse tempo, movimentos internos de Katya, quase de palpação, tornavam-se mais refinados, levando-o cada vez mais para a perda total do controle.

Ele sempre fora um amante ruidoso, às vezes até de forma embaraçosa. (Uma noite memorável com uma namorada em uma suite no Chateau Marmont havia sido prematuramente interrompida quando o gerente ligou para o quarto dizendo que os ocupantes de uma suite contígua não conseguiam dormir por causa de seus gemidos.) Nesse momento, o melhor que podia fazer era morder os lábios e fazer um esforço de vontade para não emitir nenhum som.

Os ginetes estavam nesse momento tão próximos que não ousou mover a cabeça para olhá-los. Mas podia ver alguma coisa pelo canto do olho.

O Duque deu uma ordem, em romeno:

— *Stai! N-auzi ceva?*

Os homens sofream os cavalos, o Duque a não mais de quatro metros do lugar onde estavam ele e Katya, estirados no chão. Não fosse o fato de o eclipse tornar a luz ali tão enganadora, o par teria sido certamente visto e liquidado, um único golpe de espada cortando-os ao meio em um instante.

Mas tanto quanto Todd podia enxergar, aqueles homens olhavam para mais longe, à procura da presa, vasculhando a paisagem distante e não o chão a poucos metros

das patas dos cavalos.

Ouviu outra exclamação do Duque e, desta vez, a resposta de um dos cavaleiros. E teve a impressão de que eles estavam escutando alguma coisa. E passou a escutar, juntamente com eles. O que poderia ouvir? Nada fora do comum. O pio das aves, brigando no alto, a respiração pesada e as fungadelas dos cavalos, a batida das rédeas contra seus pescoços maciços. E, mais perto, a respiração de uma mulher embaixo de seu corpo e — um som ainda mais baixo — o clique rítmico de uma barata enquanto andava cuidadosamente sobre as pequenas pedras perto de sua mão. E, mentalmente, tudo isso acontecendo em volta do espaço saboroso onde seus corpos estavam, as aves e os cavalos, as pedras e a barata, em órbita em torno de seu prazer.

Ela, ali embaixo, lhe observou o sorriso e, com a menor das contrações da vulva, levou-o ao ponto sem retorno. Dentro de sua cabeça, um relâmpago surgiu e momentaneamente apagou tudo. Ela saiu do nevoeiro para encontrá-lo, com os olhos semifechados, as pupilas tão grandes sob as pálpebras que pareciam expulsar dali a esclerótica. Em seguida, as pálpebras tremeram e se fecharam por completo e Todd começou a esguichar dentro dela. Não poderia ter parado mais, mesmo que sua vida dependesse disso. Não. E dependia. Ainda assim, soltou um soluço de alívio...

Ouviu um berro. O Duque dava nesse momento uma ordem. Embora as palavras não fizessem sentido para ele, Todd ainda assim ergueu a vista, enquanto o corpo continuava em seus movimentos espasmódicos. O homem que havia desmontado dirigia-se para eles, desembainhando a espada.

Mais uma vez, o Duque falou:

— *Cine sunt acesti oameni?*

Ele, obviamente, queria saber, com todos os diabos, quem eram essas pessoas, porque, como resposta, os outros encolheram os ombros. O último espasmo passou e, com ele, aquela sensação idiota de sua própria inviolabilidade.

O êxtase desapareceu. Ele estava vazio e era novamente mortal.

O homem a seu lado deu-lhe um pontapé com tanta força que o lançou para longe de Katya. Rolou no chão, o que provocou riso do mais jovem daqueles homens, ao ver os amantes, melados, serem separados.

O Duque dava nesse momento outras ordens. Em resposta, outro dos ginetes desmontou, a espada na mão. Todd cuspiu a terra que lhe enchia a boca e fez uma tentativa de empurrar o membro, nesse momento cada vez mais murcho, para dentro da calça, antes que ele se transformasse em alvo.

Katya continuava deitada no chão (embora, também, conseguisse cobrir a nudez). O primeiro homem que havia desmontado estava de pé ao lado dela, a espada baixa e a não mais de uns 5 ou 7 cm de seu pescoço alvo e esguio.

As primeiras palavras a saírem da boca de Todd foi:

— Por favor...

O nobre olhava-o com uma expressão estranha no rosto, parte divertimento, parte desconfiança.

— Eu não sei se o senhor pode me compreender — disse Todd —, mas nós não queríamos fazer mal a ninguém.

Olhou para Katya, que nesse momento olhava para a lâmina que a ameaçava.

— Ele não entende o que você está falando — disse ela. — Eu vou tentar.

— Nesse momento, começou a falar na língua do nobre: *Doamtte, eu siprietenul meu suntem vizitatori prin locurile astea. N-am stut ca esteproprietateadomniei tale.*

Todd observou-a e escutou-a, perguntando ao mesmo tempo a si mesmo o que diabo ela estava dizendo. A explicação dela, porém, o que quer que fosse, não parecia estar fazendo grande coisa para mudar as circunstâncias em que os dois se encontravam. A espada continuava apontada para a garganta, enquanto o segundo ginete chegava a um ou dois metros de Todd, movendo a lâmina de uma forma altamente ameaçadora.

Todd olhou novamente para o Duque. Havia desaparecido a expressão de divertimento que vira antes. Nesse momento, só desconfiança. Ocorreu-lhe que Katya errara em falar na língua daquele homem, que talvez ela houvesse apenas aprofundado as suspeitas dele, de que os dois fossem mais do que intrusos em alto estado de excitação sexual.

Sentiu uma picada no peito, a ponta fria da espada pressionando-lhe a pele. Uma pequena poça de sangue já se formava ali, espalhando-se pelo tecido da camisa.

Katya havia se calado — talvez se dando conta, pensou Todd, de que estivesse fazendo mais mal do que bem —, mas nesse momento voltou a falar, implorando o que quer que fosse.

O homem montado no cavalo ataviado ergueu a mão.

— *Liniste* — disse.

Ele, obviamente, havia lhe dito que calasse aquela droga de boca, porque foi isso exatamente o que ela fez.

O vento trouxe um som que, imediatamente, pôs todos os ginetes em estado de alerta. Em algum lugar não muito distante, um bebê chorava, um som lamentoso que — embora fosse certamente humano — lembrou-lhe o ruído que os coiotes faziam em algumas noites no desfiladeiro.

Após alguns momentos de escuta, o Duque emitiu uma série de ordens:

— *Lasati-i! Pe cai! Ala-i copilul!*

Os dois homens que o vinham ameaçando e a Katya com espadas voltaram às suas montarias. O choro da criança pareceu sumir por um momento e Todd teve medo

de que cessasse por completo e que os ginetes voltassem a ameaçá-los. Mas, nesse momento, o bebê pareceu achar outro veio de sofrimento para explorar e o lamento subiu novamente, mais triste do que nunca.

Palavras mais urgentes foram trocadas entre os ginetes, apontando na direção de onde vinha o som.

— *Este acolo! Grabiti-va!*

— *In padure! Copilul este in padure!*

Katya e Todd foram inteiramente esquecidos. Nesse momento, todos eles já estavam montados e o Duque galopava para longe, deixando os cansados companheiros para segui-lo em meio à poeira.

Todd sentiu uma curiosa sensação de traição, como nas vezes em que uma história toma um rumo inesperado. Parecia-lhe inteiramente correto que tivesse vindo a esse mundo escurecido por um semi-eclipse e sido sangrado pelo efeito da ponta de uma espada. Mas não que o homem que o havia ameaçado tivesse se afastado à procura de um bebê que chorava.

— O que, diabo, está acontecendo aqui? — perguntou, inclinando-se para ajudar Katya a se levantar.

— Eles ouviram Qwaftzefoni, o filho do Demônio— explicou ela.

— Quem?

Katya olhou na direção para onde os ginetes haviam seguido. Eles já estavam a meio caminho da linha de árvores densamente juntas, das quais parecera que vinha o triste chamado, desaparecendo aos poucos no quarto de luz que ali havia como se estivessem sendo apagados.

— Isso é uma história muito comprida — disse Katya. — Eu a ouvi pela primeira vez quando era criança... e ficava com medo...

— Ficava? — perguntou Todd.

— Ficava, sim.

— Bem — disse Todd, um pouco impaciente —, vai ou não me contar?

— Eu não sei se não vai lhe dar medo, também.

Com a parte carnuda da mão, Todd limpou o sangue do peito. Notou que ali havia um corte profundo, que imediatamente voltou a se encher de sangue.

— Conte, de qualquer maneira — pediu.



DOIS

Embora tenha sido Zeffer quem se ofereceu para explicar o que havia nas profundezas da casa, coube a Tammy iniciar a conversa com uma pergunta que a vinha incomodando desde que entrou naquele lugar. Voltou à mesa da cozinha, onde esteve antes comendo o bolo de cereja, sentou-se e disse:

— Do que é que você está com medo?

— Eu já lhe disse duas ou três vezes: eu não devia estar aqui. Ela vai ficar zangada.

— Isso não responde à minha pergunta. Katya é simplesmente uma mulher, pelo amor de Deus. Pois que fique zangada!

— Você não faz ideia do que ela pode ser.

— Por que não experimenta me dizer? Nesse caso, eu talvez entenda.

— Dizer... — continuou ele em voz seca, como se o pedido dela fosse impossível.

— Como posso lhe dizer o que este lugar presenciou? O que eu era? O que ela era?

— Tente.

— Não sei como — prosseguiu ele, a voz tornando-se mais fraca, uma sílaba após outra, até que ela teve certeza de que ele ia fraquejar e emudecer.

Zeffer sentou-se à sua frente na mesa, mas nada disse.

— Muito bem — começou Tammy. — Deixe eu lhe dar uma ajudinha. — Pensou por um momento e em seguida disse: — Comece com a casa. Diga por que foi construída. Por que você está aqui. Por que ela está aqui.

— Naquele tempo, nós fazíamos tudo juntos.

— Quem é ela?

— Eu lhe digo quem ela era: ela era Katya Lupi, uma grande estrela do cinema. Uma das maiores, é o que diriam algumas pessoas. E, no seu tempo, esta casa era uma das mais famosas de Los Angeles. Um dos grandes palácios de sonhos.

— E o resto do desfiladeiro pertencia também a ela?

— Pertencia, sim. O Coldheart Canyon. Era o nome que lhe davam. Ela tinha uma reputação, entenda, de ser uma fria puta. — Sorriu, embora a expressão fosse mais de pesar do que de humor. — E a merecia.

— E aquelas coisas lá fora?

— Que coisas?

— Que coisas? — repetiu Tammy, um pouco impaciente. — Os monstros. As coisas que me atacaram.

— Aqueles? Eles são os filhos dos mortos.

— Você diz essas coisas de modo tão indiferente. Os filhos dos mortos. Acredite ou não, em Sacramento mortos não têm filhos. Eles simplesmente apodrecem em

silêncio.

— A situação aqui é diferente.

— Willem, não quero saber como é diferente: os mortos não podem ter filhos.

— Você os viu. Acredite em seus próprios olhos.

Tammy sacudiu a cabeça. Não de descrença, mas de frustração. Como é que podia acontecer que as regras do mundo funcionassem de uma maneira em um lugar e de modo tão diferente em outro?

— A verdade é: eu não sei — respondeu Zeffer, respondendo à pergunta muda. — Durante anos, os espíritos cruzaram com animais e os resultados são essas coisas. Talvez os mortos estejam mais próximos da condição dos animais. Não sei. Só sei que eles são reais. Eu os vi, também. Você os viu. Eles são híbridos. Às vezes, há neles uma espécie de beleza. Mas, na maioria das vezes... são feios como o pecado.

— Tudo bem. De modo que aceito que sejam híbridos. Mas por que aqui? É coisa dela?

— De uma maneira indireta, acho... — Pensou por um momento e em seguida: — Aparentemente com um grande esforço, como se, desde que haviam entrado na casa, uma vida inteira de sofrimento tivesse se emparelhado com ele. — Levantou-se.

Foi até a pia, abriu a torneira toda. Em seguida, fazendo uma concha com a mão, levou água à boca e bebeu ruidosamente. Feito isso, fechou a torneira e, por cima do ombro, olhou para ela.

— Sei no fundo do coração que você merece saber de tudo. Afinal de contas, você passou por tudo isso. Ganhou o direito à verdade. — Virou-se inteiramente para ela. — Mas, antes de lhe dizer, quero deixar claro que não tenho certeza de compreender isso muito mais do que você.

— Eu não entendo nada — confessou Tammy.

Zeffer inclinou a cabeça, concordando com essas palavras.

— Muito bem, então. Como é que vou começar? Ah, sim, Romênia. Levou a mão ao rosto e secou o resto de água nos lábios. — Katya nasceu com o nome de Katya Lupescu, na Roménia. Em uma pequena aldeia chamada Ravbac. No verão de 1921, pouco antes de termos construído esta casa, voltei com ela à sua terra natal porque a mãe dela estava doente e ninguém esperava que vivesse mais um ano.

— Ela foi criada na mais absoluta pobreza. Abuso e pobreza. Mas, nesse momento, ela era uma grande estrela do cinema, voltando para casa e, na verdade, era extraordinária a maneira como ela havia se transformado. Desde aquelas origens até a mulher que se tornou.

— De qualquer maneira, perto da aldeia onde Katya nasceu havia uma fortaleza, que era administrada pela Ordem de São Teodoro e que tinha a missão de conservar aquele lugar. Quando chegamos, Katy e eu saímos para um passeio, mas

ela não estava muito interessada na velha fortaleza e em monges com mau hálito. O monge que me serviu de guia deixou bem claro que a Ordem enfrentava tempos difíceis e que os Irmãos precisavam vender tudo que pudessem. Tapeçarias, cadeiras, mesas. Tudo estava à venda.

— Para ser franco, nada disso me interessava muito e eu estava pronto para ir embora.

— Nessa ocasião, o monge disse: Quero lhe mostrar uma coisa especial. Eu pensei: que diabo, vão ser apenas mais dez minutos. Ele me levou por vários lances de escada para um salão como eu jamais tinha visto igual.

— O que havia nele?

— Era decorado com ladrilhos— milhares deles —, todos pintados, de modo que quando entrei no salão foi quase como se... foi como se eu estivesse entrando em um outro mundo.

Calou-se, como se estivesse recordando aquele momento, ainda apavorado com ele, depois de todos esses anos.

— Que tipo de mundo? — perguntou Tammy.

— Um mundo que era ao mesmo tempo absolutamente real e inteiramente inventado. Havia espaço para o céu, o mar, aves e coelhos. Mas, também, na mistura, uma pitada de inferno, apenas o suficiente para tornar as coisas mais interessantes para as pessoas que viviam naquele mundo.

— Que pessoas?

— Bem, um homem em particular. O Duque Goga. E ele estava ali nas paredes, em uma caçada que duraria até o fim dos tempos.

— **O HOMEM MONTADO NO** cavalo era o Duque — disse Katya.

— Isso eu compreendi — respondeu Todd.

— Ele viveu há muito tempo. Não sei exatamente quando, porque, quando somos pequenos, não ligamos para essas coisas de detalhes. Lembramos, sim, da história. E a história foi a seguinte:

"Em certo dia do outono, o Duque saiu para uma caçada, o que ele fazia o tempo todo — era seu esporte favorito — e viu o que pensou que era um bode preso em umas moitas de roseira brava, espinhosa. Desceu do cavalo, dizendo aos homens que queria matar pessoalmente aquele animal. Odiava bodes, tendo sido atacado por um e sido machucado quando criança. No rosto ainda

tinha cicatrizes do ataque, que doíam em tempo frio, e tudo isso ajudava a manter vivo seu ódio por bodes. Talvez fosse uma coisa insignificante, esse ódio. Mas, às vezes, coisas insignificantes são nossa perdição. Não há dúvida de que Goga não teria perseguido aquele bode por tanto tempo se não tivesse sido ferido em criança. E nesse momento — tornando as coisas ainda piores —, ao aproximar-se do

animal, a história virtualmente se repetiu. O animal empinou-se, atacando o Duque com os cascos pretos e lhe quebrando o nariz.

"Goga ficou uma fera, transtornado de fúria! Ser ferido duas vezes por um bode! Voltou a montar, sangue escorrendo do nariz quebrado e saiu em busca do animal, correndo pela floresta para pegá-lo. A escolta seguiu-o, porque tinha o dever de acompanhá-lo aonde quer que ele fosse. Mas os homens da escolta começaram a desconfiar de que havia alguma coisa estranha com o caminho que estavam seguindo e que seria muito melhor para todos se dessem a volta e regressassem à Fortaleza.

— Mas Goga não queria nada disso?

— Claro que não. Estava resolvido a matar o animal que o havia atacado. Queria vingar-se dele. Queria atravessá-lo com a espada, arrancar-lhe o coração e comê-lo cru. Era esse o tipo de raiva que sentia.

"De modo que ele continuou a cavalgar. A escolta, por lealdade, continuou a segui-lo para mais longe da Fortaleza e dos caminhos que conheciam, mergulhando nas profundezas da floresta. Com o tempo, até o Duque começou a compreender que aquilo que seus homens murmuravam era verdade: havia ali, escondidas, criaturas que jamais haviam sido criadas por Deus. Viu entre as árvores animais que não constavam de nenhum dos bestiários que possuía na fortaleza. Criaturas estranhas, atrozes."

Enquanto Katya contava a história, Todd lançou um rápido olhar para a massa de árvores onde haviam desaparecido Goga e sua escolta. Seria aquela a Mata Fechada que ela acabava de descrever? Certamente que sim. Os mesmos cavaleiros. As mesmas árvores. Em outras palavras, ele estava no meio da história de Katya.

— De modo que... o Duque continuou a cavalgar, incansável, acicatando o pobre cavalo enquanto seguia o bode, que fugia aos saltos e penetrava cada vez mais fundo na floresta, até que chegaram a um lugar onde nenhum ser humano jamais havia se aventurado. A essa altura, todos aqueles homens, até os mais leais, os mais valentes, imploravam ao Duque que os deixasse voltar. O ar era acre e sulfuroso e, sob as patas dos cavalos, eles ouviam o som de gente soluçando, como se almas tivessem sido enterradas vivas na terra preta e fumegante. O Duque, porém, não admitia ser demovido de seu desejo ardente. Que tipo de homens vocês são se não têm coragem de seguir um bode?

— perguntou a seus acompanhantes Onde está a fé de vocês em Deus? Não há perigo aqui para nós, se nossos corações são puros.

"E assim eles continuaram a cavalgar, os homens rezando em silêncio pela segurança de suas almas.

"No fim, após uma longa perseguição, a presa foi avistada novamente. O bode se encontrava em um bosque tão antigo que as árvores pareciam ter sido plantadas antes do Dilúvio, em cujas raízes emaranhadas cresciam cogumelos que desprendiam o cheiro de carne podre. O Duque apeou, sacou a espada e aproximou-se do bode.

"O que quer que sejas—disse ele ao animal —, toma tua última respiração."

— Boa fala — observou Todd.

— O animal ergueu-se sobre as patas traseiras, como se fosse, pela terceira vez, atacar o Duque. Goga, porém, não lhe deu essa oportunidade. Rapidamente, enterrou a espada na barriga do animal.

"Logo que sentiu a espada rasgando-lhe as carnes, o bode abriu a boca e soltou um triste lamento..."

Katya parou e observou, esperando que ele encaixasse essas pessoas nos seus devidos lugares.

— Oh, Cristo — disse Toddy. — Como se fosse um bebê?

— Exatamente igual a um bebê. Ouvindo o triste som humano escapando do animal, Goga puxou a espada de dentro do corpo do bode, porque teve certeza de que alguma coisa terrível estava acontecendo. Você já viu um animal ser sacrificado?

— Não.

— Bem, há um bocado de sangue. Muito mais do que a gente pensa que possa haver.

— E foi assim nessa ocasião?

— Foi. O bode se debateu em uma poça vermelha, as patas traseiras batendo na terra úmida e respingando sangue em Goga e seus homens. E enquanto fazia isso, começou a se transformar.

— No quê?

Katya teve aquele sorriso de contador de histórias que tem a plateia presa nos lábios devido a uma inesperada mudança de rumo.

— Em uma criancinha — explicou. — Um menino, um menininho nu, com um toquinho de cauda, olhos amarelos e orelhas de bode. Nesse momento, portanto, o Duque estava olhando para um menino-bode contorcendo-se num chão de terra e sangue. O terror supersticioso sentido por sua gente apossou-se nesse momento dele, também. E começou a recitar uma oração.

— *Tatal Nostru care ne esti in Ceruri, sfinteasca-se numele Tau. Fie Imparátia Ta, faca-se voia Ta, precum in cer asa sipepamânt.*

Todd escutou as palavras estranhas, sabendo pela cadência que aquilo não era qualquer oração, mas o Pai-Nosso.

— *Pâinea noastră cea de toate zilele dane-o noua azi si ne iartă nouă greselile noastre.*

Todd examinou a paisagem enquanto a prece era repetida, notando que nada havia mudado desde que a vira pela primeira vez. A luz do eclipse mantinha tudo ali como que em suspensão: as árvores, os barcos, os linchadores em sua árvore.

A sensação de prazer que sentira ao chegar ali diminuiu um pouco enquanto Katya contava a história, e foi substituída nesse momento por profunda inquietação. Queria dizer-lhe que parasse com aquilo, mas que razão poderia dar sem parecer covarde?

E ela continuou:

— O Duque recuou, deixando a espada enterrada no corpo do menino-bode. Queria voltar a montar e ir embora dali, mas o cavalo tinha fugido, aterrorizado. Disse a um dos homens que desmontasse e lhe cedesse o cavalo, mas, antes que ele pudesse obedecer, o chão embaixo começou a tremer violentamente e uma grande fenda se abriu no chão à frente deles.

"Aqueles homens sabiam o que estava acontecendo. Aquilo era a própria boca do Inferno, aberta na terra aos seus pés. Tinha uns 10,15 metros de largura e as raízes daquelas árvores antigas forravam-na como as veias de um corpo esfolado. Fumaça subia do buraco, com a fedentina de todas as coisas impuras imagináveis, e muito do que não era isso. Era um cheiro tão acre que o Duque e os homens começaram a chorar como se fossem crianças.

"Meio cego pelas próprias lágrimas e sem um cavalo para montar, Goga não teve opção senão ficar onde estava, à beira da Boca do Inferno, perto do lugar onde jazia sua vítima. Arrancou as luvas das mãos e fez o que podia para secar as lágrimas.

"Enquanto fazia isso, viu alguém saindo da terra. Era uma mulher, cujos longos cabelos se arrastavam por mais de um metro no chão. Estava nua, salvo por um colar de pulgas brancas, com olhos que queimavam como fogo em suas minúsculas cabeças. Milhares delas, movendo-se de um lado para o outro no pescoço e no rosto da mulher, muito ocupadas no trabalho de embelezá-la.

"Mas ela não olhava para o Duque. Seus olhos preto-avermelhados, sem cílios nem sobrancelhas, estavam pousados no menino-bode. No tempo que passou para a boca do Inferno se abrir, a vida do menino havia se esvaído. Nesse momento, só havia ali um cadáver na terra molhada.

"Você matou meu filho — disse a mulher, saindo da boca do Inferno. —

— O meu belo Qwaftzefoni. Olhe para ele. Só um menino. Ele era perfeito. Era minha alegria. Como foi que você pôde fazer uma coisa tão cruel assim?

"Nesse momento, um dos ginetes, atrás do Duque, tentou fugir dali, esporeando o cavalo. A mãe do menino-bode levantou a mão, e uma rajada de vento subiu das profundezas do Inferno, tão forte que lhe lançou os cabelos em volta e para a sua frente, como se fossem milhares de dedos filamentosos apontando para o homem que fugia. Mas ele não foi muito longe. O vento que ela invocara estava cheio de farpas, como se fossem mudas impuras de dez mil flores. As farpas transformaram-se em um espiral enquanto voavam e prenderam o homem em um rodopio de minúsculos anzóis. Cego pelo ataque, o homem caiu do cavalo e tentou correr mais do que as farpas. Mas elas estavam fincadas nele e continuavam a se mover, cercando-lhe o corpo, de tal modo que as carnes da vítima foram desenroladas como uma bola de barbante vermelho. E ele gritou quando o primeiro círculo lhe arrancou a pele e redobrou os gritos quando uma segunda nuvem de farpas prendeu-se nos músculos em carne viva e repetiu todo o terrível ciclo. Tendo arrancado pedaços dos tecidos do homem, as farpas desceram em espiral sobre ele, preparando a vítima para o terceiro e quarto ataques. Nesse momento, os ossos eram visíveis, mas os gritos haviam cessado. Ele caiu de joelhos e tombou para a frente dentro dos retalhos de carne que nesse momento era, morto.

"No alto, abutres descreviam círculos, prontos para se fartarem logo que o corpo fosse abandonado.

"Esse homem é o felizardo entre vocês — disse a mulher, dirigindo-se ao Duque. — Ele escapou de sofrer muito. Vocês, porém, sofrerão por muito tempo e atrozmente pelo que fizeram hoje.

"Ela olhou para o cadáver do menino-bode, os cabelos rastejando em volta de seus pés para ir acariciar ternamente o corpo da criança.

"O Duque caiu de joelhos, cruzando as mãos enquanto fazia sua defesa. 'Senhora', disse, falando em sua língua nativa, 'isto foi um acidente. Eu acreditava que o menino era um animal. Ele fugia de mim na forma de um bode.'

"Essa é a forma escolhida pelo pai dele em certas noites — respondeu a mulher.

"Goga, naturalmente, sabia o que isso significava. Só o Demônio assumia a forma de bode. A mulher estava lhe dizendo nesse momento que era Lilith, a esposa do Demônio, e que a criança que ele matara era o filho de ambos. Isso não era uma boa notícia, quando muito um eufemismo. O Duque escondeu tanto quanto podia seu pavor, mas era pavor o que sentia. Estar ali à beira do Inferno, acusado de crime cuja prova estava ali a seus pés, era uma perspectiva aterrorizante. Perderia a alma, como castigo, temia. Tudo que podia fazer era repetir o que já dissera: 'Eu pensei que o menino fosse um bode. Foi um erro grave de minha parte e eu me arrependo do fundo do coração...' 'A mulher ergueu uma mão para silenciá-lo. Meu marido teve setenta e sete filhos comigo. Qwaftzefoni era o favorito. O que vou dizer quando ele chamar o filho amado e ele não vier, como sempre?

"O Duque mal tinha ainda uma gota de saliva na boca que pudesse usar para falar. Mas usou o pouco que tinha para responder: 'Eu não sei o que a senhora vai dizer.'

"O senhor sabe quem é o meu marido, não sabe? E não me insulte fingindo inocência.

"Acho que ele é o Demônio, madame — respondeu Goga.

"É isso mesmo que ele é — continuou a mulher. — E eu sou Lilith, sua esposa número um. Quanto, agora, o senhor pensa que vale sua vida?

"Goga pensou por um momento. Em seguida, disse: 'Que Cristo salve minha alma. Receio que minha vida não valha nada.'"

— **DE MODO QUE** — disse Zeffer —, a caçada de Goga estava pintada em todas as paredes desse salão. Não apenas nas paredes. No teto, também. E no chão. Cada centímetro do local era coberto com o gênio do pintor e do ladrilheiro. Era espantoso. E eu pensei...

— Que daria essa coisa espantosa à mulher que idolatrava.

— Isso mesmo. Foi exatamente isso o que pensei. Afinal de contas, era algo único. Algo estranho e maravilhoso. Mas essa não era a única razão por que queria comprá-lo, agora que me lembro. Aquele local exercia um poder sobre mim. Eu me sentia mais forte naquele salão. Mais vivo. Era um truque, claro. O salão queria que eu o libertasse...

— Como é que um salão pode querer alguma coisa? — perguntou Tammy. — São apenas quatro paredes.

— Acredite em mim, aquele salão não era comum — disse Zeffer. Baixou a voz, como se a própria casa o estivesse escutando. — Ele foi mandado fazer, acho, por uma mulher chamada Senhora Lilith. A mulher do Demônio.

Essa informação, de um tipo inteiramente diferente, deixou Tammy sem fala. Em sua experiência até aquele momento, havia descoberto que o desfiladeiro era um local de coisas grotescas e, quanto a isso, nenhuma dúvida. Mas todas elas originárias de seres humanos, por mais enlameado que fosse o caminho. Mas, o Demônio? Isso era uma outra história, muito mais profunda do que tudo que havia conhecido até aquele momento. Ainda assim, talvez, a presença do Demônio, ou o eco de sua presença, não era fora de propósito. Ele não era às vezes chamado de O Pai da Mentira? Se ele e suas obras tinham um lugar no mundo, Hollywood era provavelmente um local tão bom quanto qualquer outro.

— Você tinha alguma ideia do que estava comprando? — perguntou a Zeffer.

— Tinha uma noção muito vaga, mas não acreditava realmente nela. Frei Sandru falou em uma mulher que residiu na Fortaleza durante vários anos, enquanto o salão era construído.

— E você acha que era ela, Lilith?

— Acho que sim — respondeu Zeffer. — Ela construiu um lugar para manter preso o Duque, entenda.

— Não, eu não entendo.

— O Duque havia matado seu filho bem-amado. Ela queria vingança e queria que fosse uma vingança longa e dolorosa.

— Mas foi um acidente, um erro involuntário de parte do Duque, e ela sabia que a lei não lhe permitiria tirar a alma do homem que lhe matou o filho.

— Por que ela se importaria com a lei?

— Não era com nossa lei humana que ela se preocupava. Era com a lei de Deus, que governa Terra, Céu e Inferno. Ela sabia que, se ia fazer com que o Duque e seus homens sofressem como queria, teria que arranjar algum lugar secreto, para o qual Deus não se daria ao trabalho de olhar. Um mundo dentro de um mundo, onde o Duque teria que caçar para sempre e nunca poderia descansar...

Nesse momento, Tammy começou a compreender.

— O salão — murmurou.

— Foi a solução que ela encontrou. E, se pensar bem, foi uma manifestação de gênio. Ela se mudou para a Fortaleza, alegando que era uma prima distante do Duque...

— E onde estava ele?

— Ninguém sabia. Talvez ela o mantivesse preso nos próprios calabouços do castelo, até que o campo de caça estivesse pronto para recebê-lo.

"Em seguida, ela trouxe ladrilheiros de toda a Europa — holandeses, portugueses, belgas e mesmo alguns ingleses — e pintores, mais uma vez de lugares onde eles eram os maiores — e eles trabalharam durante seis meses, noite e dia, para criar aquilo que a espera lá embaixo. O local pareceria os campos de caça do Duque —, pelo menos superficialmente. Haveria florestas e rios e, distante no horizonte, o mar. Mas ela bancaria o Deus nesse mundo. Colocaria nele criaturas que criou para seu próprio zoológico particular: monstros que os pintores a seu soldo representariam nos mínimos detalhes. Em seguida, pegaria as almas do Duque e de seus homens — ainda vivas, de

modo que ela permanecia dentro da lei — e as colocaria na obra, que se transformaria numa prisão para eles. Ali eles cavalgariam sob um eclipse permanente, em um estado constante de terror, mal ousando dormir, por medo de que um daqueles terríveis animais os atacassem. Claro, isso não é tudo o que existe nas paredes lá embaixo. A influência dela invadiu a mente dos homens que a serviam e todas as coisas imundas, proibidas, com que eles jamais sonharam em pôr em um meio artístico qualquer, eles tiveram plena liberdade para criar.

"Nada era tabu. Eles, enquanto pintavam, tiraram suas pequenas vinganças, particularmente de mulheres. Algumas coisas que eles pintaram ainda me chocam,

depois de todos estes anos.

— Você tem certeza de que tudo isso é verdade?

— Não. É principalmente teoria. Formulei-a à medida que pesquisava. Não há dúvida de que o Duque Goga e vários de seus homens desapareceram durante um eclipse em 19 de abril de 1681. O corpo de um deles foi encontrado esfolado. O Duque perdeu a mulher e os filhos para a peste, de modo que não houve um sucessor natural. Ele, porém, tinha três irmãos — e, mais uma vez, este é um assunto de história documentada — que se reuniram no mês de setembro seguinte, quase seis meses após o desaparecimento do Duque, para dividir o espólio do irmão. E isso foi um erro. Foi nessa noite que a Senhora Lilith se instalou na Fortaleza Goga.

— Ela os matou?

— Não. Todos eles foram embora por livre e espontânea vontade, dizendo que nada queriam da terra e da Fortaleza, e que iam doá-las a um misterioso primo, em nome do irmão. Assinaram um documento nesse sentido e foram embora. Todos eles morreram, dentro de um ano, por suas próprias mãos.

— E ninguém desconfiou de nada?

— Tenho certeza de que muita gente desconfiou. Mas Lilith — ou quem quer que fosse ela — ocupava nesse momento a Fortaleza. Tinha dinheiro e, aparentemente, era muito generosa. Os mercadores locais ficaram ricos, os dignitários locais se sentiram encantados com ela, se devemos dar crédito aos relatos...

— Onde foi que você encontrou esses relatos?

— Comprei aos monges a maior parte da papelada relativa à Fortaleza. Eles não a queriam. Duvido mesmo que soubessem do que tratava a maioria. E, para dizer, muita coisa era muito maçante. O preço de carcaças de porcos, a despesa para tornar um telhado à prova d'água... as questões domésticas habituais.

— De modo que Lilith era uma dona de casa e tanto.

— Acho que era. Na verdade, acredito que ela tivesse a intenção de transformar a Fortaleza em um lugar que pudesse considerar como seu. Em um lugar onde seu marido não viesse, onde não pudesse vir, talvez. Encontrei o rascunho de uma carta que, acredito, ela escreveu a ele...

— Ao Demônio? — perguntou Tammy, mal acreditando que estava dando o menor crédito a essa ideia.

— Ao marido — respondeu evasivamente Zeffer —, quem quer que ele fosse. — Bateu no bolso. — Eu tenho a carta aqui. Quer ouvir o que está escrito?

— Em inglês?

— Não. Em latim. — Enfiou a mão no bolso do casaco e tirou um pedaço de papel bem dobrado, com manchas de idade. — Olhe você mesma — disse.

— Eu não entendo latim.

— Olhe, de qualquer maneira. Simplesmente para dizer que, certa vez, teve nas mãos uma carta escrita pela mulher do Demônio.

Tammy pegou a carta. Nada disso constituía prova, claro. Mas aquilo era mais do que uma simples falsificação, quanto a isso não havia dúvida. E não vira o suficiente durante o tempo passado no desfiladeiro para ter certeza de que, o que quer que estivesse em ação ali, ela não poderia explicar de acordo com as regras que aprendera na escola?

Abriu a carta. O cursivo era refinado, a tinta, embora um tanto desbotada, conservava um brilho estranho, como se nela houvesse pedacinhos de madrepérola. Correu a vista de alto a baixo até a rebuscada assinatura Lilith que decorava o pé da página.

— Muito bem — disse, devolvendo a carta, os dedos tremendo ligeiramente.

— O que é que ela diz?

— Quer mesmo saber?

— Quero.

Zeffer começou a traduzir, sem olhar para as palavras. Evidentemente, ele sabia de cor o conteúdo.

— "*Marido*", é o que ela escreve, "*estou confortável na Fortaleza Goga e acho que ficarei aqui até que nosso filho seja encontrado.*"

— Ela não contou a ele?

— Aparentemente, não. — Zeffer passou rapidamente a vista pela página.

— Ela fala um pouco sobre o trabalho que está realizando na Fortaleza... em termos muito comuns... e em seguida diz: "*Não venha, marido, porque não encontrará boas-vindas em minha cama. Se houver alguma paz entre nós, não consigo imaginar que seja em breve, dada a violações que você cometeu de nossos votos. Não acredito que há anos ainda tenha me amado e preferiria que não me insultasse fingindo que ama.*"

— Hum!

Qualquer que fosse a origem da carta, os sentimentos que nela havia eram facilmente compreensíveis. Ela mesma poderia ter escrito aquela carta — em estilo mais simples, talvez, e um pouco mais cruelmente — em mais de uma ocasião. Deus sabia que Arnie violou muitas vezes e vergonhosamente seus votos matrimoniais.

Zeffer dobrou a carta.

— De modo que você pode entender tudo isto como quiser. Pessoalmente, acho que é autêntica. Acredito que essa mulher era Lilith e que ela permaneceu na Fortaleza para trabalhar em sua vingança, num lugar onde nem Deus nem o marido viriam aborrecê-la. Evidentemente, alguém criou aquele salão e foi uma pessoa que tinha poderes muito além do que tudo que possamos compreender.

— O que foi que aconteceu quando ela terminou? — perguntou Tammy.

— Ela fez as malas e desapareceu. Ficou entediada, talvez. Voltou para o marido. Ou arranhou um amante. O importante é que deixou a Fortaleza com o salão ainda intacto. E com Goga e seus homens ainda nele.

— E foi isso o que você comprou?

— Foi isso o que comprei. Claro, precisei de algum tempo para compreender, mas comprei um pequeno pedaço do Inferno. E, acredite — para levar a coisa um pouco na troça por um momento —, foi um inferno transportar tudo isso. Havia trinta e três mil, duzentos e sessenta e oito ladrilhos. Todos tiveram que ser retirados, limpos, encaixotados, embarcados e em seguida remontados exatamente na mesma ordem em que haviam sido reunidos. Sincronizei a coisa de modo que o trabalho pudesse ser completado enquanto Katya dava a volta ao mundo, fazendo publicidade de seus filmes.

— Você deve ter ficado meio louco...

— Eu continuava a pensar no prazer que ela teria com o salão quando terminado. Nenhuma importância dei ao custo humano. Só queria que Katya ficasse inteiramente atônita e que me olhasse — eu que lhe havia dado aquele presente — com novos olhos. Queria que ela ficasse tão grata, tão feliz, que se atirasse em meus braços e dissesse Eu caso com você. Era isso o que eu queria.

— Mas não foi assim que aconteceu.

— Não, claro que não.

— E o que foi que aconteceu? Ela não gostou do salão?

— Não, ela o compreendeu desde o início e o salão a compreendeu. Começou a levar pessoas lá para baixo, a exhibir o local. Seus amigos especiais. Os que eram obcecados com ela. E havia muitos deles. Homens e mulheres. Eles desapareciam lá embaixo durante algumas horas...

— Eram as pessoas com que fazia amor?

— Eram.

— Você disse, homens e mulheres?

— Preferivelmente, juntos. Era o que ela gostava mais. Um pouco de ambos.

— E alguém sabia?

— Sobre seus gostos? Claro. Ninguém se importava. Naquela época, isso era chique. Para as mulheres, pelo menos. Quanto aos bichas, como Navarro e Valentino, eles tinham que disfarçar. Katya, porém, não se importava com o que as pessoas pensavam. Especialmente depois de ter o salão.

— O salão mudou-a?

— Mudou todos os que foram lá, eu inclusive. Mudou nossa carne. Mudou nosso espírito.

— Como?

— Tudo que você tem que fazer é olhar para mim e ver como mudei. Eu nasci em 1893. Mas não pareço. E isso acontece por causa do salão. Ele tem energias, entenda, pintadas nos ladrilhos. Acredito que é magia de Lilith nos ladrilhos. Ela usou seus poderes infernais para aprisionar na ilusão o Duque, seus ginetes e todos aqueles animais: isso é magia poderosa. Os monges sabiam disso. Mas tinham o bom senso de se manter longe do lugar.

— Então, todos os que foram até lá embaixo permanecem jovens?

— Oh, não. De maneira nenhuma. O salão afetou as pessoas de maneiras ligeiramente diferentes. Algumas pessoas simplesmente não puderam suportá-lo. Entraram por um minuto e saíram correndo.

— Por quê?

— Ali é a Terra do Demônio, Tammy. Acredite em mim.

Tammy sacudiu a cabeça, sem saber no que acreditar.

— De modo que algumas pessoas foram embora porque acreditavam que o Demônio estava lá?

— Exatamente. A maioria, porém, sentia umas explosões extras de energia quando entrava no salão. Talvez se sentissem um pouco mais jovens, um pouco mais fortes, um pouco mais bonitos.

— E qual foi o preço de tudo isso?

— Boa pergunta—disse ele. — O fato é que cada pessoa pagou um preço diferente. Alguns enlouqueceram por causa do que viram ali. Uns poucos cometeram suicídio... A maioria... continuou a viver, sentindo-se um pouco melhores consigo mesmos. Por algum tempo, pelo menos. Em seguida, o efeito passava e eles precisavam voltar para tomar uma nova dose...

"Nesta minha vida, conheci um bom número de viciados. Um deles era um cenarista russo, Anatole Vasilinsky. Já ouviu falar nele? — Tammy sacudiu a cabeça. — Nem havia razão para ter ouvido. Ele trabalhava para os Ballets Russes, sob a direção de Diaghlev. Era um homem brilhante, mas inteiramente escravizado ao 'Ao Papai', como o chamava. Ele só veio aqui uma única vez e Katya mostrou-lhe o salão. Lembro-me da expressão no rosto dele quando saiu de lá. Parecia um homem que havia acabado de ver sua própria morte. Estava arrasado, lívido, suando frio, tremendo. 'Eu nunca mais deverei voltar aqui', disse ele. 'Não há espaço em minha vida para dois vícios. Isso seria minha morte.'

— E o salão era isso, um vício, claro. Viciava a carne fazendo-nos sentir mais jovens. Viciava o espírito, dando-nos visões tão vívidas que eram mais reais do que o real. E viciava a alma, porque não queríamos nenhum outro tipo de conforto, uma vez tendo estado lá. Orações não nos adiantavam, nem o riso, nem os amigos, nem os ideais, nem as ambições... Todos eles pareciam irrelevantes naquela penumbra eterna. Quando estávamos aqui, pensávamos o tempo todo em estar lá.

Mais uma vez Tammy sacudiu a cabeça. Havia coisas demais ali para que pudesse delas extrair sentido. Tinha a mente em estado de vertigem.

— Compreende agora por que tem que ir embora e esquecer tudo sobre Todd? Ele viu o salão. Foi aonde ela o levou.

— Tem certeza?

— Ele está lá, neste exato momento — disse Zeffer. — Garanto. Aonde mais ela o levaria?

Tammy levantou-se da mesa. O alimento lhe fizera bem. Embora ainda se sentisse um pouco tonta, estava também muito mais forte.

— Não há nada de heróico em você se sacrificar por ele. — observou Zeffer. — Ele não faria isso por você.

— Eu sei disso.

Zeffer seguiu-a até a porta da cozinha.

— De modo que, não faça isso. Vá embora, enquanto pode. Tammy, eu lhe imploro. Vá embora. Eu a tirarei do desfiladeiro e você poderá voltar para casa.

— Casa — repetiu Tammy.

A palavra, a ideia pareciam-lhe vazias, sem valor. Depois disso, não havia mais casa para ela. Ou, se houvesse, não seria a antiga. Arnie, uma casa pequenina em Sacramento. Como era que jamais poderia pensar em voltar para aquilo?

— Eu tenho que encontrar Todd — disse. — Foi isso o que vim fazer aqui.

Sem esperar que Zeffer lhe indicasse o caminho ou a acompanhasse, deixou a cozinha e foi para o alto dos degraus. Ouviu-lhe o chamado. Outra tentativa de convencê-la, sem dúvida, ou mais uma história imaginosa. Dessa vez, porém, ignorou-o e começou a descer a escada.



TRÊS

Katya ainda tinha mais alguma coisa da história para contar.

— "Minha vida nada vale", disse o Duque à mulher do Demônio.

"Ele, que havia comandado exércitos e conquistado vitórias nas Cruzadas contra os infiéis, descobria que, nesse momento, sua vida estava no fim. E por quê? Porque havia caçado e matado o que pensou que era um bode?

"'Foi um acidente', repetiu, a fúria com a injustiça de tudo isso tomando conta subitamente de seu ser. 'Eu exijo ser ouvido por um juiz mais graduado do que a senhora.'

"Só há um mais alto — respondeu Lilith. — E ele é o meu marido.

"O Duque enfrentou-lhe o olhar, a profundidade de seu terror tornando-o paradoxalmente mais valente.

"'Há Deus no céu', disse.

"Há, agora?', perguntou Lilith. 'Tem certeza? Eu O vi uma vez, no dia em que Ele me fez. Desde então, Ele nunca mais mostrou Seu rosto. Esta é a Terra do Demônio, Goga. Meu Senhor Lúcifer governa aqui. Ou, em sua ausência, eu. Duvido que seu Deus estenda a mão para lhe salvar a alma.

"'Nesse caso, monto em meu cavalo e vou embora daqui', disse o Duque.

"O senhor viu o que aconteceu com seu camarada. Eu farei o mesmo com o senhor, antes que chegue ao cavalo. E o terei chorando como um bebê aos meus pés.

"Goga não era estúpido. Sabia que não havia vantagem em discutir com aquela mulher. Já vira um de seus homens ser sacrificado por ela. E o mesmo certamente lhe aconteceria, se tentasse fugir. Tudo que podia fazer era suplicar pela misericórdia de Lilith.

"Ele caiu de joelhos e, adotando a melhor postura que pôde, dirigiu-se a ela:

"'Por favor, gentil senhora, escute-me.'

"Estou escutando.

"'Eu mesmo perdi filhos, todos os seis, para a peste. E minha esposa, da mesma maneira. Sei a dor que está sofrendo e sinto-me muito mal por ter sido a causa disso. Mas o que está feito, está feito. Cometi um erro que lamento amargamente. Mas de que modo posso desfazê-lo? Se eu tivesse sabido que estava na terra de seu marido, não teria caçado por aqui.'

"Lilith fitou-o durante um longo tempo, avaliando a sinceridade daquele apelo.

"Muito bem, meu senhor — disse ela finalmente —, é meu prazer que o senhor e seus homens cacem aqui sempre.

"Outro amargo hálito do Inferno surgiu para acompanhar essas palavras. Os compridos cabelos da mulher ergueram-se e alguns de seus fios roçaram o rosto erguido de Goga.

"Voltem às suas montarias, caçadores — disse Lilith. — Voltem à caçada. Há javali entre as árvores, à espera de ser expulso de lá. Há aves nas árvores, prontas para serem abatidas enquanto cantam. Mate-os à vontade, enquanto isso lhes agradar. Nenhuma taxa será cobrada por esse esporte.

"O Duque ficou atônito ao ouvir esse humilde convite, depois de tudo que havia acontecido, e pensando que talvez seu apelo por clemência tivesse amolecido Lilith, levantou-se vagarosamente, agradecendo-lhe.

"É uma grande bondade de sua parte, disse, 'convidar-me para caçar. E talvez eu volte em outro dia e lhe aceite o convite. Mas, hoje, meu coração está pesado...'

"Como bem poderia estar — respondeu a mulher.

'De modo que, em vez disso, acho que vou voltar à Fortaleza e...'

"Não — cortou-o ela, erguendo a mão. — O senhor não vai voltar à Fortaleza. Vai caçar.

"Eu não poderia fazer isso, madame. Realmente, não poderia.'

"Senhor — disse ela, com uma pequena inclinação de cabeça —, o senhor não me entendeu bem. O senhor não tem opção. O senhor caçará, e continuará a caçar, até encontrar meu filho pela segunda vez e o trazer de volta para mim.

"Não estou compreendendo.'

" *Uma segunda vez.*

"Ela apontou para o cadáver do menino-bode, estirado no sangue que esfriava. Os cabelos dela aproximaram-se do cadáver, tocando de leve no peito, no estômago e nas partes privadas do menino. Com grande espanto do Duque, a criança respondeu às carícias da mãe. Quando os cabelos lhe tocaram o peito, os pulmões tomaram uma curta respiração, e o pênis (desproporcionalmente grande para alguém daquela idade) tornou-se duro como aço.

"Puxe a espada do corpo dele — disse Lilith ao Duque.

"O Duque, porém, estava apavorado demais com essa ressurreição infernal para se aproximar do menino. Manteve-se longe, tomado de medo.

"Vocês homens são todos iguais! — disse desdenhosamente Lilith. — Vocês acham bastante fácil enfiar uma espada, mas, quando chega a hora de tirá-la, não conseguem fazer isso.

"Ela entrou na poça do sangue do filho e estirou a mão para pegar a espada. Os olhos do filho tremeram e se abriram quando sentiu a mão da mãe no punho da arma. Em seguida, ergueu as mãos e segurou a lâmina, quase como se estivesse tentando impedir que ela fosse extraída. Ainda assim, ela puxou e a lâmina saiu lentamente.

"Devagar, mamãe', disse o menino-bode, o tom de voz quase lascivo.

'Dói muito'.

"Dói, filho? — perguntou Lilith, torcendo a lâmina no ferimento como se para, perversamente, aumentar o sofrimento do filho. Ele jogou para trás a cabeça, ainda fitando-a por baixo dos olhos, os lábios retraídos dos dentes pequenos e pontiagudos. — E isto? — continuou ela, virando a lâmina no sentido oposto. — Isso lhe traz agonia?

"Traz, mamãe!'

"Ela girou a lâmina em outro sentido.

"E isto?

"Finalmente, foi demais para a criança. Ela soltou um som sibilante, e do membro duro esguicharam várias golfadas de sémen. O terrível mau cheiro do esperma causou ardor nos olhos do Duque.

"Lilith esperou até o menino ejacular, antes de puxar a espada. O menino-bode voltou a cair na terra úmida, uma expressão de satisfação no rosto.

"Obrigado, mamãe', disse ele, como se muito satisfeito com o que acabava de acontecer.

"O ferimento no ventre já estava fechando, notara o Duque. Era como se estivesse sendo costurado por dedos ágeis e invisíveis. O mesmo acontecia com os ferimentos rias mãos, quando ele agarrou a lâmina. Em talvez menos de um minuto, o menino-bode estava inteiro novamente."

— Neste caso, se a criança não estava morta — disse Todd —, por que o Duque era culpado de sua morte?

Katya sacudiu a cabeça.

— Ele havia cometido o crime. O fato de o menino ser imortal era assunto meramente teórico. Ele assassinou a criança e tinha que ser punido por isso.

O olhar de Todd subiu novamente para as árvores onde o Duque e sua gente haviam desaparecido, imaginando a expressão de esperança no rosto dos homens quando ouviram o som dos gritos da criança. Nesse momento, tudo aquilo fazia sentido. Não era de espantar que tivessem cavalgado para longe com tanta pressa. Estavam ainda na esperança de encontrar o menino e merecerem o direito de deixar a Terra do Demônio.

Uma sensação de claustrofobia envolveu-o. Aquilo ali não era a paisagem sem limites que lhe parecera inicialmente: era uma prisão e ele queria sair dali. Virou-se uma vez, mais outra, procurando alguma racha na ilusão, por menor que fosse. Mas não encontrou nenhuma. A despeito da imensidade da vista em todas as direções e da altura do céu sobre sua cabeça, ele, para todos os efeitos, poderia estar fechado numa cela.

A respiração acelerou-se e as mãos tornaram-se subitamente pegajosas.

— Qual é o caminho para a porta? — perguntou a Katya.

— Você quer ir embora? Agora?

— Quero, agora.

— Isso é apenas uma história — disse ela.

— Não, não é. Eu vi o Duque. Nós dois o vimos.

— Tudo isso faz parte do show — explicou Katya, com um pequeno encolhimento de ombros, como quem não dava importância. — Fique calmo. Nenhum mal vai nos acontecer. Eu estive aqui centenas de vezes e nada me aconteceu.

— Você viu antes o Duque aqui?

— Às vezes. Nunca tão perto quanto o vimos hoje, mas sempre há caçadores.

— Pergunte a si mesma: por que sempre há caçadores? Por que sempre há um eclipse?

— Não sei. Por que fazemos a mesma coisa em um filme sempre que ele é projetado na tela...?

— De modo que as coisas são exatamente as mesmas, em todas as ocasiões em que você vem aqui, como num filme?

— Não exatamente as mesmas. Mas o sol é sempre assim: três quartas partes encoberto. E as árvores, as rochas... até mesmo os barcos ao longe. — Apontou para eles. — E sempre os mesmos barcos. Aparentemente, eles nunca vão para muito longe.

— De modo que não é como num filme — disse Todd. — Parece mais tempo congelado.

Katya inclinou a cabeça, concordando.

— Acho que sim — disse. — Congelado nas paredes.

— Eu não vejo nenhuma parede.

— Elas estão aí — afirmou Katya. — É apenas uma questão de saber onde olhar. Como olhar. Confie em mim.

— Você quer que eu confie em você — disse Todd. — Então, tire-me daqui.

— Eu pensei que você estava gostando.

— O prazer desapareceu há pouco tempo — explicou Todd. Agarrou-lhe o braço com força. — Vamos — disse. — Quero sair daqui.

Ela se sacudiu e se livrou dele.

— Não me toque dessa maneira — a expressão subitamente feroz. — Eu não gosto disso. — Apontou para alguma coisa por cima do ombro direito de Todd. — A porta fica ali.

Ele olhou para trás. Não viu sinal algum de abertura. Apenas mais da Terra do Demônio.

E nesse momento, para piorar ainda mais as coisas, ouviu novamente o som de patas.

— Oh, Cristo..

Todd lançou um olhar para as árvores.

O Duque e seus homens vinham na direção deles, de mãos vazias.

— Eles estão vindo para nos interrogar — disse Todd. — Katya! Você me escutou? Com todos os diabos, precisamos sair daqui agora.

Katya vira os ginetes, mas não parecia muito amedrontada. Sem se mover, observou-os se aproximar. Todd, enquanto isso, dirigiu-se em direção à porta ou, pelo menos, para onde ela dissera que ficava. Correu a vista pelo lugar, procurando alguma coisa — o canto da cantoneira da porta, a maçaneta, o buraco da fechadura — a fim de ajudá-lo a localizá-la. Mas nada havia.

Não tendo outra opção, andou simplesmente pelo chão de pedra, os braços estendidos à frente do corpo. Depois de dar talvez seis passos, o ar vazio à sua frente tornou-se subitamente sólido e as mãos tocaram o ladrilho frio, duro. No instante em que fez contato, quebrou a ilusão do trompe Voieil dos pintores. Não conseguiu acreditar que havia sido tão facilmente enganado. O que tinha parecido realidade infinita, penetrável, dois passos antes parecia, nesse momento, absurdamente falso: máscaras estilizadas em peças de ladrilho antiquado, pregadas na parede. Como podiam seus olhos ter sido, em um único instante, induzidos a erro?

Voltou a olhar por cima do ombro para chamar Katya, e a ilusão em que ela se encontrava continuava intacta — a vastidão do terreno descampado em que se encontravam e os ginetes galopando, aparentemente a uns 400m de distância ou mais, as árvores além deles talvez a uns 800m, o céu ilimitado no alto. Ilusão, disse a si mesmo, tudo ilusão. Mas isso nada significava diante do truque à sua frente, que se recusava a lhe reconhecer a dúvida. Desistiu esperar que o truque se desfizesse e, em vez disso, voltou-se para a parede.

Tinha as mãos ainda em cima dela, os ladrilhos ainda sob as palmas. Em que direção ficava a porta?

— À direita ou à esquerda? — perguntou a Katya.

— O quê?

— A porta! Fica à direita ou à esquerda?

Katya desviou a vista dos ginetes e correu a vista pela parede que ele tocava.

— Esquerda — disse casualmente.

— Depressa, então...

— Eles não encontraram a criança.

— Esqueça-os! — ordenou Todd.

Se ela estava tentando impressioná-lo mostrando coragem, não estava fazendo um bom trabalho. Ele estava simplesmente irritado. Ela lhe mostrara como o salão

funcionava, pelo amor de Deus. Nesse momento, era tempo de sair dali.

— Vamos!—gritou.

Enquanto a chamava, movia-se para a esquerda, um passo à esquerda, mas outro, as mãos rentes aos ladrilhos, um centímetro após outro, como se os desafiando a fazer algum novo truque. Mas parecia que enquanto mantinha as mãos sobre os ladrilhos — enquanto podia manter em primeiro lugar na mente que aquilo era um mundo pintado — o salão não poderia iniciar novas mágicas. No terceiro passo — ou foi o quarto? — ao longo da parede, a mão estendida encontrou a maçaneta. Solto um pequeno suspiro de alívio.

A maçaneta estava ali, sob a mão. Passou a palma da mão sobre a própria porta que, tal como a maçaneta, era ladrilhada, de modo que não havia interrupção na ilusão. Desceu a mão à procura da maçaneta, encontrou-a, e tentou girá-la.

No outro lado, Tammy havia descido pelo corredor e escolheu esse exato momento para girar a maçaneta na direção oposta.

— Oh, Jesus... — disse Todd. — A porta está fechada.

— Está ouvindo? — arquejou Tammy. — É você, Todd? Todd?

— Sim, sou eu. Quem é você?

— Tammy. Tammy Lauper. Você está girando a maçaneta?

— Estou.

— Solte-a. Deixe-me tentar.

Todd soltou a maçaneta. Tammy girou-a. Antes de abrir a porta, lançou um olhar para Zeffer. Ele ainda estava um lance de escada mais alto do que ela, olhando por uma janela.

— Os mortos... — ouviu ele dizer.

— O que há com eles?

— Eles estão por toda parte em volta da casa. Nunca os vi tão perto assim. Eles sabem que há pessoas cruzando a porta nas duas direções, é esse o motivo.

— Abro a porta? Todd está do outro lado.

— Tem certeza de que é Todd?

— Tenho. É Todd.

Ouvindo seu nome, Todd, impaciente, gritou do outro lado:

— Sim, sou eu. E Katya. Quer, por favor, abrir essa droga de porta?

As mãos de Tammy estavam suadas e os seus músculos, cansados. A maçaneta escorregou pela palma da mão.

— Não consigo abri-la. Tente você.

De seu lado, Todd lutou com a porta, mas o que parecera que ia ser a parte mais fácil de todo o procedimento (abrir a porta) estava se revelando a mais difícil de todas. Era como se a sala não quisesse que ele fosse embora, como se quisesse prendê-lo ali por tanto tempo quanto possível, para exercer o volume máximo de

influência sobre sua pessoa, para viciá-lo, segundo após segundo, uma vista após outra.

Outra vez, por cima do ombro, olhou para trás. Katya olhava fixamente nesse momento para o céu, passando as mãos pelo corpo, como se estivesse saboreando o prazer da luminosidade estranha desse mundo encantado.

Durante um momento, imaginou-a nua, aninhada na luminescência celestial, mas controlou-se em meio a essa fantasia. Aquilo era simplesmente outro dos truques do salão para impedir que ele fosse embora. O maldito lugar tinha provavelmente milhares desses truques mentais: sexuais, filosóficos, mortíferos.

Fechou os olhos com força para não ver as seduções da Terra do Demônio e encostou novamente a cabeça na porta. O ladrilho estava pegajoso, como uma coisa viva.

— Tammy? — chamou. — Você ainda está aí?

— Estou!

— Quando eu contar até três, quero que você empurre. Entendeu?

— Entendi.

— Ótimo. Pronta?

— Pronta.

— Um. Dois. Três.

Ela empurrou. Ele puxou. A porta se abriu e mostrou a Todd uma das justaposições mais estranhas que jamais vira na vida. No corredor no outro lado da porta viu uma mulher que parecia ter passado por vários assaltos com um pugilista peso-pesado, arranhões sangrentos no rosto, pescoço e braços. Os cabelos e as roupas estavam desgrenhados e desarrumados. E nos olhos tinha uma clara expressão de pânico.

Ele a reconheceu no mesmo instante. Era a presidente de seu Fã-Clube, uma mulher chamada Tammy Lauper. Isso mesmo! A desaparecida Tammy Lauper! Como, com todos os diabos, ela chegara ali? Mas isso não importava.

Ela estava ali, graças a Deus.

— Eu pensei que alguma coisa terrível lhe havia acontecido — disse Lauper.

— Dá um tempo — respondeu ele, querendo ser espirituoso.

Às costas, Todd ouviu os ginetes se aproximando. Olhou em volta, chamando novamente por Katya.

— Depressa, sim?

Ao voltar o olhar para Tammy, era claro que ela tinha visto, tanto quanto a descrença lhe permitia, a vista incrível acima dos ombros de Todd. Tinha os olhos arregalados de espanto e a boca aberta, frouxa.

— Então é assim que a coisa é.

— É... — respondeu ele. — Assim mesmo.

Tammy lançou um olhar para um homem mais velho, encurvado, na escada às suas costas. Ele parecia quase paralisado de medo. Mas, ao contrário de Tammy, cuja expressão era de alguém que nunca vira nada parecido com aquilo, Todd achou que o companheiro da moça sabia exatamente o que estava vendo e que de nada teria gostado mais do que dar a volta e fugir dali.

Em seguida, ouviu a voz de Katya às suas costas, dizendo o nome do homem.

— Zeffer — disse, a palavra paralisando o homem no lugar onde ele estava.

— Katya... — respondeu ele, inclinando a cabeça.

Katya apareceu às costas de Todd, empurrou-o para um lado para cruzar o umbral, apontando para o intruso enquanto fazia isso.

— Eu lhe disse para nunca mais voltar a esta casa! — gritou para Zeffer. — Não disse?

O homem se encolheu todo ao ouvir essas palavras, embora seja difícil acreditar que ela representasse para ele alguma ameaça física.

Chamou-o do alto da escada.

— Venha aqui — ordenou. — Seu merda inútil! Eu disse venha aqui. Antes que ele pudesse obedecer à ordem, Tammy interveio.

— Não foi culpa dele — disse. — Fui eu que pedi a ele que me trouxesse para aqui.

Katya dirigiu-lhe um olhar de completo desprezo, como se fosse inútil qualquer coisa com que ela pudesse contribuir para a conversa.

— O diabo que você seja — disse —, você não tem nada a ver com este assunto.

Empurrou Tammy para um lado e estendeu uma mão para agarrar Zeffer. Ele, obedientemente, aproximou-se ao ouvir-lhe a ordem, mas nesse momento evitou-lhe o toque. Ela veio atrás dele, de qualquer maneira, batendo-lhe no peito com as costas da mão, em um golpe forte, e mais outro, e mais outro. Enquanto batia, dizia: — Eu lhe disse para permanecer longe daqui, não lhe disse?

Embora os golpes fossem relativamente fracos, tinham uma força desproporcional ao movimento empregado. Tirou-lhe a respiração, em primeiro lugar, e ela atingiu-o pela segunda vez antes que ele pudesse recuperar o fôlego após o primeiro golpe, o que rapidamente o enfraqueceu. Tammy ficou horrorizada, mas não queria interferir, pois isso poderia simplesmente piorar ainda mais as coisas. Nem sua atenção se prendia exclusivamente a Todd e ao ataque a Zeffer. Sua vista era constantemente atraída pelo que via através da porta aberta. Aquilo era espantoso. A despeito do fato de Zeffer lhe ter dito que o local era uma ilusão, tinha os olhos e a mente inteiramente fascinados pelo que via: a floresta ondulada, as rochas com suas capoeiras de moitas espinhosas, o delta e o mar distante. Tudo aquilo parecia tão real!

E o que era aquilo?

Alguma criatura que parecia um lagarto emplumado, de crista amarela e preta, apareceu e começou a afastar-se.

A coisa parou, parecendo olhar para ela através da porta: um animal que pertencia a algum livro medieval de monstros e não tão próximo dela assim.

Voltou a olhar para Zeffer, que continuava a receber um sermão de Katya.

Com a porta aberta e aquelas visões do outro lado, não viu razão para não cruzar o umbral, apenas por um momento, para ver melhor o lugar. Afinal de contas, estava protegida contra aquelas ilusões. Sabia que tudo aquilo era uma bela mentira e que, enquanto se lembrasse disso, ela não lhe poderia fazer mal, ou podia?

A única coisa real na paisagem era Todd e foi ao encontro dele que se dirigiu, cruzando a terra e a grama agitada pelo vento a fim de chegar a ele. O réptil emplumado baixou a crista quando ela cruzou o espaço e se afastou, desaparecendo em uma fenda entre dois calhaus. Todd, porém, não estava observando nenhuma vida animal. Tinha os olhos em vários ginetes que se aproximavam por uma estrada que serpenteava por um denso grupo de árvores. Vinham velozes, as patas dos cavalos levantando e jogando para os lados torrões de areia. Seriam eles reais, pensou Tammy, ou apenas parte da paisagem? Não tinha certeza nem estava especialmente ansiosa para submeter a teste a pergunta.

Ainda assim, a cada segundo que passava nesse mundo, mais sentia o poder do salão de lhe desfazer as dúvidas. Sentiu-lhe a influência penetrando através dos olhos e da pele e chegando à mente e à medula dos ossos. Sentiu uma tonteira, como se tivesse bebido, um após outro, dois ou três copos de vinho.

Não era, absolutamente, uma sensação desagradável, especialmente depois do desconforto das últimas horas. Sentia-se quase confortada no salão, como se ele compreendesse o quanto ela sofrera ultimamente e estivesse pronto para lhe aliviar as mágoas e fazê-la esquecer as humilhações. E a distrairia, com sua beleza e estranheza, se apenas nela acreditasse por algum tempo.

— Tammy... — ouviu Zeffer dizer às suas costas.

A voz estava fraca e quase nenhum foi sobre ela efeito do chamado. Nem mesmo deu sinal de que o tinha ouvido. Simplesmente deixou os olhos tocarem de leve e contentes a cena que ali se desenrolava: as árvores, os ginetes, a estrada, as rochas. Logo, logo, sabia, os cavaleiros fariam uma volta na estrada e seria interessante ver como a imagem deles mudaria quando não estivessem mais se movendo em fila, mas viessem em sua direção.

Olhou por cima do ombro. Não estava longe da porta, eram apenas alguns metros. Seus olhos nem mesmo se focalizaram no que estava acontecendo no corredor. Naquele momento, tudo aquilo lhe parecia remoto.

Voltou a olhar para os cavaleiros. Eles haviam passado por uma curva na estrada e nesse momento-vinham diretamente para o local onde estavam ela e Todd. E foi o

mais estranho espetáculo visual que jamais presenciou, vê-los crescendo de tamanho enquanto se aproximavam, como se fossem ilustrações emergindo de um livro. A paisagem em volta deles deu a impressão de que recuava para o segundo plano e avançava também no mesmo momento em que eles se aproximavam, o movimento lançando-os para a frente enquanto o chão embaixo dos cavalos recuava, como uma onda que se retirava.

Era um espetáculo inteiramente enigmático, mas cuja beleza paradoxal a deixava fascinada. Todo pensamento no chamado de Zeffer para que saísse dali, na verdade a própria segurança dele, foi esquecido: era como se estivesse assistindo pela primeira vez a um filme, sem saber como se desenvolveria o enredo.

Sentiu o olhar que Todd lhe lançava de lado.

— Tempo de ir embora — disse ele.

A terra embaixo de ambos reverberava com a aproximação dos cavaleiros.

Eles chegariam à porta dentro de trinta ou quarenta segundos.

— Vamos — disse ele.

— Certo — respondeu ela. — Estou indo.

Mas não se moveu. Só quando Todd lhe agarrou o braço e puxou-a para a porta é que ela finalmente obedeceu e se deixou levar. Ainda assim, continuou a olhar para trás por cima do ombro, abismada.

— Eu não acredito no que estou vendo — disse.

— Tudo isso é real. Confie no que eu digo — disse Todd. — Eles podem lhe fazer mal.

Haviam chegado nesse momento à soleira da porta. Relutante, Tammy se deixou puxar e entrou no corredor. Estava espantada com a rapidez com que o salão lhe prendera a atenção e se transformara no centro de seus pensamentos.

Mesmo naquele instante, era difícil focalizar a atenção em qualquer outra coisa que não a cena no outro lado da porta, mas, finalmente, afastou os olhos dos cavaleiros que se aproximavam e procurou Zeffer.

Ele caíra de joelhos a três ou quatro metros da porta, nenhuma defesa oferecendo ao ataque de Katya.

— Eu lhe disse, não disse? — continuou ela, atingindo-lhe a cabeça. — Eu nunca mais quis ver você novamente nesta casa. Entendeu o que eu disse? Nunca mais.

— Perdoe — disse ele. — Eu simplesmente trouxe...

— Não me interessa quem você trouxe. Esta casa está proibida a você.

— Eu sei... eu sei.

A humildade dele nada fez para aplacá-la. Muito pelo contrário, na verdade: pareceu inflamá-la ainda mais. E Katya chutou-o.

— Você me enoja — disse ela.

Ele se curvou, como se para apresentar um alvo menor. Ela empurrou-o com força e ele caiu. Ela se aproximou para chutá-lo novamente, desta vez no rosto, mas, nesse momento, Tammy compreendeu o que ela ia fazer e soltou um grito de protesto.

— Deixe-o em paz! — disse.

Katya virou-se para ela.

— O quê?

— Você me ouviu. Deixe-o em paz!

A beleza de Katya como que foi desfigurada pelo desprezo que lhe transpareceu no rosto. Respirou forte, afogueada.

— Em minha própria casa eu faço o que quiser — disse, encrespando os lábios, cheia de desprezo. — E nenhuma puta gorda e feia como você vai me dizer o que fazer.

Por essa altura, claro, Tammy sabia muita coisa sobre Katya Lupi e tinha diante de si aquela reputação intimidadora. Mas, nesse momento, vendo Zeffer estirado no chão e ouvindo o que aquela mulher acabara de dizer, qualquer sinal de medo foi queimado em uma chama de fúria. Nesse momento, esqueceu mesmo os aspectos maravilhosos da Terra do Demônio.

Aproximou-se de Katya e empurrou-a com força, tocando com as mãos os pequenos seios daquela puta enquanto fazia isso. Katya, evidentemente, não estava acostumada a ser maltratada. Voltou-se contra Tammy no mesmo instante.

— Não ouse tocar em mim! — gritou em voz aguda.

Em seguida, com as costas da mão, esbofeteou-a, num gesto fácil e forte.

Tammy caiu para trás, com um gosto metálico de sangue na boca.

Durante três apavorantes segundos, teve medo de que a força do golpe de Katya a deixasse inconsciente. Escuridão pulsou nos cantos de sua vista. Mas estava resolvida a não ser derrotada com um único golpe, mesmo que tivesse por trás mais do que força humana comum, como suspeitava.

Estendeu a mão para segurar alguma coisa e firmar-se, e encontrou a maçaneta da porta. Segurando-a, olhou por cima do ombro, lembrando-se de que estava próxima da estranha beleza da Terra do Demônio. O poder da ilusão daquele cômodo, porém, havia sido momentaneamente apagado de sua mente. Nesse momento, o salão era simplesmente revestido de ladrilhos.

Neles havia árvores, rochas e um rio pintados, mas nada disso tão bem executado que pudesse ser confundido com a realidade. Para ela, a única parte real da cena era Todd, que ainda se encontrava no umbral. Aparentemente, ele podia ver algo que Tammy não podia, porque nesse momento ele se jogou pela soleira como um homem com medo de alguma coisa bem perto de seus calcanhares. Pegou a

maçaneta e começou a fechar a porta, mas, enquanto fazia isso, Katya adiantou-se e pôs um pé entre ela e a soleira.

— Não a feche! — disse a Todd.

Todd obedeceu. Soltou a maçaneta. A porta bateu na perna de Katya e voltou a abrir-se.

Nesse momento, as maquinações do salão começaram a agir novamente sobre Tammy. O ar escuro começou a ferver e as formas dos cavaleiros emergiram da escuridão, ainda cavalgando na direção da porta.

O chefe — o Duque, pensou Todd, esse aí é o Duque — puxou com força as rédeas para soffrear a montaria. O animal soltou um som, como se sua visão primitiva não conseguisse extrair sentido do que havia à frente. Em vez de avançar, parou em pânico, lançando para o ar torrões de areia. Goga saltou da sela, gritando palavras incompreensíveis para seus homens, que haviam também contido os cavalos. E começaram a desmontar. Todd ouviu murmúrios de dúvida supersticiosa entre eles: evidentemente não estavam compreendendo ou apenas compreendiam parcialmente o que viam (a porta, o corredor). Esse fato, porém, não lhes deteve o avanço. Obedientemente, seguiram o chefe até a porta, as espadas desembainhadas. Nesse momento, porém, Tammy recuperou-se o suficiente para agarrar o braço de Todd e puxá-lo para longe da soleira.

— Venha comigo — disse ela em tom urgente.

Ele se voltou para olhá-la. Ela provavelmente conhecia melhor o rosto dele do que o seu próprio, com sua limitada gama de expressões. Mas nunca vira antes o olhar de estupefação que ele exibia nesse momento, as veias das têmporas latejando, a boca mole, os olhos injetados de sangue aparentemente com dificuldade para enxergá-la.

Ela lhe puxou o braço com mais força, na esperança de tirá-lo daquele estupor. Atrás dele, ouvia os cavaleiros aproximando-se da porta, seus passos mais cautelosos ao chegarem mais perto. Tendo evitado que a porta fosse fechada, Katya afastou-se um pajo dela, o que tornou Todd o mais próximo dos cavaleiros entre os que estavam ali. Tão perto, na verdade, que, se o Duque tivesse se decidido a fazer isso, poderia ter se lançado do lugar onde estava e matado Todd com um único golpe.

Mas ele não fez isso. Ficou longe da porta, olhando-a com suspeita e respeito.

Embora nenhuma luz do corredor parecesse iluminar o mundo no outro lado, Tammy viu perfeitamente os rostos daquele homem: feições fortemente angulosas, barba comprida e encaracolada, preta retinta com fios brancos, olhos escuros de pálpebras pesadas. Ele não era nem de longe tão belo quanto Todd havia sido, mas havia uma gravitas nessa fisionomia que a beleza alimentada a milho de Todd jamais poderia ter. Sem a menor dúvida, ele era responsável por toda sorte de

crimes — naquela paisagem por onde ele cavalgava, quem não se gabaria de sua quota de crimes? — embora, nesse momento, no meio de uma sombria jornada própria, Tammy pensasse que teria instintivamente preferido a eloquência dessa face à companhia da beleza comum de Todd.

Na verdade, se jamais esteve apaixonada por Todd Picket — o que por numerosas definições acontecera —, ela deixou de amá-lo naquele momento, comparando-lhe o rosto com o do Duque Goga e achando-o deficiente.

Isso não queria dizer que não o queria em segurança longe daquele lugar, da casa e de todos seus habitantes, especialmente de Katya. De modo que lhe puxou novamente o braço, gritando-lhe que se afastasse da porta e, desta vez, ele captou a mensagem.

Todd recuou e, enquanto fazia isso, Katya agarrou Zeffer pelos cabelos e levantou-o do chão. Tammy estava concentrada demais em puxar Todd da soleira para fazer alguma coisa que pudesse salvá-lo. E Zeffer, por seu lado, nada fez para se salvar. Deixou simplesmente que a mulher que adorava o erguesse com aquela mesma força sobrenatural que sentira momentos antes, e o jogasse através da porta.

Os cavaleiros esperavam do outro lado, as espadas desembainhadas.

Só nesse momento, em passos trôpegos diante deles, é que Zeffer ergueu os braços para se proteger. Tammy jamais saberia se o Duque considerou esse movimento como uma tentativa de agressão e reagiu para se proteger ou se simplesmente queria fazer o mal. Ele ergueu a espada e desceu-a em um grande arco que cortou a carne da mão direita de Zeffer, decepando quatro dedos e a parte superior do polegar. Esgotou o sangue dos ferimentos e Zeffer soltou um grito que era uma parte de incredulidade e duas de dor aguda. Olhou para a mão mutilada por um momento, deu as costas ao mutilador e cambaleou de volta para a porta.

Por um momento, ergueu a vista, e seus olhos encontraram os de Tammy. Os dois só tiveram um momento para se ver. O Duque Goga aproximou-se novamente de Zeffer e cravou a espada no meio de suas costas.

Ouviu-se um som terrível de coisa que se partia, quando a lâmina atravessou o esterno de Zeffer e a ponta apareceu no centro do peito.

Zeffer atirou a cabeça para trás e segurou a borda da porta com a mão intacta. Enquanto fazia isso, olhava fixamente para Tammy, como se estivesse tirando dela poder para fazer o que estivesse planejando. Seguiu-se um longo silêncio, durante o qual ele nada fez, ficou vacilando apenas no umbral, os olhos tornando-se como que preguiçosos. Em seguida — convocando um último e hercúleo esforço de vontade — dirigiu um pequeno sorriso a Tammy e fechou a porta à sua frente.

Aquilo foi como ser acordada de um sonho. Em um momento, estivera olhando para a face ferida de Zeffer, enquanto os cavaleiros se aproximavam por trás e o

céu fervia no alto. No seguinte, a porta ocultara essa terrível visão e estava de volta no corredor, tendo Todd a seu lado.

O espetáculo da execução de Zeffer havia distraído momentaneamente Katya de qualquer outra ruindade. Nesse momento, olhava simplesmente para a porta, como se através dela pudesse ver o horror que era perpetrado no outro lado.

Tammy não lhe deu oportunidade de sair daquele transe. Começou a subir a escada, levando Todd a reboque.

— Cristo... — murmurou baixinho ele. — Cristo, oh, Cristo, oh, Cristo...

Após subir cinco degraus, Tammy arriscou um olhar para trás e viu Katya ainda de frente para a porta.

No que estaria ela pensando?, perguntou Tammy a si mesma. O que foi que eu fiz? Será que uma mulher como aquela jamais pensará no que eu fiz?

Com a morte de Zeffer, ficaria sozinha no Coldheart Canyon. Sozinha com os mortos. Uma perspectiva nada agradável.

Talvez Katya estivesse lamentando aquilo. Apenas um pouquinho.

E enquanto ela estava sentindo pesar (se sentir isso era o que ela fazia), Tammy continuou a puxar Todd escada acima.

Seis passos nesse momento, sete, oito, nove.

Nesse momento estava na plataforma entre dois lances da escada. Através da janela à esquerda, viu o espetáculo que momentos antes chamara a atenção de Zeffer: os habitantes do Coldheart Canyon apertando-se contra o vidro.

Por que eles simplesmente não o quebrava?, perguntou-se novamente.

Eles não eram, afinal de contas, imateriais. Eles tinham peso, tinham força. Se quisessem mesmo entrar, por que simplesmente não quebravam a vidraça ou derrubavam a porta?

A pergunta desapareceu de sua mente nesse instante, expulsa por um lamento urgente, vindo de baixo.

— Todd?

Era Katya, claro. Ela havia finalmente saído daquele estado de fuga e vinha subindo a escada no encalço deles. Falando com sua voz mais doce. Aquela voz de "venha pra mim".

— Todd, para onde é que você está indo?

Tammy sentiu-se nauseada. Katya ainda lhes poderia fazer mal. Ela ainda tinha poder sobre Todd e sabia disso. E era por isso que falava naquele tom interrogativo de menininha.

— Todd? — repetiu Katya. — Espere, querido.

Se o soltasse, pensou Tammy, ele atenderia o pedido de Katya. E ambos estariam perdidos. Katya nunca o deixaria ir embora. Ela o mataria, em vez de deixar que ele lhe escapasse pela segunda vez.

Não havia muito que pudesse dizer a Todd, exceto:

— Não olhe para trás.

Todd lançou-lhe um olhar, a expressão lamentosa, que a fez sentir-se como se estivesse puxando uma criancinha e não um homem feito.

— Nós não podemos simplesmente deixá-la aqui — disse Todd.

— Depois do que ela fez?

— Não a escute — continuou Katya, a voz subitamente mudada para canto de sereia, apagada a inocência da menina em troca de algo mais veludoso. — Ela simplesmente quer você para ela.

Todd franziu as sobrancelhas.

— Você não pode me abandonar, Todd.

E em uma voz ainda mais suave:

— Eu não deixarei que me abandone.

— Simplesmente lembre-se do que ela fez lá embaixo — lembrou Tammy.

— Zeffer era um estorvo — continuou Katya.

Aproximando-se, sabia Tammy. A voz dela caiu para um murmúrio excitante:

— Eu nunca o amei, Todd. Você sabe disso. Ele simplesmente ficava por aqui, criando problemas. Escute. Você não vai querer ir embora com essa mulher. Olhe para ela, e em seguida olhe para mim. Olhe bem para a escolha que está fazendo.

Tammy esperava mais ou menos que Todd obedecesse às ordens de Katya. Ele, porém, simplesmente continuou a olhar atento os degraus enquanto subiam, o que, nas circunstâncias, era uma pequena vitória. Talvez ele ainda tivesse força de vontade para resistir a Katya, pensou. Ele não era ainda um objeto que pertencia àquela mulher.

Ainda assim, a puta cruel não estava pronta para desistir.

— Todd? — repetiu Katya, nesse momento em tom casual, como se nada disso tivesse importância. — Você pode se virar para mim por um instante? Apenas por um instante? Por favor. Eu quero ver seu rosto, antes que você vá embora. Isso não é pedir muito, é? Apenas mais uma vez. Não posso aguentar isso. Por favor. Todd... Eu... não posso... suportar isso.

Oh, Deus, pensou Tammy, ela está agora recorrendo a lágrimas. E sabia muito bem o que uma inundação bem sincronizada de lágrimas podia fazer. Sua irmã sempre fora rápida em apelar para o serviço de fornecimento de água quando queria alguma coisa e, de modo geral, conseguia o que queria.

— Por favor, meu amor..

.

Aquilo era quase convincente, as palavras prendendo-se na garganta, o soluço baixo.

—... não vá embora. Eu não vou poder viver sem você.

Os dois estavam ainda a alguns passos da porta principal. Em seguida, logo que saíssem, teriam que seguir pela trilha para chegar à rua. Por alguma razão, Tammy duvidava que o poder de Katya se estendesse além da casa. O desfiladeiro poderia ter pertencido a ela no passado, mas perdera o controle do local nas décadas transcorridas desde seu auge como atriz. Nesse momento, aquele lugar pertencia aos espíritos, aos animais e à prole grotesca de ambos.

Ainda puxando Todd, Tammy cruzou o vestíbulo até a porta da frente.

Atrás deles, Katya continuava com seus apelos lacrimosos e declarações de amor, misturados com soluços. E mais apelos para que ele se virasse e olhasse para ela.

— Você não vai querer ir embora — disse ela em voz alta —, você sabe que não quer. Especialmente com ela, Todd. Olhe para ela. Você quer mesmo isso?

No fim, Tammy disse secamente:

— Como, diabo, você sabe o que ele quer, puta? — virando-se para olhar a mulher que os perseguia de perto.

— Porque nós somos almas-irmãs — respondeu Katya.

Os olhos dela estavam inchados e vermelhos, notou Tammy com certa satisfação e lágrimas lhe escorriam pelo rosto. A maquiagem, em dois fios pretos, descia pelas bochechas pálidas.

— Ele sabe que isso é verdade — continuou Katya. — Nós sofremos da mesma maneira. Não sofremos, Todd? Lembra-se de que você disse que era como se eu estivesse lendo sua mente? E eu respondi que isso acontecia porque nós éramos os mesmos, bem no fundo. Lembra-se disso?

— Não preste atenção a ela — disse Tammy.

Só restavam mais uns dois ou três passos até a porta.

Katya, porém — compreendendo que estava prestes a perder a parada — tinha mais uma carta escondida na manga. Uma cartada decisiva e final.

— Se você sair desta casa — disse —, tudo acabará entre nós. Entendeu o que eu disse? Se ficar — oh, se você ficar, meu querido —, eu serei sua... Serei sua de corpo e de alma — e estou falando sério: de corpo e de alma. Mas, se for embora, será como se você nunca tivesse existido.

Finalmente, alguma coisa que ela disse teve peso suficiente para fazer com que Todd parasse.

— Não dê atenção a ela — insistiu Tammy. — Por favor.

— Você sabe que eu posso fazer isso — pressionou-o Katya.

Todd virou-se e olhou para ela, o que era exatamente o que Tammy estava rezando para que ele não fizesse. Katya estava na escuridão perto do alto da escada, mas as sombras não escondiam o brilho feroz de seu olhar, que parecia tremeluzir na penumbra, como se houvesse chamas por trás dele.

Nesse momento em que conseguiu que ele voltasse afitá-la, abrandou o tom de voz. Ela, evidentemente, tinha um repertório e tanto de truques, pensou Tammy. Em primeiro lugar, exigência, em seguida, apelos e cantos de sereia, depois lágrimas e ameaças. E, nesse momento, o quê?

— Eu sei o que você está pensando... — disse ela. Ah, telepatia.—... você está pensando que tem uma vida fora daqui. E que o está chamando de volta.

Tammy ficou confusa. Isso parecia um argumento auto derrotista.

— Você está pensando que quer voltar para a fama, que é o seu lugar...

Enquanto Katya falava, Tammy tomou uma momentosa decisão. Soltoou a mão de Todd. Fizera tudo que podia. Se, depois de tudo isso, Todd resolvesse que queria voltar e entregar-se a essa mulher maldita, não havia mais nada que pudesse fazer. Ele era uma causa perdida.

Dirigiu-se rapidamente para a porta e abriu-a. O primeiro puxão foi um pouco difícil. Em seguida, a porta se abriu, fácil e majestosamente. Não havia espíritos no outro lado, apenas o refrescante ar noturno, adoçado pelo perfume do jasmim-da-noite.

Atrás dela, na casa, Katya terminava sua argumentação:

— O fato é que, lá fora no mundo, não há mais nada para você — disse. — Entendeu o que eu disse, Todd? Não há mais nada.

Tammy saiu para os degraus fronteiros da casa. Olhou para trás e para Todd, a tempo de notar uma expressão de triste perplexidade. Ele, literalmente, não sabia para que lado se voltar.

— Não olhe para mim — disse Tammy. — A opção é sua.

A expressão dele tornou-se ainda mais dolorosa. Não era isso o que queria ouvir.

— Escute, você é um homem feito — disse Tammy. — Se quer ficar com ela, sabendo do que ela é capaz, fique. E tomara que os dois sejam muito felizes.

— Todd... — murmurou Katya.

Saiu das sombras nesse momento, escolhendo o momento, como sempre, com consumada arte. A Katya demoníaca, que havia espancado Zeffer, e em seguida o atirado à mercê de Goga, havia desaparecido inteiramente. Em seu lugar havia uma mulher triste, suave — ou a aparência de tais coisas —, que lhe abria os braços como uma mãe carinhosa.

— Volte para mim — disse.

Ele fez o menor dos movimentos de cabeça e o coração de Tammy caiu para o estômago.

Todd começou a virar-se para dar as costas à porta, mas, no momento em que fazia isso, houve uma inesperada e furiosa erupção de ruídos, vindos das profundezas da casa. Alguém, na Terra do Demônio, batia na porta em um tamborilar furioso.

E aquilo aconteceu no momento perfeito. Ao escutar o som vindo de baixo, Todd pareceu libertar-se violentamente de seu estado hipnótico e, em vez de dirigir-se para os braços abertos de Katya, começou a recuar na direção da porta.

— Quer saber de uma coisa? — disse ele a Katya. — Não posso suportar mais este lugar. Sinto muito, mas vou ter que ir embora.

Katya voou na direção dele, os braços estendidos, os olhos esbugalhados.

— Não!— gritou. — Eu quero você aqui!

Aquilo era mais do que Todd podia suportar. Afastou-se dela e atravessou atabalhoadamente o umbral da porta.

— Até que enfim — disse Tammy.

Todd agarrou-lhe a mão.

— Tire-me desta merda de lugar — disse.

Desta vez, nenhuma hesitação na voz, nada de volta. Correram para o portão e a rua, sem parar nem por um curto momento. Tammy bateu com estrondo o portão, não tanto porque pensasse que isso impediria que aquela puta os seguisse, mas porque isso informaria, sem a menor dúvida, a todo o desfiladeiro que eles haviam realmente deixado a casa e que iam embora.

— Meu carro está na estrada — disse ela a Todd, embora, claro, três dias tivessem passado desde que o deixara ali e não houvesse garantia de que continuava no mesmo lugar.

E as chaves, o que teria acontecido com as chaves? Deixara-as na ignição?

Achava que sim, mas não tinha absolutamente certeza. Tanta coisa lhe havia acontecido no intervalo que não conseguia lembrar-se do que fizera com as chaves.

— Estou supondo que você vem comigo, não? — perguntou a Todd.

Ele fitou-a, a fisionomia sem expressão.

— Até o carro — disse ela, enfatizando a pergunta.

— Vou.

— O carro está rua acima.

— Eu ouvi você dizer isso.

— Neste caso, vamos?

Ele inclinou a cabeça, mas não se moveu. O olhar desviou-se para a casa.

Deixando-o ali olhando fixamente naquela direção, Tammy começou a andar para o local onde deixara o carro. No céu, nem lua nem estrelas, apenas uma cobertura de nuvens cor de âmbar. Perdeu logo Todd de vista enquanto continuava a subir a estrada escura. Lembranças daquela jornada noturna, com todos os respectivos sofrimentos e alucinações desfilaram diante de seus olhos, mas disse a si mesma para expulsá-los da mente. Dentro de minutos, ia sair desse maldito desfiladeiro, muito antes de as memórias voltarem e começarem a fazer seus truques.

Descobriu que o carro estava com as portas sem a tranca. Abriu a do motorista e sentou-se, procurando no escuro as chaves. Isso mesmo! Estavam ali.

— Obrigada, Deus — disse, em uma demonstração tardia de religiosidade.

Acendeu as luzes e ligou o motor. Os faróis iluminaram toda a estrada à frente. Engrenou-o e fez a curva com um rugido do motor. Todd chegara em passos vacilantes até o meio da estrada e poderia tê-lo atropelado (o que teria significado um fim ignominioso para as aventuras da noite), se ele não tivesse dado um passo para o lado. Mas, pelo menos, aquela expressão confusa lhe deixara o rosto. Ao entrar no carro, havia uma nova e agradável urgência em sua maneira de falar.

— Saímos de lá — disse.

— Eu pensei por um momento que você estava pensando em ficar.

— Não... eu estava simplesmente pensando... no idiota que fui.

— Bem, pare de pensar por um momento — aconselhou Tammy. — Isso vai nos atrasar.

Pisou o acelerador até embaixo e o carro partiu em alta velocidade pela estrada tortuosa.

Mais ou menos a meio caminho pelo desfiladeiro, Todd voltou a falar:

— Você acha que ela vai nos perseguir?

— Não — respondeu Tammy. — Não acredito que o orgulho a deixe fazer isso.

Mal acabara de falar, quando alguma coisa entrou com um salto no feixe dos faróis. Todd soltou um grito de surpresa. Tammy, porém, no mesmo instante, soube o que era aquilo: um dos híbridos que encontrara nas encostas. Era feio, até mesmo pelos padrões de sua deformada raça: uma coisa saltitante, descorada, a carne faltando na parte inferior da cara, expondo um ricto doentio.

Tammy nenhuma tentativa fez de evitar atingir a coisa. Em vez disso, dirigiu o carro diretamente contra ela. Um momento antes de ser atingida, a coisa escancarou horivelmente a boca sem lábios, como se pudesse assustar o veículo. Em seguida, a frente do carro atingiu-a e a coisa enrolou-se em forma de capuz, espalhando-se momentaneamente pelo pára-brisa. Durante segundos, Tammy guiou às cegas, com a cara da besta grotescamente colada no vidro.

Em seguida, uma de suas guinadas de direção mais suicida lançou fora a coisa, deixando no vidro apenas a mancha de seus fluidos amarelo-claros.

Muito calmo, Todd perguntou:

— O que, diabo, era aquilo?

— Eu lhe digo, noutra ocasião — respondeu Tammy.

E deixando nesse ponto a explicação, continuou a descer a estrada tortuosa em silêncio total, chegando os dois finalmente a alguma rua anônima, mas com iluminação elétrica, e, assim, fora das entranhas do Desfiladeiro do Medo e de volta à cidade de Los Angeles.

PARTE SETE

A lista A



UM

Em março de 1962, Jerry Brahms comprou um pequeno apartamento de dois quartos a um ou dois blocos de distância dos portões de Hollywoodland, um bairro surgido na década de 1920 e que abrangia grande parte das terras nas vizinhanças do cartaz de Hollywood. A casa lhe custou US\$ 19.700, uma importância relativamente modesta para um local tão bem situado. Naquela época, ainda cultivava a fantasia de, um dia, encontrar uma alma-irmã com quem dividiria a casa, mas, por algum motivo, seus enredamentos românticos sempre terminaram mal e, a despeito de três tentativas para trazer alguém para morar, a química dos dois sempre fracassava vergonhosamente e, em todas as ocasiões, mandou embora o seu homem e terminou sozinho. E não tinha mais esperança de pôr fim à solidão: até mesmo os especialistas em câncer mais otimistas só lhe haviam dado, na melhor das hipóteses, mais um ano de vida. Nesse momento, o tumor na próstata era inoperável e estava se alastrando.

Mas, a despeito de seu amor pelos sonhados e distantes dias de Hollywood, era um homem prático — pelo menos em seu próprio interesse — e sobretudo nada de sentimental. A perspectiva de morte não o afetava particularmente de uma ou de outra maneira, nem o horrorizava essa possibilidade. Isso simplesmente aconteceria — melhor mais cedo do que mais tarde. Às vezes, quando ficava melancólico, pensava em suicídio e, na preparação para esse momento, juntou um número considerável de comprimidos para dormir, o suficiente, tinha certeza, para fazer o serviço. Mas embora tivesse nesses tempos dias muito ruins, quando a dor (e, para um homem refinado como ele, os problemas práticos de distúrbios intestinais avançados) era tão excruciante que pensava seriamente em amarrar todas as pontas soltas da vida e simplesmente engolir todos aqueles comprimidos com um Bloody Mary caprichado, mas isso nunca conseguiu se obrigar a fazer.

Era tomado por um senso de coisas ainda por fazer, embora não pudesse descobrir exatamente o quê. Seus pais haviam falecido há muito tempo, e irmã, a única, morreu também tragicamente jovem. Quanto aos poucos amigos, não havia muitos a quem quisesse dizer alguma coisa de grande profundidade. Se morresse, pouco haveria em matéria de lágrimas: apenas algumas pessoas lutando por sua coleção de peças memoráveis do cinema — que nunca mandou avaliar, mas que, num leilão, valeria provavelmente meio milhão de dólares — e algumas poucas observações melosas, mentirosas, no Mickey's (seu bar favorito), quando se fosse daqui. Deus sabia que ele havia feito na vida um bom número dessas observações: no seu auge, foi uma espécie de rainha, com uma resposta felina para praticamente tudo. Mas não havia mais prazer nesse tipo de coisa. Seu estilo de rainha caiu de

moda muito tempo antes. Ele era um dinossauro com câncer na próstata que, antes de muito tempo, estaria extinto.

Ultimamente, descobriu que seu estado tornava-o vulnerável a todas as pequenas tristezas que tocavam seu mundo. A morte do cachorro de Todd, Dempsey, fê-lo chorar durante um dia inteiro, embora mal conhecesse o animal. E, em seguida, a morte de Marco Caputo, um desperdício insensato de vida. Nunca foi amigo íntimo de Caputo, mas, nas poucas ocasiões em que esteve com ele, o homem sempre se mostrou polido e profissional, coisas essas muito raras nestes dias de mediocridade.

O enterro não fez justiça ao homem, em sua opinião. Pouca gente (uns dois membros da família dele, vindos de Chicago, que pareciam mais interessados em saber o que havia no testamento do falecido do que em lamentar a perda do irmão). Todd, claro, esteve à mão, embora através de Maxine como sua representante. Jerry aproveitou a oportunidade para lhe perguntar por quanto tempo mais ela pensava que ia durar aquela história de perseguição de fãs. Estaria a polícia tentando prender aquela mulher e processá-la ou o pobre Todd simplesmente teria que aguentar com paciência? Maxine respondeu que não sabia. Não iria tratar por muito tempo mais dos assuntos de Todd, contou. Era pura perda de tempo e energia.

A conversa, o pequeno número de pessoas desinteressadas que compareceu ao enterro, o caixão e o pensamento em seu conteúdo nada invejável, tudo isso contribuiu para que ele voltasse para casa em um estado de espírito mais triste do que o habitual. Mas mesmo assim, quando parecia que toda decência e toda esperança haviam desaparecido do mundo, descobriu que era impossível engolir aqueles comprimidos e acabar com tudo.

Por que, por amor de Deus? Alguma coisa incomodava-o, insistentemente, isso era tudo que sabia. Alguma coisa que lhe dizia para esperar, apenas um pouco mais.

— Não acaba — seus desmunhecados conhecidos costumavam dizer — até que a gorda acabe de cantar.

De qualquer maneira, bem no fundo da alma, sabia que a gorda ainda tinha uma carta escondida na manga.

Em vista disso, continuou a viver, o que muitas vezes era um trabalho tedioso, o tempo todo esperando aquilo que o azucrinhava caso se tornasse claro.

FINALMENTE, NA NOITE de 31 de março, aconteceu.

E em circunstâncias estranhas. Teve um sonho tão impressionante que as acordou. Esse fato em si era estranho, porque geralmente ia para a cama depois de tomar uns dois uísques para lavar os comprimidos para dormir e, por isso, raramente acordava.

Mas acordou naquela noite e o sonho foi claro como cristal.

Sonhou que estava sentado no vaso sanitário, em um estado de prisão de ventre dolorosíssimo (o que era, no estado de vigília, consequência dos analgésicos receitados). Sentado ali, deu-se conta de que o chão do sanitário era de tábuas, não de ladrilhos como no caso, e que as rachaduras no piso, de tão largas, deixavam-no olhar bem dentro do apartamento embaixo. Exceto que não era outro apartamento e sim — na estranha lógica do sonho — outra casa. E também não apenas outra casa. Era o palácio dos sonhos de Katya que se estendia abaixo dele. Compreendendo isso, as rachas entre as tábuas se alargaram e caiu entre elas, devagar, como se fosse leve como uma pena.

E ali estava ele, na casa de Katya, no Coldheart Canyon. Puxou a calça para cima e olhou em volta.

O palácio dos sonhos estava muito arruinado, janelas quebradas, aves voando para dentro e para fora, pousando na mobília refinada. Um coioote andava sorrateiro pela cozinha, procurando restos de comida. E nas árvores no lado de fora viu dezenas de macaquinhos listrados de vermelho e preto, conversando e guinchando. Não eram detalhes tão imaginosos como poderiam ter parecido a alguém que não conhecesse a casa, como aconteceu com ele nos seus melhores dias. Ali havia macacos — fugitivos do zoológico particular de Katya. Por algum tempo, aquilo ali pareceu o clima apropriado para eles e proliferaram. Após um ou dois anos, porém, algum vírus acabou com todos eles.

Alguma coisa sobre o lugar naquele estado de abandono lhe deu vontade de ir embora. Sabia, no entanto, que não poderia fazer isso. Não sem antes apresentar seus respeitos à dona da casa. De modo que, em vez de esperar que ela aparecesse, foi procurá-la, pensando que quanto mais cedo a encontrasse mais cedo seria libertado desse sonho. Começou a subir a escada. Viu moscas rastejando no chão a seus pés, tão numerosas e preguiçosas que se recusaram a mover-se quando ele subiu, obrigando-o a esmagá-las com os pés descalços.

A porta do quarto da dona da casa estava aberta. Entrou, meio hesitante.

Só havia estado ali uma vez antes. Lembrava-se de que era grande, mas, nesse sonho, achou-o. Através das cortinas parcialmente abertas, a luz do sol que entrava tinha uma cor curiosa, quase lilás.

No quarto havia uma cama enorme, mas extremamente simples. E, sentada nela, a única mulher que, além de sua mãe, ele amara: Katya. Estava nua ou — dizendo mais precisamente — despida. Tinha noventa por cento da pele coberta de grandes caracóis, do tipo comum de carapaça de tartaruga que todos os jardineiros odeiam. Eles se moviam por cima de toda a pele de Katya, pelo rosto, pelos seios e ventre, pelas coxas e canelas. Tinha os cabelos misturados com seus rastros prateados, e uns trinta ou quarenta deles formavam em sua cabeça uma estranha coroa. As

pernas estavam abertas e os caracóis investigavam também a fenda entre as coxas. Como acontece tantas vezes em sonhos, ele viu tudo isso com horrendos detalhes. Viu a maneira como os corpos cinzento-esverdeados invertebrados se projetavam das carapaças enquanto se moviam sobre a pele de Katya, seus pequenos chifres sondando o terreno enquanto avançavam e, em seguida, recuando se encontravam um obstáculo — um bico de seio, uma orelha, a junta do polegar—, mas apenas para se estirarem novamente quando tinham certeza de que não havia perigo naquele encontro.

Sem falar, Katya olhou para baixo e, com toda delicadeza, puxou de cima do seio uma daquelas criaturas. Em seguida, abriu mais as pernas, permitindo a Jerry uma vista ainda mais íntima de suas partes privadas. Mesmo que não fosse um connoisseur, até ele podia ver que havia uma certa beleza na forma dos lábios da vulva. Ela tinha uma xoxota de menina. Pondo a mãos entre as pernas, ela abriu os lábios da vulva e delicadamente colocou ali o caracol que tirou do seio.

Jerry observou tudo aquilo com um fascínio apavorado quando, como se reagisse ao seu novo poleiro, o caracol projetou os chifres e começou a examiná-lo.

Katya exalou um suspiro. As pálpebras tremeram e se fecharam. De repente, voltou a abri-las. E quando o fizeram estavam fixados nele com uma surpreendente ferocidade.

— Então, você está aí, Jerry—disse, a voz ressoante com a música de que se lembrava dos seus tempos de menino, o tipo de música agri-doce pelo qual julgou desde então a voz de todas as mulheres que conheceu.

Mais tarde, soube que as estrelas do cinema mudo tinham sido famosas por vozes que lhes fechavam a carreira no cinema falado. Katia, porém, foi uma das exceções à regra. Tinha o mais ligeiro dos sotaques estrangeiros (nada reconhecível, apenas o suficiente para acrescentar uma certa pungência às frases). À parte isso, falava com sedutora elegância.

— Preciso de ajuda — disse ela. — Jerry, você pode vir até a casa? Por favor. Estou sozinha aqui. Inteiramente sozinha.

— O que foi que aconteceu com Todd?

— Ele me deixou.

— Eu não posso acreditar nisso.

— Pois é verdade. Foi embora. Você vai escolher entre ele e eu?

— Não, claro que não.

— Ele era simplesmente outra casca vazia, Jerry. Não havia substância nele. Estou sozinha e isso é pior do que a morte.

Seu eu sonhador ia dar uma de inteligente e lhe perguntar como ela poderia concebivelmente saber o que era a morte, mas em seguida pensou melhor.

Talvez ela de fato soubesse. Isso não estava além dos limites das possibilidades.

Ele nunca entendeu realmente como a vida dela se desenrolava ali na casa do desfiladeiro, mas desconfiava que havia segredos terríveis naquele lugar.

— O que você quer que eu faça? — perguntou.

— Venha ao desfiladeiro — respondeu ela.

E esse foi o fim do sonho, pelo menos o que dele se lembrava quando acordou. A imagem do corpo dela coberto por caracóis repugnava-o, claro, especialmente os detalhes sexuais. Teria ele inventado isso, ao terminar o sonho, ou o puxou dos recessos do subconsciente? O que quer que fosse, o sonho tinha cumprido seu dever, fazendo com que ele compreendesse o estado lamentável em que ela se encontrava.

Durante todo o dia seguinte, enquanto se ocupava da rotina diária — ir ao mercado, voltar do mercado, preparar ele mesmo um frango, comer o frango, lavar o prato, conversar com Luís, que morava no apartamento de baixo, e lhe dizer que todos os apartamentos precisavam de uma nova pintura, e quem era que ia falar com o síndico, porque isso precisava ser feito logo, e assim por diante — durante todo o dia continuou a pensar no sonho e a se perguntar se aquilo estava realmente tentando ou não lhe dizer alguma coisa.

Sem nenhum motivo, absolutamente, perguntou a Luís:

— Você acredita em sonhos?

Luís, um tipo gordo, agradável, que havia estado na Christopher Street na noite dos distúrbios de Stonewall, vestido a caráter como drag-queen, ou coisa parecida, perguntou:

— Como o quê? Dê um exemplo.

— Como um sonho que parece estar lhe dizendo alguma coisa?

— Oh, sim, já tive desses sonhos.

— E eles diziam?

— Eu tive um sonho em que minha mãe me dizia que acabasse com um relacionamento que eu tinha com um cara. Não sei se o conhece. Ronnie.

— Eu me lembro de Ronnie.

— Bem, ele era um filho da puta. Ele tinha o costume de me bater, ficava bêbado de tanta tequila e me dava uma surra.

— O que isso tem a ver com o sonho?

— Eu lhe disse. Minha mãe me disse para mandá-lo embora. No sonho. Ela disse que o mandasse embora ou ele me mataria.

— O que foi que você fez?

— Mande-o embora. Quero dizer, eu, de qualquer maneira, estava pronto para fazer isso. O sonho simplesmente confirmou o que eu estava sentindo.

— E ele foi embora?

— Não. Ele reagiu e a gente saiu no pau... — Luís arregaçou a manga da camisa e mostrou uma cicatriz de uns 15cm na pele morena. — A coisa ficou preta.

— Ele fez isso?

— A gente estava brigando. Eu caí em cima de uma mesa de café virada. Precisei tomar 16 pontos. Quando voltei do hospital, o sacana tinha ido embora. Levou todos meus sapatos. E eles nem mesmo eram do tamanho dele.

— De modo que você acredita em sonhos?

— Claro que acredito. Por que é que você quer saber?

— Eu estou tentando entender uma coisa.

— E quer minha opinião? Às vezes, o sonho pode ser útil. Mas, também, em outras ocasiões está cheio de merda. Tudo depende do sonho. Sabe como eu sei? Minha mãe adoeceu gravemente de pneumonia e foi internada em um hospital em Nova York. Eu tive um sonho em que ela me dizia que estava bem, que não havia necessidade de gastar dinheiro numa viagem de avião à Costa Leste, porque ela ia melhorar. No dia seguinte, ela faleceu.

JERRY VOLTOU AO apartamento e pensou um pouco mais no sonho e no que Luís lhe disse. Aos poucos, começou a descobrir o motivo por que relutava tanto em tomar uma decisão. Tinha medo de que, se fosse ao Coldheart Canyon (se ficasse do lado de Katya, conhecendo-lhe a capacidade para crueldade), isso fosse seu fim. Tinha visto um número grande demais de filmes em que o "assumido" acabava morto na segunda parte, detalhe supérfluo para o que verdadeiramente interessava na história. Não era essa sua situação? Não levou a vida à beira do grande drama de Katya, jamais importante o suficiente para ser o centro de atenções? Se os acontecimentos no Coldheart Canyon estivessem realmente chegando ao fim — como parecia que acontecia —, qual a probabilidade de que sobrevivesse até o carretel final? Pouca ou nenhuma.

Mas também, se isso era a verdade inescapável da vida, por que resistir?

Por que se fechar no pequeno apartamento, assistindo a programas de prêmios na TV e comendo comida congelada/quando o único drama de que realmente fez parte estava chegando ao fim, a 20 minutos de carro dali? Não estaria ele simplesmente desperdiçando mais tempo, desperdício sobre desperdício?

Droga, iria. Obedeceria ao chamado do sonho e voltaria ao Coldheart Canyon.

Tomada essa decisão, começou a preparar-se para uma audiência com a Senhora Katya. Escolheu uma roupa elegante (ela gostava de homens elegantes, ouviu-a dizer certa vez), o terno de linho, os melhores sapatos italianos, uma gravata de seda que comprou em Barcelona, para acrescentar exatamente o toque certo de cor a um conjunto fora disso discreto. Escolhidas as roupas, tomou um banho de

chuveiro, barbeou-se e, em seguida, tendo suado um pouco ao barbear-se, tomou outro banho.

Começou a vestir-se em fins da tarde. Logo depois seria hora de coquetel no Coldheart Canyon. Naquela noite, pelo menos, Katya não teria que jantar sozinha.



DOIS

Mais ou menos na hora em que Jerry Brahms acordou do sonho com Katya e os caracóis — isto é, meia hora antes do amanhecer — Tammy e Todd entravam discretamente — "não faça barulho, não faça barulho", continuava ela a dizer — no pequeno hotel onde estava hospedada. Os últimos poucos dias lhe haviam dado uma faixa notável de experiências inacreditáveis, mas esta era, com certeza, a mais estranha de todas — percorrer nas pontas dos pés o corredor do hotel duas estrelas, levando a reboque uma das mais famosas celebridades do mundo, dizendo a ele para tomar cuidado sempre que os calcanhares tiravam gemidos das tábuas do chão.

— O quarto é uma bagunça — avisou ela, abrindo a porta para ele. — Eu não sou uma pessoa muito arrumada...

— Não me importo com isso — respondeu Todd, a voz tão esvaziada pelo cansaço que nela não havia mais qualquer sinal de vida. — Só quero mesmo urinar e dormir.

Foi direto para o banheiro e, sem se incomodar em fechar a porta, baixou o fecho da calça e urinou como um cavalo de corrida, como se os dois fossem casados há anos e ele não desse a mínima bola para delicadezas. Dizendo a si mesma que não devia dar uma olhada, ela ainda assim fez isso. Que mal havia nisso? Ele era maior do que Arnie, quase duas vezes maior. Ele sacudiu o membro, molhando o assento (exatamente como Arnie fazia), foi até a pia lavar as mãos e passar água no rosto, tudo isso sem muito entusiasmo.

— Eu continuo a pensar... — disse ele em voz alta. — Você está me ouvindo?

— Estou, estou ouvindo perfeitamente.

— Continuo a pensar que tudo isto é um sonho e que vou acordar.

Fechou a torneira e veio até a porta, toalha na mão. Bem de leve, enxugou o rosto.

— Mas, em seguida, penso: se isso foi um sonho, quando foi que começou? Quando conheci Katya? Quando fui pela primeira vez ao Coldheart Canyon? Ou quando acordei da operação e tudo tinha saído errado?

Jogou a toalha no chão do banheiro. Outra coisa que Arnie sempre fazia.

Era uma coisa que sempre irritava Tammy, correr atrás do marido, apanhando coisas que ele deixava cair: toalhas no banheiro, meias e cueca com mancha de coco no quarto, comida fora do refrigerador, onde as moscas podiam se banquetear. Por que era tão difícil para o homem mudar esses hábitos? Por que não podia simplesmente apanhar as coisas no chão e colocá-las nos lugares certos?

Todd continuava a falar sobre o momento em que o sonho começou. Chegou à conclusão do que aconteceu quando Burrows o anestesiou.

— Você não está falando sério, está? — perguntou Tammy.

— Absolutamente sério. Tudo isto... — fez um gesto largo abrangendo o quarto e Tammy —... faz parte de alguma alucinação.

— Eu, inclusive?

— Claro.

— Todd, você está sendo ridículo — disse Tammy. — Você não está sonhando nada disso e nem eu. Estamos acordados. Estamos aqui.

— Aqui. Não me importo — disse ele, olhando em volta do quarto. — Posso aceitar estar aqui. Mas, Tammy, se o quarto existe, então existe também toda aquela merda que vimos na casa de Katya. E não estou pronto para acreditar naquilo. — Roeu as unhas enquanto falava e começou a andar de um lado para o outro. — Você viu o que havia no salão?

— Na verdade, não. Quero dizer, eu vi o homem que matou Zeffer...

— E os espíritos. Você viu os espíritos?

— Vi, vi, sim. E coisas piores.

— E você acredita que tudo isso é real?

— Qual é a alternativa?

— Eu lhe disse. Isso tudo é apenas uma alucinação que estou tendo.

— Eu acho que saberia se estivesse tendo uma alucinação.

— Você já tomou LSD? LSD realmente de primeira classe? Ou os cogumelos mágicos?

— Não.

— Entenda, a gente toma esses troços e parece que nunca mais olhamos para o mundo real da mesma maneira. Não podemos nunca mais confiar nele. Quero dizer, tudo isso é, afinal de contas, realidade consensual, certo?

— Não sei que diabo é isso.

— É uma frase usada por meu vendedor de droga. Jerome Bunny é o nome dele. Ele é um verdadeiro filósofo. Com ele, o caso não é simplesmente drogas, mas uma maneira de encarar o mundo. E ele dizia que todos nós, por questão de conveniência, concordamos sobre o que é real.

— Continuo ainda sem entender nada — confessou Tammy.

— Bem, ele explicava isso melhor do que eu.

— De qualquer modo, eu pensava que você não usava drogas. Você disse a People que ficou horrorizado com o que as drogas fizeram com amigos seus.

— Eu dei algum nome?

— Robert Downey Jr. Foi um deles. "Um grande ator", você disse, "matando-se por causa de uns 'baratos'", foi o que você disse.

— Eu não frito meu cérebro todas as noites, como Robert fazia. Conheço meus limites. Um pouco de maconha. Alguns comprimidos de ácido... — Interrompeu-

se, parecendo um pouco irritado. — Afinal de contas, não tenho que me justificar com você.

— Eu não disse que você tem...

— Citando minhas palavras...

— Mas foi isso o que você disse.

— Foi conversa fiada. A vida era dele. Podia fazer com ela o que diabo quisesse. De qualquer modo, como foi que tudo isso começou?

— Com você dizendo...

— Ah, sim, nós estamos tendo juntos este sonho, porque dessa maneira o Coldheart Canyon não existe. Não pode existir. Tudo isso é alguma coisa inventada. Quero dizer, como é que alguma coisa daquilo pode ser real?

— Não sei — respondeu sinceramente Tammy. — Mas o que quer que você diga sobre sonhos, realidade consentida ou o que for, aquele lugar é real, Todd. Está lá em cima, entre as colinas, neste exato momento. E ela está lá, também. E planejando seu próximo movimento.

— Você parece muito convencida.

Nesse momento, enquanto falava, Todd examinara sua imagem no espelho da cômoda.

— Estou convencida. Ela não vai largar você. Vai encontrar uma maneira de trazê-lo de volta.

— Olhe para mim — disse ele.

— Acho que você está bem.

— Eu sou uma bagunça. Burrows botou tudo isso a perder. — Levou as mãos ao rosto. — Isto tem que ser um sonho... — disse, voltando ao velho tema. — Eu não posso aparecer assim no mundo real.

— Eu posso — disse Tammy, olhando para seu pouco lisonjeiro reflexo.

— Eu sou assim. — Deu um beliscão em si mesma. — Eu sou real — disse.

— É mesmo? — perguntou ele suavemente.

— Eu sei quem sou. Sei como cheguei aqui, de onde vim, onde meu marido trabalha.

— Seu marido?

— Isso mesmo, meu marido. Por quê? Está espantado que uma mulher que usa meu tamanho de roupa tenha marido? Pois eu tenho. O nome dele é Arnie e ele trabalha no Aeroporto de Sacramento. E você não sabe nada sobre ele, sabe?

— Não.

— Nesse caso, não podia ter sonhado com ele, podia?

— Não.

— Está entendendo? Essa é minha vida. Meu problema.

— Por que problema?

— Porque ele bebe demais, não me ama e está tendo um caso com uma mulher que trabalha no escritório da FedEx.

— Que merda. Ele é do tipo violento?

— Seria, se eu deixasse.

— Mas não deixa.

— Eu fraturei uma costela dele na última vez que tentou uma coisa estúpida dessas. Ele estava bêbado. Mas isso não é desculpa.

— Nesse caso, por que fica com ele?

— Quer saber mesmo?

— Quero.

— Até parece que você está falando sério.

— Estou.

— Se eu lhe contar, você me promete uma coisa?

— O quê?

— Prometa primeiro.

— Merda. Prometo. Palavra de escoteiro. Por que é que você fica com ele?

— Porque viver só é pior. Especialmente para uma mulher. Eu o deixei, há uns dois anos e meio, quando descobri que ele tinha uma amante, mas, um mês depois, tive que voltar. Ficar só me deixou louca. Obriguei-o a me dizer que sentia muito por ter me humilhado e que nunca mais faria isso, mas eu sabia que não era verdade. Homens não podem evitar de ser porcos. Foi assim que Deus os fez.

— E eu acho que as mulheres são...

— Putas, a maioria. Eu, inclusive. Mas, às vezes, a gente precisa ser uma puta para poder ir até o fim do dia.

— E Katya?

— Eu estava pensando em quanto tempo você ia demorar antes de falar nela — retrucou Tammy. — Eu vou lhe dizer o quanto ela foi puta. Conhece aquele homem que ela jogou no salão? — Todd inclinou a cabeça. — O nome dele era Zeffer. O homem que a transformou numa estrela. É esse o tipo de mulher que ela é.

— Havia outro lado nela, pode acreditar.

— Não me diga: ela adora cachorros.

— Espere... — disse ele, cansadamente, ignorando-lhe o cinismo. — Estou tentando aqui explicar uma coisa.

— Eu não quero ouvir nada sobre o lado mais bondoso, mais terno dela.

— Por que não?

— Porque ela é uma mulher má, Todd. Deram o nome de Coldheart Canyon àquele desfiladeiro em homenagem a ela, pelo amor de Deus. Sabia disso? De qualquer modo, nenhum de nós dois vai voltar para lá. Feito?

Todd não respondeu. Simplesmente olhou para a foto desmaiada do cartaz de Hollywood, pendurado sobre a cama.

— Alguém não se jogou de lá de cima? — perguntou, finalmente.

— Jogou-se. O nome dela era Peg Entwistle. Uma atriz fracassada. Ouviu o que eu disse?

— Que nenhum de nós dois vai amolecer e voltar a procurar Katya, certo? Você não vai voltar às escondidas para lá logo que eu der as costas?

— Por quê? Por que importaria tanto se eu voltasse? — perguntou ele. A convicção de que tudo aquilo era um sonho parecia ter pedido credibilidade nos últimos minutos. — Afinal de contas, depois disso, você nunca mais vai voltar a me ver.

Era verdade, claro. Esta era a primeira e última vez em que se sentava em um quarto de motel conversando com Todd Pickett. Mas ainda doía ouvir isso. Magoada, gaguejou uma resposta: — Importaria apenas porque eu quero o melhor para você.

— Nesse caso, chegue pra lá — disse ele, aproximando-se da cama — e deixe que eu me deite e durma um pouco.

Tammy levantou-se da cama.

— Você não vai dormir? — perguntou ele.

— Não há lugar para nós dois.

— Claro que há. Deite-se e descanse um pouco. Conversaremos sobre isso depois de dormir um pouco.

Tirando os sapatos, Todd deitou-se, colocando o travesseiro fino como papel ao lado do outro, para que os dois tivessem um lugar para descansar a cabeça.

— Venha — disse ele. — Deite-se. Eu não mordo.

— Você sabe mesmo como tudo isso é estranho para mim, não sabe?

— Que parte: a mulher, a casa, a esposa do Demônio...

— Não. Você e eu, juntos na mesma cama.

— Não se preocupe, eu não vou tentar bolinar...

— Eu sei que..

.

—... estou apenas sugerindo que a gente durma um pouco.

— Tudo bem. Mas continua a ser muito esquisito. Sabe que você era uma pessoa que eu idolatrava?

— Por que a forte ênfase no verbo no tempo passado? — perguntou Todd, abrindo um olho e fitando-a.

— Não seja tão sensível assim.

— Não, não estou sendo. Entendi o recado. Aconteceu o mesmo quando conheci pessoalmente Paul Newman. — Fechou o olho. — Eu sempre pensei que ele era o

mais cool dos caras cool. Ele tinha aqueles olhos azuis frios e aquela maneira fácil de... — as palavras tornaram-se mais lentas, mais sonhadoras —... entrando em uma sala... e eu pensava... quando eu for famoso...

As palavras acabaram.

— Todd?

Ele abriu os olhos por uma fiação de segundo e fitou-a entre as pestanas.

— O que era que eu estava dizendo?

— Não tem importância — respondeu ela, sentando-se na cama. — Vá dormir.

— Não, diga. O que era que eu estava dizendo?

— Que você queria ser igual a Paul Newman.

— Ah, isso mesmo. Eu simplesmente praticava meu ato durante horas seguidas. A maneira como ele fazia tudo era tão relaxada... Às vezes, ele parecia tão relaxado que a gente não podia acreditar que estava representando. Aquilo parecia... tão fácil...

Enquanto ele falava, Tammy tirou os sapatos (tinha os pés imundos, doloridos, mas não teve forças para ir tomar um banho de chuveiro) e em seguida deitou-se ao lado de Todd. Ele nem pareceu se dar conta de que ela estava a seu lado. O monólogo continuou, embora se tornasse menos coerente, à medida que o sono lhe tornava mais preguiçosa a língua.

— Quando o conheci... quando finalmente o conheci., ele era... tão... pequeno...

Tendo chegado à conclusão, ele começou a roncar baixinho.

Tammy apoiou-se nos cotovelos e olhou-o, deitado ali, pensando no que teria sentido se alguém lhe tivesse dito há alguns dias que ela dividiria uma cama com Todd Pickett. O coração teria batido mais apressado só em pensar na possibilidade. E ainda assim ali estava ela, deitada ao lado dele e nada sentia, nada, exceto, talvez, uma leve irritação, porque não teria uma parte suficiente da cama, com ele ali todo espalhado. Bem, não tinha opção. Ou dormia na cama com o Sr. Encanto, ou se deitava no chão.

Fechou os olhos.

Estava exausta e o sono chegou momentos depois. Não teve sonhos.



TRÊS

Enquanto os dois aventureiros, com tão pouca coisa em comum, dormiam na escuridão subterrânea do Quarto 131 do Wilshire Plaza Hotel, um sono profundo demais para ser descrito como confortável, na verdade perto demais da morte — a cidade de Los Angeles acordava e iniciava sua rotina diária. Havia lucros a ganhar. Filmes estavam sendo rodados em toda a cidade.

Tristes filmezinhos pornôns eram feitos em motéis de ínfima classe, espetáculos burros com orçamentos que podiam ter sustentado pequenas nações, fabricadas nos estúdios de som de Culver City e Burbank, filmes independentes sem financiamento sobre a vida de cafetões e prostitutas, e cineastas sem tostão que filmavam em qualquer lugar onde um quarto pudesse ser encontrado e atores reunidos. Alguns chegariam à glória. Até os pornôns têm agora suas noites de premiação e, quando a felizarda escolhida como a Melhor Chupadora de Pau fosse chamada ao palco, ela humildemente agradecería a seu empresário, a sua mãe e a Jesus Cristo.

Mas as ficções, seja sexo-ficção ou ciência-ficção, não eram os únicos dramas que seriam representados naquele dia. Os lucros da cidade dependiam da venda de sonhos, de maneira nenhuma de si mesma, e por isso, todos os dias, pessoas jovens e esperançosas chegavam de ônibus ou avião para tentar a sorte. E, todos os dias, alguns desses sonhadores, tendo vivido na cidade durante meses (e, às vezes, anos), chegavam à conclusão de que seu lugar na cadeia de alimentação da fama era mais baixo do que um pedaço de sushi da semana passada. Aquilo não ia acontecer com eles: não iam ser a próxima Meryl Streep, o Todd Pickett seguinte, ou o Jim Carrey, que viria depois. Teriam que esperar outra vida inteira por sua fatia de fama, ou a vida após essa, quando não por uma terceira. E, para muitos, estas não eram notícias que pudessem suportar levar de volta para casa. Melhor comprar uma arma — como Ryan Tyler (nome real, Norman Miles) fez naquela manhã — e voltar ao apartamento de um quarto só e estourar os miolos. Ele fez duas falas nos filmes *Lethal Weapon*, que, disse a todo mundo em Stockholm, Ohio, era o começo de uma grande carreira. As falas, porém, foram cortadas e, por alguma razão, ele nunca mais atraiu o olho de um diretor. Nem uma única vez em seis anos, desde que havia pronunciado aquelas duas linhas, foi chamado de volta para uma audição. A bala foi mais bondosa do que o telefone mudo. A morte dele não deu nos jornais.

A morte de um certo Rod McCloud deu, mas apenas porque ele se jogou de um viaduto sobre a estrada 405 e parou o tráfego nas duas direções durante uma hora. McCloud, na verdade, ganhou um Oscar. Quatorze anos antes, foi co-contemplado

(juntamente com outros quatro produtores) com o cobiçado ícone. Mas não houve tempo para ir ao microfone e agradecer ao empresário e a Jesus Cristo. A orquestra iniciou a música do fim do espetáculo antes que o colega à sua frente terminasse de apresentar seus agradecimentos, e ficou tarde demais.

Ao meio-dia, outro suicídio foi descoberto, o de um homem que — ao contrário de McCloud, que tinha 61 anos de idade — estava ainda no começo da vida. Justin Thaw, que dois anos antes havia sido considerado pela Vanity Fair como o Mais Poderoso Empresário de Menos de 25 Anos de Idade de LA (ele tinha 22 anos na ocasião) e que havia sido treinado pelo maior dos empresários das divindades da cidade como seu herdeiro, fez um laço e se enforcou na garagem, deixando um bilhete de suicida, escrito como uma série de macetes (como o ex-chefe lhe havia ensinado) para o máximo de clareza. Não tinha mais forças para lutar com seu vício, escreveu. Estava cansado demais de achar que era um fracasso, simplesmente porque era viciado em heroína. Sentia profundamente por todas as coisas cruéis que dissera e fizera com pessoas que amava, aquilo fora coisa da droga, da droga dizendo, mas era ele quem sentia muito e que se sentia feliz por ir embora, porque a vida não valia mais o esforço. Usou na hora da morte o terno de dez mil dólares que mandou cortar em Milão, os sapatos que comprou em Roma, e, para não fazer uma bagunça tão grande de sua morte como fez da vida, um par de fraldas de adulto.

A notícia da morte de Justin espalhou-se rapidamente e algumas portas de executivos ficaram fechadas por algum tempo, dando às pessoas atrás delas um momento para lembrar-se das ocasiões em que haviam compartilhado de um "barato" com ele e a pensar se não era tempo de pedirem ajuda a Narcóticos Anónimos. Em seguida, os telefones de seus poderosos contemporâneos começaram a tocar novamente e a pressão do dia exigiu que a meditação fosse adiada por algum tempo. Tomaram um ou dois cheiros de cocaína para afastar Justin da mente e voltaram ao trabalho. Pensariam novamente nele no enterro.

E, por falar nisso, as cinzas de Jennifer Scarscella viajavam naquela tarde num avião para Chicago, para enterro em sua cidade natal. Jennifer faleceu nove meses antes, mas só recentemente seu corpo tinha sido encontrado e identificado no necrotério de LA. Ela havia saído de casa sete anos antes, sem dizer aos pais para onde ia, embora não tivesse sido difícil para os Scarscellas imaginar para onde a filha havia viajado: tentar a sorte na Cidade das Ilusões; tudo que ela jamais quis na vida foi ser estrela de cinema. Tinha sido assassinada pelo namorado, porque havia se recusado, disse ele, a fazer um papel em um filme de classificação X. Ele estava nesse momento na cadeia e Jennifer voltou para casa, tendo mantido altas as ambições e morrido por isso.

E assim o dia continuou, as sombras da cidade se encompridando quando o sol começou a cair do zênite ao meio-dia.

Um pouco depois das 4h, houve uma crise na Warner's, quando um cenário em construção pegou fogo, destruindo inteiramente um estúdio de áudio e danificando seriamente dois outros. Ninguém morreu, mas, naquela tarde, rostos ficaram sombrios na sala da diretoria. O seguro cobriria a reconstrução dos palcos, é verdade, mas os cenários haviam sido construídos para o esperado sucesso da Warner's naquele Natal, o Dark Justice. Com uma apertada escala de pós-produção, que exigia que as cenas principais fossem filmadas e completadas dentro de um mês, a situação parecia grave.

Tinha havido um grande volume de "debate criativo" sobre o roteiro, que no momento contava com a colaboração de nada menos que 14 roteiristas. Arbitragem da Writers Guild reduziria esse número, mas coisa alguma faria com que o cálculo parecesse mais animador, se o filme não pudesse ser lançado na data aprazada na época de Natal, o que nesse momento parecia que não aconteceria. Dois executivos receberam telefonemas de seus superiores em Nova York, dizendo que, se não tivessem brigado tanto sobre o roteiro, o filme já estaria pronto e em andamento a trabalhosamente lenta escala de pós-produção. Em vez disso, o que tinham era a casca vazia de um prédio onde as grandes cenas deviam ser filmadas dois dias depois. Havia um desastre fiscal em gestação e certas pessoas deviam preparar-se para pedir suas dispensas, antes de ficarem embaraçadas e obrigadas a ir embora pela iminente, e nada lisonjeira, análise do motivo por que não haviam chegado a um acordo sobre 90 páginas de diálogo de que participava um homem que se vestia de jaguar para combater bandidos em uma metrópole fictícia, quando havia no trabalho quatro e meio milhão de dólares de talento literário. A observação "não estamos fazendo aqui nenhuma merda de Cidadão Kane" brotou de vários lábios naquele dia, com maior frequência de homens que nunca haviam assistido ao Kane nem teriam se importado se o tivessem visto.

Às 5h da tarde, com pára-choque contra pára-choque de pessoas que deixavam a cidade para o fim de semana, ocorreu uma barbaridade de acidentes, mas nada de grande importância. Roteiros foram entregues para leitura no fim de semana, roteiristas fizeram figa e alimentaram a esperança de que alguém lesse o que lhes custou tanto trabalho, sem crianças brincando no chão, o caralho na boca de alguém ou mancha de Coca-Cola no nariz, planos traçados para adultérios no fim de semana e pedidos de demissão redigidos por sorridentes secretárias.

E, através de tudo isso, Todd e a mulher que antes o havia idolatrado dormiam lado a lado no ar escuro e malcheiroso do Quarto 131.



QUATRO

Tammy foi a primeira a acordar, saindo de um sonho com o próprio quarto onde dormia, exceto que, por alguma insondável razão, toda a mobília havia sido empilhada em um canto, incluindo a armação da cama, deixando-a em cima do colchão, estendido no assoalho. Ao acordar, claro, nada tinha mudado, era ainda um quarto comum, embora com um elemento incomum, surrealista, em sua falta de probabilidade: a figura adormecida de Todd Pickett.

Ali estava ele, tomando três quartas partes da cama, a cabeça afundada no travesseiro, o rosto — o pobre rosto machucado — livre, ao que parecia, de sonhos perturbadores.

O que não teria dado no passado por um momento como aquele: uma oportunidade de inclinar-se e acordá-lo com beijos. Mas perdeu a fé nessas histórias de fada. Viu demais do lado negro desses contos e nunca mais queria visitar essas paragens, mesmo que fosse para beijar príncipes. Melhor deixar que eles acordassem por si mesmos, com mau hálito e tudo mais.

Olhou para o relógio digital barato na mesinha-de-cabeceira. Eram 5h21min da tarde. Claro, a hora não poderia estar certa. Teriam dormido por quase 11 horas? E Todd continuava a dormir?

Nesta última parte podia acreditar. Sabia, de seus anos com Arnie, que alguns homens adoravam dormir. No caso de Arnie, ele adorava mais isso do que qualquer outra coisa. Mais do que comer, mais do que beber, e certamente mais do que fazer sexo.

Deixou Todd dormindo ali, foi até o minúsculo banheiro e acendeu a luz.

Deus, como ela estava horrível! Como foi que ele pôde concordar em dividir a mesma cama com ela? Começou se arrumar, esfregando vigorosamente os dentes, ligou o chuveiro em temperatura máxima, da maneira que gostava mesmo quando se sentia limpa, e entrou no box. Oh, que gostoso!

O sabonete tinha cheiro de flor, o xampu barato não fazia espuma satisfatória, mas se sentiu feliz ainda assim, limpando-se pela primeira vez em dias, lavando-se dos aleijões, dos espíritos, da sujeira, da escuridão. Ao puxar para o lado a cortina de plástico, o vapor era tão denso que mal pôde ver a porta do banheiro. Que estava sendo aberta, quanto a isso conseguiu ver e lá estava Todd, olhando para ela. Tammy pegou a toalha na pia, onde a deixou antes e usou-a como podia para esconder sua alentada nudez.

— Bom-dia — disse ele.

— Boa-tarde — respondeu ela.

— Não pode ser.

— São quase 5h30min da tarde — corrigiu-o ela. — Há um relógio na mesinha-de-cabeceira. Por que não vai lá dar uma olhada? E feche a porta quando sair.

— Tenho que urinar primeiro. Sinto muito, mas tenho que fazer isso.

— Deixe eu sair primeiro.

— Simplesmente não olhe — respondeu ele, baixando o zíper.

Tammy puxou novamente a cortina e continuou a secar-se, enquanto, pela segunda vez em 12 horas, ouviu o som forte que ele produzia ao esvaziar a bexiga. E demorou-se nisso uma eternidade. Quando terminou, ela estava quase acabando de se enxugar.

— Acabei — disse ele, com evidente alívio. — Este hotel aqui tem serviço de quarto?

— Tem.

— Quer comer alguma coisa?

Aquela não era a ocasião de mostrar modos de senhora, disse ela a si mesma.

— Estou morrendo de fome.

— O que você quer?

— Apenas comida. Nada complicado.

— Eu não acho que haja muito perigo nisso.

Tammy esperou até ouvir o clique da porta que se fechava, puxou em seguida a cortina do chuveiro e terminou de enxugar seus cantos e fendas. Ouviu-lhe a voz enquanto ele, ao telefone, pedia a refeição. Aquilo até parecia a trilha sonora de um filme de Todd Pickett na televisão do quarto vizinho.

Saindo do banho, abriu, com a parte carnuda junto ao punho, um espaço no espelho coberto de vapor e olhou triste para seu reflexo. Estava mais limpa, mas isso era praticamente todo o melhoramento. Abriu a porta em fresta.

— Vou precisar de umas roupas limpas.

Todd estava sentado na cama. Tinha acabado de fazer o pedido e ligado a televisão para um programa de entrevistas de fins da tarde.

— Você pode vir até aqui e se vestir — disse ele sem desviar os olhos da tela. — Eu não olho.

Ela jogou fora a toalha úmida e entrou no quarto, procurando no pobre conteúdo da mala alguma coisa apresentável.

— Pedi clube-sanduíches — disse Todd. — Isso era praticamente tudo que tinham para oferecer. E café.

— Ótimo.

Enquanto vestia a calcinha, Tammy olhou para a televisão. Uma mulher usando uma blusa de poliéster vermelho três tamanhos abaixo do dela queixava-se furiosa

ao apresentador do programa de que a filha, que parecia ter uns 11 anos de idade, saía todas as noites "vestida como uma piranhazinha barata".

— Eu adoro essa merda — disse Todd.

— Vida de pessoas — comentou Tammy.

— Acho que elas estão felizes. Têm seus 15 minutos de glória.

— Você gostou dos seus?

— Eu tive mais de 15 minutos — respondeu ele.

— Não tive a intenção de ofender. Estava apenas perguntando.

— Claro, gostei. Quem não gostaria? Nas primeiras vezes em que vamos a um restaurante e o garçom nos reconhece, ou alguém próximo envia um drinque, a gente sente uma coisa esquisita com isso. Na verdade, a gente se sente como se fosse a única pessoa que tem importância...

A voz sumiu. A filha na tela, que mostrava sementes de prostituição em suas feições pré-adolescentes, estava dizendo à plateia que, se queria vestir-se como uma piranha seria isso problema dela e, de qualquer maneira, com quem foi que aprendeu a fazer isso? Esticou o dedo na direção da mãe, que fez o que podia para parecer virtuosa, mas, dado o que havia resolvido fazer com os cabelos, maquiagem e roupa, não tinha a menor chance de convencer ninguém. Todd riu e voltou ao que estava dizendo a Tammy.

— Essa coisa "Olhe para mim, eu sou um astro" envelhece muito depressa. E, depois de certo tempo, a gente começa a desejar que não nos reconheçam.

— É mesmo?

— Na verdade, é mais a gente querer poder ligar e desligar. Merda, olhe pra isso...

A filha apiranhada tinha deixado sua cadeira e tentava agredir a mãe. Por sorte, havia um segurança ali pronto para intervir e detê-la. Infelizmente, ele não foi suficientemente rápido. A menina lançou-se sobre a mãe com tal violência que a cadeira dela caiu para trás e o segurança, que por essa altura a havia segurado para evitar que ela fizesse mais estragos, caiu também para a frente, de modo que cadeira, mãe, filha e segurança acabaram juntos no chão do estúdio. Todd continuou a falar durante toda a cena: — Há dias em que a gente quer se sentir bem conosco mesmos. Queremos ser reconhecidos, queremos ouvir pessoas dizendo "Adorei tanto seu filme. Assisti seis vezes." Mas há outros dias em que é uma chatura encontrar pessoas que sabem quem, diabo, somos, porque não há privacidade, nenhuma maneira de sair e ficar sozinho. Tudo se transforma numa representação. — Apontou para as pessoas que se engalfinhavam na tela. — Olhe só para esses idiotas. O que vão dizer quando os amigos virem isso? — Pensou por um momento em sua própria pergunta e disse: — Para ser franco, sei exatamente o que eles vão dizer. Vão dizer: "Vocês me viram na TV? Isso é tudo que importa.

Não: você me viu sendo inteligente ou parecendo belo, mas, apenas, você me viu7."

Observou por mais algum tempo, sacudindo a cabeça, as palhaçadas das duas. Em seguida, virou-se para Tammy e disse: — Estive pensando, eu talvez esteja acabado para o cinema. Ou o cinema acabou comigo. É tempo de comprar uma fazenda em Montana e criar cavalos.

— É mesmo? — Tammy, finalmente, acabou de se vestir e sentou-se ao lado dele na cama desarrumada. — Você vai se aposentar?

Todd riu.

— O que é que há de tão engraçado?

— Simplesmente ouvir essa palavra. Aposentar-se. Aos 34 anos de idade.

— Eu pensava que você só tinha 32. Sua bio...

— Eu menti.

— Oh.

— Mas ainda sou moço. Certo? Quero dizer, ter 34 anos ainda é ser moço.

— Um mero gatinho.

— Eu simplesmente não consigo aguentar por mais um dia esse circus...

Desligou a televisão. O quarto caiu subitamente em profundo silêncio.

Após alguns momentos, Tammy falou:

— Vai falar sobre aquilo ou não?

Todd olhou fixamente para a tela apagada. Tammy não conseguiu ver-lhe a expressão, mas tinha certeza de que estava tão vazia quanto a tela.

— O desfileiro, Todd — repetiu ela. — Vamos conversar sobre o que aconteceu no desfileiro ou não?

— Vamos — respondeu ele. — Acho que vamos.

— Na noite passada, você disse que aquilo não era real.

— Eu estava cansado.

— E então?

— É real. Eu sabia na noite passada que estava dizendo bobagens...

Enquanto falava, mantinha as costas voltadas para ela, como se não quisesse que ela lhe visse o estado de incompreensão, como se aquilo fosse motivo de vergonha.

— Você viu mais do que eu — continuou Tammy. — De modo que você provavelmente formou uma ideia melhor do que está acontecendo. E você conversou com...

— Katya.

— Isso mesmo. E o que foi que ela lhe disse?

— Disse que o salão lá embaixo foi um presente para ela.

— De Zeffer. Essa parte eu sei.

— Se assim, por que está me perguntando? — disse Todd. — Você provavelmente sabe tanto quanto eu.

— O que você sabe sobre Maxine?

— Sobre ela?

— Ela deve ter visitado antes a casa, desde que trabalhava para você...

— Isso mesmo. Ela tirou fotos.

— Talvez ela tenha algumas respostas.

— Maxine? — Todd levantou-se e foi até a mesa pegar os cigarros. Tirou um do maço e acendeu-o, tragando profundamente. — Logo que me botou naquela maldita casa, ela me disse que não queria ser mais minha empresária — disse.

Ouviram uma batida à porta.

— Serviço de quarto.

Tammy abriu a porta e um homem idoso, que francamente dava a impressão de que aquele poderia ser o último clube-sanduíche e café que entregava, entrou e pôs a bandeja na mesa.

— Eu pedi maionese extra — disse Todd.

— Aqui, senhor.

O velho mostrou uma pequena jarra de leite, onde haviam sido pingadas várias colheradas de maionese.

— Obrigada, está tudo bem — disse Tammy.

Todd enfiou a mão no bolso da jeans e puxou um bolo de notas. Escolheu uma nota de US\$20 — para grande deleite do velho garçom — e passou a ele.

— Muito obrigado, mesmo, senhor — disse ele, saindo mais rápido do que havia entrado, dada a possibilidade de que o homem da jeans suja mudasse de ideia.

Os dois se sentaram para a refeição.

— Quer saber de uma coisa? — disse Todd.

— O quê?

— Acho que devo procurar Maxine. Perguntar a ela o que sabe, face a face. Talvez isso tenha sido algum tipo de armação...

— Se você falar com ela ao telefone...?

— Ela vai mentir.

— Você teve essa experiência?

— Várias vezes.

— Onde é que ela mora?

— Ela tem três casas. Uma casa em Aspen, outra em Hamptons e a terceira em Malibu.

— Oh, como ela deve sofrer — comentou Tammy, tirando um pedaço de bacon crocante de dentro do sanduíche e mordiscando-o. — Só três casas? Como é que ela consegue?

- Coma. Nós simplesmente vamos visitá-la pessoalmente.
- Nós dois?
- Nós dois. Dessa maneira, ela não pode dizer que estou doido. O que eu vi, você viu.
- Na verdade, vi algumas merdas que você não viu.
- Bem, dê um jeito de arranjar algumas respostas para ela.
- Você tem certeza de que quer que eu vá?
- Há segurança em números — disse Todd. — Beba seu café e vamos nos mandar.



CINCO

Katya não perdeu tempo chorando com a partida de Todd. Do que adiantava? Em todos esses anos, chorou mais do que sua quota de lágrimas por causa de homens e de suas traições. Que bem lhe trouxe toda essa choradeira?

Além do mais, não era como se o tivesse realmente perdido. Ele apenas se afastou dela por algumas horas, só isso. Tê-lo-ia de volta, humilde e implorando para voltar à sua companhia. Afinal de contas, não se deixou beijar por ele? Não havia deixado que ele a fedesse, ali na Terra do Demônio? Ele jamais poderia esquecer esses momentos.

Bem, ele poderia tentar. Poderia colocar cem, mil, mulheres entre os dois, mas isso não funcionaria. Mais cedo ou mais tarde, ele voltaria rastejando, implorando mais do que só ela lhe podia dar e nada que aquela puta gorda que o convenceu a ir embora poderia fazer para impedir que ele voltasse.

Um homem como Todd nada tinha em comum com uma criatura como aquela. Ele compreendia o mundo de maneiras que ela nem mesmo podia imaginar. Que esperança tinha ela de vê-lo com os olhos dele, mesmo por um momento? Nenhuma. Ela era uma escrava. Todd viveu com a beleza por um tempo longo demais para aturar por muito tempo a presença de alguém tão sem encanto. Após algumas horas daquela companhia desajeitada, ele daria no pé.

Katya só tinha um medo: que, devido à maneira astuciosa como seu desfiladeiro tinha sido escondido, ele não conseguisse encontrar o caminho de volta.

A cidade jamais havia sido um lugar simples, mesmo durante os anos em que nela viveu. Era fácil perder-se e distrair-se nela. Quão mais complicada não seria nesse momento, especialmente para alguém como seu pobre Todd, cuja alma estava tão embaralhada e confusa. Conhecia essa sensação, ter todo mundo em volta caindo em cima da gente para nos adorar num momento e, em seguida, descobrir que essas mesmas pessoas haviam transferido sua devoção para outra. Quando isso acontecia, tudo ficava de cabeça para baixo.

Coisa alguma fazia mais sentido. A gente começava a olhar em volta, à procura de alguma coisa firme e sólida em que se segurar, que não nos fosse tomada. Em tal estado de desespero, era possível cometer um erro, escolher a pessoa errada em quem acreditar, o caminho errado para seguir. Até nesse momento, ele poderia estar se afastando dela. Quanto mais pensava nisso, mais se tornava claro que tinha que sair dali e descobrir onde ele estava.

A ideia de sair do desfiladeiro enchia-a de uma mistura de medo e prazer antecipado.

O mundo! O grande e vasto mundo!

Três quartos de século haviam se passado desde que deixou os limites do desfiladeiro e, embora tivesse pistas abundantes fornecidas por aqueles que ali haviam chegado depois da morte, sobre a maneira como as coisas haviam mudado, ainda assim poderia ser uma experiência assustadora para ela aventurar-se por ali, mesmo que numa missão de amor.

Mas que outra opção lhe restava? Sem ele, suas esperanças se reduziam a nada. Tinha que sair dali e ir procurá-lo. A situação era tão simples assim. E na volta, quando estivessem juntos novamente, talvez ela tivesse a força de coração necessária para visitar alguns dos lugares que conheceu e amou na juventude, mesmo que apenas para ver como o tempo os mudou. Mas, também, isso talvez não fosse uma boa ideia. Doía-lhe o suficiente olhar pela janela e ver as extensões de terra que haviam sido estradas de areia, cabanas e laranjais nesse momento transformadas em arranha-céus de aço e vidro. E se descobrisse que algum lugar sagrado que amou foi profanado, tornado irreconhecível?

Embora gostasse de pensar que era uma criatura sem medo, o tempo, na verdade, estava cobrando um tributo ao poder de recuperação de sua alma.

Mas, também, toda essa busca seria um teste de sua força ou não?

Aventurar-se para longe do perímetro do desfiladeiro, além do alcance da magia que lhe preservou a perfeição, seria jogar com sua vida. Não havia maneira de saber com certeza, mas tinha o palpite de que quanto mais se afastasse dali, quanto mais tempo permanecesse longe do desfiladeiro, da casa e de tudo que ela continha, mais vulnerável seria às indignidades há muito tempo adiadas da velhice. Afinal de contas, por baixo desse verniz de juventude, ela era um Matusalém. Por quanto tempo poderia se dar o luxo de vaguear por aquele mundo sem êxtases, antes que a casca rachasse e a velhinha por dentro saísse, a anciã, que a Terra do Demônio havia escondido por tanto tempo, se revelasse?

Era apavorante. Mas, no fim, a situação toda se resumia no seguinte: achar Todd valia o risco. Se sobrevivesse à jornada, eles voltariam ao desfiladeiro e iniciariam uma nova Idade de Ouro. E que não seria como a anterior, com seus tolos excessos. Este seria um tempo mais profundamente sentido quando, em vez de usar a Terra do Demônio como um cruzamento entre um passeio de dois tostões num trem de espíritos e uma fonte de juventude, ela seria respeitada como o mistério que era.

A despeito do orgulho maligno que sentiu ao mostrar a Todd os debochados do desfiladeiro e de deixar que ele compartilhasse daqueles excessos, há muito havia passado o apetite pelo hedonismo estúpido da década de 20. E, embora Todd houvesse representado com prazer o papel de maníaco sexual, tinha certeza de que ele viu o suficiente da vulgaridade desses espetáculos.

Era tempo de que se comportassem como donos de algo realmente maravilhoso e o tratassem com respeito. Juntos, iniciariam uma exploração do mundo construído

por Lilith. Ela nunca havia tido a coragem necessária para explorá-lo como merecia, uma estrada após outra, um bosque sagrado após outro. Não havia dúvida de que viu muita coisa nesses anos que influenciaram seu eu sexual (mulheres amarradas à barriga de cavalos humanos, em um estado ininterrupto de sofrimento extático) e não desprezaria esses espetáculos se fossem representados novamente. Mas havia outras vistas, destinadas a despertar o espírito, não as forças geradoras, e era a esses lugares que queria levar Todd.

Ali havia diversões e maravilhas suficientes para mantê-lo encantado durante décadas. Embora os céus estivessem imobilizados nas mesmas configurações sempre que visitava a Terra, havia ainda assim prova de que ela continuava a seguir alguns ritmos antigos.

Havia, por exemplo, no pântano, um lago artificial de talvez uns 800m de largura, que parecia ter sido durante muitas gerações o local em que uma certa espécie de enguias — nenhuma delas maior do que seu dedo mindinho —, mas suficientes em número para encher o local de seu nascimento até

transbordar, quando desovavam. Durante um dia — quando elas apareciam em forma de larva — essa Concha de Gênesis, o nome que havia lhe dado, era local de banquete para aves de todos os tipos, que podiam andar literalmente em cima das costas convulsas de seu alimento, pegando tudo que podiam antes levantar vôo (algumas tão gordas com toda aquela comida que mal podiam voar) e retirar-se para o galho mais próximo a fim de digerir a imensa refeição. No dia seguinte (se se podia dizer que havia dias na Terra), a Concha de Gênesis ficava vazia, exceto por alguns milhares de abortos que haviam perecido no êxodo e que estavam sendo devorados por abutres e cães selvagens.

Queria mostrar a Todd esse maravilhoso espetáculo, queria andar pela massa viva de bebês-enguias e senti-los contra sua carne nua.

Noutro dia, poderiam ir a um lugar que conhecia, onde havia um animal que fazia profecias enigmáticas e que duas vezes a haviam atraído para uma conversa, que sabia que fariam sentido se tivesse recebido a educação necessária para decodificar sua estranha poesia. Tinha o corpo de uma ave imensa, essa criadora de enigmas, com cabeça de homem, e se sentava perto do chão, com um conjunto imenso de oferendas em torno da base de sua árvore, trazidas ali como retribuição por suas profecias. Tinha vindo ali um ano antes, trazendo algumas jóias que usou no filme Nefertiti.

— São autênticas, essas dádivas que me traz? — perguntou a criatura, cujo nome era Yiacaxis.

— Não — confessou ela. — Eu sou atriz. Essas bugigangas eram o que eu usava quando representava.

— Então, torne-as autênticas para mim — disse Yiacaxis, batendo com a velha e cinzenta língua no bico rachado. — Represente para mim a cena em que as usou.

— Foi no cinema mudo — explicou Katya.

— Isso é bom — respondeu a criatura. — Isso porque fiquei surdo com a idade.

Katya tirou a maior parte da roupa e se cobriu com as jóias. Em seguida, representou a cena em Nefertiti em que descobre que o amante foi assassinado por ordem da ciumenta rainha e ela se mata de saudades dele.

A velha ave-homem chorou sentidamente com sua representação.

— Estou contente porque a cena o comoveu tanto — disse Katya ao terminar.

— Aceito sua oferenda — respondeu a criatura — e lhe darei a resposta que quer ouvir.

— Mas você nem sabe ainda qual é a minha pergunta.

Yiacaxis estalou o bico e inclinou a cabeça para um lado.

— Eu sei que você está se perguntando se existirá em sua vida um amor pelo qual valha a pena morrer. É essa sua pergunta?

— É... — respondeu.

Talvez não tivesse feito a pergunta daquela maneira, mas o profeta tinha sabidamente paciência curta com aqueles que tentavam pressioná-lo.

— Há duas multidões — disse ele. — Uma, dentro de você. A outra, fora. Se ele a amar o suficiente para dar nome a uma dessas legiões, vocês viverão juntos em bem-aventurança.

Claro, queria desesperadamente perguntar o que isso significava, mas a audiência aparentemente já havia terminado, porque Yiacaxis estava erguendo as asas pretas, forradas com pequenos nós de cabelos humanos, amarrados em fitas, que haviam perdido a cor muito tempo antes. Milhares de nós de cabelos, em asas que se estendiam talvez por 7m de uma ponta a outra.

Sem mais palavras, ele as fechou sobre a face melancólica, as sombras da árvore pareceram envolvê-lo pela segunda vez e ele se tornou invisível.

Talvez, se tivesse coragem, poderia voltar à presença de Yiacaxis em companhia de Todd e lhe fazer outra pergunta. Ou, dessa vez, a pergunta caberia a Todd.

E depois de terem interrogado o Profeta-Ave e visto meia centena de outras maravilhas da Terra do Demônio, talvez o levasse a um certo barco que conhecia, que certamente havia sido construído para um rei, tão finamente trabalhado era.

O barco tinha encalhado em algumas rochas ao largo da praia e ali havia sido deixado, alto e seco, muitos anos antes. Por alguma razão, saqueadores jamais haviam tentado despojar de suas riquezas o vaso sublime, talvez porque temessem alguma vingança real. O único dano feito era a quebra do casco pelas rochas e a deterioração inevitável da pintura externa pelo vento e a chuva. Dentro, o barco continuava a ser um local de luxo incomparável, sua bela cama esculpida coberta

de peles brancas, o vinho ainda doce nas jarras, as achas na lareira ainda à espera da chama. Ela muitas vezes pensou em levar um amante até o barco, em fazer amor com ele em cima das peles. Se tivessem sorte, o vento aumentaria de força quando estivessem aninhados um nos braços do outro. O vento assoviaria na cordolha, as velas escarlates se enfunariam e os dois poderiam imaginar, enquanto faziam amor, que estavam numa viagem até a borda do mundo.

Seria tolice falar carinhosamente da Terra do Demônio sem reconhecer que ela tinha sua quota de horrores.

Nas florestas, ravinas e escuros e silenciosos lagos entre as rochas havia espécies que tinham sido inventadas por alguma mente maldita. Existiam ali arenas onde monstros eram acicatados para praticar atos de violação horrível de mulheres e, às vezes, de homens e mesmo de crianças. Mas tendo ela mesma visto muitos desses espetáculos, não podia negar que eles eram malignamente excitantes. Alguns ostentavam o rigor de cerimônias, outros pareciam ser meras exposições de crueldade, onde tudo podia ser visto, desde que pago o preço.

O importante era que viu muito pouco e que havia tanta coisa mais para ver numa terra de maravilhas privativas onde ela e Todd poderiam se aventurar sempre que se cansassem do desfiladeiro. Poderiam explorá-la até seus limites e, quando cansados e precisando dormir, poderiam simplesmente passar pela porta, trancá-la e se retirarem para a cama como qualquer casal amoroso e dormir tranquilamente um nos braços do outro.

Mas, antes de tudo, tinha que encontrá-lo. E para encontrá-lo precisava de um motorista. Só um homem correspondia às especificações: Jerry Brahm. Eles se conheciam há muitos anos. Esse o motivo por que lhe enviou uma convocação num sonho. Ele era leal e viria sem falta. Era apenas uma questão de tempo antes que aparecesse ali, pronto para fazer o que ela quisesse.

Provavelmente, nesse momento ele já estava a caminho.

Não precisou de muito tempo para se vestir. Tinha armários cheios de vestidos longos desenhados por alguns dos maiores nomes da história de Hollywood, mas eram vistosos demais para essa aventura modesta. Escolheu um traje conservador: um vestido preto imaculadamente cortado. Manteve simples os cabelos e discreta a maquiagem.

Embora toda arrumada e pronta para sair, não havia ainda sinais de Jerry. Pensando que ele talvez tivesse suposto erroneamente que ela o esperaria na casa grande, resolveu descer através da penumbra à procura da esperada visita. Se não tivesse chegado, esperaria por ele no portão principal, de modo que não haveria possibilidade de um deixar de ver o outro.

Aquele era um passeio que deu vezes incontáveis e embora a trilha subisse e descesse poderia tê-la percorrido de olhos vendados.

A noite não estava tão clara como naquela vez em que ela e Todd andaram por ali. Nuvens de chuva vinham chegando do norte pelo ar abafado. Era uma dessas noites em que a pessoa desejava uma tempestade que sacudisse céus e terra, o tipo de que se lembrava dos tempos de infância. Mas fenômenos como esses eram raros em Los Angeles. Todas as grandes tempestades que presenciou ali haviam sido inventadas por especialistas em iluminação e máquinas produtoras de chuva, tudo puro artifício.

Mas, enquanto andava, sabia que estava sendo observada. Não havia movimento que fizesse ao ar livre que não fosse visto por espíritos ou por seus filhos híbridos. Sabia que eles haviam aberto mesmo minúsculos orifícios de espionagem em sua pequena casa. Observavam-na no toalete, quando ela lia, devaneava, dormia.

Em várias ocasiões, tentou acabar com aquilo e castigar o voyeurismo, mas, quanto mais Zeffer tapava os buracos, mais eles apareciam. No fim, desistiu daquilo, como inútil. Se eles queriam observá-la enquanto dormia, que observassem. Na verdade, até Todd entrar em sua vida, a ideia de ter alguém para vigiá-la — mesmo que seus motivos fossem tão difíceis de estimar como o de seus voyeurs —, isso era quase confortante.

Dispensa dizer que a proximidade desses debochados implicava alguns perigos. Não duvidava de que entre eles haviam alguns que teriam gostado de vê-la morta, culpando-a pelo fato de seus pós-vida no Coldheart Canyon serem tão dolorosos. Evidentemente, ela não se culpava por coisa alguma. Se não tivessem se mostrado tão ansiosos para conhecer os prazeres da Terra do Demônio, não teriam sido tão obsessivamente atraídos por eles. Mas, enquanto mantivessem uma distância respeitosa (por que não deveriam fazer isso, desde que ela controlava a própria coisa pela qual ansiavam?), ela não os perseguiria.

Eles tinham uma jornada a percorrer, como ela tinha a sua.

Chegou ao gramado malconservado e parou por um momento para apreciar o espetáculo da casa. Os sinos de vento tocavam em quatro ou cinco dos terraços, emprestando uma beleza própria à fachada imponente. Enquanto lhes ouvia a música, escutou sons nos arbustos no outro lado do gramado.

Olhou para trás. Havia ainda luz suficiente no céu noturno para ver movimento nos galhos cobertos de flores. Várias criaturas a seguiam, pensou.

Observou as moitas durante meio minuto, até que o movimento cessou.

Não era raro que as criaturas a seguissem quando saía para passear, mas havia ali alguma coisa diferente. Ou seria ela que estava diferente? Naquela noite, sentia-se mais viva do que em anos, o coração acelerado pelo amor. Teriam eles intuído essa inesperada vulnerabilidade?

Não gostou disso. A última coisa que queria era que eles pensassem que poderiam intimidá-la ou, de alguma maneira, lhe tomar um pouco de poder. O amor poderia tê-la tornado um pouquinho mais leve, mas ela ainda era a Rainha do Coldheart Canyon e, se a pressionassem, reagiria com a antiga severidade.

Enquanto examinava o bosque, a última luz sumiu do céu, e a escuridão revelou vários pontos brilhantes de luz entre as moitas, onde estavam os esfomeados de prazer, observando-a. Mesmo depois de todos esses anos, ainda podia ficar embaraçada por uma vista como aquela, pelo fato de os mortos estarem em volta dela em tais números.

Basta, pensou, deu-lhes as costas e dirigiu-se para os degraus que levavam à casa. Enquanto andava, ouviu o chiado da grama contra pernas que corriam rapidamente. Eles vinham em sua perseguição pelo gramado. Katya estugou o passo até chegar à segurança relativa dos degraus. Atrás dela, uma voz suave, soando como se viesse de uma abóbada palatina cheia de muco e doença, suplicou:

— Deixe-nos entrar.

Seguiu-se um momento de silêncio. Outra voz falou:

— Nós simplesmente queremos voltar a entrar na casa.

— Nós não faremos estrago nenhum — disse uma terceira.

— Por favor, deixe que a gente entre...

Ela havia se enganado sobre o número de famintos reunidos ali, compreendeu, aos poucos. Pensou que fossem talvez uns dez, mas, ali na escuridão, havia pelo menos duas ou três vezes esse número. Qualquer que fosse a condição deteriorada ou podre de suas abóbadas palatinas, todos eles tentavam dizer a mesma coisa:

— Deixe a gente entrar. Deixe a gente entrar. Deixe a gente entrar.

Antigamente, tê-los-ia ignorado, dado as costas às súplicas e subido os degraus. Mas ela estava mudando. Katya, a destruidora de corações — a mulher que jamais dera a menor importância para o que qualquer pessoa, que não ela, quisesse —, tornava-se rapidamente uma coisa do passado. Se queria voltar com Todd e viver ali, eles não poderiam gozar a vida idílica em que penava com aquelas almas famintas à espera no lado de fora. Mesmo com os cinco ícones de ferro cravados no umbral de cada porta e nos peitoris de até mesmo a menor das janelas, mesmo com a presença desses amuletos impedindo que os mortos jamais pusessem o pé na casa, os seus ocupantes viveriam em um estado de sítio. Aquele não era o lugar para passar uma lua-de-mel.

Ergueu a mão para silenciar os murmúrios.

— Escutem-me — disse.

O coro começou a diminuir de volume.

— Eu vou deixar a casa durante algumas horas — disse, a voz um pouco tentativa no começo, mas ganhando força à medida que falava. — Mas, quando voltar, tenciono fazer algumas mudanças. Não quero vocês vivendo em sofrimento. Isso tem que acabar.

Começou a se voltar, tencionando deixar nesse pé as palavras. Alguns membros da plateia, porém, não queriam que ela fosse embora sem ouvir alguma coisa mais específica.

— Que mudanças você vai fazer? — perguntou alguém.

— É você, Roman? — perguntou Katya, correndo a vista pelo grupo.

O homem que falou não teve tempo de se identificar. Seguiram-se mais perguntas. Alguém queria saber por que ela estava deixando a casa e, outro, quanto tempo teriam que esperar.

— Escutem, escutem — disse ela, silenciando o alarido. — Eu sei que todos vocês querem entrar na casa. Mas acho que não compreendem as consequências.

— Nós as aceitaremos, quaisquer que sejam — disse alguém.

Um murmúrio geral de concordância recebeu essas palavras.

— Se é isso o que vocês querem — respondeu Katya —, vou pensar no caso. Quando eu voltar...

— E se você não voltar?

— Confie em mim. Eu volto.

— Confiar em você? Oh, por favor. — A voz zombeteira veio de um rosto amargurado, pintado, no meio do grupo. — Você enganou todos nós. Por que, diabo, deveríamos confiar em você agora?

— Theda — disse Katya. — Eu não tenho o tempo necessário para explicar neste momento.

— Espere aí, queridinha, porque queremos algumas respostas. Estamos esperando há anos para voltar a entrar naquele salão...

— Nesse caso, vocês podem esperar mais algumas horas — respondeu Katya e, sem esperar que Theda Bara retrucasse, deu-lhe as costas e subiu os degraus para o alto da escadaria.

Houve um momento — apenas um quarto do tempo de uma batida do coração — quando pensou que julgou mal a plateia e que eles subiriam a escadaria em sua perseguição, a paciência deles finalmente esgotada. Mas eles permaneceram ali embaixo. Até Theda. Talvez alguém lhe tivesse segurado o braço para evitar que ela fizesse alguma bobagem.

Katya abriu a porta dos fundos da casa e cruzou a soleira. Vez por outra, nas décadas passadas, um do grupo lá fora resolvia submeter a teste o poder dos ícones que Zeffer trouxe da Roménia e que pregou pessoalmente na madeira. Os cinco ícones, explicou Zeffer, eram chamados de Palavra de Ferro. Era uma magia

poderosa destinada a expulsar tudo que não pertencesse à casa. Katya nunca havia presenciado o que aconteceu quando um dos espíritos submeteu a teste o portal. Ouviu apenas os gritos e as expressões de terror no rosto dos que haviam estimulado a vítima a fazer aquilo. Do intruso em si nada restou, exceto um aumento na umidade do ar em volta da soleira, como se o debochado faminto tivesse sido explodido e transformado em vapor. Mas mesmo esses traços só duraram um minuto. Logo que o ar esfriou, os que haviam presenciado aquilo afastaram-se da porta, com a expressão de pavor ainda estampada nos rostos.

Ela não fazia ideia de como a Palavra de Ferro funcionava. Só sabia que Zeffer pagou uma pequena fortuna a um membro da irmandade dispersa de Sandru para aprender o segredo e outra boa soma para que os ícones fossem produzidos em número suficiente para cada porta e janela que deviam ser protegidas. E valeu o investimento: a Palavra de Ferro fez seu trabalho. Katya se sentiu igualzinha à mãe, que sempre bravateava que tinha uma "casa limpa". Claro, a definição de pureza de mamãe Lupescu tinha sido só dela.

Por uma pequena moeda, qualquer um podia foder a filha de 12 anos, mas não soltar uma blasfêmia quando estivesse esguichando entre seus pequeninos seios, sem ser expulso da casa.

E, por seu lado, a menina de 12 anos cresceu com regras próprias de limpeza doméstica. Em suma: os mortos não cruzaram o portal

E tinha que traçar a linha final em algum lugar ou o Inferno se abriria.

Sobre isso, mamãe Lupescu e a filha teriam concordado.

PEGOU UM COPO de leite no refrigerador para acalmar o estômago, que sempre lhe criava caso, como nesse momento, em que estava perturbada por uma ou outra razão. Em seguida, percorreu a casa, não se apressando ao passar de um cômodo para outro. Ao chegar à porta da frente, ouviu o som de um carro subindo a estrada. Saiu e desceu o caminho até chegar à poça de luz formada pelos faróis.

— É você, Jerry?

Alguém abriu a porta do carro.

— Sou eu, sim — disse ele. — Eu era esperado?

— Era.

— Graças a Deus por isso.

Katya foi até o portão e cruzou-o para a calçada estreita. Jerry já havia descido do carro, no rosto uma expressão mal disfarçada de choque, vendo-a sair pela primeira vez dos limites de seu pequeno domínio.

— Você vai, realmente, a algum lugar?— perguntou.

— Pelo menos, essa é a minha esperança — respondeu Katya, levando a coisa na brincadeira.

Mas não conseguiu esconder inteiramente a inquietação. Que estava em seus olhos. Mas havia neles também outra coisa, e mais notável. Um tipo de doçura, até mesmo de inocência. Ela parecia uma mocinha que ia ao seu primeiro baile, chegando na ponta dos pés ao estado de adulta.

Espantoso, pensou Jerry. Sabendo tudo que havia sobre Katya — tudo que ela fez ou levou alguém a fazer —, o fato de ela ser capaz de recuperar aquela expressão em seus bancos de memória, e colocá-la ali no rosto, de modo que parecesse tão real quanto era, isso era uma façanha e tanto.

— Aonde vou levá-la hoje à noite, madame? — perguntou.

— Não tenho exatamente certeza. Entenda, vamos procurar uma pessoa.

— Vamos mesmo? E posso dar um palpite sobre quem seja?

Katya sorriu.

— Isso é fácil demais.

— Nós o encontraremos para você. Não se preocupe.

— Para começar, foi você quem o trouxe para aqui, Jerry. De modo que você é o casamenteiro. Da parte de nós dois, muito obrigado. Este tempo tem sido extraordinário para mim, Jerry. Nunca pensei que voltaria a me apaixonar. E por um ator. — Soltou uma risada. — Você bem que poderia pensar que, por essa altura, eu já teria aprendido.

— Tomara que seja um erro feliz.

— É, Jerry. Perfeito. Ele é perfeito.

— É mesmo?

— Para mim. É, sim. Perfeito para mim.

— Você vai se encontrar com ele em algum lugar?

— Vou.

— Mas não sabe exatamente onde.

— Isso mesmo.

— Vou arriscar um palpite e dizer que ele está na casa de Maxine, porque sei que ela está dando uma grande festa hoje à noite. Quer que eu ligue para ela e pergunte se ele está lá? E talvez dizer que estou levando uma convidada

— Não, acho que é melhor fazer tudo isso discretamente, não?

— Como você preferir. Hoje à noite é sua noite.

— Eu não quero nenhuma agitação — disse Katya. — Quero simplesmente encontrá-lo.

Por um momento, a ilusão desapareceu por completo e a realidade emergiu: a fome desesperada de uma mulher que precisava encontrar o amor de sua vida. Não amanhã, ou um dia depois, mas naquela noite. Ela não tinha tempo para desperdiçar essa mulher, nenhum tempo para erro ou procrastinação.

— Vamos? — disse ela.

— Estou pronto quando você estiver.

Ela foi até o carro e começou a mexer sem jeito na maçaneta.

— Por favor — disse Jerry. — Permita-me.

Deu a volta até a porta do passageiro e abriu-a.

— Obrigada, Jerry. Que gentileza. Maneiras antiquadas — comentou.

Entrou no carro em um único movimento elegante. Jerry fechou a porta e dirigiu-se para o lado do motorista. Ela estava tremendo, notou, apenas um tremor bem leve.

— Tudo vai correr bem esta noite — disse ele, tranquilizando-a e sentando-se ao lado dela.

— Vai? — perguntou ela, com um sorriso tentativo demais para sobreviver a mais de uma respiração.

— Vai. Tudo vai correr bem.

— É ele, Jerry. Todd é o homem que eu quero. Se ele me esnobar...

— Ele não vai fazer isso, vai? — disse Jerry. — Ele seria um idiota se dissesse não a você. E o que quer mais que ele seja, Todd não é um idiota.

— Nesse caso, encontre-o para mim. Você faz isso?

— Sim, madame.

— Nesse caso, eu poderei voltar a viver.



SEIS

Todd precisou de alguns minutos para se acostumar ao volante do velho seda Lincoln, escolhido muitos anos antes por Marco como o veículo que preferia para levar o patrão, sem dar na vista, por onde ele quisesse ir. Acomodar-se no assento ajustado para o corpanzil de Marco fê-lo compreender — pela primeira vez, desde a caótica sequência de fatos ocorridos desde a morte súbita do segurança — o quanto sentia falta dele.

Marco tinha sido uma influência estabilizadora em um mundo que demonstrava sinais de tornar-se mais instável a cada hora. Mas havia mais do que isso: foi seu amigo. Tinha um bom nariz para conversa fiada e nunca teve medo de dizer o que pensava, especialmente quando o assunto era proteger o patrão.

Chegaria o tempo, prometeu a si mesmo, em que pensaria em alguma coisa que homenageasse o nome de Caputo. Ele não havia sido um intelectual, de modo que a fundação de uma biblioteca ou o financiamento de um Prêmio Caputo por Distinção nos Estudos não seriam realmente pertinentes.

Precisaria pensar bastante para criar um projeto que refletisse e reconhecesse a complexidade daquele homem.

— Você está pensando em Marco Caputo — disse Tammy, ao vê-lo mexer na alavanca de ajustamento do assento do motorista.

— Pela maneira como disse isso, parece que você não gostava muito dele.

— Ele foi grosseiro comigo umas duas vezes — respondeu Tammy, não dando importância ao fato nessa ocasião. — Nada de muito importante.

— O fato é que ele era mais meu irmão do que meu próprio irmão — replicou Todd. — E só agora estou compreendendo o quão pouco reconheci sua dedicação. Cristo, em primeiro lugar, perdi meu cachorro e, em seguida, meu melhor amigo...

— Dempsey?

— Ele mesmo. Morreu de câncer em fevereiro.

— Que pena.

Todd ligou a ignição. Continuava a pensar em Marco.

— Quer saber o que estou pensando?

— O quê?

— Acho que na noite em que morreu ele não estava apenas bêbado. Estava em pânico e bêbado.

— Você quer dizer, ele viu alguma coisa?

— Isso mesmo, é exatamente o que quero dizer. Ele viu alguma coisa na casa e estava fugindo. — Tomou uma respiração ruidosa pelo nariz. — Muito bem. Basta

de trabalho de detetive. Poderemos fazer mais um pouco disso quando tudo isso acabar. Neste exato momento, estamos indo para Malibu.

A caminho do oceano, Todd fez uma curta descrição do lugar para onde estavam indo. Conhecia a Colônia, claro — a comunidade bem-protegida de superastros que moravam em casas repletas de Picassos, Mirós e Monets, com o sempre imprevisível Pacífico a alguns metros do portão dos fundos e — a apenas um pulo do outro lado da Pacific Coast Highway — as Malibu Hills, que haviam sido cenários de incontáveis incêndios nos verões e deslizamentos de ribanceiras na estação chuvosa. O que ela não sabia era como o local era exclusivo, mesmo para os suficientemente poderosos para escrever suas próprias regras em quaisquer outras circunstâncias.

— Há algum tempo, andei pensando em comprar uma casa perto da de Maxine — disse. — Meu advogado, porém — aquele astucioso velho peidorrento chamado Lester Mayfield —, disse: "Você vai querer demolir aquele velho deck de concreto e arrancar o velho telhado de madeira, não?" Respondi: "Pode apostar nisso". E ele continuou: "Pois continue a sonhar, chefia, porque não vão deixar você fazer isso. Você vai passar os próximos dez anos brigando com a Comissão da Colônia, se quiser mudar a cor do tampo de seu sanitário."

— De modo que não comprei a casa. Mas eles aliviaram um bocado as regras desde então. Acho que alguém lhes disse que eles estavam preservando um bocado de merda sem valor.

— Quem foi que acabou comprando a casa perto da de Maxine?

— Hummm... um produtor, ele tinha um trato com a Paramount. Fez alguns filmes muito bons para o estúdio. Em seguida, a Receita deu uma palmadinha no ombro dele e lhe perguntou por que não pagou o imposto de renda nos últimos seis anos. Ele acabou na cadeia e a casa ficou vazia.

— Ninguém mais quis comprá-la?

— Não. Ele queria voltar a produzir filmes quando saísse de cana. E foi o que fez. Voltou direto para esse ramo de negócio. Produziu mais seis filmes enormes. E ele ainda cheira cocaína entre os bicos de seios de mulheres baratas. O nome dele é Bob Graydon.

— Não foi ele quem mandou instalar um septo artificial no nariz porque a cocaína comeu o verdadeiro?

— Ele mesmo. Onde foi que você leu isso?

— Na National Enquirer, provavelmente. Eu compro sempre a revista, na possibilidade de que traga alguma matéria sobre você. Não que eu acredite em tudo que leio... — acrescentou apressadamente. — Apenas nas partes picantes.

— Bem, depois de algum tempo a gente cria um feeling sobre o que é verdadeiro ou não.

— Você pode me dar um exemplo?

— Não.

— Continue.

— Isso não é justo. Eu me enrolo toda, o que quer que diga. Não! Espere! Lembrei-me de uma coisa! Há uns dois anos, escreveram que você ia se internar em um hospital particular em Montreal para aumentar o tamanho do pinto.

— Pinto?

— Você sabe o que eu estou querendo dizer.

— Você fala em pinto com Arnie? É Arnie o nome dele, não?

— É e eu não digo pinto.

— Fale um pouco sobre ele.

— Não há muita coisa pra dizer.

— Por que casou com ele? Diga isso.

— Bem, não foi por causa do tamanho do pau dele.

— Pau! É assim que você o chama. Pau.

— Acho que é — respondeu Tammy, divertida mas também um pouco embaraçada por ter deixado escapar isso. — Bem, de volta à matéria do National Enquirer. A revista disse que você estava em Montreal para aumentar o tamanho de seu... seu pau. Exceto que eu sabia que isso não era verdade.

— Como assim?

— Aquilo simplesmente não fazia sentido. Não, depois dos artigos que li sobre você.

— Continue — disse Todd, fascinado.

— Bem... sabia que li tudo que já foi publicado sobre você? Tudo que é em inglês. Mas se há uma entrevista realmente importante na, digamos, Paris Match ou na Stern, eu mando traduzir.

— Jesus! Mesmo? Para o quê?

— Para eu me manter em dia com suas opiniões. E... às vezes, nas revistas estrangeiras, eles escrevem o tipo de coisas que a gente não lê em revista americana. Uma delas escreveu uma matéria sobre sua vida amorosa. Sobre todas as mulheres com quem andou e as coisas que elas disseram a seu respeito...

— Minha maneira de representar?

— Não. Seus... outros desempenhos.

— Você está brincando.

— Não. Eu pensava que você sabia dessas coisas. Pensava que você provavelmente tinha assinatura de todas elas.

— Se eu lesse todos os artigos, em todas as revistas...

— Nunca faria outro filme.

— Exatamente. De modo que, voltando ao artigo. As mulheres, falando a meu respeito. O que isso tem a ver com a matéria publicada na The Enquirer?

— Apenas que todas elas falavam sobre você na cama... e algumas delas não se sentiam exatamente felizes com a maneira como você as tratou... mas nenhuma delas, mesmo vagamente, insinuou...

— Que eu tinha um pau pequeno.

— Isso mesmo. De modo que pensei, "Ele de modo nenhum foi para Montreal mandar aumentar o tamanho do pinto, que é justamente bacana do jeito que é." Podemos ir agora ou vou ter que me jogar da janela do carro, de pura vergonha? Todd soltou uma risada.

— Você é uma educação para mim, sabia?

— Sou?

— É...

— No bom sentido?

— Nele, tudo bom, tudo fino.

— Você sabe, naturalmente, que há coisas que estão sendo escritas neste exato momento sobre você, por um bocado de gente inquieta e preocupada?

— Por quê?

— Porque ninguém sabe o que aconteceu com você. Há muita gente, seus fãs, como eu, que pensam que você é praticamente um membro da família. Todd fez isso. Todd fez aquilo. E, de repente, Todd desaparece. E ninguém sabe para onde foi. Começam a preocupar-se. Começam a inventar todos os tipos de razões absurdas. Eu sei que fiz isso. Não é que eles estejam malucos...

— Não, não penso que você, ou qualquer um deles, esteja maluco. Ou, se está, é um tipo de maluquice boa. Quero dizer, o que você fez na noite passada... ninguém de minha família teria feito isso.

— Você ficaria surpreso em saber quantas pessoas o amam.

— Elas amam alguma coisa, mas não penso que seja eu, Tammy.

— Por que não?

— Pelo menos por uma coisa, se você entrasse aqui, na cabeça de Todd Pickett, não encontraria muita coisa para idolatrar. Verdadeiramente, não encontraria. Eu sou dolorosa, penosamente, comum. Meu irmão Donnie, por outro lado, tem por que ser admirado. Ele é inteligente. Honesto. Eu fui o único com isto. — Ligou o sorriso enquanto guiava e deu a Tammy o benefício de sua luminosidade. Em seguida, com igual facilidade, desligou-o. — Entendeu? A gente aprende a fazer isso — continuou. — É como uma torneira. A gente abre o sorriso e as pessoas se banham nele por um momento; em seguida, fechamos, voltamos para casa e nos perguntamos por que aquela confusão toda. Não é que eu mereça a adulação de milhões. Eu não sei representar. E tenho as críticas de filmes para provar isso. —

Soltou uma risadinha de autodepreciação. — Esta não é minha — disse —, é de Victor Mature.

— Tudo bem, você não é o melhor ator de Hollywood. Mas também não é o pior.

— Não, não. Garanto que há piores.

— Muito piores.

— Tudo bem, um bocado de gente pior do que eu. Ainda assim, isso não me transforma em um bom ator.

Ele, evidentemente, não ia ser convencido nesse assunto, de modo que Tammy deixou a situação nesse pé. Continuaram em silêncio por algum tempo. Em seguida, ele virou o retrovisor e olhou para o rosto. — Sabe, eu estou nervoso.

— Por quê?

— Para o caso de haver alguém na casa de Maxine.

Todd alternou entre olhar para o rosto e a estrada.

— Você está com boa aparência — disse Tammy.

— Acho que não está tão ruim assim — concedeu ele, examinando o rosto.

— Você parece apenas um pouco diferente do que parecia antes.

— Diferente o suficiente para que as pessoas notem?

Tammy não podia mentir a ele.

— Claro que vão notar. Mas, quem sabe, vão dizer que você parece melhor. Quero dizer, quando tudo estiver cicatrizado e você teve um mês de férias.

— Você entra comigo, não?

— Para conhecer Maxine? O prazer será meu.

— Você se importa se eu fumar?

Não esperou pela resposta. Simplesmente baixou a janela, puxou o maço amassado e acendeu um cigarro. A entrada de nicotina fê-lo tossir.

— Assim está melhor! Tudo bem. Nós vamos fazer isso. Você e eu. Vamos fazer a Maxine um bocado de perguntas difíceis e descobrir se ela está mentindo ou não.

Haviam chegado a Pacific Coast Highway, e o rugido do tráfego, entrando pela janela aberta, tornou impraticável mais conversa. Rodaram para o norte por talvez oito quilômetros, antes de sair da PCH e dirigir-se para oeste. Aquela área não teria sido a ideia de Tammy de um lugar idílico. Por alguma razão, imaginou Malibu como sendo uma pequena fatia do Havaí. Na verdade, era apenas uma fatia de propriedades imobiliárias de umas três casas de largura, com o barulho incessante da Pacific Coast Highway de um lado e uma estreita praia do outro. Mal percorreram uns 400m e chegaram aos portões da Colônia. Havia uma guarita e um único guarda, com os pés ao lado de uma pequena televisão. O aparelho foi desligado logo que se aproximaram e um sorriso alegre apareceu no rosto do guarda.

— Ei, sr. Pickett, há muito tempo que a gente não se vê.

— Ron, meu chapa. Como vão as coisas?

— Tudo bem, tudo bem.

O guarda estava evidentemente feliz porque Todd lembrou-se de seu nome.

— O senhor vai à festa da sra. Frizelle?

— Ahn... vou — respondeu Todd, lançando um olhar de pânico a Tammy. — Viemos aqui para isso.

O olhar do guarda passou de Todd para a passageira.

— E essa moça é...?

— Oh, Tammy. Tammy, Ron. Ron, Tammy é minha companhia hoje à noite.

— Bom divertimento — disse Ron a ninguém e a coisa nenhuma em particular. Apenas um cumprimento geral na Califórnia. — Eu vou simplesmente ligar para a sra. Frizelle e dizer que o senhor está indo para lá.

— Não — disse Todd, molhando a mão do guarda com uma nota de 20 dólares. — Nós queremos fazer uma surpresa.

— Nenhum problema — respondeu Ron, acenando para que entrassem.

— Prazer em conhecer, por falar nisso...

Tammy precisou de um momento para entender que Ron falava com ela.

— É sempre bom conhecer uma nova amiga do sr. Pickett.

Aparentemente, não havia ironia nessas palavras: era apenas uma expressão autêntica de sentimento.

— Oh, muito obrigada — disse Tammy, um pouco desajeitada com aquilo.

— Merda. Ela está dando uma festa — disse Todd quando deixavam a guarita para trás.

— E daí?

— Vai haver um bocado de gente olhando para mim.

— Eles vão vê-lo mais cedo ou mais tarde.

Todd parou o carro no meio da rua.

— Não posso. Não estou pronto para isso.

— Está, sim. Quanto mais adiar, mais difícil vai ser.

Todd continuou a sacudir a cabeça.

— Não, não. Não vou conseguir fazer isso.

Tammy cobriu-lhe a mão com a sua.

— Eu estou tão nervosa quanto você — disse. — Está vendo como minha mão está suando?

— Estou.

— Mas nós dissemos que íamos obter respostas. E quanto mais tempo a gente demorar para fazer as perguntas, mais mentiras ela vai aprontar.

— Você a conhece, não?

— Ela é meu pesadelo.

— É mesmo? Por quê?

— Porque ela se colocava entre mim e você.

— Ahn.

Silêncio.

— De modo que, o que é que vamos fazer? — perguntou finalmente Tammy.

— Merda. Eu não quero fazer isso.

— Pois somos nós dois que não queremos. Mas...

— Eu sei, eu sei, se a gente não fizer isso agora... Tudo bem. Você venceu. Mas vou sair no braço com a primeira pessoa que disser uma única palavra sobre minha cara.

Continuaram a rodar, as casas pelas quais passavam muito mais modestas em escala e projeto do que Tammy esperava. Pouco havia ali do kitsch de Beverly Hills: nenhum castelo francês de araque lado a lado com mansões Tudor de araque. Na maioria, as casas eram extremamente simples, parecendo caixas na maioria das vezes, com um raro enfeite arquitetônico. E também muito próximas umas das outras.

— Ninguém vai conseguir aqui muita privacidade — comentou Tammy.

— Acho que todo mundo simplesmente finge não olhar para todo mundo. Ou simplesmente não se importam. Isso parece mais provável. Eles simplesmente não dão bola para coisa alguma.

— Isso é o que existe em comum entre você e Katya, não? Vocês dois foram vistos pelo público tantas vezes... e o resto de nós nem faz ideia do que vocês sentem.

— Nós nos sentimos como se estivessem chupando nosso sangue, litro após litro.

— Nada bom.

— Não. Nada bom.

Fizeram uma curva e avistaram o lugar para onde iam. A casa estava decorada com milhares de pequeninas luzes brancas piscantes, como também as duas palmeiras que pareciam sentinelas à esquerda e à direita da porta.

— O Natal chegou cedo este ano — comentou Tammy.

— É o que parece.

Três manobreiros uniformizados trabalhavam na rua, recebendo os carros das visitas e guardando-os em algum lugar invisível.

— Tem certeza de que está pronta para isso? — perguntou Todd.

— Não mais do que você.

— Quer dar mais uma volta em torno do quarteirão.

— Quero.

— Hummm. Tarde demais.

Dois manobreiros vinham na direção do carro, trazendo nos lábios o que deviam ser sorrisos doloridos. Ao serem abertas as portas, Todd segurou com força a mão

de Tammy.

— Não saia de junto de mim — disse. — Prometa que não sai.

— Prometo — respondeu ela e, levantando a cabeça, fez sua melhor representação de pessoa rica, famosa e amada, ao lado de Todd Pickett. Todd entregou as chaves ao manobreiro.

— Posso supor que esta é sua primeira festa autêntica com a Lista A de Hollywood?

— Pode.

— Neste caso, esta ocasião pode ser muito divertida. Em um sentido grotesco, "há alguma coisa como um tubarão na piscina onde você está nadando".



SETE

Houve um momento, quando Katya saía do Coldheart Canyon pela primeira vez em quase três quartos de século, em que pareceu que o medo a dominava por completo. Jerry ouviu uma voz, tão seca quanto uma casca, que vinha da escuridão a seu lado: — Sinto muito... Não sei se conseguirei fazer isso.

— Quer que eu volte? — perguntou ele. — Se quiser, volto.

Nenhuma resposta. Apenas o som de choro medroso.

— Eu gostaria que Zeffer ainda estivesse aqui. Por que fui tão cruel com ele? — Nenhuma dessas palavras parecia ser a abertura para uma conversa. Lembrava mais uma confissão particular. — Por que eu sou uma puta tão grande? Jesus, Jesus. Tudo que jamais amei... — Calou-se e olhou para Jerry, vendo-lhe o reflexo no retrovisor. — Não dê importância ao que eu disse. É apenas uma velha conversando em voz alta consigo mesma.

— Que tal a gente voltar e procurar o sr. Zeffer? Ele poderia vir com você. Sei que havia alguma desavença entre vocês dois...

— Zeffer está morto, Jerry. Perdi a paciência com ele e...

— Você o matou?

— Não. Deixei-o na Terra do Demônio. Ferido por um dos caçadores.

— Deus do céu.

Jerry parou o carro. Olhou pela janela, horrorizado.

— O que você gostaria que eu fizesse? — perguntou ele após um tempo.

— Se não puder continuar sem ele, quero dizer.

— Ignore-me — disse Katya, após pensar um pouco. — Estou apenas sentindo pena de mim mesma. Claro, eu posso continuar. Que outra opção tenho? — Durante mais um momento, olhou para o mundo em volta. — Acontece apenas que já passou muito tempo desde que estive no mundo real.

— Isto aqui não é o mundo real, é Los Angeles.

Katya percebeu a graça nessas palavras. Os dois riram juntos com essa observação e, quando os risos se transformaram em sorrisos, ele pôs novamente o carro em movimento e desceram a colina. Em algum ponto não identificado entre o lugar onde ela quase perdia a confiança e o Sunset Boulevard cruzaram a fronteira do Coldheart Canyon.

O endereço já tinha sido decidido, de modo que não havia muita razão para conversa enquanto continuavam. Jerry deixou-a entregue aos próprios pensamentos. Conhecia o suficiente da história de Hollywood para saber que ela ficaria atônita com o que estava vendo. Nos seus tempos, Sunset Boulevard pouco

mais fora do que uma estrada de terra, logo que ficava para trás o que nesse momento era o Doheny. Nada de Century City naquela ocasião, nenhuma estrada asfaltada de quatro pistas atravancada de carros aerodinâmicos. Apenas cabanas, laranjais e terra.

— Estive pensando... — disse Katya, mais ou menos na altura de Sepulveda.

— No quê?

— Em mim e em minha maldade.

— Sua o quê? Sua maldade?

— Isso mesmo, minha maldade. Não sei por que pensei nisso, mas pensei. Se penso nas mulheres que representei em todos meus filmes realmente importantes, todas elas eram mulheres más. Envenenadoras. Adúlteras. Uma que matou o próprio filho. Mulheres realmente inesquecíveis.

— Mas a maioria dos atores não prefere representar personagens maus? Não é mais divertido?

— Que é, é. E eu tinha muita coisa para me inspirar.

— Inspirá-la?

— Ao tempo de criança, vi maldade com meus próprios olhos. Ela tinha as mãos em mim. Pior, possuiu-me. — A voz tornou-se fria e sombria. — Minha mãe era dona de um puteiro. Já lhe contei isso? E, quando eu tinha uns dez anos, ela simplesmente resolveu certa noite que já era tempo de me oferecer aos seus fregueses.

— Jesus.

— Foi isso o que eu disse a mim mesma. Todas as noites. Eu dizia: Jesus, por favor, me ajude. Jesus, por favor, venha a mim e me leve para longe dessa mulher má. Leve-me para o céu. Mas ele nunca veio. Eu tinha que fugir. Fugi três vezes, meus irmãos me encontraram e me arrastaram de volta. Certa vez, ela deixou que eles me fodessem, como prêmio por terem me encontrado.

— Seus próprios irmãos?

— Cinco deles.

— Cristo.

— No fim, consegui fugir dela de vez e, quando temos 13 anos de idade, e estamos sozinhas no mundo, vemos um bocado de coisas que uma menina de 13 anos não deveria ter obrigação de ver.

— Tenho certeza de que fez isso.

— De modo que coloquei tudo que vi nessas personagens. Esse o motivo por que o público acreditou nelas. Eu estava representando uma coisa que conheci. — Mexeu no lado da porta. — Há alguma maneira de abrir a janela?

— Claro. Bem aí. Nesse pequeno botão preto. Aperte-o.

Ela apertou e abriu um pouco a janela.

— Você pode abaixar a janela até embaixo.

— Não, está bem assim. Vou fazer isso aos poucos, acho.

— Claro.

— Voltando aos filmes, você me faz um favor, quando a gente voltar para a casa?

— Claro. O quê?

— Em meu quarto na casa de hóspedes há uns seis ou sete cartazes daqueles meus filmes. Deixei-os ali por um tempo longo demais em volta da cama. Acho que é tempo de me livrar deles. Você pode queimá-los por mim?

— Tem certeza de que quer que sejam queimados? Eles valem uma fortuna.

— Nesse caso, fique com eles. Ofereça-os em um leilão. E a cama. Quer também a cama?

— Não há lugar para ela em meu apartamento, mas se quer que eu dê jeito nela...

— Quero, por favor.

— Nenhum problema.

— Se conseguir algum dinheiro com a cama, gaste-o. Divirta-se.

— Obrigado.

— Não, sou eu quem tem que agradecer. Você tem sido uma grande ajuda para mim.

— Posso perguntar por quê?

— Por quê?

— Por que está se desfazendo agora de todas essas coisas?

— Porque tudo mudou para mim. Aquela mulher que eu era não existe mais. E também todas as coisas que ela representava.

— Elas eram apenas filmes.

— Eram mais do que isso. Eram minhas memórias. E agora é tempo de apagá-las. Quero recomeçar tudo com Todd.

Jerry tomou uma profunda respiração antes de falar, mas, em seguida, pensou melhor e continuou calado. Katya, porém, estava agudamente consciente de cada nuance em sua situação imediata. Mesmo da reação dele.

— Diga o que está pensando — pediu.

— Eu não tenho nada a ver com isso.

— Diga, ainda assim. Fale.

— Eu simplesmente espero que você não esteja confiando demais em Todd Pickett. Você sabe que ele não merece essa confiança toda. Nenhum deles merece, esses caras mais jovens. Todos eles são papos-furados.

— Ele é diferente.

— Tomara que seja.

— Nós nunca podemos saber por que coisas acontecem entre duas pessoas. Mas, quando parecem certas, temos que seguir nossos instintos.

— Se ele é assim tão certo para você, por que ele fugiu?

— Foi culpa minha, não dele. Mostrei a eles algumas coisas que eram mais do que ele estava pronto para ver. Não vou cometer novamente o mesmo erro. E ele estava também em companhia de uma certa mulher. Uma Tammy Alguma-Coisa-ou-Outra, que estava justamente tentando roubá-lo de mim. Conhece-a?

— Tammy? Não. Não conheço nenhuma Tammy. Oh, espere. Conheço. Recebi um telefonema da polícia de Sacramento. Ela desapareceu.

— A polícia ligou para você? Por quê?

— Porque eu conheço Todd. Aparentemente, essa tal de Tammy é a presidente do fã-clubes dele.

Katya começou a rir.

— E isso é tudo que ela é para ele? — perguntou.

— Aparentemente.

— Ela é a presidente do fã-clubes dele?

— Pelo que sei.

— De modo que não há um romance entre os dois?

— Não. Eu nem mesmo acho que eles se conheçam pessoalmente.

— Bem, isso resolve o caso.

— Resolve e não resolve — disse, cauteloso, Jerry. — Ainda assim, ela o convenceu a acompanhá-la.

— Neste caso, cabe a mim convencê-lo a voltar para casa — ronronou Katya.

Pressionou o botão da janela e continuou a apertar até que ela desceu por completo. Jerry vislumbrou-a por um instante no retrovisor. O resto da cautela e medo de Katya havia se evaporado. Ela estava saboreando o ar quente no rosto, os olhos fechados, a face radiante.

— Ainda está muito longe? — perguntou, sem abrir os olhos.

— Mais dez minutos.

— Estou sentindo o cheiro do mar.

— Nós estamos na Fourth Street. Quatro quarteirões mais e chegaremos à praia.

— Eu adoro o mar.

— Todd tem um iate, sabia? Ancorado em San Diego.

— Está vendo? Perfeito.

Abriu os olhos, captando o olhar de Jerry no espelho, exigindo uma resposta dele.

— Isso mesmo, é perfeito.

Katya sorriu.

— Obrigada — disse.

— Pelo quê?

— Por tudo. Por me trazer aqui. Por me ouvir, me fazer a vontade. Quando as coisas tiverem se acomodado e Todd e eu tivermos tornado o Canyon um lugar

mais civilizado, vamos começar a convidar pessoas a nos visitar, apenas alguns amigos especiais, para apreciar conosco a beleza do lugar. Você nunca viu a casa em seu melhor estado. Mas verá. Ela é magnífica.

— Disso tenho certeza.

— E é assim que vai ser novamente, depois de hoje à noite.

— Magnífica?

— Magnífica.



OITO

Esse foi o momento de Cinderela Tammy, seu sonho transformado em realidade. Muito bem, talvez todos os detalhes não fossem perfeitos. Ela poderia ter parecido um pouco mais glamourosa e com menos 15kg de peso. E poderiam ter entrado pela porta da frente e não se esgueirado por outra, lateral, para evitar os fotógrafos. Mas sentia-se feliz com o que o destino lhe estava concedendo e isto era a oportunidade de entrar em uma festa da Lista A pelo braço de Todd Pickett.

Em todos os lugares via rostos famosos, sorrisos famosos, expressões famosas, figuras famosas em vestidos longos desenhados por estilistas famosos, comédicos famosos dizendo piadas que deixavam todos em volta sem fôlego de tanto rir, corretores de poder famosos contando histórias sobre como haviam ganho um milhão de dólares em um minuto e as esposas menos famosas dessas pessoas escutando com as pálpebras semicerradas porque, se ganhassem um dólar por cada vez que tinham ouvido essas vetustas histórias, poderiam divorciar-se dos maridos que eram seus maridos.

E pendurados nos braços dos famosos (tanto quanto ela se pendurava no braço de Todd) viu homens e mulheres mais jovens que olhavam para seus companheiros e companheiras com o tipo de olhos que Tammy reservava para a hors d'oeuvres. Havia apetite naqueles olhos. Um dia, é o que pareciam dizer, eu terei tudo que vocês têm. Terei carros, iates, palácios e casas. Terei um pequeno vinhedo na Toscana e um grande rancho em Big Sky Country.

Não haverá portas fechadas para mim, nenhum ouvido que não escute minhas preocupações. Quando deixar cair a bolsa, alguém a apanhará para mim. Quando ficar sem gasolina, meu carro será milagrosamente abastecido (e os cinzeiros esvaziados). Se a bebida em minha mão estiver acabando, será reenchida sem que eu peça. Quando liver fome, alguém preparará comida refinada e cada porção será como uma refeição completa.

Na verdade, a comida lhe chamava quase tanto a atenção quanto os rostos famosos. Ela jamais vira salgadinhos tão finos, cada um deles acompanhado por uma descrição dos garçons, grande parte da qual estava tão distante de sua experiência que não os compreendia. Fatias de marinados raros disto em cima de fatias de defumados daquilo, polvilhados com...

Oh, que diabo! Pegaria duas porções. Não, pegaria três. Eram apenas salgadinhos e estava com fome.

Para lavar tudo aquilo, aceitou um Bellini oferecido por um garçom deslumbrante logo que entraram e achou a bebida tão doce e inocente que emborcou dois terços do copo antes de se dar conta de como era forte. Na verdade, contudo, pouco ou

nada teria importância se tivesse emborcado cinco Bellinis e caído de bruços no chão. Ela era invisível no que interessava àquelas pessoas. As belezas glaciais e seus cisnes bonitões, os empresários e roteiristas, nenhum deles queria admitir-lhe a presença andrajosa naquele círculo dourado, de modo que simplesmente olhavam para o outro lado.

Uma ou duas vezes notou o resto de um olhar confuso em cima dela, mas estes eram de amadores no jogo. Para os verdadeiros profissionais — o que significava a maioria dos que estavam ali—, ela era simplesmente uma presença inexistente. Poderia estar bem no meio da linha de visão deles e, de alguma maneira, seus olhares passavam por ela e em volta dela, tudo fazendo para evitar vê-la.

Apertou com força a mão de Todd. Bastava da fantasia de Cinderela.

Aquilo era um pesadelo.

Com grande deleite seu, Todd retribuiu com força o aperto, as palmas da mão branca pingando de suor.

— Todos eles estão olhando para mim — disse ele, inclinando-se para ela.

— Não, não estão, não.

— Oi, Todd.

— Oi, Jodie. Que bom... Notou isso? Dizem "oi" quando andam. Ela já passou. Oi, Steven! Quando é que você...? Tarde demais. Ele já se afastou. Toda esta droga de coisa é sobrenatural.

— Onde está Maxine?

— Não a vi ainda. Provavelmente, lá nos fundos da casa. Nessas ocasiões, ela gosta de sentar-se naquele lugar e dar uma de conceder audiência. Ela diz que só anfitriões é que circulam.

— E ela não é a anfitriã?

— Merda, não. Eles não são convidados. São suplicantes.

Tammy viu nesse momento que estavam passando uns atraentes hors d'oeuvres.

— Aceito um deles — disse, tocando de leve no ombro do garçom. — Se a gente não pedir neste lugar — explicou ela, pegando três —, não come nada.

— São gostosos?

— Como é que eu posso saber? Eles estão enchendo um buraco. Bem devagar. Ninguém por aqui tem apetite?

— Não, publicamente.

Para chegar aos fundos da casa, ele levou-a para uma grande sala, onde — a despeito do fato de se encontrar apinhada de gente — reinava um silêncio de biblioteca. Algumas pessoas olharam para Todd — algumas tentaram mesmo uns sorrisos ensaiados —, mas ninguém fez nada para interromper as trocas sussurradas de palavras e aproximar-se dele, pelo que Tammy sentiu-se grata. A densidade de rostos famosos ali era muito parecida com a do outro lado da porta.

Esta aí era realmente a creme ãe la creme, as pessoas que poderiam conseguir que um estúdio gastasse vários milhões de dólares preparando um roteiro, ao simplesmente insinuar que poderiam aceitar o papel quando terminado. Aqueles nomes no alto de títulos de filmes, que as plateias conheciam tão bem, eles só usavam o primeiro nome quando conversavam sobre o filme: Bruce e Julia, Brad e Tom, e todo o resto. No ano seguinte, parte dessa multidão teria caído para a Lista B após um ou dois filmes fracassados.

Mas, naquela noite, estavam no primeiro plano, famosos entre os famosos. Naquele noite, não havia uma agência na cidade que não os tivesse contratado na hora ou um programa de entrevista tarde da noite que não tivesse esnobado Einstein, Van Gogh e o Papa para exhibi-los. Eles formavam a realeza americana, da mesma maneira que Pickford e Fairbanks haviam sido realeza nos primeiros anos do cinema. Certo, nesse momento havia mais coroas, mais tronos. Mas também mais fãs em todos os cantos do mundo, homens e mulheres prontos para os paparicar e se obcecar com eles. Em suma, nenhuma dessas pessoas sofria por falta de admiração. Tinha excesso disso, da maneira que o resto do mundo tinha excesso de dívida no cartão de crédito.

Era mais difícil para as pessoas, nesse espaço mais densamente povoado, não tomar conhecimento da presença de Todd, que agarrou várias mãos não oferecidas e apertou uns dois ombros enquanto cruzavam a sala, resolvidos a que ninguém se safaria com esse fingimento de não vê-los. E quando um fragmento de conversa aparecia, como ocasionalmente acontecia, Todd, com grande rapidez (e com bastante coragem), não esquecia de incluir Tammy na troca de palavras.

— Você não precisa fazer isso — disse Tammy após a terceira dessas ocasiões.

— Preciso, sim — respondeu Todd. — Esses filhos da puta pensam que podem olhar para o outro lado e fingir que você não existe. Bom, eles que se fodam. Eu estreei filmes com alguns desses bundas-moles. Filmes que custaram a ele sete paus para assistir. E foram, na maioria, filmes de merda. Por isso, acho que eles lhe devem um aperto de mão de sete paus.

Ela riu alto, profundamente divertida com essa conversa herética. O que quer que acontecesse depois, pensou (já que nenhum conto de fadas dura para sempre), ela, pelo menos, teria essa extraordinária lembrança para entesourar: andar de braços dados com o único homem que sempre amou, através de uma multidão de toleirões, sabendo que mesmo que não a olhassem sabiam que ela estava ali. E, quando fosse embora, ela seria alguém que eles jamais poderiam entender, o que para ela era ótimo. Que ficassem assando os miolos. Isso lhes daria alguma coisa em que pensar quando estivessem se olhando no espelho na manhã seguinte.

— Lá está Maxine — disse Todd. — Eu não lhe disse que ela estava dando audiência?

Passaram-se uns dois anos desde que Tammy vira pessoalmente Maxine Frizelle. Nesse tempo, projetou sobre aquela mulher uma aura de poder que ela de fato não possuía. Era mais baixa e de aparência mais preocupada do que se lembrava: a maneira como se empoleirava numa cadeira de espaldar alto, os pés descalços no chão, destinava-se presumivelmente a irradiar uma aura de vulnerabilidade infantil, embora, na verdade, sugerisse justamente o oposto. A pose parecia desajeitada e artificial, um olhar antes de bebida do que de felicidade e o sorriso era inteiramente falso.

Todd soltou a mão de Tammy.

— Você vai agir sozinho a partir daqui? — perguntou ela.

— Acho que devo.

Tammy encolheu os ombros.

— Faça o que quiser.

— Quero dizer, vai ser difícil.

— Isso mesmo... — comentou Tammy, sua observação recebendo credibilidade do frio olhar que eles estavam recebendo do pátio.

— Ela o viu — disse Tammy.

E sorriu na direção de Maxine, que nesse momento se levantava da cadeira com uma expressão mais de perplexidade do que de raiva. Inclinou-se e disse baixinho alguma coisa ao rapaz ao seu lado. Ele inclinou a cabeça em resposta e deixou o pátio, dirigindo-se para o interior da casa, abrindo caminho entre os hóspedes e vindo na direção de Todd e Tammy.

Tammy segurou novamente a mão de Todd.

— Quer saber de uma coisa? — perguntou.

— O quê?

— Eu estava enganada. Nós vamos fazer isso juntos.



NOVE

Na rua, Katya deixou que o manobreiro lhe abrisse a porta, com os olhos na casa onde logo faria sua entrada. Simultaneamente, milhares de pensamentos tumultuavam-lhe a mente, todos clamando por atenção. Alguém a reconheceria?

Jerry lhe dissera inúmeras vezes que seus filmes continuavam a ser vistos e apreciados, de modo que era inevitável que alguém descobrisse quem ela era. Por outro lado, naqueles dias o costume era de ensaboar a cara com maquiagem, de maneira que talvez ninguém pensasse em ligá-la ao estilo fino daqueles filmes. Nem, claro, alguém iria supor que Katya Lupi, do *The Sorrows of Frederick* ou *Nefertiti*, poderia ser a jovem que ela ainda parecia ser. Mais uma vez, portanto, seus receios pareciam infundados. E se alguém de fato a reconhecesse, contra todas as probabilidades, ela arranjaría rapidamente uma resposta rápida sobre o brilhantismo da ciência moderna e os deixaria pensando no que disse. Se deixasse alguns admiradores com uma pulga atrás da orelha, atônito com sua beleza imaculada, seria tão ruim assim?

Nada tinha a temer dessas pessoas.

Era bela. E a beleza era a única arma infalível contra uma mente brutal ou um mundo estúpido. Por que deveria esse poder tê-la abandonado?

Olhou em volta, reprimindo uma pequena explosão de pânico, e descobriu que Jerry não estava ali a seu lado.

— Estou aqui — disse ele, despedindo-se de um manobreiro bem bonitão e nesse momento brindado com uma boa gorjeta. — Estive me informando. Todd chegou há alguns minutos.

O rosto de Katya desabrochou de felicidade.

— Ele está aqui?

— Está.

Ela, de repente, pareceu uma menininha.

— Eu sabia que isto ia dar certo — disse. - Eu sabia! Eu sabia! — Mas, com a mesma rapidez, uma dúvida: — Aquela mulher está com ele?

— Tammy Lauper? Está, sim.

— Eu quero que você separe os dois.

— Tão fácil assim?

— Isso mesmo — respondeu Katya, mortalmente séria. — Faça o que tiver que fazer. Quero simplesmente que separe os dois, de modo que eu possa conversar sozinha com Todd. Logo que eu tiver oportunidade de fazer isso, nós três poderemos ir embora daqui.

— E se ele quisesse ficar?

— Com ela?

— Não. Com os amigos.

— Ele não pode fazer isso. Ele não vai querer fazer isso quando me vir. Ele simplesmente irá comigo. Você vai ver.

A confiança dela era encantadora, falsa ou não. Katya tomou-lhe o braço e os dois se dirigiram para a casa. Se tinha esperado algum grotesco eco do Sunset Boulevard, Jerry ficou agradavelmente desapontado. Katya, com uma expressão de quem sabia o que era aquilo, enfrentou as câmeras à porta, como se estivesse dizendo para o mundo: Oi, vocês aí. Soltou-lhe a mão na entrada da casa, como um veleiro que descobre subitamente que o vento voltou e que se lembra do que tem que fazer, sem nenhum esforço. Virou-se e os fotógrafos ficaram famintos por ela, os flashes transformados em uma barragem ofuscante. E ela se banhava na luz que lhe esmaltava o corpo e lhe enchia os olhos.

Claro, nenhum deles sabia quem, diabo, ela era, de modo que ficaram reduzidos a estalar os dedos e a dizer "Srta....". "Aqui, srta....?" Ela, porém, conhecia seu trabalho. Deu a todos eles alguma coisa maravilhosa, alguma coisa milagrosa e, logo que o frenesi aproximou-se do auge, recusou-se bruscamente a continuar, agradecendo a todos, entrando na casa e deixando-os ali implorando por mais.

Aquela súbita explosão de atividade, claro, atraiu atenções. Metade dos rostos na sala estava voltada para a porta no momento em que ela entrou, perguntando-se quem, com todos os diabos, havia chegado. Quando descobriram que era uma mulher que nem conheciam, a casa transformou-se numa galeria de cochichos. Jerry permaneceu dois ou três passos atrás de Katya enquanto cruzavam a sala e por isso conseguiu ver a faixa de reações que a presença dela criava ali. Inveja, mais do que qualquer outra coisa, principalmente no rosto de mulheres que pensavam que eram contemporâneas de Katya. Quem era essa mulher tão jovem ou mais jovem do que elas, mais bonita do que elas, conseguindo toda atenção que devia ser delas?

Nos rostos de homens jovens, perguntas silenciosas semelhantes podiam ser discernidas. Quem é essa droga de mulher, mais perfeita do que eu? Por que mais olhos a estão despindo do que a mim? Mas havia também aquele outro contingente de homens moços que estavam simplesmente calculando suas possibilidades de cruzar, como quem não quer nada, antes da oposição, a sala com um drinque na mão ou uma observação espirituosa.

Katya jogou a partida com perfeição. Teve o cuidado de não fixar ninguém nos olhos, de modo a não ser atraída para uma conversa com a qual não queria nada. Olhou para Jerry às suas costas, que apontou para o outro lado da sala, na direção de Todd.

E lá estava ele, no pátio, com Maxine, aparentemente no meio do que parecia ser uma troca muito áspera de palavras. Ela estava sacudindo a cabeça, dando-lhe as costas, enquanto ele a seguia, cutucando-a no ombro como um filho que não está recebendo toda atenção da mãe.

Ela ignorou a importunação e começou a descer um lance de degraus do outro lado do pátio e que terminava na praia.

A DISCUSSÃO ENTRE Todd e Maxine não tinha passado despercebida dos outros ocupantes da sala. Desde o aparecimento de Todd ali, todos os outros assuntos das conversas murmuradas haviam sido abandonados. Era sobre Pickett que os convidados estavam falando. Comentavam especialmente sua aparência arruinada, mas também, nesse momento, a maneira como ele iniciava uma perseguição zangada a Maxine e o assunto da troca de palavras, que nesse momento, infelizmente, estava longe do alcance do ouvido. Havia ali muita gente que teria gostado de descer para o pátio e seguir Todd e Maxine pela areia, mas a única que fez isso foi Tammy. Empurrou para os lados o grupo que havia entre ela e a porta do pátio, manobrou em volta de um garçom e um sofá e saiu para o lado de fora.

O vento tinha aumentado um pouco de força desde a chegada dela e de Todd. Vinha do mar, trazendo o som de vozes altas. Tammy ouviu em primeiro lugar a voz de Maxine. Ela exigia saber como Todd ousava mostrar o rosto...

Tammy cruzou o pátio, procurando ver Todd, se ele precisava de sua ajuda ou não? Aproximando-se da cerca de madeira, um homenzinho obsequioso, com o rosto improvável de um mal-humorado anão do folclore escandinavo, cortou-lhe o caminho.

— Queira desculpar, mas quem, diabo, é você?

— Eu sou uma amiga de Todd. O senhor é o maitre d' ?

De um canto do pátio veio uma risada mal-abafada. Tammy lançou um olhar em volta e viu um rapaz, quase tão bem-vestido como o anão, recompondo o rosto.

— Meu nome é Gary Eppstadt. Sou o Presidente da Paramount.

— Oh — disse Tammy. — E daí?

— Daí seu lugar obviamente não é neste pátio.

— Na verdade, acho que ela, de fato, veio com Todd — disse outra espectadora, uma mulher vestida de preto que matava o tempo encostada na cerca, enquanto bebericava um coquetel.

Eppstadt olhou para Tammy de cima a baixo, como se estivesse avaliando uma vitela bem desengonçada. A nudez daquele olhar enfureceu-a de tal maneira que ela simplesmente empurrou-o para o lado e foi até a cerca.

— Chame a segurança — disse Eppstadt. — Quero que essa puta seja expulsa daqui ou vou dar uma queixa por agressão.

— Oh, pelo amor de Deus, Gary — disse a mulher — , você está fazendo um papelão.

Só nesse momento é que Tammy reconheceu a voz arrastada da mulher, Faye Dunaway, cujo olhar cansado pousou por um momento nela.

— Ela não está fazendo nenhum mal — continuou Faye. — Entre e pegue uma bebida.

Tammy olhou para trás por cima do ombro. Eppstadt, obviamente, não sabia bem como reagir. Inicialmente, lançou um olhar feroz a Dunaway, que imediatamente o retribuiu. Em seguida, dirigiu-se a um dos três homens mais velhos designados para estar ali no pátio à mesma hora.

— Christian?

— Sim, senhor?

— O que foi que acabei de dizer?

— Que... queria a segurança, senhor?

— E o que você está fazendo?

— Indo chamar a segurança — respondeu o homem, afastando-se apressadamente.

— Cristo! — murmurou Dunaway. — Você não ouviu o que eu disse? Ela veio com Todd.

— Este aqui não é o lugar dela — retrucou Eppstadt. — Com ele ou sem ele. Ela não tem classe. Nem ele, entenda. Ele também não foi convidado. Eu devia ter dito para a segurança levá-lo daqui também.

Tammy virou-se de seu lugar na cerca.

— Qual é o seu problema? — perguntou. — Isto nada tem a ver com o senhor.

— De onde você veio? — perguntou ele. — Você parece uma putinha de rua. Será que essa é a ideia que Todd faz de uma piada? Trazendo uma piranha de rua para aqui?

— E quem é você, queridinha? — perguntou Faye.

— Meu nome é Tammy Lauper e sou amiga de Todd.

Eppstadt interrompeu a conversa das duas:

— Amiga no sentido de...?

— Amiga como amiga — respondeu Tammy. — Todd vem passando ultimamente por momentos difíceis.

— Mesmo? Conte.

— Lamento dizer, mas não tenho liberdade...

— Ele está sondando você, queridinha — disse Faye. — Ele sabe tudo a respeito da operação malfeita. Toda a cidade sabe.

— Acontece que fui eu quem sugeri o cirurgião — disse Eppstadt. — Bruce Burrows. Habitualmente, ele faz um trabalho de primeira classe. Ele não fez um trabalho para você, Faye?

— Não — respondeu a sra. Dunaway. — Eu não preciso disso ainda.

— Engano meu.

— Mas, quando precisar, vou tomar o cuidado de não procurá-lo, a julgar pelo que ele fez com Todd. Aquele rapaz era quase perfeito. Da maneira que Warren era perfeito há 50 anos. Quero dizer, os dois eram fora de série.

Tammy não se incomodou em ouvir o resto da conversa. Em vez disso, desceu os degraus rangedores do pátio e chegou à areia. A cascata de luz que vinha da casa iluminava a praia até as ondas, que se quebravam com grande barulho. A praia, tanto quanto a vista alcançava, estava imaculadamente limpa. Sem dúvida, os residentes contratavam alguém para passar todas as manhãs por ali um aspirador de pó, de modo que nada imprevisível — uma garrafa de uísque, uma camisinha perdida, um peixe morto — desfigurasse a perfeição daquele pedaço de costa que lhes pertencia.

As únicas coisas que podiam ser vistas na praia eram duas figuras humanas.

Se sabiam que Tammy estava ali, nem Todd nem Maxine deram sinal disso. Simplesmente continuavam o que vinham fazendo nos dez últimos minutos: discutindo.

O vento levava a maioria das palavras, mas, de vez em quando, uma frase chegava aos ouvidos de Tammy. Em certa altura, Maxine chamou-o de uma "perda de tempo" e, em outra, de "só ego, nada de cérebro". Ele por sua vez chamou-a de "puta incompetente" e "parasita". Em resposta a um dos ataques de Todd, ela disse que "toda cidade sabe que você fez uma plástica e que ela foi um fracasso total."

— Eu não me importo — disse Todd.

— Nesse caso, você é um imbecil ainda maior do que eu pensava — gritou de volta Maxine —, porque isso significa que sua droga de reputação fugiu pela janela.

— Veja meus lábios — disse Todd, apontando para a boca. — Eu não me importo. Seguiram-se várias trocas de palavras. Tammy não captou nenhuma delas. Lentamente, continuou a aproximar-se do par, esperando ser vista por um ou outro a qualquer momento. Mas eles estavam ocupados demais em dar vazão à raiva que sentiam um do outro para notá-la.

A conversa mudou inesperadamente de direção, contudo, porque, nesse momento, quando o vento trouxe novas palavras em sua direção, o assunto do desfiladeiro era o objeto do debate. E Todd estava berrando.

— Você me preparou uma cilada! Você sabia que alguma coisa muito esquisita estava acontecendo lá e me preparou uma armadilha!

Chegou a hora de fazer daquilo uma conversa a três, resolveu Tammy, entrando na linha de visão de Maxine, que não ia se desviar do assunto por sua causa.

— Muito bem — disse. — Então a casa tem uma história. Qual é a grande importância disso?

— Eu não gosto de mexer com esses troços, Maxine. Não é seguro.

— Com "esses troços" você quer dizer exatamente o quê?

Todd baixou a voz para um quase sussurro. Tammy, porém, estava suficientemente perto para ouvi-lo.

— O desfiladeiro está cheio de mortos.

A resposta de Maxine foi uma gargalhada, sem fingimento.

— Você está baratinado?

— Não.

— Bêbado?

— Não. — Todd não ia se deixar ser objeto de riso. — Eu os vi, Maxine. Eu toquei neles.

— Nesse caso, você deve escrever um artigo para a National Enquirer e não vir aqui choramingando sobre isso. No que me interessa, esta é a nossa última conversa.

— Eu quero uma explicação!

— Eu dou — respondeu Maxine. — Você está louco.

— **JERRY?**

Ao lado de Jerry, Katia tinha uma expressão perturbada.

— Há alguma maneira de ir até a praia pelos lados da casa?

— Não sei. Talvez. Por quê?

— Todd está lá na praia, sendo insultado por aquela puta de empresária.

— Tenho certeza de que ele pode se defender sozinho.

— Eu só quero simplesmente levá-lo daqui e não ter que passar por aquela multidão quando o trouxer de volta.

— Deixe eu ver... — disse Jerry.

Pegou o braço de Katya e os dois voltaram à porta da frente da casa.

— Odeio essas pessoas — disse Katya quando chegaram ao vestíbulo.

— Você não conhece nenhuma delas — observou Jerry. — Com o devido respeito.

— Pode acreditar que conheço. São as mesmas velhas prostitutas, bichas e idiotas. Só os nomes é que mudaram.

— De saída? — perguntou o manobreiro quando os dois saíram para fora.

— Não — respondeu Jerry. — Estou apenas mostrando a casa à minha amiga. Você sabe se há um caminho por aqui até a praia?

— Claro, há. Simplesmente voltem por dentro da casa...

— Nós preferimos não passar pela casa.

— Bem, acho que há um caminho que passa pelo lado da casa e que acaba na praia. Mas é muito mais fácil...

— Obrigada — disse Katya, prendendo o olhar do homem e sorrindo-lhe. — Eu simplesmente quero me afastar um pouco daquele ajuntamento.

Se aquele homem tinha alguma objeção, ela desapareceu na hora. Ficou vermelho com a franqueza da expressão de Katya e deu um passo para o lado.

— O caminho é todo seu — disse.



DEZ

Da praia, Todd olhou para a casa. O pátio, nesse momento, estava tão cheio que algumas pessoas haviam passado para a cozinha ou subido para os quartos no andar superior, de onde poderiam ver a praia e acompanhar a discussão entre ele e Maxine. Alguns dos convidados tinham descido pátio abaixo e, nesse momento, observavam-nos com apaixonada atenção. Havia caído muito o nível geral do rebuliço dentro da casa, tendo se espalhado o boato de que uma guerra de palavras estava sendo travada na areia e, se todos se calassem por apenas um ou dois minutos, a batalha se tornaria mais audível.

— Neste momento, você bem que gostaria de não ter começado tudo isso, não é?

— perguntou Maxine.

— Tudo que eu quero são algumas respostas.

— Não, você não quer. Tudo que quer é me deixar mal diante de meus amigos, isso porque eu não quis trabalhar mais para você. Todd, eu enchi de você. A coisa é tão simples. Eu estava cansada. Queria me livrar de você e de suas exigências intermináveis.

Maxine fechou os olhos enquanto falava e, pela primeira vez na vida, Tammy sentiu um pouquinho de pena daquela mulher. A despeito da maquiagem e penteado perfeitos, coisa alguma podia esconder o estado de exaustão em que ela se encontrava. E, quando ela disse que queria livrar-se de Todd, acreditou.

— Quando arranjei aquela casa para você se mudar, isso aconteceu porque pareceu que ela poderia lhe dar os confortos que você queria. Isso era tudo que me preocupava. Agora você chega aqui gritando, dizendo palavrões, e eu penso, "o diabo leve seus confortos". Já é hora de todos saberem a verdade.

— Não vá lá pra dentro, Maxine.

— Por que não? Por que, com todos os diabos, não? Você veio aqui para criar um caso. Pois vai ter o que quer.

Tinha elevado o tom de voz e, nesse momento, podia ser ouvida claramente pela platéia reunida no pátio e debruçada nas janelas.

Todd não tinha para onde fugir. Quanto mais ela se aproximava dele, mas era obrigado a retirar-se na direção da casa e mais audíveis se tornavam as palavras de Maxine.

— Simplesmente diga a essa droga de mulher que lamenta tudo isso — aconselhou Tammy. — E vamos cair fora daqui logo. Esta não é nem a ocasião nem o lugar.

Maxine lançou um olhar de esguelha para Tammy, tomando, pela primeira vez, conhecimento de sua existência ali.

— Você acha que ele vai pedir desculpa? A mim? Ele não compreende a palavra desculpa. E quer saber por quê? Ele nunca se enganou. Pelo menos, da maneira como diz isso.

— Bem, ele pode abrir uma exceção, não, Todd?

— Não se meta nisso — disse secamente Todd.

— Eu o escondi naquela casa porque foi exatamente isso o que você me pediu... — continuou Maxine, suas recordações como que dirigidas para os espectadores. — Você precisava de tempo para ficar bom.

— Estou lhe avisando... — disse Todd.

Maxine continuou, indiferente à ameaça:

— Segundo me lembro — disse —, seu rosto parecia um pedaço de bife batido com um amaciador de carne, graças ao trabalho do Dr. Burrows.

— Muito bem, você venceu — disse Todd. — Simplesmente pare aí.

— Por quê? Eles já sabem a verdade. Toda a cidade vem fofocando há semanas sobre esse seu ato de Fantasma da Ópera.

— Cale a boca, Maxine.

— Não, não vou calar. Guardei suas merdas de segredos durante anos e não vou mais fazer isso.

— Talvez fosse melhor a gente simplesmente ir embora, Todd — sugeriu Tammy.

— Não perca seu tempo com ele — disse Maxine. — Ele não vai dormir com você. É essa a sua esperança, não é?

— Deus do céu! — exclamou Tammy. — Que gente, essa!

— Não negue — continuou Maxine secamente.

— Pois estou negando. Você acha que o mundo gira em torno de sexo. Dá até pena.

— De qualquer modo, não dormi — disse Todd, como se quisesse ter certeza de que Maxine não entenderia mal esse assunto.

Alguma coisa no forte interesse dele em que esse fato particular ficasse bem esclarecido causou uma profunda tristeza em Tammy. E sabia o motivo disso. Todd tinha vergonha dela. O diabo que a levasse! Ainda preocupada com sua reputação idiota.

Maxine deve ter notado a raiva e o desapontamento no rosto de Tammy, porque suavizou a fúria da voz.

— Não deixe que ele a machuque — disse. — Ele não vale isso. Realmente, não vale. Acontece apenas que ele não quer que aqueles ali — e esticou o dedo na direção da casa — pensem que ele desceu tão baixo a ponto de dormir com uma mulher como você. Não é isso mesmo, Todd? Você não quer que ninguém pense que você fodeu a mulher balofa?

A faca foi revolvida pela segunda vez nas carnes de Tammy. Desejou ardentemente que a areia embaixo se abrisse e a engolisse, para nunca mais ter que ver todas

aquelas pessoas.

Mas ainda havia nela auto-estima suficiente para desafiar aquela filha da puta. O que era que tinha a perder?

— É isso mesmo, Todd? — perguntou. — Você tem vergonha de mim?

— Oh, Jesus...

Todd sacudiu a cabeça e, em seguida, lançou um olhar furtivo para a casa. Nesse momento, havia provavelmente umas 60 pessoas no pátio e nos terraços saboreando a cena.

— Querem saber de uma coisa? — disse. — Fodam-se, vocês duas.

Com essas palavras, deu as costas a Tammy e a Maxine e começou a afastar-se pela praia. Maxine, porém, não ia deixar que ele se safasse tão fácil assim.

— Nós não terminamos de falar sobre sua cura, Todd.

— Pare com isso, Maxine...

— A operação? A que ia torná-lo vários anos mais moço? A plástica facial.

Todd virou-se para ela.

— Eu disse pare ou processo você, sua bundona nojenta.

— Sobre que fundamentos? Estou simplesmente dizendo a verdade. Você é um tipo arrogante, mimado, sem nenhum talento...

Todd interrompeu a retirada. O rosto parecia inchado à luz vindo da casa e um tique era visível no canto esquerdo da boca. Aquela expressão de desespero vazio no rosto mal consertado silenciou Maxine.

O olhar de Todd passou pelas duas e chegou até a multidão que observava o desenrolar de toda a cena.

Em seguida, começou a gritar:

— Vocês já não tiveram o suficiente de tudo isso? Ou não? Ela tem razão! Tudo que ela disse é verdade! Fiz uma merda de operação plástica. Querem saber por quê? Por causa dessa xoxotona! E de Eppstadt! Isso mesmo, por sua causa, seu Quasímodo de merda! Por sua causa!

Eppstadt havia arranjado uma posição de arquibancada para acompanhar a briga entre Todd e Maxine e, por isso mesmo, o que não faltaram foram olhos virados em sua direção. E não gostou mais daquele exame do que Todd gostara de ser examinado antes. Sacudiu a cabeça e, com um gesto de pouco caso das mãos, ignorou as acusações, virou as costas e tentou perder-se na multidão.

Todd, porém, continuou a insultá-lo:

— Você é que é o aleijão aqui, sabia? — gritou. — Você fode com nossas vidas, fode com nossas cabeças. Mas não vai foder mais comigo, porque não vou entrar mais no seu jogo. Ouviu o que eu disse? Não jogo mais!

De repente, correu para o pátio, enfiou a mão pela cerca e agarrou a calça de Eppstadt, que se virou para ele.

— Tire as mãos de cima de mim! — gritou, dando um pontapé em Todd, como se ele fosse um cachorro doido.

Todd simplesmente puxou mais a perna, obrigando Eppstadt a agarrar-se a alguém ao lado para evitar cair. Tinha o rosto branco de fúria. Aquele ataque atingia o próprio núcleo de sua dignidade, esse pesadelo vivo, o ator cachorro doido, a plateia de gente que o desprezava, todos eles lhe bebendo o embaraço como se fosse fina champanha.

— Você não vai se livrar disso tão fácil assim, feioso! — disse Todd. — Todos nós estamos juntos nisso.

— Pickett. Me largue! — exigiu Eppstadt, a voz tornando-se histérica de raiva e gotas de suor pipocando em todo o rosto. — Ouviu o que eu disse? Me largue!

— Quando eu terminar — retrucou Todd. Puxou-o novamente, arrastando-o mais alguns centímetros em sua direção. — Seu merda ordinário! A quantas pessoas você disse para fazer uma operação plástica, ahn?

— Você estava parecendo velho — respondeu Eppstadt.

— Estava? Ah! Olhe só pra você!

— Eu não sou astro de cinema.

— Não, e eu também não. Deixei isso pra trás. E quer saber por quê? Eu vi o lugar para onde eles vão, Eppstadt. Todos os belos, todos os astros. Eu vi onde eles terminam.

— No Forest Lawn?

— Oh, não. Eles não estão em sepulturas, Eppstadt. Isso é fácil demais. Eles ainda estão lá. Os espíritos. Ainda pensando que algum canalha como você lhes dará outra oportunidade.

— Alguém quer fazer o favor de tirar esse filho da puta louco de cima de mim? — guinchou Eppstadt.

Um dos garçons agachou-se em frente à cerca, segurou as mãos de Todd e começou a lhe soltar os dedos, um após outro.

— É melhor soltar, homem — disse tranquilamente o garçom —, ou vou começar a machucar você. E não quero fazer isso.

Todd ignorou-o. Simplesmente deu outro puxão em Eppstadt, desequilibrando o velho. A mulher em quem Eppstadt estivera se segurando balançou também e teria caído com força se a multidão em volta não fosse tão compacta. Eppstadt, porém, não teve essa sorte. As pessoas em sua vizinhança imediata se afastaram logo que Todd lhe agarrou a perna. Caiu, atingindo o garçom na face com o joelho, que caiu também de pernas abertas.

Todd puxou-o para a borda do pátio. Não havia ali uma única testemunha que, conhecendo Eppstadt, não adorasse a indignidade que lhe estava sendo infligida.

Pessoas que ele havia desprezado e levado a parecer tolas esperavam silenciosamente que essa farsa se tornasse ainda mais violenta.

Eppstadt, porém, era de um estofo mais duro. Deu um pontapé em seu atacante, o primeiro golpe atingindo Todd no ombro e o segundo, o nariz e a boca, um golpe brutal. Todd soltou-o e caiu para trás na areia, sangue escorrendo de ambas as narinas, como se fossem duas torneiras abertas até o fim da rosca.

Eppstadt levantou-se vacilante, gritando:

— Quero que esse homem seja preso! Agora mesmo! Agora!

Do lugar onde estava, Todd levantou a vista, uma mão indo até o rosto e voltando vermelha. Centenas de faces o fitavam nesse momento. Não havia uma única pessoa na festa — fossem os encarregados do bar, os convidados, os garçons, os zeladores dos sanitários, os manobreiros — que não tivesse deixado a casa para descobrir que confusão era aquela. E olhavam todos para o rosto famoso, ensanguentado, na areia e para Eppstadt, caído de bruços no pátio. O escândalo, porém, não ficou ainda melhor do que isso. Já era uma história para se comentar em jantares durante anos.

Algumas pessoas desceram para a areia, talvez sob o pretexto de ajudar Todd, mas, na verdade, para ver melhor o que estava acontecendo e poder fazer mais tarde uma descrição mais detalhada. Ninguém estendeu a mão a Todd, nem mesmo Tammy. Ela havia dado alguns passos para trás, porque não queria dar a esses espectadores imbecis mais alguma coisa para lhes provocar o riso desdenhoso.

Sem ajuda, Todd levantou-se com dificuldade e, instintivamente, virou as costas para a plateia. Aquela gente já tinha visto e ouvido mais do que podia suportar. Tudo que queria nesse momento era fugir da avaliação escarninha a que estava sendo submetido.

— Fodam-se, vocês todos... — murmurou, ao mesmo tempo se perguntando em que direção devia seguir pela praia, para a esquerda ou a direita?

E nesse momento, bem a sua frente, teve a resposta. Ali onde as ondas se quebravam, observando-o, Katya.

No início, não acreditou que fosse realmente ela. O que estaria ela fazendo ali, tão longe de seu santuário? Mas, se não fosse ela, quem seria?

Mas não esperou para que seus sentidos se emparelhassem com o que os instintos já sabiam. Sem um olhar para trás e para o circo ridículo às suas costas, seguiu trôpego pela praia na direção de Katya.

A despeito de tudo que ela fizera, a despeito de tudo que, na mente de Todd, com ela estava ligado, o sorriso que lhe viu nos lábios era um sinal de boas-vindas: a loucura de Katya era infinitamente preferível à de Eppstadt e da multidão ali atrás. Esta última humilhação era simplesmente a prova final de que ele não pertencia

mais àquele grupo. Para o que desse ou viesse, pertencia ao desfiladeiro, àquela mulher à beira d'água, chamando-o com um gesto.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou.

Katya sorriu. Oh, aquele sorriso! Ainda um espanto!

— O que você acha? Vim buscar você.

— Eu pensava que você nunca saía do desfiladeiro.

— Às vezes, eu mesma me surpreendo.

Todd envolveu-a com os braços. Uma onda ambiciosa subiu em volta das pernas de ambos e lhe encheu os sapatos de água salgada. Todd riu, fungando através do sangue. Que respingou em cima dela.

— Deus, sinto muito. Isso foi sujo.

Agachou-se, pegou um pouco d'água nas mãos para lavar o rosto e inalou-a para limpar as narinas. A água salgada ardeu.

Katya agachou-se também na água, o olhar passando por cima do ombro de Todd.

— Eles estão vindo da casa para agarrá-lo — avisou.

— Eles que se fodam.

Não precisou se virar para confirmar o que ela dizia. Eppstadt adoraria, claro, o que aconteceria em seguida: mandaria prender Todd por agressão, ele seria levado à presença de um juiz. Aquilo daria manchetes na manhã seguinte e, com elas, viriam todos os detalhes do que Maxine dissera para seus convidados. Burrows seria expulso de seu esconderijo, onde quer que se localizasse, para contar sua versão da história ou — se ele resolvesse ser fiel ao juramento de Hipócrates e permanecesse calado — alguém inventaria os detalhes ou uma enfermeira daria o serviço. Como quer que fosse investigado (como se alguma coisa ainda precisasse de investigação), o segredo já era.

Mas sua história seria apenas uma parte da coisa toda. E Katya? E o segredo dela? Se a colocassem em primeiro plano, ao lado de Todd, o mistério do Coldheart Canyon se tornaria parte das manchetes do dia seguinte. O santuário seria violado pela polícia e pela imprensa e, quando elas se fossem, pelo público.

— Eu não posso aguentar isso — disse ele.

Estava pronto para chorar, pelos dois.

Ela segurou-lhe a mão.

— Então, não aguento — disse.

Levantou-se, de frente para o mar, puxando-lhe a mão e pondo-o ao seu lado. Havia algumas luzes no oceano, muito longe. À parte isso, a escuridão era total.

— Venha comigo — disse ela.

Ela não podia estar falando sério. Pela água?

Isso mesmo, estava.

Katya já estava andando e, ele, seguindo-a, não porque gostasse da ideia de afastar-se dali entrando no gelado e atroador Pacífico, mas porque a alternativa — a zombaria da plateia na praia, os interrogatórios que o aguardavam — era demais para nela sequer pensar. Queria estar longe de tudo aquilo e, se a única direção em que ela poderia levá-lo era o mar, que fosse. Tinha a mão de Katya na sua. E isso era tudo de que precisava. Pela primeira vez na vida, isso era tudo de que necessitava.

— Há correntes... — começou.

— Eu sei.

— E tubarões.

— Tenho certeza.

Ele quase olhou para trás, mas se conteve.

— Não perca tempo — disse ela. — Você sabe o que é que eles estão fazendo.

— Sei...

— Olhando para nós. Apontando.

— Vindo atrás de nós.

— Sim, mas não para onde vamos.

A água, nesse momento, batia na cintura de Todd e estava ainda mais alta em Katya, que era uns 15cm mais baixa do que ele. Embora as ondas não fossem tão altas naquela noite como no auge da tempestade, ainda tinham força suficiente para lançá-los para trás quando se quebravam. A força de uma delas os separou e Katya foi levada por alguns metros de volta à praia. Todd virou-se e foi apanhá-la, lançando ao mesmo tempo um olhar para terra.

Embora os dois estivessem provavelmente a menos de 25m mar adentro, a terra já parecia muito distante: uma linha de areia pontilhada por pessoas que tinham chegado à beira d'água para ver melhor o que estava acontecendo.

E, atrás delas, as casas, todas iluminadas, a de Maxine em especial. No caminho entre as casas, viu o lampejo amarelo e vermelho de um carro da polícia. Seria apenas uma questão de tempo, sabia, antes que mandassem um helicóptero, com holofote, para localizá-los.

Alcançou Katya e segurou-lhe a mão. A vista da terra havia lhe dado uma nova determinação.

— Vamos — disse. — Eu carrego você.

Ela não protestou. Em vez disso, deixou que ele a tomasse nos braços, de modo que pudessem continuar a fuga. Ele havia se transformado, pensou Todd, num monstro daqueles velhos filmes de terror: agarrando a mocinha e levando-a para dentro da noite. Exceto que fora ela quem tomara a frente até aquele momento. De modo que isso transformava os dois em monstros, não?

Katya envolveu-lhe o pescoço com os braços e descansou a cabeça em seu peito. A água nesse momento era tão profunda que, quando as ondas vieram, ele não mais encontrou pé. Curiosamente, não sentiu medo. Ia afogar-se, com toda probabilidade, mas, que diabo isso tinha a ver com eles? A água estava tão fria que já sentia o corpo dormente e as pálpebras pesadas.

— Segure-se a... mim — disse a Katya.

Ela colou os lábios ao seu pescoço. Estava mais quente do que ele, o que, por alguma razão inexplicável, achou engraçado. Ela, tão velha, era quem parecia estar com febre. Pensar nisso, no calor daquele corpo, levou-o a manifestar o pesar que sentia:

— Nós... nunca fizemos amor corretamente... numa cama, quero dizer.

— Faremos — prometeu ela, beijando-lhe a boca.

Outra onda chegou, mais alta do que a maioria das que a precederam levou os dois para o alto.

Não interromperam o beijo, embora a água se fechasse sobre suas cabeças.

Na praia, continuava grande a agitação. Tammy, porém, manteve-se longe do centro da multidão, afastando-se pela praia. Observara Todd e Katya tornando-se cada vez menores e seu pânico aumentou. Nesse momento, haviam desaparecido. Talvez simplesmente não pudesse vê-los mais e eles reaparecessem logo, mas não tinha muitas esperanças. Fora tão grande a determinação com que eles se dirigiram para a escuridão. Evidentemente, não tinham ido saborear um pouco de natação e em seguida voltar para a praia. Estavam fugindo juntos na única direção que lhes restava.

Tammy sentiu uma sensação doentia no fundo do estômago, parte horror que acabava de ver e parte inveja. Ele havia feito a opção, finalmente. E, nesse momento, tinha desaparecido.

Ouviu a pulsação de pás de rotores, ergueu a vista e viu um helicóptero da polícia vindo do sul, seguindo a linha onde as ondas se quebravam, enquanto se aproximava do local em que os dois haviam desaparecido. O poderoso holofote iluminava a água com uma claridade sobrenatural.

Tammy olhou para trás e para as pessoas reunidas ao longo da praia.

Quase todos os convidados haviam deixado a casa e nesse momento andavam de um lado para o outro na areia. Não conseguiu ver Maxine, mas reconheceu alguns artistas famosos, principalmente pela cor de suas roupas.

Glenn Close usava branco, Brad Pitt escolhera um terno azul-claro, Madonna refulgia em vermelho. Foram por um momento iluminados pelo fulgor do helicóptero. Em seguida, o helicóptero virou para o mar e ela o acompanhou com

os olhos quando o aparelho desceu para perto da água. Todd e Katya certamente não poderiam ter se afastado tanto assim. Mesmo que a corrente os tivesse levado, não podiam ter se desgarrado mais do que umas poucas centenas de metros, desde que haviam entrado na água.

Mas, também, a corrente não era a única variável a levar em conta, certo?

Havia também o que os dois queriam fazer. Eles haviam ido embora com a intenção de se perderem. E perdidos estavam.

Subitamente, começou a chorar. Fora do alcance da luz lançada pela casa e longe de alguém que pudesse consolá-la, suja, tremendo de frio, sozinha, soluçou como um bebê. E não fez nenhuma tentativa de deter a inundação de lágrimas. "Melhor soltá-las do que guardá-las", sua mãe sempre dizia, e isso era verdade. Jamais conseguia pensar sensatamente quando um bocado de lágrimas a esperava nos bastidores. Era muito mais sábio deixar que escorressem e acabar com isso de vez. Finalmente, o sofrimento começou a diminuir. Limpou com a mão as lágrimas que lhe molhavam o rosto. Nesse momento, a uma boa distância da praia, o helicóptero descera ainda mais, pairando sobre um dado local.

Tammy tentou extrair algum sentido daquela paisagem marinha. Teriam os tripulantes do helicóptero localizado os corpos? Olhou fixamente para a água iluminada pelo holofote, até que os olhos começaram a doer, mas não conseguiu extrair sentido do que via, apenas espuma, batida pela água, parecendo neve, no feixe de luz branca.

Após alguns minutos, o helicóptero afastou-se da posição de onde estava, desligando o holofote por instantes enquanto voava acompanhando a praia. Ao ser ligado novamente e o clarão tocar a água, a busca havia se estendido para ainda mais longe mar adentro. Ainda assim, Tammy continuou a observar a cena, tentando em desespero entender o que estava vendo. Mas, no fim, o esforço tornou-se simplesmente frustrador demais. Dando as costas à água, subiu por um dos lados da casa até a rua, onde muitas das mesmas pessoas que vira antes junto à água, saboreando o espetáculo juntamente com a champanhe, nesse momento esperavam seus carros. Estavam caladas, olhos baixos, como se sentissem uma pequena agulhada de culpa por terem visto, como se fosse um esporte, a morte de um deles. Qualquer interesse que pudesse ter sentido por essas pessoas, reconheceu Tammy, havia desaparecido. O fato de estar praticamente ombro a ombro com Brad, Julia e meia dúzia de outros luminares deixava-a completamente indiferente. Seus pensamentos continuavam ainda nas águas escuras do Pacífico.

Finalmente, alguém falou, uma observação imbecil sobre manobreiros cada vez mais lentos naqueles dias. E isso era tudo que essas cabeças vazias precisavam para deixar aqueles momentos de introspecção. A conversa se levantou e, nos calcanhares dela, o riso. Quando o carro de Tammy chegou, o grupo estava de

excelente humor, trocando piadas e números de telefone. A cena na praia — a tragédia que todos eles tinham visto juntos — já era coisa do passado.



ONZE

Ao longo da praia, a uns 150m do lugar onde estava Tammy, todos os olhos estavam voltados para o mar e, como os dela, nada viam, exceto a luz sobrenatural, quase beatífica, do helicóptero que voava de um lado para o outro sobre a superfície das águas.

Eppstadt, enquanto observava o mar, falava ao telefone com seu advogado, Jacob Lazlov. E, ao lado dele, Maxine.

— Eu quero que esse filho da puta, Pickett, seja enquadrado em todos os rigores da lei. O que foi que você disse? O que foi que ele fez? Ele praticamente arrancou minha perna, foi isso o que ele fez. Em público. Jesus, Jacob, foi uma agressão, uma agressão física. E, agora, o safado está tentando se afogar.

— Isso tudo não é um tanto prematuro? — observou secamente Maxine. — Ele, por essas horas, provavelmente já se afogou.

— Nesse caso, vou processar a merda do estado. Posso processar o estado, não posso, Jacob? Mais alto, não estou ouvindo. O helicóptero...

— Você é uma besta e tanto, sabia disso? — perguntou Maxine.

— Eu ligo de novo, Jacob — disse secamente Eppstadt, fechando o celular com um estalo e seguindo Maxine pela praia até a casa. A caminho, ele encontrou o garçom que o ajudou durante a agressão.

— Qual é o seu nome, filho?

— Joseph Finlay, senhor.

— Bem, Joe, eu gostaria que me fizesse um favor, o de ficar sempre perto de mim, até eu dizer que não precisa mais. Você faz isso? Eu lhe pago bem por seus serviços. E se notar alguma coisa de que não gosta, filho...

— Já estou lá, senhor.

— Ótimo. Ótimo. Mas pode começar me arranjando um conhaque. Rápido. — Joe afastou-se às pressas. — Você não tinha nenhuma droga de segurança nesta festa, Maxine?

— Claro que tinha!

— E onde, com todos os diabos, se escondiam eles quando minha perna estava sendo arrancada? Jacob vai fazer algumas perguntas, Maxine, e é melhor que você tenha algumas respostas danadas de boas.

— Todd não era um intruso comum... — começou Maxine. Havia chegado ao pátio e, nesse momento, virou-se para Eppstadt, lágrimas enchendo-lhe os olhos. — Eu o conheço há dez anos. Todo mundo conhece.

— Mas, aparentemente, nenhum de nós o conhecia o suficiente. Ele estava pronto para me matar.

— Ele nem de longe pensava nisso — objetou Maxine, cansada da dramatização que Eppstadt fazia do incidente.

Arriou-se na cadeira onde estivera sentada quando Todd chegara, virando-a para poder observar a praia.

— O seu conhaque, senhor.

Eppstadt pegou a bebida. Joe puxou uma cadeira para ele.

— Dez metros — disse ele a Joe.

— Estou aqui.

Joe afastou-se por alguma distância para dar a Eppstadt e Maxine um pouco de privacidade. Eppstadt puxou do bolso um maço de cigarros e ofereceu um a Maxine, que o pegou com dedos trêmulos. Ele acendeu os dois e recostou-se na cadeira.

— Filho da puta — disse. — Quem poderia pensar que ele faria uma coisa dessas?

— Acho que a situação toda tornou-se demais para ele — comentou Maxine. — Ele não aguentou.

— Sem dúvida. O que foi aquilo que ele disse sobre uma casa que você arranhou para ele?

— Ah, sim, a casa — confirmou Maxine. — A coisa toda começou com aquela merda de casa. Cadê Jerry Brahms?

— Quem?

Maxine não conseguiu localizá-lo, mas viu Sawyer, seu assistente, nesse momento na festa, comendo alguma coisa, e chamou-o com um gesto. Ele chegou, a boca ainda cheia de canapés. Maxine deu-lhe ordem para localizar Jerry, imediatamente.

— Acho que temos que supor que a corrente levou os dois — disse Eppstadt, dirigindo a atenção de Maxine para o helicóptero que, na busca, se afastava cada vez mais da praia. Nesse momento, dois barcos da Guarda Costeira, holofotes acesos, batiam as águas de um lado para o outro.

— Será que as pessoas não têm sensibilidade? — disse Maxine, observando os moradores do condomínio que se encontravam na praia.

Piorando ainda mais a situação, alguma coisa da atmosfera da festa voltara ao grupo. Os garçons moviam-se entre os convidados, reenchendo copos e oferecendo salgadinhos. Que não estavam sendo recusados. As pessoas ali pareciam pensar que seria melhor considerar o drama daquela noite como parte do divertimento.

Um garçom trouxe uma travessa e ofereceu-a a Maxine.

— Sushi? — disse.

Ela fitou o pedaço de peixe cru com algo parecido com repugnância supersticiosa.

— Oh, Deus, por que não? — disse Eppstadt, talvez um pouco entusiasmado demais. — Aliás, pode deixar o prato aqui.

— Como é que você consegue comer?

— Estou com fome. E, se eu fosse você, faria o possível para me manter feliz. E me trataria com grande delicadeza. — Examinou uma mancha amarela nos dedos.

— Acho que, nesta altura, eu poderia ficar todo excitado pensando no que o peixe estava comendo antes de ser pescado... mas, por que me preocupar com isso?

Maxine levantou-se da cadeira e foi até a cerca.

— Eu sempre pensei que você gostava de Todd.

— Eu achava que ele era companhia aceitável, até certo ponto. Mas, depois, ele se tornou vaidoso demais e ficou insuportável. Trabalho seu, claro.

— O quê?!

— Dizendo-lhe que ele era a segunda melhor coisa depois de pão de forma, quando, durante o tempo todo, ele foi simplesmente outro rosto bonito. E agora, nem mesmo isso, graças ao Dr. Burrows. — Pegou um segundo pedaço de sushi.

— Eu lhe digo uma coisa: se Todd morreu, ele fez a melhor coisa que podia por sua reputação. Sei que isso soa mal, mas é a verdade. Agora ele tem uma oportunidade de se tornar uma lenda. Se tivesse vivido, ficado velho, todo mundo teria reconhecido que, como ator, ele era uma negação completa. E isso teria feito com que todos nós parecêssemos uns tolos. Você, por representá-lo, e eu por ter gasto com ele tanto dinheiro durante todos esses anos.

— Maxine?

Nesse momento, Sawyer vinha trazendo a reboque para o pátio um arrasado Jerry. Em algum momento no passado recente, a cabeleira postiça dele havia se descolado parcialmente e nesse momento formava um ângulo esquisito fora do centro da cabeça.

— Todd morreu — disse ele.

— Não podemos ter certeza ainda, Jerry. Sawyer, arranje um uísque e soda para o sr. Brahms. Modere no uísque. Jerry, este aqui é o Sr. Eppstadt, da Paramount.

— Eu conheço... — disse Jerry, o olhar deixando Eppstadt logo que fez contato com ele e voltando-se novamente para a água. — É inútil. Não sei por que continuam a dar buscas. Por essa altura, já foram levados para longe.

— A casa, Jerry.

— O quê?

— No desfileiro — disse Eppstadt. — Maxine andou me falando sobre a casa.

— Oh, entendo. Bem... não há muita coisa que eu possa dizer. Eu simplesmente ia lá quando era menino. Eu era ator, entenda, quando muito jovem.

— E havia lá outros meninos?

— Não. Não que eu me lembre, pelo menos. Apenas uma mulher, chamada Katya Lupi... que me tomou sob sua proteção. Foi ela... — apontou para a linha d'água —... que levou Todd.

— Não, Jerry — interrompeu-o Maxine. — Quem quer que tenha sido aquela mulher, ela era jovem.

— Katya era jovem.

— Aquela moça parecia ter uns 25 anos de idade.

— Katya parecia ter 25 anos. — Pegou o uísque e soda na mão de Sawyer.

— Não tinha, claro. Tinha provavelmente uns 100 anos.

— Nesse caso, como, diabos, poderia parecer ter vinte e cinco? — perguntou Eppstadt.

Como resposta, Jerry pronunciou apenas duas palavras:

— Coldheart Canyon.

Eppstadt não tinha resposta para isso. Simplesmente olhou confuso para Brahm.

— Ela parece jovem — disse Jerry —, mas não é. Era ela, ali fora, quanto a isso nenhuma dúvida. Pessoalmente, acho que foi algum tipo de pacto de morte entre os dois.

— Isso é ridículo — disse irritada Maxine. — Todd tinha uma vida inteira pela frente.

— Acho que ele se sentia mais desesperado do que você pensa — respondeu Jerry.

— Talvez, se vocês tivessem sido melhores amigos, ele ainda estivesse aqui entre nós.

— Eu não acho que adiante muito fazer essas acusações — interrompeu-o Eppstadt. — Especialmente, quando nós não conhecemos os fatos.

— Pois eu acho os fatos muito claros — retrucou Jerry. — Eu ainda leio a Variety.

— Apontou o dedo para Maxine. — Você resolveu deixar de ser empresária dele quando ele estava tendo dificuldades na carreira. E você — o dedo acusador voltou-se na direção de Eppstadt — cancelou um filme que para ele significava muita coisa. Para nada dizer que você — o dedo voltou para Maxine — simplesmente o humilhou publicamente. Qual é o espanto que ele resolvesse acabar com a vida?

Nenhum dos dois acusados tentou defender-se. Do que adiantava? O que Jerry acabava de dizer era de conhecimento público.

— Eu quero visitar esse desfiladeiro — resolveu Eppstadt. — E a casa.

— A casa nada tem a ver com isso — retrucou Jerry. — Para ser franco, sugiro que se mantenha longe da casa. Você já...

Eppstadt ignorou-o.

— Onde é que fica a casa? — perguntou ele a Maxine.

— Nós nunca a descobriremos em um mapa, mas o desfiladeiro corre paralelo ao Laurel Canyon. Acho que nem mesmo tem um nome certo.

— Coldheart Canyon — repetiu Brahms. — Era assim que o chamavam na era do cinema mudo. Porque se dizia que Katya tinha um coração tão frio quanto ele.

— Você sabe como chegar lá? — perguntou Eppstadt a Maxine.

— Eu... eu acho que poderia encontrar o caminho... mas preferiria que alguém guiasse.

— Você — disse Eppstadt.

Era sua vez de apontar o dedo.

Jerry sacudiu a cabeça numa negativa.

— Ou você me leva lá, ou a polícia me leva.

— Por que você quereria chamar a polícia?

— Porque acho que está em andamento algum tipo de conspiração. Você, Pickett, e a mulher que entrou no mar com ele. Todos vocês estão juntos nisso.

— Para fazer o quê, pelo amor de Deus?

— Não sei. Promover talvez a carreira daquele bunda-mole?

— Eu lhe garanto...

— Não quero nada com suas garantias — retrucou Eppstadt. — Preciso apenas que me leve àquele seu tal desfiladeiro.

— Ele não é meu. É dela. De Katya. Se fôssemos lá, estaríamos invadindo propriedade alheia.

— Eu assumo o risco.

— Eu não vou.

— Maxine, diga a ele que ele vai, sim.

— Eu não entendo por que você quer ir lá — implorou Jerry.

— Vamos simplesmente fazer o sr. Eppstadt feliz, está bem?

— Eu não quero de jeito nenhum invadir propriedade alheia — repetiu Jerry.

— Você pode botar a culpa em mim — disse Eppstadt. — Diga a essa tal Lupi, se ela conseguir botar novamente a cabeça para fora d'água, que eu o obrigarei. Onde é que está o garçom? Joe!

O improvisado segurança de Eppstadt aproximou-se.

— Nós vamos fazer uma pequena excursão. Eu gostaria que viesse conosco.

— Oh, Claro.

— Maxine, você tem uma arma?

— Eu não vou com você.

— Você vai, minha querida. Uma arma. Tem uma arma?

— Várias. Mas eu não vou. Já tive agitação suficiente para uma noite só. Preciso dormir um pouco.

— Bem, suas opções são as seguintes: venha agora e vamos descobrir o que diabo está acontecendo, juntos. Ou fique aí e espere que meu advogado ligue para você pela manhã.

Maxine fitou-o, a fisionomia sem expressão.

— Posso entender isso como sim? — perguntou Eppstadt.

A EXPEDIÇÃO ERA constituída de cinco pessoas, todas as quais haviam estado na festa. O assistente de Maxine, Sawyer, com uma das armas da patroa, guiava um carro. No segundo carro, guiado por Jerry, estavam Eppstadt e Joe.

Eppstadt levava a mais potente das armas de Maxine, uma pistola .45.

Quando saíram, muitos dos convidados já tinham ido embora, deixando um grupo de talvez 35 pessoas, muitas delas ainda na praia, esperando para ver se acontecia alguma coisa interessante. Cerca de 15 minutos após a partida da "expedição" de Eppstadt em direção às colinas, a Guarda Costeira suspendeu a busca do helicóptero. Tinha havido um acidente de barco costa acima — nove pessoas estavam na água — e havia necessidade urgente de apoio aéreo. Um dos dois barcos de busca foi chamado, deixando o outro para descrever círculos cada vez mais amplos na água, à medida que a esperança de que eles ainda estivessem vivos e próximos da praia se tornava cada vez mais remota e, finalmente, acabava por completo.

PARTE OITO

O vento à porta



UM

A noite já estava quase acabando quando os dois carros, conduzindo a pequena "força expedicionária" de Eppstadt, subiram a estrada sinuosa que levava ao Coldheart Canyon. O céu estava apenas um pouco mais claro a leste, cheio de grossas nuvens. O amanhecer, portanto, seria preguiçoso, sem nada do drama que havia marcado as horas de escuridão. Nas profundezas do próprio desfiladeiro, o dia jamais raiava por completo. Notava-se uma densidade peculiar nas sombras entre as árvores, como se a noite se demorasse ali, em trapos e frangalhos. Flores que se abriam durante o dia não se mostravam, nem mesmo ao meio-dia, enquanto que as plantas que normalmente só apareciam e exalavam seu perfume após o cair da noite permaneciam acordadas durante todas as horas do dia.

Nem Eppstadt nem os outros do grupo notaram esses fatos. Eles não eram do tipo de pessoas que observariam coisas às quais tão pouco valor monetário poderia ser facilmente atribuído. Mas, mesmo assim, tiveram certeza de que havia alguma coisa estranha por ali, desde o momento em que saíram dos carros. Dirigiram-se para a casa trocando olhares nervosos, em passos relutantes. Até Eppstadt, que havia sido tão eloquente em Malibu sobre a vontade de conhecer o desfiladeiro, mostrava claramente que desejava não ter convencido a si mesmo a vir até ali. Se estivesse sozinho, teria, sem a menor dúvida, dado marcha à ré. Mas dificilmente poderia fazer isso nesse momento, com tantas pessoas observando-o. Só poderia esperar que alguma coisa alarmante (embora sem perigo) acontecesse logo e fosse obrigado a ordenar uma retirada geral, no interesse de todos, ou que conseguissem entrar na casa, fazer um reconhecimento superficial do local, concordar que seria melhor deixar o assunto para a polícia e sair correndo dali.

A sensação que teve, ao penetrar na casa, foi a mesma que às vezes o assaltava quando entrava em um cenário vazio. Havia no ar uma atmosfera de alguma coisa prestes a acontecer. A única questão era: que tipo de drama ia ser representado ali? Uma continuação da farsa para a qual tão a contragosto fora arrastado na praia? Achou que não. O palco estava armado para outro tipo de espetáculo e não queria especialmente ser parte disso.

Em todos seus anos à frente do estúdio, jamais dera luz verde a um filme de horror ou a alguma coisa com aquele tipo de toque sobrenatural. Não gostava desses filmes. Por um lado, eram lixo desprezível; por outro, provocavam-lhe arrepios. Amedrontava-o com suas insinuações de que havia algum local irracional na psique humana, um lugar do qual fugira durante toda a vida. O desfiladeiro conhecia esse lugar, pensou. Não, teve certeza. Ali havia provavelmente assunto para centenas de filmes de horror e, quanto a isso, nenhuma dúvida.

— Fantasmagórico, ahn? — observou Joe a seu lado.

Eppstadt ficou satisfeito por ter trazido o rapaz. Embora não tivesse em seus ossos a menor migalha de homossexualismo, havia, ainda assim, algo de consolador em ter no grupo um tipo parrudão e burrão do Meio-Oeste como Joe.

— No fim das contas, o que é que estamos procurando? — perguntou Joe, enquanto Maxine tomava a frente na direção da casa.

— Qualquer coisa fora do comum — respondeu Eppstadt.

— Nós não temos nenhum direito de estar aqui — lembrou-lhe Maxine. — E, se Todd estiver morto, a polícia não vai ficar muito feliz em descobrir que estivemos mexendo em coisas por aqui.

— Entendi, Maxine — respondeu ele. — Vamos tomar todo cuidado.

— Lugar grande — disse Joe, entrando no vestibulo. — Espetacular para festas.

— Vamos acender as luzes, sim? — sugeriu Eppstadt.

Mal acabou de falar, Sawyer encontrou o quadro de luz e ligou todos os 30 interruptores que ali havia. Salas após ofuscantes salas surgiram, um detalhe glorioso após outro.

Ao longo dos anos, Jerry vira incontáveis vezes aquele palácio de sonhos, mas, por alguma razão, nem mesmo naqueles velhos dias, quando a tinta ainda era fresca e perfeitos os dourados, jamais vira a casa dar um espetáculo como aquele. Era como se o velho local soubesse que não tinha muito tempo mais para viver e — sabendo que o tempo era curto — estivesse tirando o máximo das horas que ainda lhe restavam.

— Aquela mulher na praia... — começou Eppstadt. — Foi ela quem construiu esta casa?

— Foi. O nome dela era Katya Lupi e...

— Eu sei quem foi ela — respondeu Eppstadt. — Vi alguns dos filmes dela. Lixo. Lixo kitsch.

Claro, era impossível que a mulher que havia construído aquele mausoléu espanhol fosse a mesma pessoa que seguiu Todd Pickett mar adentro. Aquela mulher poderia ter sido neta da própria, pensou, forçando um pouco as coisas e, com maior probabilidade, bisneta.

Ia corrigir Brahms a respeito desses dados sobre gerações quando um coro de coiotes uivantes irrompeu de um lado a outro do desfiladeiro. Ele, claro, conhecia uivos de coiotes. Tinha muitos amigos que residiam nas Hills e considerava esses animais como garis inofensivos, cavoucando em lixeiras e ocasionalmente jantando um gato de estimação. Mas havia alguma coisa no som que eles produziam, nesse momento em que o sol aparecia, que fez seu estômago revirar-se e arrepiar-se todo. Lembrava a trilha sonora de um daqueles filmes de horror aos quais jamais daria luz verde.

Em seguida, tão inesperadamente quanto começara, o coro de coiotes cessou. Seguiram-se três segundos de silêncio total.

Logo em seguida, tudo começou a tremer, as paredes, o candelabro, as tábuas antigas do piso.

— Terremoto! — berrou Sawyer.

Agarrou o braço de Maxine, que soltou um grito agudo e correu para a porta da cozinha.

— Para fora! — gritou ela. — Ficaremos seguros do lado de fora!

Quando precisava, ela podia mover-se rápido. Puxou Sawyer às suas costas, pela porta dos fundos abaixo. Jerry tentou segui-los, mas o tremor do chão havia se transformado em uma onda e não conseguiu pegar o corrimão.

Joe, natural do Meio-Oeste, jamais havia passado antes por um terremoto. Simplesmente ficou ali em pé no chão que subia e descia, repetindo sem cessar o nome de seu salvador, e isso com absoluta sinceridade.

Isso vai passar logo, logo, pensou Eppstadt (que havia sobrevivido a muitos desses tremores, grandes e pequenos), mas este continuou, tornando-se mais violento. O piso ondulava à sua frente. Se não tivesse visto isso nos noticiários diários na TV, teria demitido o cara encarregado de efeitos físicos por criar algo que parecia tão falso. Matéria sólida como madeira e pregos simplesmente não se movia daquela maneira. Isso era absurdo.

Mas, ainda assim, a coisa piorava, e os apelos de Joe dirigidos ao Salvador transformaram-se em gritos: — Cristo! Cristo! Cristo! Cristo!

— Quando é que isso vai parar? — arquejou Jerry.

Havia desistido de se levantar do chão. Permaneceu simplesmente ali, enquanto o barulho e o rolamento continuavam sem uma pausa. Ouviram um estrondo em um cômodo vizinho, quando alguma coisa foi lançada ao chão. E em seguida, de um lugar distante, uma série inteira de outros ruídos, quando prateleiras se descolaram e espalharam seu conteúdo.

Um pequeno pedaço de reboco soltou-se do teto e quebrou-se a uns 30cm do lugar onde se encontrava Eppstadt, os cacos espalhando-se em todas as direções. Ergueu a vista, e havia mais coisas a caminho. Uma fina chuva de pó de reboco descia nesse instante, provocando-lhe ardor nos olhos. Enquanto isso, o terremoto continuava fazendo a casa chiar e rachar-se por todos os lados. O estado de quase cegueira tornou para ele ainda mais apocalíptica toda a cena.

Estendeu a mão para Joe, rouco nesse instante de tanto berrar sua oração de uma palavra só, e segurou-o.

— Que barulho é esse? — gritou o rapaz, abafando a barulheira.

A pergunta parecia especialmente imbecil no meio de toda aquela cacofonia, mas, estranho como parecesse, Jerry entendeu exatamente o que o garoto queria dizer

com aquelas palavras.

Havia um som, entre a apavorante orquestração de gemidos e estrondos que perpassavam por toda a casa, mais profundo do que todos os demais e que parecia vir diretamente de um ponto embaixo deles. O som parecia dois conjuntos titânicos de dentes triturando juntos alguma coisa, rilhando um no outro com tanta força que estavam se destruindo também enquanto faziam isso.

— Não sei o que é — reconheceu Eppstadt.

Lágrimas lhe escorriam dos olhos, bem claras contra a poeira do reboco que lhe cobria o rosto.

— Eu quero que essa merda pare — disse Joe com sua bela franqueza do Meio-Oeste.

Mal acabou de falar e o ruído que subia da terra começou a diminuir, e, momentos depois, o do barulho e do movimento.

— Acabou... — soluçou Jerry.

Mas havia falado cedo demais. Um último e curto solavanco subiu do chão, o que provocou mais uma série de estalos por toda a casa e, embaixo, o que pareceu uma porta sendo aberta com tanta violência que estalou na parede oposta.

Só então é que diminuíram e passaram de vez os ruídos e o movimento nas profundezas da terra. E o que restou, vindo de longe, foi o som de buzinas de carros.

— Todo mundo está bem? — perguntou Eppstadt.

— Eu não vou nunca me acostumar com essas drogas de coisas — disse Jerry.

— Esse foi dos grandes — comentou Eppstadt. — Pelo menos, 6,5.

— E continuou, continuou...

— Eu acho que a gente deve cair fora daqui logo, logo — sugeriu Joe.

— Antes de ir a algum lugar — retrucou Eppstadt, aventurando-se a entrar na cozinha — vamos esperar por quaisquer tremores secundários. Neste momento, estaremos mais seguros aqui do que lá fora.

— Como é que o senhor sabe disso? — perguntou Joe, seguindo-o pela cozinha.

A cozinha era um caos total. Nenhuma das prateleiras havia se despregado das paredes, mas tinham sido sacudidas com tanta violência que lançaram no chão tudo que continham. Um armário de bebidas tinha sido tão abalado que várias garrafas estavam partidas no chão, enchendo o ar com o cheiro acre de bebidas destiladas fortes. Eppstadt foi até o refrigerador — que fora aberto pelo terremoto e jogara no chão metade das coisas que nele havia — e encontrou uma garrafa de Coca-Cola. Abriu-a com cuidado, deixando que as bolhas internas excitadas escapassem lentamente e, em seguida, bebeu-a como se esse refrigerante enjoativo fosse conhaque de cem anos.

— Melhor — disse.

— Vou também tomar uma — disse Joe.

— Com que cor eu estou?

Cara fechada, Joe abriu caminho a pontapés pelas garrafas quebradas, foi até o refrigerador e pegou também uma Coca-Cola.

— O que diabo aconteceu com Maxine? — perguntou Eppstadt.

— Ela saiu pela porta da cozinha com Sawyer — respondeu Joe, afastando o rosto de uma erupção de Coca-Cola.

Eppstadt seguiu pelo corredor até a porta aberta, chutando pedaços do reboco para longe do caminho.

— Maxine! — chamou. — Você está bem?

Nenhuma resposta.

Sem esperar que alguém viesse lhe fazer companhia, dirigiu-se para a porta dos fundos. Havia mais pedaços de reboco no chão e várias grandes rachaduras nas paredes e teto. Ao contrário das demais áreas da casa, aquela parte lhe parecia menos sólida e também muito menos elegante. Um acréscimo apressado feito mais tarde, pensou, e provavelmente mais vulnerável a terremotos do que as partes mais antigas da casa. Gritou novamente por Maxine e, mais uma vez, nenhuma resposta obteve. Não ficou surpreso. A área imediatamente depois da porta parecia esquelética, com grandes massas de matéria vegetal podre de ambos os lados do caminho que começava na soleira, desprendendo um cheiro doentio. A folhagem que cobria a área era tão espessa que ali praticamente ainda era noite.

Foi até a soleira, com intenção de chamar novamente Maxine, mas, antes de poder fazer qualquer coisa, ouviu um som de riso baixo, sibilante. Desde a infância, tivera certeza de que riso em sua vizinhança era riso à sua custa e mesmo que seu terapeuta tivesse trabalhado duante 16 anos para livrá-lo daquela neurose a impressão permanecia. Estreitou os olhos, tentando extrair sentido das sombras embaixo das árvores, separando forma de aparição.

Obviamente, o riso tinha uma origem, talvez mais de uma. Mas simplesmente não podia identificá-la.

— Parem com isso — ordenou.

O riso, porém, continuou, o que o enraiveceu. Estavam rindo dele, disso tinha certeza. De quem mais poderiam estar rindo? Filhos da puta.

Cruzou a soleira da porta, pronto para processar alguém. Sentiu o ar frio e pegajoso. Aquela casa não era nada agradável, concluiu logo, e aquele era um canto particularmente desagradável dela. O riso, porém, continuou, e não poderia dar-lhe as costas, pelo menos até que o fizesse calar.

— Quem, com todos os diabos, são vocês? — perguntou. — Isto aqui é propriedade particular. Ouviram o que eu disse? Vocês não deviam nem...

Parou nesse instante, porque ali, à sombra de uma monstruosa árvore ave-do-paráiso, distinguiu uma forma humana. Não, duas. Não, três. Mal podia lhes ver as feições, mas podia sentir o impacto dos olhos daquelas pessoas.

E, em seguida, mais riso, fazendo troça de seus protestos.

— Eu estou avisando — disse secamente Eppstadt, como se estivesse falando com crianças. — Vão embora daqui. Fora! Fora daqui!

Mas, em vez de parar, aquele riso doentio tornou-se ainda mais alto e aquelas pessoas resolveram sair de baixo da enorme árvore. Nesse momento, pôde vê-las com mais clareza. Eram, sem a menor dúvida, intrusos, pensou, que estiveram ali naquela noite fazendo uma festinha particular. Uma delas, uma moça muito bonita (não poderia ter mais de 17 anos anos de idade a julgar pelo esticado da pele), estava com os seios nus, os cabelos escuros molhados e colados ao crânio. Vagamente, pensou que a conhecia. Talvez, como atriz infantil, tivesse figurado em um filme que produzira para a Paramount ou no seu período anterior na Fox. Ela, sem a menor dúvida, estava se transformando em uma bela mulher. Mas houve alguma coisa na maneira como ela saiu das sombras — a cabeça baixa, como se pudesse a qualquer momento cair no chão e imitar algum tipo de animal — que o incomodou. Não a queria perto dele, mesmo com aquela pele esticada, os lindos bicos de seios, os lábios de quem fazia beicinho. Havia fome demais naqueles olhos e, mesmo que ele não fosse o foco desse apetite, não queria ficar preso entre essa fome tão insensata e o objeto do desejo dela, o que quer que fosse.

E havia ainda outras atrás dela, ainda sob a sombra da árvore. E também um grande número de outras, cujo olhar nesse momento sentia. Estavam por toda parte ali, nesse amanhecer maldefinido. Viu a folhagem movendo-se nos locais onde algumas delas se espichavam, os ventres nus tocando o chão. E também nos galhos da árvore, flores podres que desceram para aumentar a gosma que cobria as lajes mexicanas embaixo.

Eppstadt deu um passo hesitante para trás, arrependido da ideia idiota de deixar a casa. Não, não apenas isso. Nesse momento, para começar, lamentava toda a sequência de fatos que o haviam trazido àquele lugar amaldiçoado, ter ido àquela festa asnática de Maxine, a discussão idiota com Pickett, o interrogatório a que submetera Jerry Brahms e a decisão de vir até ali. Tudo isso fora uma estupidez.

Deu o segundo passo para trás. Ao fazer isso, os olhos daquela mocinha exibicionista que foi a primeira a aparecer tornaram-se excepcionalmente brilhantes, como se alguma coisa em sua cabeça tivesse pegado fogo. Em seguida, sem aviso, disparou em desabalada carreira em sua direção. Ele se virou para a porta e, no instante em que fez isso, viu uma dúzia — não, duas dúzias — de figuras, que haviam estado camufladas na escuridão, abandonar o esconderijo e reunir-se a ela na corrida para a porta.

E estava a um passo da soleira quando a jovem puta agarrou-lhe o braço.

— Por favor... — implorou ela, os dedos mergulhando fundo na gordura do lugar em que homens mais sadios têm bíceps.

— Solte-me.

— Não entre — pediu a moça.

E puxou-o em sua direção, revelando uma força sobrenatural. Eppstadt estendeu o braço e pegou a maçaneta da porta, lembrando-se de que havia passado pelos últimos anos de sua vida sem que ninguém pusesse uma mão indesejável sobre sua pessoa e ali estava ele no segundo ato dessa indignidade no espaço de 24 horas.

A mulher continuava a segurá-lo ferozmente e não ia largá-lo.

— Fique aqui fora — implorou ela.

Ele se debateu na empunhadura da moça, o terno Armani rasgou-se e aproveitou o momento para se soltar. Pelo canto do olho, viu um bocado de rostos, olhos incandescentes, convergindo para aquele local.

O pavor tornou-o mais rápido do que fora em três décadas. Saltou por cima da soleira e, logo que chegou ao outro lado, viu-se em um quarto, jogando todo seu peso contra a porta. Que se fechou com um estrondo.

Mexeu na fechadura, esperando sentir pressão imediata do outro lado.

Mas não houve nenhuma. A despeito do fato de que os intrusos poderiam ter empurrado a porta, abrindo-a (ou derrubando-a, com fechadura e tudo, se quisessem), não fizeram nada disso. A moça simplesmente chamou-o do outro lado, a voz bem modulada, como alguém que havia frequentado uma escola de alta classe: — Você tem que ter cuidado — disse ela numa voz cantante sobrenatural.

— Esta casa vai cair. Ouviu o que eu disse, moço? A casa vai cair.

Ele ouviu, ouviu com toda clareza. Mas não respondeu. Simplesmente aferrolhou a porta, ainda atônito porque não haviam tentado arrombá-la e correu pelo corredor de volta para a cozinha. Antes de chegar lá, Joe apareceu no canto, vindo da direção oposta, arma na mão.

— Onde, diabo, estava você? — perguntou Eppstadt.

— Eu ia justamente perguntar a mesma coisa...

— Nós estamos cercados.

— Por quem?

— Há loucos lá fora. Um bocado de caras doidos varridos.

— Onde?

— Bem do outro lado da porta!

Apontou para o fim do corredor. Nenhuma coisa era visível através do painel de vidro. Em quatro ou cinco segundos, eles haviam se retirado para o esconderijo da escuridão.

— Pode acreditar — continuou Eppstadt —, havia umas vinte ou trinta pessoas esperando do outro lado daquela porta. Uma delas tentou me arrastar para lá.— Como prova, mostrou a camisa rasgada e o braço sujo de sangue. — Ela tinha provavelmente raiva canina. Vou precisar tomar injeção.

— Não estou ouvindo ninguém — disse Joe.

— Eles estão lá fora. Pode acreditar.

Voltou para a cozinha, levando Joe a reboque.

Jerry, na pia, molhava as têmporas. Joe dirigiu-se à janela para ver se podia confirmar a história contada por Eppstadt, enquanto o patrão pegava também um pouco de água para lavar o ferimento.

— A linha telefônica caiu — avisou Jerry.

— Tenho meu celular — respondeu Eppstadt.

— Os celulares também não estão funcionando — informou Joe. — O terremoto derrubou todo o sistema.

— O senhor viu Maxine e Sawyer lá fora? — perguntou Jerry.

— Eu nunca fui lá fora, Brahms. Há gente...

— Isso mesmo, eu sei.

— Espere aí. Feche a água.

— Eu não terminei ainda de lavar o rosto.

— Eu disse: feche a torneira.

Relutante, Brahms obedeceu. Quando, finalmente, o resto da água saiu pelo ralo, outro conjunto de ruídos tornou-se audível, subindo das entranhas da casa.

— Parece que alguém deixou uma televisão ligada lá embaixo — comentou Joe, esplendidamente simplório em sua explicação.

Eppstadt dirigiu-se à porta que levava à torreta.

— Não há televisão — disse.

— O que droga mais poderia ser? — especulou Joe. — Estou ouvindo cavalos e o vento. Mas não há vento hoje.

Era verdade. Não havia vento. Mas, por alguma razão, o vento uivava com a trilha sonora de Lawrence of Arábia.

— Vocês vão descobrir que este lugar fica congestionado depois de algum tempo

— disse Jerry em tom de conversa comum. Alisou até secar o ferimento no rosto.

— Nós não devíamos estar aqui — insistiu.

— Quem são aquelas pessoas lá fora? — perguntou Eppstadt.

— Principalmente, velhos astros do cinema. Alguns dos amantes de Katya.

Eppstadt sacudiu a cabeça.

— Aquelas pessoas lá fora não eram velhas. E várias eram mulheres.

— Ela gostava de mulheres — explicou Jerry —, ocasionalmente. Especialmente se podia fazer com elas suas pequenas brincadeiras.

— Que merda é essa que você está dizendo? — perguntou Joe.

— Katya Lupi, que construiu esta casa...

— De uma vez por todas — cortou-o Eppstadt —, aqueles ali não eram amantes de Katy Lupi. Eram jovens. Uma das mulheres, pelo menos, não poderia ter mais de 17 anos de idade.

— Katya gostava delas bem jovens. E elas gostavam dela. Especialmente quando as levava lá para baixo. — Apontou para a porta da torreta, de onde ainda chegavam sons de ventos de tempestade. — Lá embaixo há um mundo diferente, entenda. E, depois, elas ficavam viciadas naquilo. Fariam qualquer coisa por ela, apenas para mais uma prova daquilo.

— Não estou entendendo nada — disse Joe.

— É melhor não entender — respondeu Jerry. — Simplesmente, vão embora daqui, enquanto podem. O terremoto abriu a porta lá embaixo. É por isso que estão ouvindo esse barulho todo.

— Você disse que o barulho estava vindo de algum outro lugar? — perguntou Joe.

— Disse. Da Terra do Demônio.

— O quê?

— Era assim que Katya a chamava. A Terra do Demônio.

Joe lançou um olhar a Eppstadt, procurando alguma confirmação de que tudo aquilo era puro absurdo. Eppstadt, porém, olhava nesse momento pela janela, ainda assombrado com os rostos famintos que encontrara no outro lado da soleira da porta. Por mais que quisesse ignorar com uma risada a explicação de Jerry Brahm, seus instintos lhe diziam que devia ser mais cauteloso.

— Vamos supor que lá embaixo existe algum tipo de porta... — começou.

— Há, acredite.

— Muito bem. Digamos que acredito. E talvez o terremoto a tenha aberto. Alguém não deveria ir até lá embaixo e fechá-la?

— Isto certamente faria sentido.

— Joe?

— Ahn, merda. Por que eu?

— Porque você continua nos dizendo que é o maior com uma arma. De qualquer modo, não é óbvio que Jerry não está em condições de ir?

— E o senhor?

— Joe — disse Eppstadt —, você está falando com o Presidente da Paramount.

— E daí? Isso, neste exato momento, não significa nada desse troço todo, significa?

— Não, mas significará quando voltarmos para o mundo real. — Olhou fixamente para Joe, com um pequeno e estranho sorriso nos lábios. — Você não vai querer ser garçom pelo resto da vida, vai?

— Não. Claro que não.

— Você veio para Hollywood pensando em ser artista de cinema, certo?

— Eu sou muito bom, realmente.

— Tenho certeza de que é. Você faz alguma ideia de que ajuda posso lhe dar?

— Se eu for lá embaixo...?

— E fechar a porta.

— Então, o senhor faz de mim um astro do cinema?

— Nesta cidade não há garantias, Joe. Mas vamos colocar a questão da seguinte maneira: você terá uma bela chance de se tornar o próximo Brad Pitt...

— Eu me vejo mais como Ed Norton.

— Tudo bem. Ed Norton. Você terá uma melhor chance de se tornar o próximo Ed Norton se tiver o chefe da Paramount a seu lado. Entendeu?

O olhar de Joe passou para trás de Eppstadt e para a porta que levava à torreta. O barulho da tempestade continuava tão alto quanto antes. No mínimo, o vento se tornara mais forte, batendo a porta contra a parede. Se tivesse sido apenas o uivo do vento subindo dali de baixo, as ambições de Joe o teriam levado por essa altura à metade do caminho. Mas outros sons eram trazidos nas costas do vento, alguns fáceis de interpretar, e, outros, não tanto assim. Ouviu o grasnado de aves agitadas, o que não era tão assustador. Mas outras espécies faziam também um alarido ali embaixo e não conseguia dar nome a qualquer uma delas.

— E então, Joe? — perguntou Eppstadt. — Quer fechar ou não aquela porta? Ou prefere servir canapés pelo resto da vida?

— Merda.

— Você tem uma arma. Onde é que estão seus colhões?

— O senhor promete que me arranja um papel? Não nesses filmes fedorentos de segunda classe.

— Prometo... fazer tudo que puder por você.

Joe lançou um olhar para Jerry.

— Você sabe o que há lá embaixo?

— Simplesmente, não olhe — foi o conselho de Jerry. — Feche a porta e volte. Não olhe para dentro da sala, mesmo que tudo aquilo pareça espantoso.

— Por quê?

— Porque é espantoso. E, uma vez que olhe, vai querer continuar a olhar.

— E se alguma coisa sair de lá e me perseguir?

— Atire nela.

— É isso aí — disse Eppstadt. — Satisfeito?

Durante mais alguns segundos, Joe pensou no problema, sopesando a arma na mão enquanto fazia isso.

— Eu estou nesta merda de cidade há dois, quase três anos. Não arranjei nem mesmo um empresário.

— Ao que parece, este é o seu dia de sorte — comentou Eppstadt.

— É melhor que seja — respondeu Joe.

O rapaz tomou uma profunda respiração e saiu para o corredor. Eppstadt sorriu tranquilizador quando ele passou, embora suas feições não tivessem sido construídas para isso. Ao ver o sorriso torto de Eppstadt, Joe quase mudou de ideia. Mas, pensando talvez no que sua vida havia sido até então — o desprezo casual com que garçons eram tratados pelos famosos —, foi até o alto da escada e olhou para baixo. Num sinal animador, a porta deixara de bater com tanta força. Tomou outra respiração profunda e, em seguida, começou a descer.

Eppstadt seguiu-o com os olhos. Em seguida, voltou para a janela.

— As pessoas lá fora... — começou a dizer a Jerry.

— O que têm elas?

— Elas teriam feito algum mal a Maxine?

— Duvido muito. Elas não querem sangue. Elas querem simplesmente voltar para a casa.

— Por que elas simplesmente não passaram por mim?

— Há na porta algum tipo de armadilha que as conserva longe.

— Eu saí e voltei sem qualquer problema.

— Bem, você está vivo, não?

— O quê?!

— Você ouviu o que eu disse.

— Não comece com essa bobageira de superstição, Brahms. Não estou com disposição para ouvir isso.

— Nem eu — retrucou Jerry. — Neste momento, eu gostaria de estar em qualquer lugar, menos aqui.

— Eu achava que este era seu palácio de sonhos.

— Se Katya estivesse aqui, a situação seria diferente.

— Você não pensa realmente que aquela mulher na praia era Katya Lupi, pensa?

— Sei com absoluta certeza que era ela. Eu mesmo a levei até Malibu.

— O quê?

Jerry encolheu os ombros.

— Bancando o Cupido.

— Katya Lupi e Todd Pickett? Loucura. Tudo isso é pura loucura.

— Por quê? Porque você se recusa a acreditar em espíritos?

— Eu não disse isso — respondeu Eppstadt, com um pouco de cautela. — Eu não disse que não acreditava. Estive em Gettysburgh e senti a presença dos mortos. Mas um campo de batalha é uma coisa...

— E um velho palácio de sonhos de Hollywood é outra? Por quê? Pessoas sofreram aqui, acredite. Algumas até mesmo se mataram. Não sei por que estou lhe contando isso. Você sabe por que essas pessoas sofreram aqui. Você foi a causa de metade disso. Esta cidade miserável está cheia de inveja e raiva. Você sabe como Los Angeles torna as pessoas cruéis. Como as torna famintas.

A palavra disparou uma campainha na mente de Eppstadt. Lembrou-se do rosto daquela mulher nos fundos da casa. Do apetite que lhe viu nos olhos.

— Elas talvez não sejam o tipo de espíritos que você pensa que ouve lamentando-se em Gettysburgh — continuou Jerry. — Mas, acredite, elas estão bem mortas e em profundo desespero. De modo que, quanto mais cedo encontrarmos Maxine e Sawyer e sairmos daqui, melhor para todos nós.

— Oh, meu Deus — disse baixinho Eppstadt.

— O quê?

— Estou começando a acreditar em você.

— Neste caso, você fez algum progresso, acho.

— Por que você não me contou tudo isso antes de virmos para aqui?

— Isso o teria impedido de vir?

— Não.

— Está vendo? Você tinha que ver por si mesmo.

— Bem, eu vi — disse Eppstadt. — E você está certo. Logo que Joe fechar aquela porta, vamos sair e procurar Maxine e Sawyer. Você tem certeza de que essas coisas...

— Use a palavra, Eppstadt.

— Não quero.

— Pelo amor de Deus, é apenas uma palavra.

— Muito bem... espíritos. Você tem certeza de que eles não nos perseguirão? Eles pareciam malvados.

— Eles querem entrar na casa. É como eu disse: isso é tudo que eles querem. Querem voltar para a Terra do Demônio.

— Você sabe por quê?

— Tenho uma vaga ideia, mas não estou querendo lhe contar. Que tal deixarmos de perder tempo tentando adivinhar o que os mortos querem?

Jerry voltou a olhar para a expansão verde do outro lado da janela.

— Todos nós vamos saber mais cedo do que queremos.



DOIS

Às 5h49min, quando o terremoto de 6,9 na escala Richter (que mais tarde se descobriu que teve seu epicentro em Pasadena) abalou Los Angeles e tirou-a da modorra antes do amanhecer, Tammy estava na estrada sem nome, no lado de fora da casa de Katya Lupi, no Coldheart Canyon, atraída de volta para ali com uma facilidade que sugeria que aquele local, para o que desse e viesse, estava nesse momento em seu sangue.

Havia deixado a festa na Colônia minutos depois da partida da expedição de Eppstadt, tendo chegado à conclusão de que pouco adiantava ficar à espera na praia. Se Todd e Katya estivessem ainda na água, já estariam mortos a essa altura, seus cadáveres levados pela maré na direção do Havaí ou Japão. E se, por algum milagre, tivessem sobrevivido, eles certamente não voltariam para a casa de Maxine. Tomariam a direção do desfiladeiro.

Seu plano inicial era esquecer toda essa triste aventura, voltar ao hotel na Wilshire, tomar um banho de chuveiro, trocar de roupa e pegar o primeiro vôo que saísse de Los Angeles. Fizera tudo que podia por Todd Pickett. Mais do que ele merecia, Deus era testemunha. E o que conseguira por todos esses problemas? No fim, pouco mais do que desprezo. Jamais iria submeter-se novamente a isso. Se queria causar sofrimento a si mesma, bastava bater com a cabeça na porta da cozinha. Não precisava fazer aquela viagem toda até Los Angeles para conseguir isso.

Mas, enquanto dirigia de volta ao hotel, fragmentos de coisas que vira no desfiladeiro e, mais tarde, na casa voltaram, imagens que lhe inspiravam mais admiração do que horror. Nunca mais, deste lado da sepultura, teria, com toda certeza, outra oportunidade de rever aquelas cenas. Se era assim, não deveria aproveitar a oportunidade de voltar para lá, pela última vez? Se não fosse nesse momento, no dia seguinte seria tarde demais. O desfiladeiro teria descoberto novas proteções contra sua curiosidade — ou de qualquer outra pessoa —, novos encantamentos e mecanismos construídos para ocultar de olhos curiosos os seus deleites.

E, claro, havia sempre a possibilidade remota de que Todd tivesse sobrevivido e conseguido voltar lá para cima. Essa, mais do que qualquer outra, era a razão de sua volta.

Tomada a decisão, subiu a Sunset — esquecendo o banho de chuveiro e a troca de roupas — e voltou ao desfiladeiro.

Sem a menor dúvida, era um ato temerário, voltar a um local onde sofrera tanto, mas, além do desejo de ver pela última vez os espetáculos daquele local e afastar

quaisquer esperanças que pudesse ainda ter de sobrevivência de Todd, não podia livrar-se da suspeita persistente de que não estava ainda no fim o que viera fazer na casa. Não tinha justificativa lógica para essa sensação, apenas a certeza, no tutano dos ossos, de que era isso o que tinha que fazer. Saberá quando aquilo passasse. E não tinha passado.

Foi uma viagem sobrenatural subir o desfiladeiro naquela escuridão antes do amanhecer. Deliberadamente, apagou os faróis para atrair a menor atenção possível, mas isso, por alguma razão, fê-la sentir-se ainda mais vulnerável, como se não fosse mais ela mesma ali nesse Desfiladeiro das Mil Ilusões.

Duas vezes, alguma coisa cruzou a estrada à frente, uma forma cinzenta vaga na escuridão. Pisou os freios e deixou que a criatura passasse.

Logo que chegou à casa, descobriu que não era a primeira visitante. Viu dois carros estacionados no lado de fora. E ia cruzando a estrada para examiná-los quando começou o terremoto.

Embora tivesse experiência de terremotos, nunca se encontrara realmente tão perto de seus efeitos quando aquele aconteceu. E foi uma experiência e tanto. Perdeu, quase, o controle da bexiga, enquanto a estrada corcoveava sob seus pés, e as árvores, especialmente as mais altas, estalavam e balançavam.

Parou e esperou que passasse a primeira onda de choque, o que pareceu levar uma eternidade. E logo que o coração recuperou alguma coisa que se aproximava do ritmo normal, dirigiu-se para o palácio dos sonhos de Katya Lupi.

No corredor, Eppstadt olhava pelo poço da escada. Estava escuro ali embaixo, mas pensou que via movimento na escuridão, como se fossem pontinhos de poeira clara, girando em espiral.

— Joe! — gritou. — Você está aí embaixo? Responda, sim?

O som que viera de baixo havia cessado e, nesse momento, mal conseguia distinguir a barulheira dos animais. O que continuava era o som do vento, extraordinariamente persistente, dando credibilidade à ideia de que aquilo que ouvia era uma trilha sonora, não a realidade. Mas, com todos os diabos, para onde tinha ido Joe? Cinco minutos inteiros já haviam passado desde que ele desaparecera pela escada para fechar aquela porta.

— Eu não desceria, se fosse você.

Eppstadt olhou por cima do ombro e viu que Brahms deixara o lugar à janela e que viera para o corredor.

— Ele não responde — disse Eppstadt. — Pensei que ele talvez tivesse caído ou... não sei. A porta continua a bater. Está ouvindo?

— Claro.

— Acho que você não gostaria de descer até lá e fechá-la para mim, gostaria?

— Você é o maioral na delegação, não é? É isso o que ensinam na escola de administração de empresas?

— É apenas uma porta.

— Pois feche-a você mesmo.

Eppstadt lançou um olhar azedo a Brahms.

— Ou não feche. Deixe-o lá, se é isso o que seus instintos estão lhe dizendo.

— E se eu for?

— Vamos dizer a coisa da seguinte maneira: quanto mais tempo você demorar, menos são as probabilidades de que jamais o veja novamente.

— Eu não devia ter mandado que ele descesse — disse Eppstadt.

— Humm. Nunca pensei ouvir isso de você.

— Ouvir o quê?

— Arrependimento. Este lugar o está mudando. Até você. Estou impressionado.

Eppstadt não respondeu. Olhou simplesmente para baixo e para a longa curva do poço da escada, ainda esperando ver o rosto de Joe emergir das sombras. Mas o único movimento que viu foi de poeira agitada pelo vento, girando sobre si mesma.

— Joe! — gritou

Nem mesmo um eco veio de lá de baixo. Pareceu que as entranhas da casa haviam consumido a sílaba berrada.

— Eu vou subir — disse Jerry — para ver se há alguém lá em cima.

— Maxine ainda está lá fora?

— Acho que sim. Se me lembro de outros terremotos, ela vai ficar lá fora durante algum tempo. Ela não gosta de ficar embaixo de qualquer coisa, nem mesmo de uma mesa, durante um terremoto. Ela volta, quando estiver pronta.

— Obrigado.

— Não há de quê.

— Você não gosta de mim, não é? — perguntou Eppstadt, inesperadamente.

Jerry deu de ombros.

— Hollywood sempre teve sua quota de pequenos Calígulas.

Com essas palavras, deixou Eppstadt com seu dilema e subiu a escada. Conhecia muito bem a geografia da casa. Três portas levavam ao patamar superior. Uma desembocava em um pequeno corredor, que por seu turno acabava em um grande quarto de dormir, com suite, e que foi ocupado até sua morte por Marco Caputto. O outro terminava em um pequeno escritório e o terceiro era o quarto do dono da casa, com uma vista externa impressionante, um armário imenso e um banheiro suntuoso, ainda que um tanto exagerado.

Ele só havia estado três vezes no quarto do dono, mas tinha dele agradáveis recordações. Recordações de um jovem (que idade, naquela época, 12,13 anos no máximo?) que Katya convidara para entrar. Oh, como ela fora bela naquela noite; era como se tivesse deitado na cama de uma deusa. No início, ficara assustado demais para sequer tocá-la. Ela, porém, suavemente, convencera-o de que não havia motivo para medo.

Da forma que sua vida tomara, ela fora a única mulher com quem jamais dormira. Em princípios da casa dos 20 anos, teve certeza de que sua homossexualidade era resultado daquela noite. Nenhuma mulher, dizia a si mesmo, poderia de nenhuma maneira ser igual a Katya Lupi. Mas isso era apenas autojustificação.

Ele havia nascido bicha e Katya foi sua única exceção à regra.

Ao chegar à porta do quarto, ocorreu um choque secundário do sismo.

Uma sacudida rápida, não mais do que isso, mas o suficiente para fazer com que o candelabro antigo pendurado na torreta balançasse e tilintasse suavemente. Esperou por alguns momentos, segurando-se ao corrimão, à espera de que outros choques se seguissem ao primeiro. Mas não houve nenhum.

Olhou pela escada abaixo. Ninguém à vista. Experimentou abrir a porta. Fechada por dentro. Só havia uma coisa a deduzir daquilo: havia alguém no quarto, talvez mais de uma pessoa. Olhou para as tábuas lustrosas embaixo dos pés e notou algumas gotas de água na madeira polida.

Não era difícil encaixar as peças desse quebra-cabeça nem imaginar a cena no outro lado da porta. Todd e Katya haviam sobrevivido ao encontro com o Pacífico. Estavam vivos, dormindo, sem dúvida, na grande cama. O voyeur que havia nele teria gostado muito de passar pela porta fechada e espionar os amantes, ambos nus, Todd de rosto para cima, Katya colada a ele. Ela estava provavelmente roncando, como ouvira várias vezes quando ela tirara cochilos em sua presença.

Não censurava Katya nem um pouquinho por sua avareza. Se sentir fome de vida significa sentir fome de uma eternidade de noites nos braços de um homem que o amava, esse apetite era inteiramente compreensível.

E havia nele uma pequena parte que pensava que, se permanecesse leal a ela por tempo suficiente — se representasse o papel que lhe cabia —, ela lhe concederia um pouco de sua eternidade. Ela lhe mostraria como se poderia fazer para que se derretessem os anos.

Afastou-se da porta e dirigiu-se para a escada, deixando os amantes em seu discreto sono.

Ao chegar ao nível intermediário, descobriu que Eppstadt havia desaparecido. Aparentemente, tomara a decisão de descer e procurar Joe. Olhou por cima da amurada do terraço. Nenhum som lá embaixo. O vento se reduzira a quase nada. A porta não batia mais.

Da escada, dirigiu-se para a porta, entreaberta.

Talvez fosse esse o momento de ir embora dali. Não tinha nada com que contribuir para a situação. Katya tinha seu homem, Todd encontrara um pouco de paz depois de suas decepções. O que mais havia para ele fazer, senão silenciosas despedidas e esgueirar-se dali?

Durante dois ou três minutos, ficou em frente à porta, incapaz de tomar a resolução final. No fim, convenceu-se a permanecer ali por apenas um pouco mais, simplesmente para ver a expressão de Maxine quando soubesse que Todd estava vivo. Voltou para a cozinha, sentou-se, à espera — como uma pessoa que passara seu tempo observando a vida de outras pessoas, em vez de viver a sua —, para ver o que aconteceria em seguida.

EPPSTADT ESTAVA A dois degraus do chão quando sentiu a onda de choque secundária. Embora não fosse um homem ágil, saltou os dois últimos degraus sem hesitação. Ouviu rosnados agourentos nas paredes, como se vários tigres esfomeados estivessem fechados ali. Este era, reconheceu, um dos piores lugares para ser surpreendido por um terremoto, especialmente se (como era perfeitamente possível) a onda secundária não fosse isso, absolutamente, mas a preparação para alguma coisa pior. Teria sido mais sensato — muito mais sensato — subir a escada novamente e esperar até que os tigres se acalmassem. Mas não ia fazer isso. Tinha sido um homem sensato durante a maior parte da vida, sempre tomando a estrada segura, a rota conservadora. Pelo menos por uma vez queria viver perigosamente e assumir as consequências.

Dito isso, não teria que adotar comportamento suicida. À sua frente, havia a verga da porta. Ficaria mais seguro ali do que no corredor vazio.

Correu para o lugar e, ao fazer isso, a onda secundária cessou bruscamente.

Tomou uma profunda respiração.

Em seguida, por cima do ombro, olhou para a sala às suas costas.

Presumivelmente, este era o lugar onde Joe desaparecera. Não havia outro lugar para onde ele pudesse ter ido.

Foi até a porta. Olhou para dentro. No início, nada viu, apenas uma escuridão fechada. Estendeu a mão, como muitos haviam feito antes, à procura do interruptor de luz e, não o encontrando, deixou que uma pequena ânsia de curiosidade o dominasse. Não havia dito a si mesmo que queria assumir um pequeno risco? Bem, ali estava a oportunidade. Entrar nessa estranha sala, nas profundezas dessa casa de loucos, era provavelmente a coisa mais tola que jamais faria na vida, e sabia disso.

Foi recebido por um vento frio, que o pegou pelos cotovelos e puxou-o por cima da soleira para dentro daquele mundo — sim, era um mundo. Olhou para o céu, para o sol oculto em três quartas partes, as altas nuvens em ziguezague, que se lembrava

de tê-lo deixado confuso no tempo de criança, perguntando a si mesmo o que era que as colocava com tanto cuidado dessa forma, tão bonita. Uma estrela caiu na direção da terra e seguiu-lhe o arco com os olhos, até que ela se queimou em algum lugar acima das árvores.

Bem longe, a muitos quilômetros além da massa escura da floresta, viu o mar, faiscando. Que não era o Pacífico, isso podia ver. Os barcos que por ali se moviam tinham algo de um filme de Errol Flynn, *The Sea Hawk*, ou alguma coisa assim. No tempo de criança, adorara esses filmes e os barcos que neles havia. Especialmente os barcos.

Vinte e seis segundos já haviam se passado desde que o homem da Paramount, que havia levado toda sua vida profissional mantendo silenciosa a criança sonhadora e supersticiosa, fingindo uma elegante e arrogante superioridade sobre todas as coisas que cheiravam a maquiagem e fantasmagorias de meia-noite, tinha entrado na Terra do Demônio e nela se perdeu.

— Venha, não tenha medo — sussurrou em seu ouvido o vento que vinha do mar. E ele entrou, todo o cinismo varrido da mente pela recordação de barcos em movimento sob um céu pintado, ainda suficientemente jovem para acreditar que poderia crescer e transformar-se em um herói.



TRÊS

Todd mexeu-se e saiu de um estado que era mais de estupor do que de sono.

Estava deitado na imensa cama do quarto principal, na casa do Coldheart Canyon, o corpo pequeno de Katya, encolhido em um nó apertado, colado ao seu, um braço sob ele e o outro por cima, como se nunca mais o deixasse ir embora. Roncava no sono, como havia feito naquele dia em que a encontrara no quarto da casa de hóspedes. E esse toque humano era mais eloquente nesse momento do que nunca, dado o que os dois haviam passado juntos.

Nas últimas horas, tinham enfrentado momentos apavorantes, fragmentos dos quais perpassaram por sua mente enquanto lentamente se soltava do abraço de Katya e, devagar, escorregava para fora da cama. Em primeiro lugar, aquele momento assombroso em que dera as costas à casa de Malibu e caminhara para as águas escuras do Pacífico em companhia de Katya. Nunca se sentira tão amedrontado em toda sua vida. Mas ela lhe apertara a mão, fitando-o, os cabelos jogados para trás pelo vento, mostrando a glória de seus ossos. E ele pensara que, mesmo que morresse naquele instante, teria sido o homem mais feliz da criação. No fim, eu tive essa mulher ao meu lado. Quem poderia pedir mais do que isso?

Mas não fora fácil manter esses sentimentos de gratidão nos caóticos minutos que se seguiram. Logo que perderam o pé e caíram nas garras do Pacífico, a alegria agri-doce do que estavam fazendo transformou-se numa tentativa conjunta, instintiva, de sobreviverem nas águas escuras e hostis. A uns 50m mar adentro, as grandes ondas, as ondas de surfistas, começaram a levantá-los e jogá-los novamente em suas fossas. A escuridão era tão grande que mal podia ver o rosto de Katya, mas ouviu-a engasgando-se com a água salgada, tossindo como uma menininha apavorada.

De repente, a ideia de simplesmente morrer ali, surrado até a morte pelas ondas, não lhe pareceu mais tão atraente. Por que não tentar viver?, descobriu-se pensando. Não o tipo de vida que havia tido antes (jamais queria aquilo de volta), mas um outro tipo de vida. Viajar incógnito pelo mundo, talvez, apenas os dois. Isso não seria nada mal, seria? E, quando se entediassem com as viagens, poderiam encontrar alguma praia ensolarada na Costa Rica e passar todos os dias bêbados entre os papagaios. Ali poderiam esperar o rolar dos anos, até que o grande e espalhafatoso mundo pelo qual tanto lutara esquecesse que ele sequer existiu.

Estes pensamentos surgiram como relâmpagos, nenhum deles realmente coerente. O único que tomou forma real foi a maneira como poderiam sair vivos da água.

— Vamos mergulhar! — gritou ele para Katya. — Respire fundo!

Ouviu-a fazer isso. Em seguida, antes que outra onda pulverizante chegasse e os deixasse sem sentidos, mergulhou com ela numa parede balouçante de água, chegando ao coração plácido do vagalhão. Devem ter feito isso uma centena de vezes, mergulhando, subindo arquejantes, esperando a próxima parede monstruosa chegar até quase tocá-los, antes de mergulhar mais uma vez. Era um macete desesperado, mas que funcionou.

E que estava evidentemente evitando que sofressem um terrível espancamento, mas também cobrando um alto preço às suas energias. Sabia que não poderia continuar a desafiar por muito tempo a violência da água. Os músculos de ambos estavam doendo e os sentidos tornando-se embotados. Seria apenas uma questão de tempo, antes que a água os vencesse e afundassem juntos, derrotados pelo mero cansaço.

Mas eles não haviam contado com uma combinação benigna da maré, que durante todo esse tempo os estava levando lentamente para o sul, e — ao fazer isso — empurrando-os também de volta para a praia. O tumulto das águas em volta começou a diminuir e, após alguns minutos, começaram a tocar com os pés algumas das torres de coral mais altas. Minutos depois, tinham chão sólido sob os pés e pouco tempo depois chegaram à praia de Venice.

Durante alguns minutos ficaram estendidos juntos na areia escura, cuspidos água e tossindo e, no fim, encontraram ainda forças para rir às gargalhadas e entrelaçarem as mãos.

Contra todas as probabilidades, tinham sobrevivido.

— Eu acho... que ainda não estamos prontos... para morrer — arquejou Todd.

— Acho que não — concordou Katya.

Ergueu a cabeça acima da areia, pondo os lábios ao alcance da boca de Todd. Não foi tanto um beijo quanto uma troca de hálito. Ficaram ali deitados, boca contra boca, até que os dentes de Katya começaram a chocalhar.

— Você tem que voltar ao desfiladeiro — disse ele, pondo-se de joelhos, as luzes da calçada de tábuas de Venice parecendo impossivelmente longe.

— Eu não consigo — disse ela.

— Consegue, sim. Vamos voltar para casa. Vamos voltar para o desfiladeiro. Você vai sentir-se mais forte e mais aquecida logo que a gente começar a andar, prometo. Ajudou-a a se erguer e em seguida praticamente a colocou de pé.

Abraçados, foram aos tropeços até a calçada de tábuas, onde ainda continuavam os entretenimentos habituais para atrair turistas, a despeito do tardio da hora. Andaram pelo meio da multidão, sem serem reconhecidos e, em uma rua secundária, Todd encontrou um rapaz com uma escalavrada Pinto, a quem ofereceu 300 ensopados dólares para levá-los de volta para casa e mais outros 300, secos, se promettesse não dizer a ninguém o que havia feito e aonde fora.

— Eu sei quem vocês são — disse o garotão.

— Não, não sabe — replicou Todd, arrancando os 300 da mão do garoto.

— Tudo bem, não sei — respondeu ele, voltando a tomar jeitosamente o dinheiro.

— Negócio feito.

Todd sabia que não era muito grande a probabilidade de que a promessa do garoto durasse muito tempo, mas não tinha opção nesse assunto. Ordenaram ao improvisado motorista que fechasse todas as janelas e ligasse o aquecimento e, juntos no assento traseiro, tentaram trazer um pouco de calor para o sangue. Todd disse ao motorista que corresse tanto quanto o veículo era capaz de desenvolver e, vinte minutos mais tarde, orientava o garoto a subir a estrada sinuosa para o Coldheart Canyon.

— Eu nunca estive aqui antes — comentou o garoto ao parar em frente à casa.

Katya inclinou-se para a frente e fitou-o.

— Não esteve — disse. — E nunca mais estará.

Alguma coisa na maneira como ela disse isso deixou o rapaz nervoso.

— Okay, okay — disse. — Simplesmente me dê o resto do dinheiro.

Todd entrou na casa para apanhar 300 dólares em notas secas e, minutos depois, o garoto afastou-se, seiscentos dólares no bolso, sem entender nada de tudo aquilo, enquanto Todd e Katya se arrastavam torreta acima para o quarto principal, tirando as roupas molhadas enquanto se dirigiam para a cama que haviam pensado que nunca mais veriam.

Todd precisou de muito tempo para cruzar o quarto, o corpo doendo todo até o tutano dos ossos e os pensamentos tão preguiçosos quanto o corpo. Só quando começou a vestir uma jeans limpa é que se deu conta de vozes na casa.

— Merda... — disse baixinho.

Resolveu não acordar Katya. Em vez disso, daria um jeito de se livrar sozinho daquelas pessoas, sem despejar sobre elas sua fúria mais do que justificada.

Voltou ao quarto. A despeito do barulho lá embaixo, Katya não dava sinais de que ia acordar. Isso era bom. Ela, obviamente, estava curando as mágoas dos últimos dias. Durante um momento, ficou ao lado da cama, observando-lhe as feições tranquilas. A água do mar lavara todos os traços de maquiagem e, para todos os efeitos, ela parecia uma mocinha de 15 anos, tendo sonhos inocentes.

Claro, essa inocência era uma ilusão. Sabia do que ela era capaz e havia uma pequena parte em seu cérebro que nunca deixava de avisá-lo desse fato. Mas ela não viera para a praia a fim de salvá-lo? Quem mais teria feito isso, exceto, talvez, Tammy? Tudo que os outros sempre haviam feito por ele fora usá-lo e, logo que obtinham o que queriam, continuavam em seu caminho. Katya, porém, provaria que era feita de um estofa mais leal. Estivera pronta para seguir o caminho todo com ele, até a morte, se necessário.

E daí, se ela fosse cruel? E daí se tivesse cometido crimes que a teriam posto atrás das grades, se alguém soubesse? Para ele, os pecados dela pouco significavam nesse instante. O que importava era a maneira como ela lhe tomara a mão quando deram as costas às luzes da praia e enfrentaram as águas escuras do Pacífico e o quanto lutara para ficar a seu lado, por mais que a maré conspirasse para separá-los.

As vozes embaixo silenciaram.

Vestiu uma camiseta e foi até a porta. Nesse momento, ocorreu um pequeno terremoto. A porta estalou na moldura. Foi uma sacudidela rápida e achou que, provavelmente, era uma onda de choque secundária. Se assim, o que provavelmente o acordara fora o grande tremor. Por que outro motivo teria acordado? Ainda tinha uma grande necessidade de sono, Deus sabia.

Nada teria lhe dado mais prazer do que tirar a jeans e a camiseta e voltar para a cama e para o lado de Katya para mais três ou quatro horas de abençoado sono pesado.

Mas dificilmente podia fazer isso, com um grupo de busca dentro da casa. Ouviu a voz de Eppstadt. Diabos o levassem! Era típico do velho canalha meter, mais cedo ou mais tarde, o nariz na vida deles. Tivera a esperança de que a ele e a Katya fosse concedido algum tempo tranquilo para planejar o que fariam em seguida, como passar uma revista na casa (e, claro, no Pavilhão da Piscina) em busca de evidências incriminadoras de escândalo, destruindo-as e, em seguida, esconderem-se nas profundezas do desfiladeiro até que os investigadores se convencessem de que nada mais havia que valesse a pena investigar e fossem embora, levando Eppstadt e quem quer mais que estivesse com ele (Maxine, sem dúvida). Eppstadt, porém, arruinou essa esperança. Antes que fossem embora, os intrusos iriam dar uma busca em cada droga de cómodo, quanto a isso não havia dúvida, incluindo o quarto principal. Ia precisar descobrir uma maneira de ele e Katya saírem furtivamente da casa, antes que ele aparecesse por ali, fuçando tudo.

Escutou à porta e, em seguida, com todo cuidado, abriu-a em uns dois centímetros. Ouviu a conversa embaixo, que parecia ser conduzida por Eppstadt. Jesus, entre todas as pessoas possíveis, logo quem, o próprio Sr. Lucro Acima de Tudo. Não ouviu sinais de uma opinião de Maxine, o que em si era estranho. Normalmente, ela era parte ativa em qualquer conversa, por menos que soubesse sobre qualquer assunto. Mas, em seguida, lembrou-se da fobia dela a terremotos. Ela sempre fugia para o ar livre ao primeiro sinal de um tremor e, sem dúvida, fizera exatamente isso. Sentiu tentação de ir até o terraço e verificar se podia vê-la nos fundos da casa — apenas para ver aquela puta toda nervosa —, mas não havia tempo para isso. Coisas demais estavam acontecendo ali embaixo. Arriscou um passo fora do quarto e olhou por cima do corrimão, a tempo de ver alguém... um jovem, um garçom

trazido da festa ou um dos novos namorados de Maxine (ou as duas coisas), descendo a escada em espiral para um local embaixo, onde uma porta batia nesse momento.

Logo depois, ouviu passos e teve certeza de que Eppstadt ia aparecer à porta da cozinha. Mas, antes de ser visto, Todd recuou para o quarto e fechou sem ruído a porta, um mero clique, e com certeza praticamente inaudível com tanta coisa acontecendo nas vizinhanças.

Sabia muito bem o que aquelas batidas da porta lá embaixo significavam.

O terremoto havia aberto a porta da Terra do Demônio e parecia que Eppstadt tinha convencido algum imbecil a descer e fechá-la. Idiotas! Será que não tinham instintos? Será que alguma coisa não lhes dizia baixinho que, quando uma porta batia naquela casa, era melhor deixar que batesse, até ela mesma resolver se fechar? O que ninguém fazia era descer até lá embaixo e fechá-la. Isso era suicídio, ou a segunda melhor coisa.

Olhou pelo canto e em seguida para o quarto. Katya continuava a dormir a sono solto. Pensou por um momento em acordá-la, mas mudou de ideia. Durante toda a vida ela tivera homens seguindo-a por toda parte, perguntando o que deviam fazer. Ele não ia engrossar esses números.

Não, resolveria sozinho esse problema. Afinal de contas, a casa ia ser seu lar tanto quanto o dela. Sua palavra devia ser a lei ali. Só precisava mesmo resolver como agir e, sem tomar um café expresso botar para funcionar os seus morosos pensamentos, isso poderia demorar um pouco. Mas não tinha importância, pois, no devido tempo, a solução lhe ocorreria.

Sentou-se de costas contra a parede e tentou expulsar da mente a imagem daquele inocente desconhecido descendo pela escada em espiral para fechar a porta que dava para a Terra do Demônio.



QUATRO

Durante vários minutos, ficou onde estava, atrás da porta, os pensamentos descrevendo vagarosos círculos. Na verdade, ainda tinha esperança de que não precisasse fazer muita coisa para resolver o problema. A solução preferível seria a seguinte: alguém (talvez Maxine, lá fora, no pátio dos fundos) veria alguma coisa que levaria às alturas o nível de pânico na casa e provocaria um êxodo em massa. Talvez fosse demais alimentar tal esperança, mas as demais opções (manobra diversiva, encontrar as chaves das saídas laterais) exigiam um grau mais alto de presença de espírito do que possuía, nesse seu atual estado de exaustão.

Finalmente, levantou-se, voltou ao quarto, passou pela bela adormecida e entrou no terraço. O escuro amanhecer havia gerado um dia escuro. Mais tarde, talvez, a camada de nuvens se romperia e teriam um pouco de sol.

Nesse momento, o céu era uma parede de nuvens mortas. Olhou para o espaço verde embaixo, na esperança de localizar Maxine, embora a espessura do matagal por toda parte em volta da casa — especialmente as gigantescas árvores Ave do Paraíso — tornasse virtualmente impossível ver alguma coisa.

Nesse momento, porém, pelo canto do olho, vislumbrou movimento.

Alguém estava correndo entre as árvores, lançando ao mesmo tempo olhares de pânico por cima do ombro. Não era Maxine, era o assistente, Sawyer, que trabalhava para ela já há uns três anos. Embora não tivesse mais de 30 anos, ele deixara que o corpo se tornasse disforme: almoços às carreiras porque Maxine tinha mais trabalho do que ele podia dar conta, festinhas demais após o expediente, rebatendo os leites maltados com coquetéis após premièrès incrementadas, para nada dizer das roscas com creme bávaro, que levava para o escritório em caixas de seis unidades, a fim de ajudá-lo durante o dia com uma dosagem de açúcar energético nos momentos certos.

Devido às rosquinhas, hamburgers e uísques puros, não conseguia correr muito depressa. E certamente não podia gritar pedindo ajuda enquanto corria.

Além disso, não tinha fôlego para ambas as coisas. Tudo que podia fazer era soluçar entre arquejos, lançando olhares apavorados por cima do ombro.

Todd viu as moitas se rearrumando barulhentas imediatamente depois de ele passar, e também alguma coisa — alguma coisa menor e mais ágil — lançando-se de um galho a outro no alto, acompanhando de perto a presa.

— M... Max... Maxine! — conseguiu ele gritar, ofegante.

— Estou aqui! — gritou de volta Maxine. — Sawyer! Estou aqui nas jaulas!

Seguindo o som da voz de Maxine, Todd conseguiu localizá-la. Ela estava bem distante da casa e subira para o alto de uma da série de jaulas, onde se ajoelhara, com uma arma na mão. Ela sempre tivera armas em casa, sabia, mas esta era a primeira ocasião em que a via usando uma delas.

— Continue a seguir minha voz! — gritou ela para Sawyer. — Procure uma árvore com flores de um amarelo vivo, como se fossem grandes sinos...

— Estou olhando! — soluçou Sawyer.

De seu privilegiado ponto de observação no terraço, Todd sentiu-se como César no Coliseu, observando leões e cristãos. Via com perfeita clareza os cristãos e, nesse momento — à medida que se fechava o espaço entre perseguidor e presa —, começou a entrever também os leões.

Nas moitas, a não mais de um metro ou dois de Sawyer, viu um dos filhos dos mortos: um híbrido monstruoso do um espírito de mulher e — logo o quê! — um jaguar. Este último devia ter sido um dos animais do zoológico de Katya, embora o casamento das anatomias tivesse transformado a perfeição esbelta do animal em alguma coisa mais grosseira, mais feia e inteiramente mais grotesca. O elemento humano fora feminino, quanto a isso não havia dúvida. A face — quando a enxergou por um momento — era dois terços humanóide. Os málares altos e o olhar frio pertenciam, com certeza, a Lana Turner. Nessa ocasião, a criatura abriu a boca e o terço bestial se mostrou: dentes enormes, em cima e embaixo, uma garganta pintalgada de manchas, língua negra. A criatura soltou um rugido que nada tinha de feminino e arremessou-se sobre Sawyer, que saltou para fora da trilha, escapando por centímetros.

— Você está bem? — gritou Maxine.

Tudo que Sawyer conseguiu dizer foi:

— Não!

— Está perto de mim? — perguntou ela.

— Não posso ver você — choramingou ele.

Os galhos sobre a cabeça de Sawyer sacudiam-se violentamente.

— Procure as flores amarelas.

—... amarelas... flores..

Teria sido fácil para Todd dirigir Sawyer para fora daquele labirinto, mas isso teria tirado toda a graça daquilo. Melhor ficar calado e deixar que Sawyer descobrisse um jeito. Era o tipo de jogo que sabia que Katya adoraria. Sentiu tentação de acordá-la, mas a ação acabaria nos próximos segundos, pensou.

Sawyer estava a alguns metros das jaulas e da segurança. Tendo fracassado em pegar a vítima no primeiro salto, o Lana, como Todd mentalmente o batizou, voltou a segui-la sorrateiramente. Todd teve vislumbres do lombo manchado da criatura enquanto ela deslizava por entre as moitas. As intenções dela eram claras,

pelo menos do ponto de vista de Todd. Estava se movendo para cortar a retirada de Sawyer em direção à galeria de jaulas. Sawyer e Maxine mantinham, enquanto isso, uma troca banal de palavras, o que supostamente permitiria que ele encontrasse o caminho até ela.

— Sua voz está ficando mais alta.

— Está?

— Está, mesmo. Já está vendo as flores amarelas?

— Estou. Estou vendo.

— Você está agora realmente bem perto.

— Estou embaixo delas...

Mas parou de falar, porque ouviu o rosnado baixo do Lana. Todd ouviu-o, também, embora não pudesse vê-lo. Em silêncio, desejou que Sawyer não fizesse qualquer movimento brusco, ficasse simplesmente imóvel, calado, e talvez o animal perdesse o interesse. Sawyer podia ficar parado sem problema, mas por que não se calava? Não, não podia. Sawyer era um linguarudo.

— Oh, Deus, Maxine. Oh, Deus. A coisa está perto de mim.

— Psiu — disse Maxine.

Sawyer calou-se, mas tarde demais. O Lana sabia exatamente onde ele se encontrava. Saiu de dentro das moitas e derrubou-o de lado no chão, em cima do próprio tapete de flores amarelas que haviam sido seu farol.

Mas não podia ser visto por Maxine, que lhe gritou que se levantasse, levantasse logo...

Sawyer começou a fazer isso, mas, com a respiração cortada pelo golpe, antes que pudesse se pôr de joelhos a criatura saltou sobre ele pela segunda vez, as garras fincando-se na massa dos músculos do ombro.

De seu poleiro na jaula, Maxine estava tentando conseguir ângulo para um tiro certo, mas teria sido difícil para qualquer um, por mais hábil que fosse no manejo de armas de fogo, atingir o animal sem ferir Sawyer. Ela, porém, estava pronta para fazer uma tentativa. Durante vários meses, tomara lições com um ex-policial do LAPD e sabia como manter a mão e o olho fixos no alvo.

Sawyer não poderia ter se movido, mesmo que sua vida dependesse disso. A criatura prendia-o num abraço mortal.

Maxine atirou, um som seco no ar parado do desfiladeiro, como se fosse um estalo de chicote. O tiro ecoou dos paredões, a força da bala lançando o atacante de Sawyer para longe da vítima. E ele ficou caído ali, essa parente não tão distante assim de Miss Turner, no chão ao lado de Sawyer, que soltou logo que foi atingido. Sangue escorria copiosamente de ambos, misturando-se no chão.

— Levante-se! — gritou Maxine para Sawyer.

Era um bom conselho. O Lana ainda estava vivo, a respiração rápida e rasa.

Sawyer não estava tão ferido que não pudesse compreender o perigo que corria. Rolou para longe do atacante e começou a se levantar. Ao fazer isso, a criatura agachou-se subitamente a seu lado e, abrindo a grande bocarra, saltou.

Arrancou um pedaço da perna de Sawyer e virou a cabeça para abocanhar a panturrilha. Sawyer gritou e caiu para a frente sobre as mãos.

Maxine tinha nesse momento uma boa visão do animal e aproveitou-a. O segundo tiro, porém, não foi tão eficiente quanto o primeiro, atingindo a criatura no ombro, atravessando-o, sem parecer ter tornado significativamente mais lento o atacante, que se lançou em cima de Sawyer, como se estivesse tentando montar em cima dele.

Segundos depois, o Lana abriu a boca e cravou os dentes nos ossos do crânio de Sawyer. Os soluços do homem cessaram imediatamente, e a pouca força que seus membros ainda possuíam deixou-o de vez. E ficou pendente embaixo do corpo do Lana como o cadáver de uma zebra na boca de um leão, olhos vidrados e mortos.

Todd ouviu a exclamação de Maxine:

— Oh, Cristo... Oh, Cristo...

O horror, porém, não havia ainda acabado. A criatura, aparentemente, queria fincar os dentes naquela mulher que a ferira porque, tendo despachado Sawyer, soltou o corpo da boca e começou a dirigir-se para a jaula em cima da qual se agachava Maxine. Mesmo ferida, não havia dúvida de que ela ainda tinha força para saltar para cima da jaula e atacar Maxine. Na verdade, os ferimentos recebidos não pareciam incomodá-la muito, e a face híbrida exibía uma expressão que era alguma coisa entre um rosnado de animal e um sorriso humano. Maxine não hesitou. Fazendo pontaria no animal, atirou. A bala atingiu a criatura no meio da cara, arrancando o nariz chato e a mandíbula superior.

Por um longo momento, o animal aparentemente não compreendeu o ferimento mortal que acabava de sofrer. Ergueu uma perna dianteira, que terminava em uma mão que se transformava em garras, na direção da face, como se querendo examinar o ferimento. Mas, antes que o membro degenerado pudesse atingir a face, o sistema da criatura fechou, e ela caiu para a frente, morta.

Durante todo esse episódio, foi grande o movimento entre as moitas. Todd teve a impressão de que várias outras criaturas estavam observando para ver como a situação ia acabar, antes de mostrarem os rostos. Nesse momento, com a morte do Lana, as moitas estavam imóveis. Nada se movia, nada respirava.

O único som que conseguiu ouvir foi o som muito baixo de Maxine dizendo Oh, Deus para si mesma, uma vez após outra. Mas, rapidamente, ela controlou o horror e o medo e começou a descer do alto da jaula.

Todd sentiu tentação de chamá-la, de dizer alguma palavra de encorajamento, mas se conteve. Em primeiro lugar, não queria admitir que fora espectador de todo

aquele drama. Em segundo, não queria distraí-la enquanto ela continuava ali embaixo. Certamente, o fato de ela ter matado a criatura lhe havia silenciado os irmãos nas moitas, mas o silêncio não significava que tivessem desistido da perseguição. Estavam simplesmente esperando nas moitas que Maxine cometesse um erro, quando sem dúvida cairiam sobre ela como uma multidão vingativa.

Mantendo silêncio, observou-a andar entre as jaulas, olhando constantemente para a casa, como se estivesse tentando encontrar um caminho de volta para a segurança, mas, no momento, só conseguiu encontrar um que corria paralelo ao prédio. Estava nesse momento a uns 30 ou 40 metros das jaulas, o que era bom, porque isso significava que não podia ver o que estava acontecendo na trilha embaixo delas.

Um ou dois minutos depois de ela ter deixado o local, alguns membros da família do Lana deixaram as moitas, onde — sabia Todd — estiveram à espera. Nesse momento, uns seis deles saíram do esconderijo. Não sentiam interesse pelo corpo do irmão. Era Sawyer que queriam. Cercando o cadáver, começaram a brincar com ele como crianças com algum pavoroso brinquedo. Arrancaram-lhe as roupas, o membro e os testículos. Passaram em seguida a arrancar os dedos, articulação por articulação, cuspidos os pedaços que tiravam. Pareciam sentir um prazer infantil na sujeira que estavam fazendo. Todd, embora horriblemene repugnado com o espetáculo, continuou a observá-los, até que eles acabaram com os dedos e começaram a extripá-lo.

Só então deixou o terraço e voltou para a casa.

Não seria necessariamente fácil para Maxine encontrar o caminho de volta, compreendeu. Muitas das trilhas estavam cobertas de vegetação e, em seu atual estado mental, sem dúvida de pânico, ela poderia facilmente perder o caminho e continuar a perdê-lo. Ele teria que sair e ir procurá-la.

Katya continuava a dormir. Os tiros não haviam nem feito com que ela se mexesse. Na verdade, parecia que ela praticamente não se movera, tão profundo era o sono. A mão, ligeiramente fechada, continuava na boca.

Beijou-a, notou que isso tampouco a acordava e deixou-a entregue ao sono.



CINCO

Nesse momento, Eppstadt estava na Terra do Demônio. Das nuvens inchadas caía uma chuva fina, quase uma névoa, em ondas macias que lhe batiam no rosto e esfriavam a pele afogueada. Se ele duvidava da realidade do local, o frio da chuva parecia feito de propósito para desfazer a incredulidade.

Odiava a ideia de que fosse real aquilo que via, praticando tal violência contra todo o pensamento lógico. Mas qual a alternativa? Que havia escorregado e caído, que estava nesse momento ao pé da escada, em estado semicomatoso, imaginando tudo aquilo? Uma boa solução, mas, como não tinha maneira de saber se era verdade ou não, a única opção era descobrir Joe e sair dali antes que o local se tornasse ainda mais louco do que já era. Quanto menos soubesse sobre essa terra — e quanto menos seus aspectos grotescos se alojassem em sua mente —, mais feliz o resto de sua vida certamente seria.

Com esse pensamento, iniciou uma inspeção de 360 graus da paisagem, dizendo ao mesmo tempo o nome de Joe. O barulho que fazia (até mesmo sua simples presença ali) era suficiente para instilar vida nos arbustos e árvores.

Sentiu que era observado por várias espécies de animais inverossímeis, seus olhos enormes e luminosos, suas posturas e, em alguns casos, os detalhes de suas fisionomias, vagamente humanos, como se esse mundo de penumbra tivesse presenciado todos os tipos de acasalamentos criminosos.

Finalmente, ouviu uma resposta de Joe:

— Quem está aí?

— Eppstadt.

— Venha até aqui. Rápido. O senhor tem que me ajudar.

Seguindo a direção da voz do homem que berrava, chegou a um pequeno matagal e viu que Joe havia subido alguns metros em uma árvore, usando uma escada tosca de madeira, encostada em um dos troncos.

— O que você está fazendo aí em cima? — perguntou.

Joe simplesmente repetiu a súplica:

— O senhor tem que me ajudar.

— Não há tempo, Joe — respondeu. — Você tem que vir comigo. Agora mesmo. Cristo, eu mandei você fechar a porta. Por que entrou aqui?

— Pela mesma razão que o senhor — retrucou Joe. — Eu não podia acreditar no que estava vendo. O senhor vai me ajudar ou não?

Eppstadt havia aberto caminho até o centro do pequeno bosque enquanto os dois falavam, rasgando o terno nos espinhos que cresciam abundantes ali. O quadro que

se abriu diante de seus olhos deixou-o atônito.

Viu um homem crucificado entre os galhos mais altos da árvore para onde Joe havia subido, o trabalho feito com cordas e cravos. Joe já havia conseguido arrancar alguns cravos (sujando o rosto e os braços de sangue nesse processo) e nesse momento tentava abrir com os dentes os nós da corda.

Estava em desespero, querendo tirar o homem da árvore e tinha razão para isso. Os galhos em volta estavam borbulhando de aves, a versão de abutre da Terra do Demônio: versões maiores, mais cruéis. Elas já haviam evidentemente feito vários ataques ao rosto do homem. Notou profundos cortes em volta das órbitas da vítima, onde elas haviam tentado tirar a bicadas os olhos.

Sangue dos ferimentos escorria peio rosto. Ele poderia ter se parecido com Cristo, não fossem os cabelos louros que pendiam em cachos sujos pelos ombros.

— Eu preciso de uma pedra! — gritou Joe para Eppstadt.

— Para o quê?

— Simplesmente me arranje uma merda de pedra, sim?

Eppstadt não gostava de receber ordens — especialmente de um garçom —, mas reconheceu a urgência da situação e fez o que ele pedia, olhando em volta até pegar uma pedra longa e afiada que entregou a Joe no alto. De seu poleiro na escada, Joe atacou o abutre mais próximo. Um belo lançamento. A pedra bateu no mais ambicioso do bando — que aparentemente resolvera acabar logo com a farra — e abriu em duas a cabeça da ave. As outras, porém, não levantaram vôo, como Joe esperara. Simplesmente se retiraram para um ou dois galhos mais altos, grasnando de fúria e frustração, enquanto a ave morta caía do poleiro.

Como se acordasse de um bom sono com o barulho das aves, o crucificado ergueu a cabeça e abriu a boca. Uma serpente negra, não mais grossa do que o polegar de uma criança, saiu dos lábios em uma forma de papa de sangue, saliva e bile. A serpente ficou pendente dos lábios do homem durante um momento, presa pela causa. Em seguida, caiu no chão, a uns 30cm de Eppstadt.

Ele se afastou repugnado, lançando um olhar pelos ombros para a porta, apenas para ter certeza de que seu meio de fugir dessa insanidade toda continuava à vista. Continuava. A serpente, porém, mudara sua perspectiva sobre essa missão de socorro.

— Esse cara está morrendo — disse a Joe. — Você não pode fazer nada por ele.

— Nós ainda podemos descê-lo daqui.

— E eu estou lhe dizendo que ele está além de qualquer ajuda, Joe. Olhe para ele.

Realmente, parecia haver pouca razão em esforçar-se tanto para tirá-lo dali: o homem estava evidentemente à beira da morte. Os olhos rolaram para trás por baixo das pálpebras trêmulas, nada mais mostrando que não o branco. Ele tentava

dizer alguma coisa, mas mente e língua estavam além do trabalho complexo da fala.

— Quer saber de uma coisa? — disse Eppstadt, olhando em volta da paisagem. — Isto aqui é uma armadilha. — Havia ali, na verdade, dezenas de esconderijos para potenciais atacantes — humanos ou animais — dentro de um raio de uns 50m do lugar onde se encontravam: rochas, buracos, moitas fechadas. — Nós precisamos simplesmente cair fora daqui, antes que quem quer que tenha feito isso faça o mesmo conosco.

— Deixar ele aqui, é isso?

— Isso mesmo. Deixe-o onde está.

Joe sacudiu a cabeça. Tinha conseguido chegar até esse ponto e não ia desistir nesse momento. Puxou a corda que prendia a mão direita do homem.

O braço caiu livre. Como se fosse uma pequena chuva, o sangue borrifou as folhas acima da cabeça de Eppstadt.

— Estou quase terminando — disse.

— Joe, eu...

— Prepare-se — repetiu Joe, passando por cima do corpo da vítima para soltar a outra mão. — O senhor vai ter que apará-lo — avisou a Eppstadt.

— Eu não posso fazer isso.

— E quem mais vai fazer? — perguntou secamente Joe.

Eppstadt, porém, não estava lhe dando atenção.

Ouviu um ruído às suas costas, virou-se e descobriu que uma criança parecendo um aleijão, nua e baixinha, tinha aparecido, vinda de algum lugar, e que o fitava.

— Temos companhia — avisou ele a Joe, que lutava ainda para soltar a outra mão do crucificado.

Quando voltou a olhar novamente, o aleijão havia se aproximado um pouco e pôde vê-lo com clareza nesse momento. Havia alguma coisa de caprino nos genes daquela criatura, pensou. As pernas arqueadas da criança eram cobertas por uma pelagem amarela suja e ela tinha olhos amareloesverdeados.

Embaixo do bojo pálido do ventre, projetava-se um membro de grandes proporções e em forte estado de ereção, inteiramente desproporcional ao resto do corpo. A criança acariciava indolentemente o membro, enquanto o observava.

— Por que você está descendo o homem daí? — perguntou ele a Joe. Não recebendo resposta, repetiu a pergunta para Eppstadt.

— Ele está sofrendo — foi tudo que Eppstadt conseguiu achar para dizer, embora a frase dificilmente correspondesse ao horror do sofrimento da vítima.

— É dessa maneira que minha mãe quer que ele fique — disse o menino-bode.

— Sua mãe?

— Lil-ith — disse ele, pronunciando o nome como duas sílabas separadas.

— Ela é a Rainha do Inferno. E eu sou o filho dela.

— Se você é o filho dela — disse Eppstadt, procurando ganhar tempo até que lhe ocorresse uma melhor maneira de enfrentar esse absurdo —, então, se segue que, sim... ela seria sua mãe.

— E ela o colocou ali em cima para que eu pudesse vê-lo! — respondeu o menino, a cabeça do membro repetindo-lhe os movimentos furiosos da cabeça.

Quanto mais furiosa ficava a criança, mais subia à superfície a prova de que ela era produto de um cruzamento extremo. Tinha lábio leporino, o que tornava mais difícil entender sua indignação, e do nariz — que pouco mais era do que dois buracos abertos e melados na face — pingavam fluidos catarrais. Os dentes, quando os arreganhava, eram sobrepostos em uma meia dúzia de lugares e tinha os olhos ligeiramente vinhos. Em suma, era uma abominação, e a única peça perfeita de anatomia que herdara era o pênis monstruoso, que por essa altura havia perdido parte da rigidez e pendia como um bastão de borracha entre as pernas cobertas de pelagem grosseira.

— Eu vou falar à minha mãe sobre você! — disse o monstrengo, o dedo em riste apontado para Eppstadt. — Esse homem é um criminoso.

— Criminoso? — repetiu Eppstadt, com um risinho denotando um ar de superioridade.

Aquela criança retardada nem mesmo podia pronunciar corretamente a palavra.

— É, sim — confirmou o menino-bode —, e deve ficar pendurado aí até que os pássaros arranquem os olhos dele e os cães comam seus into estinos.

— Intestinos.

— Into estinos.

— Muito bem, você ganhou. Into estinos.

— Eu quero que vocês deixem ele lá em cima.

Durante a curta conversa, a atenção de Eppstadt foi atraída para o pé esquerdo do menino-bode. A unha do meio não havia sido cortada (pensou) desde o nascimento daquela monstruosidade. Naquele momento, parecia mais uma garra do que unha. Tinha talvez 15 ou 18cm de comprimento e era de uma cor manchada de marrom-escuro.

— Com quem você está falando? — gritou Joe do alto da escada. A folhagem densa impedia que ele visse o menino-bode.

— Aparentemente, ele está aí em cima por castigo, Joe. É melhor deixá-lo aí.

— Quem foi que lhe disse isso?

Joe desceu pela escada o suficiente para ver o menino-bode.

— Isso?

O menino-bode arreganhava os dentes para Joe. Um fio de baba preta escorreu do canto da boca e caiu em cima do peito da criatura.

— Eu penso, realmente, que nós deveríamos simplesmente cair fora... — começou Eppstadt.

— Não, até que este pobre filho da puta saia daqui — retrucou Joe, voltando a subir a escada. — Monstrengo safado.

— Você não tem nada a ver com esse cara, Joe — disse Eppstadt.

Havia alguma coisa na maneira como o ar girava em torno deles, alguma coisa na maneira como as nuvens ferviam no alto, cobrindo a luz já fraca do sol, que o levava a temer que alguma coisa de consequências sérias estivesse prestes a acontecer. Não sabia que lugar era aquele ou como havia sido criado, nem, nesse momento, pouco se importava com isso. Queria simplesmente sair por aquela porta e voltar a subir a escada para os altos da casa.

— Ajude-me! — gritou Joe.

Eppstadt foi até o pé da escada e olhou para cima. O crucificado havia tombado sobre os largos ombros de Joe. Mesmo naquele estado semicomatoso, ele ainda podia implorar um pouco de compaixão:

— Por favor... — murmurou —, eu não tive intenção de fazer mal...

— Ele não quis foder minha mãe — disse o menino-bode, como numa espécie de explicação daquela atrocidade.

Ele se encontrava a apenas 30 ou 60cm atrás de Eppstadt, olhando para Joe e para o homem que ele tentava salvar. Virou-se por um momento e olhou para o céu. O vento estava ganhando novamente força, batendo a porta e em seguida abrindo-a.

— Ela está vindo — disse o menino-bode. — Está sentindo esse cheiro azedo no ar?

Eppstadt, na verdade, sentiu o cheiro de alguma coisa, forte o suficiente para que seus olhos ardessem e lacrimejassem.

— É ela — disse o menino-bode. — Lil-ith. Ela é azeda assim. Até o leite dela. — Fez uma careta. — O leite me fazia vomitar. E eu? Eu adoro mamar. Adoro isso.

A ereção estava voltando e, ao ouvir sua própria voz, excitando-se cada vez mais, levou o polegar à boca e começou a chupá-lo com força e com um grande barulho. Era, em tudo, uma criança irritante, exceto por aqueles centímetros todos que o transformavam inegavelmente em um homem.

— Eu o empurraria para trás, se fosse o senhor — disse Joe, passando por Eppstadt e se colocando embaixo da escada.

O olhar de Eppstadt voltou para o céu, que tinha a cor de ferro frio, e o azedo que o menino dissera que era o mau cheiro da mãe estava se tornando mais forte a cada rajada do vento frio. Eppstadt olhou para longe, à procura de algum sinal de alguém chegando pelas estradas coleantes. Mas que estavam quase desertas. A única pessoa que nesse instante conseguiu enxergar foi um homem a uns três ou

quatro quilómetros de distância, caído no chão, de pernas abertas, os miolos espalhados no lugar onde tinha a cabeça.

Fora isso, nenhum outro ser humano na paisagem.

Mas havia abundância de aves no ar, lutando contra as rajadas mais fortes do vento para chegar ao abrigo de seus ninhos, e pequenos animais, coelhos e coisas assim, disparando em todas as direções na relva agitada, em busca de algum lugar seguro. Embora não fosse nenhum amante da natureza, Eppstadt sabia o bastante para ter certeza de que quando coelhos correm para suas tocas chegava também a hora de seres humanos tomarem cuidado.

— Temos que ir embora — disse a Joe. — Você fez tudo que podia.

— Ainda não! — gritou Joe.

O vento era suficientemente forte para balançar até os grossos galhos da árvore. Folhas mortas soltas caíam por toda parte.

— Pelo amor de Deus, Joe. O que merda está havendo com você?

Deu um passo para a escada e agarrou Joe pelo cinto. E puxou-o.

— Você vem ou vou embora sem você.

— Pois então vá... — começou Joe a dizer.

Mas não terminou a frase porque a escada, que nesse instante suportava o peso de Eppstadt, de Joe, o Bom Samaritano, e do crucificado, quebrou-se. Eppstadt, o que estava mais perto do chão, foi o que menos sofreu. Simplesmente caiu de costas em cima das pedras pontiagudas, onde ficavam o bosque e as moitas de espinheiros. Levantou-se rápido para ver o que havia acontecido com os outros dois. Ambos haviam caído sobre os espinhos, o crucificado de pernas abertas em cima de Joe. Só nesse momento é que os ferimentos do homem puderam ser vistos em toda extensão. Além das bicadas em volta dos olhos, havia ferimentos muito mais profundos no peito — e certamente não produzidos por aves. Alguém se divertira antes de prendê-lo lá em cima com cravos, cortando uma figura em forma de estrela em volta dos bicos do peito da vítima.

Joe lutou para sair de debaixo do homem, mas o esperneio só serviu mesmo para que afundasse ainda mais nos espinhos.

— Ajude-me! — gritou, lançando a mão para trás na direção de Eppstadt. — Depressa, estou sendo espetado aqui até a morte!

Eppstadt aproximou-se da moita e ia segurar a mão de Joe quando dois dos ferimentos mais fundos do crucificado se escancararam e as cabeças pretas chatas e empapadas de sangue de duas serpentes, todas duas dez vezes maiores do que a que havia antes lhe caído da boca, romperam as camadas de carne e gordura amarela e saíram coleando do torso do homem. Uma delas trazia atrás grande número do que Eppstadt pensou serem ovos, suspensos em uma massa gelatinosa de muco semitranslúcido.

Eppstadt recuou da moita e de Joe. As serpentes se cruzaram enquanto saíam, os olhos de contos brancos procurando algum novo ninho quente.

— Você vai me ajudar ou não? — gritou Joe.

Eppstadt simplesmente sacudiu a cabeça.

— Eppstadt! — chorou Joe. — Pelo amor de Deus, tire-me daqui!

Eppstadt não tinha intenção de aproximar-se mais das cobras do que já estava. O menino-bode, porém, não tinha tais escrúpulos. Passou por Eppstadt e agarrou a mão estendida de Joe. A força do menino, como seu membro viril, era desproporcional ao seu tamanho. Uma boa puxada e tirou Joe pela metade da moita de espinhos. Joe gritou quando os espinhos, que haviam penetrado fundo na carne devido ao peso do homem em cima, lhe riscaram as costas.

— E, agora, cale a boca! — gritou o menino-bode ao ouvir as queixas de Joe. Fora das moitas, o pobre Joe parecia meio morto. A dor fê-lo vomitar e o vômito escorria do canto da boca. Em segundos, os queixumes se transformaram em tristes soluços. Horrorizado como estivesse — e sentindo-se culpado também (ele tinha vindo até ali ajudar Joe e, nesse momento, olhe só para ele) — Eppstadt nem assim conseguiu obrigar-se a intervir. Não com as serpentes erguendo a cabeça do corpo onde haviam feito ninho, ainda ansiosas por outra vítima.

Ignorando os fracos protestos de Joe, o menino-bode deu outro puxão, mais um, que resolveu. Livre da moita, Joe caiu no chão sobre as costas profundamente laceradas. O puro sofrimento deu-lhe forças para se virar sobre o estômago. As costas estavam quase nuas. A violência dos puxões do menino-bode havia rasgado a camisa. De bruços na areia, vomitou novamente.

— Isso vai lhe servir de lição — disse o menino-bode. — Brincando com criminosos! Vocês deviam era prender alguns dos seus!

Enquanto ele se dirigia a Joe dessa forma estúpida, Eppstadt olhou por acaso para o homem ainda caído de pernas abertas na cama de espinhos. As duas serpentes haviam rastejado por cima do peito e, nesse momento, estavam enroladas em torno do pescoço do homem. Ele estava perto demais da morte para até se dar conta desse último ataque. Simplesmente ficou como estava, as pálpebras tremendo sobre os olhos cegos, enquanto a vida era expulsa dele por estrangulamento.

— Está vendo isso? — perguntou o menino-bode. — Tanto melhor para você e seus truques. Agora perdi meu brinquedo, e seu amiguinho está morto. Por que você não ficou fora disso, ahn? — A fúria do menino fazia-o nesse momento saltar no mesmo lugar. — Ele era meu! Meu! Meu!

E de repente saltou em cima das costas de Joe, dançando uma tarantela em cima daquela mistura de espinhos, ferimentos e sangue.

— Meu! Meu! Meu!

Aquilo era um espetáculo de petulância, nem mais nem menos. Joe rolou sobre si mesmo e jogou longe o menino. Em seguida, começou a levantar-se. Mas, antes de poder conseguir isso, o menino-bode voltou na direção dele, seus passos ainda lembrando algum tipo de uma pequena dança peculiar.

— Levante-se!—gritou Eppstadt para Joe, sem saber bem o que o menino-bode pretendia fazer, mas certo que não era nada de bom. — Logo!

A despeito do estado de agonia em que se encontrava, Joe começou a se pôr de joelhos. Ao mesmo tempo, o menino-bode deu-lhe um coice alto e cortante. Uma mão de Joe subiu para o pescoço e ele voltou a estatelar-se no chão.

O pé que o havia atacado era o mesmo com a unha média longa, e o que pareceu a Eppstadt um golpe de raspão havia, na verdade, aberto a traquéia de Joe.

Joe tinha nesse momento as duas mãos no pescoço, enquanto sangue e ar escapavam de sua garganta. Por um momento, virou-se para olhar Eppstadt, como se o Chefe da Paramount pudesse saber por que ele estava ali no chão de um lugar cujo nome nem sabia e enquanto a última respiração chiava entre seus dedos.

Em seguida, a expressão de incompreensão deixou-lhe os olhos, substituída por outra, vazia. As mãos caíram do pescoço. O chiado cessou e ele rolou para a frente.

Durante toda a cena, o menino-bode continuou a dançar, de puro prazer.

Eppstadt permaneceu imóvel. Tinha medo de chamar a atenção do assassino.

Mas, nesse momento, o menino pareceu meter na sua cabeça de retardado a ideia de ir procurar algum outro brinquedo e, sem olhar para trás, correu para longe, deixando Joe morto no chão e o homem que viera salvá-lo sozinho no ar que escurecia.



SEIS

Cautelosa, Tammy entrou na casa, sem a menor ideia do que iria encontrar ali. Na verdade, o que encontrou foi Jerry Brahms, de pé no corredor, olhando pelo poço da escada, o rosto lívido — exceto nas partes ensanguentadas pela queda —, as mãos trêmulas. Mas, antes que ele pronunciasse sequer uma palavra, ouviram o som de gritos agudos que vinham lá de baixo.

— O que está acontecendo lá embaixo? — perguntou Tammy.

— Um rapaz que veio conosco para aqui, da festa de Maxine. Um garçom. E Eppstadt. E só Deus sabe o que mais.

— Onde está Maxine?

— Do lado de fora. Ela correu para o pátio quando começou o terremoto.

Mais sons vieram de baixo, seguidos por uma rajada de vento, subindo pelo poço da escada. Tammy espiou para a escuridão. Lá, bem no fundo, havia alguma coifa caída no chão. Olhou atentamente para aquela figura. Que se moveu.

— Espere um minuto — disse, meio para si mesma —, aquele ali é Zeffer.

E era. Zeffer. E vivo. Todo coberto de sangue, mas indubitavelmente vivo. Tammy foi até o alto da escada. Ele a ouviu dizer seu nome e seus olhos brilhantes a encontraram e se fixaram nela. Ela começou a descer a escada.

— Eu não iria lá embaixo... — avisou-a Brahms.

— Eu sei — respondeu ela. — Mas ele é amigo meu.

Olhou para cima e para Brahms ao descer o segundo degrau. Notou-lhe no rosto uma expressão de leve espanto e não soube por quê. Por que pessoas não tinham amigos nesta casa esquecida por Deus ou por que ela ia descer, a despeito do frio, do cheiro de coisa morta no vento?

Zeffer, nesse momento, fazia o que podia para se levantar de uma posição de bruços, mas não tinha forças para tanto.

— Espere — disse Tammy. — Estou indo.

Começou a descer mais rápido. Logo que chegou ao fundo, fez um esforço para não olhar pela porta através da qual ele rastejara para fora, mas continuou a sentir o vento soprando forte por ali. E, no vento, borrifos de chuva. Que lhe picaram o rosto.

— Escute — murmurou Zeffer.

Tammy ajoelhou-se ao lado dele.

— Espere. Deixe eu virar você.

E fez o melhor que pôde para virá-lo, para que ele não ficasse olhando para o chão, e conseguiu erguê-lo o suficiente para lhe colocar a cabeça no colo. Ele não

pareceu notar. Parecia, na verdade, estar além de conforto ou desconforto, em um estado sonhador que certamente era prelúdio da morte. Era espantoso para ela que ele tivesse sobrevivido por tanto tempo, dado o ferimento que recebera. Mas, talvez, ele tivesse que agradecer por isso ao poder da Terra do Demônio.

— Pronto — disse ela. — O que você quer me dizer?

— Os ginetes — disse ele. — Eles estão vindo para pegar o filho do Demônio...

— Os ginetes?

— Isso mesmo. Os homens do Duque. Os homens de Goga.

Tammy apurou os ouvidos. Zeffer tinha razão. Ouviu sons de patas no vento, ou no chão, ou em ambos. Eles pareciam desagradavelmente próximos.

— Eles podem sair de lá? — perguntou.

— Não sei. Provavelmente.

Zeffer fechou vagarosamente os olhos e, por um terrível momento, Tammy pensou que o havia perdido para a morte. Mas ele os reabriu após alguns momentos e fixou-os nela. Estendeu as mãos e segurou o braço de Tammy, embora fosse fraca a empunhadura.

— Acho que é hora de os mortos entrarem, não acha? — perguntou.

A voz saiu tão fraca que, no início, ela não teve certeza de que ouvira bem.

— Os mortos?

Ele inclinou a cabeça.

— Eles mesmos. Todos os espíritos, lá fora, no desfiladeiro. Eles querem entrar na casa e nós os mantivemos fora durante todos estes anos.

— Sim, mas...

Ele sacudiu a cabeça como se para dizer Não me interrompa, não tenho mais tempo.

— Você tem que deixar que eles entrem — disse Zeffer.

— Mas eles têm medo de alguma coisa — lembrou Tammy.

— Eu sei. Do umbral. Lembra-se de que eu lhe disse que voltei à Romênia?

— Claro.

— Encontrei lá um dos membros da Irmandade. Um amigo de frei Sandru. Ele me ensinou um método para impedir que os mortos entrassem na casa. O que você tem que fazer é desfazer o que fiz. E eles entrarão. acredite em mim. Eles entrarão.

— Como? — perguntou Tammy.

Se o tempo era curto e ele tinha certeza disso, por que perder tempo discutindo o assunto?

— Vá até a cozinha e pegue uma faca — instruiu-a ele. — Uma faca forte, que não se quebre em sua mão. Depois, vá até a porta dos fundos e cave no umbral.

— Umbral?

— Uma tábua onde a gente pisa para sair. Na madeira, há cinco ícones. Antigos símbolos romenos.

— E tudo que tenho a fazer é arrancá-los?

— Simplesmente arranque-os. Os mortos estarão prontos, logo que o umbral ficar pronto. Eles esperaram um longo tempo por essa ocasião. Foram muito pacientes.

— Permitiu-se o mais leve dos sorrisos enquanto falava. Evidentemente, a perspectiva de a morte entrando na casa agradava-o.

— Você faz isso por mim, Tammy?

— Claro, se é isso o que quer.

— É o certo a fazer.

— Nesse caso, faço. Claro, faço.

— Você só precisa abrir uma única porta e eles arranjarão um jeito de entrar. Sugiro a porta dos fundos, porque está ficando podre. O umbral será mais fácil de... Parou, os lábios repuxados em uma careta que lhe mostrou os dentes. O ferimento estava cobrando seu terrível preço. Mais sangue apareceu entre os dedos.

— Você não precisa me dizer mais nada — garantiu-lhe Tammy. — Fique simplesmente tranquilo aí. Vou arranjar alguma ajuda.

— Não — disse ele.

— Você precisa de ajuda.

— Não — repetiu ele, sacudindo a cabeça. — Simplesmente comece a trabalhar.

— Tem certeza?

— Tenho. Isso é o mais importante.

— Muito bem, eu...

Ia repetir a garantia quando viu que ele deixara de respirar. Os olhos continuaram abertos e neles havia ainda um forte brilho, mas nenhuma vida, nada. A vida longa e sofrida de Willem Zeffer chegara ao fim.

No andar de cima, Jerry ergueu a vista quando a porta do quarto principal foi aberta e Todd apareceu.

— Olá, Jerry — disse ele, enquanto olhava pelo poço da escada. — Está ferido?

— Caí durante o terremoto.

— Temos que sair e procurar Maxine.

— Mesmo?

— Ela está perdida lá fora. E Sawyer está morto. Receio que se ninguém for buscá-la...

— Eu ouvi os gritos — disse vagamente Jerry, parecendo e falando como um homem que havia perdido todo o interesse pelo drama que estava sendo representado por toda parte à sua volta.

— Quem mais está aqui? — perguntou Todd.

— Eppstadt está lá embaixo com um rapaz que trouxe da festa...

— Isso mesmo, eu o vi. É um dos novos superastros de Maxine?

— Não. Apenas um garçom — explicou Jerry.

Todd olhou mais uma vez para baixo, até o fim dos degraus. Viu um corpo ao pé da escada e alguém mais, uma mulher, tocando a face do morto. Com grande suavidade, ela lhe fechou os olhos. Em seguida, olhou para o alto da escada.

— Olá, Todd — disse.

— Olá, Tammy.

— Eu pensei que você tinha se afogado.

— Lamento ter que desapontá-la.

Começou a descer a escada. Tammy desviou o rosto e voltou a olhar para o cadáver.

— Você viu Eppstadt? — perguntou ele, enquanto descia.

— Você quer dizer, aquele filho da puta do estúdio?

— Ele mesmo. Aquele filho da puta.

— Vi, vi, sim.

Ergueu a vista para Todd. Havia lágrimas em seus olhos, mas ela não queria que ele as visse. Não, depois do que acontecera na praia. Ele demonstrara total desprezo por seus sentimentos. Nesse momento, não ia demonstrar a menor vulnerabilidade, se pudesse evitar.

— Para onde é que ele foi? — perguntou Todd, como se houvesse muita opção nesse assunto.

Tammy inclinou a cabeça na direção da porta que levava à Terra do Demônio.

— Entrou ali, acho. Não vi. Foi o que Jerry disse.

— Há quanto tempo?

— Não sei — respondeu ela. — E, para ser franca, neste momento não dou a mínima bola para isso.

Todd pôs a mão no ombro de Tammy.

— Sinto muito. Este é um momento ruim. Eu nunca fui muito bom para expressar meus sentimentos.

— Acho que isso quer dizer que você sente muito pelo que aconteceu?

— Isso mesmo — confirmou ele, as palavras dificilmente mal formadas, mais um grunhido do que um pedido de desculpa.

Tammy fez o menor dos movimentos do ombro, indicando que tirasse a mão de cima dela, o que ele fez. Havia muita coisa que lhe queria dizer, mas essa nem era a ocasião nem o lugar para falar.

Ele entendeu. Tammy não teve que olhar para trás para saber que ele tinha ido embora. Ouviu-lhe os passos enquanto ele descia o corredor. Só depois de uns dez ou quinze segundos é que levantou a vista e, nessa ocasião, ele estava cruzando a porta.

Subitamente, irromperam as lágrimas que vinha represando, um conjunto caótico de sentimentos lutando para subir imediatamente à superfície, gratidão porque Todd estava vivo, tristeza porque Zeffer estava morto, raiva porque Todd não encontrara maneira melhor de expressar seus sentimentos do que grunhir para ela daquela maneira. Será que ele não sabia o quanto a havia magoado?

— Aqui.

A voz ao seu ombro era de Jerry Brahm. Ele lhe oferecia um lenço bem-passado, um gesto antiquado, mas muito apreciado naquele momento.

— Por qual deles você está chorando?

Tammy enxugou as lágrimas.

— Porque se for por Todd — continuou ele —, eu não me importaria. Ele vai sobreviver a isto e se esquecerá de todos nós. É esse o tipo de homem que ele é.

— Você acha, mesmo?

— Tenho certeza.

Tammy assoou-se. Fungou.

— Sobre o que ele estava conversando com você? — perguntou Jerry.

— Queria saber onde estava Eppstadt.

— Não Todd. Zeffer.

— Oh, ele... ele me pediu que fizesse uma coisa por ele.

Não tinha certeza de que queria contar a Jerry o pedido de Zeffer. Este era um mundo cheio de pessoas com lealdades extremamente complicadas. Vamos supor que Jerry, por causa de uma lealdade mal empregada a Katya, tentasse detê-la? Era perfeitamente possível que ele tentasse fazer isso. Mas, também, como poderia livrar-se dele, subir lá para cima e fazer o que tinha que fazer?

Uma solução óbvia apresentou-se, embora implicasse brincar com fogo.

Se fosse até a porta da Terra do Demônio, Jerry provavelmente a seguiria. Aquele lugar tinha um jeito de prender a atenção da pessoa, isso sabia. E, se prendesse a dele por tempo suficiente, ela poderia esgueirar-se escada acima e ir para a cozinha. Procurar uma faca. Ir até o umbral e começar a trabalhar.

Não era seu plano favorito (quanto mais ficasse longe daquela porta, mais feliz seria), mas não tinha alternativa nesse momento. E precisava agir rápido.

Sem pronunciar palavra, levantou-se e desceu o corredor em direção à porta. Um vento surgiu para recebê-la, como um anfitrião ansioso, pronto para tomá-la nos braços e convidá-la a entrar. Não precisou olhar por cima do ombro para saber que Jerry a seguia. Ele lhe falava, apenas a um passo às suas costas.

— Eu não acho que você deva ir mais adiante — disse ele.

— Por que não? Eu quero simplesmente saber o que está acontecendo lá dentro. Todo mundo fala sobre isso. Acho que sou a única que não viu realmente o que está lá.

Enquanto falava, reconheceu que havia mais verdade nessas palavras do que estava admitindo rigorosamente. Claro que queria ver. Seu pequeno plano para atrair a atenção de Jerry era também uma boa oportunidade de desculpar sua própria curiosidade. E fale-se em lealdades complicadas. Ela tinha algumas, só suas. Por alguma razão, mais um vislumbre daquele outro mundo estava em sua agenda subconsciente.

— Não é bom olhar lá para dentro por muito tempo — advertiu-a Jerry.

— Eu sei — respondeu ela, um pouco seca. — Eu estive lá. Mas outra pequena olhada não vai me fazer mal, vai? Quero dizer, pode fazer mal?

Chegou à porta, e sem mais nenhuma palavra para Brahms abriu-a e olhou para a paisagem à frente, com olhos recentemente lavados por lágrimas.

Tudo ali estava em um foco perfeito. E era belo. Não hesitou para debater o assunto com sua consciência, com Brahms ou com Deus no céu.

Simplesmente cruzou a soleira e seguiu por onde Todd acabara de passar uns dois minutos antes.



SETE

Todd nenhuma dificuldade teve em encontrar Eppstadt. Ao contrário de sua primeira visita a esse pequeno canto do Inferno, quando os olhos precisaram algum tempo para acostumar-se à ficção refinada criada pelos ladrilhos, desta vez estava aquecido e pronto para começar. Olhou pela porta e ali estava a Terra do Demônio, em toda sua glória, do espetáculo do eclipse no alto para uma única folha serrilhada de grama dobrada sob o dedão do pé, juntamente com uma pequena barata preta caminhando por ali.

E em pé no meio de tudo isso, parecendo tão apropriado quanto uma ereção no Vaticano, viu Eppstadt. Ele obviamente tivera alguns problemas em sua estada naquele local. O homem que havia sido mencionado várias vezes como "o homem mais bem-vestido de Los Angeles" parecia necessitar urgentemente de um alfaiate. Tinha a camisa rasgada e fortemente manchada pelo que parecia sangue, o rosto coberto de suor e os cabelos — que ele penteava obsessivamente por cima da parte calva (onde a cola da peruca não pegava) — caíam para a frente, expondo uma área de cabeça lustrosa e rosada, dando-lhe uma franja ridícula.

— Você! — disse ele, apontando diretamente para Todd. — Seu lunático safado! Você fez isso de propósito! E, agora, pessoas morreram, Pickett. Pessoas reais. Mortas por causa de suas estúpidas brincadeiras.

— Hei, hei, calma aí. Quem foi que morreu?

— Oh, como se você desse a mínima para isso. Você nos ludibriou a todos para segui-lo até esta... esta... obscenidade.

Todd olhou em volta enquanto Eppstadt falava, fora de si. Obscenidade?

Não via nenhuma obscenidade. Dado o pouco que conhecia daquele lugar, havia certamente pensado um bocado de coisas diferentes sobre o mesmo.

Sentira-se encantado, tão apavorado que pensara que o coração iria explodir, tão absurdamente excitado e perto da morte como jamais quis estar. Mas, obsceno? Não. Não, a Terra do Demônio era simplesmente o máximo em um passeio de primeira classe para ricos.

— Se não gosta — respondeu, dirigindo-se a Eppstadt —, por que, ora merda, você veio até aqui?

— Para ajudar Joe. E agora ele está morto.

— O que foi que aconteceu com ele?

Eppstadt olhou por cima do ombro e baixou a voz para um sussurro: — Há uma criança por aqui. Apenas, não é uma criança. É um bode.

— O filho do Demônio?

— Não comece com essa merda de Demônio. É uma merda de..

— Obscenidade. Isso mesmo, você já disse isso.

— Como é que você pode ser tão indiferente? — perguntou ele, dando um passo na direção de Todd. — Acabo de ver uma pessoa ser fatiada até a morte.

— O quê?

— O menino-bode fez isso. Simplesmente abriu a garganta de Joe. E tudo por culpa sua.

O passo de Eppstadt ganhou velocidade. Ele estava pronto para fazer alguma asneira, Todd teve certeza. O terror daquele homem havia se transformado em capacidade de praticar violência. E, mesmo que tivesse havido ocasiões (naquele almoço, há tanto tempo, saboreando atum cru) em que tivera vontade de dar uma surra naquele cara, esta nem era a ocasião nem o local apropriados.

— Você quer ver o que foi que causou? — perguntou Eppstadt.

— Não exatamente.

— Pois vai ter que ver.

E agarrou a frente da camiseta de Todd.

— Solte-me, Eppstadt.

Eppstadt ignorou-o. Simplesmente virou-se e puxou Todd às suas costas e a mistura volátil de medo e raiva tornou impossível para ele resistir. Nem mesmo tentou. Katya havia-lhe dado uma lição sobre como se comportar ali.

Fique calado ou chama a atenção para si mesmo. E por alguma razão — alguma coisa na maneira como o vento parecia soprar ao mesmo tempo de todas as direções, alguma coisa na maneira como a relva parecia ferver sob seus pés e as árvores balançavam como gigantescos cogumelos — pensou que não era apenas Eppstadt que estava agitado. Todo aquele mundo pintado estava agitado.

Mas nesse momento, provavelmente, os cães de caça haviam-nos farejado e o Duque estava a caminho.

— Simplesmente calma aí — disse Todd. — Não vou brigar com você. Se quer que eu veja alguma coisa, eu vou ver. Mas deixe de me puxar, sim?

Eppstadt soltou-o, o lábio inferior tremendo como se fosse prorromper em lágrimas, o que, para Todd, valia o preço do ingresso.

— Venha comigo — disse Eppstadt. — Vou lhe mostrar uma coisa.

— Mantenha baixa a voz. Há gente por aqui que não vai querer que venham atrás de você.

— Eu já encontrei um deles — respondeu Eppstadt, dirigindo-se para um pequeno grupo de árvores. — E nunca mais vou querer ver aquilo outra vez.

— Nesse caso, vamos cair fora daqui.

— Não. Eu quero que você veja. Quero que assuma plena responsabilidade pelo que aconteceu aqui.

— Eu não construí este lugar — disse Todd.

— Mas sabia que ele estava aqui. Você e aquela sua amantezinha. Eu estou reunindo as peças agora. Não se preocupe. Eu tenho todas.

— Eu, por alguma razão, duvido muito disso.

Eppstadt, nesse momento, dava uma busca no chão, os passos mais cautelosos, como se tivesse medo de pisar alguma coisa.

— O que é que você está procurando?

Olhou para Todd às suas costas.

— Joe — disse. E em seguida, voltando a olhar para o chão, apontou: — Ali.

— O quê?

— Ali. Vá olhar. Vá.

— Quem era ele? — perguntou Todd, olhando fixamente para o corpo mutilado no chão, a garganta aberta.

— O nome dele era Joe Fulano de Tal e trabalhava como garçom na festa de Maxine. Isso é tudo que eu sei.

— E o menino-bode fez isso com ele?

— Fez.

— Por que, pelo amor de Cristo?

— Para se divertir seria meu palpite mais certo.

Todd passou uma mão suada pelo rosto.

— Okay. Vi o rapaz. Não podemos cair fora daqui e ir procurar Maxine?

— Maxine?

— Isso mesmo. Ela saiu com Sawyer...

— Eu sei.

— E agora Sawyer está morto.

— Cristo! Nós estamos sendo mortos como se fôssemos moscas. Quem foi que o matou?

— Algum... animal. Apenas nenhum tipo de animal que já vi na vida.

— Muito bem, vou com você — concordou Eppstadt. — Mas escute bem, Pickett. Se sairmos com vida deste embrulho, você vai ter um bocado de merda para explicar.

— Oh, como se você também não tivesse.

— Eu? O que eu tenho a ver com isso?

— Eu lhe digo.

— Estou escutando.

— Eu não estaria aqui, nem você, nem Maxine, nem nenhum pobre filho — olhou para o cadáver de Joe —, se você não tivesse criado aquele caso na praia. Ou, se quiser realmente voltar ao começo de tudo isto, me dizer de uma certa conversa, durante a qual você sugeriu que eu fizesse uma plástica?

— Oh, isso.

— Sim, isso.

— Eu me enganei. Você não devia ter feito a operação. Foi um grande risco.

— Foi a minha vida. Minha carne e...

Imobilizou-se, porque alguma coisa tinha saído da vegetação rasteira, um animal que devia ser um parente distante de um lagarto, mais curto, mais atarracado, tendo na extremidade do lombo não uma cauda longa e serpentiforme, mas um afloramento de dois, ou três, bulbosos tumores lívidos. E que partiu diretamente para os restos mortais de Joe.

— Não, não, não — disse baixinho Eppstadt.

De repente, começou a correr para a criatura, da maneira como poderia ter feito com um cachorro que viesse cheirar o portão de sua casa.

— Vá embora! — gritou. — Pelo amor de Deus, vá embora!

O lagarto lançou um olhar amarelo-azulado de um dos olhos na direção de Eppstadt, sem se mostrar impressionado, e voltou a cheirar a garganta aberta. Lambeu o ferimento.

— Oh, Jesus! Oh, Jesus! — arquejou Eppstadt.

Pegou uma pedra no chão e jogou-a no animal, atingindo-lhe a pelagem coriácea. Mais uma vez, a fria avaliação reptiliana da situação. Apenas, desta vez, a criatura abriu a boca e soltou um silvo ameaçador.

Todd agarrou Eppstadt por trás, para evitar que ele se tornasse ainda mais agressivo com o animal. Tiveram sorte, a criatura estava interessada demais nos restos de Joe. Não fosse isso, poderia tê-los atacado.

Mais uma vez, o lagarto desviou a vista de Eppstadt e começou a rasgar a carne crua em volta do pescoço de Joe, de tal maneira que a cabeça da vítima era jogada para a frente e para trás à medida que arrancava uma parte.

Eppstadt desistiu de tentar livrar-se do abraço de urso de Todd, que o soltou um pouco, ocasião em que ele se voltou, batendo com a base do punho no ombro do outro.

— Aquele ali devia ser você! — disse, desfechando um segundo golpe, mais forte do que o primeiro.

Todd deixou que ele continuasse a delirar. Por cima do ombro de Eppstadt, viu o lagarto recuar para a vegetação rasteira de onde saíra, arrastando consigo os restos do garçom Joe.

— Está me ouvindo, Pickett?

— Estou, estou ouvindo — respondeu cansadamente Todd.

— É só para isso que você serve. Para comida de lagarto. Lagarto! Comida! — Os golpes, nesse momento, eram mais rápidos e mais fortes. Era apenas uma questão de tempo antes que Todd desse o troco, e ambos sabiam disso. Sabiam e queriam.

Nada mais de insinuações, nada mais de advogados, apenas troca de murros, rolando no chão.

— Tudo bem — disse Todd, esbofeteando Eppstadt apenas para se divertir.

— Entendi. — Bateu de novo, com mais força. — Quer brigar?

O terceiro golpe, ainda mais forte, partiu o lábio de Eppstadt. Sangue começou a escorrer-lhe da boca.

Nesse momento, subitamente, os dois se engalfinharam, não trocando golpes limpos, bem aplicados, como viam no cinema, mas enrolados em um bolo de dedos à procura de olhos e de coices, anos de raiva e competição esvaziando-se em uns poucos caóticos segundos. Eles não poderiam ter escolhido um local ou ocasião menos perfeitos para liquidar um assunto pessoal, mesmo que os tivessem procurado a vida inteira, mas aquilo não era sobre decisões sensatas. Era sobre jogar no chão o outro filho da puta. No fim, ambos foram jogados no chão, tendo na luta resvalado para terreno lodoso. Os pés escorregaram sob ambos e os dois caíram, agarrados um no outro, como dois meninos lutando.

TAMMY VIU-OS CAIR.

— Oh, não — disse para si mesma. — Não aqui. Não façam isso aqui.

— Eu não me aproximaria mais, se fosse você — aconselhou Brahms.

— E não é — respondeu Tammy.

Sem esperar por qualquer resposta, correu pelo terreno acidentado na direção dos dois homens que lutavam na lama. Ouviu sons de aves no alto, lançou um olhar para o céu enquanto caminhava na direção dos dois. Era um espetáculo belo e, por um momento, seus pensamentos foram inteiramente atraídos pelas nuvens que se empilhavam e para o sol parcialmente escondido. A escuridão do céu entre as nuvens era suficientemente forte para que as estrelas mais brilhantes pudessem ser vistas, contra um fundo de veludo cinzento.

Quando voltou a olhar para Todd e Eppstadt, eles estavam quase que fisicamente indistinguíveis — ambos literalmente cobertos de lama. Mas ainda era claro qual deles se chamava Eppstadt, pois dele escapava um monólogo virtualmente contínuo sobre Todd, cujo sentido geral era o de Todd ser um filho da puta insípido, sem valor, e que recebia mais dinheiro do que merecia. Além do mais, quando toda aquela loucura acabasse, ele, Eppstadt, ia dar um jeito para que todos soubessem que Todd, por arrogância, fora a causa da morte de várias pessoas inocentes.

Aproximando-se mais, tornou-se evidente para Tammy que aquela briga não ia acabar logo nem facilmente. Nenhum dos dois ia ser convencido a abaixar o facho da raiva, que havia crescido demais. Só podia mesmo esperar que um cansasse rapidamente o outro antes de atrair uma atenção indesejável.

Mas parecia haver pouca esperança de que isso acontecesse. Embora, lutando, tivessem se levantado, era cada vez mais difícil para cada um deles desfechar, naquele meio escorregadio, um golpe para valer. No fim, Eppstadt lançou um soco em arco, perdeu o equilíbrio e despencou pesadamente na lama. Lutou para se levantar, as bases da mão escorregando na lama, mas, antes que pudesse conseguir, Todd saltou em cima dele, prendeu-o entre as pernas e começou a apertar a garganta do inimigo. Não havia em Eppstadt vontade de lutar. Tudo que fez foi arquejar e sacudir a cabeça.

— Seu grandíssimo imbecil — disse Todd. — Nada disso tinha que ter acontecido... se você... tivesse produzido aquela minha merda de filme...

Por essa altura, Eppstadt havia recuperado energia suficiente para responder: — Eu não financiaria um filme seu nem que minha merda de vida dependesse disso.

Ponto em que Tammy deu a conhecer sua presença.

— Todd?

Eppstadt foi o primeiro a erguer a vista.

— Oh, Jesus — disse. — Eu estava mesmo me perguntando quando era que você ia aparecer, sua bundona.

Tammy não estava em um estado de espírito para longos discursos.

— Deixe esse bosta na lama, Todd — disse — e vamos cair fora daqui.

Todd sorriu por trás de sua máscara de barro, aquele sorriso de megawatt.

— O prazer seria meu.

Desmontou de cima do adversário, afastou-se, enquanto Eppstadt punha o corpo desajeitado de joelhos. Na *mêlée* havia perdido seus caros sapatos italianos e, nesse momento, começou a procurá-los. Na verdade, eles haviam sido jogados longe na lama, perto do lugar onde Tammy estava.

— Está procurando isso? — perguntou ela.

— Estou — respondeu ele, olhando-a furioso e pedindo-os com os dedos.

Tammy jogou os sapatos nas moitas de espinhos.

— Xoxotona.

— Veado.

— Não. Eu sou muitas coisas, mas bicha, não. Certo, Brahms?

— Não me meta nisso — disse Jerry. — Eu simplesmente quero sair daqui.

— Estamos indo, Jerry! — disse Todd, sem fitá-lo. — Vá na frente e leve Tammy.

— Eu não vou sem você — decidiu ela.

— Oh, que coisa mais comovente — zombou Eppstadt. — A gorducha é leal até o fim, mesmo que não tenha qualquer esperança de conseguir nada disso.

Tammy havia mantido sua fúria limitada a jogar indiferentemente para longe os sapatos italianos, mas, nesse momento, ela irrompeu toda a fúria contra Eppstadt e sua laia, o Sr. Maioral que pensava que fãz gorduchas eram menos do que merda.

— Que escória que você é! — silvou. — Seu pedacinho de bosta de mente suja! Aproximou-se dele enquanto gritava, mas depois da briga com Todd a última coisa que Eppstadt queria era que essa mulher pusesse as mãos nele.

— Mantenha-a longe de mim, Jerry — ordenou, erguendo as mãos, as palmas para a frente. Enquanto fazia isso, recuava para o grupo de árvores.— Jerry? Ouviu o que eu disse?

— Deixe-o em paz, Tammy.

— Ele é bosta.

— E diga a ela para se cobrir — disparou de volta Eppstadt. — Ver a celulite dela me faz ter vontade de vomitar.

Jerry segurou o braço de Tammy.

Para sorte dele, Tammy havia perdido repentinamente o interesse por esse acerto de contas. Olhava atentamente para um grupo de homens montados que vinham por uma estrada tortuosa que finalmente os traria até ali, compreendeu logo.

— Todd... — disse.

— Eu vi.

— Temos visitas.

O Duque Goga, claro, com sua escolta.

Eles tinham tempo de sobra para chegar à porta, calculou Tammy. Os caçadores ainda estavam longe e aparentemente não haviam visto ainda os intrusos ali. Jerry já estava a caminho da saída. Todd havia encontrado um pouco de água limpa para lavar os ferimentos, mas poderia levantar-se e sair dali em segundos.

Eppstadt era a exceção. Havia entrado no matagal de espinheiro para pegar os sapatos italianos e, quando fazia isso, alguma coisa se moveu à esquerda na massa de ramos espinhosos.

Interrompeu a busca dos sapatos e examinou as sombras. O que quer que estivesse ali parecia ter ficado preso, porque se sacudiu para se livrar de alguma coisa. Em seguida, soltou uma espécie de som choroso e se sacudiu mais uma vez, desta vez com mais violência. A manobra, porém, funcionou. Livre dos espinheiros, a coisa saiu dali cambaleando. Era o menino-bode. Começou a puxar os espinhos da carne, a dor fazendo-o chorar baixinho.

Do encontro anterior, Eppstadt sabia o que aquela criatura era capaz de fazer e não tinha desejo algum de chamar a atenção daquele animal. Desistiu do sapato e dirigiu os olhos para a porta. Jerry Brahms tinha razão, era hora de cair fora dali, e logo.

O menino-bode parou de chorar e, por alguma razão, fixou os olhos em Tammy. Ou, mais precisamente, nos seios dela. Não havia como confundir aquele olhar, nenhuma tentativa de fingir que ele olhava para algum outro lugar. Ele

simplesmente olhou carinhosamente para a parte superior do busto de Tammy e passou a língua pelos lábios.

Tammy ouvira os queixumes soluçantes do menino e fitava-o. Como também Todd.

— Venha comigo, Tammy — disse Todd.

O olhar de Tammy desviou-se do menino para os cavaleiros que se aproximavam. Evidentemente, eles haviam escutado também as lamúrias do menino porque esporearam as montarias e, nesse momento, vinham a todo galope.

Tammy voltou a olhar para o filho de Lúcifer, em toda sua caprina glória.

Nesse momento, o choro havia secado e ele parecia menos interessado em arrancar os espinhos da carne. Os espinhos haviam produzido algum estrago, notou Tammy, e pequenos fios de sangue vermelho-escuro desciam pelas pernas dos pontos onde ele havia sido furado. Havia um que parecia particularmente tenro, nas profundezas do recesso entre suas pernas. Ele trabalhou um pouco para tirar o espinho, mas nem por um único momento desviou os olhos dos objetos de sua presente devoção. Nem mesmo olhou para os ginetes que se aproximavam, embora não pudesse ter deixado de ouvi-los.

Obviamente, sabia como se livrar deles. Estivera fazendo isso durante séculos. E tinha um labirinto de buracos onde poderia esconder-se.

Tammy ergueu os olhos para a lua, presa naquela posição antinatural na frente do sol. Em seguida, passou a vista pela paisagem que a luz meio escondida iluminava: a estrada e os cavaleiros que se aproximavam, o grupo de calhaus onde estava Todd, sem a camiseta, fazendo o que podia para lavar o rosto ferido.

O menino-bode desapareceria dentro de um momento, sabia Tammy. E, quando fosse embora, a Caçada continuaria, como Zeffer lhe dissera, da mesma cansada maneira que vinha repetindo há séculos.

Talvez tivesse chegado a hora de encerrar toda aquela triste história, de uma vez por todas, ver se ela, a pequena Tammy Lauper, de Sacramento, não poderia entregar o filho do Demônio nas mãos do Duque, que poderia em seguida entregá-lo para a mãe e pôr um fim à longa e cansativa caçada.

Só conhecia um único e desesperado método que talvez desse resultado.

E não perdeu tempo para pô-lo em execução. Desabotoou a blusa rasgada, começando no alto. A partir do momento em que seus dedos tocaram o primeiro botão, teve toda atenção do menino-bode, que até se esqueceu de extrair os espinhos da carne. Ele simplesmente a observava.

— Gostou deles? — perguntou, tão baixinho que teve certeza de que ninguém a escutou.

O menino-bode ouviu-a, como tinha certeza de que isso aconteceria. Ele tinha ouvidos de animal.

Como resposta, ele inclinou a cabeça, bem devagar, quase reverentemente.

Faltavam ainda dois botões. Dois botões, e a blusa ficaria inteiramente aberta e ele teria um banquete bem à frente de seus olhos. Tammy parou. O menino soltou um pequeno rosnado do fundo da garganta. O sorriso desapareceu subitamente de seu rosto. Talvez ela estivesse imaginando, mas pareceu-lhe ver um fogo se acender naqueles olhos.

Parou de arreliá-lo e levou as mãos de volta para o primeiro dos últimos botões. Ele a recompensou com um pequeno sorriso, que lhe mostrou um detalhe que não percebera até esse momento. Os dentes dele, embora pequenos, eram finos como agulhas. Ele teve um sorriso de piranha. Tammy literalmente sentiu a carne em volta dos bicos dos seios endurecer-se ante a perspectiva de que aquelas agulhas chegassem a qualquer lugar perto deles.

Arriscou um rápido olhar na direção dos ginetes, que haviam desaparecido momentaneamente. A estrada por onde eles vinham passava por um trecho de pinheirais. Voltou a olhar para o menino-bode. Ele tamborilava no chão com o pé esquerdo, do qual saía uma unha que não teriam envergonhado um dinossauro raptor. Evidentemente, ele estava um pouco preocupado com a aproximação do Duque e sua gente. Não queria ser capturado. Mas, com igual clareza, não ia sair dali. Ainda não, não até que visse o que Tammy tinha para oferecer.

Apontou para ela. Fez um pequeno movimento de balanço com o dedo indicador.

— Mostre — disse.

Tammy lhe sorriu, mas não lhe fez a vontade.

Continuou a sorrir para ele, calculando ao mesmo tempo quantas passadas daqueles pequenos pés chatos ele precisaria para alcançá-la, caso resolvesse correr para ela. Ele poderia fazer isso em cinco passadas, pensou.

Quatro, se corresse pra valer.

Tirou da casa um dos dois botões. A blusa soltou-se um pouco, dando a ele um vislumbre do bico do seio esquerdo. Tammy, subitamente, lembrou-se de um dia quente de verão, quando tinha 14 anos de idade, quando entrara sorrateira no quarto dos pais, no meio da tarde, e brincara de striptease na frente do espelho. Tinha mais do que se orgulhar do que qualquer outra menina em sua classe na escola. Seios maiores e pentelhos entre as pernas.

Sua vida teria sido muito mais feliz se os seios tivessem parado de crescer naquele dia. Mas eles ainda tinham muita estrada pela frente. Aos 15 anos, parecia uma jovem Shelley Winters e, daí em diante, a coisa só piorou.

Estranho como as coisas aconteciam, como uma coisa que fora motivo de vergonha para ela, nesse momento, sem saber por que, a redimia. Deixou os dedos deslizarem para o último botão, sabendo que o olhar do menino-bode os

acompanharia e que ela teria uma oportunidade, por escassa que fosse, de olhar para trás dele e verificar se os cavaleiros haviam emergido da floresta.

Mas a notícia era ruim. Não viu sinal do Duque ou de sua gente. Teriam eles por acaso tomado um caminho errado na floresta? Certamente que não.

Eles, com certeza, conheciam todo aquele território, depois de terem cavalgado por ali durante tantos anos.

— Mostre suas tetas — exigiu o menino-bode.

Ao falar, levantou a perna esquerda e bateu numa pedra com a unha de raptor. Uma brilhante faísca saltou daquele lugar e caiu sobre um tufo de relva cinzenta, onde provocou um pequeno fogo. Ali havia muito pouco combustível para alimentar por muito tempo o fogo, mas, nos cinco ou seis segundos que passaram no ciclo de faísca, fogo, extinção, Tammy ouviu o som dos cavalos do Duque e, pelo canto do olho, lobrigou-os saindo da mata.

Os olhos do menino-bode estreitaram-se em fendas douradas, os cantos da boca caíram, mostrando a fileira inferior dos dentes monstruosos.

— Mostre — repetiu ele.

Evidentemente, ele não queria ser arreliado mais. Queria ver o que Tammy tinha para mostrar naquele exato momento.

Ela não fingiu que a aproximação dos cavaleiros não interessasse ao menino. Do que valeria isso? Todo mundo estava envolvido nesse jogo ridículo, inclusive o menino-bode. Ele baixou um pouco a cabeça, o que deveria ter sido um sinal para Tammy do que iria fazer em seguida, mas ela estava ocupada demais pensando em quanto tempo o Duque precisaria para saltar do cavalo, para compreender que o menino vinha correndo em sua direção.

E, quando compreendeu, ele já estava a meio caminho e nada havia entre seus seios nus e as mãos, a boca, os dentes, senão uma oração.



OITO

Temendo o pior, Todd soltou um grito e começou a correr pelo chão enlameado e sangrento para fazer o que quer pudesse para evitar que o menino-bode atacasse Tammy. Mas, antes de chegar, ela já havia tomado conta da situação. Soltou o último dos seis botões e deixou a blusa se abrir, revelando-lhe os seios. Vê-los imobilizou literalmente o filho do Demônio na corrida.

Abriu a boca e dela começou a escorrer baba.

Tammy foi suficientemente inteligente para não rejeitar esse sinal de adoração, por mais grosseiro que fosse. Em vez disso, abriu os braços, convidando-o para um abraço. Todd teria apostado tudo contra a sabedoria desse ato. O menino-bode não tinha nada de sentimental. Queria brincar pesado.

Mas, se tivesse feito a aposta, teria perdido.

O filho do Demônio caiu de joelhos, rindo. Em seguida, rastejou — isso mesmo, rastejou — para os braços de Tammy. As mãos subiram cobiçosamente para os seios e segurou por um momento aquelas duras bolas de carne durante um momento de devoção. Tinha a boca lustrosa e úmida, a saliva aparecendo entre os dentes horríveis.

— Por favor, Deus... — murmurou Todd.

Provavelmente, essa foi a sensação mais estranha que Tammy teve nos seus 34 anos de vida, sentir a boca do filho do Demônio em volta do bico de seu seio esquerdo. Houve um momento — quando ele fechou a boca — que lhe ocorreu de repente de que devia ter medo: com uma única mordida ele poderia, se quisesse, ter praticado uma mastectomia instantânea. Mas, por alguma razão, teve certeza de que ele não faria isso. Ele estava apaixonado por seus seios. Em vez de fazer aquilo, adorou-os à sua maneira. Embora lhe sentisse a boca apertada em torno da carne, só sentiu o mais leve dos arranhões daqueles dentes de tubarão. Na verdade, desconfiou que, de alguma maneira, ele havia embainhado os caninos, porque, enquanto o chupava, e continuava a chupar, tudo o que sentiu foi uma leve sensação de culpa, à medida que a sucção trazia sangue para o bico e a carne em volta, tornando-os extremamente sensíveis.

Em seguida, como se tudo isso fosse uma tranquila e doméstica cena, o filho do Demônio fechou os olhos, as mãozinhas gordas segurando a fonte de seu prazer, enquanto Tammy ninava-o suavemente nos braços.

Goga estivera buscando há séculos o filho de Lilith sob um céu que — embora algumas vezes claro, outras, nublado — sempre mostrava o eclipse do sol.

Não fazia uma ideia clara da eternidade em que era prisioneiro na Terra do Demônio, pois sua mente há muito perdera qualquer noção da passagem do tempo. Ele e seus homens tinham vivido séculos numa espécie de estado de fuga. Às vezes, quando descansavam e comiam o que tinham caçado — coelho, às vezes, um veado, um porco selvagem —, conversavam sobre o que lhes havia acontecido naquele dia da caçada e onde estavam. O Duque era de opinião de que aquele lugar não era absolutamente real, mas, sim, uma espécie de sonho do Demônio e que estavam presos nele. De que outra maneira explicar as estranhas limitações do estado em que se encontravam? Os mesmos barcos sempre se dirigindo para o horizonte, as mesmas estradas assombradas pelas mesmas bestas ferozes, o mesmo sol no mesmo céu, meio cego pela mesma lua negra?

Nos últimos dias — podia-se, na verdade, dizer que noite e dia se alternavam ali — houve sinais de que as coisas estavam mudando no que antes fora virtualmente um lugar imutável. Sempre haviam encontrado desconhecidos (presos na armadilha, filosofava o Duque, em que eles se encontravam). Mas, ao passo que, no passado, os visitantes pouco efeito produziam sobre o mundo por onde perambulavam, em tempos mais recentes os intrusos não haviam sido tão inocentes ou tão sortudos assim. Vários deles tinham morrido na zona em volta da floresta.

E naquele momento — como se tudo isso já não fosse suficientemente estranho — um novo espetáculo, mais estranho, por qualquer que fosse o critério de comparação, do que tudo que o havia precedido.

Sentada ao lado da estrada — amamentando o objeto de sua longa busca, como se fosse um bebê comum — uma mulher com os seios de fora.

O Duque desmontou a alguns metros do lugar onde Tammy estava sentada no chão, ninando o menino-bode. Os homens da escolta fizeram o mesmo a alguns metros de distância e, nesse momento, se aproximavam para cercar a mulher, com as espadas desembainhadas.

Tammy notou tudo isso, mas nenhum sinal deu — nem uma única palavra, nem o levantamento de um único dedo — com medo de alertar a criança, tão contente, para o fato de que esse estado idílico estava prestes a acabar.

Com toda cautela, o Duque aproximou-se da mulher e da criança, dizendo com um gesto aos soldados que tomassem as posições finais. Um dos homens havia trazido um engradado de madeira, evidentemente trabalho tosco seu, que nesse momento abriu e colocou atrás do par.

O menino-bode, embora não abrisse os olhos, afastou a boca o suficiente dos seios de Tammy para dizer: — Você não tem que disfarçar assim. Eu sei o que você está querendo fazer. — E, logo que disse isso, sumiu seu interesse pelo Duque e por sua gente e voltou acariciar a carne abundante à sua frente. — Belos — disse ele a Tammy. — Você deu nome a suas mamas?

— Nomes? — perguntou Tammy. — Na verdade, não.

— Pois devia dar. Elas são maravilhosas. — Beijou-as, primeiro a da esquerda, depois a da direita, voltou à da esquerda, cobrindo-a de beijos afetuosos. — Posso dar nome a elas?

Fez a pergunta com a maior delicadeza, tropeçando nas palavras. Evidentemente, a última coisa que desejava era ofendê-la.

— Claro — respondeu ela.

— Posso? Oh, obrigado. Então, esta aqui tem que ser Helena, onde estou mamando e, esta outra, vou chamar de Beatrice. — Olhou para Tammy, emoldurado pelos seios. — E você? Como é seu nome?

— Tammy.

— Só Tammy?

— Tammy Jayne Lauper.

— Eu sou Qwaftzefoni — apresentou-se o menino-bode. — Você está fugindo de alguma coisa, Tammy?

— Estava, de certa maneira, acho.

— De quem?

— De meu marido, Arnie.

— Ele não dá valor a você?

— Não.

O menino-bode voltou a lambar Helena e Beatrice, mais uma vez grandes e meladas lambidas que a faziam tremer de prazer.

— Filhos? — perguntou ele, em meio a uma mamada.

— Não. Arnie não pode...

— Mas você poderia, Tammy. — Descansou a cabeça nos dois travesseiros. — Acredite em mim, eu sei dessas coisas. Você é tão fecunda quanto o Nilo. Logo que engravidar, essas belas mamas se tornarão máquinas de leite. E seus filhos serão fortes e sadios, com coração forte e sadio como o seu. — Abriu finalmente os olhos em fresta, o olhar primeiro no rosto de Tammy e em seguida de lado, para uma espiada na jaula. — E, aí, o que você pensa? — perguntou.

— Sobre o quê?

— De eu me entregar ou deixar que a caçada continue?

— O que vai acontecer, se você se entregar?

— Volto para casa. Com minha mãe. Lilith. Volto pro Inferno.

— Não é lá que você deveria estar?

— É... acho que é. Mas o que você vai pensar se eu disser que você deve voltar para Arnie?

— Oh, não...

— De modo que você entende — disse ele, passando uma mão apreciadora sobre os globos macios e em seguida pondo a cabeça entre eles, na fenda que os separava. — Às vezes, a gente tem simplesmente que ir embora por algum tempo. Mas, entenda, agora que estou deitado aqui, acho que, talvez, seja hora de eu me entregar. Ando fugindo há anos. Nunca deixei que ninguém pusesse um dedo em cima de mim. Até conhecer você. — A voz, sempre baixa, tornou-se quase inaudível, quase um silvo. — Eles estão perto agora? — perguntou.

— Estão — respondeu ela. — Muito perto.

O menino brincou com o bico duro do seio.

— Se eu me entregar, o que vai acontecer?

— Acho que deixaremos esta terra, de uma ou outra maneira.

— E... em sua opinião... isto seria uma má ideia?

— Não — respondeu ela. — Em minha opinião, seria uma ideia muito boa.

— E eles não me farão mal?

— Eles não o machucarão.

— Você promete?

Tammy fitou aqueles olhos, castanhos puxados para dourado.

— Prometo que eles não lhe farão mal.

— Muito bem — disse ele, erguendo os braços e enlaçando-lhe o pescoço. — É tempo de pôr um fim a tudo isto. Mas, primeiro, você tem que me beijar.

— Por ordem de quem?

— Por ordem minha.

Tammy beijou os lábios pardos. Enquanto ela fazia isso, ele saltou para fora dos braços dela, como se tivesse sido lubrificado com manteiga, um salto que o levou a uns 70cm ou um metro acima da cabeça dela.

— *Prindeti-l!* — gritou o Duque.

Aqueles homens não iam chegar tão perto assim da presa e deixá-la escapar novamente. Os quatro pegaram os braços e as pernas da criança e levaram-na, guinchando mais como porco do que como bode, para o engradado de madeira.

Mas, antes que pudessem prendê-la ali em segurança, Eppstadt gritou: — Para onde é que vocês vão com essa coisa? — exigiu saber.

— Vão levá-la embora daqui — explicou Todd.

— Oh, não, não vão. Absolutamente, não. Eu a vi cometer assassinato. Quero que seja julgada por um tribunal de justiça.

Começou a andar na direção dos dois homens que seguravam a criatura.

O Duque, espada na mão, interpôs-se imediatamente entre eles.

Tammy, enquanto isso, mesmo antes de se abotoar, estava pronta para contribuir para a discussão.

— Não se meta — disse ela a Eppstadt. — Você fode tudo.

— Você está louca? Ora, por que é que estou perguntando isso? Claro, você é louca. Deixando que aquela coisa mamasse em você daquela maneira. Você é uma mulher obscena.

— Simplesmente façam o que têm a fazer! — disse Todd em tom urgente aos soldados, na esperança de que sua mímica da prisão do menino ajudasse aqueles homens a compreender o que dizia.

E ajudou. Enquanto o Duque mantinha Eppstadt longe, à ponta de espada, os soldados enfiaram o menino-bode no engradado, cujas grades de madeira eram decoradas com pequeninos ícones de ferro, pregados ali. O que quer que eles significassem funcionou. Embora Qwaftzefoni fosse bastante forte para despedaçar a jaula, se quisesse, ele sequer tocou as barras, sentando-se passivamente em sua pequena prisão, à espera da fase seguinte da ação.

O Duque deu uma nova série de ordens, os homens puseram o engradado em cima do lombo de um dos cavalos e começaram a prendê-lo aos arreios.

Enquanto faziam isso, o Duque pronunciou um curto e aparentemente sincero discurso dirigido a Tammy, agradecendo-lhe, pensou ela, por sua parte na perigosa empreitada. Durante todo o tempo, ele mantinha um olho em Eppstadt, a espada pronta, caso ele resolvesse se meter. Eppstadt, evidentemente, compreendeu que o Duque não estava para brincadeiras, mesmo que não entendesse a troca de palavras, porque manteve o tempo todo os braços erguidos e a boca fechada.

Todd, enquanto isso, observava o firmamento. Havia, aparentemente, uma mudança sutil na configuração do céu. A lua, bem devagar, afastava-se da face do sol.

De repente, um dos homens do Duque soltou um berro. O menino-bode havia encontrado um lugar onde podia introduzir a mão e o braço pelas grades sem tocar nos ícones e aproveitou um instante de distração do homem para estendê-los, e nesse momento enfiava a mão de dedos nanicos na carne em volta dos olhos do soldado. E segurou com força suficiente para balançar o homem de um lado para o outro como se fosse um boneco. Sangue esguichou, borrifando a palma da mão do menino-bode e correndo pelo rosto da vítima.

O cavalo onde estava amarrado o engradado começou a entrar em pânico, e o engradado, ainda não amarrado o suficiente à sela, escorregou. A criatura, porém, não soltou o soldado. Continuou agarrada ao rosto da vítima quando o engradado caiu no chão. E que não se espatifou, como o menino-bode sem dúvida esperara e, num ataque de frustração, ele começou a rasgar ainda mais as carnes do infeliz.

O Duque foi rápido. Em dois passos, chegou ao local e, com um único golpe, decepou a mão do menino-bode. A criatura soltou um uivo agudo de dor. Tammy — que observara toda a cena em um estado de horrorizada incredulidade (como poderia esse monstro cruel ser a mesma criança que estivera mamando nela

momentos antes?) — tapou nesse momento os ouvidos para não ouvir os gritos de ambas as vítimas, o homem e o menino. Mas, embora tivesse abafado os sons da cena com as mãos nos ouvidos, não conseguiu afastar os olhos: o caçador, caindo de joelhos com a mão do menino ainda presa ao rosto, como se fosse algum nojento parasita; o menino-bode dentro do engradado, procurando estancar o sangue que jorrava do coto com a outra mão; o Duque limpando o sangue da espada...

Seguiu-se um curto momento de calma, quando os soluços do menino-bode diminuíram e o homem ferido, tendo arrancado das carnes o dedo em garra, cobriu o ferimento com um pano para estancar o sangue.

A calma, porém, não durou mais de 20 segundos. Foi rompido por um som de trituração na terra, como se uma máquina feita de pedra e ferro estivesse em funcionamento ali embaixo, — Que novo inferno é esse? — murmurou Jerry.

Os olhos de Tammy estavam pousados no engradado e no seu conteúdo. O menino-bode havia interrompido as lamúrias e olhava por entre as grades, boca aberta e mole. Ele sabia exatamente o que ia acontecer.

— Terremoto? — perguntou Eppstadt.

— Não — respondeu Tammy, interpretando a expressão no rosto do menino-bode.

— Lilith.

PARTE NOVE

A rainha do inferno



UM

O chão se abriu como se fosse trazer para fora uma fonte inacreditável: brotos vermelhos, finos como agulhas, às dezenas de milhares, irromperam do chão. Uma fenda em forma de V, cada lado de talvez dois metros de comprimento, surgiu na terra que se levantava, o ápice a não mais de um metro do local onde estava o engradado com o menino-bode.

Aumentou a reverberação contínua da máquina imensa e, nesse momento, tornou-se clara qual a finalidade daquele movimento, porque uma abertura apareceu na terra, lembrando a parte superior de algum enorme focinho reptiliano. Os brotos vermelhos continuaram a crescer, tanto em tamanho quanto em número, especialmente em torno da abertura. E quando chegaram a uma altura de uns 30cm ou mais, desabrocharam em pequeninas flores preto-púrpura, desprendendo um cheiro que ninguém nas vizinhanças (salvo, claro, Qwaftzefoni) conhecia, amargo como um tempero, mas nada havia nele que pudesse convencer um cozinheiro a usá-lo: o cheiro e, portanto, presumivelmente também o sabor, era tão forte que teria acabado com o sabor de qualquer prato, por mais gostoso que fosse. O cheiro deixou todos ali ligeiramente nauseados, tal a sua força. Eppstadt, que tinha o estômago mais fraco entre os presentes, chegou a vomitar.

Quando terminou de vomitar, porém, o extraordinário ciclo de crescimento das plantas já havia chegado ao auge. As pequeninas flores pretas apodreciam inesperadamente, as pétalas perdendo a cor. E nesse momento, em seu estado outonal, mudou o odor das plantas. O que fora uma fedentina quase insuportável um minuto antes foi transformado pelo processo de apodrecimento e evaporou-se inteiramente o mau cheiro.

O que restou foi um aroma que, por alguma razão, conspirou com a alma de todos os presentes para lhes despertar doces recordações: algo perdido, algo sacrificado, alguma coisa levada pelo tempo ou circunstâncias. Nem podiam eles, embora estivessem presos no abraço desses sentimentos, dar-lhes nomes. O aroma era sutil demais na maneira como agia para que pudessem ser ligados a qualquer recordação. O que importava era o estado de vulnerabilidade total no qual deixava todos ali.

Quando a Boca do Inferno se abriu e a própria Lilith saiu das sombras, longas e nítidas, a sua flora havia deixado extasiados todos ali à sua frente. O que quer que vissem desse momento em diante, o que quer que dissessem ou fizessem, seria colorido pela maneira como o aroma de seu estranho jardim os tocara.

Ela era bela? Bem, talvez. O aroma era belo, de modo que parecia — configurada pelo aroma como se todo seu corpo fosse esculpido em perfume — e certamente era bela, também, embora um exame mais imparcial pudesse ter notado como sua face era estranha, assemelhando-se mais em cor e textura às flores em sua fase de apodrecimento.

A voz, poderia ter dito o mesmo assistente menos sonhador, nada tinha de musical, e o vestido, a despeito do grande tamanho e refinamento (motivos minúsculos, incompreensíveis, haviam sido costurados a mão milhões de vezes em fileiras bem arrumadas), mais uma prova de obsessão, até de loucura, do que de beleza.

Embora admitindo que não possa haver uma descrição boa e confiável de Lilith, a esposa do Demônio, algumas coisas ainda assim podem ser ditas com clareza sobre ela. Ela estava feliz, pelo menos isso. Ria com uma alegria quase indecente ao ver o filho enjaulado, embora claramente visse que lhe faltava uma mão. E suas maneiras, ao dirigir-se ao Duque, não foram refinadas.

— O senhor sofreu muito pelo crime que praticou contra minha família — disse, falando em inglês culto que, por algum pequeno milagre dela, ele compreendeu. — O senhor tem alguma ideia de quantos anos se passaram desde que começou a caçar esse meu filho idiota?

Apontou um dedo para a criatura na jaula, que começou a gemer e a se queixar, até que ela o calou dando uma pancada nas grades.

O Duque respondeu que não, que não sabia.

— Bem, talvez seja melhor que não saiba — disse Lilith. — Mas o que o senhor deve saber, porque mudará o que acontecer quando eu levar de volta essa criança levada, é que seu período natural de vida — seus setenta anos de idade — acabou há séculos.

O Duque pareceu confuso ao ouvir essas palavras e, em seguida, ficou lívido ao compreender as consequências do que ela lhe dizia: que eles e seus homens haviam gasto suas vidas nessa infrutífera Caçada, dando voltas intermináveis, caçando um bebê que havia talvez envelhecido dois anos durante toda a perseguição.

— Meu pai? — perguntou o Duque. — Meu irmão?

— Todos mortos — respondeu Lilith com uma pequena demonstração de pena. — Tudo que o senhor conheceu e de que se lembra desapareceu.

A fisionomia do Duque permaneceu impassível, embora lágrimas lhe enchessem os olhos e escorressem pelo rosto.

— Os homens e suas caçadas — continuou Lilith, referindo-se ao que parecia um grave erro do sexo do Duque. — Se, para começar, não tivessem saído para matar veados e javalis sadios, poderiam ter se casado, vivido e amado. Mas — encolheu os ombros — fazemos como nos mandam os instintos, sim? E os seus o trouxeram aqui. À própria beira de sua sepultura.

Ao que parecia, ela lhe estava dizendo que seu tempo de vida acabara e que, nesse momento, depois de todos os sacrifícios da Caçada, seu prêmio seria a morte: pura, simples, triste.

— Entregue-me meu filho — disse ela — e acabaremos de uma vez por todas com esta ignóbil situação.

Foi nesse momento que Eppstadt resolveu falar novamente. Durante algum tempo, um pequeno riso lhe encrespava os lábios, cuja razão era bastante simples: o último espetáculo (a terra se abrindo, as flores, o aroma que brincou com sua memória) convenceu-o finalmente de que uma de suas primeiras explicações de tudo isso era provavelmente correta. Ele estava caído, inconsciente, em algum lugar na casa (provavelmente atingido por um objeto solto durante o terremoto), e imaginava toda essa cena absurda. Raramente se sentia tão obstinado nos sonhos como nesse momento. Na verdade, raramente sonhava ou, pelo menos, não se lembrava dos sonhos. Nesse momento, porém, em que tinha todo aquele absurdo sob controle, não estava disposto a deixar que acabasse ainda. Sempre o negociador, deu um passo à frente e estendeu a mão para impedir que o Duque entregasse a criança.

— Sugiro que não faça isso, ainda não — disse, sem saber bem se aquele homem o compreendia ou não. — No momento em que puser a mão em cima desse moleque, você é um homem morto. Entendeu?

— Não faça isso, Eppstadt — aconselhou Todd.

— Por que, diabo, não? Isto é apenas um sonho...

— Não é um sonho — disse Jerry. — É real. Tudo aqui é tão...

— Oh, Cristo, Brahms, cale essa boca. Sabe o que vou fazer quando acabar de endireitar as coisas por aqui? Vou dar um pontapé nessa sua bunda de veado.

E sorriu, óbvia e imensamente satisfeito por ser tão politicamente incorreto.

— Você vai se arrepender disso — insistiu Todd. — Jerry está certo.

— De que modo ele pode estar certo? — perguntou Eppstadt, a voz pingando de desprezo. — Olhe para este lugar! De que modo esta merda de estupidez pode ser real?. Tudo isso está acontecendo dentro de minha cabeça! E aposto que você pensou que eu tinha a mentezinha embotada de um executivo de escola de administração de empresas!

— Eppstadt — disse Todd. — Isso não está acontecendo em sua mente.

Eppstadt soltou aquele zurro de burro que acompanha a resposta errada em programas de perguntas e respostas na televisão. Estava se sentindo o maior em sua recém-descoberta compreensão da situação.

— Errado, bebê. Foda-se! De verdade, pra valer. Posso dizer uma coisa, enquanto temos este momento, e é o meu sonho, de modo que posso, afinal de contas, dizer a merda que quiser, certo? Você é um péssimo ator. Quero dizer, víamos na Paramount as cenas filmadas no dia e uivávamos, quero dizer, uivávamos mesmo,

com algumas de suas cenas. Lágrimas escorrendo pelo nosso rosto, enquanto você lutava para demonstrar alguma emoção.

— Você é um grande puto.

— Isso eu sou. E você é muitas vezes milionário porque convenci um bando de perdedores natos, que não seriam capazes de distinguir entre uma decisão comercial estúpida e o buraco do cu, a lhe pagar um volume obsceno de dinheiro para desfilarem os atributos que Deus lhe deu. — Virou-se para Lilith, que estivera observando aquela explosão como se estivesse sendo divertida pelas cabriolas de um cachorro de circo. — Desculpe. Falei aquela palavra que começa com D. A senhora, provavelmente, não se sente bem com ela, certo?

— Deus? — perguntou Lilith. — Não. Eu me sinto perfeitamente bem com Deus. Eppstadt ia evidentemente dar uma resposta grosseira a essas palavras, mas Lilith ignorou-o.

Soltou um assovio rítmico e da garganta escura da terra saíram duas mulheres, calvas e de seios desnudos. Ao ver os rostos ou os seios, talvez ambas as coisas, o menino-bode dentro da jaula começou a se animar novamente, falando e lamentando-se.

— Este é o fim, então — disse Lilith, dirigindo-se ao Duque. — Vou levar meu filho. Tem algumas palavras finais a dizer?

O Duque sacudiu a cabeça e ergueu a espada — apontando-a na direção de Eppstadt a fim de convencê-lo a não se meter naquela situação. Eppstadt permaneceu onde estava, até que a ponta da espada perfurou a camisa endurecida pela lama. Em seguida, soltou um grito agudo e recuou um passo para evitar coisa pior.

— Doeu, ahn? — disse Jerry.

— Cale essa merda de boca — respondeu secamente Eppstadt.

Nenhuma tentativa fez mais para ser o intermediário da conversa entre Lilith e o Duque. O engradado foi aberto, Lilith estendeu as mãos e puxou pelo pau e os colhões o filho maneta.

— Levem-no, senhoras — disse às mulheres e, num jeito que nada tinha de maternal, jogou-o nos braços das aias, que o agarraram entre si, desceram com ele pela encosta do buraco e mergulharam na escuridão.

— De modo que, assim, termina — disse Lilith ao Duque.

Girou sobre si mesma, segurando o traje insanamente bordado, levantando-o na frente para abrir caminho para os pés. Em seguida, olhou para trás.

— O senhor tem filhos? — perguntou ao Duque.

Ele sacudiu a cabeça, num gesto negativo.

— Nesse caso, o senhor dormirá com os que foram antes do senhor, mas não com os que vieram depois. Isso é bom. Seria triste encontrar hoje à noite seus filhos na

sepultura. — Inclinou a cabeça. — Adeus, meu lorde. Parece-me que mereceu seu descanso.

Disse tudo que queria dizer e, mais uma vez, fez um gesto indicando que ia embora. Eppstadt, porém, não havia acabado ainda.

— A senhora é competente — disse ele. — Quero dizer, gravitas autêntica. Eu não vejo isso muitas vezes. E é bela. Geralmente, a mulher é uma coisa ou outra, sabia? Tetas ou cérebro. Mas a senhora tem ambos. Eu quase gostaria de não estar sonhando.

Lilith dirigiu-lhe um olhar que teria posto a correr homens mais prudentes.

Eppstadt, porém, acreditando ainda que era o senhor de seu próprio sonho, não ia ser assustado por membro nenhum do elenco.

— Nós não nos conhecemos antes em algum lugar? — perguntou. — Conheci, não? Estou tirando-a de uma recordação.

— Oh, não faça isso — murmurou Todd.

— Não faça o quê? — perguntou secamente Eppstadt.

— Não brinque. Não aqui. Não agora.

— É a minha caixa de terra. Vou brincar como quiser. Mas o resto de vocês pode ir para a merda! Isso significa você, veado, e ela... — Apontou para Tammy. — E você, Pickett. Fora! Embora! Quero vocês longe daqui!

Por alguma razão, Todd olhou para Lilith, como se lhe pedindo permissão para ir embora dali. Ela inclinou a cabeça, primeiro para Todd, depois para Tammy e, finalmente, para Jerry.

— Tem certeza de que não quer fazer uma graciosa saída? — perguntou Todd a Eppstadt.

— Foda-se.

Jerry já havia dado as costas à Boca do Inferno e se dirigia nesse momento para o umbral da porta. Tammy virou-se também, mas parou, a vista atraída pelo Duque e dois de seus homens, deitados no chão, à beira da floresta. Como eles haviam chegado ali — que instinto os havia levado a se deitarem daquela maneira —, ela não tinha a menor ideia.

Seus corpos já se encontravam em adiantado estado de putrefação, mesmo que ainda estivessem vivos e olhando para o alto e o céu que mudava lentamente, seus rostos isentos de qualquer expressão de ressentimento, necessidade, ou dor. Pareciam inteiramente resignados com sua doença, como se depois de todos esses anos presos em um círculo que não podiam romper, estivessem simplesmente gratos por deixá-lo. E ali ficaram, vermes nas narinas, baratas nos ouvidos, seus olhos dissolvendo-se em duas poças de podridão.

Não observou o fim. Não era tão corajosa assim. Em vez disso, virou-se e seguiu Jerry em direção à porta.

Ao chegar ao lado dele, Jerry disse:

— Olhe.

— Eu vi.

— Não, para ali, não — continuou Jerry. — Aquilo é triste demais para ser descrito em palavras. Olhe para cima. Está quase no fim.



DOIS

E estava.

Nesse momento, o sol continuava coberto apenas pela metade e, a cada momento que passava, a paisagem que iluminara tão avaramente durante quase 400 anos tornava-se mais brilhante. As nuvens mais ténues — as mais sensíveis ao calor — já haviam se evaporado. Nesse momento, os cúmulus batiam em retirada, mostrando um banco de azul através do qual constelações desprendiam-se como se fossem estrelas cadentes para comemorar o fim da Caçada. Alguns dos animais mais corajosos dessa extraordinária paisagem — criaturas que tinham vivido contentes na penumbra eterna, mas que sentiam curiosidade em saber que mudança o sol traria — aventuravam-se para fora de seus covis e cavernas, examinando com os olhos apertados o espetáculo no alto. Um leão, abençoado com asas suficientemente fortes para alçá-lo nos ares, subiu de seu trono imperial entre os ramos de um carvalho, como se quisesse desafiar o próprio sol. Mas foi imediatamente derrotado pela incandescência que enchia os céus e tombou na terra, soltando penas do tamanho de espadas.

Jerry compreendeu a lição com clareza suficiente.

— Tudo isso vai mudar muito rápido agora — disse.

Observava-se, na verdade, uma sensação geral de pânico na paisagem.

Cada espécie que havia aprendido a sobreviver à luz fraca e prateada fora tomada de súbito pavor, temerosa daquilo que o sol estava ejetando — luz, calor ou ambas as coisas — e que seria o fim delas. Em todos os recantos desse mundo pintado, criaturas corriam e se dispersavam em alta velocidade, lutando pela menor fatia de sombra. Não fora apenas o leão o derrubado.

Vários bandos de aves, confundidas pelo fulgor inesperado, entraram em pânico em meio do voo e desciam em uma confusão grasnante. Nas estradas, cães selvagens enlouqueceram e se lançaram às gargantas uns dos outros em explosões de raiva extrema. O ar ficou subitamente atravancado por miríades de vespas e libélulas, que se erguiam da relva em uma abundância tão grande que só podiam ter nascido nesse momento, seus ovos partidos pela elevação brusca da temperatura. E onde havia moscas, claro, havia cata-moscas.

Roedores saltavam da relva para comer aquela súbita riqueza de alimento.

Lagartos e serpentes contorciam-se no chão.

A transformação era extraordinária. Nos quatro ou cinco minutos transcorridos desde que a criança fora devolvida à mãe e suspensa a maldição sobre o Duque, a paisagem através da qual Goga e seus homens (a carne e os ossos de todos eles

indistinguíveis nesse momento da terra pantanosa onde haviam se deitado para morrer) sofria uma mudança de proporções oceânicas: estrelas cadentes e leões cadentes, o ar cheio do tremeluzir de um milhão de libélulas e os uivos de mil cães cegados pelo sol, árvores entrando em súbita floração, seus botões tão gordos e cheios que explodiam como se fossem pequenas bombas, de tal modo que uma nevasca de pétalas encheu o ar de perfume.

E no mesmo momento em que as libélulas subiram e as árvores floresceram, a Morte agarrou um milhão de gargantas e, com uivos, guinchos e cabriolas loucas, o Senhor da Foice reclamou tanto os animais comuns quanto as criações fantásticas que Lilith havia gerado para tornar a Caçada mais atroz para suas vítimas. As galinhas que haviam posto ovos com serpentes eram nesse momento devoradas por sua prole. Um lagarto corri uma libélula ainda pendente da boca foi agarrado por um animal que só Lilith poderia ter inventado: seu costado era uma desavergonhada homenagem a uma vagina, desde a gloriosa parte superior dos lábios até o enorme olho dourado sepultado em suas profundezas, como um luxuoso ovo.

Um milhão de testemunhas não poderia ter catalogado o que aconteceu na Terra do Demônio naqueles minutos. Um exército de cronistas não poderia ter registrado um quarto das histórias que se desenrolaram ali, pois aconteciam e desapareciam com uma rapidez grande demais: nascimento, morte e loucura saturando os sentidos até que eles transbordavam.

À porta, Tammy teve tempo de se perguntar se o Éden acabara assim.

Não a mão calma de um criador plácido movendo-se sobre a relva de manchas variegadas do paraíso, deixando o leão, o cordeiro e tudo que vivera no intervalo por onde passava, mas aquilo: o sol virado como se por um cozinheiro impaciente, criando vida com fritura, em um frenético e ofuscante carnaval, seus animais mais estranhos sem maior probabilidade de sobreviver ao calor do que suas criações mais humildes. Beleza sem importância no calor do momento, nada de poesia, nada de inteligência, apenas coisas subindo e caindo sem juízo final ou exame de casos, os mais humildes dos seres morrendo antes de ter tempo de falar, enquanto véus de moscas desciam para por seus ovos nos ninhos de sua rápida putrefação.

Não era de espantar que Lilith tivesse dito com tanta certeza que se sentia perfeitamente bem com Deus. Não fora ela a primeira fêmea da criação, a noiva de Adão rejeitada por Javé? Seu fora o primeiro útero, seu fora o primeiro óvulo, seu fora o primeiro sangue derramado com dor porque um homem a havia feito assim.

Tammy, com essa nova ideia na mente, olhou para ver se podia ter um último vislumbre da mulher.

O ar onde estava e o lugar onde a Rainha do Inferno estivera antes eram um labirinto de pétalas, moscas, aves, sementes, escamas e fragmentos de podridão

cozinhada. Lilith havia desaparecido e Tammy sabia que, se tivesse sorte, nunca mais teria ocasião de olhar novamente dentro dos olhos daquela mulher.



TRÊS

Lá em cima, na grande cama do quarto principal da casa, Katya despertou de um dos sonos mais profundos e reparadores que desfrutara em anos.

Nenhum pesadelo, nem mesmo sonhos. Apenas uma sensação profunda de bem-estar, sabendo que finalmente encontrara o homem com quem dividiria os anos na privacidade do desfiladeiro.

Um momento depois, o conforto do estado de vigília desapareceu de súbito. A cama estava fria e vazia, e ouviu vozes. De estranhos, em sua casa.

Se houvesse pessoas na cozinha ou na sala de jantar, já seria bastante ruim, mas sabia instintivamente de onde vinham aquelas vozes. Eles estavam lá embaixo, naquela sala e, como não via Todd ao seu lado, ele provavelmente se encontrava na companhia deles. O pensamento não a agradou.

Compreendia bem demais o poder de atração daquele lugar. E também que ele não escolhia favoritos. Enganava, com igual eloquência, o gênio e o bronco, o intelectual e o sensualista. Vira isso acontecer um sem-número de vezes. Ela mesma, durante anos, tomara doses do mesmo. A sala a mantivera bela e forte. Mas, para ela, entrar na sala era um mero trabalho cosmético, que lhe eliminava os anos. Embora talvez fosse mesmo a Terra do Demônio, não lhe atribuía grande importância metafísica. Era seu salão de beleza, nada mais. E se havia lá pessoas nesse momento, utilizando sua soma cada vez menor de perfeição, então queria que saíssem de lá! Fora!

Levantou-se e começou a se vestir e, enquanto isso, passou em revista os acontecimentos da noite anterior. Só havia uma pessoa que sabia que poderia ter afastado Todd de seu lado: Tammy, a puta que o tomara dela na última vez. Por alguma razão, sentia algum apego sentimental a Tammy. Nada havia de errado nisso, em princípio. Isso provava que tinha coração. Mas, desse ponto em diante, aquela mulher não tinha lugar no esquema das coisas. Ela servira a um fim secundário e era tempo de ser tirada de cena.

Vestida nesse momento, foi até o espelho. O sono lhe fizera bem. Viu nos olhos uma luminosidade que estivera ausente durante anos. Conseguiu até mesmo obrigá-la a sorrir.

Era uma pena, pensou, ao passar para a plataforma da escadaria, que, no começo, houvesse esses pequenos desafios. Nada, porém, ia se interpor entre ela e seu paraíso. Zeffer tentara e Zeffer estava morto. Aquela mulher provavelmente tentaria, também, mas terminaria da mesma maneira que ele. E, se as coisas corressem realmente bem, o golpe final seria desfechado por Todd. Isso tornaria

perfeitas as coisas: se encontrasse a arma e a abatesse. Era essencial fazê-lo compreender que quem quer que pusesse em perigo o pequeno paraíso de ambos teria que ser morto. E nada havia de melhor para cimentar um relacionamento do que duas pessoas derramarem juntas um pouco de sangue.

EMBORA TIVESSE ENVIADO para longe, às carreiras, Picket, a mulher e Brahms, Eppstadt permaneceu por algum tempo ali, querendo atormentar aquela estranha mulher que inventara.

Não era frequente que conhecesse uma mulher cujo intelecto respeitava.

Durante certo tempo, a Columbia fora dirigida por uma dessas mulheres, Dawn Steel, e sempre saboreara uma boa discussão com ela. Mas ela havia morrido de câncer no cérebro em uma idade absurdamente jovem e a perda o entristecera. É bem verdade que havia umas duas atrizes com inteligência suficiente para lhe prender a atenção por mais de uma única frase — Jamie Lee Curtis era surpreendentemente esperta, Susan Sarandon e Jodie Foster mereciam seu tempo, mas a maioria era para ele apenas pouco mais do que corpos. Se assim, onde, já perguntara a si mesmo, encontrara a matéria-prima para essa fantasia barroca chamada Lilith? Não eram apenas a beleza e a eloquência da mulher, mas todo o mundo inacreditável que a cercava, tal como um musical da MGM concebido por Hieronymus Bosch.

— Para o que é que o senhor está olhando? — perguntou Lilith.

Ela havia bem antes iniciado sua lenta descida para o Submundo, mas, nesse momento — notando o olhar perscrutador de Eppstadt — parou e virou-se novamente para ele.

— A senhora — respondeu ele.

— Pois não olhe.

Assim dizendo, deu-lhe as costas e continuou a descer terra adentro.

— Espere! — ordenou ele. — Quero conversar com a senhora.

E agarrou a cauda do vestido de Lilith.

— Não ouviu o que eu disse? Eu disse espere.

Se houvera algum traço de indulgência no rosto de Lilith, isso acabou nesse momento. Ela fitou-o com um olhar implacável.

— Esperar? — repetiu, o tom de voz intimidador. — O que o leva a pensar que eu obedeceria a alguma instrução sua?

Enquanto falava, olhou para os pés de Eppstadt e ele sentiu um movimento sob o calcanhar. Estranho, pensou ele. Deu um passo para o lado, mas apenas para descobrir que uma nova safra de brotos surgira diante da abertura da Toca do Inferno. Desta vez, porém, mais densamente plantados do que antes e só cresciam em sua vizinhança imediata.

— O que é isso? — perguntou.

Sentiu nos tornozelos as primeiras picadas de agulhas; de fato, pouco mais do que irritação. Mas, quando levantou a perna, arrastou os brotos embaixo da pele, e doeu. Gritou de dor. Saltando sobre uma única perna, subiu a perna da calça. Viu dezenas de minúsculos ferimentos em volta do tornozelo, nos lugares onde os brotos haviam penetrado na pele. E todos eles sangravam.

— Merda! — exclamou.

Não havia nesse momento no sonho nada nem remotamente divertido.

Queria que ele cessasse. Enquanto isso, sentiu a safra de brotos penetrando na outra perna. Como não tinha intenção de repetir o erro anterior, bateu com força, com o pé ferido, na área dos brotos no chão, e deixou-o aí enquanto cautelosamente subia a outra perna da calça para examinar as lesões. Impossível como parecesse, os brotos já haviam avançado até o músculo da panturrilha. Viu-lhes a trajetória através da pele, tornando-se cada vez mais ambiciosos à medida que subiam, dividindo-se e voltando a dividir-se, formando uma rede em sua carne. Pegou um deles no tornozelo, no lugar onde lhe furava a pele. Não era mais grosso do que alguns fios entrançados de cabelo, mas ele se contorceu entre seu indicador e polegar como se resolvido a continuar a subir, continuar a crescer. Tentou puxá-lo, mas um espasmo de dor subiu pela perna, seguindo a trajetória do avanço dos brotos. Eles já haviam quase chegado ao joelho.

Nesse momento, havia lágrimas de dor profunda em seus olhos. Ergueu-os para Lilith, pestanejando para afastar as lágrimas e vê-la melhor. Ela continuava a observá-lo.

— Muito bem — disse ele. — A senhora me convenceu.

Ela continuou calada.

— Faça isso parar — ordenou ele.

Ela pareceu pensar por um momento nessas palavras, mordendo ligeiramente o lábio inferior, enquanto examinava a opção. Enquanto fazia isso, olhou para o outro pé de Eppstadt. As plantas que ele havia esmagado sob o calcanhar haviam sido substituídas por outras, já com uns 10 ou 12cm de altura, e que o alfinetavam novamente.

— Oh, Deus, não — disse ele, voltando a olhar para a face de sua torturadora. — Por favor. Eu me enganei. — Tão intolerável era a dor que mal conseguiu articular as palavras. — Faça com que isso pare!

Embora a visão estivesse borrada, conseguiu ainda ver a resposta à sua súplica. Ela sacudia nesse momento a cabeça.

— Diabos a levem! — berrou. — Eu cometi uma droga de erro! Eu disse que sentia muito. Isso deve ser mais do que suficiente.

Alguma coisa explodiu imediatamente acima do joelho. Eppstadt agarrou a perna da calça, rasgando o tecido, com tal força inspirada pela dor que a abriu até a virilha. Viu flores desabrochando na carne do joelho, seis ou sete florzinhas, todas elas desprendendo um mau cheiro tão forte que ficou tonto só de inalar aquilo. Olhou, pela última vez, para a mulher que fizera aquilo com ele, na esperança de que suas palavras a inspirassem a ser mais compassiva.

Mas, claramente, ela já decidira que sabia como aquilo ia terminar.

Virando as costas, continuou a descer para o Inferno.

Eppstadt sentiu uma série de erupções nas pernas, subindo do joelho para a virilha. O grande e pálido músculo da coxa havia se transformado em um verdadeiro jardim e mais de 20 flores cresciam ali. Sangue escorria dos lugares onde elas haviam aparecido e descia pela parte traseira da perna, embebendo-se nos frangalhos da calça. O cheiro acumulado das flores fê-lo desmaiar. Caiu para trás e de pernas abertas entre os brotos que o esperavam, como um leito de morte recebendo-o para o consolo final.

— **O QUE, DROGA**, aconteceu a Eppstadt? — perguntou Todd, olhando para trás.

O dia cada vez mais claro havia criado um nevoeiro entre a Boca do Inferno e a porta que levava à casa. Era impossível descobrir os detalhes do estado em que se encontrava Eppstadt. Por alguma razão, tudo que podiam ver era um homem estirado entre flores.

— Há alguns instantes, pensei que ele estava tendo problemas — disse Jerry. — Parecia que estava chorando.

— Não está, agora — observou Tammy. — Parece que está tirando um cochilo.

— Doido... — comentou Todd.

— Vamos deixar que ele faça o que quer — observou Jerry. — Se quer ficar, isso é problema dele.

Nenhuma discordância dos dois outros.

— Depois de você — disse Jerry, afastando-se para um lado para deixar Tammy cruzar o umbral.

E seguiu-a rapidamente, Todd aos seus calcanhares.

Pela última vez, Todd lançou um olhar à paisagem em mutação. Os barcos haviam desaparecido do horizonte, como se algum tempo longamente esperado tivesse finalmente chegado para lhes enfunar as velas e levá-los para outros destinos. O pequeno ajuntamento de casas ao lado do rio, com suas duas pontes, havia sido corroído pela luz e mesmo a forma serpentina do rio em si ia desaparecendo. Embora tivesse duvidado da história que Zeffer lhe contara, ela parecia nesse momento ser a verdade. Aquilo ali havia sido uma prisão para o Duque. Nesse

momento em que a Caçada acabara e o filho do Demônio tinha sido devolvido, o local nenhuma razão tinha mais para continuar a existir.

As eras transcorridas estavam se emparelhando com a paisagem. O calor do sol pintado estava desfazendo-a, imagem por imagem, ladrilho por ladrilho.

— Eppstadt?— gritou ele. — Você vem?

O homem estirado na relva alta, porém, continuou imóvel. Em vista disso, Todd deixou-o onde estava. Eppstadt sempre fora um homem que fazia o que queria e o diabo que levasse as opiniões dos outros.

ESPICHADO NO CHÃO, Eppstadt ouviu o chamado de Todd e sentiu um leve desejo de responder, mas não conseguia mais se mover. Vários brotos haviam entrado pela base de seu crânio, perfurando-lhe a coluna e ele estava paralisado.

O verdor subiu através do cérebro, apagando memórias, mas não conseguira ainda eliminar os últimos resquícios de inteligência. Compreendeu que aquele era seu fim. Sentiu os primeiros movimentos dos brotos na parte posterior da garganta e uma presença formigante atrás dos olhos, onde logo depois emergiriam e floresceriam, mas que o preocupava muito menos do que poderia ter acontecido, se tivesse imaginado isso sentado em seu escritório.

Não era o tipo de morte que tinha em mente quando pensava nessas coisas, mas também a vida tampouco fora para ele o que esperara. No tempo de jovem, quisera ser pintor. Mas não tinha o menor talento para tal. Um professor da Escola de Belas Artes dissera jamais ter conhecido uma pessoa com menos senso estético. O que teriam pensado nesse instante os críticos que o condenaram em termos tão contundentes, se estivessem ali para ver? Não teriam dito que ele estava morrendo de uma forma linda, com a cabeça cheia de brotos e cores, e seus olhos...

Jamais terminou esse pensamento.

Uma das flores de Lilith abriu-se dentro de seu crânio e, de repente, uma hemorragia maciça interrompeu de vez os pensamentos que Eppstadt estava tendo ou que jamais teria.

Indiferentes à sua morte, as plantas continuaram a romper-lhe a carne, florescendo, até que mesmo de curta distância ele mal podia ser reconhecido absolutamente como homem. Era apenas uma forma na areia, uma tora de madeira, talvez, onde flores haviam desabrochado com um vigor todo especial, famintas para aproveitar o máximo do sol que nesse momento brilhava tanto.



QUATRO

Tammy teve certeza de que haveria encenanças no momento em que pôs os olhos em Katya. Ela, do alto, sorria beatificamente para eles, mas não havia calor humano nem boas-vindas naqueles olhos, apenas raiva e desconfiança.

— O que foi que aconteceu? — perguntou ela, fazendo força para parecer despreocupada.

— Acabou — respondeu Todd, subindo a escada, a mão estendida para ela num gesto apaziguador.

Ele, sem dúvida, vira também os sinais nos olhos de Katya e não confiava no que via.

— Venha comigo — disse, pondo a palma da mão na cintura de Katya, numa tentativa sutil de lhe mudar a direção.

— Não — disse ela, passando por ele como se pretendesse descer a escada. — Eu quero ver.

— Não há mais nada para ver — avisou Jerry.

Katya não se importou em suavizar a expressão para Brahms. Ele era seu servo, nem mais nem menos.

— O que você quer dizer como não há mais nada para ver?

— Tudo acabou — respondeu ele, o tom de voz tingido de melancolia, como se estivesse suavemente lhe dando a notícia de uma morte.

— A sala não pode ter desaparecido! — bradou Katya, passando por Jerry e Tammy e dirigindo-se para a escada. — A caçada continua para sempre. De que maneira poderia Goga jamais capturar o filho do Demônio? — Virou-se ao pé da escada e falou, a voz estridente: — De que maneira poderia algum homem capturar o filho do Demônio?

— Não foi um homem — disse Tammy. — Fui eu.

O rosto de Katya era a pura expressão de incredulidade. Obviamente, se a ideia de um homem pôr um fim à Caçada era absurda, a ideia de que uma mulher — especialmente aquela que tanto desprezava — tivesse feito isso transcendia todos os limites da razão.

— Isso não é possível — disse, deixando o pé da escada e tomando o corredor.

Nesse momento, ela desapareceu da vista de Tammy, mas todos ali podiam ouvir o som dos pés descalços de Katya e o ruído da maçaneta sendo virada...

— Não!

A palavra soou quase como um guincho.

Jerry pegou o cotovelo de Tammy.

— Eu acho que você deve ir embora daqui...

— Não! Não! Não!

—... aquela sala era a razão por que ela permanecia jovem.

Nesse momento, pensou Tammy, a coisa fazia sentido.

E fora por esse motivo que Jerry falara como se estivesse dando notícia de uma morte: e era a morte de Katya que estava anunciando. Privada da sala da juventude eterna, o que lhe aconteceria? Se isso fosse um filme, ela viria provavelmente se arrastando pelo corredor, com o peso dos anos já a alcançando, o corpo rachando e se vergando, a beleza murchando.

Mas aquilo não era um filme. A mulher que voltou à vista deles ao pé da escada não mostrava sinais de enfraquecimento ou envelhecimento, pelo menos não ainda.

— Essa puta! — gritou, apontando para Tammy. — Quero que ela seja morta.

Todd? Ouviu o que eu disse? Quero que ela seja morta!

Tammy olhou pela escada para o lugar onde Todd estava. Era impossível interpretar a expressão de seu rosto.

Enquanto isso, Katya continuava tresvariando, furiosa:

— Ela estragou tudo. Tudo!

— Aquilo, no fim, tinha que acabar — disse Todd.

Enquanto Todd falava, Tammy sentiu a pressão da mão de Jerry em seu braço, encorajando-a discretamente a subir a escada enquanto havia tempo para isso.

Tammy não esperou por uma segunda dica. Começou a subir, mantendo os olhos no rosto de Todd. O que estaria ele pensando? Olhe para mim, desejou com um esforço de vontade. Sou eu, sua Tammy. Olhe para mim.

Ele não olhou, o que era um mau sinal. Seria mais fácil para ele obedecer a Katya, se não a considerasse como um verdadeiro ser humano. Ele não olhou em seus olhos, não lhe viu o medo.

— Não deixe ela ir embora! — gritou Katya.

Todd ficou simplesmente imóvel onde estava e, pelo menos por uma vez, Tammy se sentiu feliz com a passividade dele. Passou por ele sem ser detida e dirigiu-se para o alto da escada.

— Todd!

O grito foi de Jerry, não de Katya. Tammy olhou para trás. Por alguma razão, Todd o segurara e estava impedindo que ele a seguisse.

Pela expressão do rosto, era claro que Jerry sabia que estava em apuros.

Lutou para se soltar, mas era muito mais fraco do que Todd.

— Eu cuidei de você, não cuidei? — disse Katya a Jerry. — Quando você não tinha um único amigo no mundo, eu estava ali a seu lado, não estava? E agora você deixou que isso acontecesse.

— Não foi culpa minha. Não pude impedir que isso acontecesse.

Katya estava nesse momento bem em frente, a mão espalmada no peito de Jerry. Aparentemente, não estava exercendo pressão alguma, mas qualquer que fosse a força que usava através da mão foi suficiente para que ele recuasse até a parede.

— Não foi culpa sua? — perguntou incrédula Katya. — Você poderia ter matado aquela mulher. Isso teria evitado que ela interferisse.

— Matá-la? — disse Jerry, evidentemente horrorizado com essa ideia, como se não tivesse compreendido até esse momento que as apostas eram tão altas ou que a perspectiva de assassinato — casual, inevitável — estava tão por perto.

Talvez, acima de tudo, compreender que a mulher pela qual obviamente se apaixonara devesse se mostrar nesse momento tão fria quanto a Rainha do Inferno.

— Seu intrujãozinho! — disse Katya, pondo a mão na cabeça de Jerry e arrancando os cabelos costurados no couro cabeludo. Puxou, e um pedaço de pele veio também, enquanto o sangue escorria pelo rosto de Jerry.

— Jesus, Katya — disse Todd —, não há necessidade...

— Não há necessidade do quê? — ela o cortou, a face perfeita em sua fúria, aqueles maravilhosos ossos, aquela refinada simetria encontrando na raiva a sua melhor finalidade. — Nenhuma necessidade de castigá-lo? Ele sabe muito bem o que fez.

Jogou longe os cabelos e o pedaço de pele, e esbofeteou-o. Katya vira antes esse tipo de crueldade de Katya e, na última vez, Zeffer tinha sido a vítima.

E, exatamente como Zeffer, Jerry parecia quase hipnotizado por aquela demonstração de fúria, impotente para se defender.

Tammy, porém, não ia vê-lo ser chutado até a morte como havia acontecido com Zeffer, mesmo que, de alguma forma perversa, Jerry estivesse pronto para aceitar esse destino.

— Você tem alguma ideia de como é digna de pena? — disse a Katya. — Esbofeteando velhos por aí? Ele não fez nada lá embaixo. Eu fiz. Eu fiz tudo. Conte a ela, Todd.

— Não foi culpa de Jerry. Nem também de Tammy.

— Sua, então? — perguntou Katya, voltando os olhos em fogo para Todd.

Enquanto falava, pôs a mão no rosto de Jerry e empurrou-o. Ele estendeu a mão para se segurar e não despencar pela escada, mas não encontrou nada.

E caiu de pernas para o ar.

Tammy olhou pelo poço da escada. Viu Jerry caído no fundo, ainda respirando, mas aparentemente sem sentidos. Sentiu-se quase grata. Era melhor que Katya tivesse se voltado contra ele em vez de tê-la atacado. Ainda podia correr, podia ainda se defender. E de maneira nenhuma ia ser hipnotizado pelo olhar dessa puta.

Não esperou que Katya começasse a subir a escada e viesse atacá-la.

Deixou o corrimão e dirigiu-se para a cozinha.

— Ela está louca.

Era Todd. Ele a seguia nesse momento, sacudindo a cabeça.

— Você tem que ir embora daqui! — disse.

— Agarre-a! — gritou Katya.

Obviamente, ela não tinha pressa em subir a escada, confiante, mesmo nesse instante, em que tinha a situação sob controle.

— Todd? Ouviu o que eu disse? Agarre-a!

— O que você é, o cachorro dela? — perguntou Tammy. — Não foi a essa condição que ela o reduziu?

— Simplesmente vá embora — respondeu Todd. — Ela é tudo que me resta.

— Ela o matará também, se for conveniente — avisou Todd. — Você sabe disso.

— Não diga isso — implorou Todd. — Tenho que ficar aqui com ela. Se não fizer isso, o que é que me resta? Você esteve na festa! Você ouviu o que eles disseram. Tudo acabou para mim. Não tenho mais nada, exceto ela. Ela me ama, Tammy.

— Não, não ama.

— Ama.

— Não! Ela está simplesmente usando você. Isso não é amor.

— Quem, diabos, é você para dizer...

— ... sou tão boa quanto qualquer outra pessoa. Melhor, quando o assunto é você. Os anos que desperdicei pensando em você!

— Desperdiçou?

— Isso mesmo, desperdicei. Eu queria que você me amasse. Mas nunca amou. Agora, você quer que ela ame você. E ela não vai fazer isso. Nunca. Ela é incapaz de amar.

Doeu ouvir isso. Doeuse porque acreditava no que ela dizia, por mais que não quisesse. Era verdade. Ela sabia que era, e — e a julgar pelos olhos desesperados de Todd — ele, também. O olhar de Todd dirigiu-se para a janela. Examinou a vidraça por algum tempo.

— Você acha que eles ainda estão lá fora? — perguntou.

— O quê? Os mortos? Estão...

Mesmo enquanto falava, pensava no último pedido de Zeffer. A loucura da Terra do Demônio havia tirado esse pensamento de sua mente.

— Vamos supor que eu conheça uma maneira de fazer com que eles entrem na casa — disse.

— Isso é possível?

— É... — respondeu Tammy, cautelosa.

Ele foi até a porta que acabara de cruzar.

— Como? — perguntou, abaixando a voz.

Tammy continuava ainda em dúvida sobre as lealdades dele. Não queria contar-lhe tudo, dada a possibilidade de que ele ainda fosse ficar ao lado de Katya. Mas, por outro lado, precisava da ajuda dele.

— E apenas uma coisa que ele me disse — continuou.

Queria acreditar que ele estava a seu lado, mas não tinha absolutamente certeza disso.

Katya, da escada, chamava-o novamente:

— Todd? Agarrou-a?

— Feche a porta — disse Tammy. — Mantenha-a fora daqui.

Começou a dar uma busca na cozinha. Em que gaveta era maior a probabilidade de haver uma faca? Boa e forte, dessas de cortar bife? Não, seria melhor uma faca grossa de picar carne. Uma faca que não se quebrasse com a pressão.

— Todd? — disse Katya, dando a impressão de que estava no corredor.

— Feche a porta — repetiu Tammy. — Por favor.

Todd olhou para trás, na direção de Katya. Em seguida, que Deus o abençoasse, ele fechou a porta.

— O que é que você está fazendo? — ouviu Tammy, quando Katya fez a pergunta.

— Está tudo bem! — gritou Todd para Katya.

Tammy começou a remexer nas gavetas, com toda rapidez possível.

Parecia haver ali dezenas de gavetas. Queria papel de alumínio e sacos plásticos? Não. Colheres e conchas? Não. Talheres? Ali havia algumas facas, mas frágeis demais para o que queria fazer. Precisava de uma faca com que pudesse escavar madeira. Se não tirasse os ícones da soleira, os espíritos continuariam lá fora.

— Todd! Deixe eu entrar!

— Você tem que ir embora — disse ele a Tammy.

— Não, até que eu consiga uma...

Isso mesmo! Uma faca! Na nona gaveta encontrou um tesouro de facas, grandes, pequenas, de tamanho médio. Sabendo que só tinha alguns segundos de sobra antes de Katya entrar, simplesmente pegou um punhado delas — cinco ou seis — e voltou para o corredor.

Ao chegar à porta, ouviu a voz de Katya do outro lado da cozinha.

— Você pensa que vai se salvar com essas facas?

Por cima do ombro, Tammy olhou para trás. Katya havia conseguido abrir a porta e, tendo empurrado Todd para um lado, erguia nesse momento as mãos no ar ao se aproximar, pronta para pegá-la pela garganta.

Todd correu e ficou entre as duas.

— Ei, espere um pouco — disse. — Vamos simplesmente nos acalmar. Ninguém vai machucar ninguém.

Pareceu que Katya o ouviu. A agitação dela diminuiu.

— Tudo bem — disse, pousando em Todd olhos bem abertos e sombrios. — O que é que você sugere?

Tammy não confiou absolutamente nessa pequena representação, mas ela lhe deu tempo para recuar até a porta. Ao chegar lá, uma das facas apressadamente recolhidas escorreu-lhe da mão. Curvou-se para apanhá-la e, na tentativa, soltou as outras. E soltou um palavrão quando elas se espalharam em todas as direções pelos mosaicos polidos.

— Apanhe as facas, Todd — ordenou Katya.

— Depois — respondeu Todd, o tom de voz ainda calmo.

Como resposta, ela esbofeteou-o, com força, de um lado a outro do rosto já machucado, tirando sangue.

— Eu quero que apanhe as facas.

Ele fitou-a durante um instante. Em seguida, com grande calma, segurou-lhe a mão e disse: — Não faça isso.

— Você quer bater em mim? — perguntou Katya. — Pois bata. Se é isso o que quer fazer, faça! Não, você não quer, quer? Você é uma merda de fracalhão. Todos vocês, homens. Uma merda de fracalhão!

Como se para provar isso, soltou-se da mão de Todd, empurrou-o e passou por ele, dirigindo-se em linha reta para Tammy.

Enfrentando a opção de esperar alguns segundos para ver se Todd viria em seu socorro ou fugir dali enquanto podia, Tammy pegou a primeira faca que encontrou, que nem era a maior nem a mais grossa das lâminas, e correu para a porta.

Katya veio atrás dela. Tammy tropeçou ao levantar-se e Katya teria provavelmente a agarrado se Todd não encontrasse coragem para agarrá-la por trás pela cintura e segurá-la.

— Muito bem! — gritou ele para Tammy. — Vá!

Tammy não precisou de um segundo convite. Correu para o corredor e bateu a porta às suas costas. Que tinha fechadura, mas não chave.

Pelo corredor, olhou para a porta dos fundos. Nela havia vidraça. O vidro não estava absolutamente limpo, mas dava para ver as formas dos espíritos, reunidos como uma matilha de cães famintos, ansiosos para entrar na casa. Ouviu-lhes murmúrio estranho, apático, as palavras como se tivessem sido usadas tantas vezes que haviam perdido toda a forma.

Será que eles sabiam, por alguma razão, que ela ia deixá-los entrar? Seria esse o motivo por que os murmúrios se tornaram um pouco mais urgentes quando abriu a porta e o brilho prateado de seus olhos se tornou mais vivo?

— Espere — disse Tammy. — Vou fazer isso. Mas vocês têm que esperar.

Ouviu barulho na cozinha às suas costas. Não havia dúvida de que Katya estava tentando convencer Todd a sair e ir agarrá-la — provavelmente, matá-la.

Não conseguiu entender as palavras e isso foi provavelmente o melhor que pôde acontecer. Não podia entrar em um pânico ainda maior do que já estava ou botaria tudo a perder.

Olhou por cima do ombro, a fim de verificar se Katya já não vinha pelo corredor, pôs-se de quatro no chão e examinou a soleira. A madeira, desgastada pelo tempo, já dava sinais de podridão. Passou a mão por toda a extensão da soleira, limpando a sujeira. Aquele lugar ali fedia vagamente a vômito, mas achou que era a podridão da madeira que estava sentindo. A intervalos de sete e dez centímetros ao longo do comprimento da soleira, viu peças metálicas, como pregos, com cabeças grandes e de configuração cuidadosamente trabalhada, pregadas ali a marteladas. Com a unha do indicador, escavou um pouco em volta delas. Parecia que estavam solidamente fincadas na madeira. Mas não teve dúvida de que estava no caminho certo ao mexer nessas coisas porque, logo que começou a fazer isso, o murmúrio dos espíritos tornou-se reverente de adoração.

Ergueu a vista para eles. A luz que emitiam havia se tornado mais forte.

Ou isso ou eles haviam estreitado os olhos. Sim, era isso, olhos apertados para ver melhor o que ela estava fazendo.

— É isso, não é?

Eles responderam da única maneira que podiam: tornaram-se inteiramente silenciosos. Aquele não era um procedimento que quisessem pôr em risco, mesmo com um único som.

Na soleira havia cinco ícones, o do centro um pouco maior do que os outros quatro, que formavam um círculo, com dois "ponteiros" de forma irregular dele saindo, nas posições de nove e sete horas no mostrador.

Tammy enfiou a faca no centro do símbolo.

— Okay — disse-lhe baixinho —, sair daí você vai.

A madeira estava tão carcomida pelos cupins que se desfez sob a ponta da faca. Ela cavou mais fundo, expondo partes do ícone ainda limpas, que emitiam uma sutil iridescência, como se feitas de madrepérola. Aumentando a confiança, continuou a escavar até arrancar toda a madeira em volta da coisa.

Em seguida, pôs a ponta da faca sob a borda do cravo e tentou tirá-lo com um efeito de alavanca. Com grande desapontamento seu, a coisa não se mexeu.

Nem um pouquinho.

— Merda — disse ela baixinho.

Trabalhou um pouco mais e, nesse momento, lembrou-se de um velho adágio da escola, que era mostrado aos alunos antes de cada exame: "Se não sabe como resolver a primeira questão, não perca tempo. Passe para a seguinte."

E foi o que fez. Passou para a esquerda e começou a furar a madeira em volta do item na extremidade mais distante da linha. No mínimo, a soleira ainda era mais

podre ali do que no centro, e a madeira saiu em grossas lascas.

Ouviu nesse instante mais berros na cozinha, mas ignorou-os e continuou a cavar. Lascas maiores voaram. Sentiu uma grande sensação de certeza.

Ia conseguir. Enfiou com força a faca embaixo do ícone. Houve um momento de resistência. Em seguida, a pressão do cabo da faca em algum nervo de sua mão provocou um espasmo de dor, que subiu pelo braço. Solto um uivo de dor. E, no mesmo momento, o ícone saltou da madeira, caindo em cima do mosaico no lado de fora.

O barulho na cozinha tornou-se subitamente bem específico. Ouviu Todd dizer: — Não faça isso!

Era uma voz que ela nunca ouvira, nem mesmo num filme. Havia medo na voz. Alguma coisa que Katya estava fazendo, ou ia fazer, havia lhe provocado medo. O que não era um pensamento muito confortador.

Sem perder tempo para olhar por cima do ombro, passou ao outro lado da soleira e começou a trabalhar nela. Embora já houvesse bastante luz entre as árvores, sentiu frio. E uma sensação de carne pegajosa descia por sua espinha.

E havia outra, de uma omoplata à outra, como se alguém tivesse pintado uma cruz em sua espinha. Os dentes chocalharam ligeiramente.

Mais uma vez, teve sorte. A madeira em volta do ícone saiu em três ou quatro grandes pedaços. Enfiou a faca tão fundo sob a peça quanto pôde e usou-a como alavanca. A coisa moveu-se no mesmo instante e também o mesmo espasmo subindo pelo braço. Não era um nervo que ela estava tocando, compreendeu. Mas um choque de energia emitida pela peça de metal ao ser arrancada dali. E doeu tanto, que deixou cair a faca por um momento.

Massageou a mão. Os dedos estavam ficando dormentes.

Olhou para as suas silenciosas testemunhas.

— Sim, eu sei — disse. — Depressa. Eu sei.

Pegou novamente a faca e passou-a à esquerda. Pedaços longos de madeira já haviam se desprendido da madeira naquela extremidade, de modo que parte do trabalho já estava feita. E nesse momento tinha aprendido uma técnica. Mexia com a ponta da faca perto do metal, procurando um ponto fraco, arrancava aí alguns pedaços da madeira e partia para o golpe final. O terceiro ícone foi o mais fácil de sair, exceto pela dor, excruciante, que subiu até a articulação do ombro e chegou ao pescoço. A mão estava perdendo a agilidade com a dormência. Ainda assim, só havia mais dois ícones para tirar. Certamente eles não estariam além de suas forças. Algum instinto levou-a de volta ao ícone do meio, pensando que, dessa vez, poderia ter sorte. Mas foi uma perda de tempo. A droga da coisa continuava tão imóvel quanto antes. Passou para a direita da peça central e cavou em volta do segundo do par restante. A madeira era tão vulnerável aí quanto no outro lado. Os

dedos dormentes, porém, não eram tão fortes nesse momento como há um minuto. Usou as duas mãos, mas não era tão jeitosa com a esquerda como com a direita e ela pouco ajudou para produzir o efeito de alavanca. Respirava curto e rápido, aumentando sua frustração.

Ergueu a vista para os espíritos, como se a urgência feroz de suas necessidades lhe emprestasse alguma força. Para surpresa sua, descobriu que um deles havia se aproximado e se agachado para examinar os ícones. Aparentemente, a peça não tinha mais poder, uma vez ter sido retirada da linha, tal como uma letra tirada de uma palavra de maldição, e fora tornada inofensiva.

O homem estava tão perto que poderia tê-lo tocado se levantasse a mão.

Bem baixinho, o morto falou:

— A puta está vindo — disse.

Tammy olhou por cima do ombro. Não havia ninguém no corredor, ainda, nem ouviu nenhum som vindo da cozinha. Ainda assim, não duvidou que fosse verdade o que o homem dissera.

Com um esforço de vontade, disse às mãos que segurassem a faca com mais força e elas aparentemente lhe fizeram a vontade, apenas um pouco.

Empurrou a lâmina com mais força na madeira e o ícone mudou de lugar.

Torceu a lâmina e sentiu o choque nesse momento conhecido que vinha do metal. Desta vez, com ambas as mãos. O ícone foi cuspidor pela madeira e caiu rodopiando sobre o mosaico.

Mas Tammy não tinha razão para comemorar. A mão estava nesse momento tão fraca, que a faca caiu no chão entre seus joelhos. Não tinha mais nenhuma sensação na mão direita, e a esquerda não ia ser de muito uso no ícone que restava. Ainda assim, que opção lhe restava? De qualquer maneira, pegou a faca com a mão esquerda e, usando o pulso dormente da mão direita, levou-a para o buraco que havia cavado em volta do ícone central. Talvez, se apenas mexesse ali por tempo suficiente com a ponta da faca, conseguisse localizar um ponto fraco. Inclinou-se para a frente para pôr na faca todo o peso do corpo.

— Vamos — murmurou para o ícone —, seu filho da puta... mova-se, pela mamãe.

Ouviu um som às suas costas. Um som baixo. Um gemido.

Olhou para trás, temendo o pior, e era o pior.

Todd girara a maçaneta da porta, vindo da cozinha, a mão apertando o baixo-ventre. Sangue escorria entre seus dedos e havia mais na calça, muito.

— Ela me esfaqueou — disse ele, em um tom quase de incredulidade. Manteve os olhos fixos em Tammy, como se não pudesse conseguir inspecionar o dano. — Oh, Jesus, ela me esfaqueou.

Inclinou-se para a frente e, por um momento, Tammy pensou que ele ia simplesmente cair. Mas ele estendeu a mão e segurou a beira de um dos quatro

nichos esculpidos nas paredes do corredor.

— Você tem que sair daqui — disse ele a Tammy.

Ela se levantou, pronta para ajudá-lo, mas ele a deteve com um gesto.

— Simplesmente, saia daqui! Antes que ela..

Chegue, era o que teria dito. Mas seria uma palavra puramente teórica e vã. Katya já estava ali, fazendo a volta no canto, a faca na mão, suja de sangue.

Todd virou-se para ela.

Ela vinha de seu jeito antigo, sem pressa, como se tivesse todo o tempo do mundo para projetar na tela o último carretel dessa tragédia.

Todd estendeu a mão para o nicho e encontrou ali um jarro antigo. Seu corpo bloqueava da vista de Katya do que estava pegando, mas, mesmo que ela tivesse visto o que ele pretendia fazer, continuaria a vir. Afinal de contas, trazia a faca. E, mais do que isso, tinha a certeza de que não havia lugar algum para onde Todd pudesse ir: nenhum lugar onde cair finalmente, exceto em seus braços e na faca. E era isso que o ritmo de seu avanço anunciava: que esperava que ele morresse em seus braços.

Todd pegou o jarro, girou-o no ar, atingiu o ombro de Katya, despedaçando-o, cacos de cerâmica chocando-se contra seu rosto.

O impacto foi suficiente para jogá-la para trás contra a parede e a faca caiu. O esforço, porém, esgotara grande parte das energias que ainda restavam a Todd. Deu passos vacilantes pelo corredor, os braços estendidos, e caiu contra a parede oposta.

Tinha o rosto lívido, os dentes rilhados... as pálpebras lentas por causa da dor.

— Deixe que eles entrem — murmurou para Tammy. — Pelo que é que está esperando? Deixe. Que. Eles. Entrem!

No outro lado do corredor, Tammy sentiu o peso dos olhos de Katya. Um caco de cerâmica havia lhe riscado a pele sobre um olho, e uma única gota de sangue escorria pelo rosto perfeito. Ela nem se deu o trabalho de enxugá-la.

Simplesmente se agachou e, com um ar indiferente, apanhou a faca.

A despeito do caos de seus pensamentos, a simetria de tudo isso não passou despercebida por Tammy. Duas mulheres, ambas armadas de faca. E morrendo entre elas o homem que ambas amaram ou imaginaram que amaram.

Como sua mãe sempre gostara de dizer, quando o assunto amor surgia numa conversa, como acontecia de vez em quando, tudo acaba em lágrimas.

Bem, tinha acabado. E havia mais ainda para vir. Muito mais.

Desvencilhou a vista, pegou a faca com a mão esquerda e guiou-a com a direita para a madeira já atacada em volta do ícone central.

Mais uma vez, inclinou o corpo com toda força para a frente. Torceu a

faca para a esquerda. Pequenas lascas se soltaram. Torceu outra vez, dessa vez para a direita, jamais tendo desejado tanto alguma coisa no mundo como aquele choque arrasador em seus ossos. Nesse momento, podia ver mais da profundidade do ícone, engastado na madeira. Ia muito mais fundo do que os outros, notou. E era por isso que se recusava a se mover. Ele não era apenas mais largo, mas também mais comprido.

Lançou um olhar para os espíritos. Eles nada perdiam do que acontecia no corredor. Olhos que pareciam frestas haviam se aproximado mais do umbral, desafiando as consequências.

Atrás dela, ouviu a voz de Todd:

— Tammy?

Ele estava escorregando pela parede, os olhos fixos nela. Katya, aparentemente, havia-o esfaqueado mais uma vez, mas se demorara a acabar com ele.

Nesse momento, deixava-o para trás, os olhos fixos em Tammy.

— Tudo acaba em lágrimas... — murmurou Tammy para si mesma e, mais uma vez, virou-se para atacar o ícone central.

Pela última vez, jogou todo seu peso sobre o ícone, usando a mão esquerda enfraquecida e a direita dormente para torcer a lâmina da faca na fenda ao lado da borda de metal.

Mais duas ou três lascas se soltaram.

— Vamos — implorou. — Por favor, Deus. Mova-se.

Nesse momento, Katya estava bem às suas costas. Sentiu-lhe a presença.

E, claro, ela era um alvo perfeito nesse instante, mas nada havia em todo o Inferno que ela pudesse fazer sobre isso, não se queria continuar a esforçar-se, a empurrar, mantendo a esperança de que a maldita coisa...

Moveu-se!

Olhou para o ícone e, sim, obrigado, Deus, a coisa tinha se soltado um pouco da madeira. Pouquíssimo, na verdade, mas movimento era movimento.

Torceu novamente a faca, usando a pouca força que ainda havia na mão esquerda. E, de repente, o ícone disparou o choque com tanta força que a jogou para trás, tanto que caiu em frente a Katya, depositando-a ali como se fosse um cordeiro sacrificial.

A dor nas mãos e braços era tão forte nesse momento que teve dificuldade em permanecer consciente.

A imagem de Katya cresceu à sua frente, a faca na mão. Manchas de escuridão invadiram-lhe os cantos dos olhos. Mas manteve a consciência por pura força de

vontade, resolvida a não ficar caída ali passivamente quando Katya se inclinasse para lhe cortar a garganta.

— Sua puta metida — disse Katya, erguendo a faca.

Agarrou os cabelos de Tammy e puxou-os para trás para expor a garganta.

Antes de poder aplicar o golpe, porém, outra coisa lhe chamou a atenção.

Aparentemente, não compreendera até esse momento que suas defesas haviam sido rompidas.

— Jesus Cristo — disse ela.

Fraca como estivesse, Tammy foi ainda capaz de sentir um pouco de satisfação quando viu o rosto de Katya mudar de intenção mortífera para confusão e, em seguida — com grande rapidez —, para medo.

— O que foi que você fez? — murmurou ela.

Tammy não tinha mais nem a energia nem a presença de espírito para uma resposta incisiva. Mas não precisava realmente disso. Os fatos falaria por si mesmos.

A porta estava aberta, e a soleira, desimpedida.

Após anos de frustração e exílio, os convidados há muito tempo abandonados de Katya estavam voltando para provar mais uma vez os mistérios da Terra do Demônio.

PARTE DEZ

E os mortos entraram



UM

No início, entraram quase em silêncio, cautelosos, como se mesmo nesse momento desconfiassem que Katya preparara alguma armadilha para quando eles estivessem dentro da casa. Mas, tão logo quatro ou cinco passaram em segurança sobre a soleira e se tornou óbvio que não havia armadilha nenhuma, o silêncio transformou-se em um alarido horrendo de triunfo e a cautela tornou-se uma feia inundação de espíritos desesperados, todos lutando para passar pela porta ao mesmo tempo.

Embora com a consciência ainda fraca, Tammy teve força suficiente para proteger o rosto dos pés dos mortos que entravam, assumindo uma posição semifetal para evitar o pior.

Era tão grande o número daqueles espíritos famintos, e tão estreita a porta por onde tentavam passar, que a impaciência deles logo chegou ao ponto de ignição. Discussões transformaram-se em ataques físicos, os mais fortes empurrando os mais fracos para que pudessem ser os primeiros a descer a escada, os primeiros a cruzar o portal que os levaria à Terra do Demônio. Embora com as mãos tapando o rosto, Tammy viu, através dos dedos, Katya ensaiar um protesto inútil contra a invasão. Gritou alguma coisa, mas sua voz se perdeu no alarido do triunfo e das discussões. Um momento depois, ela desapareceu também, quando a onda de exilados chocou-se com ela e a levou de cambulhada. Dessa vez, Tammy ouviu-a, embora não fosse uma palavra o que disse, mas o grito, um grito furioso.

Eles estavam em seu palácio dos sonhos...

Aquelas coisas, que outrora haviam sido seus amigos, seus belos amigos, as divindades viris e belas de uma Idade de Ouro perdida, reduzidas pela fome e o desespero à condição de frangalhos desprezíveis, manchados, inúteis de humanidade que, nesse momento, levavam-na para longe.

Os ruídos que eles faziam quando entravam — e entravam, entravam — eram alguns dos sons mais tristes que Tammy jamais ouviu.

Eram uivos de matadouros e gemidos de enfermarias de empestados, conversas e palavrões que pareciam mais o ruído que escapava de celas acolchoadas de hospitais psiquiátricos do que qualquer coisa que pudesse vir de um grupo de almas outrora sofisticadas.

No fim, contudo, diminuiu de volume e acabou o ruído dos chutes ao seu corpo, desferidos por pés que passavam.

A procissão dos mortos transpôs a soleira, seguiu pelo corredor e mergulhou nas profundezas da casa. Passaram talvez cinco minutos para que todos entrassem.

Nesse momento, nenhum sinal mais deles. O corredor estava deserto, exceto por ela e Todd.

Esperou outro minuto ou dois antes de reunir forças para desatar o nó de seus membros, rolar por si mesma e levantar-se. Deu graças, enquanto fazia isso, à sua mãe, logo a quem, que fora uma pessoa tão desagradável (especialmente quanto mais entrada em anos), mas que possuía a constituição de um cavalo, que herdara. A maioria das mulheres que conhecia não teria sobrevivido aos brutais ataques e violações físicas que haviam entremeado suas aventuras nos últimos dias. E graças à mãe continuava viva.

Fixou os olhos em Todd, que aparentemente também conseguiu sobreviver ao ataque de Katya e à maré montante das almas famintas.

Ele estava meio sentado, meio derreado contra a parede, mais longe do que antes no corredor, olhando para o nicho de onde tirara o jarro antigo. A respiração era entrecortada, mas pelo menos continuava vivo. Dali seria uma corrida rápida até o Hospital Cedars-Sinai, se pudesse arranjar ajuda para levá-lo até o carro.

Rastejou até o lugar onde ele se encontrava. Ele nada fazia para estancar o sangue (Katya o havia esfaqueado pelo menos duas vezes, possivelmente três. O sangue jorrava a cada pulsação). Pelo canto do olho, ele a viu chegar.

Com grande lentidão, virou a cabeça para ela.

— Você abriu a porta para eles — disse.

— Isso mesmo. Abri.

— Você... você tinha isso planejado o tempo todo?

— Na verdade, não. Foi ideia de Zeffer.

Todd soltou um longo e baixo gemido, ao compreender a perfeição de tudo aquilo. Zeffer, o primeiro exilado do palácio dos sonhos, o cão de estimação da deusa-puta, tornou-se finalmente a perdição dela. E Tammy, seu instrumento.

— De modo que vocês dois estiveram nisto juntos — disse.

— Eu lhe conto sobre isso mais tarde. Neste exato momento, quero tirar você daqui.

Ele conseguiu fazer um movimento fraco, muito fraco, com a cabeça.

— Eu não acho... que vá a lugar nenhum agora. Ela quis me matar. E eu estou com medo... que ela tenha conseguido. Ela sabia que, no fim, eu ficaria a seu lado. E isso significava que eu a traí.

— Você não...

— Traí, sim. Eu sabia que a última coisa que ela queria eram os espíritos dentro da casa. — Sacudiu a cabeça, enquanto as pálpebras caíam, fechando os olhos. — Mas eu tinha que fazer isso. Era a coisa certa a fazer. — Abriu novamente os olhos e olhou para o sangue que o cobria. — E que ela me matasse foi certo, também.

— Cristo, não...

— Tudo... terminou... como devia.

— Não diga isso — murmurou Tammy. — Não acabou ainda.

Com um esforço, pôs-se de joelhos, agarrou a beira de um dos nichos na parede e ficou de pé. A dormência das mãos estava passando. Nesse momento, elas apenas formigavam, como se tivesse dormido sobre elas.

Ouviu o som de passos no lado de fora, virou-se e viu Maxine subindo os degraus, vinda do jardim, em um estado de total desmazelo. Em qualquer outra circunstância, teria achado isso engraçado. As roupas de Maxine estavam rasgadas, o rosto arranhado e imundo. Nesse momento, porém, ela era simplesmente mais uma vítima: de Katya, da casa e do desfiladeiro.

— Meu Deus — disse ela, vendo Todd sentado ali, sangue empoçando-se no chão.

— O que, diabo, aconteceu?

— Katya..., — disse Tammy.

Essa era toda a explicação para a qual ainda tinha energia para dar.

Tendo cruzado a soleira, Maxine empurrou a porta e fechou-a, as mãos trêmulas.

— Há coisas lá fora...

— Eu sei.

— Elas mataram Sawyer.

Por um momento, pareceu que ia sucumbir às lágrimas, mas lutou contra elas e veio pelo corredor, a expressão de seu rosto mudando de lágrimas iminentes para choque.

— Espere... — disse. — Esse aí é Todd?

Estaria ele tão irreconhecível assim?, pensou Tammy. Parecia que sim.

Nas horas transcorridas desde que o vira pela última vez, Todd havia levado uma tremenda surra. Aplicada pelo mar, por Eppstadt, por Katya. Nesse momento, parecia um boxeador depois de 20 assaltos com um adversário com duas vezes a sua força: ambos os olhos inchados, lábio inferior inflamado e protuberante, o rosto todo uma massa de cores variadas, ferimentos velhos e novos, tudo isso emporcalhado por lama seca.

Fitando-o mais uma vez, com os olhos atônitos de Maxine, Tammy reconheceu que poderia ter mostrado esse pobre e arruinado rosto a milhares de membros do Clube de Admiradoras de Todd Pickett e que nenhuma delas teria sabido para quem estavam olhando, e que isso provavelmente a incluiria também. Como todos eles haviam caído, os deuses e suas admiradoras!

— Temos que chamar uma ambulância — disse Maxine. Abaixou-se para falar com Todd. — Vamos chamar uma ambulância.

— Não — disse ele debilmente, erguendo a mão. — Fique comigo.

Maxine olhou para Tammy, que inclinou de leve a cabeça em sua direção.

Maxine tomou a mão de Todd.

— O que foi que aconteceu com Eppstadt? — perguntou ela.

— Na última vez em que o vi, ele estava no Inferno — respondeu Tammy.

Havia alguma coisa bastante agradável em poder dizer isso, mesmo que ela não soubesse realmente o que todos eles tinham vivido atrás daquela porta nas profundezas da casa. O que quer que fosse foi real. Os seios ainda formigavam com os movimentos de sucção do menino-bode.

— E a mulher? Katya?

— Não sei para onde ela foi. Mas, se tomar conta de Todd, eu gostaria de descobrir.

Todd deu uma resposta estropiada a essa sugestão:

— Tenha... cuidado.

Ao falar, levantou a mão livre na direção de Tammy. Era impossível interpretar-lhe a expressão do rosto, mas o fato de temer por ela falava volumes.

E ela, por seu lado, estava com medo, medo de que, se não encontrasse uma desculpa para sair dali nesse momento, teria que ficar ali e vê-lo morrer.

Apertou-lhe os dedos e ele retribuiu a pressão.

— É bom fazer isso — disse ele. — É melhor ir ver. Aquela puta.

Tammy inclinou a cabeça e dirigiu-se para o corredor. Enquanto andava, ouviu Maxine discando 911 no telefone celular, que aparentemente havia sobrevivido aos traumas da jornada pela selva atrás da casa.

Um barulho alto e contínuo subia do centro da casa. Parecia que um furacão estava soprando ali embaixo, passando de um cômodo a outro e tornando-se mais forte à medida que sua frustração aumentava.

Tammy foi até o alto do poço da escada e ficou ali durante alguns momentos, deixando que as lágrimas finalmente corressem. Por que não?

Que louco não choraria, quando tivesse desvirado a pedra que cobria o mundo e visto o que havia ali embaixo, rastejando por toda parte: os mortos, os quase mortos e o sofrimento de cada maldita coisa.

Não era apenas por Todd que chorava. Chorava, era o que lhe parecia, por todas as pessoas que jamais conhecera, por Arnie, pelo amor de Deus, que lhe contara certa noite que seu avô, Otis, quando enchia a cara de bebida, queimava com cigarro as articulações dos dedos do Arnie de oito anos "para se divertir" e Arnie dizendo que era bom não terem filhos, porque tinha medo de terminar fazendo a mesma coisa.

Pelos mortos que haviam esperado por tanto tempo do lado de fora desse asilo de loucos, aguardando a oportunidade para cruzar aquela soleira e, nesse momento em que estavam ali, nenhuma felicidade encontravam, porque o que vieram procurar não existia mais. Eram eles que faziam esse barulho, sabia, deles a fúria, andando em círculos, a frustração aumentando a cada volta.

Por Todd e por todas as pessoas imperfeitas que o haviam amado porque pensavam que ele era feito de um estofó mais puro. Por todas as fãs que, através dela, lhe haviam enviado mensagens, implorando-lhe que respondesse com um bilhete, atendesse o telefone, dissesse que sabia que elas existiam.

Ela mesma, em um tempo muito remoto, foi uma dessas pessoas.

De certa maneira, foi a pior de todas, na verdade, porque embora tivesse vindo quase a compreender os costumes dessa cidade grotesca e soubesse que era uma cloaca de fraudes e estupidez, em vez de virar as costas a tudo aquilo, tornou-se um arauto da Grande Mentira. Fez isso em parte porque, dessa maneira, sentia-se importante. Mas, principalmente, porque queria que Todd fosse o artigo autêntico, o sonho transformado em realidade, vivo no mesmo mundo imperfeito em que ela vivia, mas melhor do que o mundo sujo e decepcionante. E, tendo resolvido acreditar, teve que continuar a fazer isso porque, uma vez caísse ele de graça, nenhuma outra coisa sobrava em que acreditar.

Tudo termina em lágrimas, como costumava dizer sua mãe. E ela, Tammy, tinha-a desprezado por sua falta de fé no mundo, por sua cínica certeza de que tudo iria trazer sofrimento. Mas, no fim, a mãe teve razão. Ali estava ela nas ruínas, que ainda se partiam, daquela terrível verdade, lágrimas no rosto, derramadas por praticamente tudo que jamais conhecera.

Enxugou o rosto e olhou pelo poço da escada. Na última vez em que fez isso, viu Jerry estirado lá embaixo, outra das vítimas de Katya. Mas ele não estava mais ali. Não queria chamá-lo. Se fizesse isso, arriscava-se a chamar a atenção de Katya, se ela estivesse por ali. E já tivera o suficiente dela para lhe durar por várias vidas.

A meio caminho escada abaixo, sentiu uma lufada de ar frio subindo de baixo e, um instante depois, uma inundação de formas que vinham pelo corredor que levava à Terra do Demônio. Os famintos de prazer — ou pelo menos alguns deles — voltavam pelo mesmo caminho por onde haviam seguido.

Soltou o corrimão e colou-se à parede enquanto uma dúzia dos espíritos subia furiosamente a escada.

— ... Acabou... — ouviu um deles dizer, numa voz que era um triste uivo —... acabou...

Mais almas perdidas emergiam nesse momento da Terra do Demônio, todas elas em um estado semelhante de fúria. Uma delas começou a cavar, com as mãos nuas, o chão ao pé da escada, atacando as tábuas com tal violência que elas estalavam. Em seguida, arrancou-as, obviamente procurando algo já perdido.

Tammy permaneceu grudada à parede e, nessa posição, deslizou para o fundo da escada à procura de Jerry. O corpo de Zeffer tinha sido empurrado para um lado pela passagem dos espíritos e o viu de bruços no canto do poço da escada. Olhando na direção oposta, notou que a porta que dava para a Terra do Demônio abria e

fechava por si mesma, batendo com tal força que o portal se rachara. O mesmo tinha acontecido com o reboco em cima. A lâmpada tinha caído do encaixe e pendia solta, juntamente com uma nuvem de reboco, de um único fio, que traçava um número oito no ar.

Não teria sido sua primeira preferência aventurar-se mais perto da porta ruidosa do que já estava, mas, desde que deixara Maxine para cuidar de Todd, sabia que lhe cabia proteger Jerry.

Tinha esperança de que os espíritos não a machucassem, enquanto não os atrapalhasse. Ela nada havia feito para prejudicá-los. No mínimo, devia ser a heroína deles. Mas não tinha certeza de que, no estado de frustração em que se encontravam, eles soubessem a diferença entre os que estavam e não estavam do lado deles. Eles queriam simplesmente saber para onde tinha ido o longo e esperado paraíso. Aparentemente, alguns estavam convencidos de que tinha sido removido de lá e levado para outra parte da casa, com o propósito de enganá-los, e daí essa destruição alucinada do piso, a derrubada de paredes. A Terra do Demônio estava ali, em algum lugar, e eles iam estripar a casa até encontrá-la.

Dois dos alucinados saíram da sala, os rostos transformados em máscaras indistintas de fúria, e passaram correndo por ela na escada. Esperou que desaparecessem e foi em seguida até a porta. Com a luz balançando-se loucamente no alto, o corredor parecia um passeio por asilo de loucos. Fechou os olhos para conseguir um muito necessário momento de silêncio, abriu-os em seguida e, sem esperar que a porta acabasse com aquelas batidas lunáticas, empurrou-a e entrou no que antes era chamado de Terra do Demônio.

No curso do trabalho profissional juntos, Maxine teve ocasiões de mentir várias vezes para Todd, mas nunca mentiu mais descaradamente do que quando lhe disse — naquele dia em que anunciou que não trabalharia mais para ele —, que havia mais pessoas iguais a ele em todos os aviões que chegavam.

A imagem de hordas de Todd Picketts potenciais, simplesmente esperando para serem escolhidos entre os sonhadores que chegavam de avião a LAX durante todas as horas do dia, tinha sido um absurdo cruel.

Certamente, em todos esses grupos havia caras bonitões, às vezes exemplares maravilhosos. E, ocasionalmente — embora, em casos muito raros —, um deles tinha algum talento inato. Mas pouquíssimos que chegavam à Cidade das Ilusões, na esperança de virar astro, tinham aquilo que o jovem Todd possuía: o tipo de encanto natural pelo qual uma geração inteira, de homens e mulheres, se apaixonaria. Ele havia sido a mais rara das coisas: um objeto universal de desejo.

Claro, não era preciso muito para manchar tal pureza. Todd, porém, teve sorte. Embora, na vida privada, tivesse se mostrado amargo, invejoso e desdenhoso, ela,

Maxine, manteve tudo isso longe dos olhos das fãs. A imagem de Todd permaneceu quase perfeita. Seu único inimigo era o tempo.

E mesmo isso, no fim, não teria sido importante, se houvesse permitido, sem se sentir envergonhado, que os anos cobrassem seu tributo. Vejam o caso de Paul Newman, praticamente santificado aos 70 anos de idade. O mesmo teria acontecido com Todd. As pessoas tê-lo-iam amado enquanto envelhecia, da mesma maneira que amavam certas canções: porque ele era parte de quem eles eram.

Ela lhe poderia ter dito tudo isso na praia, se estivesse preparada para humilhar-se o bastante. Suas palavras poderiam mesmo tê-lo convencido a não entrar no mar com aquela Katya e vejam só quantos sofrimentos teriam sido evitados.

Mas, em vez disso, foi estúpida e deixou a mentira de pé. E nesse momento estavam ali os dois, no fim de tudo aquilo e que resultado lhes trouxe aquela guerra mesquinha? Bem, um bocado de coisas que preferia nunca ter vivido. Ficar lá fora no pátio com os espíritos. Uma delas tinha sido quase mais do que sua sanidade mental podia suportar. Ver Sawyer ser esquartejado daquela maneira era um horror que nunca mais lhe sairia da memória. E em seguida abrir caminho pelas moitas baixas, enquanto alguns dos mutiladores do amigo a seguiam, farejando-a como se fossem cães e ela a cadela no cio. Não havia palavras para descrever esse horror.

E, finalmente, aquilo. Entrar na casa e encontrar Todd praticamente morto, o rosto coberto de ferimentos, o corpo todo cortado. A ambulância estava a caminho, mas, mesmo que o desfiladeiro fosse fácil de localizar, o que, claro, não acontecia, não tinha muita esperança de que chegasse a tempo de salvá-lo.

Ele emitiu um som, as pálpebras tremendo.

— Você pode me ouvir, Todd? Uma ambulância está vindo para cá.

Por um momento, ele abriu um pouco mais os olhos e pareceu estar fazendo um esforço para concentrar-se no rosto à sua frente.

— Sou eu, Maxine— disse ela. — Lembra-se de mim?

Mas não viu reconhecimento naqueles olhos. A respiração dele, que vinha se tornando cada vez mais rasa, era nesse momento tão fraca que ela mal pôde ver-lhe o peito subir e descer.

Baixou a cabeça e lhe falou suavemente ao ouvido, como se estivesse se dirigindo a uma criança:

— Por favor, não vá embora — disse. — Você é forte. Você não tem que morrer aqui, se não quiser.

Ele abriu um pouco a boca. A respiração tinha um cheiro metálico, como se tivesse engolido um bocado de velhas moedas. Pensou que ele queria lhe dizer alguma coisa e aproximou a orelha da boca do ferido. A boca de Todd continuou a mover-se, mas dela não saiu nenhum som, exceto os ruídos molhados da garganta e do movimento da língua. Ficou inclinada para ele durante talvez meio minuto,

esperando ouvir alguma coisa. Essa postura, no entanto, estava lhe provocando dores na coluna e voltou a sentar-se.

Nos quinze segundos que precisou para se erguer da posição inclinada e sentar-se ereta, morreu o homem de quem cuidava.

Mas só quando voltou a lhe falar — repetindo simplesmente o nome dele, na esperança de, talvez, provocar alguma resposta — é que se deu conta de que os sinais de vida o haviam deixado.

Com grande ternura, levou as mãos ao rosto arruinado de Todd. Muitas vezes nesses anos todos, entrara em cenários e descobrira que os maquiadores haviam criado inchações e ferimentos nele que pareciam grotescamente reais. Mas sempre foram "ferimentos de filmes". Por mais sangrentos que fossem — e por mais que tivesse supostamente sofrido — eles jamais eram desfigurantes. O Todd Pickett que as plateias vinham ver, com aqueles olhos azuis-esverdeados, cabelos pretos e lustrosos, a simetria perfeita — o sorriso — nada disso era jamais estragado.

Mas isso, aquele homem morto no chão, era inteiramente diferente.

Logo que lhe fechou os olhos, nada mais era visível do Todd Pickett que o mundo havia amado.

Com alguma dificuldade, levantou-se. Não se sentiu bem em deixar o corpo de Todd estirado ali no corredor, de uma maneira tão prosaica, mas não sabia o que mais poderia fazer. Precisava encontrar Tammy, Jerry e uma vodca, não necessariamente nessa ordem. Afinal de contas, pensou, olhando para o cadáver, que diabo de importância ele daria à maneira como jazia ali? Ele estava morto, ocupado em alguma coisa melhor do que o resto dos espíritos que continuavam nessa casa maldita.

O fato de pensar neles — no fato inegável que eles existiam, que comprovara minutos antes — fez seu coração bater mais apressado. Se os mortos continuavam a viver depois de mortos, significaria isso que o espírito de Todd estava em algum lugar nas vizinhanças, pairando de um lado para o outro enquanto decidia para onde ir?

Sentiu-se corando de embaraço, perguntando o que havia feito nos poucos minutos desde a morte que ele pudesse ter presenciado. Disse alguma coisa asnática ou soltou um pum em seu nervosismo?

Sentindo-se um pouco tola, mas sabendo que não poderia dar outro passo sem falar, disse:

— Todd? Você está aqui?

E esperou, olhando em volta.

Uma mosca entrou zumbindo, vinda do pátio, pela porta ainda aberta e pousou na poça de sangue entre as pernas de Todd, onde começou a tomar gostosamente aquela sopa.

Inclinou-se e enxotou-a. A mosca subiu meio tonta no ar, como se estupefata com a pura escala do banquete ali embaixo. Maxine atacou-a com as costas da mão e, para surpresa sua, acertou. A mosca caiu de costas, em um zumbido súbito de pânico, enquanto derrapava no ladrilho ao lado do corpo de Todd.

Se fosse uma pensadora mais profunda, Maxine teria talvez hesitado em matar aquela coisa. Em sua vida, porém, nunca houve espaço para metafísica e, embora pudesse ter ouvido em alguma conversa que, em certas culturas, uma mosca que pousa em um cadáver deve ser tratada com reverência, dada a possibilidade de levar a alma do defunto, essas possibilidades eram remotas demais para sua maneira de pensar.

Sem um momento de hesitação, pisou na mosca virada de barriga para cima e voltou à cozinha.



DOIS

A sala ladrilhada parecia enevoada no momento em que Tammy entrou.

Embora as paredes fossem nesse momento bastante sólidas — podia ver a argamassa fina entre os ladrilhos e rachaduras que neles havia — um nevoeiro espesso, frio, tornava penoso respirar fundo e ainda mais difícil ver a qualquer grande distância.

O ar tinha um cheiro rançoso, como de mofo muito forte. Aparentemente, uma das ilusões que a sala havia sido capaz de criar era a de cheiro.

Descobriu a fragrância de plantas verdes quando ali entrou pela última vez, o cheiro de chuva nas folhas e na terra úmida, o cheiro acre de esterco de cavalo deixado pelas montarias do Duque. Mas, aparentemente, tudo isso tinha escondido o cheiro real do lugar, que era essa fedentina de fungo.

Andou com cuidado, com medo de chocar-se inesperadamente com alguém no nevoeiro e sem tempo para recuar. De vez em quando, ouvia o som dos espíritos. Seus uivos e queixas vibravam no ar, tornado mais denso pelo nevoeiro, o que dificultava julgar bem as distâncias. Por razões de segurança e como ponto de referência, manteve à vista uma das paredes da esquerda.

A sala nesse momento era apenas uma sombra de sua antiga magia de enganar os incautos. A paisagem que antes parecera tão real tinha sido reduzida a esboços. E nem estes estavam completos. Em alguns lugares haviam se deteriorado, a ponto de se tornarem quase desenhos abstratos; em outros, tinham desaparecido por completo. Em alguns, porém, grandes extensões de trabalho de pintura continuavam intactas, locais em que podia distinguir toda a estrutura visual de um quadro. Em um local, viu tufo de grama e pequenas flores brancas que, espalhando-se do pé da parede para o chão, criavam a ilusão de que o visitante estava pisando em terra fértil. Em outro, viu rochas e calhaus espalhados ao acaso, alguns rachados por moitas ambiciosas que se haviam alojado, como sementes, em suas fendas. E, mais distante, podia ainda ver aqui e ali pequenos bosques e florestas, estradas e rios, pelas quais haviam passado convincentes sombras de nuvens e onde animais haviam caçado e homens vivido e morrido.

As nuances de todos esses fragmentos da Terra do Demônio haviam desbotado, dispensa dizer, queimadas pelo sol nesse momento descoberto.

Toda a riqueza da execução da obra, todos os detalhes da habilidade dos pintores haviam desaparecido. O que restava era quase tão simples quanto esboços em um caderno de colorir de criança.

De vez em quando, continuando a andar, o nevoeiro se esgarçava um pouco e tinha vislumbres do teto. Que se encontrava em um estado muito parecido com o das paredes e piso. Os esboços das formações de nuvens continuavam visíveis, mas, sem o trabalho de pincel e cor para lhes emprestar vida, pareciam ainda mais abstratos do que a paisagem, apenas formas sem sentido.

Só o sol, cujo aparecimento iniciou o processo de destruição, conservava alguns aspectos com aparência de vida. A luminosidade que projetava, no entanto, era doentia, como se estivesse queimando com brilho demais para poder permanecer nas alturas e aceso por tanto tempo e que estivesse prestes a ser consumido por sua própria febre.

Ainda assim, ela continuou a andar, com a parede à esquerda, certa de que logo chegaria ao lado oposto da sala. A caminhada, no entanto, continuou, interminável, para sua grande surpresa. A sala devia ter sido enorme, como se gabara Zeffer. Lembrou-se do orgulho no rosto dele, quando descrevia a maneira como a haviam construído, como os ladrilhos tinham sido numerados para poderem ser postos na mesma ordem em que os encontrara.

Só nesse momento, removidas as ilusões, compreendeu melhor a razão daquele orgulho. A façanha fora grandiosa. Lunática, mas grandiosa.

Finalmente, a parede virou uma esquina, afastando-se dela, o que foi uma surpresa. E começou a se perguntar se aquela busca não seria um ato temerário. Por quanta distância mais deveria explorar, tocando a parede por questão de segurança, mas se afastando cada vez mais da porta? Deveria arriscar-se e entrar no nevoeiro escuro e informe, na esperança de que seu senso de direção a levasse de volta ao lugar de onde havia começado? Não, isso não seria sensato. Resolveu-se pela opção mais conservadora. Simplesmente girou sobre si mesma, colocando à direita a parede que estivera à esquerda, e voltou por onde viera. Sua única concessão a risco foi afastar-se seis ou sete metros da parede, o que a colocava no limite da visão, dada a densidade do nevoeiro. Dessa maneira, continuou a refazer às apalpadelas o caminho por onde viera.

A volta à porta, porém, não foi uma caminhada sem acidentes, como a ida. Deu talvez cinco passos do local de onde resolvera voltar quando ouviu o clamor alto dos espíritos, e um grupo deles — colados uns aos outros em seu sofrimento, ao que parecia, e transformados em um único ser furioso — apareceu no nevoeiro. Os rostos eram amargos: bocas de cantos para baixo e frios olhos azuis abrasadores de peixe de mar alto.

Embora não tivesse ficado apavorada com eles na soleira da porta, isso aconteceu naquele momento. Não porque eles a viam, reconheceriam e a culpariam pela falta do consolo pelo qual haviam esperado, mas porque no momentum em que vinham poderiam levá-la com eles. Instintivamente, deixou-se cair no chão quando

eles se aproximaram e passaram por ela, lamentando-se e soltando imprecações. Ouviu estalos quando eles passaram e, quando desapareceram, notou que os ladrilhos por onde haviam passado estavam despedaçados.

Continuou colada ao chão, enquanto o nevoeiro rolava à sua volta, temerosa de que eles voltassem.

Não voltaram, graças a Deus, mas ficou claro que aquele lugar não era seguro. Ouviu outros bandos de espíritos vagueando pelo nevoeiro, em um alarido apavorante. O nevoeiro, supôs Tammy, havia lhes retardado a compreensão de que aquele lugar era uma sombra do que fora. Esse era o motivo por que alguns continuavam a busca, na esperança de que o poder com que haviam se alimentado nos velhos dias ainda estivesse ali, em algum lugar. Claro que não estava e, aos poucos, a notícia amarga se espalhou, até que cada grupo que ali dava busca compreendeu a calamitosa verdade. E, quando compreenderam, enlouqueceram.

— Tammy?

Ergueu a vista. Perto do chão, o nevoeiro tornou-se um pouco mais delgado e podia ver duas vezes mais longe do que quando de pé. E ali, no limite da visão, estirado no chão como ela (e provavelmente pela mesma razão), Jerry Brahms.

— Oh, graças a Deus...

Viu uma mancha escura no rosto dele, que pensou ser sangue. Fora isso, ele parecia estar bem. Jerry rastejou de barriga em sua direção, como um soldado sob fogo. Ao aproximar-se mais, descobriu que a mancha era realmente sangue e, sua origem, o pedaço de pele que Katya havia arrancado de seu couro cabeludo. Ao chegar mais perto, ele lhe tomou a mão.

— Minha querida, graças a Deus você ainda está viva. Eu estava com medo do pior. Estava, mesmo. Alguém deixou que os espíritos entrassem.

— Fui eu.

— Em nome de Deus, por quê?

— Porque Todd quis que eu fizesse isso — respondeu Tammy.

Não era toda verdade, claro, mas bastava por ora.

— Onde está ele?

Tammy desviou a vista, apenas por um momento. Era tudo que precisava fazer.

— Oh, Deus, não. Não meu Todd.

— Ela esfaqueou-o...

— Katya esfaqueou-o? Por quê?

— É complicado demais...

— Mais tarde, então. Onde é que ela está agora?

— Acho que aqui, em algum lugar.

— Foi por isso que você desceu?

— Por que, pensa você? Para encontrar você.

— Oh, minha doçura... — e apertou-lhe com mais força a mão.

— Agora, por favor, podemos ir embora daqui? — perguntou Tammy.

— Você sabe o caminho para a porta?

Tammy olhou por cima do ombro. A parede de onde se afastara continuava visível.

— Sei. Acho que sei. De volta para a parede. Vire-se para a direita.

Depois, vamos segui-la até chegar à porta.

— Muito organizada.

— Tenho esperança de estar certa — retrucou Tammy.

Começou a levantar-se. Jerry tentou convencê-la a permanecer rente ao chão.

— Eu sou gorda demais para rastejar assim — respondeu ela.

Jerry inclinou a cabeça, concordando.

— E quer saber de uma coisa? Eu sou velho demais — disse ele. — Se ela nos vir, se ela nos vir... Sim?

Levantou-se com dificuldade e juntos voltaram à segurança relativa da parede. Ouviram ruídos vindos de todas as direções. Alguns eram gritos, nesse momento bem conhecidos, de espíritos frustrados, mas havia outros nesse momento, de destruição crescente. Os famintos estavam descarregando a fúria destruindo a sala. Tammy ouviu-os atacando as paredes, derrubando fileiras de ladrilhos. E após o ruído agudo de ladrilhos que se quebravam veio o som mais profundo de vigas de madeira sendo esmagadas, madeira arrancada de madeira, com o grito estridente de pregos arrancados.

Tammy e Jerry permaneceram juntos da parede. O ar, porém, estava se enchendo rapidamente de partículas de terra, o que sugeria que a destruição chegava mais perto deles. Era impossível saber de que direção, talvez de todas.

— Posso? — disse Tammy, pondo a mão na de Jerry.

— Você é minha convidada.

A porta estava à vista nesse momento e, embora o barulho fosse repugnante, Tammy ousou pensar que eles talvez pudessem sair vivos dali, com um pouco de sorte.

Mas logo que o pensamento lhe cruzou a mente, houve uma grande perturbação no nevoeiro próximo a eles — uma perturbação tão grande que o nevoeiro realmente se separou como se fosse um par de cortinas.

Tammy puxou Jerry para trás por uns dois ou três passos, não mais.

Nesse momento, os espíritos saíam de nevoeiro escancarado e se lançavam contra a parede em volta da porta. Atacaram-na com tal força — e a parede em volta dela — que parte do teto despencou. Pedacos de ladrilhos despedaçados, madeira lascada e reboco voaram em todas as direções. Tammy e Jerry giraram sobre si mesmos e cobriram o rosto. Uma barragem de cacos caiu sobre suas costas.

Quando passou o barulho da destruição e Tammy olhou para trás, uma névoa de reboco havia substituído o nevoeiro. Inalou-a e ela ficou pregada na garganta, transformando-a numa ruína que tossia e lacrimejava. Jerry ficou no mesmo ou em pior estado.

Tammy cuspiu uma boca cheia de fuligem branca e limpou os olhos com as costas da mão. O que não foi a coisa mais inteligente a fazer. Sentiu partículas de reboco arranhar o espaço entre a íris e as pálpebras e houve uma nova inundação de lágrimas. Enquanto as enxugava, Jerry segurou-lhe o braço, com tanta força que ela deixou de tossir e começou a piscar forte para expulsar as lágrimas. Em seguida, olhou em volta.

Os espíritos que haviam demolido a parede estavam atacando a subestrutura da sala, nesse momento exposta, reduzindo-a a lascas. Mas não era para a cena de destruição que Jerry olhava. Fitava nesse momento alguma coisa à frente, na direção do centro da sala.

— Ela sempre soube como fazer uma grande entrada — disse ele baixinho.

Tammy seguiu-lhe o olhar.

As cortinas do nevoeiro começavam a fechar-se lentamente.

Aproximando-se delas, como uma diva preparando-se para ocupar o centro do palco e armada para a cena final com a faca que usara para esfaquear Todd, Katya Lupi.



TRÊS

— Olá, Tammy — disse ela. — Acho que pensou que ia sair viva daqui. Bem, você não vai. Sinto muito desapontá-la.

— Já basta, Katya — disse Jerry, fazendo o melhor que podia para parecer que estava no comando da situação.

— Oh, não, você me conhece melhor do que isso, Jerry — respondeu Katya. — O bastante nunca é suficiente para mim. — Olhou para Tammy. — Jerry lhe contou que fui eu que tirei a virgindade dele. Não? Não contou. Pois fui eu. Ele era um coitadinho de uns 13 anos de idade, com um pau desse tamaninho. — Mostrou o dedo mínimo. — Estou exagerando, Jerry?

Jerry permaneceu calado. Ela continuou, o tom tornando-se mais sombrio:

— Depois de tudo que fiz por você, e você doido para rastejar para longe, pronto para me deixar sozinha. Isso é tudo que os homens sempre fazem, não? Afastam-se de mansinho.

— Não Todd — protestou Tammy. — Todd queria confiar em você.

— Cale a boca. Você de maneira nenhuma pode compreender o que havia entre nós. — Apontou a faca ensanguentada para Jerry. — Mas, você... Você compreendeu. Você sabia como fui abandonada no passado.

Essa era a grande cena, pensou Tammy. Quanto a isso, nenhuma dúvida. E ela estava dando à mesma seu desempenho máximo, como se, finalmente, pudesse ser absolvida de tudo que fez em nome da feminilidade abandonada.

— Você é digna de pena! — exclamou Tammy. — Por que não faz alguma coisa útil com essa faca e corta suas merdas de punhos?

— Oh, não. Este não é o fim para mim — respondeu calmamente Katya. — Este é o fim para ele. E para você... — Apontou a faca na direção geral de Tammy. — As vidas miseráveis de vocês acabaram de vez. Mas não eu. Eu sempre fui uma camaleoa. Não fui, Jerry? De um filme a outro, eu

não mudava? — Ele continuou calado, mas ela insistiu, como se quisesse simplesmente uma confirmação da verdade. — Bem, eu não mudava? — repetiu.

— No mínimo, reconheça isso.

— Mudava... — respondeu ele, como se para fazê-la calar.

— De modo que vou mudar novamente. Vou sair para o mundo e serei uma pessoa nova. Há ainda uma vida nova e inteira, ainda esperando para ser vivida.

— Não há disso nenhuma esperança, nem no Inferno — disse Tammy.

— O quê?

— Deixe as coisas como estão, Tammy — pediu Jerry.

— Por quê? Ela pode parecer um milhão de dólares, mas é simplesmente uma fatia do mesmo presunto mofado que sempre foi. Quer saber de uma coisa? Eu adoro filmes. Até os do cinema mudo. Tal como o Broken Blossoms. Adoro Broken Blossoms. Ele ainda me faz chorar. Há neles um pouco de coração. Alguma coisa real. Mas os seus filmecos... classe B? — Soltou uma risada, sacudindo a cabeça. — Eles estão mortos. Entenda, o paradoxo é o seguinte. Mary Pickford morreu, e também Fairbanks e Barrymore. Todos eles morreram. Mas eles continuam a viver porque fizeram pessoas rir e chorar. E você? Você está viva e a merda que fez não vale droga nenhuma.

— Isso não é verdade — reagiu Katya. — Jerry, diga a ela.

— Isso mesmo, Jerry — continuou tranquilamente Tammy. — Diga a ela.

— A verdade é que você não é tão lembrada como eu posso ter...

— Vamos acabar com as mentiras — interrompeu-o sombriamente Tammy. Olhou para Katya. — Ninguém sabe quem merda você é.

Katya olhou para Tammy durante um momento e, em seguida, de volta para Jerry, que sacudiu a cabeça.

— Se ainda se lembrassem — prosseguiu Tammy —, você não acha que alguém a teria reconhecido quando foi à festa buscar Todd?

Katya olhou para o chão rachado. Estava absolutamente imóvel, exceto pela mão direita, que parecia sopesar preguiçosamente a faca. Quando ergueu novamente a vista, tinha nos lábios um sorriso radiante.

— Tudo bem. Basta de recriminações. Dissemos nossas palavras duras. Agora, temos que começar a perdoar.

Tammy fitou-a, incrédula. Quantas caras tinha essa mulher?

— Não vai haver perdão aqui — disse ela.

— Quer calar essa boca? — cortou-a violentamente Katya, passando ao mesmo tempo a mão pela testa.

O sorriso desapareceu por um momento e foi substituído por uma vacuidade pavorosa, como se as máscaras, por mais numerosas que fossem, nada escondessem, absolutamente.

Mas voltou a afivelar o sorriso nos lábios, como que experimentalmente, e olhou para Jerry.

— Preciso de sua ajuda — disse. — De sua ajuda e de seu perdão. Por favor. — Abriu os braços. — Jerry. Em nome dos velhos tempos. Eu lhe dei uma vida, não dei? Estar aqui em cima comigo não era algo por que viver?

Jerry demorou muito a responder. Mas, finalmente, disse:

— Você cheira à morte, Katya.

— Por favor, Jerry. Não seja cruel. Isso mesmo, magoei muita gente. Reconheço isso. Ninguém lamenta mais essa necessidade do que eu. Mas, desde o começo eu

estava numa armadilha. O que era que eu podia fazer? Foi Zeffer quem trouxe a Caçada para esta casa, não eu. Eu nada sabia sobre ela. Como é que eu posso ser culpada por isso?

— Eu acho que eles a culpam — retrucou Jerry, indicando com a cabeça um lugar atrás de Katya, o nevoeiro nesse momento imóvel ou, melhor, aquilo que ele escondia.

Em algum momento durante a conversa, os esfomeados haviam interrompido o trabalho de demolição, a fúria momentaneamente suspensa, enquanto ouviam a defesa que Katya fazia de si mesma. Muitos deles haviam estado fisicamente interligados antes, mas, nesse momento, separados e amortalhados pelo nevoeiro, escutavam aquela mulher representar seus papéis.

— Eles foram seus convidados — lembrou Jerry. — Alguns deles foram grandes astros.

— Se foram, por que se viciaram tão facilmente?

— O mesmo aconteceu com você — lembrou-lhe Jerry.

— Mas a sala era minha. Eles eram apenas pessoas que passavam por aqui. Sim, alguns foram amigos casuais. Alguns foram mesmo amantes casuais. Mas, e quando morreram? Eles nada eram.

— Eu sabia que, no fim, você diria isso — interrompeu-a Tammy. — Sua puta egoísta.

— Jesus — disse Katya. — Já ouvi você demais.

Ergueu a faca e partiu em direção a Tammy. Em dois segundos, teria aquela faca cravada no coração de Tammy, mas, antes que pudesse alcançar o alvo, alguém saiu do nevoeiro e com um golpe arrancou-lhe a arma da mão. A faca girou no ladrilho, mas Katya foi rápida. Abaixou-se e pegou-a novamente, o olhar dirigindo-se para a figura que se intrometiera em seu caminho.

Ele abriu os braços, como apresentando-se formalmente a ela.

— Rudy? — perguntou Katya.

O homem inclinou a cabeça lustrosa.

— Katya — respondeu.

Tammy não conseguiu ver-lhe o rosto, mas pensou que havia algum pesar naquelas sílabas, se por Katya ou por ele mesmo não pudesse saber. Tão logo ele falou, alguém, em outro local, perto da porta, pronunciou-lhe o nome. Essa segunda voz era mais grossa do que a de Valentino e nela havia mais raiva do que melancolia.

— Lembra-se de mim? — disse ele. — Doug Fairbanks?

Katya virou-se.

— Doug? Eu não sabia que você também estava aqui.

— E eu? — perguntou uma terceira voz, desta vez, de mulher.

— Clara — disse Katya.

— Naturalmente.

A mulher aproximou-se de Katya enquanto falava, o andar notavelmente confiante. Era uma sombra de seu antigo ser, mas Tammy ainda teria reconhecido o rosto de Clara Bow. Os lábios carnudos. As sobrancelhas altas, encurvadas. Os grandes olhos, outrora cheios de inocente animação. Mas não nesse momento. Nesse momento, só chamas.

Katya lançou-lhe um olhar por cima do ombro.

— Por favor, Clara — disse —, não chegue tão perto assim.

— Por que você se importaria se chegássemos perto? — perguntou Clara Bow.

— Isso mesmo — acrescentou uma quarta voz. — Você não teve nenhuma culpa, lembra-se?

— De qualquer modo — prosseguiu uma quinta voz —, nós não somos nada.

— Nada — disse uma sexta voz. E uma sétima.

Katya virou-se, girando a arma em um largo arco. Ainda assim, errou seus vários alvos. Os espíritos eram rápidos demais para ela. Ela era lenta, mesmo tomada de fúria. Além disso, pensou Tammy, que mal poderia uma faca de cozinha fazer a essas criaturas? Sim, elas tinham existência corpórea, quanto a isso, nenhuma dúvida. Mas elas eram — tanto quando podia compreender a situação — presenças de espíritos feitos de éter e memória. Essas pessoas não poderiam morrer. Já estavam mortas, há muito, muito tempo.

E nesse momento se reuniam ali em números ainda maiores, tendo aparentemente desistido de procurar a Terra do Demônio.

A Terra desaparecera e a prova disso estava nas linhas que desbotavam nas paredes dessa câmara de tristeza. Tudo que restava como motivo de satisfação, se essa era a palavra, era punir a mulher que, por tantos anos, os havia mantido do lado de fora nesse triste desfiladeiro, agarrados à esperança de que, algum dia, voltassem à casa para satisfazer a ânsia pelo consolo do vício.

Katya sabia muito bem que corria perigo e que era inapelavelmente superada em números. Embora ainda conservasse a faca, ergueu as mãos em um vago gesto de rendição.

Mas os mortos aparentemente não se importaram. Seus rostos pálidos, que sempre haviam parecido impessoais, eram nesse momento — na presença da mulher que fora outrora a confidente — fragmentos que se reuniam de esquecidas particularidades. Lembrava uma sala cheia de vítimas do mal de Alzheimer, recuperando, na presença de uma pessoa que haviam conhecido bem, o que tinham antes perdido: eles mesmos. Os olhos, que pouco mais tinham sido do que luzes no crânio, adquiriram cor e forma específicas. As bocas, meras fendas antes, desabrocharam em sensualidade.

Tammy pensou que nenhuma dessas reconfigurações era boa notícia para Katya. Sem dar na vista, pegou a fralda da camisa de Jerry e, suavemente, puxou-o para longe da vizinhança imediata de Katya.

Conseguiu puxá-lo, e bem na hora.

Um instante depois, um dos espíritos saiu impetuosamente do nevoeiro e agarrou Katya. Não lhe viu o rosto, mas ouviu o som gutural que lhe escapou dos lábios quando virou a cativa de frente para o nevoeiro.

Katya lutou para livrar-se, mas ele lhe prendera os braços às costas e, a despeito de sua força considerável, ele era mais forte.

— Foda-se, Ramon! — gritou ela.

Fez uma segunda tentativa de soltar das mãos de Navarro e, por pura força, conseguiu soltar um braço, o que estava armado. Selvagememente, esfaqueou o homem que a prendia: Ramon Navarro. A faca penetrou em um dos lados do corpo dele e ali ficou cravada.

Antes que ela pudesse recuperá-la, ele voltou a pegar o braço que batia no ar e prendeu-o mais uma vez. Mas, embora ele a segurasse com toda força, ela continuava a debater-se e a berrar palavrões, substituindo o inglês pelo romeno. Finalmente, após talvez trinta segundos de imprecações romenas, desistiu inteiramente de lutar e ficou calada.

Durante um momento, Tammy pensou que Navarro a matara, tão inesperado e completo foi o silêncio de Katya. Mas — como sempre acontecia nessa casa — a verdade não era tão simples assim.

A cortina de nevoeiro mudou de posição, como se várias brisas o tivessem perfurado no mesmo instante. E nesse momento, como se uma trupe de atores voltassem ao palco para a ovação final, o resto dos esfaimados começou a reaparecer, saindo do nevoeiro: quatro, cinco, seis, sete, oito, dez, vinte...

Com os olhos em Katya, todos eles, em Katya.

Nesse momento, ela começou a lutar com novo ardor, em movimentos caóticos entremeados de pânico, como os de um animal preso numa armadilha.

Com grande surpresa de Tammy, Navarro soltou-a. Katya virou-se para ele, estendendo imediatamente a mão para a faca ainda cravada. Mas, antes que ela pudesse pegá-la, ele estendeu as mãos e agarrou a frente do vestido de Katya. Puxou-o, rasgando o tecido fino cor-de-rosa e desnudando-lhe os seios.

A expressão na face dela mudou, a fúria aparentemente diminuindo. Navarro inclinou-se e pôs o rosto entre os seios.

Katya soltou uma pequena risada, com certeza artificial, mas que ainda assim pareceu bastante com a coisa real. Ele respondeu lambendo a passagem sobre a pele impecável que ia até a garganta, umedecendo-a e fazendo-a brilhar. Os bicos dos seios de Katya, excitados pelo toque, estavam duros. Seus olhos se fecharam,

enquanto murmurava alguma coisa em romeno, palavras de apreciação a julgar pelo tom da voz. Estimulado, ele desceu a boca da garganta para o seio esquerdo e, enquanto fazia isso, introduziu os braços entre as pernas de Katya e ergueu-a no alto.

Os espíritos ainda reunidos atrás dela ergueram a cabeça, observando-a ser erguida no ar.

Nesse instante, ela ria de verdade, a cabeça para trás em total abandono.

Navarro nesse momento não a estava lambendo mais, estava fazendo o que podia para levantá-la ainda mais alto, mais alto, até que Katya, aquele riso e aqueles seios lustrosos ficaram acima de sua cabeça.

Katya abriu os olhos. O riso desapareceu bruscamente de seus lábios ao compreender o que ele fizera. Mais uma vez, falou em romeno, mas, desta vez, em palavras sem nada de apreciativo. Nem teve muito tempo para pronunciá-las, antes que Navarro a jogasse para a multidão ali reunida.

Ela pareceu ficar um momento suspensa no ar, entre os braços daquele que a entregava e as mãos dos que estavam prontos e ansiosos para recebê-la.

Em seguida, caiu.

Caiu, caiu nos braços abertos que a esperavam, caiu para ser aparada por seus mortos e pacientes amigos, que haviam esperado tanto voltar a privar de sua hospitalidade e que haviam ficado tão amargamente desapontados.

Finalmente, depois de todos esses anos — de todas suas crueldades, de seus joguinhos, de sua indiferença— tinham-na nas mãos.

Katya gritou ao lhes sentir as mãos frias na carne, uivou como uma menininha que estava sendo estuprada. Mas eles lhe ignoraram os protestos, como ela os ignorara durante anos.

Puxaram-lhes os cabelos e os arrancaram pelas raízes. Fincaram as unhas na carne macia e lisa, que nenhum sinal demonstrava do tributo que os anos haviam cobrado ao resto do mundo. Arrancaram-lhe a dentadas os bicos dos seios, morderam e amputaram-lhe os lábios da vagina, como se fossem pedaços de carne macia e enfiaram os pedaços na garganta dela para silenciá-la.

A morte não os tornara bondosos. O temor não os havia tornado bondosos.

Anos à espera no desfiladeiro — os Santa Anas em uma estação, a chuva em outra, o calor martirizante numa terceira, nada disso os tornou bondosos.

Puxaram-lhe as carnes como se ela fosse uma boneca perfeita que lhes havia sido dada e pela posse da qual lutavam nesse instante. O problema era que Katya não havia sido feita para um tratamento tão desleixado. Ela se rasgava com uma facilidade grande demais.

Em uma questão de segundos, o que fora Katya Lupi era uma ruína: quebraram-lhe os braços de tal forma que os ossos apareciam, rasgaram-lhe a vagina de tal modo

que a fenda aberta, nesse momento desprovida de lábios, subia a distância toda até o estômago. Ela cuspiu os lábios da vagina e nesse momento tentou chamá-los pelo nome, pedir um pouco de piedade.

Mas eles não tinham nenhuma para dar.

Durante anos, haviam planejado esse martírio, cada um deles desempenhando seu horrível papel. Alguém enfiou os dedos por baixo da pele do rosto e soltou-a, centímetro por centímetro, deixando apenas o rosado das pálpebras em uma massa de músculos vermelhos. Dois outros espíritos (mulheres, trabalhando juntas em sorridente harmonia) soltaram dos ossos os seios, que nesse momento pendiam como sacos de gordura, enquanto o sangue jorrava dos ferimentos onde antes houvera bicos.

E então — talvez mais cedo do que haviam planejado ou desejado — o corpo parou de resistir.

Os gritos agudos cessaram. A dança de morte de Katya Lupi cessou.

Ela ficou pendurada nos braços dos espíritos como algo que antes fizera sentido, mas que nunca mais faria.

Justamente para ter certeza de que não havia mais nada nela com que pudesse se divertir, Virgínia Maple, que fora a segunda vítima da praga de cicatrizes que começara com a morte de Rodolfo Valentino, enfiou a mão na boca da vítima e, com a força que a morte e o ódio lhe emprestavam, puxou para fora uma mão cheia de miolos, que jogou no chão de ladrilhos.

Os miolos se espalharam, mantendo a forma por um momento, antes de escorrerem pelo chão. Enquanto isso, alguém estivera trabalhando em seu ventre e extraído tudo que ali havia, como lenços coloridos de um mágico, saindo um após outro (amarelo, púrpura, vermelho, marrom), as dobras de seus intestinos, o estômago e todo o resto ligado por fios frouxos de tecido e gordura.

Tammy viu tudo isso.

Fora muito mais do que quisera ver, mas não menos do que os olhos podiam suportar. Nem uma única vez os desviou, embora, durante cada segundo em que aquilo continuou, dissesse a si mesma que devia continuar a olhar, porque isso era nesse momento apenas uma atrocidade comum.

Não havia nada demais em olhar e também nada do que se orgulhar.

Mas quando tudo terminou e os espíritos arrastaram os restos estripados de Katya para o nevoeiro, para submetê-los a qualquer finalidade grotesca que a raiva ainda exigisse, ela finalmente teve certeza de que aquela puta estava finalmente morta. Deu essa opinião e, claro, Jerry — que nunca foi homem de suavizar desnecessariamente as coisas — respondeu:

— No Coldheart Canyon as coisas jamais são o que pensamos. Vamos ver agora até que ponto ela está realmente morta.

Quando subiram, encontraram Maxine na cozinha, agachada em um canto, com uma expressão vazia no rosto. Parecia extremamente cansada, como se o tributo extraído pelos fatos recentes lhe tivesse tirado quinze anos de vida.

Não quis levantar-se e Jerry por sua vez se agachou e começou a lhe falar em voz baixa.

Finalmente, ela respondeu. Tivera toda intenção do mundo de descer lá para baixo e ajudá-los, disse, lágrimas escorrendo pelo rosto, mas, então, começaram os ruídos, aqueles terríveis ruídos, e não conseguiu se obrigar a fazer isso. Ela continuou a falar da mesma maneira durante algum tempo, em círculos.

— Por que você não tenta levantá-la daí? — sugeriu Tammy a Jerry.

Em seguida, afastou-se para prestar seus respeitos finais a Todd.

O Menino de Ouro estava no mesmo lugar onde caíra, mais ou menos, parecendo em paz, mais ou menos, olhos fechados, boca aberta, sangue brilhando no chão em volta da cabeça.

Durante os primeiros anos de sua paixão por ele, Tammy tivera sonhos em que ela o tocava. Nada de sexual nesses toques ou, pelo menos, não explicitamente. Simplesmente ele estar ali, em uma sala comum, dizendo tudo bem, pode vir aqui, pode me tocar. Isso fora tudo.

Sempre acordara desses sonhos com um profundo anelo no coração, um anelo de confirmar-lhe a existência em seu mundo de vigília, simplesmente, um dia, ter a oportunidade de nele tocar realmente, apenas saber que ele não era simplesmente um jogo de luz, mas uma pessoa real, de carne e sangue.

Nesse momento, ali estava ela e ali estava ele e poderia tocá-lo tanto quanto quisesse, mas nada nesta terra poderia tê-la convencido a fazer isso.

O que estivera esperando naquele toque não estava mais ali. Ele tinha ido embora e o que restava, como acabara de ver no salão lá embaixo (amarelo, púrpura, vermelho), não valia sua atenção.

Deu as costas ao cadáver, combatendo a vontade de lhe dizer adeus e, finalmente — incapaz de resistir à força do instinto —, dizendo, de qualquer maneira. Em seguida, voltou à cozinha, onde descobriu que Jerry tinha conseguido convencer Maxine a se levantar e, nesse momento, procurava na geladeira alguma coisa fria para ela beber.

— Lamento, mas só há cerveja — disse. — Oh, não, espere. Há também um pouco de leite. Quer um pouco?

— Leite — repetiu ela, os olhos brilhando subitamente como os de uma criança. — Quero. Um copo de leite.

Com todo cuidado, Jerry encheu até as bordas um copo, que ela bebeu todo, olhando entre goles pela janela.

— Logo que você estiver pronta — animou-a Jerry —, vamos embora daqui, sim?

Maxine inclinou a cabeça enquanto bebia.

Nesse momento, havia novos ruídos ali embaixo, sugerindo isso que os espíritos estavam pretendendo fazer novas brincadeiras de mau gosto.

Ninguém queria estar por ali quando eles finalmente se cansassem de seus trabalhos lá embaixo e resolvessem subir.

— Eppstadt? — perguntou Maxine, a mente aparentemente aguçada pelo leite. — O que foi que aconteceu com ele?

— Eu lhe disse — lembrou-lhe Tammy.

— Ah, sim. Morto, não?

— Isso mesmo, ele está morto.

— E o garçom?

— Joe?

— Ele, Joe.

— Morto, também.

Caiu um longo silêncio entre eles, enquanto Maxine esvaziava o copo, o que deu a Tammy um infeliz momento para se lembrar dos corpos espalhados pela casa, Todd no corredor, Sawyer em algum lugar no jardim, Joe, o garçom, e Eppstadt nas profundezas daquele lugar, e Katya, onde? Muitos lugares, nesse momento.

— Nós deveríamos dar graças — disse Jerry.

— Pelo quê? — quis saber Maxine.

— Por sair daqui vivos.

— Vamos dar graças quando chegarmos ao Sunset Boulevard — respondeu ela, reaparecendo um pouco da velha Maxine —, não antes.

Os ruídos na casa continuavam a aumentar de nível quando foram embora.

Ao olhar para trás, Tammy viu que havia uma rachadura na porta, de uns cinco centímetros de largura, que ziguezagueava até o portal, como se fosse o estrago deixado por um raio preto.

Entraram no carro de Tammy e desceram a colina. A meio caminho a fortaleza de espírito de Maxine desmoronou e ela começou a chorar convulsivamente. Tammy, porém, não ia tolerar nada disso.

— Psiu — disse, meio suavemente, meio não. — Não vamos tolerar nada disso, entendeu? Acabou, Maxine, acabou.

Claro, o que ela dizia não era verdade rigorosa. Sua mente voltou às criaturas que conhecera no desfiladeiro durante a noite, os filhos. O que lhes aconteceria? E que outros milagres perversos a Terra do Demônio havia gerado na anatomia dos que se haviam aventurado por ali? Vagamente, pensou se talvez ela ou Jerry, que haviam passado um grande tempo naquele local impuro, não leriam alguma coisa para mostrar pela presença ali. Pelo menos durante algum tempo, teria que se vigiar com toda atenção.

Nesse momento, estavam quase no pé da colina.

— Vamos ter que comunicar tudo isso à polícia — continuou. — Juntos.

— Agora? — perguntou Maxine. — Eu não poderia, de maneira nenhuma.

— Vamos ter que fazer isso, Maxine. Há cadáveres lá em cima. Nós não queremos ser acusados de assassinato.

— A polícia vai pensar que todos nós somos loucos — avisou Maxine.

— Bem, isso se resolve fácil — interveio Jerry. — Traremos a polícia até aqui e ela pode ver por si mesma. E mudará de ideia.

— Vamos supor que ela pense que nós somos os responsáveis? — objetou Maxine.

— Nesta maldita cidade, as pessoas gostam de apontar o dedo.

— Ela não vai apontá-lo para nós — garantiu Tammy. — Nós explicaremos.

— Explicaremos? — repetiu Maxine. — Como, com todos os diabos, poderemos realmente explicar?

— Começaremos pelo princípio e continuaremos até acabar. Nós não temos nada para esconder.

— Não haverá fim para isso — insistiu Maxine. — Agora que Todd está morto, a imprensa toda vai cair em cima de nós. Vai escavar cada sórdida historinha sobre ele, seja verdade ou não. Vai publicar todo pedaço de lixo que descer pelo esgoto. E isso vai durar meses. E vocês acham, que no meio de tudo isso, a verdade vai ser reconhecida? Esqueçam. Isso vai ser um circo.

— Você não tem que ser parte do circo — disse Jerry. — Nenhum de nós. Podemos simplesmente dizer não e ir embora. Que eles escrevam o que quiserem. E vão fazer isso, de qualquer maneira.

— Isso é verdade — admitiu Maxine com um suspiro. — Eu só queria proteger a reputação dele.

— Talvez, se você a tivesse protegido um pouco mais, nós não estaríamos metidos nessa confusão — disse Tammy. Viu o reflexo do rosto de Maxine no retrovisor, os cantos da boca caídos de sofrimento. — Desculpe — continuou. — Talvez isso tenha sido um pouco cruel de minha parte.

— Não — respondeu Maxine. — Eu o abandonei. Ele precisava de mim e eu tomei a direção oposta. Mea culpa.

— O que isso significa?

— Eu sou responsável — explicou Maxine. — E sou, mesmo. Não pense que não sei disso.

A resposta dela pôs fim à conversa. Continuaram a descer em silêncio até chegar a Langley Road, que por seu turno os levou a Doheny Drive e, finalmente, ao Sunset Boulevard.

O cruzamento era muito movimentado e as sinaleiras estavam preguiçosas. Tiveram que esperar, mantendo-se perto da corrente principal do tráfego, mas os

três sentiam um contentamento simples por estarem ali no carro, vendo ônibus, motocicletas de mensageiros e Rolls-Royces de Beverly Hills rolando também em volta. Em outras palavras, a vida continuava, à sua maneira casual. Pessoas indo para leste, pessoas indo para oeste, todas ignorantes do fato de que, a apenas uma curta corrida desse local barulhento e brilhante, havia uma fenda na rocha da Cidade de Los Angeles suficientemente profunda para esconder milagres.

PARTE ONZE

A última caçada



UM

A notícia, tal como outras formas de vida, divide-se em ordens, classes e tipos. Por essa razão, o que era considerado digno de figurar na primeira página da Variety (a renda bruta dos quatro últimos filmes de Todd Pickett, o fato de que sua empresária, Maxine Frizelle, estivera presente na cena de morte, alguns vagos detalhes sobre a história da casa do desfiladeiro) não era apropriado para a primeira página do LA Times (o fato de que havia numerosos cadáveres na cena, sugerindo alguma vaga ligação com os horrores do caso Manson, uma curta sinopse da carreira de Todd e, em outra seção, um necrológio, e ainda em outro local uma apreciação sincera, ainda que apressadamente corrigida, da contribuição de Pickett ao cinema). Mas nada disso era considerado apropriado para The National Enquirer, que lançou uma edição especial concentrada nas mortes de Todd, Gary Eppstadt e — como disse um editorial — "««5 infelizes vítimas desconhecidas que foram sugadas para a mesma espiral de decadência e morte que reclamou para si os poderosos de Hollywood" mas suavizou a edição com os Velhos e Fiéis Chavões: Hollywood Assombrada, As Mortes Trágicas dos Jovens e Belos — Marilyn, James Dean, Jayne Mansfield — "Almas Condenadas que Pagaram o Preço Final da Fama!", e todo esse jornalismo de sarjeta de alta classe, em comparação com os delírios da imprensa marrom, os jornalistas de The Globe, que publicaram, entre incontáveis absurdos macabros claramente inventados em reuniões editoriais, certo número de fatos que, paradoxalmente, se aproximavam mais da verdade do que tudo noticiado por quaisquer outros jornais e revistas. Dados seus padrões de veracidade notoriamente baixos, contudo (os editores de The Globe consideravam fotos grosseiramente falsificadas de Pirâmides pairando sobre o Pentágono como notícia factual), a publicação desses relatos tornou as partes mais verdadeiras da história impublicáveis em qualquer órgão de divulgação. Os fatos eram contaminados por associação, envenenados, na verdade. Se isso aparecia no The Globe, como poderia ser verdade?

Os únicos detalhes da matéria que apareceram em todos os locais foram os que se relacionavam com os fatos crus de morte na Cidade das Lantejoulas.

Todd Pickett, concordavam todos, havia estado em algum tipo de espiral descendente. A causa disso poderia ser objeto de controvérsia, mas o fato de que ele não era mais O Homem Mais Bonito do Mundo (primeira página do Cover, janeiro de 1993) ou O Astro Mais Bem-Sucedido do Ano (ShoWest, cinco anos seguidos) não era. No jogo eterno de cão-come-chão que era Hollywood, Todd

havia subido tanto quanto podia. Se tivesse sobrevivido, seria escada abaixo dali em diante.

Na verdade, havia uma opinião aceita por muitos no sentido em que, ao morrer jovem — mesmo que violentamente —, Todd fez o melhor papel de sua carreira. Fora embora enquanto a estrada ainda era relativamente plana e de uma maneira que garantia que seu nome jamais seria esquecido.

"Para os fãs de Todd Pickett em todo o mundo", opinou a Variety, "a trágica notícia de hoje cerra a cortina sobre uma carreira estelar, constelada de gloriosos momentos de pura magia cinematográfica. Mas deverá haver também muitos entre esses admiradores que se sentirão aliviados porque seu herói nunca mais os decepcionará. Sua série de sucessos espetaculares (todos eles produzidos por Kever Smotherman, que faleceu a menos de um ano à idade de 41 anos) estava claramente se aproximando do fim. Tudo que restava era o espetáculo, triste e lamentavelmente comum demais, de um grande astro eclipsado"



DOIS

Naquele momento, Tammy via essa palavra em toda parte: eclipsado.

Encontrava-a escondida em frases de outra maneira inocentes à espera para lhe bagunçar a mente. No momento em que a via, voltava à Terra do Demônio, olhando para a forma daquela lua negra, obscurecendo a face do sol. Sentia os ventos contrários no rosto. Ouvia os sons de patas de cavalos ou, pior ainda, as lamúrias de Qwaftzefoni.

Quando isso acontecia, tinha que pôr de lado o que estivesse lendo e que escondia a traiçoeira palavra e dirigir a atenção de volta para o mundo real: o cômodo onde estava sentada, a vista pela janela, o peso da carne em seus ossos.

Claro, a palavra não era a única armadilha. Embora tivesse voltado para a casa da Elverta Road e valentemente tentado retomar o ritmo de uma vida esquecida por tão pouco tempo, sabia que passaria um longo tempo até que aqueles tristes fatos fossem coisas do passado. Ela simplesmente vira coisas demais e os fios do que vira estavam inextricavelmente tecidos no mundo para o qual voltara. Embora tivesse transferido para o grande quarto da frente todos os objetos que guardavam alguma ligação com Todd (e havia muitos deles), juntamente com o resto das relíquias, não os tirara da mente. Sabia que, antes de muito tempo, teria que dar um jeito mais definitivo em todo aquele material e essa perspectiva incomodava-a profundamente.

Enquanto isso, estava sozinha em casa. Pouco menos de três semanas após a volta para Sacramento, Arnie havia lhe dito que ia morar com Maureen Ginnis, uma loura oxigenada que trabalhava como despachante no escritório da FedEx no aeroporto.

De certa maneira, ficou satisfeita. Conhecia ligeiramente Maureen e ela era uma boa mulher, e seria melhor companheira para Arnie do que ela jamais fora. Ter a casa só para si mesma — sabendo que, quando acordasse, não teria que ver ou falar com qualquer pessoa que não quisesse (e havia dias, às vezes quatro ou cinco seguidos, quando seu estado de ânimo mergulhava numa espécie de fossa e ficava tão inerte que mal conseguia manter abertos os olhos, e outros em que ligava a televisão e algum estúpido programa de perguntas e respostas fazia-a bocejar como um bebê) — tornava um pouco mais fácil enfrentar a inquietação que sentia, porque não teria que escondê-la mais. Podia simplesmente tirar o telefone do gancho, fechar as portas, baixar as cortinas e comportar-se como uma louca.

Pegou um resfriado sério umas duas semanas depois da saída de Arnie e comprou um armarinho inteiro de remédios vendidos em balcão contra gripe, congestão das

vias nasais e expectorantes. Geralmente, esses medicamentos deixavam-na tão dopada que evitava tomá-los, embora, em sua atual situação, pouco importasse se ficasse semi-comatosa. Tendo comprado os remédios, dosava-se ao máximo com xaropes da cor de licores franceses finos e ia para cama em meio da tarde para suar e botar tudo aquilo para fora. Foi uma má ideia. Acordou certa manhã de um sonho no qual estava deitada numa cama com o menino-bode grudado aos seus seios, mamando ruidosamente.

Sentiu um cheiro adocicado de carne no leite que escorria pela boca cabeluda do menino e ouvia a longa unha do pé dele batendo na comadre, enquanto se sacudia em êxtase animal.

Com a sobrenatural lógica dos sonhos, dissera muito sensatamente a Qwaftzefoni que se sentia febril e que ele teria que parar. Com alguma dificuldade, tirara-o do seio, mas apenas para descobrir que ele lhe segurava a mão, com a unha afiada do polegar pressionando a veia latejante em seu pulso, como se ameaçando furá-la com o mais curto dos avisos. Em seguida, lhe guiara a palma da mão para o lugar pegajoso embaixo da curva do estômago, onde seu membro prodigiosamente vascularizado projetava-se de dobras de gordura infantil. E sentiu uma série de minúsculos objetos na parte inferior daquela coluna.

— São pérolas negras — disse ele, antes que ela perguntasse. — Elas aumentam o prazer da gente.

No sono febril, mal teve tempo de se dar conta do que o pequeno filho da puta estava propondo antes que ele subisse para cima dela, o seio esguichando na mão dele enquanto a ordenhava, seus gritos de nada adiantando. No calor infernal do quarto, o leite derramado coalhou instantaneamente, sujando os lençóis. Fedia como se estivesse misturado com vômito, o mau cheiro subindo pesadamente em torno dela como se pudesse sufocá-la.

Suplicou-lhe que a deixasse em paz. Ele, porém, apertou-lhe a mão com tanta força que ela teve medo de ter os ossos quebrados, se não obedecesse. De modo que segurou o pinto decorado com pérolas e começou a masturbá-lo.

— Você quer que isso acabe logo? — perguntou ele.

— Quero... — soluçou ela, na esperança de que ele a soltasse.

De qualquer modo, homens sabem como fazer isso melhor do que mulheres. Arnie sempre virara o nariz para cima com desprezo quando ela se oferecia para masturbá-lo.

— Você nunca faz isso certo. Prefiro eu mesmo fazer.

Mas ali não havia maneira fácil de escapar.

— Nesse caso, fique parada! — disse o menino-bode, virando-se de costas, mas continuando a apertar a fonte de leite e trocando a masturbação forçada por um jogo mais violento. Ele estava escanchado nesse momento sobre a cabeça dela, as

pequenas pernas grossas apenas suficientemente longas para elevar a divisão acolchoada das nádegas a uns 15 ou 20cm acima de seu nariz.

Os pêlos ásperos das pernas de bode arranhavam-lhe o rosto. A pelagem era mais densa em volta das nádegas e ele há muito tempo deixara de tentar limpá-la. A fedentina fê-la engulhar.

— Abra a boca. Estire a língua.

Ela não conseguiu aguentar mais aquilo. Estendeu as mãos e apertou com força os colhões do menino-bode, jogando para a frente o pequeno filho da puta, que caiu de pernas abertas na cama empapada de leite. Em seguida, levantou-lhe a cauda e começou a lhe dar palmadas na bunda, igualzinho a uma mãe que castiga um filho monstruoso. Ele começou a soluçar e a defecar, a fenda das nádegas enchendo-se da bosta que teria deixado cair no rosto dela, se tivesse aparecido a oportunidade. Tammy simplesmente não se importava mais com a sujeira das mãos. Continuou simplesmente a espancar o pequeno canalha, até que ele não teve mais lágrimas para chorar e ficou reduzido a soluços.

Não, os soluços não eram dele, eram dela.

As pálpebras tremeram e se abriram. A febre havia passado e estava sozinha em uma cama úmida de suor, mas, à parte isso, com bom cheiro. O horror débil mental que trouxera da Terra do Demônio havia desaparecido, merda, pêlos e tudo mais.

Levantou-se da cama e jogou todos os remédios no vaso, resolvida a deixar que o resfriado abandonasse seu corpo quando quisesse. Já estava louca demais sem ajuda de medicamentos.



TRÊS

— Jerry.

— Tammy. Minha querida. O que foi que lhe aconteceu? Eu estava me perguntando quando era que você ia ligar.

— Você podia ter ligado para mim.

— Para ser inteiramente honesto — disse ele —, eu não queria incomodá-la. Ao contrário de mim, você tem uma vida para viver.

— Na verdade, Arnie me deixou.

— Oh, sinto muito.

— Não sinta. Foi o melhor que podia acontecer.

— Está falando sério?

— Estou. Nós não fomos feitos um para o outro. A gente simplesmente precisou de muito tempo para descobrir isso. O que me conta de você?

— Bem, desde que nós estivemos nas manchetes, fui convidado para mais jantares finos do que antes. As pessoas estão curiosas. De modo que me dão vinho e jantares e, em seguida, me interrogam como quem não quer nada. Na verdade, não me importo. Conheci um bocado de pessoas, principalmente rapazes, que sentem um interesse ligeiramente mórbido pelo que aconteceu no desfileiro e que disfarçam como interesse por mim. Eu finjo que acredito. Quero dizer, por que não? Na minha idade, a gente não discute. Interesse é interesse.

— E o que você diz a eles?

— Oh, coisas variadas. Fiquei realmente competente em identificar quem pode aguentar o quê. Você sabe como é, os que dizem conte tudo e os que ficam com medo quando eu conto...

— Tudo?

— Não. Nunca tudo. Não acredito que as pessoas que conheço estejam prontas para tudo.

— E de que modo essas pessoas reagem?

— Geralmente estão prontas para ouvir alguma coisa bastante maluca. Para começar, se me procuram, é porque sabem de alguma coisa. Ouviram alguns boatos. Umas fofocas. De modo que isso mantém a conversa interessante. Agora, você. O que me diz de você? Andou contando a alguém nossas aventuras?

— Não.

— A ninguém?

— Não. Não, realmente.

— Pois devia contar, sabia? Você não deve manter tudo isso reprimido. Não é sadio.

— Jerry, eu moro em Rio Linda, Sacramento, não em Hollywood. Se eu começasse a falar em ter ido à Terra do Demônio, meus vizinhos provavelmente nunca mais falariam comigo.

— E quem se importaria com isso? Seja honesta.

— Provavelmente, não.

— O que me diz de Rooney?

— Quem?

— Rooney. O detetive que nos interrogou. Lembra-se dele? Um número enorme de vezes.

— O nome dele é Rooney? Eu pensava que era Peltzer.

— Não, esse é um dos advogados de Maxine, Lester Peltzer.

— Okay. De modo que Peltzer é advogado e Rooney é o quê?

— Não teve notícias dele? É o detetive do Departamento de Polícia de Beverly Hills que primeiro falou conosco. Você tem checado suas mensagens na secretária-eletrônica?

Ela não tinha, mas disse que tinha.

— Estranho — comentou Jerry. — Porque ele me ligou seis ou sete vezes, pressionando-me por detalhes. Liguei para o Departamento, respondendo a um dos telefonemas, e quer saber de uma coisa? Ele foi demitido há duas semanas.

— Então, é por isso que ele está lhe ligando?

— Acho que o filho da puta está escrevendo um livro.

— Sobre o que aconteceu com a gente?

— Acho que vamos descobrir isso quando o livro for publicado.

— Ele pode fazer uma coisa dessas?

— Talvez ele mude os nomes. Não sei.

— Mas é nossa história. Ele não pode andar por aí contando nossa história.

— Talvez a gente deva conversar com Peltzer para ver se podemos impedir isso.

— Oh, Deus — disse baixinho Tammy. — A vida era tão simples antes.

— Você está tendo problemas ? — perguntou Jerry.

— Estou, acho que estou. Não, o que é que eu estou dizendo? Estou passando por tempos horríveis. Pesadelos de arrepiar.

— É isso? Pesadelos? Ou há mais?

Durante um momento, ela pensou no que ia responder, perguntando a si mesma se devia contar a ele os problemas que vinha enfrentando. Mas o que adiantava? Embora houvessem estado juntos no inferno, não o conhecia realmente bem. Como era que sabia que ele não estava também pensando em escrever um livro? De modo que disse: — Sabe de uma coisa?, levando tudo em conta, acho que estou indo bastante bem.

— Ora, isso é bom — disse Jerry, parecendo realmente satisfeito. — Os repórteres deixaram de incomodá-la?

— De vez em quando, ainda encontro um jornalista nos degraus de casa, mas mandei colocar um olho mágico na porta e, se acho que o cara parece repórter, simplesmente não abro.

— Desde que não se torne uma prisioneira em sua própria casa.

— Oh, Deus, não — mentiu ela.

— Ótimo.

— Bem... vou ter que me desculpar. Tenho mil coisas...

— Só mais uma coisa.

— O quê?

— Isso vai parecer um pouco maluco.

— Oh! Fale.

— Mas quero lhe falar sobre isso. Apenas... apenas pelo que passamos juntos, acho.

— Estou ouvindo.

— Você sabe que nós nunca conversamos realmente sobre o que nos aconteceu naquela casa.

— Não, não conversamos. Eu pensei que todos nós sabíamos...

— Não me refiro realmente ao que aconteceu com todas as pessoas. Quero dizer, você e eu, naquela sala. Você sabe que havia um bocado de poder naqueles ladrilhos. Visitar a Terra do Demônio manteve Katya perfeita durante todos esses anos...

— O que você está insinuando?

— Como eu disse, vai parecer uma coisa maluca, mas acho que nós dois, por essa altura, estamos acostumados a isso, não? — Jerry tomou uma profunda respiração.

— Entenda, eu tinha um câncer, inoperável. Os médicos me deram de nove meses a um ano de vida. Isso em dezembro do ano passado. Nas vésperas do Natal, para ser exato.

— Deus, Jerry. Sinto muito.

— Não, Tammy, você não está escutando. Eu disse que tinha um tumor.

— O quê?

— Sumiu.

— Inteiramente?

— Todos os traços detectáveis. Sumiram. Os médicos não podem acreditar nisso. Fizeram escaneamento, cinco vezes para ter certeza. E agora — finalmente — eles estão inteiramente convencidos. O tumor de Jerry Brahms desapareceu e, de acordo com eles, isso simplesmente não pode acontecer. Nunca.

— Mas desapareceu.

— Desapareceu.

— E você acha que isso tem alguma coisa a ver com o fato de termos estado naquela sala?

— Coloque a questão da seguinte maneira: eu entrei na casa com um tumor maligno e, quando saí de lá, o tumor tinha sumido. O que você pode dizer sobre uma coisa dessas? Ou é uma coincidência ou um milagre.

— E você acha que foi um milagre?

— Quer saber de uma coisa? — Jerry fez uma pausa. — Agora, vou parecer doido, mas prefiro pensar nisso como sendo o último presente de Katya para mim.

— Ela não parecia ser do tipo que dá presentes.

— Você só viu o lado negro dela, Tammy. Havia um outro lado. Eu acho que sempre há, não? Há sempre alguma luz na escuridão, em algum lugar.

— Há? — respondeu Tammy. — Eu acho que ainda estou procurando.



QUATRO

Tammy queria desesperadamente acreditar que havia realmente tirado algum proveito daquela caminhada louca pelos ermos do Coldheart Canyon.

Não precisava de nada tão espantoso como o tumor desaparecido de Jerry, apenas algum sinal modesto para lhe provar que, a despeito de toda morte e sofrimento que presenciara, algum bem palpável disso resultara.

Durante as horas de vigília, seus pensamentos giravam em torno do que havia sofrido e presenciado, procurando algum sinal de esperança. Não milagres, apenas esperança. Uma luz na escuridão, uma razão para viver. Mas, quanto mais procurava, mais absurda lhe parecia a busca.

O bom senso lhe dizia que devia aventurar-se pelo mundo e começar a tentar levar novamente uma vida normal. Talvez, se ingressasse em uns dois clubes femininos ou mesmo tentasse arranjar um amante — qualquer coisa para mudar o foco de seus pensamentos, para sair de dentro de sua cabeça e voltar a uma maneira normal de pensar. Mas sempre achava alguma razão para adiar qualquer coisa mais afoita. Era como se tivesse esgotado sua capacidade de aventura durante aquele tempo no desfiladeiro. Suas entradas no território perigoso do outro lado da porta da casa tornaram-se mais curtas a cada dia. Começou a entrar em pânico quando entrava no carro, pânico que aumentava com tanta rapidez que, quando chegava ao fim do quarteirão, tinha muitas vezes que dar a volta e correr diretamente para casa. Ir ao mercado tornou-se impossível. Começou a pedir por telefone os artigos essenciais e, quando as compras chegavam, tornava tão curta quanto possível a troca de palavras com o entregador. Simplesmente pegava as mercadorias, entregava o dinheiro e fechava a porta, nem esperando pelo troco.

Reconheceu que esse comportamento estranho estava lhe dando uma reputação esquisita na vizinhança. Mais de uma vez, espiou pelas cortinas cerradas e viu gente fora de sua casa, matando tempo na calçada, algumas com carrinhos de compra, apontando e olhando. Havia se tornado, achava, a excêntrica local, a mulher que voltara da selva de Hollywood sofrendo da bola.

Tudo isso, claro, só lhe aumentava cada vez mais o senso de ansiedade, misturado com mais do que um leve toque de paranóia. Se atendia o entregador na porta e via alguém na rua, naturalmente supunha que estava sendo espionada. À noite, ouvia ruídos no telhado e acordava mais do que certa de que um dos los ninos de Katya havia descoberto o caminho para Rio Linda e estava andando por cima dos beirais, tentando chegar à janela do quarto.

Nos momentos de maior sensatez (que se tornavam cada vez mais raros), sabia que tudo isso era absurdo. Mas o próprio fato de ter momentos mais sensatos implicava que ela estava se entregando lentamente à loucura. Tudo bem para Jerry Brahm's bravar que seu tumor fora curado pelo poder da sala (e talvez isso tivesse acontecido: não descontava essa possibilidade), mas achava que o que lhe tivesse sido dado na Terra do Demônio estava lhe afetando a mente, não o corpo, e que não fazia coisa alguma nem remotamente curativa. Muito ao contrário. Estava demolindo seu controle da realidade, peça após peça. Em alguns dias, quando acordava, os sonhos permaneciam com ela o dia inteiro, como fios pendurados. Passava as horas acordadas em um estado de semi-estupefação, entrando em quartos e não sabendo por que estava ali, saindo e lembrando-se do que fora fazer ali, esquecendo em seguida quando se voltava. Sentia-se em um estado constante de exaustão, as pálpebras pesadas como se fossem feitas de chumbo. Certa vez, em meados do dia, descobriu-se de quatro no banheiro, limpando os ladrilhos com as mãos nuas e Ajax, tentando remover alguns esboços quase invisíveis de uma certa terra que criara na imaginação. Em outra ocasião, foi à cozinha e descobriu a torneira aberta e, na pia, uma forma que parecia de alguma coisa atropelada numa estrada, uma pele com manchas, duas fileiras de dentes afiados entre beijos de couro preto. A força da água quente virou lentamente o cadáver e lhe mostrou a cabeça quebrada de alguma coisa que vira no desfileiro, ou em seus sonhos com o desfileiro, horrenda além de qualquer descrição.

Fechou a torneira. Vapor subiu da boca da coisa, como se fosse um último alento. Em seguida, ela se dissolveu, pele, dentes e tudo mais, e desceu pelo cano.

— Hummm — disse para si mesma, sem se impressionar com esse pequeno e feio espetáculo.

Por alguma razão, sempre imaginara que a loucura era alguma coisa mais dramática do que isso. Mais uma vez, os filmes mostravam as coisas de forma errada. Não havia grandeza nisso, nenhuma refinada loucura, apenas um monte de dentes e pelagem suja na pia da cozinha.

Dito isso, sabia que sua sanidade mental estava declinando rápido. Precisava fazer alguma coisa, e logo, ou essa jornada que fazia iria lhe tirar inteiramente o juízo. Seria uma coisa de olhos vazios sentada à mesa da cozinha, esfregada e tornada limpa por banalidades.



CINCO

Enquanto Jerry dava graças por uma nova vida e Tammy lutava com horríveis ilusões à mesa da cozinha, Maxine se encontrava em um estado de espírito muito diferente. Suas contusões eram notavelmente leves, dado tudo aquilo por que passara. Uma semana depois, estava fisicamente pronta para voltar ao escritório e tentar retomar a rotina. Mas a maioria dos telefonemas que recebia não era absolutamente de negócios, mas conversas gentilmente indagadoras que logo se transformavam em interrogatórios. Parecia que todos em Hollywood queriam saber o que acontecera na casa do Coldheart Canyon.

Na verdade, não tinha o menor desejo de contar sua história a ninguém, nem mesmo aos amigos mais íntimos. Espíritos e ladrilhos dando visões de outro mundo — estas não eram coisas que poderia compartilhar, sem ser objeto de zombaria, com as pessoas que conhecia. Mas tinha que dizer alguma coisa ou iria começar a fazer mais inimigos do que os que já tinha. Em vista disso, inventou uma versão dos fatos despida de elementos sobrenaturais.

Na versão censurada, Todd estivera de fato se escondendo por causa da plástica no rosto (não adiantava mentir mais sobre isso: ele mesmo havia confessado na festa que se submetera a uma operação) e havia sido seguido e, finalmente — tristemente —, assassinado pela fã que o seguia. A maioria das pessoas com quem falou aceitou essa versão expurgada dos fatos, pelo menos enquanto durava a conversa. Mas as poucas fontes leais de notícias que ainda possuía na cidade comunicavam algo muito diferente. Todos tinham uma versão própria do que havia acontecido no Coldheart Canyon, variando do absurdo ao que daria um processo na Justiça, e a disseminavam prodigamente.

Qualquer que fosse a versão — e elas variavam de enredo de romance policial a histórias de fantasmas — todas tinham algo em comum: ela, Maxine, era a vilã.

Ela era culpada por, uma vez sabendo, ter posto um cliente inocente em uma casa assombrada; culpada por não tê-lo avisado de que um amigo íntimo era um assassino (esta versão começou na The Enquirer e requeria outro astro como assassino). A The Enquirer, naturalmente, alegava saber quem era o assassino e informava que, antes de muito tempo, estaria em condições de lhe dar o nome. O que já podia dizer com confiança era que Maxine Frizelle soubera do plano contra a vida de Todd, mas simplesmente não o levava a sério. Ela, em resumo, era o motivo de ele estar morto. Parecia-lhe que nada que pudesse fazer ou dizer convencia alguém que esta não era a verdade.

Anos de ressentimento contra ela subiram à tona nesse momento em que seus inimigos inventavam versão após versão do que acontecera no desfileiro, cada uma delas menos lisonjeira do que a anterior.

No fim, desistiu de corrigir pessoas sobre o assunto. Elas, de qualquer maneira, acreditariam no que queriam acreditar. Aprendera isso depois de 22 anos nesse tipo de atividade. Podia-se, às vezes, orientar-lhes as opiniões, mas, se não queriam aceitar o que tinha para vender, podia enrouquecer de tanto falar tentando conseguir isso, mas a coisa jamais funcionava.

Após alguns dias de esforços infrutíferos, tornou-se curiosamente imune às fofocas que circulavam e simplesmente continuou a tentar recrutar algum novo talento. Era uma empresária sem um cliente importante, o que significava que, no que interessava à cidade, não havia razão para lhe responder os telefonemas, especialmente porque ela não estava cooperando nem contando a versão autêntica e abafada do que um psíquico, contratado pelo Fox Channel para andar pelo desfileiro, denominara de "o lugar mais assombrado das propriedades imobiliárias em Hollywood".

Em outras palavras, todos sabiam que havia mais nesse caso — muito mais do que lhes haviam dito até esse momento — e que era apenas uma questão de tempo antes que alguém começasse a falar.

Esse alguém era Martin Rooney, o detetive do Beverly Hills Police Department encarregado do trabalho inicial no caso Pickett. Aos 58 anos de idade, ele estava próximo da aposentadoria e andava pensando no que seria a sua pensão de nível intermediário. Não seria de luxo, sabia. Embora não levasse um estilo dispendioso de vida, tinha todas as despesas normais: pensão alimentícia à ex-esposa, uma hipoteca, pagamento dos carros (tinha três, uma das poucas concessões às suas inclinações), além de um bar bem-estocado e o hábito de fumar entre 40 e 50 cigarros por dia. Já havia calculado o baque em seu padrão de vida quando deixasse a força policial. Iria ser grande.

Mas ali — caindo em seu colo como uma dádiva de Deus — estava a solução de todos seus problemas. Ouvira a primeira versão da história dada por aquela tal de Tammy Lauper e, em seguida, a de Maxine Frizelle. Embora seus relatos tivessem sido grotescos, para dizer o mínimo, haviam sido notavelmente coerentes. Alguma coisa de muito estranha acontecera no desfileiro e pouco importava se fosse parcialmente verdadeira ou não, absolutamente.

O que importava para ele era que as pessoas adoravam esse tipo de coisa. Havia um lucro a tirar de tudo aquilo. O suficiente para tornar sua aposentadoria muito mais confortável.

Começou a tirar cópias ilegais dos depoimentos e contrabandeá-las para fora da delegacia, com a ideia de reunir todos eles em forma de livro. Não era difícil fazer

isso: se pedisse cópias de um depoimento para explorar algum aspecto particular do caso, ninguém desconfiaria do pedido. Em suma, tinha em casa 11 grossos arquivos de material sobre o "caso do Canyon", o suficiente para editar e reunir. O que precisava era de um ponto de vista diferente do seu. Afinal de contas, não estava no centro de tudo isso: era simplesmente um espectador, chegando após encerrado o drama. O que precisava era de alguém que estivesse por dentro da coisa e cuja história se tornasse a espinha dorsal do livro.

Resolveu procurar Maxine Frizelle.

— Você quer fazer o quê?

— Vou escrever um livro sobre os fatos ocorridos no Coldheart Canyon, como todos insistem em chamá-lo. Tenho esperança de poder contar com sua colaboração. Seu ponto de vista, srta. Frizelle, tornaria o livro muito mais convincente.

— O senhor, detetive, conhece todos os fatos que poderia obter de mim.

— Espere, espera — disse Rooney. — Antes de bater o telefone, pense no caso. Todd Pickett foi seu cliente durante quantos anos?

— Onze anos.

— Pense nisto como sua oportunidade de corrigir equívocos, de uma vez por todas. Contando o bom, o ruim, o feio.

— Se eu resolvesse corrigir os equívocos, sr. Rooney, não seria tendo um tira como co-autor.

— Eu não iria escrever nada disso. Ia arranjar um ghost-writer para esse trabalho.

— Neste caso, não estou entendendo uma coisa, Rooney — disse Maxine, usando seu tom mais secante. — Qual é, exatamente, sua contribuição ao projeto?

— Minha experiência de quase quatro décadas no LAPD. Eu trabalhei no caso Manson...

— Isto não tem nada a ver com Manson. Nem remotamente...

— Quer deixar que eu termine? Não estou dizendo que os casos são idênticos. Mas ainda temos um bocado de paralelos entre os dois. As mortes brutais de figurões de Hollywood, todas elas com alguma ligação com o oculto.

— Todd nunca teve nada a ver com esse tipo de coisa. E pode me citar como tendo dito isso.

— Alguém na casa tinha essa ligação. Tenho cópias de fotografias de cada centímetro da casa. Há símbolos ocultos cravados nas soleiras de portas, sabia? Vários símbolos — provavelmente com origem na Europa Central — foram arrancados da área em volta da porta dos fundos, mais ou menos na ocasião em que o sr. Pickett foi morto. Ele pode ter sido responsável pela remoção desses símbolos. A senhora tem algum comentário a fazer a esse respeito?

— Tenho. Isso é absurdo. E, se tentar ligar Todd a esse tipo de coisa, vai se meter numa grande fria.

— Esse é um risco que estou disposto a correr. E vou escrever o livro, Sra. Frizelle, com ou sem sua colaboração.

— Duvido que possa fazer isso, Rooney. Você conseguiu essa informação porque era um policial. E não pode usá-la para ganhar dinheiro.

— Eu não seria o primeiro nem serei o último — disse Rooney. — Para ser franco, não entendo que droga de problema é o seu, a menos que esteja pensando em você mesma fazer isso, certo? Será que estou lhe criando um caso?

— Não. Não tenho a menor intenção de escrever minha versão sobre o assunto.

— Nesse caso, ajude-me a escrever a minha — replicou Rooney, em um tom de voz perfeitamente racional. — Se quiser, posso lhe dar uma comissão, se é nisso que está pensando. Que tal cinco por cento?

— Não torne a coisa ainda pior do que já está. Eu não quero seu dinheiro manchado de sangue. Tenha um pouco de decência, pelo amor de Deus. Todd está morto. E também um bocado de outras pessoas. Esta não é a ocasião de pensar em ganhar dinheiro.

— Eu não vou denegri-lo. Juro. A reputação de seu ex-cliente está em perfeita segurança comigo. Tudo bem, soube que ele tomou algumas drogas. Um bocado de cocaína, segundo ouvi dizer, especialmente quando trabalhou com Smotherman. E sei sobre a cirurgia plástica. Mais uma vez, nenhum grande problema. Estou falando sério, vou ter que escrever sobre isso, mas não vou fazer a caveira dele. Prometo isso.

— Por que, com todos os diabos, eu acreditaria em suas promessas?

Seguiu-se um curto silêncio.

— Neste caso, é um não? — perguntou finalmente Rooney.

— É... Um grande e estrondoso não.

— Bem, depois não diga que não lhe pedi.

— E para que conste, sr. Rooney, quero dizer o seguinte: se de fato quiser fazer isso e escrever esse livro, vá em frente. Prometo que vai ter tantos advogados subindo por seu traseiro que pensará que eles estão fazendo ninho ali.

— Muito fino. Típico de uma senhora fina.

— Ninguém nunca me confundiu com uma senhora fina, Rooney. Agora, saia de minha linha. Preciso ligar para meu advogado.



SEIS

O telefonema de Rooney despertou Maxine. Entrou em contato com seu advogado, Lester Peltzer, como havia prometido e chamou para uma reunião vários outros que respeitava, de modo que todos pudessem lhe dar o benefício de suas caríssimas opiniões. Infelizmente, todos concordaram sobre uma coisa: ela não tinha a menor droga de possibilidade de impedir que Rooney fizesse o que queria. Quando o livro fosse escrito e estivesse sendo preparado para publicação, a situação seria diferente, observou um dos advogados. Se ele escrevesse alguma coisa difamatória, poderiam partir para lhe tirar o couro e, se era óbvio que ele teve acessos a arquivos da polícia, o LAPD Internal Affairs poderia ficar aborrecido e processá-lo. Mas não havia garantia disso. O LAPD tinha uma péssima folha-de-ofício quando a questão era policiar a si mesmo.

— De modo que, neste exato momento, ele tem liberdade de dizer tudo que quiser? — perguntou furiosa Maxine. — Apenas por dinheiro?

— Isso está na Constituição — observou um dos advogados.

— Não é contra a lei — observou indiferente o advogado de Maxine. — Você mesma ganhou um bocado de dinheiro nestes últimos anos.

— Mas não menti para ganhá-lo, Lester.

— Tudo bem, Maxine, cuidado com sua pressão arterial. Estou apenas dizendo que estamos na América. Vivemos e morremos sob o domínio do dinheiro. — Tomou uma profunda respiração e adotou seu tom mais racional. — Maxine, pergunte a si mesma se levar esse cara à Justiça por causa de um livro que estará nas livrarias apenas durante dois, três meses, vale seu tempo e sua paz de espírito. Você pode acabar dando a ele mais publicidade ao processá-lo do que ele jamais conseguiria se você não fizesse isso. Vai criar um tremendo caso e todo mundo vai comprar o livro. Eu vi isso acontecer uma infinidade de vezes...

— De modo que você está dizendo que devemos deixar que ele faça isso? — perguntou Maxine. — Escrever alguma merda sobre Todd...

— Espere, espere — interrompeu-a Lester. — Para começar, você não sabe que ele vai escrever merda. Talvez seja respeitoso. Todd era um ator muito popular. Um ícone americano durante certo tempo.

— Como Elvis foi também — observou Maxine. — E isso não impediu que algum filho da puta revelasse cada pequeno segredo de Elvis. Eu sei porque li o livro.

— Se assim, do que é que você tem medo?

— Que a mesma coisa aconteça com Todd. Vão escrever boçalidades sobre ele e será por essas boçalidades que ele será lembrado, não pelo seu trabalho.

Lester era em geral rápido nas respostas, mas essas palavras silenciaram-no. No fim, disse:

— Tudo bem. Mas quero lhe perguntar uma coisa. Você acha que há alguma coisa que Rooney sabe — como verdade — que possa ser realmente destrutiva para a reputação a longo prazo de Todd?

— Acho. Acho mesmo. Penso que...

— Não — disse Lester. — Por favor. Não me diga. Neste exato momento, acho que será mais simples para todos se eu não souber.

— Muito bem.

— Vamos todos embora e pensar no caso, Maxine. E faça o mesmo. Estou vendo sua preocupação. Você tem um legado que quer defender. Acho que a questão é a seguinte: se fará isso melhor chamando atenção para Rooney com um processo na Justiça ou deixando que ele publique o livro e vá para o diabo que o carregue?

A frase chamou a atenção de Maxine. Ouvira-a antes, claro. Mas, nesse momento, tinha uma nova gravidade, uma nova significação. Imaginou Rooney publicando o livro e, em seguida, tendo a alma levada para a Terra do Demônio, como castigo pelo que fizera.

— Que publique e vá para o diabo que o carregue? — disse. — Quer saber de uma coisa, eu poderia aceitar isso.

Em quatro dias, Tammy não vira um rosto humano, real ou televisionado, e nem mesmo ouvira uma voz. Os Jacsons, seus vizinhos do lado, haviam viajado na quinta-feira anterior em um longo fim de semana, partindo barulhentemente com os filhos berrando e batidas das portas do carro. Nesse momento, era domingo. A rua já ficara silenciosa no sábado, mas, naquele dia, o silêncio era ainda maior. Não ouvia nem mesmo o ruído de um aparador de grama. Era como se o mundo externo tivesse desaparecido.

Sentada na escuridão, deixou que as imagens que a vinham assombrando por tanto tempo girassem repetidamente em sua mente, como roupas sujas numa máquina de lavar, em um molho de água cinzenta suja, a loucura que vira e ouvira, girando sem parar. O problema era que, quanto mais girava, mais suja ficava a lavagem, como se a água tivesse passado de cinzenta a preta. Nesse momento, quando se levantou para ir ao banheiro, ouviu um barulho de água espirrando em volta das orelhas, a sujeira daquelas terríveis recordações, tornando-se mais escura a cada repetição.

De modo que era isso o que significava ficar louca, pensou, ficar sentada na escuridão, escutando o silêncio, enquanto remoía coisas na mente, indo à cozinha uma vez ou outra, olhando dentro do refrigerador até ver tudo que havia ali, as coisas podres e outras ainda não, fechando-o sem limpá-lo, subindo a escada e

lavando o chão do banheiro, deitando-se e dormindo dez, doze, quatorze horas seguidas, nem mesmo acordando para esvaziar a bexiga.

Loucura era isso. E, se não fosse embora logo, ela ia ser uma parte permanente da loucura, outro trapo girando na escuridão, indistinguível das coisas que havia usado.

Girando, girando e...

O telefone tocou. O som foi tão alto que saltou da cadeira, lágrimas enchendo-lhe os olhos. Absurdo, chorar por causa do toque súbito de um telefone.

As lágrimas, porém, continuaram em chuvarada, achasse ou não isso ridículo.

Havia desligado momentos antes a secretária-eletrônica (recados demais, a maioria de jornalistas), de modo que o telefone simplesmente continuou a tocar. No fim, acabou por atender, mais para acabar com aquele barulho do que por querer falar com alguém. Não queria. Na verdade, pensava em levantar e bater o telefone, mas ouviu o som de uma voz de mulher no outro lado da linha, dizendo seu nome. Hesitou. Levou o aparelho ao ouvido, ainda em dúvida.

— Tammy, você está aí? — perguntou a voz. Ainda assim, continuou em silêncio.

— Eu sei que há alguém na linha — continuou a mulher. — Simplesmente me diga, estou falando com a casa de Tammy Lauper?

— Não — respondeu Tammy, surpresa com o som de sua própria voz quando finalmente falou. Em seguida, recolocou o aparelho no gancho.

E ele tocaria novamente, sabia. Maxine Frizelle, e Maxine não era o tipo de mulher que desistia fácil.

Olhou fixamente para o telefone, tentando impedir, por pura força de vontade, que a maldita coisa voltasse a tocar. Durante alguns segundos, pensou que conseguira. Mas, depois, recomeçou o toque.

— Vá embora — disse Tammy, sem pegar o aparelho. As palavras pareciam pedrinhas sendo sacudidas em uma peneira grossa. O telefone continuou a tocar. — Por favor, vá embora — repetiu.

Fechou os olhos e fez força para pensar na ordem que daria às palavras, se pegasse o telefone e falasse com Maxine, mas sua mente estava confusa demais. Era melhor nem se arriscar a uma conversa, se tudo que Maxine fosse ouvir nas respostas dela fosse escuridão girando na máquina de lavar roupa de sua cabeça.

Tudo que tinha que fazer era esperar um pouco, pelo amor de Deus. No fim, o telefone deixaria de tocar. Talvez, mais cinco toques. Talvez, quatro. Talvez, três...

No último momento, algum instinto profundo de autoconservação obrigou-a a estender a mão e pegar o telefone.

— Alô — disse.

— Tammy? É você, não é?

— Maxine. Sim, sou eu.

— Deus do céu. Sua voz está horrível. Está doente?

— Tive um resfriado. Muito forte. E ainda não me liberei dele.

— Foi você quem atendeu quando liguei há alguns minutos? Liguei há dois minutos. Foi você, não?

— Sim, fui eu. Sinto muito. Eu tinha acabado de acordar e, como disse, estive doente...

— Pois parece, mesmo — retrucou Maxine num tom de voz prosaico. — Escute, preciso falar com você urgentemente.

— Hoje, não. Não posso. Sinto muito, Maxine.

— Este assunto não pode realmente esperar, Tammy. Tudo que você tem que fazer é escutar. O resfriado não a deixou surda, deixou?

Essas palavras provocaram-lhe um sorriso silencioso, seu primeiro em dias. A mesma velha Maxine, sutil como um bate-estaca.

— Okay — disse. — Estou escutando.

Surpreendeu-se ao descobrir como era mais fácil falar, logo que se começava. E tinha o consolo de estar conversando com Maxine. Tudo que teria que fazer, como disse Maxine, era escutar.

— Lembra-se daquele safado, Rooney?

— Vagamente.

— Você não parece ter muita certeza. Foi o detetive com quem falamos quando fomos à polícia pela primeira vez. Lembra-se dele agora? Rosto redondo, careca. Usava água-de-colônia demais.

Por alguma razão peculiar, foi a recordação da colônia, de cheiro doentiamente adocicado, que lhe trouxe Rooney à mente.

— Agora me lembro — disse.

— Bem, ele me ligou. Ligou também para você?

— Não.

— O filho da puta.

— Por que ele é filho da puta?

— Porque o safado me embaralhou toda, exatamente quando eu começava a botar os pensamentos em ordem.

Com grande surpresa, Tammy ouviu uma nota de desespero na voz de Maxine. Sabia o que era aquilo, porque ecoava a mesma coisa que ouvia em si mesma, dia e noite, acordada ou dormindo. Poderia acontecer que ela tivesse realmente alguma coisa em comum com essa mulher, que havia desprezado durante tantos anos? Isso era uma surpresa, para dizer o mínimo.

— O que era que o filho da puta queria? — descobriu-se perguntando.

Houve uma segunda surpresa neste particular. Colocou as palavras em uma ordem perfeitamente lógica, sem ter que pensar antes nisso.

— Ele alega que está escrevendo um livro. Você pode acreditar na audácia daquele nojento...

— Olhe só, eu sabia — respondeu Tammy.

— De modo que ele conversou com você.

— Não, mas Jerry Brahms conversou.

A conversa com Jerry voltou vagamente à memória, como se tivesse acontecido há meses.

— Oh, bom — disse Maxine —, de modo que você já sabe o principal. Botei um bocado de advogados para descobrir se ele pode fazer isso e acontece — imagine só o quê? — que ele pode. Pode escrever qualquer merda que quiser sobre nós. Poderemos processá-lo, naturalmente, mas isso apenas...

— ... dará mais publicidade a ele.

— Foi isso exatamente o que Peltzer disse. Disse que o livro duraria dois meses nas prateleiras, três de quebra, e que depois seria esquecido.

— Ele provavelmente tem razão. De qualquer modo, Rooney não vai ter a menor ajuda minha.

— Isso não vai detê-lo, claro.

— Eu sei — disse Tammy. — Para ser franca...

— Você não dá a mínima bola.

— Exatamente.

Seguiu-se uma pausa. A conversa parecia estar quase no fim. Mas, com grande calma, Maxine disse: — Você já pensou alguma vez em voltar ao desfiladeiro?

Houve uma segunda pausa, duas, três vezes mais longa do que a primeira, ao fim da qual Tammy descobriu-se subitamente dizendo: — Naturalmente.

Aquilo parecia mais uma confissão de culpa do que uma resposta direta.

E principalmente não era algo em que estivesse pensando conscientemente. Mas, pelo que parecia, em algum lugar nos recessos de sua mente perturbada, havia pensado em voltar à casa.

— Eu também — confessou Maxine. — Sei que é ridículo. Depois de tudo que aconteceu lá.

— Isso mesmo... é ridículo.

— Mas tenho a sensação de que...

— Assuntos por resolver — instigou-a Tammy.

— Isso mesmo. Exatamente. Jesus, por que não tive o bom senso de ligar mais cedo para você? Eu sabia que você compreenderia. Assuntos por resolver. É exatamente isso.

A verdadeira razão da conversa tornou-se subitamente clara para Tammy. Ela não era a única que enfrentava tempos difíceis. O mesmo acontecia com Maxine. Logo ela, Maxine, que sempre julgara uma das mulheres mais capazes, mais

autoconfiantes e menos medrosa da América. Essa constatação era profundamente tranquilizadora.

— A coisa é a seguinte — disse Maxine —, eu não quero muito ir até lá sozinha.

— E eu nem tenho certeza se estou pronta para isso.

— Nem eu. Mas, para ser franca, quanto mais a gente adiar, pior fica. E já é ruim, não é?

— É... — disse Tammy, deixando finalmente que seu próprio desespero aflorasse nas palavras. — É pior do que ruim. É terrível. Apenas... palavras não podem descrever isso.

— Parece que você se sente como eu — respondeu Maxine. — Estou tendo sessões com um terapeuta quatro vezes por semana e bebendo como um peixe, mas nada disso está me fazendo bem.

— Eu estou simplesmente evitando as pessoas.

— E isso ajuda? — quis saber Maxine.

— Não. Realmente, não.

— De modo que nós duas estamos numa pior. O que vamos fazer sobre isso? Sei que não somos absolutamente iguais, Tammy. Deus sabe que posso ser uma puta maldosa. Mas, quando conheci Katya — quando vi em que tipo de mulher eu podia me transformar —, isso me assustou. Eu pensei: porra, essa podia ser eu.

— Você o estava protegendo. Você sabe, de certa maneira, nós duas estávamos fazendo isso.

— Acho que você tem razão. A questão é a seguinte: terminamos ou há mais coisas a fazer?

Tammy soltou um gemido baixo.

— Você está querendo saber o que eu penso que está querendo dizer?

— Tudo depende do que você pensa que estou querendo dizer.

— Que você pensa que ele ainda está lá no desfiladeiro? Perdido.

— Cristo, não sei. Tudo que sei é que não consigo tirá-lo da cabeça. — Tomou uma respiração profunda e exalou toda a amarga verdade: — Por alguma razão estúpida, acho que ele ainda precisa de nós.

— Não diga isso.

— Talvez não de nós — continuou Maxine. — Talvez, de você. Ele gostava muito de você, sabia?

— Se está dizendo isso para me convencer a voltar ao desfiladeiro, não vai funcionar.

— De modo que devo entender que você não vai?

— Eu não disse isso.

— Bem, resolva, de uma maneira ou de outra — respondeu Maxine, exibindo um pouco da impaciência que felizmente estivera ausente da conversa até aquele

momento. — Quer ir comigo ou não?

A conversa estava deixando Tammy um pouco cansada. Não tinha conversado com ninguém por tanto tempo durante várias semanas e o esforço — bem-vindo como fosse — estava cobrando um preço.

Queria ou não voltar ao desfiladeiro? A pergunta era bastante simples.

Mas a resposta era um campo minado. Por um lado, dificilmente poderia pensar em um lugar no mundo aonde menos quisesse ir. Havia sentido profunda alegria quando saíra de lá com Maxine e Jerry, como se tivesse escapado por um fio de uma sentença de morte. Por que, em nome de Deus, faria algum sentido voltar para lá nesse instante?

Por outro lado, havia a questão que ela mesmo mencionara, de assuntos por resolver. Se havia lá em cima alguma coisa ainda a fazer, então, talvez, fosse melhor ir e fazer. Estivera durante semanas se escondendo desse conhecimento, remoendo um sem-número de vezes seus medos, tentando fingir para si mesma que tudo havia acabado. Maxine, porém, pagara para ver o blefe. Talvez ambas tivessem pago para ver o blefe da outra, confessar juntas o que não poderiam ter confessado se separadas.

— Tudo bem — disse, finalmente.

— Tudo bem o quê?

— Eu vou com você.

Maxine soltou um alto suspiro de alívio.

— Deus seja louvado. Eu estava com medo que você sentisse cagaço e eu tivesse que ir lá sozinha.

— Quando é que você pensa em fazer isso?

— Amanhã é cedo demais? — perguntou Maxine. — Você vem a meu escritório ou saímos de sua casa?

— Você vai pedir a Jerry para ir conosco?

— Ele se foi — respondeu Maxine.

— Jerry morreu?

— Não. Key West. Vendeu o apartamento e mudou-se, tudo isso numa semana. A vida é curta demais, foi o que ele disse.

— De modo que é só nós duas.

— Só nós duas. E o que quer que a gente encontre lá.



SETE

Em várias ocasiões nas 12 horas seguintes, Tammy quase fraquejou em sua resolução e pensou em telefonar e dizer a Maxine que não iria a Los Angeles absolutamente, mas, embora a coragem estivesse fraca, não se entregou. Na verdade, chegou ao escritório de Maxine 20 minutos antes da hora marcada, flagrando-a em um estado nada característico de desarrumação, cabelos despenteados, sem maquiagem ou batom.

Ela havia emagrecido, perdido talvez uns 7kg, por cortesia do desfiladeiro.

O que também lhe havia acontecido. Todas as coisas ruins da vida têm seu lado bom.

— Você parece melhor do que parecia ao telefone — disse Maxine. — Quando começamos a conversar, pensei que você estava morrendo.

— E eu, também, morrendo e ressuscitando.

— Foi tão ruim assim, ahn?

— Eu me tranquei em casa. Não falava com ninguém. Você conversava com alguém?

— Tentei. Mas tudo que as pessoas queriam saber eram os aspectos mórbidos.

E lhe digo uma coisa: havia um bocado de gente que eu pensava que eram meus amigos e que mostraram quem realmente eram depois disso.

Pessoas que eu pensava que gostavam de Todd e que são tão insensíveis quanto se pode imaginar. "Correu muito sangue?" Esse tipo de coisa.

— Talvez eu tenha feito a coisa certa, me trancando em casa.

— Mas a situação me deu, quanto a isso, nenhuma dúvida, uma nova perspectivas dessas pessoas. Elas gostam de conversar sobre morte, desde que não seja a delas.

Enquanto conversavam, Tammy olhou em volta do escritório. Era muito escuro, muito masculino: mobília europeia antiga, tapetes persas. Nas paredes, fotografias dela em companhia de poderosos e famosos: ela com Todd na première de vários filmes dele, com Clinton e Gore em um jantar de levantamento de fundos para o Partido Democrata, quando o presidente-eleito ainda tinha cor nos cabelos e uma reputação para perder, com certo número de astros e estrelas da Lista A, alguns deles decaídos do firmamento desde que batidas as fotos: Cruise, Van Damme, Costner, Demi Moore, Michael Douglas (parecendo muito letárgico, por

algun motivo), Mel Gibson, Anjelica Huston, Denzel Washington e Bette Midler. E, no consolo, em molduras tipo Art Nouveau, uma coleção de fotos à qual ela evidentemente dava mais valor do que às outras. Uma em particular lhe chamou a atenção: Todd ao lado de uma mulher de aparência muito azeda, muito velha, fumando ostensivamente um cigarro.

— Essa aí é Bette Davis?

— Cinco meses antes de morrer. Meu primeiro chefe, Lew Wasserman, era o empresário dela.

— Você acha que ela foi algum dia ao desfiladeiro?

— Não, não acredito que o espírito de Bette esteja lá em cima. Ela tinha seu próprio círculo. Todas as grandes divas o tinham. E eram mais ou menos mutuamente exclusivos. Dando um palpite, muitos dos amigos de Katya não sentiam nenhum interesse pelo oculto. Sei que Valentino sentia. Sei que foi isso que, no começo, os atraiu para lá. Ela, provavelmente, levou-os a conhecer aquilo com grande lentidão. Talvez usando cartas do Taro ou um tabuleiro Ouija, conferindo quais os que estavam interessados em prazeres baratos e quais estavam dispostos a ir até o fim.

— Esperto.

— Oh, ela era. Isso nunca poderemos lhe negar. Bem no meio desta cidade de homens, onde todos os estúdios eram dirigidos por um deles, ela possuía seu próprio domínio e só Deus sabe quantas pessoas giravam em torno de seu dedo mindinho.

— Até parece que você a admira muito.

— De fato, admiro. Quero dizer, ela quebrou todos os Mandamentos e não deu a mínima merda para isso. Ela sabia o que tinha. Tinha uma coisa que fazia com que as pessoas se sentissem mais fortes, mais sexy. Não era de espantar que quisessem conservar isso para si mesmos.

— Mas, no fim, aquilo os levou à loucura. Mesmo os que pensavam que podiam aguentar.

— Eu acho que o salão afetou todos eles de uma maneira ligeiramente diferente. Quero dizer, olhe para nós. Tivemos uma prova daquilo e não deu muito certo conosco.

— Eu lhe digo uma coisa, pensei que ia acabar num asilo de loucos.

— Você devia ter me telefonado. Nós poderíamos ter comparado notas.

— Minha mente simplesmente girava, girava, sem sair do lugar. Nada mais fazia sentido. Eu estava pronta para me matar.

— Não quero ouvir esse tipo de conversa — disse Maxine. — O fato é que você está aqui. Que sobreviveu. Que nós duas sobrevivemos. Agora, temos que fazer

essa última coisa.

— E se nós formos lá e não encontrarmos coisa nenhuma?

— Nesse caso, iremos simplesmente embora e continuaremos com nossa vidinha. Esqueceremos que jamais ouvimos falar no Coldheart Canyon.

— Por alguma razão, não acho que haja muita possibilidade disso.

— Para ser franca, nem eu.

Fazia calor. No Valley, a temperatura ao meio-dia se situava em uns absurdos 43°C, com probabilidade de subir mais uns dois graus antes de o dia acabar.

A Rodovia 10 estava bloqueada por 15km com pessoas que lutavam para chegar a Raging Waters, um parque de cachoeiras que parecia uma perspectiva refrescante num dia como esse, se apenas pudessem chegar à droga do lugar.

Mais tarde, naquela tarde, numa espécie de monstruosa imagem invertida do incêndio na Warner's, houve outro pequeno incêndio em um armazém em Burbank, que havia sido transformado em um miniestúdio para filmes de classificação X. Quando os caminhões dos bombeiros, enfrentando todos os congestionamentos, chegaram ao local, já haviam ocorrido cinco mortes: um cinegrafista e uma ménage-à-trois, cuja versatilidade estava sendo imortalizada naquela tarde, juntamente com o astro principal, todos eles cremados vivos. O vento era muito fraco, de modo que o cheiro doentio de carne e silicone queimados permaneceu no ar durante horas.

Mesmo que esse cheiro especial não chegasse ao desfiladeiro, houve muito que chegou naquele dia. O desfiladeiro havia se transformado no repositório de todos os tipos de odores doentios nas semanas transcorridas desde sua inesperada notoriedade, como se a podridão de seu coração estivesse atraindo o cheiro de todos os horrores da cidade prostrada pelo calor.

Cada prateleira cheia do necrotério, guardando alguma prova para exame dos legistas, cada apartamento condenado e garagem fechada onde alguém havia morrido (acidentalmente ou pelas próprias mãos) e não tinha sido ainda descoberto e cada pilha de flores antes frescas removidas de sepulturas recém-abertas no Forest Lawn e no Hollywood Memorial Cemetery estavam nesse momento empilhadas alto naquele canto, juntamente com cartões com mensagens de solidariedade e manifestações de pesar, tudo apodrecendo junto, tudo isso encontrou seu caminho para a fenda do desfiladeiro e colou-se a plantas outrora saudas, vergando-as como se fosse uma maldição suspensa no próprio ar.

— Isto aqui está danado de silencioso demais — disse Tammy, descendo do carro de Maxine em frente ao que fora o palácio dos sonhos de Katya Lupi.

Alguns pássaros cantavam, mas não havia muito entusiasmo nos seus trinos. Estava quente demais para audições musicais. As próprias aves se reuniam nas poucas sombras que podiam encontrar sob as folhas e permaneciam imóveis. As únicas exceções eram os falcões, que voavam nas marés crescentes de calor que subiam do desfiladeiro, suas asas imóveis, e os corvos, que mergulhavam e guinavam em vôo enquanto se perseguiam uns aos outros no alto, pousando finalmente em fileiras barulhentas nos muros em volta da casa.

O palácio dos sonhos tinha uma aparência chocante. Os danos infligidos pelos espíritos ao grande salão sobre o qual se erguia a casa haviam provocado um acelerado estado de ruína. A antiga impressionante fachada, com seus destaques de telhas marroquinas, havia não só rachado de um lado a outro, mas caía nesse momento para a frente, expondo o madeiramento embaixo. A porta maciça — que Tammy imaginara pertencer a um filme de Errol Flynn — fora partida em três lugares. A fechadura de metal, tão grande e medieval como o resto da casa, tinha sido removida, roubada por um ladrão armado com serra elétrica. Ele fizera também uma tentativa de levar os gonzos, mas a magnitude do trabalho aparentemente o derrotara.

Tammy e Maxine espremeram-se através da massa de escombros empilhada atrás da porta. A torreta onde entraram continuava ainda intacta, o caminho todo até a base, com suas imagens de rostos outrora famosos a olhá-las do alto. O reboco onde afrescos tinham sido pintados, porém, estava nesse momento cheio de rachaduras, e montes de pedaços do desenho haviam caído, de modo que o poço embaixo parecia nesse momento um quebra-cabeça parcialmente terminado. Sob os pés delas, viam-se as peças faltantes, fragmentos do ombro de Mary Pickford e do sorriso torto de Lon Chaney Sr.

— Será que isso foi estrago do terremoto? — perguntou Maxine erguendo a vista para a torreta. Em certos lugares, toda a estrutura, e não apenas a camada interna pintada, mas também os mosaicos, havia caído de seus lugares, deixando visível o céu californiano.

— Não vejo motivo por que uma casa que sobreviveu durante todos esses anos a terremotos, sem ser muito danificada, praticamente desaba em um sismo de 6,9 na escala Richter.

— Eu também acho isso muito estranho — concordou Maxine.

— Talvez os espíritos tenham feito isso.

— Você acha mesmo? Eles subiram até aqui? — disse Tammy, apontando para o poço.

— Aposto com você que eles chegaram a todos os lugares. Eles estavam enfurecidos.

Tammy entrou na cozinha e descobriu que sua tese era correta. A cozinha havia sido inteiramente destripada, prateleiras arrancadas e jogadas no chão, talheres tirados das gavetas e espalhados por toda parte, pratos quebrados, frigideiras usadas para bater nos tampos ladrilhados de mesas, quebrando-os todos. Alimentos tinham sido tirados do refrigerador e do freezer, ambos abertos nesse momento — com frutas podres e bifes crus espalhados por toda parte, garrafas quebradas de cerveja e caixas de papelão de leite estragado.

Tudo que podia ser destruído tinha sido, a parte superior das torneiras torcida ao contrário e arrancada, por onde a água ainda gorgolejava dos canos abertos, enchendo as pias até que transbordaram, ensopando o chão.

Mas tudo isso apenas na parte externa. Os espíritos haviam atacado também a estrutura, possuindo a força sobrenatural necessária para causar enormes danos. Buracos de contornos irregulares haviam sido abertos no teto, pondo à vista as vigas de sustentação, algumas das quais — graças a um esforço maciço da equipe de demolição dos espíritos — tinham sido desalojadas de seus lugares e puxadas através do reboco, de onde se projetavam como ossos quebrados.

Tammy vadeou a água imunda até a segunda porta e abriu-a. Uma maré espumante havia-a precedido no corredor onde Todd tinha morrido. Ali era muito mais escuro do que na cozinha. Instintivamente, estendeu a mão e virou o interruptor. Ouviu um estalo seco de eletricidade na parede. As luzes se acenderam, piscaram por um momento e se apagaram. Após um momento, outro ruído na parede, e uma erupção de faíscas saiu de pontos de luz mais longe no corredor. Pensou em desligar a eletricidade, mas isso não pareceu muito esperto nas circunstâncias: estava mergulhada em quase dois centímetros de água, com eletricidade crepitando nas paredes. Melhor não mexer nisso.

A única razão por que viera ali era ter certeza de que havia sido varrido o lugar onde Todd tinha caído. Na verdade, o local não havia sido tocado. A água da cozinha não chegara até o lugar onde ele morreria e as poças de sangue eram nesse momento manchas secas, escuras, no chão. Havia também outras manchas onde o corpo tinha ficado, mas não queria pensar muito nisso.

Mais adiante no corredor, além do ponto das manchas de sangue, ficavam a porta dos fundos e a soleira de onde tinha escavado os ícones. Os nervos na ponta de seus dedos vibraram ao lembrar-se desses minutos terríveis: ouvir Todd e Katya lutando na cozinha, enquanto os espíritos esperavam no outro lado, silenciosos mas prontos, esperando pelo momento de entrar. O coração lhe bateu mais apressado ao lembrar-se de como estivera perto de perder o jogo de que ali participara.

Alguma coisa chiou embaixo da sola do sapato. Deu um passo para o lado e descobriu um dos ícones no chão. Abaixou-se e pegou-o. Nada mais havia da força que a peça antes possuía e, em vista disso, guardou-a no bolso como lembrança. Ao fazer isso, viu um corpo caído no lado de fora, nas sombras das árvores ave-do-paráiso.

— Maxine! — gritou, subitamente amedrontada.

— Estou indo.

— Tenha cuidado. Não toque nos interruptores de luz.

Logo que ouviu os passos de Maxine espadanando através da cozinha, foi até a soleira e cruzou-a. As árvores, relva, arbustos desprendiam um cheiro acre que lhe lembraram aquelas partes escuras, alagadas, do desfiladeiro onde quase perdera a vida em sua jornada noturna. O pântano se aproximara mais da casa, ao que parecia: viu cogumelos e fungos crescendo nas paredes, e as lajes mexicanas estavam escorregadias com algas verdes.

— Qual é o problema? — quis saber Maxine.

— Aquilo.

Tammy apontou para o corpo, que se encontrava de cabeça para baixo em um trecho muito fértil de fungos. Pensou se, talvez, ele não estivera tentando se alimentar com eles e que morrera enquanto os engolia, envenenado.

— Me ajude aqui para virá-lo — pediu Tammy.

— Não, obrigado — respondeu Maxine. — Já cheguei tão perto quanto preciso.

Sem se deixar intimidar, Tammy agachou-se ao lado do corpo, enfiando os dedos no espaço úmido e pegajoso entre o corpo e os ladrilhos onde o mesmo estava caído. O cadáver estava frio. Levantou-o por uns dois ou quatro centímetros, baixando a vista para ver melhor o morto. Mas não conseguiu lhe ver as feições. Teria que desvirá-lo. Empurrou com mais força e pôs o corpo sobre um dos lados. Fios de vermes esbranquiçados escorreram do ventre inchado do homem. Desvirou-o inteiramente, deixando-o cair de volta ao chão.

Não só aquilo não era um homem, como não era, estritamente falando, um ser humano, mas um dos que Zeffer chamara de as crianças, o híbrido entre um espírito e um animal. Este tinha sido uma fêmea, parte coiote, parte rainha do sexo. Possuía seis seios, cortesia de seu lado bestial, dois deles transformados em geléia.

Os quatro que restavam, porém, eram tão magníficos quanto os de qualquer jovem aspirante a estrela, adicionando um toque de surrealismo a essa vista, sob outros aspectos, repulsiva. A cabeça da criatura era uma massa de vida verminosa, exceto — por alguma razão — os lábios, que permaneciam grandes, cheios e intactos.

— Quem é? — gritou Maxine do interior da casa.

— Apenas um animal — disse Tammy. — Uma espécie de animal. Os espíritos fodiam os animais. E, às vezes, os animais fodiam os espíritos. E essas coisas, os filhos, foram o resultado disso.

Obviamente, Maxine desconhecia esse pequeno detalhe, porque no seu rosto apareceu uma expressão de puro nojo.

— Jesus. Este lugar não deixa nunca de... — e terminou a frase sacudindo a cabeça.

Tammy enxugou as mãos na jeans e examinou os degraus que desciam para o jardim.

— Há mais deles lá embaixo — gritou de volta para Maxine.

— Mais?

Por essa altura, a curiosidade havia vencido o nojo de Maxine e ela chegou ao primeiro corpo. Tammy já estava a caminho do segundo, terceiro e quarto e, logo adiante, um grupo de mais quatro, todos caídos nos degraus que davam para o gramado embaixo, todos eles mais ou menos na mesma posição, cara para baixo, como se tivessem simplesmente caído para a frente. Era uma cena curiosamente triste, porque havia tantos tipos diferentes de animais: grandes e pequenos, escuros, com listras ou pintas, gordos ou ossudos.

— Até parece Jonestown — disse Maxine, examinando todo o lamentável espetáculo.

Não estava longe da verdade. A maneira como os corpos haviam caído na grama, alguns isolados, outros em grupos, dava a impressão de que estavam de mãos dadas quando chegou o momento final. Aquilo parecia um suicídio em massa, e, quanto a isso, nenhuma dúvida. O sol havia batido diretamente neles e, sem dúvida, o mau cheiro devia ter sido nauseante. O ar, porém, estava frio sob as copas das árvores e o cheiro era nesse momento mais de repolho estragado do que a fedentina mais forte, de revirar o estômago, de carne que apodrecia.

— Por que tão poucas moscas?

Tammy pensou na pergunta por um momento.

— Não sei. Para começar, eles não eram seres devidamente vivos, eram?

Tinham espíritos por pais e animais por mães. Ou ao contrário. Não acredito que fossem carne e sangue da mesma maneira que você e eu.

— Mas isso ainda não explica por que vieram morrer aqui dessa maneira.

— Talvez o mesmo poder que havia em Katya e nos espíritos houvesse também neles — sugeriu Tammy. — E logo que foi desligado...

— Eles voltaram para a casa e morreram?

— Exatamente.

— E os mortos? — perguntou Maxine. — Todas essas pessoas. Para onde foram elas?

— Elas não tinham mais nada para conservá-las aqui — disse Tammy.

— De modo que talvez estejam vagueando pela cidade? — sugeriu Maxine. — Esse pensamento não é nada muito tranquilizador.

Enquanto Maxine falava, Tammy arrancou algumas grandes folhas do matagal em volta e voltou aos cadáveres, curvando-se para lhes cobrir suavemente os rostos com as folhas, que escolhera por seu tamanho.

Maxine observou-a com uma mistura de incompreensão e respeito.

Nunca lhe teria ocorrido, em milhares de anos, fazer uma coisa como essa.

Mas, enquanto a observava cumprindo esse dever, sentiu uma onda de afeição simples por aquela mulher. Ela havia sofrido muito e ali estava, encontrando ainda no coração força para pensar em alguma coisa que não seu próprio conforto, seu próprio bem-estar. À sua maneira, ela era uma mulher notável, quanto a isso, nenhuma dúvida.

— Acabou? — perguntou quando Tammy havia praticamente terminado aquele trabalho caridoso.

— Quase — respondeu ela. Baixou a cabeça. — Você sabe alguma oração?

— Eu sabia, mas... — Maxine encolheu os ombros, impotente.

— Nesse caso, vou simplesmente inventar alguma coisa — disse Tammy.

— Nesse caso, vou deixar você aqui — disse Maxine, virando-se para se afastar.

— Não — pediu Tammy. — Por favor. Eu queria que você ficasse aqui comigo até que eu terminasse.

— Tem certeza?

— Por favor.

— Muito bem — disse Maxine.

Tammy inclinou a cabeça. Após alguns momentos, decidindo-se sobre o que ia dizer, começou: — Senhor, não sei por que essas criaturas nasceram ou por que morreram...

— Sacudiu a cabeça, numa espécie de desespero, embora se sobre as palavras ou a situação que estava tentando descrever. Talvez um pouco das duas coisas. —

Estamos na presença da morte e, quando isso acontece, ficamos pensando, ela faz a gente pensar por que, para começar, estamos vivos.

Acho que o que quero dizer é que essas coisas não pediram para viver.

Nasceram miseravelmente. E viveram miseravelmente. E agora estão mortas.

E eu gostaria de lhe pedir, Senhor, que tivesse com elas um cuidado especial.

Elas viveram sem nenhuma esperança de felicidade, mas talvez você possa dar a ela alguma felicidade no Além. Isso é tudo. Amém.

Maxine tentou dizer também Amém e, quando fez isso, deu-se conta de que essas palavras hesitantes, simples, vindas de uma origem tão improvável haviam-na levado às lágrimas.

Tammy envolveu-lhe os ombros com o braço.

— Está tudo bem — disse.

— Eu nem mesmo sei por que estou chorando — disse Maxine, deixando a cabeça cair no ombro de Tammy, enquanto soluços lhe rasgavam o corpo. — Esta é a primeira vez que choro assim, que realmente choro, só Deus sabe há quanto tempo.

— É bom chorar. Chore.

— É realmente bom chorar? — perguntou Maxine, controlando-se um pouco e se assoando. — Eu sempre desconfio quando alguém diz que chorar é bom para nós.

— Mas é. Pode confiar em mim.

— Quer saber de uma coisa, Tammy, não sei se alguém jamais lhe disse isso, mas você é uma mulher fora de série.

— Oh, sou mesmo? — perguntou Tammy. — Ora, isso é bondade sua.

Não era o tipo de coisa que Arnie me dizia.

— Nesse caso, então, Arnie era um idiota — disse Maxine, recuperando parte de seu tom cortante.

— Está pronta para voltar para a casa agora? — perguntou Tammy, um pouco embaraçada com as palavras de Maxine.

— Estou. Acho que estou.

Andando por entre os mortos, chegaram aos degraus e começaram a subir. E enquanto faziam isso ocorreu a Maxine que, ao cobrir com folhas os mortos e dizer uma prece em intenção deles, Tammy havia trazido a ideia de perdão aos domínios sem amor de Katya Lupi. Essa era provavelmente a primeira vez em três quartos de século em que o assunto fora abordado nesse local. O perdão não parecia ter sido o forte de Katya Lupi. Quem errava contra ela sofria e continuava a sofrer.

— No que é que você está pensando? — perguntou Tammy.

— Neste lugar. — Maxine olhou para a casa e virou-se para estender a vista pelo resto do desfiladeiro. — Talvez os tablóides tenham acertado.

— Sobre o quê?

— Ora, você sabe, a propriedade imobiliária mais amaldiçoada de Hollywood.

— Conversa fiada — disse Tammy.

— Você não acredita que aquela sala lá embaixo foi feita pelo Demônio ou pela mulher dele?

— Eu não quero saber quem foi que a fez — retrucou Tammy. — Mas sei quem a alimentou, quem a tornou importante. Gente. Iguais a você e a mim.

E que se viciaram naquele lugar.

— Isso faz sentido.

— Lugares não podem ser bons ou ruins — continuou Tammy. — Só pessoas. É nisso que acredito.

— E isso a fez sentir-se melhor, por acaso? O que você fez lá fora?

Tammy sorriu.

— Uma coisa meio maluca, ahn?

— Não, em absoluto.

— Sabe, fez com que eu me sentisse melhor. Muito melhor. Aquelas pobres criaturas nunca tiveram uma chance.

— De modo que, agora, podemos procurar por Todd? — perguntou Maxine.

— E se não o encontrarmos lá dentro — Tammy consultou o relógio —, digamos, dentro de 15 minutos, vamos desistir disso, como tendo sido uma má ideia. Concorda?

— Concordo.

— Onde é que você quer procurar primeiro? — perguntou Tammy.

— No quarto principal — respondeu Maxine. — Sempre que as coisas não corriam bem, ele ia para o quarto e se trancava por dentro.

— Engraçado. Arnie fazia o mesmo.

— Você nunca me falou sobre Arnie — disse Maxine, tomando a frente pela cozinha, a caminho do corredor.

— Não havia muito a dizer. E menos ainda, agora que ele foi embora.

— Você acha que ele vai voltar?

— Não sei — disse Tammy, dando a impressão de que não se importava muito. — Depende de se a nova mulher o aguenta ou não.

— Vamos dizer a coisa de outra maneira: você quer que ele volte?

— Não. E se ele tentar se fazer de bonzinho vou dizer a ele que se foda. Desculpe meu sotaque francês.

Entraram no corredor.

— Quer ir primeiro lá em cima? — perguntou Tammy. — Ele era seu amigo ou o que quer que fosse. — Maxine pareceu em dúvida. — Vá — insistiu Tammy. — Você vai lá em cima e eu procuro aqui embaixo.

— Tudo bem — concordou Maxine —, mas fique à distância de um grito.

— Vou ficar. E se não encontrar nada lá embaixo, volto direta para aqui e para junto de você.

E começou a subir os degraus, dois de cada vez.

— Eu não vou passar outra hora neste desfiladeiro depois do anoitecer — disse, enquanto subia.

Observou Tammy descer, enquanto subia e, em seguida, quando a volta da escada impediu que uma visse a outra, concentrou a atenção na porta à sua frente. O passadiço por onde andava estalava a cada passo. Sem dúvida, os estragos feitos pelos espíritos tinham sido tão completos quanto lá embaixo.

Só Deus sabia até que ponto eles haviam comprometido a estrutura da casa. Esta era outra razão — se alguma fosse necessária — para ir logo para longe dali. Ela havia lido seu Poe e sabia o que acontecia com casas tão psicóticas como aquela. Elas desmoronavam. Seus pecados finalmente se emparelhavam com elas e caíam sobre si mesmas como homens com tumores, sepultando cada um e todos os que fossem suficientemente estúpidos para estar ali dentro quando o telhado começasse a rachar.

— Tammy!

— Estou ouvindo.

— O lugar está se partindo todo aqui em cima. Está se partindo aí embaixo também?

— Está...

— Então, vamos andar ligeiro, 'tá'?

— Nós já combinamos isso.

— Ainda mais ligeiro.

Chegou à porta do quarto principal. Bateu, baixinho, no começo. Em seguida, chamou Todd pelo nome. Nenhuma resposta, enquanto tentava a maçaneta. A porta estava destrancada. Empurrou-a. A porta rangeu no chão terroso e ouviu o som de vários objetos de formas irregulares rolando no outro lado. Olhou com atenção. Além de areia, havia algumas pedras atrás da porta e vários torrões de terra, alguns ainda com pedaços de relva.

Aparentemente, alguém trazendo do jardim um saco de areia que se havia rompido atrás da porta.

— Todd? — chamou novamente.

Desta vez, ouviu uma resposta em voz baixa. Entrou no quarto.

As cortinas estavam quase inteiramente cerradas, mantendo fora quase nove décimos da luz do sol. O ar parecia viciado, como se ninguém tivesse aberto a

porta há dias, mas tinha também um forte cheiro de terra fresca.

Durante um momento, examinou a semi-escuridão, até que viu alguém sentado na cama, os joelhos erguidos sob o que pensou ser uma colcha escura.

Era Todd. Nu da cintura para cima.

— Olá, Maxine — disse ele.

Não havia nem música nem ameaça na voz.

— Olá, Todd.

— Não pôdeficar longe, ahn?

— Tammy está comigo — disse ela, transferindo a culpa.

— Eu sei, eu a ouvi. E a esperava. Não. Esperava, mais ou menos. Mas não esperava você. Pensei que tudo havia acabado conosco, depois que morri.

Fora da vista...

— Não é tão simples assim.

— Não, não é, é? Se isso serve de algum consolo, é verdade em ambas as direções.

— Você pensa em mim?

— Em você. Em Tammy. Na vida que tive. Claro. Penso nisso o tempo todo. Não há muito mais coisas a fazer aqui em cima.

— Nesse caso, por que está aqui?

Ele se moveu na cama e um pouco de areia caiu sobre o piso nu. O que havia pensado que fosse uma coberta era, na verdade, uma pirâmide de terra úmida, que ele havia empilhado sobre a parte inferior do corpo. Quando se moveu, a pirâmide desmoronou parcialmente. Ele estendeu a mão e puxou a areia em sua direção, de modo a não perder o que restava sobre a beira da cama.

O corpo dele, notou Maxine, parecia em melhor forma do que em anos.

Os músculos abdominais destacavam-se com clareza perfeita, os peitorais não pareciam carnosos demais e eram bem definidos. E o rosto mostrava a mesma recuperação. O dano produzido pelo tempo, os excessos e os bisturis do Dr. Burrow havia sido erradicados.

— Você parece bem — disse ela.

— Eu não me sinto bem — respondeu ele.

— Não?

— Não. Você me conhece. Não gosto de ficar sozinho, Maxine. Fico louco com isso.

Mas não olhava mais para ela. Estava rearrumando o monte de areia em volta do colo. A ereção dele, notou ela nesse momento, projetava-se do meio da terra.

— Eu acordo com isto — disse ele, mexendo com a mão o membro de um lado para o outro. — Não amolece.

Ele não parecia nem orgulhoso nem muito preocupado com isso: a ereção era apenas outro brinquedo, como a terra arrumada em cima do corpo.

— Por que foi que você trouxe para aqui metade do jardim?

— Apenas para brincar — respondeu ele. — Não sei.

— Sim, você sabe — insistiu ela.

— Muito bem, sei. Estou morto, certo? Certo?

— Certo.

— Eu sabia — disse ele, com o tom sombrio de alguém que ouvia a confirmação de uma má notícia. — Quero dizer, eu sabia. Logo que olhei no espelho e vi que não estava mais todo estropeado, pensei: no desfiladeiro, eu sou igual aos outros. De modo que fui procurá-los.

— Por quê?

— Eu queria conversar com alguém para saber como tudo isso funciona.

Estar morto, mas ainda estar aqui, ter um corpo, substância. Eu queria saber quais eram as regras. Mas todos eles foram embora. — Deixou de brincar consigo mesmo e olhou para o raio de luz que se insinuava entre as cortinas.

— Só sobraram aquelas coisas...

— Os filhos?

— Eles mesmos. E eles estavam morrendo como se fossem moscas.

— Nós os vimos. Eles estão por todos os lados na casa.

— Bichos danados de feios — comentou Todd. — E sei por que, também.

— Por quê?

— Porque eles estão morrendo.

— O quê?

Todd passou a língua pelos lábios e franziu as sobrancelhas, os olhos tornando-se encapuçados.

— Há alguma coisa lá fora, Maxine. Alguma coisa que chega à noite. — A voz havia perdido toda energia. — Ela pousa no telhado.

— Do que é que você está falando?

— Não sei o que é, mas me borro todo de medo. Pousada no telhado, brilhando.

— Brilhando?

— Brilhando, como se fosse um pedaço do sol.

Inesperadamente, iniciou um esforço concentrado para sepultar a ereção, como um menininho obcecado por algum ritual banal: dois punhados de terra, mais dois, mais dois, apenas para esconder o membro. Não funcionou.

A cabeça do membro continuou a aparecer, vermelha e lisa.

— Não quero que essa coisa me veja, Maxine — disse ele em voz muito baixa. — A coisa no telhado. Não quero que ela me veja. Você diz a ela para ir embora?

Maxine riu.

— Não ria de mim.

— Não posso evitar — respondeu ela. — Olhe só pra você. Sentado dentro de um saco de areia, com o pau duro e falando em alguma luz...

— Eu nem mesmo sei o que é — continuou ele.

Maxine continuava a rir com o absurdo de tudo isso.

— Eu vou dizer a Tammy para fazer isso — resolveu Todd. — Ela faz isso por mim. Sei que faz. — Continuou a olhar para o raio de luz entre as cortinas.

— Vá chamá-la. Quero conversar com ela.

— De modo que fui dispensada, é isso?

— Não — disse ele. — Você pode ficar, se quiser, ou ir embora. Você me viu. Eu estou bem.

— Exceto pela luz.

— Exceto pela luz. Eu não estou louco, Maxine. Ela está aqui.

— Eu sei que você não está louco — concordou Maxine.

Ele fitou-a diretamente pela primeira vez. A luz que ele estivera fitando conseguira, de alguma maneira, entrar em seus olhos e estava nesse momento refletida em sua direção — ou era simplesmente assim que todos espíritos pareciam? Pensou que talvez fosse isso. Aquele olhar prateado que parecia ao mesmo tempo belo e nada humano.

— Acho que nós dois poderíamos estar sonhando com tudo isto — continuou ele.

— Não é sem razão que chamam estes lugares de palácios dos sonhos. Quero dizer... Eu estava morto, não? Sei que estava. Aquela puta me matou...

A voz tornou-se sombria ao lembrar-se da dor de seus minutos finais, não tanto a dor física, talvez, mas a dor de Katya ter se voltado contra ele, de tê-lo traído.

— Bem, pelo que vale — disse Maxine —, sinto muito.

— Sobre o quê?

— Oh, milhares de coisas. Mas, principalmente, por tê-lo abandonado.

Foi Tammy quem me chamou a atenção para isso. Se eu não tivesse ido embora e o deixado, talvez nada disso tivesse acontecido.

— Ela disse isso a você? — perguntou Todd com um sorriso.

— Disse.

— Ela fala, mesmo, quando quer.

— O importante é: ela tinha razão.

O sorriso de Todd apagou-se.

— Aquela foi a pior época de minha vida — disse.

— E eu a tornei pior.

— Está tudo bem — disse ele. — Acabou tudo, agora.

— Acabou, mesmo?

— Acabou, mesmo. Agora aquilo é história.

— Eu estava tão cansada — disse Maxine.

— Eu sei. Cansada de mim e cansada da pessoa em quem havia se transformado, ahn?

— Isso mesmo.

— Eu não a culpo. Esta cidade fode as pessoas e acaba com elas. — Nesse momento, fitava-a com aquele olhar luminoso, mas era claro que seus pensamentos vagueavam. — Onde foi que você disse que Tammy estava?

— Ela desceu.

— Você, por favor, poderia chamá-la por mim?

— Oh, por favor, agora — comentou ela, sorrindo. — Você mudou.

— Você sabe o que começa a acontecer, se ficar aqui por muito tempo?

— perguntou ele, sem referir-se a coisa alguma em particular.

— Não, o quê?

— A gente começa a ter lampejos do passado. Pelo menos, eu tenho.

Estou sentado aqui e, de repente, sonho que estou no alto de uma montanha.

— De uma montanha?

— Escalando um paredão a pino.

— Isso não pode ter sido uma recordação, Todd. Ou, pelo menos, não pode ter sido uma montanha de verdade. Você odiava alturas, lembra-se?

Ele desviou a vista e voltou a olhar para a fenda entre as cortinas.

Evidentemente, essa notícia deixava-o contrafeito, uma vez que questionava a natureza de suas recordações.

— Se não era uma montanha de verdade, o que era?

— Um falsa montanha, construída em um dos palcos da Universal. Foi usada no The Big Fali.

— Um filme que fiz?
— Um filme. Um filme de grande sucesso. Você, com certeza, lembra-se dele.
— Eu morria no filme?
— Não, não morria. Por que quer saber isso?
— Na noite passada, estive justamente tentando me lembrar dos filmes que havia feito. Continuava a pensar que, se a luz tem que vir me buscar e se eu tenho que ir, vou ter que dizer a ela que filmes fiz...

Olhou para a parede ao lado da cama, onde rabiscara uma lista — em letras grandes e toscas — de alguns títulos de seus filmes. Não era de modo algum completa, talvez prova de que sua mente estava se deteriorando. Nem os títulos que ele havia lembrado eram rigorosamente exatos. Por alguma razão, Gunner se transformou em Gunman, e The Big Fali em simplesmente Fallen. E acrescentou também o Warrior à lista, isto é, o filme que desejara tanto fazer.

— Nesse caso, em quantos filmes eu morri?
— Em dois.
— Por que apenas dois? Responda logo.
— Porque você era o herói.
— Resposta certa. E heróis não morrem. Nunca, certo?
— Eu não diria nunca. Às vezes, é o final perfeito.
— Por exemplo.
— A Tale of Two Cities.
— Isso é estranho. De qualquer modo, não vamos brigar por ninharias. Não me importo com o que a luz quer. Eu sou o herói.
— Oh, agora estou entendendo para onde isto está indo.
— Eu não estou indo, Maxine.
— E se ela quiser levá-lo para um lugar melhor?
— Tal como?
— Não sei...
— Diga. Continue. Veja... você não pode nem dizer o que é.
— Posso. Céu. O Além.
— É para lá que você pensa que ela quer me levar?
— Eu não sei para onde ela quer levá-lo, Todd.
— E eu nunca vou descobrir, porque não vou. Eu sou o herói. Não tenho que ir. Certo?
O que poderia ela responder? Todd tinha essa ideia tão firmemente encaixada na cabeça que não seria fácil desalojá-la.
— Acho que, se você coloca a questão dessa maneira — disse Maxine —, você não tem que ir a qualquer lugar que não queira.

Ele colocou o pé atrás de um torrão de terra e empurrou-o para fora pela borda da cama. A pedrinha de areia esfarelou-se com um pequeno ruído e se espalhou por cima das tábuas nuas do chão.

— Tudo isso é papo furado, de qualquer maneira.

— O que é papo furado?

— Filmes. Eu devia ter feito alguma coisa mais útil com minha vida.

Donnie tinha razão.

— Donnie?

— Ele mesmo. — De repente, olhou-a, sério. — Donnie era real, não era?

Era meu irmão. Diga que eu não o criei em um sonho.

— Não, você não o criou num sonho.

— Oh, ótimo. Ele foi a melhor alma que jamais conheci na vida.

Lamento dizer, mas era.

— Nada disso, ele era seu irmão. É bom você tê-lo amado.

— Hummm. — Um silêncio. Longo. Em seguida: — A vida seria uma merda se eu apenas o tivesse criado num sonho.



OITO

Ao pé da escada, Tammy descobriu que toda a subestrutura da casa — o piso outrora ocupada pela Terra do Demônio — estava reduzida nesse momento a uma pilha de escombros, com uns poucos pilares de suporte aqui e ali que eram presumivelmente as únicas coisas que impediam a casa de desmoronar por completo. Observando o perigoso estado das coisas, sentiu a tentação de voltar a subir imediatamente a escada e avisar Maxine, mas depois pensou que provavelmente não havia essa urgência toda. A casa permanecera de pé durante todas essas semanas, depois de os espíritos terem causado aquela destruição maciça e nada indicava que fosse desabar nos próximos cinco minutos. Podia arriscar-se a olhar por ali durante mais algum tempo, simplesmente para ter certeza de que compreenderia tanto desse mistério quanto fosse possível, antes de lhe dar as costas para sempre.

Os últimos degraus da escada haviam sido arrancados pela fúria dos espíritos, mas havia ainda um monte de escombros diretamente abaixo, de modo que não teve que dar um grande salto. Ainda assim, aterrissou desajeitada e escorregou desgraciosamente para um lado do monte, furando os tornozelos e panturrilhas nas quinas dos ladrilhos quebrados.

Afastou-se do pé da escada e dirigiu-se para a porta, cujo vão ainda continuava de pé, o que foi para ela uma grande surpresa, embora as paredes à direita e à esquerda tivessem sido virtualmente demolidas e o teto cedido, mostrando uma rede de canos e cabos. Era muito pouca a luz, escoando-se um pouco da área da torreta, além do local onde estava. À parte isso, a escuridão era total em todas as direções. Afastou-se um pouco da porta, tomando cuidado para não se chocar com algum pedaço da alvenaria e não perder o senso de direção.

De vez em quando, alguma coisa no andar superior estalava e gemia ou em algum lugar na escuridão à sua volta ouvia um chuveiro de pó de reboco. Em seguida, os rangidos paravam, como também a chuva fina, e seu coração retomava o ritmo normal.

De uma coisa estava certa: não havia espíritos ali. Eles haviam causado aquela destruição geral e seguido seu melancólico caminho, deixando a casa para rachar cada vez mais e, no fim, quando não pudesse aguentar mais seu próprio peso, desmoronar por completo.

Já tinha visto o suficiente. Voltou para a porta, passando por ela, iniciou a subida dos degraus, começando do monte de escombros ao pé da escada. A escada balançava agourentamente enquanto subia e notou que ela havia se soltado da parede a alguns metros acima e que estava "flutuando", fato este que lhe passara despercebido na descida. Subiu com muito mais cautela e chegou ao piso relativamente sólido do alto dos degraus, pronunciando uma palavra mal articulada de graças.

Viu aberta a porta do quarto principal. Um momento depois, Maxine saiu por ali e chamou-a com um gesto.

— Todd está aqui e quer falar com você — explicou.

— Ele está bem? — perguntou Tammy, dando-se conta, enquanto dizia isso, que era uma grande tolice fazer uma pergunta dessas sobre um homem que havia sido recentemente assassinado.

Como resposta, Maxine fez uma cara estranha, como se não tivesse a mínima pista sobre o que queria o homem que se encontrava naquele quarto.

— Entre simplesmente e veja por si mesma — disse.

No momento em que cruzavam os degraus, Maxine aproveitou a oportunidade para sussurrar: — Tomara que você consiga entendê-lo mais do que eu.

— Olá, Tammy.

Todd estava deitado na cama, com um monte de areia lhe cobrindo a parte inferior do corpo. Havia areia também no chão e em suas mãos.

— Você está que é uma sujeira só — disse ela alegremente.

— Estive brincando na lama.

— Posso abrir um pouco as cortinas ou acender a luz? Aqui está muito escuro.

— Acenda a luz, se realmente precisar.

Tammy foi até uma mesa de canto e virou o interruptor de um abajur antigo, mas com cuidado, por causa de seu anterior problema com a eletricidade no andar de baixo. Em seguida, olhou pela estreita fresta entre as cortinas.

Maxine tinha razão. A noite estava se aproximando rápido. O lado oposto do desfiladeiro já se cobria de uma cor preto-púrpura e o céu perdera todo seu calor. Não havia ainda estrelas, mas a lua já nascia no canto nordeste do desfiladeiro.

— Não olhe pra fora — pediu Todd.

— Por que não?

— Simplesmente feche as cortinas. Por favor.

Ela obviamente não foi bastante rápida para ele, porque ele saltou da cama, espalhando areia por todos os lados. O movimento súbito dele surpreendeu-a. Não era, exatamente, que estivesse com medo dele, mas, se a morte forçava as inclinações naturais das pessoas, como parecia que acontecia, então havia uma boa probabilidade que ele fosse mais estourado na morte do que havia sido em vida. Ele lhe tomou as cortinas das mãos — quase as arrancou — e fechou-as hermeticamente.

— Eu não quero ver o que está lá fora — disse ele. — Nem você deve.

Ela olhou para a entreperna de Todd. De que maneira podia evitar fazer isso? Ele estava tão duro como qualquer outro homem que já vira na vida, o membro mexendo mesmo quando ele ficava parado em pé ali, acompanhando o ritmo de sua respiração.

Seria ridículo, pensou Tammy, não mencionar esse fato. Como se ele estivesse ali com um porco embaixo do braço e ela nenhuma referência fizesse a isso.

— Em honra de quem? — perguntou ela, apontando para aquele comprimento pulsante. — De mim?

— Ora, você gostaria?

— Está todo coberto de areia.

— Está mesmo.

Pegou os 10cm inferior do membro e começou a escovar com a mão os 10cm superiores, girando-o o (empo todo (de uma maneira que Tammy achou que doía), de modo que pudesse tirar as partículas de terra das bordas da cicatriz de sua circuncisão.

— Eu não esperava voltar a vê-la — disse ele, enquanto trabalhava.

Soltou o pau, que bateu no ventre antes de voltar a sua posição de cabeça ereta.

— Eu estava começando a pensar que este era meu único amigo.

Empurrou o membro para o lado com uma batida, soltando uma pequena risada.

— Desculpe — disse Tammy. — Eu não me sentia suficientemente bem para vir aqui antes.

Voltou em seguida à cama e sentou-se à beira do colchão. Mais areia caiu no piso. Cruzou os braços, tornando protuberantes os músculos dos ombros e do peito.

— Você está zangado comigo? — perguntou Tammy.

— Um pouco, acho.

— Por que eu não vim visitá-lo?

— Isso mesmo.

— Eu não teria sido uma companhia muito boa. Eu pensei que ia ficar louca.

— Pensou? — Ele pareceu interessado nesse momento. — O que foi que aconteceu?

— Eu me tranquei em casa. Não queria ver ninguém. E estava quase pronta para me matar.

— Merda — disse ele. — Não há razão para fazer isso. Todos os maus momentos passaram, Tammy. Você pode seguir em frente e viver sua vida.

— Que vida? Eu não tenho uma vida — suspirou ela. — Simplesmente aquela casinha idiota, cheia de objetos que falam de Todd Pickett.

— Você poderia vender tudo aquilo.

— Vou vender, pode acreditar. E talvez fazer um cruzeiro pelo mundo.

— Ou, melhor ainda, ficar aqui comigo.

— Eu não acho...

— Estou falando sério. Fique aqui.

— Você esteve lá embaixo?

— Não recentemente. Por quê?

— Porque esta casa vai desabar, Todd. Logo, logo.

— Não, não vai — respondeu ele. — Você não sabia que, todos os dias, acontecem dezenas de pequenos terremotos na Califórnia? Pois acontecem. E esta casa ainda está de pé.

— Mas ela não tem mais nenhum alicerce, Todd. Os convidados de Katya arrancaram tudo.

Todd virou-se na cama e começou a empurrar para fora do lençol braçadas cheias de areia.

— O que você está fazendo?

— Convencendo você a ficar — disse ele, ainda puxando a terra para fora.

Quando conseguiu tirar quase toda a terra de cima da cama, soltou o lençol e foi para o outro lado, jogando os cantos do lençol no meio da cama e, em seguida, enrolando juntos lençol e areia. Empurrou a trousse para fora da cama e deitou-se no colchão limpo, a cabeça encostada à cabeceira da cama, as pernas cruzadas. Os testículos pareciam fortes e brilhantes e, o membro, tão duro como sempre. Dirigiu-lhe um riso lascivo.

— Suba para bordo — disse.

Ali, pensou Tammy, estava um convite em um milhão. E houve tempo, sem dúvida, em que teria desmaiado só em pensar nisso.

— Eu acho que você devia se cobrir — disse, mantendo o tom amigável, mas firme. — Você não tem uma calça pra usar?

— Você não quer isso? — perguntou ele, passando os dedos sobre a cabeça macia do membro.

— Não — respondeu ela. — Obrigada.

— É porque estou morto, não é?

Tammy não respondeu. Em vez disso, foi até o closet — enorme, menos de uma décima parte dele cheia —, iniciou uma busca entre as calças e camisas penduradas nos cabides e descobriu uma jeans velha e bem surrada, sugerindo seu estado que Todd gostava muito daquela peça, porque a havia mandado consertar várias vezes. Puxando a calça do cabide, ouviu um som no telhado, como alguma coisa arranhando as telhas espanholas.

— Ouviu isso? — perguntou em voz alta a Todd.

Nenhuma resposta do quarto do outro lado da porta. Trazendo a jeans, voltou para o quarto. Todd não estava mais na cama. Havia agarrado o lençol sujo no chão e o amarrara de qualquer modo em volta do corpo, com um resultado parecido com alguma coisa entre uma toga e uma mortalha e nesse momento rastejava num canto do quarto nessa estranha vestimenta, os olhos virados para o telhado. Chamou Tammy com um gesto, levando um dedo aos lábios para pedir silêncio. Tammy ouviu mais sons no telhado, sons de alguma coisa arranhando, o que sugeria que o animal, o que quer que fosse, era de um tamanho considerável.

— O que é isso? — perguntou ela. — Isso não é uma ave.

Ele abanou a cabeça num gesto negativo, ainda olhando fixamente para cima.

— O que é, então?

— Não consigo ver o que é. É brilhante demais.

— De modo que você olhou.

— Claro que olhei — respondeu ele baixinho. — Merda, isso sempre acontece. É como se fosse o coro deles.

Ele se referia aos coiotes, que haviam iniciado uma rodada contínua de uivos de quase pânico no outro lado do desfiladeiro.

— Sempre que a luz aparece, os malditos coiotes começam.

E começou a tremer. Não de frio, pensou Tammy, mas de medo. Pensou por um momento que esta situação diferia muito da imagem convencional de caça a fantasmas. O fantasma nu e com medo e ela lhe oferecendo uma calça para vestir.

— Ela veio me buscar—disse Todd, num murmúrio.—Você sabe disso.

— Como é que você pode ter certeza?

— Porque posso sentir isso. No peito. E nos colhões. Na primeira vez em que a coisa veio aqui, chegou a entrar mesmo na casa e eu acordei com esta dor terrível

nos colhões. E ele — apontou para a entreperna — estava tão duro que doía. Fiquei apavorado. Gritei para que fosse embora, e ela foi.

Acho que devo tê-la assustado.

— Quantas vezes ela voltou, desde aquela primeira vez?

— Seis ou sete. Não, mais. Nove, dez vezes. Às vezes, ela simplesmente espera no jardim. Em outras ocasiões, fica no telhado, como agora. E, uma vez, ficou dentro da piscina.

— A piscina está vazia.

— Está. Eu sei. A coisa estava deitada no fundo, sem se mover.

— E não conseguiu ver qual a forma dela?

— Não, ela não tem nenhuma forma. Quero dizer, anjos têm formas?

— Anjo? É isso o que pensa que a coisa seja?

— Tenho plena certeza. Quero dizer, ela veio me buscar. E eu estou morto. É por esse motivo que está pairando por aqui. E quase me pegou uma vez...

— O que foi que aconteceu?

— Olhei para ela. E minha cabeça começou a se encher de recordações.

Coisas em que eu não havia pensado durante anos e anos, literalmente. Eu e Donnie, no nosso tempo de crianças. Cincinnati. Nada importante. Apenas coisas em que a gente poderia pensar quando se entrega a fantasias. E a coisa me disse...

— Espere. Ela fala? Essa coisa fala?

— Fala, sim.

— De que sexo ela é?

— Não sei. Às vezes, parece que é um cara... — Encolheu os ombros. — Não sei.

— Desculpe ter interrompido. O que foi que ela disse?

— Ahn, o que disse foi o seguinte: tudo isto está esperando por você.

— "Tudo isto" significando o quê?

— Todas as recordações, acho. Meu passado. Pessoas. Lugares. Cheiros. Você sabe como, às vezes, a gente acorda de um sonho e ele foi tão real, tão forte, que tudo no mundo real parece um pouco dúbio na primeira meia hora? Bem, foi assim depois que vi as recordações. Nada era inteiramente real.

— Nesse caso, por que, com todos os diabos, você está resistindo? Ela não quer machucá-lo.

— Eu lhe digo por que estou resistindo. Porque é uma rua de mão única, Tammy. Eu vou com a luz e não há caminho de volta.

— E ficar aqui é tão maravilhoso assim?

— Agora, não comece...

— Estou falando sério.

— Não discuta comigo — disse ele. — Eu pensei muito nessa situação. Acredite em mim. É tudo em que pensei.

— Nesse caso, o que você quer fazer?

— Quero que você fique aqui comigo até que essa maldita coisa vá embora. Ela não vai tentar fazer qualquer trapaça, se você estiver aqui.

— Você quer dizer, renunciar às suas recordações?

— Ela tem outras. Uma vez apareceu no gramado, parecendo Patricia, minha mãe. Eu sabia que não era realmente ela, mas a coisa é tão astuciosa assim. Sabe, ela me disse para acompanhá-la apenas por alguns segundos.

— E ela o enganou?

— Enganou. Mas não por muito tempo...

Nesse momento, ouviram uma batida à porta. Todd deu um salto da cama.

— É apenas Maxine — disse Tammy, levantando-se e dando as costas a Todd.

Ele segurou a jeans, ainda na mão de Tammy, não porque quisesse vestila, mas para evitar que ela lhe escapasse.

— Não atenda — disse. — Por favor, fique aqui comigo. Estou lhe implorando. Fique, por favor.

Tammy prendeu a respiração por um momento à escuta da presença no telhado. Não mais audível. Teria a criatura — ou o que quer que fosse — simplesmente ido embora ou estava ainda agachada ali em cima, esperando uma oportunidade? Ou — uma terceira possibilidade, tão plausível quanto as duas outras — estava sendo enganada por algum medo fictício que Todd, em seu confuso estado post-mortem, tinha simplesmente criado do nada? Estaria ela simplesmente ouvindo o som de aves no telhado, saltitando de um lado para o outro e deixando que a imaginação dele a tornasse nervosa e profundamente agitada?

— Vista a calça — disse, soltando-a.

— Tammy. Escute...

— Estou escutando — respondeu ela, dirigindo-se para a porta do quarto.

— Vista a calça.

Ouviu novamente a batida à porta. Dessa vez, pensou que talvez tivesse se enganado. Não era Maxine, absolutamente. Era alguém fora da casa, batendo à porta da frente.

Foi até a porta do quarto e abriu-a cautelosamente. E viu Maxine voltando da porta da frente pelo corredor.

— O que é? — perguntou baixinho.

Maxine levantou a vista para ela. Pela expressão de seu rosto, alguma coisa a perturbava.

— Ouvi uma batida. Fui até a porta. E, Tammy, havia uma luz lá fora, brilhando através das rachaduras da porta.

— De modo que, então, ele não está tendo alucinações — disse Tammy.

Desceu a escada para animar Maxine. Enquanto isso, contou-lhe o que acabara de ouvir de Todd.

— Todd disse que havia alguma coisa lá fora à espera dele. Foi isso o que ele disse: esperando por ele. Aparentemente, ela fica em cima do telhado muito tempo. — Pôs a mão no ombro trémulo de Maxine.—Você está bem?

— Estou, agora. Mas a coisa me apavorou.

— De modo que você não abriu a porta?

— Não dá para abrir, dá? Está rachada. Mas isso não é lá uma grande proteção.

— Fique aqui.

Dito isso, Tammy cruzou o corredor, passou cautelosamente pela porta quebrada e saiu para a entrada da casa.

— Oh, Jesus, tome cuidado — murmurou Maxine.

— Não há nada aqui — respondeu Tammy.

— Tem certeza?

Maxine passou pela porta e as duas ficaram juntas no lado de fora.

A última luz da tarde morrera por essa ocasião. A lua, porém, já surgira e brilhava através das árvores, à direita da porta.

— Pelo menos, é uma noite bonita — observou Maxine, olhando para a luz que descia por entre os ramos.

Os pensamentos de Tammy estavam em outros lugares. Saiu da casa e desceu para o caminho lageado. Lá, girou sobre si mesma, vistoriando o telhado de uma ponta a outra, procurando algum sinal, qualquer sinal, da criatura que causara o barulho lá em cima. Tanto quanto podia ver, o telhado estava inteiramente deserto.

— Nada — disse para si mesma.

Voltou a olhar para Maxine, que ainda olhava para a lua. Ficou espantada ao ver que a luz da lua havia aparentemente a levado às lágrimas.

— Qual é o problema? — perguntou.

Maxine permaneceu calada, simplesmente olhava sem expressão para as árvores.

Algumas folhas caíram dos ramos de onde vinha a luz da lua e, para surpresa sua, a luz começou a descer lentamente.

— Oh, merda — disse bem baixinho Tammy, compreendendo que aquilo não era a luz da lua.

Todd estava certo. Havia alguma entidade ali, com uma forma externa de luz descarnada, seu núcleo indecifrável. O que fosse aparentemente tinha olhos, porque podia vê-las claramente. Tammy não tinha dúvidas a esse respeito. Sentiu o olhar por fora, mas não apenas isso, na verdade, também por dentro. Ela era inteiramente transparente para a luz ou pelo menos era assim que se sentia.

E enquanto esse exame como que prosseguia por dentro sentiu que o mesmo despertava outras imagens em sua mente. A casa na Monarch Street onde nascera apareceu à sua frente, sua presença não era clara o suficiente para bloquear o mundo onde estava nesse momento, mas coexistindo com ele, nenhuma das duas vistas parecendo satisfeita uma ao lado da outra. A porta da casa foi aberta e a tia Jéssica, irmã de seu pai, saiu para a varanda. Tia Jéssica, logo ela, em quem não pensava há tanto tempo. Jéssica, a tia solteirona, sorrindo ao sol e, do passado, acenando para ela.

Não só acenando, falando.

— Seu pai está no quartel dos bombeiros — disse ela. — Entre agora, Tammy. Entre agora.

Não gostara muito de tia Jéssica nem sentira qualquer grande medo do pai. O fato de tia Jéssica estar ali na varanda nada tinha de notável. Ela vinha para a ceia todas as terças, quintas e sábados, frequentemente cuidando dela e dos irmãos quando os pais saíam para o cinema ou para dançar um pouco, o que gostavam de fazer. Até mesmo as palavras sobre o pai estar no quartel dos bombeiros não tinham importância. Por alguma razão, papai estava sempre no quartel dos bombeiros, porque ele não era simplesmente bombeiro, mas também o representante do sindicato e defensor de aumento de salário e melhores condições de trabalho. De modo que sempre havia reuniões e debates, além dos deveres diurnos.

Em resumo, a recordação não tinha qualquer grande significação, exceto pelo fato de ser uma recordação sua e de essa criatura — anjo ou o que fosse — ter penetrado em sua cabeça para pô-la em movimento. Com a finalidade de lhe desviar a atenção? Talvez, sendo tão perfeitamente comum. Tammy poderia aceitá-la sem protesto, uma vez que a recordação nem evocava grande alegria nem grande pesar. Era simplesmente o passado ali à sua frente, momentaneamente real.

Pensou no que Todd lhe havia dito, que o anjo aparecera sob a forma de sua mãe. Por alguma razão, a maneira como Todd descrevera o processo parecera muito mais sinistro do que isso, mais como uma armadilha para lhe prender a alma.

— Tammy?

— Estou vendo — disse ela a Maxine.

— O que é que você está vendo? — perguntou Maxine.

— Apenas minha tia Jéssica...

— Eu, se fosse você, olhava para o outro lado — aconselhou Maxine.

Tammy não compreendeu por que razão era importante desviar a vista.

— Estou bem, apenas observando — disse.

Maxine, porém, segurou-lhe o braço e apertou-o com tanta força que doeu. Teve vontade de se virar e dizer a ela que a soltasse, mas isso era mais fácil dizer do que fazer. A imagem da casa de tábuas na Monarch Street a havia, na verdade, colhido em seu pequeno laço. Parecia um pequeno trecho de filme, girando, girando sem parar.

A porta era aberta, tia Jéssica aparecia e lhe dizia três frases:

— Seu pai está no quartel dos bombeiros. Entre agora, Tammy. Entre agora.

Depois, acenava novamente e se virava para voltar para a casa. A porta estava fechada. A despeito da luz do sol que caía através dos ramos do velho sicômoro imediatamente à direita do número 38 da Monarch Street. Grossos ramos. Em seguida, após um curto instante, a porta era aberta outra vez e tia Jéssica reaparecia na varanda, com exatamente o mesmo sorriso nos lábios e as mesmas palavras para dizer.

— Desvie a vista — repetiu Maxine, desta vez com mais urgência.

A urgência penetrou. Talvez eu deva fazer o que ela diz, pensou, talvez este pequeno programa cinematográfico não seja tão inocente quanto parece. Talvez eu vá ficar presa para sempre neste laço, com a porta, Jéssica e as sombras caindo pelo sicômoro.

Sentiu um leve espasmo de pânico. Fez um esforço consciente para desviar a vista, pensando no que Todd lhe havia dito. Mas a mente havia se grudado à cena evocada pelo anjo e não conseguiu se libertar. Obrigou-se a fechar os olhos, mas o laço permanecia ali, atrás das pálpebras. Na verdade, era mais forte ali porque nada havia com que competir. Começou a tremer.

— Ajude-me... — murmurou para Maxine.

Mas não ouviu resposta.

— Maxine?

Havia pontinhos de luz na imagem que podia ver na mente e que se tornavam maiores. A despeito do pânico em que se encontrava, não teve problema para descobrir o que eles significavam. O anjo estava se aproximando mais dela. Usava o disfarce da recordação aprisionada para aproximar-se, até que ela ficasse a seu alcance.

— Maxine! — gritou. — Onde, diabos, está você?

No olho da mente, a porta verdadeira da Monarch Street abriu-se por talvez a décima primeira ou décima segunda vez: sorridente, tia Jéssica apareceu para acenar e falar...

— Maxine?

— Seu pai está no quartel dos bombeiros...

— Maxine!

Ela tinha ido embora, esta era a triste verdade. Vendo o anjo aproximar-se e incapaz de tirar Tammy do caminho, ela fez a coisa sensata, autoprotetora.

Recuou.

A luz na cena da Monarch Street tornava-se mais forte a cada momento.

Sentiu-lhe as energias corrosivas na pele. O que a luminescência do anjo faria se a tocasse? Cozinhar o tutano de seus ossos? Ferver e evaporar seu sangue?

Oh, Deus do céu. Aquilo não era uma brincadeira, era vida ou morte. Tinha que encontrar uma maneira de romper o laço, antes que a luz do projetor angelical se tornasse quente demais e a cremasse.

Não teria ajuda de parte de Maxine, isso era claro, de modo que só lhe restava Todd. Onde estivera ele na última vez em que o vira? Seus pensamentos eram tão caóticos que nem mesmo disso conseguia se lembrar.

Não, espere, ele estivera lá em cima, na casa, não? Não conseguia imaginá-lo (o laço era apertado demais, o fulgor doentivamente forte, apagava qualquer outra imagem em sua mente, real ou imaginada), mas lembrou-se de que ele estivera lá em cima, no quarto principal.

Oh, e estivera nu. Lembrou-se disso, também. Todd, o espírito nu, batendo no membro duro que subitamente descobrira que era inquebrável.

Durante um momento, a imagem de Jéssica à frente da casa sacudiu-se violentamente, como se as rodas dentadas se prendessem por um momento na porta. Sua mente descobrira uma ferramenta para jogar dentro do mecanismo. Na verdade, o instrumento de Todd, balançando entre as pernas dele, lançava-lhe seu olhar de fenda.

Sim! Podia quase vê-lo...

A imagem sorridente de tia Jéssica sacudiu-se violentamente pela segunda vez e, em seguida, o brilho atrás da imagem começou a penetrar com força em seus olhos, queimando as pupilas, fazendo com que ela parecesse momentaneamente demoníaca.

— Ioiô ioiô seu-seu-papai-está-está-esta-no-no-no...

A mulher girava como um boneco manipulado por alguém nas primeiras fases de um grand mal. O laço voltou e ela acenou novamente, com a primeira sílaba da fala presa na língua.

Tammy ignorou-a. Tinha o belo membro de Todd no olho da mente e ele era suficientemente forte para quebrar as costas do anjo.

— "Vá embora"— disse a tia Jéssica.

— Io-iô-io-iô...

— Eu disse: Vá embora!

Ali estava ela novamente, a ereção de Todd, clara como o dia. Fez uma avaliação desapaixonada da mesma, para dar solidez à recordação. Tinha uns 20cm de comprimento, circuncidada, com uma leve inclinação para a esquerda.

A luz atrás de tia Jéssica tornou-se cegamente brilhante, queimando não só o corpo da velha senhora, mas a varanda e o sicômoro. A imagem do órgão viril de Todd tornava-se mais forte a cada momento, como se a pulsação de Tammy estivesse lhe injetando sangue, tornando-o grandioso.

O brilho do anjo ainda fazia sua pele coçar, mas nesse momento ela dominava a situação. Mais dois, três segundos, e Monarch Street desapareceu inteiramente, abafada pela imagem da masculinidade de Todd.

— Maxine! — gritou novamente.

Nenhuma resposta ainda. Baixou a cabeça, de modo que, quando abrisse os olhos, estivesse olhando para o chão e não para a luz do anjo. Esperava mais ou menos ver Maxine estirada no chão a seus pés, vencida pelo poder do anjo. Mas, não. Não havia nada ali embaixo, só o caminho rachado que descia da porta da frente da casa.

Girou sobre os calcanhares e levantou um pouco a vista. A porta da frente estava aberta, a luz do anjo enchia toda a cena diante de seus olhos, esvaziando-a de cor e lançando sua sombra alta na parede.

Tammy sentiu um vontade perversa de olhar para trás, por cima do ombro, de pôr mais uma vez à prova a arma que havia evocado. Mas dominou esse desejo absurdo e foi aos tropeços pelo mesmo caminho por onde ela e Maxine tinham descido pouco tempo antes.

Antes mesmo de chegar aos degraus, ouviu os soluços de Maxine dentro de casa. Enraivecida porque havia sido deixada sozinha para enfrentar o inimigo, mas pelo menos agradecida porque Maxine estava viva, subiu os degraus, fechou a porta rachada até onde pôde, e voltou a entrar.

Encontrou-a sentada nos degraus, tremendo.

No andar acima, Todd acabava de sair do quarto. Vestia a jeans que ela lhe arranjava e trazia nas mãos uma arma de fogo de grosso calibre.

— Isso não vai lhe fazer nenhum bem — disse Tammy, batendo a porta às suas costas.

— Sinto muito — disse Maxine. — Eu a abandonei lá fora.

— Eu notei.

— Eu estava gritando para você vir comigo, mas você não se movia. E aquela coisa estava se aproximando cada vez mais.

— Ela quer me pegar. Você, não.

Pensou um pouco, e continuou:

— Bem... — disse, olhando para a frente da jeans e para algo que a empurrava para a frente, dizendo ao mesmo tempo uma prece silenciosa pela eficácia de seu

conteúdo. — Temos duas opções. Ou entregamos você ao anjo e deixamos que o leve para onde, droga, queira levá-lo...

Oh, Deus, não. Eu não quero ir com aquela coisa. Eu preferiria morrer.

— Pare de balançar essa arma e escute, Todd. Eu disse que nós tínhamos duas opções.

— Qual é a outra?

— Fugir daqui às carreiras.



NOVE

Dadas as circunstâncias, aquilo não era realmente uma opção.

Tinham que escapar dali e, da maneira como interpretava a situação, quanto mais cedo, melhor para todos. O anjo poderia dar-se o luxo de fazer um jogo de espera, pensou. Anjo precisa comer? Provavelmente, não. Dorme ou precisa de uns pequenos momentos privados, como para defecar? Mais uma vez, provavelmente, não. Poderia, com toda probabilidade, sitiar a casa durante dias, semanas, até meses, até que suas vítimas não tivessem mais forças para driblá-lo ou lhe passar a perna em astúcia.

Maxine tinha ido para o banheiro de hóspedes para lavar o rosto lívido. E não pareceu muito melhor quando voltou. Continuava pálida e trêmula. Mas, à sua habitual maneira direta, exigiu que todos concordassem com o que estava sendo discutido ali, em palavras de uma ou, no máximo, duas sílabas.

— Vamos todos entender bem esta coisa — disse. — Aquela coisa no lado de fora é, definitivamente, um anjo. Ou, em outras palavras, empresário de algum poder divino. Sim ou não?

— Sim — disse Todd.

Sentado no alto da escada, ele era apenas parcialmente visível à luz da sala de jantar, a única fonte de luz que nesse momento ainda funcionava.

— E por que está aqui? Exatamente. Para que conste.

— Nós sabemos por que ele está aqui, Maxine — disse Tammy.

— Não, vamos ser simplesmente claros a esse respeito. Porque me parece que estamos brincando com fogo. Essa coisa, essa luz...

— Ela quer minha alma — disse Todd. — Isso é suficientemente claro para você?

— E você? — perguntou ela, lançando um olhar a Tammy para ver como ela estava reagindo a tudo isso. — Você está ingenuamente sugerindo que devemos tentar correr mais do que ela?

— Estou.

— Você está louca.

Antes que Tammy pudesse responder, Todd fez um apelo final:

— Se nós fracassarmos, fracassamos. Mas, pelo menos, vamos tentar.

— Para ser franca, reconheço que fui derrotada nesta votação, mas acho que isso é loucura — insistiu Maxine. — Se você realmente acredita em sua alma imortal,

Todd, por que não deixa que esse empresário do divino venha e leve você?

— Não estou dizendo que não acredito em minha alma. Acredito. Juro que acredito. Mas você me conhece: eu nunca acreditei em empresários — disse, com uma risadinha. — Isso foi piada. Maxine, alegre-se. Isso foi uma piada.

Maxine não achou graça.

— Vamos supor que é a coisa real — disse. — Vamos supor que é Deus, olhando para nós. Para você.

— Talvez seja. Mas, também, talvez não seja. Este desfiladeiro sempre foi um ninho de fraudes e ilusões.

— E você acha que é isso?

— Não sei. Eu simplesmente não confio nela. Eu simplesmente preferiria ficar aqui por mais algum tempo do que ir com ela.

— Aqui? Você quer ficar neste monte de entulho? Isto aqui não vai continuar de pé por outra semana.

— Neste caso, vou cruzar a América, não sei. Simplesmente, tenho que viver mais. Mesmo que esteja morto.

— E vamos supor que você esteja irritando poderes mais altos? — sugeriu Maxine.

— Pensou nisso?

— Você quer dizer, Deus? Se Deus, realmente, quer minha alma, Ele arranjará um jeito de me levar. Certo? Ele é Deus. Mas se Ele não quer... se eu puder escapar e me divertir por mais alguns anos...

Maxine lançou um olhar preocupado a Tammy.

— Você está concordando com tudo isso?

— Se Todd não acha...

— Foi você quem andou rezando lá fora...

— Deixe eu terminar. Se Todd acha que não viveu toda sua vida, isso é opção dele.

— O importante é: você teve toda vida que vai ter — disse Maxine, dirigindo-se a Todd. Em seguida, voltando-se para Tammy. — Nós estamos conversando com um morto. Fazendo uma coisa que não faríamos fora do Coldheart Canyon.

— As coisas são diferentes aqui... — murmurou Todd, lembrando-se do que Katya lhe dissera.

— Você tem uma droga de razão — concordou Maxine. — Mas as regras deste lugar acabam em algum lugar ao norte do Sunset. E é só por causa do poder que existiu antes nesta casa que você está tendo uma oportunidade de fazer esta brincadeira maluca com Deus.

— Uma brincadeira com Deus — repetiu Tammy, tão baixinho que Maxine mal a ouviu.

— O quê?

— Eu disse simplesmente: uma brincadeira com Deus. Eu não pensava que você ia se importar com uma coisa dessas. Você não é ateu?

— Posso ter sido, antes..

Todd levantou-se.

— Psiu. Psiu.

As duas pararam de falar. Todd olhou para a abóbada da torreta, nesse momento cheia de buracos que deixavam visível o céu noturno.

— Fiquem bem quietas — disse.

Enquanto falava, a luz apareceu no alto da torreta, seus movimentos sobrenaturalmente suaves e silenciosos. Três raios de luminescência prateada entraram pelos buracos no teto. Passaram pelas paredes, como holofotes procurando um astro do cinema para iluminar. Durante um momento, a entidade parece acomodar-se bem no alto da torreta e um dos raios de luz desceu por todo o comprimento da escada para examinar os escombros embaixo.

Em seguida, após um momento de exame, começou a mover-se novamente, à mesma fria velocidade.

Só quando desapareceu inteiramente é que eles voltaram a falar. E Maxine foi a primeira.

— Por que ela não entra e pega você? — perguntou. — É isso que não consigo compreender. Quero dizer, ela é simplesmente um corpo de luz.

Pode ir a qualquer lugar que quiser, é o que eu pensaria. Passar por baixo da porta. Descer por aquele buraco — apontou para a torreta. — Não é como se esta casa fosse à prova de ladrões.

Tammy estivera pensando nessa mesma questão.

— Acho que, talvez, este lugar a deixe nervosa — disse. — Essa é a minha teoria, pelo que vale. Por causa de todo mal que esta casa presenciou.

— Eu não acho que anjos tenham medo de alguma coisa — observou Maxine.

— Então, neste caso, ele está simplesmente enojado. Quero dizer, é como um cachorro, certo, farejando almas? Seus sentidos são realmente agudos.

Pense só como este lugar deve feder. Especialmente ali embaixo. — Lançou um olhar pelo poço da escada, onde a luz do anjo se demorara por um momento, antes de se afastar. — A Terra do Demônio ficava ali. Pessoas sofreram, morreram, tiveram mortes horríveis. Se eu fosse um anjo, ficaria de longe.

— Se você fosse um anjo, meu amor — disse Maxine —, Deus estaria numa encrenca feia.

Essas palavras provocaram riso de Tammy.

— Tudo bem, você ouviu minhas teorias...

— Eu acho que vocês duas têm razão — disse Todd. — Se quisesse entrar na casa, a luz poderia fazer isso. Fez isso uma vez, lembram-se? Mas eu penso, levando em conta que não quero ir e o cheiro das coisas que esta casa presenciou, que a luz provavelmente pensou que seria melhor esperar. Mais cedo ou mais tarde, a casa vai começar a desabar. E, nesse momento, eu sairei daqui e ela me pegará.

— Esse o motivo por que devemos fazer uma surpresa a ela — insistiu Tammy. — Ir embora agora, quando ela menos espera que alguém deixe este lugar.

— Você não sabe o que ela está esperando — lembrou Maxine. — Ela poderia estar ouvindo essa droga de coisa que estamos dizendo, tanto quanto podemos saber.

— Bem, eu vou tentar escapar daqui — disse Todd, enfiando a arma no bolso da calça, boca de cano contra boca de cano. — Se você não quiser ir conosco, tudo bem. Talvez você possa enganá-la com uma manobra diversiva.

Dê-me uma chance de chegar até o carro.

— Não, nós vamos — disse Tammy, falando em nome de Maxine, cuja resposta a essas palavras foi um encolhimento de ombros, um gesto de rendição.

— Isso é absurdo — observou ela, ainda assim. — Quem, com todos os diabos, já venceu um anjo numa corrida?

— Como é que nós sabemos? — perguntou Todd. — Talvez pessoas façam isso o tempo todo.

Ficaram juntos à porta, à escuta, durante 20,25 minutos, esperando para ver se identificavam algum padrão no movimento da luz. Nesse período, ela subiu duas vezes para o telhado, deu uma meia-volta em torno da casa e depois pareceu, sem razão aparente, desistir. Não emitiu som algum. Nem, em qualquer momento, pareceu alterar sua intensidade. Mostrava-se — talvez previsivelmente — constante e paciente, como um caçador em frente a uma toca, sabendo que mais cedo ou mais tarde seu ocupante mostraria o nariz.

Mais ou menos às 9h15min, Tammy subiu para o quarto principal para dar uma olhada de um lado a outro do desfiladeiro e abaixo na direção de Century City. Tinha passado uma revista na cozinha, procurando alimentos secos e enlatados que tivessem sobrevivido à violência dos espíritos ou à passagem do tempo. Descobriu que muitas latas haviam sido furadas e que o alimento que continham apodrecera, mas conseguiu reunir algumas ainda em boas condições: feijões cozidos, pêssegos, cachorro-quente em salmoura. Em seguida, após procurar mais um pouco,

descobriu um abridor e preparou um prato de improváveis companheiros de cama gastronômicos e levou-o para a varanda.

O desfiladeiro estava tão silencioso que se poderia ouvir a queda de um alfinete. Se não soubesse já que tinham um agente do Criador nas vizinhanças, o silêncio sobrenatural das cigarras e pássaros noturnos teria confirmado esse fato. Era sobrenatural estar ali, observando o buraco preto do desfiladeiro e as poucas estrelas visíveis, e escutando o vazio escuro. Ouviu os estalidos do garfo contra os dentes, o ruído da garganta enquanto engolia os feijões e as mordidas no cachorro-quente.

— Eu adorava cachorro-quente — disse uma voz saindo da sala escura às suas costas. — A voz de Todd. — Você sabe, comida comum. Jamais gostei realmente daquelas coisas mais sofisticadas.

— Quer um pouco? — perguntou Tammy, olhando em volta enquanto estendia o prato.

— Não, obrigado — respondeu ele. — Na verdade, não tenho mais apetite.

— Talvez espíritos não comam.

— Foi isso o que pensei — respondeu, entrando na varanda. Em seguida: — Você acha que eles fodem? Porque, se não foderem, vou ter que descobrir outra maneira de baixar esta ereção.

Olhou para baixo e para o volume embaixo da toalha de banho.

— Banhos frios.

— É mesmo. — Todd soltou uma risada. — Tudo chega ao fim, não?

Cachorro-quente frio para você. Banhos frios para mim. Nada realmente muda.

— Não sei... — disse Tammy. — Isso não é normal para mim. Conversas com — se quiser me desculpar a frase - astros do cinema mortos em casas de um milhão de dólares...

—... com um anjo esperando na porta da frente...

— Isso mesmo.

Terminou a improvisada refeição e voltou ao quarto para deixar o prato.

Enquanto fazia isso, ouviu a voz de Todd, chamando-lhe o nome, bem baixinho.

Voltou à varanda.

— O que é?

— Olhe.

Tammy seguiu a direção do olhar de Todd. Viu um fulgor luminoso na fenda densamente arborizada do desfiladeiro. Parecia que a coisa havia se aninhado na

forquilha de uma árvore.

— Acho que Rafael deve ter ficado entediado.

— É esse o nome dele? Rafael?

— Não sei. É o único nome de anjo que conheço. Anjos não são meu ponto forte. O verdadeiro nome dele é provavelmente Cravo-de-Defunto. O importante é: cie se afastou daqui. A gente deveria se mandar, enquanto temos esta oportunidade. Ele talvez não fique muito tempo lá embaixo.

— Isso mesmo. Vou procurar Maxine.

— Espere — disse Todd, segurando-lhe o braço. — Apenas uma coisa, antes de irmos embora.

— O quê?

— Quero sua opinião honesta...

— Sobre o quê?

— Você acha que ela está certa? Que estou botando a perder minha alma imortal ao tentar escapar daquela coisa?

— Sabe de uma coisa, eu estava pensando nisso enquanto comia os cachorros-quentes. Minha tia Jéssica foi uma carola a vida inteira. Ia à igreja três vezes por semana para arrumar as flores no altar. E tinha o hábito de dizer: Deus vê tudo. Isso quando eu era pequena e ela pensava que eu havia feito alguma trela. Deus vê tudo, dizia, apontando o dedo. De modo que você não pode fugir nunca Dele. Acho que Ele está nos ouvindo agora mesmo.

Pelo menos, ela acreditava que Ele podia.

— E você?

— Quem sabe? Eu acreditava nela naquele tempo. E acho que há ainda uma pequena parte de mim que ainda pensa que, o que quer que eu esteja fazendo — coisas boas, más ou nem uma coisa nem outra —, o olho Dele está cima de mim. Ou Dela.

— E daí...

— Daí, se Ele não quer que alguma coisa aconteça, Ele pode impedi-la.

— Ah, voltamos a isso. Se Deus não quer que eu me mande daqui, Ele dará um jeito para que isso não aconteça.

— Exatamente.

Todd deixou que um pequeno sorriso lhe aflorasse aos lábios. Parecia um menino travesso de seis anos de idade.

— De modo que, o que é que nós pensamos quando vemos aquilo... — Inclinou a cabeça na direção da luz distante. — Isso não é igual a olhar para o outro lado?

Nesse momento, foi Tammy quem sorriu.

— Talvez — disse. — Talvez Deus esteja dizendo: Vou lhe dar uma chance. Apenas esta.

Todd inclinou-se e beijou-a no rosto.

— Gostei disso. Apenas esta.

— É apenas uma teoria.

— E é tudo de que preciso neste exato momento.

— De modo que você quer sair daqui?

Todd permaneceu calado durante um momento, examinando a luz no desfiladeiro embaixo. O anjo, aparentemente, havia parado ali embaixo para contemplar a beleza da Criação ou para tirar uma pequena soneca. Qualquer que fosse a razão, não estava mais se movendo.

— Se vamos embora — disse —, a hora é esta.

— Concordo.

— Vou me vestir.

Encontraram Maxine, que por seu lado havia encontrado uma garrafa de vodca e bebido um terço dela com estômago vazio, o que talvez não fosse bom para seu estado de espírito, mas, também, que diabo? Tinha bebido.

Tammy explicou-lhe o que ela e Todd tinham visto da varanda e que era hora de tentar dar no pé. Agradavelmente lubrificada com a vodca, Maxine estava pronta para a fuga. Na verdade, foi a primeira a chegar à porta, garrafa na mão, dizendo que, quanto mais cedo saíssem dessa casa nojenta, melhor para todos.

Tammy tomou a frente do grupo, apertando com força na mão as chaves do carro de Maxine, para evitar que qualquer tinido chegasse aos ouvidos do anjo. Nesse momento, o desfiladeiro estava numa escuridão total. Até as poucas estrelas que haviam aparecido antes tinham sido ocultadas pelas nuvens, como se — pensou Tammy — o anjo as tivesse apagado. Este era o tipo de ideia que nem mesmo lhe teria passado pela cabeça em qualquer outra noite que não essa, em qualquer outro lugar que não esse, mas quem sabia onde estavam nesta noite as fronteiras das possibilidades? Era ridículo, de certa maneira, pensar que um anjo pudesse apagar estrelas. Mas não era igualmente estranhíssimo que um morto as acompanhasse, pensando em passar a perna no céu? Incidente após incidente, enigma após enigma, suas aventuras no desfiladeiro haviam escalado para as proporções do absurdo, como se em preparação para os excessos dessa noite. Em primeiro lugar, os espíritos e seus filhos, depois, a Terra do Demônio e, nesse momento, isso.

Chegaram sem problemas ao portão, pararam por um momento para verificar se o terreno estava livre e continuaram a andar — mais uma vez, sem incidentes — até

a estrada. Ninguém pronunciava palavra.

Se o silêncio do mundo natural parecera, do balcão, misterioso, era nesse momento dez vezes mais estranho com eles ali na estrada, onde haveria em geral um tapete de grilos cantando por toda parte em volta e trinados de aves nas copas escuras das árvores. Nesse momento, porém, nada havia. E tornava ainda mais estranho o que já era estranho. Era como se todas as coisas vivas, do coioote mais feroz à mais minúscula das pulgas, tivessem sido intimidadas a permanecer silenciosas e imóveis pela escala do poder que ali estava.

As únicas coisas tolas o bastante para se moverem ali eram esses três seres humanos, em andar cambaleante pela escuridão.

Tudo correu bem até que Tammy prendeu o pé em um buraco e caiu para um lado. Todd aparou-a, mas não foi rápido o suficiente para evitar que um pequeno grito escapasse dos lábios de Tammy quando escorregou. Era o som mais alto ouvido no desfiladeiro por muito tempo e ecoou da vertente oposta.

Silenciosamente, ela disse a palavra droga. Em seguida, respirando fundo, chegou ao carro, a adrenalina tornando-a mais eficiente do que teria sido em outras circunstâncias, e abriu a porta. O carro anunciou que havia uma porta aberta com um irritante ping, ping, ping. Droga, inferno, isso pouco importava nessa ocasião. Estavam resolvidos a levar adiante o que haviam planejado. Mas o anjo, sem dúvida, já estava empinando as orelhas.

— Entrem — silvou ela.

Todd acomodou-se no assento traseiro. Maxine abriu a porta do passageiro e deslizou para dentro com menos do que graça. Em seguida, bateu a porta com tanta força que o som foi provavelmente ouvido em Santa Barbara.

— Desculpe — disse ela, a voz engrolada. — Força do hábito.

Todd, no banco traseiro, inclinou-se e pôs a mão no ombro de Tammy.

— Faça tudo que puder — pediu.

— Vou fazer tudo que puder — prometeu ela, e enfiou a chave na ignição.

No momento em que estava dizendo aos dedos que girasse a chave, a lua surgiu acima do Coldheart Canyon. Exceto, claro, que aquilo não era a lua, mas o mensageiro de Deus, acordado de suas meditações e subindo uma escada silenciosa para a escuridão acima das cabeças deles.

— Merda, duas vezes merda — disse Todd.

A coisa moveu-se direta na direção da casa — talvez porque a noite estivesse um pouco úmida e a camada marinha houvesse se despregado do oceano —, tendo formado à sua volta um manto de nevoeiro. Nesse momento, em vez de ser simplesmente uma luz, parecia uma nuvem com um fogo interno queimando no centro e arrastando uma cauda como se fosse um cometa.

Tammy não se deixou intimidar. Ligou o motor, que rugiu tranquilizador.

— Freio de mão! — disse Maxine. — Freio de mão!

— Na mão — respondeu Tammy.

Soltou-o e engatou a marcha. Em seguida, pisou o acelerador até embaixo e decolaram.

— Todd! — gritou ela por cima do ombro. — Quero que você mantenha o olho naquele filho da puta.

Todd estava justamente fazendo isso, olhando pela janela traseira.

— Ele ainda está acima da casa — informou. — Talvez pense que ainda estamos lá.

— Eu não acho que ele seja tão burro assim — disse Maxine.

Tammy seguiu pela estrada e passou por duas grandes curvas, antes de encontrar um lugar onde podia dar a volta no carro. Foi um trabalho difícil, com chiado de pneus e volta fechada na estrada apertada e a última manobra enfiou a traseira do veículo em uma moita. Não tinha importância. Girou o volante e acelerou. Todd foi jogado no outro lado do assento traseiro e olhou para fora.

— Hummm — disse.

— O quê?

— A droga da coisa ainda não se mexeu.

— Talvez ela tenha perdido o interesse — sugeriu Tammy.

Mas foi uma esperança frustrada, claro, e que nem valia a pena ter sido mencionada. Mas cada momento em que a coisa se atrasasse na perseguição a eles era uma bênção.

— Por falar nisso — continuou, ao entrar na primeira larga curva ao sul da casa —, eu tive uma pequena prova do que aquela coisa faz com você, Todd...

— Você quer dizer, recordações?

— Isso mesmo.

— Você sentiu cagaço?

— Não. Na verdade, foi meio banal. Foi uma recordação de minha tia Jéssica...

— Ela está vindo.

— Merda!

Tammy deu uma olhada no retrovisor: nada. Olhou por cima do ombro: também nada.

— Não estou vendo nada!

— Ela está atrás de nós.

— Não a estou vendo!

Captou no espelho um vislumbre do rosto de Todd, olhos virados diretamente para cima, e soube onde ela estava. No momento seguinte, havia luz por toda parte na estrada em volta do carro, como se um helicóptero da polícia tivesse aparecido ali nos morros com um holofote e os prendesse no feixe.

Havia uma curva à frente, que ela enfrentou a 100kph, os pneus chiando e, por um momento, uma nuvem fechou a estrada e ela continuou a guiar quase às cegas. Perder a luz assim tão de repente deixou-a desorientada e entrou na curva seguinte, que ficava a uns 15 metros da primeira, tão apertada que o lado esquerdo do carro arrancou gravetos e galhos das moitas. Todd soltou um grito agudo.

— Diabo, mulher! Você é uma motorista e tanto! Por que foi que não me disse?

— Você nunca perguntou! — respondeu Tammy, trazendo o carro de volta para o meio da estrada.

— A gente podia ter feito corrida de revezamento juntos. Eu sempre quis encontrar uma mulher com quem pudesse fazer corrida de revezamento.

— Pois agora é tarde.

Outra curva apareceu, tão fechada quanto a anterior. Dessa vez, porém, passou por ela sem problema. Estavam a meio caminho colina abaixo e Tammy começou a pensar que, talvez, simplesmente talvez, fossem chegar ao Sunset Boulevard sem que o perseguidor os alcançasse.

— Se nós chegarmos ao Sunset—disse —, o que vai acontecer? Você acha que essa coisa vai desistir?

Mal acabara de falar e a luz reapareceu à frente deles. Não estava mais pairando no ar acima da estrada: descera para bloqueá-la de um lado a outro.

Tammy pisou fundo os freios, mas, enquanto fazia isso, um raio da luz do anjo passou pelo pára-brisa e penetrou em sua mente, seu peso conhecido desde o encontro anterior das duas. A estrada à frente foi instantaneamente apagada, substituída pela fachada da Monarch Street. Ouviu Maxine, em algum lugar à direita, soltou um grito de pânico e, em seguida, sentiu que ela estendia a mão para lhe tomar o controle do carro. Passou-se um curto momento em que o pânico de Tammy venceu aquele presente de recordação dado pelo anjo e viu, para seu

horror, o carro sair da estrada e dirigir-se em alta velocidade para um denso matagal entre as árvores. A imagem só durou um momento. Em seguida, desapareceu, e também as árvores que se aproximavam, as mãos atrapalhadas de Maxine, seus palavrões, tudo foi apagado.

No lugar de tudo isso, Tammy se viu à porta da casa de tia Jéssica, sob a luz mosqueada de sombras, e ela lhe dizia que o papai tinha ido para o quartel dos bombeiros...

O carro bateu numa árvore, o pára-brisa espatifou-se, mas tia Jéssica continuou a sorrir. Atingiu mais uma árvore, mais uma terceira, e nada viu disso. Não ouviu o som de madeira que se quebrava, nem os gritos agudos de Maxine. Nem também o ruído de metal rasgado quando a porta foi arrancada.

Os pés continuavam nos freios, mas não pareciam estar reduzindo a velocidade do carro. O que no fim parou o carro foi uma grande pedra, que o levantou no ar e jogou-o sobre o lado esquerdo.

No momento do impacto, a visão do anjo fraquejou novamente e Tammy viu o mundo como ele realmente era — uma mancha de árvores que caíam e uma chuva de vidro. Viu os próprios braços à frente, as mãos com os nós brancos ainda segurando o volante. Viu sangue nos dedos e em seguida uma pequena tempestade de folhas picadas entrou pela janela quebrada, seu cheiro adocicado lembrando-lhe, mesmo naquele caos, tempos mais tranquilos, gramados aparados em tardes de domingo, relva nos cabelos quando brincava de briga com Sandra Moses, que morava na casa ao lado, peças de recordações verdes que tremeluziam em sua mente, entre a visão desmoronante através do pára-brisa e o último e curto aparecimento de tia Jéssica na entrada da casa.

Teve certeza de que essa era a última recordação porque, dessa vez, quando o carro parou e desmoronou no assento, a consciência resolveu esquecer a dor de seus ossos quebrados (que eram muitos) ou o som dos gritos de Maxine (que também eram muitos) e simplesmente entrou na escuridão tranquilizante da casa de tia Jéssica.

— Por que foi que você não veio quando chamei? — perguntou ela.

Bondosa como fosse, ela não gosta de ser desobedecida.

Tammy fitou-a com olhos de 11 anos e procurou uma resposta para dar à velha senhora. Mas nada que lhe pudesse dizer faria sentido para tia Jéssica, ou faria? Desfiladeiro, carro, anjo, desastre. De que modo ela poderia entender tudo isso?

De qualquer modo, tia Jéssica não queria realmente uma resposta. Tinha a sobrinha dentro de casa, que era o que queria, e isso era tudo que realmente importava. Tammy desceu o corredor e entrou nessa recordação confortável, enquanto tia Jéssica fechava a porta, de modo que os gritos e a chuva de vidro e o mundo virado de cabeça para baixo pudessem ser esquecidos e ela pudesse ir lavar as mãos antes de sentar-se em frente ao prato de pão-decarne especial de tia Jéssica.



DEZ

Era noite no Coldheart Canyon e embora a estação fosse a errada para que os Santa Anas autênticos estivessem soprando, o vento que chegou a cerca de um quarto para a meia-noite era quente para uma noite de começos de primavera.

E levou o cheiro de borracha queimada e gasolina derramada e até mesmo a fedentina dos vômitos misturados com a vodca de Maxine. Expulsa a vodca de seu sistema, ela descobriu que podia pensar melhor. Com dedos trêmulos, soltou o cinto de segurança e caiu pela porta aberta onde estava pendurada e aterrou na grama.

Ficou caída ali durante longo tempo, alternativamente soluçando e culpando a si mesma. Por sorte — se isso pode ser chamado de sorte — tivera duas experiências anteriores com desastres de automóvel, o segundo dos quais fora muito pior do que esse, no sentido de ter acontecido na Estrada 101 no auge do rush matutino e envolvido 19 veículos e oito mortos (um deles passageiro na mesma limusine alongada onde ela estava). Sofrera uma fratura no crânio à altura da linha dos cabelos, deslocamento de ombro e problemas de espinha que o seu quiprático dissera casualmente que lhe durariam pelo resto da vida.

A menos que estivesse muito enganada, não se encontrava numa situação nem de longe tão ruim, após esse pequeno e alegre passeio, como naquela ocasião. Abalada, sim, tonta, enjoada do estômago e um pouco histérica, com certeza. Mas quando finalmente rastejou para longe do carro e se levantou descobriu satisfeita que podia se manter muito bem de pé e que nada doía com aquela dor aguda que sugeria alguma coisa quebrada ou perfurada.

— Seu anjo da guarda devia estar olhando por você.

Olhou em volta para ver quem era o engraçadinho que falara. Todd. Ele estava perto do carro, fazendo força para abrir a porta do lado do motorista.

— Tammy ainda está aí dentro? — perguntou Maxine.

— Está. Lamento dizer que está.

— Como é que ela parece estar?

— Como, diabo, eu vou saber? — disse Todd. — É escuro demais para ver. Isso mesmo, estava escuro. E embora isso não fosse bom para descobrir o estado de Tammy, sugeria de fato a ausência do perseguidor.

— Ele ainda está aqui — disse Todd. — No caso de você estar se fazendo essa pergunta.

— Onde?

Ele apontou. Maxine seguiu a direção do dedo. A luz do anjo iluminava os altos ramos de um pinheiro próximo. Não tão firme como antes na casa.

Na verdade, tremeluzia nervosamente, o que levou Maxine a imaginar um bando de aves luminosas ali em cima, todas sacudindo as penas após uma chuvarada e saltando de galho em galho em estado de agitação.

— Ei, você! — gritou Maxine para a luz, frustrada e zangada demais para se importar com o protocolo do que estava fazendo. — Tammy pode estar sangrando até morrer aqui embaixo. Que tal dar uma ajuda aqui?

— Eu não acho que ele esteja interessado em ajudar alguém, exceto a mim. Tive que implorar a ele que me deixasse tirar vocês daqui antes que.... você sabe... viesse e me levasse.

— Você quer dizer que falou com ele?

— Falei. Enquanto vocês estavam desmaiadas.

— E você prometeu...

— Prometi que ia com ele, logo que vocês duas ficassem em segurança. Foi esse o trato.

— Hummm. Você fez um trato com um anjo.

— O que mais eu podia fazer? Eu tinha que fazer alguma coisa. E foi minha estupidez que meteu vocês duas nesta confusão toda. — Enfiou a cabeça pelo vidro quebrado. — Pelo menos, ela ainda está respirando. Mas também sangrando.

Ergueu as mãos e mostrou as palmas a Maxine. Estavam empapadas de sangue.

— Oh, Deus.

— Quer saber de uma coisa?

— O quê?

— Você vai ter que ir buscar ajuda. Porque aquele filho da puta não vai deixar que eu saia da vista dele. Você consegue fazer isso?

— Se posso andar? Posso, sim. Se posso andar até o Sunset? — Tomou uma respiração profunda. — Não sei. Mas posso tentar.

— Muito bem, então. Vá procurar alguém para ajudar Tammy. E, pelo amor de Deus, seja rápida. Não acho que ela tenha muito tempo. Eu fico aqui com ela. Não que eu tenha muita opção.

— Negócio é negócio.

— Negócio é negócio.

Todd espigou-se e enfiou a mão no bolso da jeans.

— Isso mesmo. — Puxou um maço de cigarro amassado e examinou-lhe o conteúdo. — Dois Marlboro Lights. Um para cada um.

— Fósforos?

— Nunca ando sem eles.

Aproximou-se de Maxine e lhe deu o cigarro menos amassado.

— Acenda — disse ela.

Ele pôs os dois cigarros na boca e acendeu-os com uma única chama. Em seguida devolveu o de Maxine.

— Alguém não fez isso num filme? — perguntou.

— Deus, como você é ignorante. Fez, claro. Paul Henreid, no *Now Voyager*. Eu passei esse filme para você.

— Isso mesmo — sorriu Todd. — Eu me lembro. Os Dez Momentos Favoritos de Maxine Frizelle.

Ela puxou uma tragada e começou a andar de volta pelo caminho aberto no mato pelo carro a caminho da estrada.

— Depressa — disse Todd.

Tammy comeu o pão-de-carne em silêncio, sem nada pensar em particular.

Tia Jéssica estava ocupada na cozinha, indo e vindo para ter certeza de que ela não deixava nenhuma das verduras no prato. Se o prato não ficasse limpo, não haveria sobremesa. Nem torta nem bolo. Tia Jéssica não era lá essas coisas como cozinheira, mas sabia do que era que a sobrinha gostava. Torta e bolo, preferivelmente com sorvete.

— Você vai ser uma mulherona — disse ela ao trazer a fatia de bolo de frutas e o sorvete. — Por toda parte. E isso pode meter uma moça em encrencas.

— Sim, senhora, tia.

— Especialmente com rapazes.

— Eu sei, tia.

— De modo que você tem que ser extracuidadosa. Garotos se aproveitam de meninas corpudas e não quero ver você machucada.

— Não vou deixar que eles façam isso, tia.

— Ótimo — disse tia Jéssica, embora não parecesse muito convencida.

E voltou à cozinha, deixando Tammy ali para saborear o bolo de frutas à la mode.

As duas primeiras colheradas foram gostosas. Comeu-as sem pensar em nada em particular. O relógio tiquetaqueava na cornija da lareira. O canário de tia Jéssica cantava na gaiola.

Tomou a terceira colherada. Por alguma razão, essa não pareceu tão gostosa como as duas primeiras, foi quase como se houvesse ali um pedaço de fruta estragada. Levou o guardanapo à boca e cuspiu o que quer que fosse, embora o gosto de terra e textura granulosa da coisa permanecessem em sua língua e garganta.

Pôs de lado a colher e levou os dedos à boca.

— Espere... — disse alguém.

Não era tia Jéssica quem lhe falava. Era uma voz de homem. Um homem bondoso. — Há... alguma coisa... na minha boca... — disse ela, como se não estivesse muito certa sobre com quem estava falando.

— Areia — disse o homem. — Apenas areia. Pode cuspi-la? Cuspa com força.

Tammy olhou de volta para a cozinha. Viu tia Jéssica à pia, lavando panelas.

Ela não ia gostar se cuspi-se na sala.

— Vou ter que ir lá pra fora — disse.

— Você está aqui fora — respondeu o homem.

Enquanto ele falava, ela sentiu a sala balançar para um lado — a mesa, a cornija da lareira, o canário na gaiola.

— Oh, não... — disse. — O que está acontecendo?

— Está tudo bem — disse suavemente o homem.

.— Tia! — chamou.

— Não, querida! Eu não sou sua tia. Sou eu, Todd. Agora, cuspa. Você está com a boca cheia de terra.

O mundo balançou outra vez, apenas, desta vez, havia os braços de alguém para segurá-la. Abriu os olhos e viu o rosto do homem mais bonito do mundo olhando para ela. E ele sorria.

— Agora, você está bem — disse ele. — Graças a Deus. Pensei que havia perdido você.

À medida que se dissolvia a última porção do bolo de frutas de tia Jéssica, lembrou-se de onde estava e como tinha ido parar ali. O anjo na estrada, as árvores, o carro virando, o vidro se partindo.

— Onde está Maxine?

— Ela está bem. Foi buscar ajuda. Mas está demorando muito e eu mesmo tive que puxar você de dentro do carro. Deu um pouco de trabalho.

Mas apliquei umas bandagens. Havia um estojo de primeiros socorros na mala do carro. A hemorragia parou.

— Eu estava comendo bolo de fruta.

— Você estava tendo uma alucinação, era isso o que estava fazendo.

— Apenas, no bolo havia terra.

Cuspiu com tanta força quanto conseguiu reunir. O esforço fez o corpo doer, porém. O estômago, a cabeça. Contorceu-se toda.

— Você fez tudo certo — disse Todd. — Maxine só teve escoriações.

— Foi pura sorte — disse ela. — Eu estava dirigindo rápido demais e aquele maldito anjo se meteu no meu caminho. — Baixou o tom de voz. — Ele foi embora?

Todd sacudiu a cabeça e dirigiu-lhe a atenção para a árvore, onde a presença angélica continuava sentada. E estava bastante calma nesse momento.

Fizera seus arranjos e estava à espera.

— Lamento dizer, mas ele vai querer que eu vá com ele logo — disse Todd. — Eu prometi que iria.

— Prometeu? Não tentou dar no pé?

— De que modo eu podia? Você estava aí, ferida. Eu simplesmente não podia correr e deixar você aqui.

— Mas você poderia ter escapado.

— Ah. Sabia? Escapei — disse ele.

— Não estou entendendo.

— Bem... não da maneira como pensei que ia escapar. Mas escapei de ser um filho da puta egoísta. — Fitou-a dentro dos olhos. — Você acha que eu teria um anjo vindo me buscar antes de eu conhecer você? De jeito nenhum.

Teria sido um mergulho de mão única no inferno para Todd Pickett.

Ele estava fazendo uma piada da coisa, claro, mas havia naquelas palavras alguma coisa que vinha do coração. Viu isso nos olhos, que continuavam mergulhados nos seus. — Eu quero lhe agradecer — disse ele, inclinando-se e beijando-a no rosto.

— Talvez, na próxima oportunidade, seja a nossa vez, ahn?

— Nossa vez?

— Isso mesmo. Você e eu, nascidos em casas vizinhas. E nós saberemos.

— Eu quero que você pare com isso, agora — respondeu ternamente Tammy. Lágrimas lhe toldaram a visão e não gostou disso. Ele iria embora logo e queria tê-lo em foco por tanto tempo quanto possível.

Todd ergueu a vista.

— Hummm. Estou ouvindo a cavalaria chegar — disse.

Tammy ouviu-a, também. Sirenes subindo do pé da colina.

— Parece que chegou a hora de eu deixar o palco — disse Todd. As sirenas tornavam-se mais fortes. — Droga, eles tinham que vir tão cedo assim?

— Nesse momento, havia lágrimas nos olhos dele, pingando no rosto de Tammy.

— Merda, Tammy, eu não quero ir.

— Não, você quer — disse ela. Procurou no escuro a mão de Todd e, encontrando-a, apertou-a. — Você se divertiu bastante. Você sabe que se divertiu.

— É verdade. Verdade, mesmo. Eu me diverti pra valer.

— Mais do que a maioria.

— Pura verdade.

A luz descia nesse momento da árvore e, pela primeira vez — ou porque o anjo estava prestes a terminar seu trabalho ou porque a própria Tammy estava oscilando à beira da vida —, viu com mais clareza o que havia dentro daquela luz. Nesse momento, nenhuma tentativa de lhe confundir as recordações, nada de Monarch

Street e de tia Jéssica à porta. Havia ali uma forma humana, nem homem nem mulher, em pé dentro da luz e, por um momento, ao se colocar atrás de Todd, ela pensou que era Todd — ou alguma outra face dele, uma face terna, eterna, que nenhuma câmera jamais captaria nem palavras jamais descreveriam.

Ele acariciou-lhe o rosto com as costas dos dedos e, em seguida, levantou-se.

— Na próxima vez — murmurou.

— Na próxima.

Em seguida, o sorriso dele, aquele sorriso marca registrada que a deixara doente de paixãoite quando o vira pela primeira vez, diminuiu um pouco, seu desvanecimento significando não tristeza, apenas a existência nele de um certo alívio, que o sorriso escondera durante todos esses anos. Ele não precisava mais se esforçar tanto. Não precisaria mais encantar ou agradar.

Ela tentou captar-lhe o olhar pela última vez — ter uma última parte dele, mesmo nesse momento. Mas ele já olhava para longe, olhava para o lugar para onde realmente ia.

Ouviu-o falar pela última vez e havia tal felicidade na voz dele que ela começou a chorar como um bebê.

— Dempsey? — disse ele. — Você está aí, rapaz? Aqui!

Tammy virou a cabeça para a luz, pensando que poderia vislumbrá-lo mesmo nesse momento, mas, ao fazer isso, ouviu — ou pensou que ouviu — o anjo pronunciar uma palavra. Uma palavra imponderável, como uma fita amarrando em um embrulho tudo que ela jamais sonhara saber ou ser.

Embora não uma palavra em voz alta abafou o som das sirenes, pelo que ela ficou grata. Em seguida, afastou-se, mergulhando na escuridão do desfiladeiro.

Sabendo que ela estava segura nas mãos de pessoas que dela cuidariam, e de uma Maxine que a amava, Tammy seguiu a fita da palavra pelas encostas do Coldheart Canyon, deslizando sobre a terra escura.

E, quando a mulher e a palavra passaram juntas por cima do chão, as criaturas do desfiladeiro perderam seu medo. Começaram novamente a fazer música: as cigarras na relva, as aves noturnas nas árvores e, nos morros, os coiotes, uivando pra valer. Não porque tivessem matado uma presa, mas porque tinham vida.

EPÍLOGO

E assim, amor



UM

Embora todos os especialistas que desfilaram diante da cama de Tammy nas muitas semanas seguintes — ortopedistas e especialistas em cirurgia craniana, gastroenterologistas e um bom número de enfermeiras do velho tipo — dissessem invariavelmente que ela "tinha uma sorte danada em estar viva", houve muitos dolorosos dias e noites dessa lenta, lentíssima recuperação, quando não se sentia, nem de longe, uma sortuda.

Muito ao contrário. Havia ocasiões, especialmente à noite, em que pensava que estava tão longe de inteira como no momento em que Todd a puxara do carro. Por que, se não fosse isso, sentia tantas dores? Os médicos lhe davam analgésicos, claro, em doses para deixá-la baratinada, mas mesmo quando acabava de tomar os comprimidos ou receber a injeção, e a primeira onda de imunidade à dor a cobrisse, podia ainda sentir a agonia subindo e descendo imediatamente além da periferia do estado de tolerância dos nervos, esperando por uma rachadura para aparecer na parede, de modo a poder voltar e machucá-la novamente.

Passou as primeiras 72 horas na unidade de terapia intensiva do Cedars-Sinai, mas, logo que considerada em condições de ser transferida, seu plano de saúde exigiu que fosse levada para o LA County Hospital, onde poderia ser tratada a um preço cinquenta por cento menor. Não estava em condições de defender-se, claro, e teria sido indubitavelmente transferida se Maxine não tivesse intervindo e feito valer sua presença. Maxine era amiga de vários membros da diretoria do hospital e deixou bem claro que soltaria todos os tipos de Demônios legais se alguém pensasse em transferir a sra. Lauper, estando ela em um estado tão delicado. Tammy conservou a cama e lhe deram quarto particular no Cedars-Sinai. Maxine providenciou para que o quarto fosse abastecido todos os dias de orquídeas frescas e que um bolo fresco de três camadas do Lady Jane's, da Melrose, fosse trazido às 15h de todas as tardes.

— Eu quero você boa — disse ela numa das primeiras visitas depois de Tammy ter deixado a UTI. — Tenho uma lista de jantares festivos agendados para nós duas,

que nos ocuparão todos os fins de semana no próximo ano, pelo menos. Shirley MacLaine ligou para mim, disse que teve uma visão de Todd passando para o melhor, usando uma roupa azul-clara. Eu não quis estragar as ilusões da pobre velhinha, de modo que lhe disse que era exatamente isso o que ele estava vestindo. Apenas por uma questão de curiosidade, o que era que ele usava?

— Calça jeans e ereção — respondeu Tammy. — Ele rasgou a camiseta para fazer bandagens para mim.

A voz dela ainda estava fraca, mas parte de sua velha música começava a voltar, dia após dia.

— Bem, vou deixar que você diga isso a ela. E há também todos aqueles amigos de Todd que querem conhecer você...

— Por quê?

— Porque eu disse a eles que mulher extraordinária você é — respondeu Maxine.

— De modo que é melhor começar seriamente a ficar boa. Logo que estiver pronta para sair daqui, quero que venha ficar comigo em Malibu.

— Isso seria trabalho demais para você.

— Isso é exatamente o que preciso neste exato momento — respondeu Maxine, sem ironia. — Trabalho demais. No momento em que paro para pensar... é aí que as coisas escapam ao controle.

Por sorte, Tammy não tinha esse problema. Além das pesadas dosagens de analgésicos que ainda tomava, estava recebendo também alguns tranquilizantes suaves. Na maior parte do tempo, seus pensamentos eram fantasiosos, nada parecia autenticamente real.

— Você é uma mulher muito resiliente — o seu médico, um jovem sério e prematuramente calvo chamado Martin Zondel, disse certa manhã, enquanto examinava a ficha clínica de Tammy. — Geralmente, as pessoas precisam de duas vezes mais tempo do que você para rebotar esses tipos de ferimento.

— Estou rebotando? Não me sinto rebotando de lugar nenhum.

— Bem, rebotar talvez seja uma palavra forte demais, mas você está indo muito bem.

E aquele foi um período de primeiras vezes. A primeira saída da cama até a janela. A primeira saída da cama até a porta. A primeira saída da cama até o banheiro da suite. O primeiro passeio fora do quarto, mesmo que apenas para olhar operários trabalhando em um terreno adjacente, construindo um novo bloco de pesquisa para o hospital. Maxine e Tammy ficaram olhando-os durante um bom tempo.

— Eu devia ter me casado com um operário — disse Maxine quando voltaram para dentro. — Hamburgers, cerveja e uma boa foda no sábado à noite. Eu sempre compliquei demais as coisas.

— Arnie é operário. E era um amante terrível.

— Ah, sim, Arnie. Já é tempo de a gente conversar sobre Arnie.

— O que é que tem ele?

— Bem, pelo menos por uma coisa, ele é um nojento.

— Me diga uma coisa que eu não sei. O que foi que ele andou aprontando?

— Você está pronta para ouvir isso? Ele anda vendendo a história de sua vida.

— A quem?

— À revista Everyone. Neste momento, você é notícia quente. Na verdade, recebi um telefonema de um cara da Fox perguntando se eu poderia convencê-la a ter sua vida transformada em um Filme da Semana.

— Espero que tenha dito que não.

— Não. Eu disse simplesmente que ia conversar com você. Para ser honesta, Tammy, há aqui uma pequena janela de oportunidade e você poderia ganhar um bocado de dinheiro.

— Vendendo a história de minha vida? Acho que não. Não tenho história nenhuma para vender.

— Não é isso o que pensam esses imbecis. Olhe só para estas.

Maxine enfiou a mão na bolsa e puxou uma pilha de revistas, que espalhou sobre a cama. Os suspeitos habituais: The National Enquirer, The Star, alguém de umas duas para mercado mais refinado, People e Us. Tammy estava dura demais para se inclinar e pegá-las, o que Maxine fez para ela, folheando-as e parando nas matérias relevantes. Algumas traziam fotos de Todd no auge da fama, não raro valorizadas com perguntas melodramáticas: Teria a Fama Sido Demais para o Maior Namorado do Mundo? em uma delas e, em outra, Seu Esconderijo Secreto Transformou-se em um Desfiladeiro da Morte.

Essas palavras, porém, eram realmente moderadas em comparação com a matéria nas páginas da The Globe, que dedicara uma "Uma edição especial, que sua família vai entesourar durante gerações" ao assunto da Hollywood Mal-Assombrada, ou na linguagem hiperbólica usada: "As Assombrações, os Fantasmas, os Adoradores de Satã e os Espíritos Malignos que Transformaram a Cidade das Ilusões na Propriedade Imobiliária Mais Fantástica do Demônio."

Fotos acompanhavam todos os artigos e reportagens, claro, a maioria de Todd, uma ou outra de Maxine e Gary Eppstadt e mesmo — nos casos da The Enquirer, The Globe — da própria Tammy. Na verdade, ela era o tema de um dos artigos, encabeçado por uma foto nada lisonjeira dela, em que a revista alegava: "De acordo com o marido, Arnold, a obsessiva fã Tammy Jayme Lauper provavelmente sabe mais sobre as últimas horas da vida do superastro Todd Pickett do qualquer outra pessoa — mas não está contando nada! Por quê?"

Porque Lauper (36 anos de idade) é a chefe de um culto de magia negra, que envolve milhares de fãs do astro em todo o mundo, que estavam tentando controlar psiquicamente o astro, quando o experimento, desastrosa e tragicamente, deu errado."

— Eu fiquei em dúvida se devia lhe mostrar isso ou não — disse Maxine.

— Pelo menos, ainda não. Sei que provavelmente isso tudo está fazendo seu sangue ferver.

— Como é que podem escrever uma coisa dessas? Estão inventando tudo isso...

— Há coisas piores, pode acreditar em mim. Não sobre você. Mas há uma matéria sobre mim, da qual meus advogados já estão tratando, e duas sobre Burrows...

— É mesmo?

— Uma delas contém uma longa lista de seus... como é que vou dizer isso? Seus clientes menos do que bem-sucedidos.

— De modo que Todd não foi o primeiro?

— Aparentemente, não. Burrows foi simplesmente muito competente em comprar o silêncio dessas pessoas. Acho que ninguém gosta de falar sobre malsucedidas plásticas anais, certo?

Maxine juntou todas as revistas e colocou-as na gaveta da mesinha-decabeceira.

— Essa coisa conseguiu, realmente, trazer um pouco de cor ao seu rosto.

— De indignação — disse Tammy. — É gostoso ler todo esse absurdo na fila do supermercado. Mas, quando é sobre a gente, a coisa fica diferente.

— De modo que não trago mais nenhuma delas?

— Não, pode trazer. Quero saber o que andam dizendo de mim. Onde é que as revistas estão conseguindo fotos minhas? Essa em que eu pareço uma barata de 250kg de peso...

Maxine riu alto.

— Você está sendo um pouco dura demais consigo mesma. Mas, você tem razão. Não é lisonjeira. Acho que o próprio fotógrafo deu a foto à revista.

E sabe quem foi?

— Sei. Foi Arnie. Foi tirada no verão passado.

— Ele provavelmente folheou todas suas fotos de família. Mas, olhe aqui, não fique agitada. Ele nem é melhor nem pior do que milhares de outros.

Acredite em mim, eu vi isso acontecer um sem-número de vezes. Quando há um pouco de dinheiro a ganhar — até mesmo só umas poucas centenas de dólares —, pessoas aparecem com todas essas desculpas para justificar o que fazem com a privacidade dos outros. A América merece saber a verdade, e todo esse papo furado.

— Não foi assim que Arnie pensou — disse Tammy. — Ele simplesmente disse pra si mesmo: Eu mereço ganhar um dinheirinho por ter aguentado aquela puta

gorda durante todos estes anos.

Nesse momento não houve riso, apenas amargura, profunda e desolada.

— Sinto muito — disse Maxine. — Eu, realmente, não devia ter trazido essas revistas.

— Não, devia, sim. E, por favor, não se desculpe. Não estou tão surpresa assim. E o que é que andam dizendo sobre você... se não se importar por eu perguntar?

Maxine exalou um entrecortado suspiro.

— Ela foi exploradora, manipuladora, nunca fez nada por Todd, exceto para tirar proveito próprio. Esse tipo de coisa.

— E você se importa?

— É uma coisa engraçada. Antes, não doía. Na verdade, eu deitava e rolava em estar no pior pesadelo das pessoas. Mas isso quando Todd ainda estava vivo... —

Deixou o pensamento por terminar. — O que é que adianta? — disse finalmente, levantando-se do lado da cama. — Não podemos controlar nada desse tipo de lixo. Escrevem o que querem escrever e as pessoas vão acreditar no que querem acreditar. — Inclinou-se e beijou Tammy no rosto.

— Cuide-se. O Dr. Zondel... é esse o nome dele, Zondel?

— Acho que sim.

— Parece nome de vinho branco barato. Bem, de qualquer modo, ele pensa que você é uma pessoa notável. E eu disse a ele: "Isso agente sabia."

Tammy segurou-lhe a mão.

— Obrigada, por tudo.

— Você não tem que me agradecer por nada — respondeu Maxine. — Nós, sobreviventes, temos que permanecer juntas. Venho aqui amanhã. E, por falar nisso, agora que você está compôs mentis — estou avisando — há uma probabilidade de que o pessoal médico venha aqui lhe fazer perguntas.

E, em seguida, vender suas respostas. De modo que, boca fechada. Por mais gentis que as pessoas sejam com você, suponha que elas são farsantes.

Maxine vinha todos os dias, frequentemente trazendo mais revistas. Na quarta-feira, porém — três semanas e um dia depois de Tammy ter recuperado a consciência —, tinha alguma coisa mais importante para pôr em cima da cama.

— Lembra-se de nosso próprio Norman Mailer?

— O detetive Rooney?

— Ex-detetive Martin Ray Rooney. O mesmo. Olhe aqui, ele trabalhou muito e os nojentos editores dele acharam que o material era publicável, fizeram um esforço danado e lançaram o livro em menos de três semanas.

— Não!

— Olhe aqui o livro. Em toda sua barata glória.

Não era um livro grosso, apenas umas meras 296 páginas — mas o que lhe faltava em extensão compensava em pura ousada desfaçatez. A quarta capa descrevia o miolo como uma história horrível demais para que Hollywood a contasse. Na capa, uma foto da casa do Coldheart Canyon, com a imagem de um Demônio brilhante superposto sobre as nuvens no alto.

— Ele diz que você, eu e uma mulher chamada Katya Lupescu estivemos juntas nisso. Tal como as três feiticeiras de Macbeth.

— Você está me dizendo que leu mesmo o livro.

— Bem, passei os olhos por cima. Não é a pior coisa que já li. Escreve certo o nome de nós três, na maioria das vezes, mas, o resto? Oh, Deus do céu! Nem sei como começar. É uma mistura asquerosa de mitos de Hollywood, referências ao caso Manson e trechos de trabalho detetivesco asnático. Basicamente, ele está convencido de que todo mundo fez parte dessa trama...

— Para fazer o quê?

— Bem... aí é que está a coisa. Ele não tem realmente certeza. Diz que Todd descobriu tudo a esse respeito e que por isso foi assassinado. A mesma coisa com Joe. A mesma com Gary Eppstadt, embora, claro, todo mundo em Hollywood tivesse uma razão para assassinar Gary Eppstadt.

— Eu não sabia que livros podiam ser publicados com essa pressa toda.

— Bem, isso é apenas um troço com vistas a sucesso comercial. Dentro de um mês, ninguém o procura mais nas livrarias. Mas Rooney recebeu de adiantamento um quarto de milhão de dólares. Você pode acreditar numa coisa dessas?

Tammy pegou o livro — intitulado O Desfiladeiro do Inferno — e folheou-o.

— Ele entrevistou Arnie?

— Eu não li o livro com essa atenção toda, mas não vi o nome dele.

— Oh, há fotos — disse Tammy, chegando a uma seção de oito páginas centrais. Para dar o seu a seu dono, Rooney — ou alguém que trabalhou por ele — fez um pouco de pesquisas. Conseguiu duas fotos dos arquivos de algum entusiasta do cinema mudo. Uma era de Katya Lupi, usando um vestido longo tão transparente que parecia ter sido pintado sobre a foto, a outra uma muito mais informal onde apareciam ela, Mary Pickford, Douglas Fairbanks, Theda Bara, Ramon Navarro e um bocado de outros luminares em um piquenique, à sombra rio palácio dos sonhos no ColdHeart Canyon. Atrás do grupo — separado de Katya por várias filas de rostos sorridentes, famosos — Willem Zeffel. Tammy fechou o livro.

— Não quer ver mais nada?

— Acho que não. Não, hoje.

— Estive pensando... O Dr. Zinfandel—Tammy riu com o erro perfeitamente deliberado de Maxine — me disse que você vai ter alta dentro de uma semana, no máximo em dez dias. Não quero que você volte para Rio Linda, pelo menos, não

ainda. Quero que fique comigo em minha casa em Malibu, se ela não lhe traz muitas recordações desagradáveis.

Tammy estivera pensando no que faria quando deixasse o hospital. O oferecimento provocou-lhe uma explosão de lágrimas de alívio.

— Oh, Cristo. Eu não sabia que você odiava tanto aquele lugar.

Riso apareceu entre as lágrimas.

— Não, não, eu adoraria ir para lá.

— Ótimo. Neste caso, vou enviar Danielle — a minha nova assistente — a Sacramento para apanhar algumas de suas coisas, se isso for legal com você.

— Isso seria perfeito.

Nove dias depois, Tammy deixou o Cedars-Sinai e foi levada de carro por Maxine para a casa de praia. Durante o dia, a casa parecia muito menor e, de certa forma, mais comum, sem luzes piscantes nas árvores e carros chegando com os grandes e os famosos. Talvez isso se devesse simplesmente ao fato de ter conhecido Maxine tão bem nas últimas semanas (e, que coisa mais estranha, ter passado a gostar tanto dessa mulher que desprezara durante anos e ter seus sentimentos retribuídos), que a casa não lhe pareceu tão estranha.

Era uma coisa muito longe de seu gosto, claro (ou, para ser mais exata, muito longe de seu bolso), mas era modestamente elegante, com objetos bonitos e de bom gosto nas prateleiras. Sentada no pátio na segunda ou terceira noite, bebericando um Virgin Mary, o vento soprando cálido do Pacífico, perguntou a Maxine se fora ela mesma quem decorara a casa ou se tinha contratado um profissional.

— Eu adoraria dizer que fui eu mesma quem escolhi cada objeto na casa, mas tudo isso foi feito para mim. Na verdade, Jerry escolheu os quadros. Ele tinha um bom olho para arte. Coisa de gay.

Tammy engasgou-se com a bebida.

— No próximo fim de semana, ele chega de avião para visitar um amigo que está no hospital. E eu disse a ele que telefonasse. Tudo bem com você? Se ainda não estiver bem o suficiente, você não tem que vê-lo.

— Eu estou ótima, Maxine — respondeu Tammy. — Acredite em mim, estou ótima.



DOIS

Aconteceu que, no sábado seguinte, quando Jerry chegou, Tammy estava longe de se sentir ótima. O Dr. Zondel avisou que haveria dias em que ela se sentiria mais fraca do que em outros, e este era certamente um deles. E só tinha a si mesma para culpar. No dia anterior, resolveu dar um passeio pela praia e, como o dia estava ensolarado e o ar bem fresco, perdeu inteiramente a noção de tempo. O que planejou como um passeio de 20min acabou se transformando em uma caminhada de uma hora e um quarto, o que não apenas a esgotou mas trouxe dores a ossos e músculos. Por tudo isso, sentia-se frágil e dolorida quando Jerry chegou no dia seguinte e sem vontade de uma conversa demorada. Mas isso pouco importou. Jerry tinha muitas coisas para contar sem necessidade de que o espicaçassem, principalmente sobre seu novo e melhor estado de saúde.

— Estou fazendo força para não bancar a Poliana a respeito de tudo, no caso de alguma coisa dar horrivelmente errada e o tumor voltar. Mas não acredito que isso vá acontecer. Eu estou bem. E você, doçura?

— Eu tenho bons e maus dias — respondeu Tammy.

— Hoje é um mau dia — explicou Maxine, dando uma pancadinha embaixo do queixo de Tammy para lhe provocar um sorriso.

— Olhe só pra você, Maxine. Se eu não soubesse das coisas, diria que você tem um gene de sapatona em algum lugar em sua constituição.

Maxine dirigiu-lhe um sorriso de superioridade.

— Se eu tivesse, de maneira alguma lhe diria.

— Você está insinuando que estou fofocando?

— Não foi uma insinuação — retrucou Maxine, o rosto impassível. — É um fato da vida.

— Nós ficaremos calados a esse respeito, prometo — disse Jerry com um brilho travesso no olhar. — Mas você não foi antes uma senhora casada, Tammy?

— Eu não vou me meter nisso — respondeu Tammy.

— Tudo bem. Não digo mais nada sobre o assunto. Mas eu vejo o que vejo. E acho muito encantador. Os homens, afinal de contas, são porcos.

Maxine dirigiu-lhe um olhar feroz. E, por baixo da maquiagem, pensou Tammy, ela estava ficando vermelha.

— Você disse que tinha fotos para nos mostrar? — lembrou Maxine.

— Eu disse? Ah, sim, disse.

— Fotos do quê? — perguntou Tammy, sua mente apenas um quarto comprometida com a conversa, perturbada como estava pela troca de palavras entre Maxine e Jerry.

Sabia exatamente o que era que Jerry estava insinuando, e embora não conseguisse lembrar-se de ter pensado que ela e Maxine estivessem dividindo um ninho como um par de lésbicas reconhecia que a insinuação não deixava de ter certa plausibilidade, quando vista de fora, pelo menos.

Além disso, homens eram porcos ou pelo menos a maioria pelos quais tivera a infelicidade de se sentir atraída.

Jerry tirou as fotos do bolso e passou-as a Maxine, que começou a folheá-las.

— Oh, meu Deus... — disse ela baixinho.

E ia entregando as fotos a Tammy, logo que as olhava.

— Foram tiradas com minha velha câmera e, por isso, não são muito boas. Mas fiquei lá o dia todo, para acompanhar toda a coisa, do começo ao fim.

A "coisa" que Jerry tinha visto e fotografado (melhor do que indicava sua modéstia) era a demolição do palácio dos sonhos de Katya Lupi pelo Departamento de Obras Públicas de Los Angeles.

— Eu nem mesmo sabia que iam demolir a casa — comentou Maxine.

— Aparentemente, houve um trabalho muito forte de sua turma, Tammy...

— Minha turma?

— A Sociedade dos Fãs...

— Oh!

— ... de conservar o local como uma espécie de santuário em memória de Todd Pickett. Não ouviu falar nisso? — Tammy sacudiu a cabeça. — Ora, ora, vocês duas bancaram a avestruz, com a cabeça enfiada na areia. Bem, foi feita uma petição, pedindo que a casa fosse deixada como estava. As autoridades, porém, disseram que não, que tinha que ser demolida. Pelo que parecia, estruturalmente a casa era preguiçosa. As fundações tinham sido destruídas.

Claro, nós sabemos por quê, mas ninguém conseguiu descobrir a razão.

De qualquer modo, mandaram para lá os tratores. A coisa toda acabou em seis horas. A parte de demolição, pelo menos. E depois mais cinco ou seis horas para levar dali todo o entulho em caminhões.

— Alguém apareceu para ver aquilo? — perguntou Tammy.

— Um bocado de gente, chegando e indo embora. Mas não uma multidão.

Não mais de umas 20 pessoas de cada vez. E fomos mantidos a grande distância da demolição, o que é o motivo por que as fotos são tão ruins.

As duas haviam acabado de ver as fotos. Tammy devolveu-as a Jerry, que disse: — De modo que esse é mais um pedaço da história de Hollywood reduzido a pó. E fico com vontade de vomitar. Aquilo era tudo que tínhamos que vagamente lembrava o passado nesta cidade, e pegamos um martelo e jogamos tudo no chão. Até que ponto isso é sensato?

— Pessoalmente, estou contente porque a casa não existe mais — disse Tammy. Outra onda de fraqueza envolveu-a quando estava vendo as fotos e nesse momento se sentia quase a ponto de desmaiar.

— Você não me parece nada bem — disse Maxine.

— Eu não me sinto nada bem. Vocês se importariam se eu fosse me deitar um pouco?

— Em absoluto — disse Jerry.

Tammy deu-lhe um beijo e dirigiu-se para o quarto.

— Você não vai ajudá-la a se deitar?

Tammy ouviu essas palavras de Jerry.

— Acontece que vou.

E, assim dizendo, Maxine seguiu-a e entrou no quarto.

— Você não deve se deixar abater por alguma coisa que Jerry diga — aconselhou, logo que Tammy se deitou. Alisou as pregas do travesseiro ao lado da cabeça da amiga.

— Eu sei.

— Ele não tem intenção de ofender.

— Sei disso, também. — Olhou para Maxine, procurando-lhe os olhos cinzentos.

— Você sabe... apenas por um segundo...

— Não, Tammy. Não precisamos ter essa conversa. Você não tem nem um único osso lésbico em seu corpo.

— Não, não tenho.

— E se eu tenho... Bem, eu não o descobri ainda. Mas, desde que você falou no assunto, eu ficaria muito feliz em cuidar de você por tanto tempo quanto você quiser. Eu gosto de sua companhia.

— E eu gosto da sua.

— Ótimo. De modo que o mundo pense o que quiser.

— Ótimo, no que me interessa.

Tammy sorriu de leve, o sorriso repetido nos lábios de Maxine.

— Quem teria pensado numa coisa dessas? — murmurou Maxine.

Inclinou-se e beijou-a no rosto com grande ternura.

— Vá dormir, doçura. Quero que você fique boa.

Quando ela saiu, Tammy permaneceu embaixo da coberta, escutando o ritmo tranquilizador da conversa entre Maxine e Jerry no outro lado da porta e o marulho

e o troar do Pacífico.

Entre todas as pessoas do mundo, ter encontrado tal consolo logo com quem, com Maxine Frizelle. Sua vida dava umas voltas muito estranhas, quando a isso nenhuma dúvida.

Mas, por alguma razão, aquilo ainda parecia correto. Após suas longas e recentes jornadas, das perseguições e revelações, dos terrores sobre os quais não podiam falar e dos que falavam com uma clareza grande demais, sentia-se como se Maxine fosse, por alguma razão, sua recompensa, recompensa por aguentar tudo aquilo.

— Quem teria pensado nisso? — perguntou a si mesma.

E, com as palavras de Maxine nos lábios, adormeceu.

— Eu quero voltar para Rio Linda — anunciou ela dois dias depois.

Estavam sentadas no lugar favorito de ambas no pátio, e naquele dia havia um pouco de vodca misturado com o suco de tomate de Tammy.

— Você quer voltar para casa? — perguntou Maxine.

Tammy segurou-lhe a mão.

— Não, não — disse. Em seguida, em um tom mais feroz: — Deus, não. Aquela casa não é mais meu lar.

— Nesse caso...?

— Eu tenho aquela grande coleção de lembranças de Todd Pickett. E quero me desfazer dela. E, em seguida, pensar em vender a casa.

— Significando isso que você se muda para aqui?

— Isso não é súbito demais?

— Em nossa idade, nada é súbito demais — respondeu Maxine. — Mas tem certeza de que, você mesma, tem que passar por tudo isso? Você não poderia dar um jeito de uma das fãs se encarregar disso?

— Poderia, acho — respondeu. — Mas eu me sentiria melhor se eu mesma fizesse isso.

— Nesse caso, vamos fazer isso juntas.

— Será muito maçante. Há tanta coisa. E Arnie vem usando a casa ocasionalmente e ela deve estar que é um chiqueiro.

— Não me importo. Quando é que você quer ir?

— Logo que possível. Eu simplesmente quero acabar com tudo isso logo.

Tammy tentou encontrar Arnie, inicialmente no aeroporto, em seguida na casa da nova namorada dele, apenas para avisar que as duas iam à cidade, mas não conseguiu entrar em contato com ele. Uma parte sua estava satisfeita porque

Maxine ia com ela, mas havia variáveis demais que não poderia prever. E havia outra parte que se sentia constrangida com essa perspectiva.

Maxine vivia cercada de luxo. O que pensaria ela quando pusesse os olhos na casa pequena, carcomida, atulhada de coisas, onde ela e Arnie tinham vivido uma farsa sem graça durante quatorze anos e meio?

Tomaram cedo um avião em Los Angeles e chegaram a Sacramento às 9h30min. Maxine providenciou antes que um seda com motorista as fosse receber no aeroporto. O motorista apresentou-se como Gerald e se pôs à disposição.

Queriam ir diretamente ao endereço que lhe havia sido dado?

Tammy lançou um olhar quase de pânico a Maxine: o momento chegou e de repente ficou ansiosa.

— Vamos — animou-a Maxine. — Enfrentaremos juntas o horror. Em seguida, iremos embora daqui em meados da tarde.

Arnie não se dera o trabalho de aparar o gramado fronteiro, claro, ou arrancar as ervas daninhas em volta das duas moitas de roseiras que Tammy plantara.

As moitas ainda estavam vivas, mas apenas um pouco. As ervas eram quase tão altas quanto as moitas.

— Claro, ele pode ter mudado a fechadura — disse Tammy, quando as duas se aproximaram da porta da frente.

— Neste caso, pediremos simplesmente a Gerald que derrube a porta — resolveu Maxine, sempre prática. — A casa ainda é sua, doçura. Não estaríamos fazendo nada ilegal.

Na verdade, a chave era a mesma e virou sem problema e, pelo estado geral da casa, era evidente que Arnie não havia sido um visitante habitual já durante algum tempo. Mas deixara o aquecimento ligado e o calor era infernal em todos os cômodos, um calor velho, doentio. Na cozinha, encontrou restos de comida apodrecendo: um hamburger meio comido, uma pilha de frutas transformadas em versões moles dos originais, dois pratos de crosta de pizza. O mau cheiro era muito forte. Tammy, porém, começou imediatamente a limpar a cozinha, enquanto Maxine circulava pela casa abrindo janelas e desligando o aquecimento. Com os alimentos podres postos em uma sacola e levado para fora e desinfetante na pia para afastar a fedentina, o local tornou-se um pouco mais acolhedor, embora Tammy deixasse bem claro que só queria permanecer ali o menor tempo possível, de modo que as duas começaram a trabalhar. Dado o tamanho da coleção, ela obviamente não iria ser classificada e despachada em um único dia. Tudo que Tammy queria era apanhar o material de natureza pessoal, queimá-lo ou levá-lo dali. Quanto ao resto, deixaria que membros da Sociedade dos Fãs reunissem o

resto. Sem a menor dúvida, eles acabariam brigando sobre as melhores peças. Mais razão ainda para não estar ali quando viessem.

— Eu não fazia ideia de que você tinha tanto material assim — disse Maxine, quando terminaram uma vistoria em todos os cômodos.

— Eu era uma obsessiva de alta classe. Não fazia pergunta. E era organizada.

Examinou um dos arquivos de aço, abriu-o e procurou até achar a pasta que queria.

— O que é isso? — perguntou Maxine.

— Cartas suas. Geralmente Ditadas, mas não lidas.

— Eu era uma puta ruim, reconheço. Estava apenas tentando protegê-lo, da única maneira que conhecia.

— E funcionou. Eu jamais consegui realmente me aproximar dele.

Ninguém conseguia.

— Talvez, se eu e ele tivéssemos sido menos paranóides. Nesse caso, não teríamos tentado escondê-lo, e nada disso...

Tammy interrompeu-a:

— Basta de tudo isso — disse. — Vamos fazer uma fogueira no quintal e resolver logo a coisa.

— Uma fogueira? Para o quê?

— Para coisas como essas. — Entregou-lhe a pasta com as cartas de Maxine. — Coisas que ninguém terá nunca que ver ou ler.

— Há muita coisa assim?

— O suficiente. Quer começar a fogueira com essa pasta e eu trarei mais coisas?

— Certo. Algum lugar em particular?

— Arnie construiu uma churrasqueira à direita da porta dos fundos.

Apenas nunca a terminou. Poderíamos usar esse troço.

— Feito.

Maxine levou a pasta para fora, deixando Tammy passando em revista os fichários e separando aqueles que, por uma ou outra razão, não queria que ninguém visse. Não se sentia orgulhosa do que suas tendências imperiosas a haviam levado a fazer ou dizer ocasionalmente. Esta era a ocasião perfeita para fazer uma faxina no passado. Mas não era tanto o pensamento na posteridade que a levava a fazer isso (embora soubesse que se tornara parte de uma nota de rodapé na história de Hollywood), mas o desejo de manter essas cartas e notas nada lisonjeiras fora das mãos dos membros da Sociedade dos Fãs que poderiam vir até ali depois de terem jogado dados e dividido o botim.

Quando levou a primeira braçada para o quintal, descobriu que Maxine havia feito uma fogueira bem grande com as cópias de suas próprias cartas.

— Isso é tudo?

— Não, não — respondeu Tammy, examinando a fogueira. — Há muito mais. — Continuou a olhar fixamente para o fogo. — Quer saber como eu pensava que eram os espíritos? — disse. — Chamas ao sol. Invisíveis, mas ali.

Maxine tomou as pastas das mãos de Tammy e começou a alimentar as chamas.

— Será que jamais iremos restabelecer a verdade? — pensou Tammy em voz alta.

— Tal como?

— Escrevendo nosso próprio livro.

— O Guia de Lauper e Frizelle para o Além?

— Alguma coisa assim.

— O livro seria simplesmente outra opinião — disse Maxine, atizando o fogo com um galho que pegou no chão. — As pessoas continuariam a acreditar em suas versões favoritas.

— É isso o que você pensa?

— Com certeza. Não podemos mudar a opinião das pessoas sobre assuntos como esses. Está impregnada nelas. Acreditam no que acreditam.

— Vou pegar mais algumas coisas.

— Historiadores futuros vão nos amaldiçoar por isto que estamos fazendo, sabia?

— Provavelmente — concordou Tammy, pegando um pedaço preto, fino, de fuligem que subia do fogo, como se fosse um estranho inseto. A fuligem desfez-se em sua mão.

Esfregou vivamente as palmas das mãos para limpá-las. Em seguida, voltou para casa a fim de trazer mais combustível para o fogo.

Com três ou quatro viagens da casa para o quintal, fez tudo que achou que precisava fazer. No quarto da frente, onde sempre guardou os tesouros especiais, avaliou-lhe o conteúdo. Podia bem imaginar quantas brigas haveria sobre o conteúdo daquele quarto, quantas brigas e barganhas. Dirigiu o olhar para os fundos do quarto onde — escondida da vista atrás de várias caixas de quadriculas de filmes silenciosos — estavam as coisas mais santas das santas: a caixa de fotos de Todd que só ela e ninguém mais possuía. A ideia de que aquilo fosse objeto de barganha com todas as outras peças que ia deixar ali era repugnante. Tudo bem que os fãs tivessem suas brigas tolas sobre jaquetas de vôo e pedaços de roupas, mas sobre suas preciosas fotos?

Com todo cuidado, atravessou as pilhas de peças variadas (as pernas, ainda em recuperação, começando a doer) até o lugar onde guardava o tesouro.

Em seguida, enfiou a mão no esconderijo e puxou a caixa.

O resto poderia ir para o fogo ou para os fãs, mas isso, só isso, ela guardaria, resolveu. Colocou-a sob o braço e saiu para ver como estava se saindo a foguista.

— Isso é o fim? — perguntou Maxine, olhando para a caixa.

— Não. Vou guardar isso.

— Ahn? Tudo bem.

— São apenas fotos de Todd.

A fogueira ainda queimava forte, ondas de calor subindo da churrasqueira semi-acabada, fazendo com que o ar ondulasse. Enquanto olhava para o fogo, Tammy abriu a caixa de fotos e, ao fazer isso, algum instinto — uma espécie de repugnância pela mulher que olhara tantas vezes, obcecada, para essas fotos — fê-la jogar a caixa para um lado e, em um movimento não premeditado, tirá-las, e os pequenos rolos de negativos, e jogá-las no meio do fogo.

— Mudou de ideia, ahn?

— Mudei.

Embora as chamas já estivessem se enrolando em volta das primeiras da série, Maxine conseguiu vê-las com clareza suficiente.

— Ele era mais jovem nessa ocasião.

— Era. Foram tiradas para o Life Lessons.

— Esses são os negativos que você vai queimar?

— Não pergunte.

— Eles devem ter lhe custado uma pequena fortuna. Mas ele, com certeza, era um homem bonito.

A primeira das fotos foi destruída. Chegou o momento da segunda e da terceira.

— Essas são as últimas?

— Acho que sim — disse Tammy. — Elas podem brigar sobre o resto.

— Apenas, estou esturricada por dentro. Alimentar fogo dá sede.

— Quer que eu vá apanhar uma Coca-Cola ou uma cerveja?

— Não. Quero pegar o carro e voltar para casa.

— Casa — repetiu Tammy, ainda olhando para o fogo.

A sexta, sétima e oitava fotos estavam sendo consumidas pelo fogo. O rolo de negativos já havia se transformado em uma pequena bola preta.

— Sim, casa — disse Maxine.

Tomou a mão de Tammy e beijou as costas da mesma.

— Onde é o seu lugar.

A última das fotos apareceu, preservada do calor das chamas pelo fundo da caixa. Aquela sempre foi a foto para a qual mais olhava e com mais atenção, aquela em que frequentemente fazia um esforço de vontade para que o olhar de Todd se movesse, apenas uns poucos graus, e ele a fitasse. O fogo atingiu-a nesse momento. Em segundos, seria cinza.

De repente, com tanta impetuosidade com que jogara as outras fotos no fogo, estendeu a mão e tirou-a dali. Soprou as chamas para apagá-las, o que só serviu para torná-las ainda mais fortes.

— Me dê isso — disse Maxine e, arrancando a foto da mão de Tammy, jogou-a no chão e apagou rapidamente as chamas com os pés.

— Você demorou um pouco para mudar de ideia.

Tammy pegou a foto, soltando os últimos vermes alaranjados do fogo que rastejavam em torno das bordas calcinadas. Três quartas partes da imagem haviam sido queimadas e a parte restante estava amarronzada pelo calor e a areia dos pés de Maxine, mas haviam sobrevivido o rosto, os ombros e o peito de Todd. E os olhos, naturalmente, a apenas um segundo de encontrar o olho da câmera. Iminente, mas permanentemente desviado.

— Você quer realmente guardar isso?

— Quero, se você não se importar. Nós a colocaremos numa moldura e arranharemos um lugar na casa onde poderemos dizer alô a ele, de vez em quando.

— Feito. — Maxine voltou para a casa. — Vou ligar para o aeroporto.

Descobrir quando sai o próximo vôo para Los Angeles. Está pronta?

— Quando você estiver.

Tammy olhou para a foto na mão. Maxine tinha razão: demorou demais para salvá-la da destruição. Mas talvez chegasse um tempo em que ela e Maxine poderiam precisar do conforto daquele rosto, quando não fossem mais jovens e a iminência daquele olhar trouxesse consigo a promessa de reunião em outro local mais bondoso.

Ergueu a vista, para ter certeza de que Maxine havia entrado na casa, e deu um beijo rápido no fragmento de foto, ainda cheirando a cinzas. Tendo feito isso, sorriu para o homem na foto e para si mesma por todos esses anos de adoração inútil. Bem, havia feito as pazes com isso, pelo menos. Enfiou a foto no bolso e entrou na casa, deixando que o fogo se extinguísse por si mesmo na churrasqueira semi-acabada de Arnie.



TRÊS

É noite no Desfiladeiro do Medo e o vento sopra do deserto.

Dão a esses ventos o nome de Santa Anas. Vêm do deserto de Mojave, trazendo ocasionalmente doenças e ameaça de incêndios.

Nessa noite, porém, os Santa Anas não estão criando bolhas na pele de ninguém. Esta noite, enquanto passam pelo desfiladeiro, são balsâmicos. A única coisa que carregam é a doce fragrância de flores.

Balançam as palmeiras jovens que crescem luxuriantemente nas encostas do desfiladeiro e sacodem os bancos de buganvílias. E levantam poeira ao longo da estrada que serpenteia pelo desfiladeiro'.

Ocasionalmente, pessoas ainda passam pela estrada coleante, geralmente em busca de alguma prova de escândalo ou horror. A natureza, porém, abominando o vácuo, cobriu com lianas verdes o buraco profundo que assinala a localização da casa de Katya Lupi. Os visitantes, vindo ali na esperança de encontrar manchas de sangue ou marcas satânicas rabiscadas no calcário, escavam por algum tempo sob o sol quente e em seguida desistem. Não há nada ali que lhes provoque arrepios, apenas flores e libélulas. Grunhindo um para o outro que aquilo foi uma pura perda de tempo, voltam aos seus carros de aluguel, perguntando-se, para começar, quem foi que sugeriu aquele esforço

inútil e vão embora para descobrir alguma coisa que forneça um pouco de morbidez que possam comentar quando voltarem a Tulsa ou Nova Jersey.

Quando pessoas lhes perguntam finalmente se subiram para esse Desfiladeiro Esquecido por Deus onde morreram todas aquelas pessoas famosas de Hollywood, elas dizem que sim, que foram dar uma olhada no lugar, mas que foi uma pura perda de gasolina e de paciência, porque nada havia para ver. Nada.

E assim, nos verões seguintes, à medida que pessoas chegam para xeretar e ir embora desapontadas, espalha-se lentamente a ideia de que o Desfiladeiro do Medo é uma impostura, uma armação, que não vale a pena o esforço de ver.

E assim, é cada vez menor o número de pessoas que vão até ali. E, no fim, nem os turistas virão mais.

Só há um tipo de visitante que ainda faz o esforço de descobrir o lugar onde Katya Lupi construiu seu palácio dos sonhos e, para esse tipo de curioso, o desfiladeiro

ainda monta um espetáculo.

Eles chegam, sempre, em carros caros, projetados para rodar por cima de terra acidentada e selvagem. Chegam com rolos de mapas geológicos e equipamentos de topografia e falam como donos sobre como será o desfiladeiro se tiver um hotel cinco estrelas, de sete ou oito andares, construído na extremidade mais alta, com três piscinas e uma dezena de grandes bangalôs para uma estada de uma noite, preparados de modo que todos tenham um pequeno canto do desfiladeiro isolado como seu spa privativo, os contornos da terra alterados de tal maneira que dão a impressão de um mundo dentro de outro, uma escapada para o paraíso, a apenas dois minutos de Sunset Boulevard.

O desfiladeiro ouviu antes todo esse absurdo ocioso, claro. E prometeu a si mesmo: nunca mais.

Ouvindo esses homens falarem sobre o dinheiro que vão ganhar, logo que terminarem os trabalhos de planejamento e escavação, o desfiladeiro perde a paciência e começa a mostrar seu desagrado da maneira como só terra e rocha, que tenham alguma coisa parecida com inteligência, podem fazer graças à magia ali praticada em outros tempos.

No início, simplesmente sacode um pouco o chão, apenas o suficiente para soltar e fazer rolar algumas pedras pelas encostas do desfiladeiro e quebrar os pára-brisas de todos os carros que passam pela estrada. Com grande frequência, crises de mau humor desse tipo são suficientes para que os promotores imobiliários metam o rabo entre as pernas e fujam dali. Mas nem sempre. De vez em quando, há alguém que se recusa a ser tão facilmente intimidado, e o desfiladeiro tem que aumentar a escala do ataque.

E sacode os flancos até descobrir certas formas horrendas: os restos mumificados dos filhos dos espíritos e dos animais que acasalaram nos dias negros do passado vergonhoso do desfiladeiro.

A revelação é rápida. Apenas o suficiente para dizer: isto é o mínimo do que existe, meu amigo. Cave e vai se arrepender pelo resto da vida de ver o quevocê lhe mostrar.

O espetáculo dá certo todas as vezes.

Pragmáticos como sejam esses homens, eles sentem a fria presença do sobrenatural por toda parte em volta e, de repente, não querem mais nada com aquele lugar. Em pânico, nem se incomodam em limpar o vidro granulado de seus assentos de couro. Simplesmente tomam os carros e se afastam suando frio, deixando seus mapas e desenhos artísticos para se dissolverem ali na terra e suas ambições apodrecerem ao lado deles.

E assim o desfiladeiro permanece, inviolado, no centro de uma cidade em expansão. Ninguém nele toca nesse momento. Tudo o que o desfiladeiro tem a

fazer é esperar, esperar por um certo chamado.

Não há como saber quando isso acontecerá.

Talvez, dentro de cem anos. Por outro lado, talvez amanhã.

Tudo o que o desfiladeiro sabe é o seguinte: que em algum ponto no futuro um sussurro perpassará por suas fendas e abóbadas e, com um poderoso solavanco, os desfiladeiros, as colinas e as planuras até o mar se erguerão e todos os arranha-céus, represas e palácios de sonhos ali construídos, juntamente com seus construtores e herdeiros, mergulharão no profundo e negro

Pacífico.

A terra tremerá durante um ano ou mais, enquanto volta a se acomodar.

Tremores continuarão a convulsioná-la. Mas, aos poucos, as coisas voltarão ao estado em que existiam em um tempo remoto. Os Santa Anas soprarão em suas estações certas e trarão para o desfiladeiro sementes de flores, trazendo também o aroma, soltando-as descuidadamente na terra recém-revolvida.

Após algumas semanas de cálidas chuvas de verão, o chão ficará coberto de relva, de flores jovens, e até mesmo de hastes longas de palmeiras e pés de bambu. Nos meses seguintes, elas florescerão, transformando a terra de tal maneira que ela não poderá mais ser reconhecida.

E, com o passar do tempo, será como se homens jamais tivessem vindo a esse canto perfeito do mundo — nunca o chamaram de paraíso na terra, nunca o profanaram com suas fábricas de sonhos e, no silêncio dourado da tarde, só se ouvirá o zumbido das libélulas adejando de flor em flor, procurando um cálice onde possam sugar doçura.

"CHAMAR CLIVE BARKER DE 'ROMANCISTA DO HORROR' SERIA A MESMA COISA QUE CHAMAR OS BEATLES DE UMA 'BANDA DE GARAGEM'. SEMPRE CRIANDO E EXPLORANDO OS DESVÃOS MAIS OCULTOS DA MENTE HUMANA, ELE É UM ARTISTA EM TODOS OS SENTIDOS DA PALAVRA. CONHECE COMO NINGUÉM NÃO SÓ NOSSOS GRANDES MEDOS, MAS TAMBÉM AQUILO QUE NOS DELEITA, QUE NOS EXCITA E O QUE HÁ DE REALMENTE SAGRADO NESTE MUNDO. INESQUECÍVEL, GROTESCO, BELO. ESTAS SÃO AS ÚNICAS PALAVRAS QUE PODEMOS USAR PARA DESCREVÊ-LO FIELMENTE ATÉ INVENTARMOS NOVOS E MAIS APROPRIADOS ADJETIVOS."

QUENTIN TARANTINO

Capa: Raul Fernandes

B
BERTRAND BRASIL



Table of Contents

Folha de Rosto

AGRADECIMENTOS

PRÓLOGO

PARTE UM

UM

DOIS

TRÊS

QUATRO

PARTE DOIS

UM

DOIS

TRÊS

QUATRO

CINCO

SEIS

PARTE TRÊS

UM

DOIS

TRÊS

QUATRO

CINCO

SEIS

SETE

OITO

NOVE

DEZ

PARTE QUATRO

UM

DOIS

TRÊS

PARTE CINCO

UM

DOIS

TRÊS

QUATRO

CINCO

SEIS
SETE
OITO

PARTE SEIS

UM
DOIS
TRÊS

PARTE SETE

UM
DOIS
TRÊS
QUATRO
CINCO
SEIS
SETE
OITO
NOVE
DEZ
ONZE

PARTE OITO

UM
DOIS
TRÊS
QUATRO
CINCO
SEIS
SETE
OITO

PARTE NOVE

UM
DOIS
TRÊS
QUATRO

PARTE DEZ

UM
DOIS
TRÊS

PARTE ONZE

UM

DOIS
TRÊS
QUATRO
CINCO
SEIS
SETE
OITO
NOVE
DEZ

EPÍLOGO

UM
DOIS
TRÊS